STEPHEN KING



Pesadelos e paisagens noturnas

2

SUMA de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

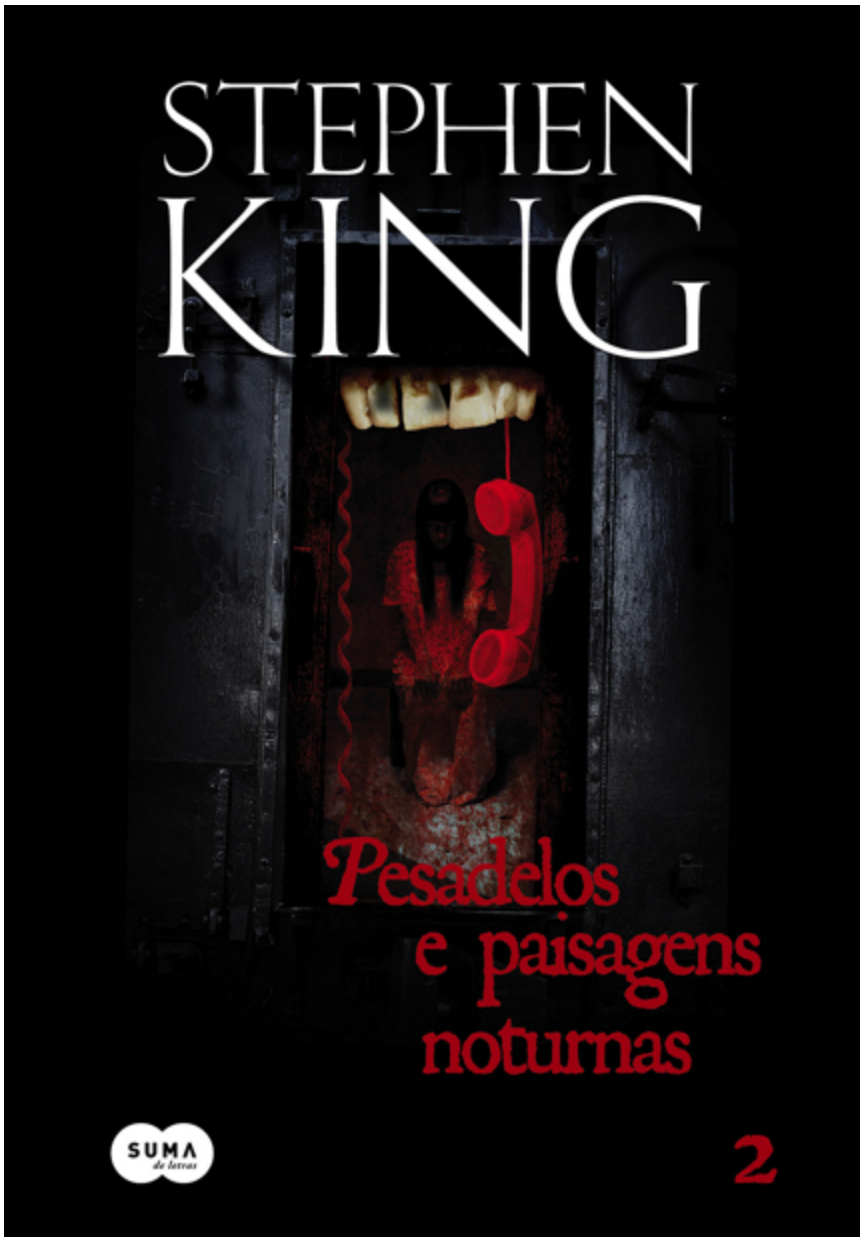
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


STEPHEN
KING
Pesadelos
e paisagens
noturnas
SUMA
de letras
2

STEPHEN KING

Pesadelos e paisagens noturnas

2

Tradução
M. H. C. Côrtes

SUMA de letras

Copyright © 1993 by Stephen King
Publicado mediante acordo com o autor através de The Lotts Agency, Ltd.

Proibida a venda em Portugal, Angola e Moçambique

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Nightmares & Dreamscapes

Capa
Rodrigo Rodrigues

Revisão
Joana Milli

Coordenador de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64p

v. 2

King, Stephen, 1947-

Pesadelos e paisagens noturnas, vol. II [recurso eletrônico] / Stephen King ; tradução M. H. C. Cortês. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

296 p., recurso digital : il.

Tradução de: *Nightmares & Dreamscapes*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8105-146-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Côrtes, Marcos H. C. II. Título.

13-00343 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Introdução

Mito, crença, fé e acredite se quiser

Estação chuvosa

Meu cavalinho bonito

Desculpe, número certo

As Pessoas das Dez Horas

Crouch End

A casa da Maple Street

A quinta quarta parte

O caso do doutor

O último caso de Umney

Abaixe a cabeça

Agosto no Brooklyn

Notas

O mendigo e o diamante

À memória de
Thomas Williams, 1926-1990,
poeta, romancista e
grande contador de histórias norte-americano

Introdução[1]

Mito, crença, fé e acredite se quiser

Quando eu era garoto, acreditava em tudo que me diziam, em tudo que lia e em todas as mensagens recebidas de minha própria imaginação extremamente fértil. Isso me causou mais do que algumas noites sem dormir, mas também encheu o mundo em que vivia de cores e texturas que não trocaria por toda uma existência de noites tranquilas. Já naquela época, eu sabia que havia no mundo pessoas, na verdade muitas delas, cuja capacidade imaginativa estava dormente ou completamente morta e que viviam num estado mental equivalente ao daltonismo. Sempre senti pena delas, sem jamais desconfiar (pelo menos então) que muitos desses tipos sem imaginação ou tinham pena de mim ou me desprezavam, não apenas porque eu padecia de inúmeros medos irracionais como porque era profunda e ilimitadamente crédulo a respeito de quase qualquer assunto. "Aí está um menino", muitos deles devem ter pensado (sei que minha mãe pensava assim), "que comprará a ponte do Brooklyn não só uma vez, mas repetidamente pelo resto da vida".

Acho que, naquela época, havia algo de verdade nisso e, para ser sincero, acho que ainda hoje há algo de verdade nisso. Minha mulher ainda adora contar aos outros que o marido votou pela primeira vez numa eleição presidencial, com a tenra idade de 21 anos, em Richard Nixon. Geralmente com um brilho divertido nos olhos, ela conta: "Nixon disse que tinha um plano para nos tirar do Vietnã *e Steve acreditou nele!*"

É verdade: Steve acreditou nele. E não foi só nisso que Steve acreditou no curso, muitas vezes excêntrico, de seus 45 anos. Fui, por exemplo, o último dos meninos da vizinhança a chegar à conclusão de que todos aqueles Papais Noéis nas esquinas significavam que não havia um Papai Noel *de verdade*. (Ainda não vejo nenhuma lógica nessa ideia: é como dizer que a existência de um milhão de discípulos prova que não há um mestre.) Nunca duvidei da afirmação do tio Oren de que se podia arrancar a sombra de uma pessoa com uma estaca de prender barraca (isto é, se o golpe fosse dado ao meio-dia em ponto) ou da afirmação de sua mulher de que toda vez que você estremecia era porque um ganso estava passando

por cima do lugar onde um dia você seria sepultado. Tendo em vista o curso da *minha* vida, isso deve querer dizer que estou destinado a ser enterrado atrás do galpão da tia Rhody, em Goose Wallow, no Wyoming.

Também acreditava em tudo que me contavam no pátio da escola. Engolia lorotonas e lorotinhas com a mesma facilidade. Um garoto me disse, com plena convicção, que, se alguém pusesse uma moeda de dez centavos no trilho do trem, ela faria descarrilar o primeiro trem que passasse por ali. Outro menino me disse que uma moeda de dez centavos deixada sobre o trilho do trem ficaria perfeitamente esborrachada (foi exatamente assim que ele definiu: *perfeitamente esborrachada*) pelo primeiro trem e, depois que ele tivesse passado, você retiraria do trilho uma moeda flexível e quase transparente do tamanho da de um dólar de prata. Minha própria crença era de que ambas as coisas eram verdadeiras: que moedas de dez centavos deixadas no trilho do trem ficavam perfeitamente esborrachadas antes de fazerem descarrilar os trens que as tinham esborrachado.

Durante meus anos na Escola Central em Stratford, no Connecticut, e na Escola Primária Durham, em Durham, no Maine, outros fatos fascinantes que aprendi nos pátios se referiam a diversos assuntos, como bolas de golfe (cujo núcleo era venenoso e corrosivo), abortos (às vezes os fetos nasciam vivos, como monstros deformados que tinham que ser mortos por indivíduos dos serviços de saúde denominados ominosamente "as enfermeiras especiais"), gatos pretos (se um deles cruzasse o seu caminho, você tinha que fazer depressa o sinal de "isola" com os dedos na sua direção para não correr o risco da morte quase certa antes do fim do dia) e as rachaduras na calçada. Imagino que não preciso explicar o perigo em potencial da relação dessas rachaduras com as colunas de mães completamente inocentes.

Naquele tempo, minhas principais fontes de fatos maravilhosos e espantosos eram as compilações em livros de capa mole do *Acredite se quiser*, publicados pela Pocket Books. Foi com o Ripley, criador do programa de TV que daria origem aos livros, que descobri que se podia fabricar um explosivo poderoso raspando o celuloide do dorso das cartas de baralho e depois socando a substância num pedaço de cano; que você podia fazer um orifício no seu próprio crânio e depois tapá-lo com uma vela, tornando-se assim uma espécie de tocha noturna humana (só muitos

anos mais tarde é que me perguntei por que alguém iria querer fazer algo assim); que havia gigantes de verdade (um homem com bem mais do que 2,5 metros de altura), duendes de verdade (uma mulher com apenas 28 centímetros de altura) e MONSTROS de verdade HORRÍVEIS DEMAIS PARA SEREM DESCRITOS... mas eram todos descritos por Ripley nos mínimos detalhes e geralmente com um retrato (mesmo que viva cem anos, jamais esquecerei o do sujeito com uma vela enfiada no meio da cabeça raspada).

Aquela coleção de livros era, pelo menos para mim, o espetáculo mais maravilhoso do mundo, que eu podia carregar no bolso de trás das calças e com ele me enroscar em tardes chuvosas de fim de semana, quando não havia jogos de beisebol e todos estavam cheios de jogar Monopoly. Será que todas as fabulosas curiosidades e os monstros humanos de Ripley existiam mesmo? No contexto atual, isso não chega a ser relevante. Para *mim,* eles existiam, e isso provavelmente é relevante: dos meus 6 aos 11 anos de idade, anos cruciais nos quais se forma a maior parte da imaginação humana, para mim eles eram *muito* reais. Acreditava neles da mesma maneira que acreditava que se podia descarrilar um trem com uma moeda de dez centavos ou que a substância melada que havia no centro de uma bola de golfe iria corroer toda a sua mão se você não tivesse cuidado e deixasse um pouco cair em você. Foi no *Acredite se quiser* que comecei a ver como a linha entre o fabuloso e o monótono podia ser bastante tênue e a entender que a justaposição dos dois contribuía tanto para iluminar os aspectos comuns da vida quanto para iluminar seus ocasionais surtos bizarros. Lembre-se de que aqui estamos falando de *crença* e que a crença é o berço do mito. Você pode perguntar: e a realidade? Bem, no que me diz respeito, a realidade pode ir para o quinto dos infernos. Nunca dei muita bola para a realidade, pelo menos no meu trabalho escrito. Na maioria das vezes, ela está para a imaginação como as estacas de madeira estão para os vampiros.

Acho que mito e imaginação são, de fato, conceitos intercambiáveis e que a crença é a fonte de ambos. Crença em quê? Para dizer a verdade, penso que não tem muita importância. Um deus ou muitos. Ou que uma moeda de dez centavos pode descarrilar um trem de carga.

Vamos deixar bem claro uma coisa sobre esse tema: essas minhas crenças não tinham nada a ver com a fé. Fui criado como metodista e guardo o bastante dos ensinamentos fundamentalistas recebidos na minha

infância para acreditar que uma afirmação desse tipo seria, na melhor das hipóteses, presunçosa e, na pior, completamente blasfema. Eu acreditava em todas aquelas coisas estranhas porque fui *feito* para acreditar em coisas estranhas. Outros participam de corridas porque foram feitos para correr rápido, jogam basquete porque Deus lhes deu 2,10 metros de altura ou resolvem equações longas e complicadas no quadro-negro porque foram feitos para ver os lugares em que todos os números se encaixam uns com os outros.

Contudo, a fé aparece em algum lugar, e acho que esse lugar tem a ver com retornar e fazer a mesma coisa repetidamente embora você acredite, bem no fundo do seu coração, que jamais será capaz de fazer melhor do que já fez e que, se insistir, só poderá piorar. Você não tem nada a perder quando tenta pela primeira vez acertar numa *piñata*, mas tentar uma segunda vez (e terceira... e quarta... e 34ª) é expor-se ao fracasso, à depressão e, no caso do autor de contos que trabalha com um gênero bastante bem definido, à paródia de si mesmo. Porém, a maioria de nós de fato persiste e isso fica difícil. Há vinte anos, ou mesmo há dez, não teria acreditado nisso, mas é assim. Fica difícil. E para mim há dias em que acho que meu velho processador de textos Wang parou de funcionar movido a eletricidade há cerca de cinco anos e que, desde que escrevi *A metade negra*, ele tem funcionado movido apenas pela fé. Mas tudo bem, seja lá o que for que faça as palavras aparecerem na tela, certo?

A ideia para cada uma das histórias deste livro me veio num momento de crença e foi escrita num surto de fé, felicidade e otimismo. Entretanto, esses sentimentos positivos têm seus análogos sombrios e o medo do fracasso está longe de ser o pior deles. Para mim, pelo menos, o pior deles é a especulação atormentadora de que eu possa já ter dito tudo que tinha para dizer e que agora estou apenas escutando o matraquear constante da minha própria voz porque o silêncio, quando ela para, é por demais assustador.

O salto de fé necessário para fazer com que os contos aconteçam se tornou particularmente difícil nos últimos anos. Hoje em dia, parece que tudo quer ser um romance e cada romance quer ter aproximadamente 4 mil páginas. Um número razoável de críticos se referiu a isso, geralmente de forma nada favorável. Nas críticas de todos os romances compridos que escrevi, de *A dança da morte* a *Troca macabra*, fui acusado de escrever

demais. Em alguns casos, as críticas são válidas; em outros, são apenas os grunhidos mal-humorados de homens e mulheres que aceitaram a anorexia literária dos últimos trinta anos com uma misteriosa (ao menos para mim) falta de debate e controvérsia. Esses sacerdotes autonomeados da Igreja da Literatura Americana do Último Dia parecem olhar a generosidade com desconfiança, a filigrana com desagrado e qualquer traço literário amplo com puro ódio. O resultado é um clima literário árido e estranho, no qual um aparar de unhas sem sentido como o *Vox*, de Nicholson Baker, torna-se objeto de debate e dissecação fascinantes e um romance americano realmente ambicioso como o *Heart of the Country* (Coração do país), de Greg Matthews, é quase ignorado.

Tudo isso, porém, é sem propósito, não só porque está fora do assunto mas também porque está um pouco lamurioso. Afinal, houve algum dia um escritor que não se sentisse maltratado pelos críticos? Tudo que comecei a dizer, antes de interromper a mim mesmo de maneira tão rude, foi que nos últimos anos tenho encontrado um pouco mais de dificuldade em alcançar o ato de fé que transforma um momento de crença num objeto real, isto é, um conto que as pessoas vão de fato ter vontade de ler.

— Bem, então, não os escreva — poderia dizer alguém (só que geralmente é uma voz que ouço dentro da minha própria cabeça, como as que Jessie Burlingame ouve em *Jogo Perigoso*). — Afinal, você agora não precisa do dinheiro que eles produzem como precisava antigamente.

Isso sem dúvida é verdade. Há muito se foram os dias em que o cheque por uma maravilha de quatro mil palavras pagava a penicilina para a infecção de ouvido de uma das crianças ou ajudava a cobrir o aluguel. Mas essa lógica, mais do que ilegítima, é perigosa. Não chego nem a precisar do dinheiro que os *romances* produzem. Se fosse apenas pelo dinheiro, poderia pendurar as chuteiras e ir para o chuveiro... ou passar o resto da minha vida em alguma ilha do Caribe, tomando sol e vendo até onde posso deixar crescer as unhas.

Mas, independentemente do que possam dizer os brilhantes tabloides, *não* se trata de dinheiro, nem de se vender, como os críticos mais arrogantes na verdade parecem acreditar. As coisas fundamentais continuam sendo válidas com o passar do tempo e para mim o objetivo não se modificou: o trabalho continua sendo chegar até você, Leitor Fiel, prendê-lo pelos cabelos mais curtos e, espero, lhe meter tanto medo que

você não conseguirá ir dormir sem deixar a luz do banheiro acesa. Continua sendo uma questão de, primeiro, ver o impossível... e, depois, dizê-lo. Continua sendo fazer com que você acredite no que eu acredito, pelo menos durante algum tempo.

Não falo muito nisso porque fico encabulado e soa pomposo, mas continuo vendo as histórias como uma coisa importante, algo que não só realça as vidas, mas na verdade as salva. Nem estou falando metaforicamente. O que é bem-escrito, as boas *histórias*, são o precursor da imaginação e, creio eu, a finalidade da imaginação é nos proporcionar consolo e proteção em situações e passagens da vida que, de outro modo, seriam insuportáveis. É claro que só posso falar por minha própria experiência, mas, para mim, a imaginação que tantas vezes me manteve acordado de pavor quando criança me fez vencer alguns encontros terríveis de dura realidade alucinante como adulto. Se as histórias que resultaram dessa imaginação fizerem o mesmo por algumas das pessoas que as lerem, então fico perfeitamente feliz e perfeitamente satisfeito, sentimentos que, até onde eu sei, não podem ser comprados com polpudos negócios de cinema ou multimilionários contratos de livros.

Além disso, o conto é um gênero literário difícil e desafiador e é por isso que fiquei tão contente, e tão surpreso, ao descobrir que tinha uma quantidade suficiente de contos para publicar uma terceira coletânea. Além do mais, isso veio num momento propício, porque um daqueles fatos sobre os quais tinha tanta certeza quando menino (eu provavelmente peguei no *Acredite se quiser* também) era o de que as pessoas se renovam completamente a cada sete anos: todos os tecidos, todas as células, todos os músculos substituídos por células inteiramente novas. Estou reunindo *Pesadelos e paisagens noturnas* no verão de 1992, sete anos depois da publicação de *Tripulação de esqueletos*, minha última coletânea de contos, e *Tripulação de esqueletos* foi publicada sete anos depois de *Sombras da noite*, minha primeira coletânea. A melhor coisa é saber que, embora o salto de fé necessário para transformar uma ideia em realidade tenha ficado mais difícil (os músculos para saltar ficam um pouco mais velhos a cada dia, entende?), ainda é perfeitamente possível. A segunda melhor coisa é saber que ainda há alguém que tem vontade de lê-los. Caso não saiba, esse alguém é você, Leitor Fiel.

O mais antigo desses contos (se você quiser, minhas versões da gosma mortífera da bola de golfe e dos abortos monstruosos) é "A gente se acostuma", publicado inicialmente numa revista literária da Universidade do Maine chamada *Marshroots*... embora tenha sido bastante modificado para este livro, para que pudesse ser melhor do que aparentemente queria ser: um derradeiro olhar para trás, para a cidadezinha condenada de Castle Rock. O mais recente, "As pessoas das dez horas", foi escrito em três dias frenéticos durante o verão de 1992.

Estão aqui algumas autênticas curiosidades: a primeira versão da minha única peça escrita originalmente para televisão; um conto de Sherlock Holmes no qual o doutor Watson se adianta para solucionar um caso; um conto dos Mitos de Cthulhu que se passa no subúrbio de Londres onde Peter Straub vivia quando o encontrei pela primeira vez; um conto endurecido de "aventura" do tipo Richard Bachman e uma versão ligeiramente diferente de um conto chamado "Meu cavalinho bonito", que primeiro apareceu numa edição limitada feita pelo Whitney Museum, com ilustrações de Barbara Kruger.

Depois de muito pensar, decidi incluir também um trabalho longo, de não ficção, "Abaixe a cabeça", que trata de garotos e beisebol. Foi publicado inicialmente na revista *The New Yorker*, e provavelmente trabalhei mais duro nele do que em qualquer outra coisa que escrevi durante os últimos quinze anos. É claro que isso não faz com que seja bom, mas só sei que escrevê-lo e publicá-lo me deu uma enorme satisfação, e por esse motivo o estou passando adiante. Na verdade, ele não se encaixa numa coletânea de contos que falam sobretudo de suspense e do sobrenatural... exceto que de alguma forma ele também fala disso. A estrutura é a mesma. Veja se você não concorda.

No que mais me esforcei foi em manter-me longe dos velhos chavões, dos contos de baú e das coisas de fundo de gaveta. Desde mais ou menos 1980, alguns críticos dizem que eu poderia publicar minha lista de roupas para a lavanderia e venderia cerca de um milhão de exemplares, mas são, na sua maioria, críticos que acham que foi isso que vim fazendo o tempo todo. Obviamente, as pessoas que leem minhas obras por prazer pensam de forma diferente e foi pensando sobretudo nelas, e não nos críticos, que fiz este livro. Acho que o resultado é um livro que parece uma caverna de Aladim desigual, que completa uma trilogia da qual *Sombras da noite* e

Tripulação de esqueletos são os dois primeiros volumes. Agora, todos os contos bons estão reunidos em coletâneas; todos os ruins foram metidos debaixo do tapete o máximo que pude e lá ficarão. Se vier a surgir uma outra coletânea, ela consistirá inteiramente em contos que ainda não foram escritos ou sequer cogitados (se você preferir, contos em que ainda não acreditei) e calculo que ela será publicada num ano começando com 2.

Nesse ínterim, aqui estão esses cerca de vinte contos estranhos (alguns dos quais, devo preveni-lo, são *muito* estranhos). Cada um contém alguma coisa em que acreditei durante algum tempo e sei que algumas dessas coisas — o dedo saindo do ralo, os sapos comedores de gente, os dentes famintos — são um pouco assustadoras, mas acho que estaremos todos bem se formos juntos. Antes, repita comigo o catecismo:

Acredito que uma moeda de dez centavos pode descarrilar um trem de carga.

Acredito que há crocodilos no sistema de esgotos da cidade de Nova York, para não falar nos ratos do tamanho de pôneis *shetland*.

Acredito que se pode arrancar a sombra de alguém com uma estaca de aço de prender barraca.

Acredito que Papai Noel realmente *existe* e todos aqueles sujeitos com roupa vermelha que vemos no Natal são de fato seus ajudantes.

Acredito que há um mundo invisível que nos cerca por completo.

Acredito que as bolas de golfe estão cheias de gás venenoso e que, se você cortar uma ao meio e aspirar o que sair de dentro, morrerá.

Acima de tudo, acredito *mesmo* em fantasmas, acredito *mesmo* em fantasmas, acredito *mesmo* em fantasmas.

Está bem? Pronto? Ótimo. Aqui está minha mão. Agora vamos. Conheço o caminho. Tudo que você precisa fazer é segurar firme... e *acreditar*.

Bangor, Maine
6 de novembro de 1992

1 Na edição brasileira, optou-se pela apresentação da obra em dois volumes. Esta introdução do autor é publicada integralmente em ambos. (N. da E.)

Estação chuvosa

Passava das 17h30 quando John e Elise Graham finalmente encontraram o caminho até o vilarejo que ficava no centro de Willow, estado do Maine, como um cisco de sujeira no centro de uma pérola de qualidade duvidosa. O vilarejo ficava a menos de oito quilômetros de Hempstead Place, mas tinham dobrado errado duas vezes no caminho. Quando por fim chegaram à Main Street, ambos estavam sentindo calor e irritação. O ar-condicionado do Ford tinha se quebrado no trajeto de Saint Louis e parecia estar fazendo 43º do lado de fora. É claro que não era tudo isso de jeito nenhum, pensou John Graham. Como diziam os veteranos, não era o calor, era a umidade. Ele sentia como se hoje fosse possível esticar a mão para fora e espremer gotas d'água do próprio ar. O céu lá em cima era um azul límpido e aberto, sem uma nuvem, e essa umidade elevada dava a impressão de que ia chover a qualquer minuto. Porra nenhuma, era como se *já* estivesse chovendo.

— Lá está o mercadinho de que Milly Cousins nos falou — disse Elise apontando com o dedo.

John grunhiu:

— Não chega a parecer o supermercado do futuro.

— Não — concordou Elise, cautelosamente. Ambos estavam sendo cautelosos. Estavam casados há quase dois anos e ainda se amavam muito, mas tinha sido uma longa viagem atravessando o interior desde Saint Louis e, ainda por cima, num carro sem ar-condicionado. John tinha muita esperança de que fossem desfrutar o verão ali em Willow (assim deviam fazer, com as despesas pagas pela Universidade de Missouri), mas estava achando que iriam levar cerca de uma semana para se acomodar e se adaptar. E quando o tempo ficava assim, quente como um forno, uma discussão podia surgir do nada. Nenhum dos dois queria começar o verão desse jeito.

John dirigiu devagar pela Main Street em direção ao Armazém Geral e Ferragens de Willow. Havia uma placa enferrujada com uma águia azul pintada, pendurada de um lado da varanda, e ele entendeu que ali era também uma subestação do correio. O Armazém Geral parecia sonolento à

luz da tarde, com um único carro, um Volvo todo amassado, estacionado ao lado de um cartaz que anunciava SANDUÍCHES ITALIANOS • PIZZA • COMESTÍVEIS • LICENÇAS DE PESCA, porém, comparado com o resto da cidade, parecia estar quase estourando de animação. Havia um anúncio de néon de cerveja chiando na janela, embora ainda faltassem quase três horas para escurecer. *Muito radical,* pensou John. *Só espero que o proprietário tenha obtido permissão da Junta de Conselheiros Municipais para esse anúncio antes de instalá-lo*.

— Pensei que o Maine se transformasse na Terra das Férias durante o verão — murmurou Elise.

— A julgar pelo que vi até agora, acho que Willow deve estar um pouco fora da rota dos turistas — respondeu ele.

Saíram do carro e subiram os degraus da varanda. Um homem idoso, com um chapéu de palha, estava sentado numa cadeira de balanço de vime, olhando para eles com pequeninos olhos azuis cheios de astúcia. Estava enrolando um cigarro e deixando cair pequenas porções de fumo sobre um cachorro esparramado aos seus pés. Era um cachorro amarelo de nenhuma raça nem tipo em especial. Suas patas estavam bem debaixo de uma das bases curvas da cadeira de balanço. O velho não tomou conhecimento do cachorro, parecia nem se dar conta de que ele estava ali, mas a barra curva se detinha a meio centímetro das patas vulneráveis cada vez que o velho se balançava para a frente. Elise achou isso inexplicavelmente fascinante.

— Bom dia procês, senhora e senhor — disse o idoso cavalheiro.

— Olá — disse Elise, oferecendo-lhe um pequeno e hesitante sorriso.

— Oi — disse John. — Eu sou...

— O senhor Graham — completou placidamente o velho. — Senhor e senhora Graham. Os que ficaram com Hempstead Place neste verão. Ouvi dizer que o senhor tá escrevendo algum tipo de livro.

— Sobre a imigração dos franceses durante o século XVII — confirmou John. — Como as notícias correm, não é mesmo?

— Correm mesmo — concordou o homem idoso. — Cidade pequena, o senhor sabe. — Enfiou o cigarro na boca, onde ele prontamente se desfez, polvilhando fumo nas suas pernas e no escorrido pelo do cachorro. O cachorro nem se mexeu. — Ora, que chatice — disse o velho, e descolou o papel desenrolado do lábio inferior. — A patroa não quer mesmo que eu

fume mais. Ela diz que leu que tá causando câncer nela tanto quanto na minha própria pessoa.

— Viemos à cidade comprar alguns mantimentos — disse Elise. — É uma casa velha maravilhosa, mas a despensa está vazia.

— É, né — disse o velho. — Prazer em conhecê-los, pessoal. Eu sou Henry Eden. — Estendeu uma mão meio fechada na direção deles. John apertou-a e Elise fez o mesmo em seguida. Ambos fizeram isso com cuidado e o velho balançou a cabeça num gesto positivo, como se quisesse dizer que tinha gostado do seu cuidado. — Tava esperando vocês há meia hora. Acho que devem ter dobrado errado uma ou duas vezes. Tem um bocado de estradas para uma cidade pequena, vocês sabem. — Deu uma risada. Era um som surdo e roufenho que se transformou numa tosse de fumante encatarrado. — Tem uma cacetada de estradas em Willow, oh, é, né! — E deu mais umas risadas.

John estava com a testa um pouco franzida.

— Por que você estava nos esperando?

— Lucy Doucette telefonou, disse que tinha visto o pessoal novo passar — respondeu Eden. Puxou sua bolsa de fumo Top, abriu-a, meteu os dedos dentro e retirou um pacote de papel de cigarro. — Vocês não conhecem Lucy, mas ela disse que a senhora conhece a sobrinha-neta dela, dona.

— Quer dizer, a tia-avó de Milly Cousins? — perguntou Elise.

— Isso mesmo — confirmou Eden. Começou a polvilhar o fumo. Um pouco caiu no papel de cigarro, mas a maior parte foi cair no cachorro embaixo dele. Justo quando John Graham estava começando a se perguntar se o cachorro estava morto, ele levantou a cauda e peidou. Isso deu cabo *dessa* ideia, pensou ele. — Em Willow quase todo mundo é parente. Lucy mora no pé da colina. Eu mesmo ia chamar ela, mas como ela disse que vocês tavam vindo de qualquer jeito...

— Como você soube que nós estávamos vindo *para cá*? — perguntou John.

Henry Eden encolheu os ombros, como dizendo: Que outro lugar há para ir?

— Você queria falar conosco? — perguntou Elise.

— Bem, eu meio que tenho que falar — disse Eden. Grudou o papel do cigarro e enfiou-o na boca. John ficou esperando para ver se ele ia se desmanchar, como tinha acontecido com o outro. Ele se sentia ligeiramente desorientado com tudo isso, como se tivesse entrado, sem saber, numa versão bucólica da CIA.

De algum modo, o cigarro se manteve inteiro. Havia um chamuscado pedaço de lixa de papel pregado num dos braços da cadeira de balanço. Eden riscou um fósforo nele e encostou a chama no cigarro, metade do qual se incinerou imediatamente.

— Acho que você e a dona poderiam querer passar a noite fora da cidade — disse por fim.

John piscou.

— Fora da cidade? Por que iríamos querer fazer isso? Acabamos de chegar.

— Mesmo assim, seria uma boa ideia, doutor — disse uma voz por trás de Eden.

Os Grahams olharam em volta e viram uma mulher alta, com os ombros caídos, parada por trás da enferrujada porta de tela do Armazém Geral. Seu rosto estava virado para eles logo acima de uma velha folha de lata com um anúncio de cigarros Chesterfield — VINTE E UM GRANDES FUMOS FAZEM VINTE FUMADAS MARAVILHOSAS. Ela abriu a porta e saiu para a varanda. Seu rosto parecia pálido e cansado, mas não burro. Tinha um pão numa das mãos e uma embalagem de seis garrafas de cerveja Dawson na outra.

— Meu nome é Laura Stanton — disse ela. — Muito prazer em conhecê-los. Não gostamos de parecer antissociais em Willow, mas hoje à noite aqui é a estação chuvosa.

John e Elise se entreolharam admirados. Elise olhou para o céu. A não ser por algumas pequenas nuvens de bom tempo, o céu estava de um azul límpido, imaculado.

— Sei como é que parece — disse a mulher chamada Stanton —, mas isso não quer dizer nada, não é, Henry?

— É sim — falou Eden. Deu uma tragada grande no seu cigarro e depois atirou-o por cima da bancada da varanda.

— Pode-se sentir a umidade no ar — disse Stanton. — Isso é a dica, não é, Henry?

— Bem — falou Eden —, é, né. Mas hoje *faz* sete anos. Dia por dia.

— Neste mesmo dia — concordou Laura Stanton.

Ambos olharam com ar de expectativa para os Grahams.

— Queiram me desculpar — disse Elise finalmente. — Não estou entendendo nada disso. É algum tipo de piada local?

Dessa vez, foram Henry Eden e Laura Stanton que se entreolharam, depois suspiraram exatamente ao mesmo tempo, como que obedecendo a uma senha.

— *Detesto* isso — disse Laura Stanton, embora John Graham não tivesse a menor ideia se estava falando para o velho ou para si mesma.

— Tem que ser feito — retrucou Eden.

Ela assentiu com a cabeça, depois suspirou. Era o suspiro de uma mulher que pôs no chão um fardo pesado e sabe que agora vai ter que pegá-lo de novo.

— Isso não acontece com muita frequência — disse ela —, porque a estação chuvosa só chega a Willow a cada sete anos...

— Dezessete de junho — interveio Eden. — A estação chuvosa é a cada sete anos, no dia 17 de junho. Nunca muda, nem mesmo nos anos bissextos. É só uma noite, mas sempre se chamou a estação chuvosa. Que o diabo me carregue se sei por quê. Você sabe por que, Laura?

— Não — disse ela —, e gostaria que você parasse de interromper, Henry. Acho que você está ficando senil.

— Bem, me perdoe por viver, acabei de sair do caixão — disse o velho, visivelmente aborrecido.

Elise lançou um olhar um pouco assustado para John. Seu olhar indagava: *Esses dois estão brincando conosco? Ou são malucos?*

John não sabia, mas desejou de todo o coração que tivessem ido comprar seus mantimentos em Augusta. Poderiam ter jantado rapidamente num dos quiosques de ostras ao longo da rodovia 17.

— Agora ouçam — disse Stanton num tom bondoso. — Reservamos um quarto para vocês no Motel Wonderview, lá na estrada para Woolwich,

se vocês quiserem ficar lá. O lugar está lotado, mas o gerente é meu primo e conseguiu liberar um quarto para mim. Vocês poderiam voltar amanhã e passar o resto do verão conosco. Teríamos prazer em recebê-los.

— Se isso é uma piada, não consigo ver a graça — disse John.

— Não, não é uma piada. — disse ela. Deu uma olhada para Eden, que lhe fez um curto aceno de cabeça, como lhe dizendo: *Vamos, não desista agora*. A mulher olhou de volta para John e Elise, deu a impressão de criar coragem e falou: — Sabe, gente, aqui em Willow chove sapos a cada sete anos. Pronto. Agora vocês já sabem.

— Sapos — disse Elise num tom de voz distante, intrigado, do tipo diga-que-estou-sonhando-isso-tudo.

— Sapos, é, né! — asseverou Henry Eden num tom animado.

John estava olhando em volta com cautela em busca de ajuda, caso precisasse de ajuda. Mas a Main Street estava inteiramente deserta. Não só isso, mas todas as portas e janelas estavam *totalmente fechadas*. Nem um só carro se movia na rua. Não se via um único pedestre em qualquer das calçadas.

Podemos ficar em dificuldades aqui, pensou ele. *Se esses dois são tão malucos quanto parecem, podemos estar numa encrenca de verdade.* De repente, percebeu que estava pensando no conto de Shirley Jackson "A loteria" pela primeira vez desde que o lera no início do 2º grau.

— Não fiquem pensando que estou parada aqui e falando como se fosse uma idiota porque *quero* — disse Laura Stanton. — A verdade é que estou apenas cumprindo com meu dever. Henry também. Sabem, não é que apenas *chuvisque* sapos. É uma *chuvarada*.

— Vamos embora — disse John para Elise, pegando seu braço pelo cotovelo. Dirigiu-lhes um sorriso que parecia tão genuíno quanto uma nota de seis dólares. — Prazer em conhecê-los. — Conduziu Elise para descer os degraus da varanda, enquanto dava duas ou três olhadas por cima do ombro para o velho e a mulher pálida, de ombros caídos. Não parecia uma boa ideia virar completamente as costas para os dois.

A mulher deu um passo na sua direção e John quase tropeçou e caiu do último degrau.

— *É* um pouco difícil de acreditar — anuiu ela. — Vocês provavelmente pensam que eu sou doida de pedra.

— Absolutamente — disse John. Seu sorriso enorme e falso parecia que estava chegando aos lóbulos das suas orelhas. Deus do céu, por que tinha saído de Saint Louis? Tinha dirigido quase 2.500 quilômetros, com o rádio e o ar-condicionado quebrados, para encontrar o fazendeiro Jekyll e a dona Hyde.

— Mas isso não tem importância — disse Laura Stanton, e a estranha serenidade na sua fisionomia e no seu tom de voz o fez parar junto da placa de SANDUÍCHES ITALIANOS, ainda a uns dois metros do Ford. — Até mesmo pessoas que ouviram falar de chuvas de rãs, sapos, pássaros e coisas semelhantes não têm bem ideia do que acontece em Willow a cada sete anos. Mas aceitem um pequeno conselho: se *vão mesmo* ficar, o melhor é que fiquem dentro de casa. É bem provável que não lhes aconteça nada dentro de casa.

— Mas talvez devam fechar as janelas de madeira — acrescentou Eden. O cachorro levantou a cauda e articulou um peido comprido e gemido, como para ressaltar esse ponto.

— Nós vamos... nós vamos fazer isso — disse Elise com a voz sumida, e então John abriu a porta do Ford do lado do passageiro e quase empurrou-a para dentro.

— Podem ter certeza — disse através do seu sorriso grande e congelado.

— Voltem e venham ver a gente amanhã — berrou Eden enquanto John dava a volta depressa pela frente do Ford para o seu lado. — Vocês vão se sentir muito mais seguros conosco amanhã, acho eu. — Fez uma pausa e então acrescentou: — Se ainda estiverem por aqui, é claro.

John deu adeus, sentou-se ao volante e partiu.

Por um instante, fez-se silêncio na varanda, enquanto o velho e a mulher pálida, com a pele de aspecto doentio, ficaram olhando o Ford subir a Rua Central. Ele se foi numa velocidade consideravelmente maior do que tinha vindo.

— Bem, está feito — disse o velho contente.

— É — concordou ela —, e me sinto como uma imbecil. *Sempre* me sinto como uma imbecil quando vejo o modo como olham para nós. Para mim.

— Bem — disse ele —, é só uma vez a cada sete anos. E tem que ser feito exatamente desse jeito. Porque...

— Porque faz parte do ritual — disse ela com ar soturno.

— É, né. É o ritual.

Como se estivesse concordando que era assim, o cachorro levantou a cauda e peidou mais uma vez.

A mulher deu-lhe um chute e depois voltou-se para o velho, com as mãos nos quadris.

— Henry Eden, este é o vira-lata *mais fedorento* que há em quatro cidades!

O cachorro ficou de pé com um grunhido e foi descendo meio desequilibrado pelos degraus da varanda, parando apenas o suficiente para lançar um olhar de reprovação para Laura Stanton.

— Não é culpa dele — disse Eden.

Ela deu um suspiro, olhando para a rua por onde ia o Ford.

— É uma pena — disse ela. — Eles parecem gente tão *boa!*

— Nem *isso* é culpa *nossa* — disse Henry Eden, e começou a enrolar outro cigarro.

Desse modo, os Grahams acabaram jantando num quiosque de ostras. Encontraram um na vizinha cidade de Woolwich, "lugar onde se encontra o pitoresco Motel Wonderview" (assinalara John para Elise numa vã tentativa de fazê-la sorrir), e se sentaram a uma mesa de piquenique debaixo da enorme copa de um velho carvalho. O quiosque fazia um contraste nítido, quase chocante, com as construções ao longo da Main Street de Willow. O estacionamento estava quase lotado (a maioria dos carros, como o deles, com placas de outros estados), e crianças, com as caras lambuzadas de sorvete, corriam aos gritos umas atrás das outras, enquanto seus pais passeavam por ali, tentavam matar mosquitos com tapas e ficavam esperando que os números de seus talões de atendimento fossem anunciados pelo alto-falante. O quiosque tinha um menu bastante variado. Na verdade, pensou John, você podia pedir quase qualquer coisa

que desejasse desde que não fosse grande demais para caber numa frigideira funda.

— Não sei se consigo passar dois *dias* naquela cidadezinha, muito menos dois meses — disse Elise. — A rosa perdeu seu perfume para esta menina aqui, Johnny.

— Foi só uma brincadeira. Do tipo que os moradores gostam de fazer com os turistas. Eles apenas exageraram. Provavelmente, agora mesmo eles estão se arrependendo.

— Pareciam estar falando sério — disse ela. — Como é que vou poder voltar lá e encarar aquele velho novamente depois disso?

— Não me preocuparia com isso. A julgar por seus cigarros, ele chegou àquela etapa da vida em que está encontrando *todas as pessoas* pela primeira vez. Até mesmo os seus mais velhos amigos.

Elise tentou controlar os cantos da boca que se moviam, depois desistiu e estourou numa risada.

— Você é uma peste!

— Sincero, talvez, peste não. Não vou dizer que ele está sofrendo de Alzheimer, mas ele *de fato* parece que precisa de um mapa rodoviário para achar o caminho do banheiro.

— Onde você acha que estava o resto das pessoas? A cidadezinha parecia inteiramente deserta.

— Provavelmente, jantar especial na Grange ou um torneio de cartas no Eastern Star — disse John se espreguiçando. Deu uma espiada na sua cesta de ostras. — Você não comeu muito, amor.

— Não estava com fome.

— Estou lhe dizendo que foi apenas uma *brincadeira* — disse ele, pegando suas mãos. — Anime-se.

— Você tem certeza, certeza absoluta, de que não passou disso?

— Certeza ab-so-lu-ta. Olhe aqui: a cada sete anos chove sapos em Willow, no Maine? Parece um trecho extraído de um monólogo de Steve Wright.

Ela deu um sorriso pálido.

— Não chove — disse —, é uma chuvarada.

— Acho que eles seguem o velho hábito dos pescadores: se você vai contar uma, conte uma de arrasar. Quando era garoto nos acampamentos, eram caçadas de pardal. Na verdade, isso não é muito diferente. E quando você para pra pensar, não é mesmo para ficar muito surpreso com isso?

— Com o quê?

— Com o fato de que as pessoas que tiram a maior parte do seu rendimento anual com veranistas desenvolvam uma mentalidade de acampamento de verão.

— Aquela mulher não se *portou* como se fosse uma brincadeira. Vou lhe dizer a verdade, Johnny: ela meio que me deu medo.

A fisionomia de John Graham, normalmente agradável, ficou severa e dura. A expressão não combinava com seu rosto, mas tampouco pareceu de brincadeira ou fingida.

— Eu sei — disse ele, recolhendo os invólucros, guardanapos e cestas de plástico. — E vão ter que pedir desculpas por isso. Acho a tolice pela tolice em si perfeitamente divertida, mas quando alguém mete medo na minha mulher... que diabo, meteram medo *em mim* também, aí para mim chega. Está pronta para voltar?

— Você consegue achar o caminho de novo?

Ele abriu um sorriso grande e imediatamente pareceu mais natural.

— Deixei uma trilha de migalhas de pão.

— Como você é precavido, meu querido — disse ela e se levantou. Estava sorrindo de novo e John ficou contente ao ver isso. Ela respirou fundo — o que fez maravilhas com a parte da frente da blusa de cambraia azul que estava usando — e soltou o ar. — A umidade parece ter diminuído.

— É mesmo. — John atirou os restos na lata de lixo com um gancho de basquete com a mão esquerda e depois piscou o olho para ela. — Isso é que é estação chuvosa.

Mas, quando entraram na estrada de Hempstead, a umidade tinha voltado, e com mais intensidade. John sentia como se sua camiseta tivesse se transformado numa pegajosa teia de aranha grudada no peito e nas costas. O céu, que agora estava ficando com um delicado tom róseo do

anoitecer, ainda estava claro, mas John sentiu que, se tivesse um canudinho, poderia beber água diretamente do ar.

Só havia mais uma casa na estrada, no sopé da longa encosta com Hempstead no topo. Quando passaram por ela, John viu a silhueta de uma mulher, imóvel numa das janelas, olhando para eles.

— Bem, lá está a tia-avó da sua amiga Milly — disse John. — Ela bem que foi camarada de telefonar para os dois birutas do lugar lá no armazém e avisá-los de que estávamos chegando. Quem sabe, se tivéssemos ficado mais tempo, eles teriam aparecido com as bolsas de peido, os anéis de dar choque e as dentaduras mecânicas.

— Aquele cachorro tinha sua própria bolsa de peido.

John deu uma gargalha e concordou com a cabeça.

Cinco minutos depois estavam na entrada da garagem. Estava bem maltratada, com mato crescido e moitas anãs, e John pretendia dar um jeito *nesse* probleminha antes que o verão avançasse muito. A própria Hempstead Place era uma enorme casa de fazenda, à qual sucessivas gerações tinham feito acréscimos sempre que surgira a necessidade — ou a vontade — de fazer alguma construção. Havia um celeiro atrás dela, ligado à casa por três galpões irregulares, em zigue-zague. Nessa exuberância de começo de verão, dois dos três galpões estavam quase cobertos por perfumadas massas de madressilva.

A casa oferecia uma linda vista da cidadezinha, especialmente numa noite límpida como aquela. John ficou intrigado por um momento em como podia *estar* tão claro com tanta umidade. Elise veio para junto dele na frente do carro e ficaram ali parados, os braços em volta das cinturas um do outro, olhando para as colinas que ondulavam suavemente na direção de Augusta, perdendo-se nas sombras no início da noite.

— É lindo — murmurou ela.

— E escute só — disse ele.

Havia uma área pantanosa, com juncos e capim alto, a uns 50 metros atrás do celeiro, e nela um coro de rãs estava cantando, batucando e estalando os elásticos que Deus, por alguma razão, tinha esticado em suas gargantas.

— Bem — disse ela —, de qualquer modo, as rãs estão todas presentes e conferidas.

— Mas não há nenhum sapo. — Ergueu os olhos para o céu límpido no qual Vênus tinha agora aberto seu olho friamente flamejante. — Lá estão eles, Elise! Lá em cima! Nuvens de sapos!

Ela deu uma risadinha.

— "Hoje à noite, na pequena cidade de Willow" — entoou ele —, "uma frente fria de sapos encontrou uma frente quente de salamandras e, em consequência..."

Ela lhe deu uma cotovelada.

— *Você* — disse. — Vamos entrar.

Entraram. E não passaram pelo Ponto Partida. E não ganharam 200 dólares.[2]

Foram direto para a cama.

Cerca de uma hora mais tarde, Elise foi despertada de um sono descansado por um baque no teto. Ergueu-se apoiada nos cotovelos.

— O que foi isso, Johnny?

— Hããã, — falou John, e virou de lado.

Sapos, pensou ela, e deu um risinho... mas foi um risinho nervoso. Levantou-se e foi até a janela e, antes de tentar enxergar alguma coisa que tivesse caído no chão, estava olhando para o alto, para o céu.

O céu continuava sem nuvens, agora cheio com um trilhão de estrelas luminosas. Ficou olhando para elas, por um instante hipnotizada pela beleza silenciosa.

Tamp.

Afastou-se da janela com um salto e olhou para o teto. O que quer que tivesse sido, tinha batido no telhado bem em cima de onde estava.

— John! Johnny! Acorde!

— Hã? O quê? — Ele sentou-se na cama, os cabelos completamente embaraçados em tufos e cachos.

— Começou — disse ela e deu uns risinhos agudos. — A chuva de rãs.

— Sapos — corrigiu ele. — Ellie, de que você está falan...

Tamp-tamp.

Olhou em volta, depois girou os pés para fora da cama.

— Isso é ridículo — disse em voz baixa, com raiva.

— O que que você quer di...

Tamp-CRÉÉÉCSH*!* Ouviu-se um tilintar de vidro no andar de baixo.

— Oh, raios — disse ele, levantando-se e enfiando a calça *jeans*. — Chega. Isso já é... porra... *demais*.

Vários baques macios atingiram o lado e o telhado da casa. Ela se agarrou nele, com medo agora.

— O que você quer dizer?

— Que aquela mulher maluca e provavelmente o velho e alguns dos seus amigos estão lá fora atirando coisas na casa — respondeu — e vou fazê-los parar com isso imediatamente. Talvez tenham adotado o hábito de apavorar os recém-chegados nessa cidadezinha, mas...

TAMP! TCHASSH! Vindo da cozinha.

— *Que* DIABOS*!* — berrou John e disparou para o corredor.

— Não me deixe aqui! — gritou Elise, e correu atrás.

Ele acendeu a luz do corredor antes de se precipitar pela escada abaixo. A casa estava sendo atingida por baques e batidas macias num ritmo crescente e Elise teve tempo para pensar: *Quantas pessoas da cidadezinha estão lá fora? De quantas se precisa para fazer isso? E o que estão atirando? Pedras enroladas em fronhas?*

John chegou ao pé da escada e foi para a sala de visita. Lá havia uma janela grande que oferecia a mesma vista que eles tinham admirado antes. A janela estava quebrada. Havia pedaços e estilhaços de vidro espalhados pelo tapete. Começou a andar na direção da janela, para gritar alguma coisa para eles, como, por exemplo, que ia buscar sua escopeta. Então olhou de novo para os cacos de vidro e se lembrou de que estava descalço e parou. Por um instante, ficou sem saber o que fazer. Então viu uma forma escura caída sobre os cacos de vidro — a pedra que um dos calhordas imbecis e retardados tinha usado para quebrar a janela, achava ele —, e ficou furioso. Seria capaz de correr para a janela de qualquer jeito, com os pés descalços e tudo, mas nesse exato momento a pedra se mexeu.

Isso não é uma pedra, pensou. *Isso é um...*

— John? — chamou Elise. Agora a casa estava retumbando com aqueles baques macios. Era como se estivesse sendo bombardeada por granizo grande mas mole. — John, o que é?

— Um sapo — disse ele num tom bestificado. Ainda estava olhando para a forma que se contorcia no meio dos estilhaços de vidro e falou mais para si do que para sua mulher.

Levantou os olhos e olhou para fora através da janela. O que viu o deixou mudo de horror e incredulidade. Não conseguia mais enxergar as colinas nem o horizonte — que diabos, mal podia ver o celeiro, que estava a menos de 15 metros de distância.

O ar estava cheio de formas que se precipitavam ao solo.

Mais três entraram pela janela quebrada. Um caiu no chão, não muito longe do seu companheiro que se contorcia. Caiu com força em cima de uma afiada lâmina de vidro da janela e um líquido negro saltou do seu corpo em jorros grossos.

Elise gritou.

Os outros dois ficaram presos nas cortinas, que começaram a se enrolar e sacudir como se estivessem agitadas por um vento forte. Um deles conseguiu se livrar. Bateu no chão e então foi saltando na direção de John.

O homem tateou a parede com uma mão que não parecia fazer parte dele de modo algum. Seus dedos esbarraram no interruptor e ele acendeu a luz.

A coisa que estava pulando no assoalho coberto de cacos de vidro era um sapo, mas não era bem um sapo. Seu corpo verde-negro era grande demais, encaroçado demais. Seus olhos dourados e negros se esbugalhavam como ovos disformes. E se projetando da boca, com as mandíbulas escancaradas, havia um conjunto de dentes grandes e pontudos como agulhas.

Emitia um coaxar grave e saltava na direção de John como se estivesse sobre molas. Por trás dele, mais sapos estavam entrando pela janela. Os que caíam no chão ou morriam logo ou ficavam aleijados, mas muitos outros — muitíssimos outros — usavam as cortinas como uma rede de segurança e rolavam para o chão ilesos.

— *Saia daqui!* — gritou John para sua mulher e deu um pontapé no sapo que — era loucura mas era verdade — o estava atacando. Em vez de se desviar do seu pé, o sapo enfiou aquela boca cheia de agulhas tortas por cima dos seus dedos e depois mordeu. A dor foi instantânea, imensa e ardida como fogo. Sem pensar, ele deu meia-volta e chutou a parede com toda sua força. Sentiu os dedos se quebrarem, mas o sapo também se quebrou, espalhando seu sangue negro pelo rodapé num semicírculo, como um leque. Seus dedos tinham ficado como uma louca placa indicadora de estradas, apontando em todas as direções ao mesmo tempo.

Elise estava parada, petrificada, no portal do corredor. Agora podia ouvir vidros de janela se quebrando pela casa inteira. Ela vestiu uma das camisetas de John depois que tinham terminado de fazer amor e agora estava agarrando a gola com ambas as mãos. O ar estava repleto de um coaxar hediondo.

— Saia daqui, Elise! — gritou John. Voltou-se, sacudindo o pé ensanguentado. O sapo que o havia mordido estava morto, mas seus dentes impossivelmente enormes ainda estavam presos na sua carne como um emaranhado de anzóis. Dessa vez ele deu um pontapé no ar, como um homem chutando uma bola de futebol, e o sapo finalmente saiu voando.

O desbotado carpete da sala de visita agora estava coberto de corpos inchados que saltavam. E estavam saltando na direção *deles*.

John correu até o portal. Um pé pisou em cheio num dos sapos, que explodiu. Seu calcanhar escorregou na gelatina fria que espirrou do corpo do sapo e ele quase caiu. Elise soltou as mãos crispadas da gola da camiseta e agarrou-o. Cambalearam juntos para o corredor e John bateu a porta, pegando um dos sapos em pleno salto. A porta cortou-o em dois. A metade superior ficou se contorcendo e estrebuchando no chão, a boca cheia de dentes e de lábios negros se abrindo e se fechando, os olhos dourados e negros olhando esbugalhados para eles.

Elise segurou o rosto com força entre ambas as mãos e começou a chorar, histérica. John estendeu a mão para ela. Ela sacudiu a cabeça e se encolheu para trás, os cabelos caindo-lhe sobre o rosto.

O barulho dos sapos caindo no telhado era ruim, mas pior eram o coaxar e os estalidos, porque estavam vindo do interior da casa... e pela casa *inteira*. Ele se lembrou do velho sentado na sua cadeira de balanço na

varanda do Armazém Geral, berrando para eles: *Mas talvez devam fechar as janelas de madeira.*

Meu Deus, por que não acreditei nele?

E logo em seguida: *Como poderia acreditar nele? Nada* em toda a minha vida *me preparou para acreditar nele!*

E, por baixo do barulho dos sapos batendo no chão do lado de fora e dos sapos se esborrachando em vísceras e matéria pastosa no telhado, ele ouvia um barulho mais ameaçador: a mastigação e a madeira se partindo enquanto os sapos começavam a abrir caminho a dentadas pela porta. Na realidade, podia ver a porta forçando as dobradiças à medida que mais e mais sapos se amontoavam de encontro a ela.

Virou-se e viu dezenas de sapos descendo a escada principal aos pulos.

— Elise! — Agarrou-a com força, mas ela continuou a gritar e a querer se afastar dele. Uma das mangas da camiseta se soltou. Por um instante, ele ficou olhando com uma expressão de completa imbecilidade para o pedaço de pano rasgado na sua mão e depois deixou-o cair no chão.

— *Elise, que diabos!*

Ela gritou e puxou para trás de novo.

Agora os primeiros sapos tinham chegado ao início do corredor e estavam saltando ansiosos na sua direção. Ouviu-se um tilintar quebradiço quando o basculante por cima da porta se quebrou. Um sapo passou zunindo por ele, bateu no carpete e ficou de costas, a barriga cor-de-rosa malhada para cima, as patas com membranas se contorcendo no ar.

Agarrou sua mulher e lhe deu uma sacudida.

— *Temos que descer para o porão! No porão estaremos a salvo!*

— *Não!* — berrou Elise para ele. Seus olhos eram como dois gigantescos zeros flutuantes e ele percebeu que ela não estava refutando a ideia de recuar para o porão, mas refutando *tudo*.

Não havia tempo para medidas delicadas nem palavras para acalmá-la. Agarrou a parte da frente da camiseta com o punho e puxou-a pelo corredor como um policial arrastando um prisioneiro recalcitrante para um camburão. Um dos sapos que estava na dianteira dos que vinham descendo rápido a escada deu um salto gigantesco e fechou sua boca cheia de

agulhas malditas no espaço onde, um segundo antes, tinha estado o calcanhar descalço de Elise.

Na metade do corredor, ela entendeu o que ele queria e começou a acompanhá-lo por vontade própria. Chegaram à porta. John girou a maçaneta e deu um puxão, mas a porta não se moveu.

— *Merda!* — berrou ele, e deu outro puxão. Não adiantou. Nada.

— *John, depressa!*

Ela olhou por cima do ombro e viu sapos inundando o corredor na direção deles, dando cambalhotas malucas por cima das costas dos da frente, caindo uns por cima dos outros, batendo no desbotado papel de parede de rosinhas silvestres, caindo de costas e sendo atropelados pelos companheiros. Eram só dentes e olhos dourados e negros e arquejantes corpos de couro.

— JOHN, POR FAVOR! POR FA...

Então um deles saltou e se abateu sobre sua coxa esquerda, logo acima do joelho. Elise gritou e agarrou-o, seus dedos se enfiando através da pele e nas suas entranhas líquidas e escuras. Arrancou-o, e por um instante, quando ela ergueu os braços, a coisa horrenda ficou bem diante dos seus olhos, os dentes trincando como uma espécie de pequena máquina homicida. Atirou-o longe com toda sua força. Ele descreveu uma curva no ar e se esborrachou na parede bem em frente à porta da cozinha. Não caiu e sim ficou grudado pela gosma de suas próprias vísceras.

— JOHN! OH, MEU DEUS, JOHN!

De repente, John Graham percebeu o que estava fazendo errado. Inverteu a direção do seu esforço, empurrando a porta em vez de puxá-la. Ela se abriu toda, quase fazendo-o cair para a frente e pelos degraus abaixo, e por um segundo ele se perguntou se sua mãe teve algum filho que tivesse sobrevivido. Estendeu a mão para o corrimão, conseguiu pegá-lo e então Elise quase o derrubou de novo, passando disparada por ele, escada abaixo, gritando como uma sirene de bombeiro no meio da noite.

Oh, ela vai cair, ela não vai evitar a queda, ela vai cair e partir o pescoço...

Mas, de alguma maneira, ela não caiu. Chegou ao piso do porão e desabou em soluços convulsivos, apertando sua coxa rasgada.

Os sapos estavam saltando e pulando pela porta do porão, que estava aberta.

John recuperou o equilíbrio, virou-se e deu um forte empurrão na porta para fechá-la. Vários dos sapos apanhados do lado de dentro da porta saltaram direto do patamar, bateram nos degraus e caíram pelos vãos entre os degraus. Um deu um salto quase na vertical e John foi subitamente sacudido por uma risada louca — uma vívida imagem repentina do senhor Sapo, da Mansão do Sapo, numa vara de saltar em vez de num calhambeque, vindo para cima dele. Ainda rindo, fechou a mão num punho e deu um soco bem no centro do peito flácido e latejante do sapo enquanto ele estava parado em perfeito equilíbrio entre a gravidade e sua própria energia despendida. Ele sumiu nas sombras e John ouviu um *boing!* macio quando bateu na fornalha.

No escuro, raspou a mão na parede e seus dedos encontraram o cilindro da chave de luz, modelo antigo. Abaixou-a e foi então que Elise começou a gritar de novo. Um sapo tinha ficado preso nos seus cabelos. Coaxava, torcia-se e retorcia-se, tentando morder-lhe o pescoço, enrolando-se como se fosse um imenso e disforme adereço.

Elise pôs-se de pé de um salto e correu num círculo grande, por milagre deixando de cair por cima das caixas que tinham sido guardadas em pilhas ali embaixo. Colidiu com uma das pilastras do porão, foi para trás, depois deu meia-volta e duas vezes bateu com a cabeça nela, com força. Ouviu-se um ruído de um esguicho grosso, um jorro de fluido negro, e depois o sapo caiu dos seus cabelos, rolando pelas costas da camiseta, deixando uns rastros de pus.

Ela gritou e a loucura nesse som fez John sentir o sangue gelar nas veias. Ele meio correu, meio tropeçou pelos degraus abaixo e envolveu-a nos braços. Ela inicialmente lutou contra ele e depois se rendeu. Seus gritos foram gradualmente se dissolvendo num choro contínuo.

Então, por cima do troar macio dos sapos batendo na casa e no terreno, ouviram o coaxar dos sapos que tinham caído ali embaixo. Afastou-se dele, com os olhos girando descontrolados de um lado para o outro nas órbitas brancas e brilhantes.

— Onde eles estão? — perguntou arfando. A voz dela estava rouca, era quase um rosnado, de tanto que ela gritara. — Onde eles estão, John?

Mas não precisavam procurar. Os sapos já os tinham visto e vinham pulando ansiosamente na sua direção.

Os Graham recuaram e John viu uma pá enferrujada encostada contra a parede. Agarrou-a e foi matando os sapos a pancadas à medida que se aproximavam. Só um passou por ele. Saltou do chão para uma caixa e da caixa para cima de Elise, pegando o pano da sua camiseta nos dentes, e ficou pendurado ali entre os seios dela, esperneando.

— Não se mexa! — ordenou-lhe John com um berro. Largou a pá, deu dois passos à frente, agarrou o sapo e deu-lhe um puxão para tirá-lo da camiseta. O sapo veio com um pedaço do tecido. A tira de algodão ficou pendurada em uma de suas presas, enquanto ele se contorcia, latejava e revirava nas mãos de John. O couro era cheio de verrugas, seco mas horripilantemente quente e, de algum modo, febril. Fechou os dedos das mãos, fazendo o sapo estourar. Sangue e gosma escorreram-lhe entre os dedos.

Na verdade, menos de uma dúzia dos monstrinhos tinha conseguido passar pela porta do porão e logo estavam todos mortos. John e Elise ficaram abraçados, escutando a ininterrupta chuva de sapos lá fora.

John olhou para as janelas baixas do porão. Elas estavam cobertas e escuras e, de repente, viu como a casa devia parecer vista de fora, enterrada numa avalanche de sapos saltando, esfregando-se e contorcendo-se.

— Temos que bloquear as janelas — disse com a voz rouca —, o peso deles vai quebrá-las e, se isso acontecer, eles vão *chover* aqui para dentro.

— Com o quê? — perguntou Elise no seu rosnado rouco. — O que podemos usar?

Ele olhou em volta e viu várias folhas de compensado, antigas e escuras, encostadas numa parede. Talvez não fosse grande coisa, mas era algo.

— Com aquilo ali — disse ele. — Ajude-me a parti-las em pedaços menores.

Trabalharam rápida e freneticamente. Havia só quatro janelas no porão e o fato de serem estreitas tinha feito com que os painéis de vidro resistissem mais do que as janelas maiores dos andares de cima. Mal

estavam terminando com a última quando ouviram o vidro da primeira se partir por trás do compensado... mas o compensado aguentou.

Cambalearam até o meio do porão de novo, John mancando com seu pé fraturado.

Do alto da escada, veio o barulho dos sapos abrindo caminho a dentadas na porta do porão.

— O que vamos fazer se eles conseguirem furar a porta? — sussurrou Elise.

— Não sei — disse ele. E foi então que a porta da rampa de carvão, fora de uso há anos, mas ainda intacta, escancarou-se de repente sob o peso de todos os sapos que tinham caído ou pulado nela, e centenas deles despejaram-se para fora num jato de alta pressão.

Dessa vez Elise não pôde gritar. Suas cordas vocais estavam muito danificadas para isso.

Depois de a porta da rampa de carvão ceder, os Graham não duraram muito. Mas até tudo terminar, John Graham gritou o bastante pelos dois.

Por volta da meia-noite, a enxurrada de sapos em Willow tinha se reduzido a uma garoa suave e coaxante.

À 1h30, o último sapo caiu do céu escuro e estrelado, aterrissou num pinheiro, saltou para o solo e desapareceu na noite. Tinha acabado, até daí a sete anos.

Por volta de 5h15, o primeiro clarão começou a se esgueirar no céu e sobre a Terra. Willow estava sepultada debaixo de um tapete de sapos se contorcendo, pulando e gemendo. As construções ao longo da Main street tinham perdido seus ângulos e quinas — tudo estava arredondado, encurvado e se remexendo. Parecia que alguém tinha disparado uns trinta cartuchos de escopeta no cartaz na estrada que dizia BEM-VINDO A WILLOW, MAINE, O LUGAR AMIGO! É claro que os buracos tinham sido feitos por sapos voadores. O cartaz em frente ao Armazém Geral, que anunciava SANDUÍCHES ITALIANOS • PIZZA • COMESTÍVEIS • LICENÇAS DE PESCA tinha sido derrubado. Havia sapos pulando em cima e em volta dele. Havia uma pequena convenção de sapos em cima de cada uma das bombas de gasolina do posto Sunoco de Donny. Dois sapos estavam sentados no braço de ferro do cata-vento que girava devagar no telhado da Loja de Fogões de Willow, como criancinhas disformes num carrossel.

No lago, as poucas plataformas flutuantes que tinham sido colocadas tão cedo (entretanto, só os nadadores mais valentes se aventuravam nas águas do Lago Willow antes do Quatro de Julho, com ou sem sapos) estavam cobertas com montões de sapos e os peixes estavam ficando doidos com tanta comida quase ao seu alcance. De vez em quando, ouvia-se um barulho de plip! plip! quando um ou dois dos sapos, tentando arranjar lugar nas plataformas flutuantes, eram derrubados e alguma truta ou salmão faminto ganhava seu desjejum. As estradas que entravam na cidadezinha e dela saíam — havia uma porção delas para uma cidadezinha tão pequena, como Henry tinha dito — estavam pavimentadas com sapos. A eletricidade estava interrompida por enquanto: sapos em queda livre tinham partido os cabos de força em inúmeros pontos. A maioria das hortas estava destruída, mas, de qualquer maneira, Willow não era uma comunidade importante de hortigranjeiros. Várias pessoas mantinham rebanhos de vacas leiteiras bastante grandes, mas todas tinham sido mantidas nos estábulos e a salvo durante a noite. Os produtores de laticínios de Willow conheciam bem a estação chuvosa e não tinham a menor intenção de perder suas vacas leiteiras para as hordas de saltitantes sapos carnívoros. Que diabos se poderia dizer para a companhia de seguros?

À medida que a claridade aumentava sobre Hempstead Place, foram aparecendo avalanches de sapos mortos no telhado, as calhas tinham sido arrancadas por sapos em bombardeio picado, o pátio da frente parecia vivo, coberto de sapos. Eles saltavam para dentro e para fora do celeiro, entupiam as chaminés, pulavam despreocupados em volta dos pneus do Ford de John Graham e ficavam sentados coaxando em filas no banco da frente como uma congregação de fiéis numa igreja esperando o começo da missa. Montões de sapos, na maioria mortos, jaziam em avalanches de encontro às paredes da casa. Algumas dessas avalanches tinham dois metros de profundidade.

Às 6h05 o sol surgiu no horizonte, e à medida que seus raios atingiam os sapos, eles começavam a derreter.

Seu couro ia clareando, ficava branco e depois parecia ficar transparente. Logo um vapor que exalava um vago cheiro de pântano começou a subir dos corpos, sobre os quais pequenos filetes borbulhantes de umidade começaram a escorrer. Seus olhos caíam para dentro ou para

fora das cavidades oculares, dependendo da sua posição quando o sol os atingia. A pele dos sapos começou a estourar com um ruído audível, e durante uns dez minutos parecia que garrafas de champanhe estavam sendo estouradas por toda a Willow.

Depois disso eles se decompunham rapidamente, derretendo-se em poças de uma substância pastosa, de um branco opaco, que se parecia com sêmen humano. Esse líquido escorria pelas junções do telhado de Hempstead Place em pequenos córregos e gotejava dos beirais feito pus.

Os sapos vivos morreram, os mortos simplesmente se decompuseram nesse líquido branco. O líquido borbulhava por uns instantes e depois afundava lentamente no solo. Da terra, emanavam pequenos fiapos de vapor e, por algum tempo, todos os campos de Willow pareciam o local de um vulcão em extinção.

Por volta de 6h45, estava tudo terminado, a não ser pelos reparos, e os moradores estavam acostumados com isso.

Parecia um preço baixo a pagar por mais sete anos de prosperidade tranquila nesse fim de mundo quase inteiramente esquecido do Maine.

Às 8h05, o Volvo todo amassado de Laura Stanton apareceu no pátio dianteiro do Armazém Geral. Quando Laura desceu, parecia mais pálida e adoentada do que nunca. Na verdade, ela *estava* adoentada: ainda levava na mão a embalagem de seis garrafas de cerveja Dawson, mas agora elas estavam todas vazias. E ela, com uma ressaca violenta.

Henry Eden saiu para a varanda. Seu cachorro veio atrás.

— Ponha esse vira-lata para dentro ou vou voltar daqui mesmo e ir para casa — disse Laura do pé da escada.

— Ele não consegue evitar soltar gases, Laura.

— Isso não quer dizer que eu tenha que estar perto quando ele solta — disse Laura. — Olha aqui, Henry, minha cabeça está girando como doida e a última coisa de que preciso nesta manhã é ouvir esse cachorro tocar *Hail Columbia* pelo buraco do rabo.

— Toby, vá para dentro — disse Henry, mantendo a porta aberta.

Toby ergueu a cabeça para ele com os olhos úmidos, como que dizendo: *Tenho que ir? As coisas estavam começando a ficar interessantes aqui fora.*

— Ande, vamos — disse Henry.

Toby voltou para dentro e Henry fechou a porta. Laura esperou até ouvir o trinco se fechar e depois subiu os degraus.

— Seu cartaz caiu — disse ela, entregando-lhe as garrafas vazias.

— Não sou cego, mulher — disse Henry. Ele próprio não estava no melhor dos humores nessa manhã. Poucas pessoas em Willow estariam. Dormir debaixo de uma chuva de sapos era um bocado duro. Graças a Deus que isso só vinha uma vez a cada sete anos, ou um homem era capaz de perder a cabeça completamente.

— Você devia ter se esforçado — disse ela.

Henry resmungou alguma coisa que ela não conseguiu entender direito.

— O que foi que você disse?

— Disse que você devia ter feito um esforço maior — disse Henry num tom de desafio. — Era um casal simpático. Devíamos ter feito um esforço maior.

Ela sentiu uma ponta de compaixão pelo velho, apesar do latejar na sua cabeça, e pousou uma das mãos no braço dele.

— É o ritual — disse ela.

— Bem, às vezes tenho vontade de dizer que se dane o ritual!

— *Henry!* — Retirou a mão, chocada apesar de tudo. Mas ele não estava ficando mais moço, lembrou a si mesma. Sem dúvida as engrenagens estavam ficando um pouco enferrujadas lá em cima.

— Não me importa — disse com teimosia. — Eles pareciam um casal jovem realmente simpático. Você também disse isso, e não tente negar.

— Eu de fato achei que eram simpáticos — disse ela. — Mas não podemos fazer nada a esse respeito, Henry. Ora, você mesmo disse isso ontem à noite.

— Eu sei — suspirou ele.

— Nós não os obrigamos a ficar — disse ela. — Exatamente o contrário. Nós avisamos para eles saírem da cidade. Eles próprios é que resolveram ficar. Eles *sempre* resolvem ficar. Tomam sua própria decisão. *Isso* também faz parte do ritual.

— Eu sei — repetiu ele. Respirou fundo e fez uma careta. — Detesto o cheiro depois. O raio da cidade inteira cheira a leite azedo.

— Lá pelo meio-dia terá passado. Você sabe disso.

— É, né. Mas eu tenho esperança de estar debaixo da terra quando vier de novo, Laura. E se não estiver, espero que outra pessoa fique encarregada de receber quem quer que venha logo antes da estação chuvosa. Gosto de poder pagar minhas contas quando elas vencem, tanto quanto qualquer pessoa, mas vou lhe dizer, um homem se farta de sapos. Mesmo que seja só uma vez a cada sete anos, um homem pode ficar muito farto de sapos.

— Uma mulher também — disse ela num tom suave.

— Bem — disse ele, olhando em volta com um suspiro —, acho que podíamos tentar botar essa bagunça em ordem, você não acha?

— Claro — falou ela. — E você sabe, Henry, que nós não fazemos o ritual, nós só o cumprimos.

— Eu sei, mas...

— E as coisas podem mudar. Ninguém pode dizer quando ou por quê, mas podem. Essa pode ter sido a última vez que tivemos uma estação chuvosa. Ou, da próxima vez, pode ser que não venha ninguém de fora da cidade...

— Não diga isso — falou ele temeroso. — Se ninguém vier, talvez os sapos não desapareçam como fazem quando o sol bate neles.

— Aí, tá vendo? — perguntou ela. — No final das contas, você concordou comigo.

— Bem — disse ele —, já faz muito tempo, não é? Sete anos é um bocado de tempo.

— É.

— *Era* um jovem casal simpático, não era?

— Era — disse ela.

— Que maneira horrível de ir embora — disse Henry Eden com um leve engasgo na voz, e dessa vez ela não disse nada. Depois de um instante, Henry lhe perguntou se ela o ajudaria a pôr o cartaz de pé novamente. Apesar da sua terrível dor de cabeça, Laura disse que sim. Não

gostava de vê-lo tão abatido, especialmente quando ele estava se sentindo deprimido por causa de algo que não podia controlar, do mesmo modo que não podia controlar as marés nem as fases da lua.

Quando terminaram, ele parecia estar se sentindo melhor.

— É, né — disse ele. — Sete anos é um *danado* de um bocado de tempo.

É sim, pensou ela, *mas sempre passa e a estação chuvosa sempre chega de novo e os forasteiros com ela, sempre dois deles, sempre um homem e uma mulher, e nós sempre lhes dizemos exatamente o que vai acontecer e eles não acreditam em nós e o que acontece... acontece.*

— Vamos, seu jacaré velho — disse ela —, me ofereça uma xícara de café antes que minha cabeça se rache em duas.

Ele lhe ofereceu uma xícara, e antes que ela tivesse terminado, começou o barulho de martelos e serrotes pela cidadezinha. Podiam olhar pela janela para a Main Street e ver as pessoas abrindo suas persianas de madeira, falando e rindo.

O ar estava quente e seco, o céu lá em cima estava pálido e com um azul enevoado, e em Willow a estação chuvosa tinha acabado.

2 Referência ao jogo de tabuleiro *Monopoly*. (N. do E.)

Meu cavalinho bonito

O velho estava sentado na entrada do celeiro, no meio do aroma das maçãs, balançando-se na cadeira, querendo não ter vontade de fumar não por causa do médico, mas porque agora seu coração oscilava o tempo todo. Observou aquele idiota filho da mãe do Osgood saltar a contagem com a cabeça encostada na árvore e o viu virar-se e pegar Clivey a descoberto e rir, a boca tão aberta que o velho podia notar como seus dentes já estavam apodrecendo e imaginar como seria o bafo do garoto: como a parte dos fundos de um porão úmido. Embora o fedelho não pudesse ter mais de 11 anos.

O velho observou Osgood dar seu riso aspirado e meio relinchado. O menino estava rindo tanto que acabou tendo que se curvar para a frente e colocar as mãos nos joelhos, rindo tanto que os outros saíram dos seus esconderijos para ver o que era e, quando viram, riram também. Ficaram todos parados sob o sol da manhã e riram do seu neto, e o velho se esqueceu do quanto queria fumar. O que queria agora era ver se Clivey ia chorar. Percebeu que estava mais interessado nesse aspecto do que em qualquer outro que tivesse atraído sua atenção nos últimos meses, inclusive o assunto da sua própria morte que se aproximava rapidamente.

— Pegou ele! — cantavam os outros, rindo. — Pegou ele, pegou ele, pegou ele!

Clivey apenas ficou ali parado, firme como uma pedra grande num campo arado, esperando que a gozação terminasse para que a brincadeira pudesse continuar com ele como o pegador e a vergonha começasse a ficar para trás. Depois de uns minutos, a brincadeira continuou. Então chegou o meio-dia e os outros meninos foram para casa. O velho ficou observando quanto Clivey ia comer no almoço. Acabou não sendo muito. Clivey apenas cutucou as batatas, trocou o milho e as ervilhas de lugar e deu uns pedacinhos de carne para o cachorro debaixo da mesa. O velho ficou observando tudo isso, entretido, respondendo quando os outros falavam com ele, mas não prestando muita atenção no que diziam ou nele próprio. Estava concentrado no menino.

Quando a torta acabou, ele teve vontade do que não podia ter e por isso pediu licença para ir tirar uma soneca e parou na metade da escada porque sentiu como se seu coração fosse um ventilador com uma carta de baralho presa nele e ficou ali, com a cabeça abaixada, esperando para ver se este era o derradeiro (teve dois antes) e, quando viu que não era, terminou de subir, tirou toda a roupa menos as cuecas e deitou-se por cima da colcha branca bem passada. Um retângulo de sol caiu sobre seu peito esquelético, cortada em três segmentos por tiras escuras de sombra que correspondiam às esquadrias da janela. Colocou as mãos por trás da cabeça, cochilando e escutando atento. Depois de uns momentos, achou que tinha ouvido o menino chorando no seu próprio quarto mais adiante no corredor e pensou: *Devo dar um jeito nisso*.

Dormiu por uma hora e quando se levantou a mulher estava dormindo ao seu lado, de combinação, e ele levou suas roupas para o corredor para se vestir antes de descer.

Clivey estava do lado de fora, sentado nos degraus e atirando um pedaço de pau para o cachorro, que buscava com mais entusiasmo do que o menino atirava. O cachorro (não tinha nome, era apenas o cachorro) parecia intrigado.

O velho chamou o menino e disse-lhe para vir dar uma caminhada com ele até o pomar, e o menino assim fez.

O velho se chamava George Banning. Era o avô do menino e foi com ele que Clive Banning aprendeu a importância de ter um cavalinho bonito na sua vida. Era preciso ter um desses mesmo que você fosse alérgico a cavalos, porque sem um cavalinho bonito você poderia ter seis relógios em cada aposento e tantos em cada pulso que não ia poder levantar os braços e ainda assim nunca saberia que horas eram.

A instrução (George Banning não dava conselhos, somente instruções) foi dada no dia em que Clive foi pego por aquele idiota do Alden Osgood quando estavam brincando de esconder. Naquela época, o avô de Clive parecia mais velho do que Deus, o que provavelmente queria dizer uns 72 anos. A propriedade dos Banning ficava na cidadezinha de Troy, estado de Nova York, que em 1961 estava começando a aprender como não parecer o interior.

A instrução foi dada no Pomar Leste.

Seu avô estava parado, sem casaco, numa nevasca que não era de neve atrasada, mas de flores de macieira que tinham desabrochado cedo, levadas por um vento forte e quente. Vovô estava usando seu macacão de suspensórios, com uma camisa de colarinho por baixo, que parecia ter sido verde um dia, mas que agora, depois de ter sido lavada dezenas ou centenas de vezes, estava desbotada para um vago oliva. Por baixo da camisa de colarinho, via-se a gola redonda de uma camiseta de algodão, do tipo sem mangas, é claro, pois, embora naquela época fizessem a do outro tipo, um homem como vovô só usaria as sem mangas até o fim. Essa camiseta estava limpa, mas cor de marfim em vez do branco original, porque o lema da vovó, frequentemente dito e também bordado num paninho emoldurado na sala de visita (presumivelmente para as raras ocasiões em que a própria mulher não estivesse lá para prover a sabedoria que fosse necessário prover) era: *Use, use, nunca perca! Amacie! Gaste! Guarde bem ou fique sem!*

Havia umas flores de macieira presas nos cabelos compridos de vovô, ainda só meio brancos, e o menino achou o velho lindo no meio das árvores.

Tinha visto que vovô os estava observando enquanto brincavam, horas antes naquele dia. Observando *ele*. Vovô tinha ficado sentado na sua cadeira de balanço na entrada do celeiro. Uma das tábuas do piso rinchava cada vez que vovô se balançava, e lá estava ele sentado, com um livro virado para baixo no colo, as mãos cruzadas sobre ele, lá estava ele sentado em meio aos aromas doces de feno, maçãs e cidra. Tinha sido essa brincadeira que levara vovô a dar a Clive Banning a instrução sobre o tema do tempo, como ele era fugidio e como um homem tinha que pelejar para segurá-lo nas mãos quase o tempo todo — o cavalinho era bonito mas tinha um coração malvado. Se você não ficasse muito de olho nesse cavalinho bonito, ele iria saltar a cerca e se perder de vista, e você teria que pegar seu cabresto de corda e ir atrás dele, uma caminhada que era capaz de fazê-lo ficar cansado de cair, mesmo que fosse curta.

Vovô começou sua instrução dizendo que Alden Osgood tinha trapaceado. Ele devia cobrir os olhos de encontro ao álamo morto, perto do cepo de cortar lenha, durante um minuto completo, que ele ia calcular contando até 60. Isso daria a Clivey (vovô sempre o tinha chamado assim e ele não se importava, embora achasse que teria que brigar com qualquer

menino ou homem que o chamasse assim depois que tivesse passado dos 12) e aos outros um bom tempo para se esconderem. Clivey ainda estava procurando um lugar quando Alden Osgood chegou a 60, voltou-se e "pegou-o" enquanto ele estava tentando se enfiar — como último recurso — por trás de uma pilha de caixotes de maçãs amontoados de qualquer maneira ao lado do galpão da prensa, onde a máquina que espremia a polpa para fazer cidra se erguia nas sombras como um engenho de tortura.

— Não foi justo — disse vovô. — Você não ficou reclamando feito mulherzinha nem um pouco, e fez certo, porque um homem de verdade nunca fica reclamando. Se chama reclamar feito mulherzinha porque não é coisa de homens nem de meninos que são suficientemente espertos para saber que isso não se faz e têm coragem bastante para não o fazer. De qualquer modo, não foi justo. Posso dizer isso agora porque você não o disse naquela hora.

Flores de macieira que o vento soprava pelos cabelos do velho. Uma ficou presa na reentrância sob o pomo de adão, presa como uma joia que era bonita simplesmente porque algumas coisas *eram* e nada havia a fazer, mas era *fabulosa* porque não ia durar: em poucos segundos, seria afastada impacientemente com a mão e deixada no chão, onde se tornaria perfeitamente anônima entre suas companheiras.

Ele disse a vovô que Alden *tinha* contado até 60, tal como as regras mandavam que fizesse, sem saber por que queria defender a posição do menino que, afinal de contas, deixou-o envergonhado por tê-lo simplesmente "pego". Alden — que às vezes dava tapas feito uma menina quando estava zangado — só tinha precisado se virar, vê-lo, depois calmamente apoiar a mão na árvore morta e entoar a fórmula mística e irrefutável de eliminação: "Vejo-Clive, peguei-um-dois-três!"

Talvez ele só tivesse defendido a posição de Alden para que ele e vovô não tivessem ainda que voltar, para que pudesse ficar olhando os cabelos cor de aço de vovô serem soprados para trás pela nevasca de flores, para que pudesse admirar aquela joia passageira na reentrância na base da garganta do velho.

— Claro que contou — disse vovô. — Claro que contou até sessenta. Agora preste atenção nisto, Clivey! E grave bem na sua cabeça!

O macacão de vovô tinha bolsos de verdade — cinco, contando o que parecia uma bolsa de canguru na parte sobre o peito —, mas ao lado dos

bolsos das pernas havia umas coisas que *pareciam* bolsos. Na verdade eram aberturas, feitas para que você pudesse chegar às calças que estaria usando por baixo — naquela época, a ideia de *não* usar calças por baixo não causaria escândalo, seria apenas ridículo, o comportamento de alguém que tinha Um Parafuso Frouxo na Cuca. Vovô estava usando o inevitável par de *blue jeans* por baixo do macacão. Ele os chamava, sem qualquer intenção, de "calças de judeu", um termo usado por todos os fazendeiros que Clive conhecia. As calças Levi's eram chamadas de "calças de judeu" ou apenas "judias".

Enfiou a mão pela abertura do lado direito do macacão, remexeu durante algum tempo no bolso direito das calças por baixo dele e finalmente retirou um relógio de bolso de prata manchada que colocou na mão do menino, que não esperava por isso. O peso do relógio foi tão súbito, o tique-taque sob a pele de metal tão vívido que ele por um triz não o deixou cair.

Olhou para vovô com os olhos castanhos arregalados.

— Você não vai deixar cair — disse vovô — e, se deixasse, provavelmente não ia fazê-lo parar. Ele já caiu antes, foi até pisado uma vez em alguma maldita cervejaria em Utica, e até hoje nunca parou. E, se parasse, o prejuízo seria seu, não meu, porque ele agora é seu.

— O quê? — Queria dizer que não tinha entendido, mas não pôde terminar porque achou que tinha.

— Estou dando-o para você — disse vovô. — Sempre quis que fosse seu, mas de jeito nenhum vou colocar no meu inventário. Iria pagar mais do maldito imposto do que essa coisa vale.

— Vovô... eu... meu Deus!

Vovô riu até começar a tossir. Dobrou-se em dois, tossindo e rindo, o rosto ficando roxo. Clive perdeu um pouco da alegria e do espanto maravilhado para a preocupação. Lembrou-se de sua mãe lhe repetindo várias vezes a caminho dali que ele não devia cansar vovô porque vovô estava doente. Quando, dois dias antes, Clive lhe tinha perguntado, com cautela, o que tinha feito ele ficar doente, George Banning tinha respondido com uma única palavra misteriosa. Foi só na noite depois da conversa no pomar, quando ele ia pegando no sono com o relógio de bolso agarrado nas mãos, que Clive percebeu que a palavra que vovô tinha dito

— *treco* — não correspondia a alguma doença maligna, mas ao coração de vovô. O médico o obrigara a parar de fumar e dissera que se tentasse fazer algum esforço físico maior, como tirar neve com a pá ou trabalhar com a enxada na horta, ia acabar tocando harpa. O menino sabia muito bem o que *isso* queria dizer.

— Você não vai deixar cair e, se deixasse, provavelmente não ia fazê-lo parar — tinha dito vovô, mas o menino já tinha idade suficiente para saber que *iria* parar um dia, que tanto as pessoas como os relógios um dia paravam.

Ficou imóvel, esperando para ver se vovô ia parar, mas finalmente sua tosse e seu riso foram diminuindo e ele endireitou o corpo novamente, limpando um filete que lhe escorrera do nariz com a mão esquerda e atirando-o longe calmamente com um movimento rápido do pulso.

— Você é um garoto danado de engraçado, Clivey — disse ele. — Tenho *16* netos e acho que só dois deles vão servir para alguma titica, e você não é um deles, embora esteja na lista dos segundos colocados, mas você é o único que consegue me fazer rir até ficar com as bolas doendo.

— Não quis fazer o senhor ficar com as bolas doendo — disse Clive, e isso fez vovô disparar de novo, embora dessa vez ele conseguisse controlar o riso antes que começasse a tossir.

— Enrole a corrente uma ou duas vezes em volta dos nós dos dedos se isso faz você ficar mais tranquilo — disse vovô. — Se você ficar com a cabeça mais sossegada, talvez preste um pouco mais de atenção.

Fez como vovô sugeriu e *de fato* se sentiu melhor. Olhou para o relógio na palma da mão, hipnotizado pela sensação vívida do mecanismo, pelo reflexo radiante do sol no vidro, pelo segundo ponteiro que girava no seu próprio círculo pequeno. Mas ainda era o relógio do vovô, disso ele tinha certeza absoluta. Nesse instante, enquanto estava pensando nisso, uma flor de macieira deslizou por cima do vidro e foi embora. Isso levou menos de um segundo, mas mudou tudo. Depois da flor, passou a ser verdade. O relógio era seu, para sempre... ou pelo menos até que um dos dois parasse de funcionar, não tivesse conserto e tivesse que ser jogado fora.

— Muito bem — disse vovô. — Está vendo o segundo ponteiro girando inteiramente por sua própria conta?

— Estou.

— Bem. Fique de olho nele. Quando ele chegar em cima, você berra para mim "Vai!" Entendeu?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. Quando chegar lá, você só tem que deixar ir em frente.

Clive ficou olhando com a testa franzida para o relógio, com a concentração profunda de um matemático que está chegando à conclusão de uma equação crucial. Já tinha entendido o que vovô lhe queria mostrar e era suficientemente esperto para perceber que a prova era apenas uma formalidade... mas tinha que ser exibida do mesmo jeito. Era um ritual, como não poder sair da igreja até o padre dar a bênção, mesmo que todos os cânticos tivessem sido cantados e o sermão, felizmente, tivesse terminado.

Quando o segundo ponteiro ficou bem em cima do 12 no seu próprio pequeno mostrador separado (*Meu*, pensou maravilhado. *Esse é o* meu *segundo ponteiro do* meu *relógio*), ele berrou "Vai!" com toda a força dos pulmões. Vovô começou a contar com a velocidade vertiginosa de um leiloeiro vendendo artigos de qualidade duvidosa, tentando livrar-se deles pelos preços mais altos antes que a plateia hipnotizada pudesse acordar e perceber que foi não só tapeada como ofendida.

— Um-dois-três-quatr-cinc-seis-set-oit-nov-dezonze — foi cantando vovô, com as manchas escuras nas suas bochechas e as veias grandes arroxeadas no nariz aumentando com a excitação. Terminou num berro rouco triunfante: — *Cinquentinov-seenta!* — Ao dizer essa última palavra, o segundo ponteiro do relógio de bolso estava acabando de passar pela sétima linha escura, marcando 35 segundos.

— Quanto foi? — perguntou vovô, ofegante e esfregando o peito com a mão.

Clive lhe disse, olhando para vovô sem disfarçar a admiração.

— Isso é que é contar depressa, vovô!

Vovô abanou o ar com a mão com que tinha estado esfregando o peito num gesto de *deixa disso!*, mas deu um sorriso.

— Não contei nem na metade da velocidade daquele peste do Osgood. — falou. — Ouvi aquele bobinho contar 27 e de repente ele estava por volta de 41.

Vovô fitou-o firme com seus olhos de um azul-escuro de outono, muito diferentes dos olhos castanhos mediterrâneos de Clive. Colocou uma das suas mãos tortas no ombro de Clive. Ela estava deformada pela artrite, mas o menino sentiu a força viva que ainda havia nela, adormecida, como os fios elétricos numa máquina desligada.

— Lembre-se de uma coisa, Clivey. O tempo não tem nada a ver com a velocidade com que você é capaz de *contar*.

Clive balançou a cabeça lentamente num gesto positivo. Não tinha compreendido inteiramente, mas achou que tinha sentido uma *sombra* de compreensão, como a sombra de uma nuvem passando devagar por cima de um prado.

Vovô enfiou a mão no bolso no peito do macacão e tirou um maço de Kool sem filtro. Aparentemente, vovô não tinha parado de fumar, com ou sem coração falhando. Entretanto, o menino achou que talvez vovô tivesse diminuído drasticamente, porque o maço de Kool parecia ter durado muito, tendo escapado do destino da maioria dos maços, abertos depois do café da manhã e jogados fora, vazios, na sarjeta, transformados numa bola amassada, por volta das 15h. Vovô sacudiu o maço, tirou um cigarro quase tão torto quanto o maço do qual tinha saído. Enfiou-o no canto da boca, recolocou o maço no macacão e tirou um fósforo de madeira que acendeu com um movimento ágil, de muita prática, da unha amarelada e grossa do polegar de velho. Clive ficou olhando com o fascínio de uma criança que vê um mágico fazer um leque de cartas aparecer na mão vazia. O riscar com o polegar sempre era interessante, mas a coisa fantástica era que *o fósforo não se apagava*. Apesar do vento forte que não parava de raspar o topo da colina, vovô mantinha a pequena chama na mão em concha com uma certeza que podia se permitir não ter pressa. Acendeu seu cigarro e depois estava de fato *sacudindo o fósforo*, como se tivesse neutralizado o vento com um simples ato de vontade. Clive olhou bem para o cigarro e não viu nenhuma marca preta de queimado subindo pelo papel branco a partir da ponta em brasa. Então, sua vista não o tinha enganado: vovô tinha acendido de uma chama reta, como um homem que acende na chama de uma vela num quarto fechado. Era pura e simples feitiçaria.

Vovô tirou o cigarro da boca e meteu nela o polegar e o indicador, por um instante parecendo um homem que vai assobiar para chamar seu cão ou um táxi. Em vez disso, tirou-os molhados e apertou-os em volta da

cabeça do fósforo. O menino não precisava de explicação: a única coisa que seu vovô e os amigos dele temiam mais do que quedas bruscas de temperatura era o fogo. Vovô deixou o fósforo cair e o amassou com o calcanhar da botina. Quando ergueu os olhos e viu o menino olhando fixo para ele, interpretou errado a causa da sua fascinação.

— Sei que não devo — falou ele — e não vou lhe dizer para mentir nem lhe pedir para fazer isso. Se vovó lhe perguntar diretamente: "Esse velho estava fumando lá em cima?", você vai e diz que eu estava. Não preciso que um garoto minta por mim. — Não sorriu, mas seus olhos astutos e puxados faziam Clive se sentir parte de uma conspiração que parecia simpática e sem pecado. — Mas se a vovó perguntasse diretamente *a mim* se você tinha usado o nome do Senhor em vão quando lhe dei o relógio, eu iria olhá-la bem nos olhos e diria: "Não, senhora. Ele disse obrigado o mais direitinho que podia e isso foi tudo que ele fez."

Agora foi Clive quem estourou numa risada e o velho abriu um sorriso grande, exibindo os poucos dentes que lhe restavam.

— Claro, se ela não perguntar nada a nenhum de nós, acho que nós não temos que dizer nada *voluntariamente*... não é Clivey? Isso não é justo?

— É. — disse Clive. Ele não era um menino bonito nem se tornou aquele tipo de homem que as mulheres consideram propriamente bonito, mas quando deu um sorriso de plena compreensão do truque de retórica do velho, ficou lindo, pelo menos por um instante, e vovô mexeu nos seus cabelos.

— Você é um bom menino, Clivey.

— Obrigado, senhor.

Seu avô ficou ali parado, ruminando, seu Kool queimando com uma rapidez incomum (o fumo estava seco e, embora ele só tirasse uma baforada de vez em quando, o vento esganado do topo da colina fumava o cigarro sem parar), e Clive achou que o velho tinha dito tudo que tinha para dizer. Ficou com pena. Ele adorava ouvir vovô falar. As coisas que vovô dizia sempre o deixavam maravilhado, porque elas sempre faziam sentido. Sua mãe, seu pai, vovó, tio Don — todos eles diziam coisas que ele devia aprender de cor, mas elas *raramente* faziam sentido. Bonito é quem bonito faz, por exemplo — o que *isso* queria dizer?

Tinha uma irmã, Patty, que era seis anos mais velha. Ele *a* compreendia, mas isso não lhe importava porque a maior parte do que ela dizia em voz alta era burrice. O resto era comunicado por meio de pequenos beliscões malvados. Os piores eram os que ela chamava de *Beliscões-beleza*. Ela lhe disse que se ele algum dia *contasse* para alguém dos *beliscões-beleza*, ela o iria homicidar. Patty estava sempre falando das pessoas que ia homicidar e tinha uma lista de fazer inveja à Homicídios & Cia. Fazia você rir... isto é, até você olhar bem para seu rosto magro e decidido. Quando você via o que realmente havia ali, perdia a vontade de rir. Clive, pelo menos, perdia. E você precisava ter cuidado com ela — ela *parecia* burra, mas estava longe de ser burra.

— Não quero namorados — tinha anunciado à mesa do jantar não fazia muito tempo. Na verdade, mais ou menos naquela época em que os meninos tradicionalmente convidavam as meninas quer para o Baile da Primavera no *country club*, quer para o baile de formatura no colégio. — Não me importo se eu *nunca* tiver um namorado. — E ela havia olhado para eles com os olhos bem abertos num ar de desafio por cima de seu prato de carne e legumes fumegantes.

Clive observou o rosto imóvel e um tanto assustador de sua irmã olhando firme através do vapor e se lembrou de algo que tinha acontecido dois meses antes, quando ainda havia neve sobre o solo. Ele tinha ido pelo corredor do andar de cima descalço, de modo que ela não o havia o escutado, e tinha olhado para dentro do banheiro porque a porta estava aberta. Não tinha a menor ideia de que a velha Patty Nojenta estava lá dentro. O que ele viu o fez parar petrificado. Se ela tivesse virado a cabeça só um pouco para a esquerda, o teria visto.

Mas ela não virou. Ela estava muito concentrada na sua inspeção de si mesma. Ela estava de pé ali, nua como uma daquelas garotas esguias na gasta *Modelos deliciosas* do Brannigan Raposa, com a toalha caída em volta dos pés. Mas ela não era nenhuma garota esguia — Clive sabia disso e, pela expressão dela, ela também sabia. Havia lágrimas escorrendo por seu rosto cheio de espinhas. Eram lágrimas grandes e em grande quantidade, mas ela não emitia nenhum som. Por fim Clive tinha recuperado o bastante do seu instinto de autopreservação para sair na ponta dos pés e nunca falara com ninguém sobre o incidente, muito menos com a própria Patty. Não sabia se ela ficaria furiosa por seu irmão tê-la

visto nua em pelo, mas ele tinha uma boa noção de como ela reagiria ao saber que ele a tinha visto chorando (mesmo que tivesse sido aquele choro sem berros que ela estava tendo). Por causa disso, ela sem dúvida o teria homicidado.

— Acho que os meninos são idiotas e a maioria deles tem cheiro de queijo azedo — tinha dito naquela noite de primavera. Enfiou uma garfada de rosbife na boca. — Se um menino algum dia me convidasse para sair, eu daria uma gargalhada.

— Você vai mudar de ideia a esse respeito, Abobrinha — disse o pai, mastigando seu rosbife e sem levantar os olhos do livro ao lado do prato. A mãe tinha desistido de tentar fazê-lo parar de ler à mesa.

— Não, *não vou* — dissera Patty, e Clive sabia que ela não iria. Quando Patty dizia coisas, quase sempre estava falando sério. Isso era algo que Clive compreendia a respeito dela e que seus pais não compreendiam. Ele não tinha certeza se ela estava falando sério — você sabe, *sério mesmo* — a respeito de homicidá-lo se ele a delatasse por causa dos beliscões-beleza, mas não ia se arriscar. Mesmo que não chegasse de fato a matá-lo, ela iria encontrar alguma maneira espetacular, e que não lhe pudesse ser atribuída, de fazê-lo sentir dor, disso ele tinha certeza. Além disso, às vezes os beliscões-beleza não eram beliscões de verdade. Pareciam mais com o jeito com que Patty às vezes fazia carinhos no seu pequeno poodle mestiço, Brandy, e ele sabia que ela estava fazendo isso porque ele era mau, mas havia um segredo que não tinha a menor intenção de contar para ela: esses outros beliscões-beleza, os de carinho, na verdade eram bem bons.

Quando vovô abriu a boca, Clive pensou que ele ia dizer *Tá na hora de voltar pra casa, Clivey*, mas, em vez disso, falou:

— Vou lhe dizer uma coisa, se você quiser ouvir. Não vai demorar muito. Você quer ouvir o que é, Clivey?

— Quero, sim, senhor!

— Você quer mesmo, não quer? — falou vovô num tom satisfeito.

— Quero, sim senhor.

— Às vezes acho que deveria roubar você dos seus pais e mantê-lo por aqui para sempre. Às vezes acho que, se tivesse você por perto a maior parte do tempo, viveria para sempre, com ou sem o maldito coração ruim.

Retirou o Kool da boca, jogou-o no chão e pisou-o até matá-lo com a botina de trabalho, virando o calcanhar para um lado e para o outro e depois cobrindo o toco do cigarro com a terra que seu calcanhar tinha soltado só por segurança. Quando ergueu a cabeça de novo para Clive, seus olhos estavam brilhando.

— Parei de dar conselhos há muito tempo — disse ele. — Trinta anos ou mais, acho. Parei quando notei que só os tolos dão conselhos e só os tolos os aceitam. *Instrução*, bem... instrução é uma coisa diferente. Um homem esperto dará um pouco de vez em quando e um homem, ou um menino, esperto a aceitará de vez em quando.

Clive não disse nada, ficou apenas olhando para seu avô com intensa concentração.

— Há três espécies de tempo — disse vovô — e, embora todas elas sejam reais, só uma é de fato real. Você precisa ter certeza de que conhece todas e que será sempre capaz de distinguir entre elas. Você entendeu isso?

— Não, senhor.

Vovô aprovou com a cabeça.

— Se você tivesse dito "Sim, senhor" eu lhe teria dado uma palmada nos fundilhos das suas calças e levado você de volta para casa.

Clive baixou os olhos para os restos desfeitos do cigarro do vovô, o rosto quente de rubor, sentindo-se orgulhoso.

— Quando um sujeito é apenas um fedelho, como você, o tempo é comprido. Tome um exemplo. Quando chega maio, você acha que a escola não vai terminar nunca, que o meio do mês de junho não vai chegar nunca. Não é bem assim que acontece?

Clive pensou naquele fardo final de dias de escola sonolentos, com cheiro de giz, e confirmou com um aceno de cabeça.

— E quando o meio do mês de junho finalmente chega e a professora lhe entrega seu boletim e o libera, parece que não vai nunca mais voltar para a escola. Não é bem assim, também?

Clive pensou naquela estrada de dias e assentiu com a cabeça com tanta força que seu pescoço chegou a estalar.

— Cara, é mesmo! Quero dizer, *senhor*.

Aqueles dias. Todos aqueles dias, estendendo-se pelas planícies de junho e julho e para além do horizonte inimaginável de agosto. Tantos dias, tantas alvoradas, tantos almoços de sanduíche de queijo bolonha com mostarda e cebola crua picada e copos gigantes de leite, enquanto a mãe ficava sentada na sala de visita, em silêncio e com seu interminável copo de vinho, assistindo às novelas na tevê. Tantas tardes intermináveis, quando o suor brotava na margem de cabelos curtos do corte à escovinha e depois escorria pelo rosto, tardes em que o momento em que você notava que a bolota da sua sombra tinha virado um menino sempre era uma surpresa. Tantos crepúsculos sem fim, com o suor se refrescando até virar nada mais do que um aroma parecido com loção pós-barba nas bochechas e nos braços, enquanto se brincava de pega-pega, de queimada ou de pique-bandeira. Os sons das correntes de bicicleta, com os espaços clicando certinhos nos dentes oleados, aromas de madressilva, de asfalto esfriando, de folhas verdes e grama cortada, os sons das figurinhas sendo batidas na calçada da frente da casa de algum garoto, com as transações solenes e portentosas que mudavam as configurações das duas divisões, conclaves que eram realizados sob a inclinação lenta e ensombreada do eixo de um entardecer de julho até que o chamado de "*Cliiiiiive! Jantar!*" punha termo a esse negócio. E esse chamado era sempre tão esperado e, no entanto, tão surpreendente quanto a bolota de sombra ao meio-dia que, lá pelas 15h, tinha se transformado numa forma negra de menino correndo na rua ao seu lado — e esse menino grudado nos seus calcanhares tinha acabado por se transformar num homem lá pelas 17h, mesmo que um homem extraordinariamente magro e comprido. Noites aveludadas de televisão, o ruído ocasional de folhas sendo viradas por seu pai, que lia um livro atrás do outro (ele nunca se cansava de ler — palavras, palavras, palavras, seu pai nunca se cansava delas e, uma vez, Clive tinha querido perguntar como isso era possível, mas perdeu a coragem), sua mãe se levantando de vez em quando e indo até a cozinha, seguida apenas pelos olhos preocupados e aborrecidos de sua irmã e pelos seus, apenas curiosos. O tilintar suave quando a mãe tornava a encher o copo, que nunca ficava vazio depois das 11 da manhã, mais ou menos (e seu pai nunca erguendo os olhos do seu livro, embora Clive achasse que ele ouvia tudo e sabia de tudo, apesar de Patty, na única vez em que Clive ousou dizer a ela, o ter chamado de burro mentiroso e lhe ter dado um beliscão que doeu o dia inteiro). O som dos mosquitos zumbindo de encontro às telas, sempre

muito mais forte, parecia, depois que o sol se punha. O decreto da hora de dormir, tão injusto e inevitável, todas as discussões perdidas antes de começarem. O beijo rápido do pai, cheirando a fumo, e o da mãe, mais macio, ao mesmo tempo açucarado e azedo pelo cheiro de vinho. O som da voz da irmã dizendo à mãe que devia ir para a cama depois de o pai ter ido até o botequim da esquina para beber umas cervejas e assistir à luta livre na televisão por cima do balcão e sua mãe dizendo a Patty para cuidar da sua própria vida, um padrão de conversa que era inquietante por seu conteúdo, mas de algum modo tranquilizador por sua previsibilidade. Vaga-lumes brilhando no escuro. Uma buzina de carro, ao longe, enquanto ele deslizava pelo canal comprido e escuro do sono. Depois o dia seguinte, que parecia o mesmo mas não era, não exatamente. Verão. Isso era o verão. E ele não apenas parecia comprido — era comprido.

Vovô, observando-o atentamente, pareceu ler tudo isso nos olhos castanhos do menino, saber todas as palavras para todas as coisas que o menino nunca teria encontrado um modo de dizer, coisas que nunca poderiam sair dele porque sua boca nunca seria capaz de articular a linguagem do seu coração. E então vovô balançou a cabeça, como se quisesse confirmar essa própria ideia e de repente Clive ficou apavorado que vovô poderia estragar tudo dizendo alguma coisa suave, tranquilizadora e sem sentido. Ele diria: "Claro, eu sei disso tudo, Clivey. Eu também fui um menino um dia, sabe."

Mas não disse e Clive percebeu que tinha sido bobo de temer essa possibilidade mesmo por um instante. Pior, sem fé. Porque esse era *vovô* e vovô nunca dizia porra nenhuma sem sentido como os outros adultos quase sempre diziam. Em vez de falar suave e de modo tranquilizador, falou com a determinação seca de um juiz pronunciando uma sentença severa por um crime capital.

— Tudo isso muda — disse ele.

Clive ergueu os olhos para ele, um pouco apreensivo com essa ideia, mas gostando muito do modo doido como os cabelos do velho dançavam em volta da sua cabeça. Achou que vovô estava do jeito que o pastor da igreja estaria se ele realmente soubesse a verdade sobre Deus em vez de ficar apenas imaginando.

— O *tempo* muda? O senhor tem certeza?

— Tenho. Quando você chega a uma certa idade (bem por volta dos 14, eu acho, na maioria das vezes quando as duas metades da raça humana vão adiante e cometem o erro de descobrirem uma à outra) o tempo começa a ser o tempo *real*. O *real* tempo real. Ele não é comprido como tinha sido nem curto como vai vir a ser. Porque ele fica curto, sabe. Mas durante a maior parte da sua vida é sobretudo o *real* tempo real. Você sabe o que é isso, Clivey?

— Não, senhor.

— Então receba a instrução: o *real* tempo real é o seu cavalinho bonito. Diga: "Meu cavalinho bonito."

Sentindo-se feito um bobo, se perguntando se vovô estaria zombando dele por alguma razão ("Tentando fazê-lo cair nessa", como diria tio Don), Clive falou o que ele queria que dissesse. Ficou esperando que o velho risse e falasse: "Puxa, eu realmente fiz você cair nessa, Clivey!", mas vovô apenas balançou a cabeça de modo factual, tirando qualquer possibilidade de bobagem disso.

— Meu cavalinho bonito. Essas são as palavras que você não vai esquecer nunca se for tão esperto como eu acho que talvez seja. Meu cavalinho bonito. Essa é a verdade do tempo.

Vovô tirou do bolso o amarrotado maço de cigarros, contemplou-o por um instante e depois pôs de volta no bolso.

— Da época em que você tem 14 anos até, oh, vou dizer uns 60, por aí, a maior parte do tempo é o tempo do meu-cavalinho-bonito. Há ocasiões em que ele volta a ser comprido, como quando você era garoto, mas não são mais tempos bons. Nessas ocasiões, você daria a alma para que fossem tempos de meu-cavalinho-bonito, mais ainda tempo curto. Se você contasse à vovó o que vou lhe dizer agora, ela iria me chamar de blasfemo e não me traria a bolsa de água quente durante uma semana, talvez duas.

Não obstante, os lábios de vovô se torceram num esgar amargo e sem remorso.

— Se eu dissesse para aquele reverendo Chadband, a quem a mulher dá tanta importância, *ele* ia vir com aquela de como não enxergamos direito pelo vidro ou aquela história velha de como Deus opera por meios misteriosos para realizar as Suas maravilhas. Mas vou lhe dizer o que *eu* penso, Clivey. Acho que Deus deve ser um velho filho da mãe malvado

para fazer com que os únicos tempos compridos que um adulto tem sejam os tempos em que ele está sofrendo muito, como com as costelas quebradas ou as tripas entupidas ou alguma coisa assim. Um Deus assim, ora, Ele faz com que um garoto que espeta agulhas em moscas pareça com aquele santo que era tão bom que os passarinhos vinham ficar voando em volta dele. Fico pensando em como foram compridas aquelas semanas depois que a carroça de feno capotou comigo feito uma tartaruga e me pergunto por que Deus quis fazer criaturas vivas e pensantes, pra começar. Se Ele precisava de alguma coisa pra mijar em cima, por que não pôde simplesmente criar para Si umas moitas de urtiga e parava por aí? Ou o que dizer do pobre velho Johnny Brinkmayer, que foi indo tão devagar com o câncer de ossos no ano passado?

Clive mal ouviu essa parte final, embora se lembrasse mais tarde, quando voltavam de carro para a cidade, que Johnny Brinkmayer, que tinha sido o dono do que sua mãe e seu pai chamavam de mercadinho e vovô e vovó ainda chamavam, os dois, de "o Armazém", tinha sido o único homem que vovô ia visitar de noite... e o único homem que vinha visitar *vovô* de noite. No longo trajeto para a cidade, Clive se deu conta de que Johnny Brinkmayer, de quem se lembrava vagamente como um homem com uma verruga bem grande na testa e um jeito de coçar a virilha quando andava, devia ter sido o único amigo de verdade de vovô. O fato de que vovó tendia a empinar o nariz quando se mencionava o nome de Brinkmayer — e muitas vezes reclamava do seu fedor — apenas reforçava essa ideia.

De qualquer maneira, essas reflexões não lhe poderiam ter vindo naquele instante, porque Clive estava esperando, com a respiração presa, que Deus matasse vovô com um raio. Sem dúvida Ele ia fazer isso ante tal blasfêmia. Ninguém podia escapar impune de chamar *Deus o Pai Todo-poderoso* de um velho filho da mãe malvado ou insinuar que o Ser que tinha criado o universo não era melhor do que um aluno de terceira série que se divertia espetando agulhas em moscas.

Clive deu um passo nervoso para trás, afastando-se da figura de macacão de suspensórios, que tinha deixado de ser vovô e se transformara num para-raios. A qualquer momento agora, um raio iria cair do céu azul e incinerar vovô até ficar tão morto como cocô de cachorro e transformar as macieiras em tochas que marcariam a danação do velho para todo o

mundo. As flores de macieira que o vento soprava se transformariam em algo parecido com pedaços de carvão que saíam flutuando do incinerador no quintal dos fundos quando seu pai queimava os jornais da semana no final das tardes de domingo.

Não aconteceu nada.

Clive ficou esperando, sua certeza terrível se desfazendo e, quando um pintassilgo trinou alegremente em algum ponto ali perto (como se vovô não tivesse dito nada pior do que lamba-meu-pé), viu que não ia cair raio nenhum. E no instante em que percebeu isso, produziu-se uma mudança pequena mas fundamental na vida de Clive Banning. A blasfêmia impune de vovô não faria dele um criminoso ou um menino perverso, nem mesmo uma coisa tão insignificante quanto "uma criança-problema" (expressão que há bem pouco tempo tinha ficado na moda). No entanto, o norte verdadeiro da crença desviou-se ligeiramente na mente de Clive e a maneira como estava ouvindo vovô mudou imediatamente. Antes, ela tinha *escutado* o velho. Agora ele o *seguia*.

— Os tempos em que você está sofrendo continuam para sempre, ao que parece — estava dizendo vovô. — Acredite em mim, Clivey, uma semana de sofrimento faz com que as melhores férias de verão que você teve quando era garoto pareçam um fim de semana. Que diabo, faz parecerem uma manhã de sábado! Quando penso nos sete meses que Johnny ficou ali deitado com aquela... aquela *coisa* que estava dentro dele, dentro dele e se alimentando das suas *vísceras*... Deus meu, eu não tenho nada que estar falando assim com um garoto. Sua vovó tem razão. Tenho juízo de galinha.

Vovô ficou pensativo, olhando para os pés, por um momento. Por fim ergueu os olhos e sacudiu a cabeça, não soturnamente, mas num gesto firme, quase divertido, de quem tira algo da cabeça.

— Nada disso tem importância. Eu disse que ia lhe dar instrução e, em vez disso, fico aqui uivando como um cachorro acabrunhado. Você sabe o que é um cachorro acabrunhado, Clivey?

O menino abanou a cabeça.

— Não tem importância. Isso fica para outro dia. — É claro que não houve outro dia, porque da outra vez que ele viu vovô, vovô estava num caixão, e Clive pensou que aquilo tinha sido uma parte importante da

instrução que vovô tinha lhe dado naquele dia. O fato de que o velho não sabia que a estava dando não lhe tirava importância. — Os homens velhos são como os velhos trens num pátio de manobras, Clivey, maldita montoeira de trilhos. Por isso eles dão voltas na plataforma circular cinco vezes antes de entrar.

— Está bem, vovô.

— O que quero dizer é que cada vez que tento chegar a um ponto, vou para outro lado.

— Eu sei, mas esses outros lados são muito interessantes.

Vovô sorriu.

— Se você é um vigarista, Clivey, é um vigarista danado de bom.

Clive retribuiu o sorriso e a escuridão da lembrança de Johnny Brinkmayer pareceu se afastar de vovô. Quando voltou a falar, sua voz tinha um tom mais prático.

— Seja lá como for, deixa pra lá essa porcaria. Passar um tempo comprido com dor é apenas um extra que o Senhor nos joga em cima. Você sabe como um homem junta cupons de brinde para trocar por alguma coisa como um barômetro de latão para pendurar no seu recanto ou um novo jogo de facas de cozinha, Clivey?

Clive fez que sim com a cabeça.

— Bem, o tempo-de-dor é assim... só que, acho que é preciso dizer, é mais um prêmio de *tapeação* do que um prêmio de verdade. O mais importante é que, quando você fica velho, o tempo normal, o tempo do meu-cavalinho-bonito, muda para tempo *curto*. É como quando você era garoto, só que ao contrário.

— Para trás.

— É.

A noção de que o tempo ia *depressa* quando se ficava velho estava além da capacidade de compreensão das emoções do menino, mas ele tinha suficiente inteligência para aceitar o conceito. Sabia que se uma ponta da gangorra subia, a outra tinha que baixar. Aquilo de que vovô estava falando, raciocinou ele, devia ser a mesma ideia: peso e contrapeso. *Tudo bem, é um ponto de vista*, teria dito o pai de Clive.

Vovô tirou novamente o maço de Kool do bolso-canguru e, dessa vez, tirou um cigarro cuidadosamente — não era o último do maço, mas o último que o menino o veria fumar. O velho amassou o maço e enfiou-o no lugar de onde tinha vindo. Acendeu seu último cigarro como tinha acendido o outro, com a mesma facilidade natural. Não deixou de tomar conhecimento do vento do topo da colina — pareceu, de algum modo, *negar* sua existência.

— Quando isso acontece, vovô?

— Não lhe posso dizer exatamente quando, e não acontece tudo de uma vez — disse vovô, molhando o fósforo como tinha feito com seu predecessor. — Parece que vem se esgueirando pra cima de você, feito um gato espreitando um esquilo. Finalmente você percebe. E quando você afinal percebe, ele não é mais honesto do que o modo como o menino Osgood contou os números.

— Bem, então, *o que* é que acontece? Como é que você percebe?

Vovô bateu a cinza do cigarro sem tirá-lo da boca. Fez isso com o polegar, batendo no cigarro do mesmo jeito que um homem pode dar umas batidinhas numa mesa. O menino nunca mais se esqueceu daquele som miúdo.

— Acho que o que se nota primeiro deve ser diferente para cada pessoa — disse o velho —, mas comigo começou quando eu tinha quarenta e qualquer coisa. Não me lembro exatamente quantos anos tinha, mas pode apostar que me lembro de *onde* eu estava... no Davis. Você conhece?

Clive confirmou com a cabeça. Seu pai quase sempre o levava lá, e à sua irmã, para tomarem vaca-preta quando estavam visitando vovô e vovó. Seu pai sempre os chamava de os Trigêmeos Bauchomoran, porque seus pedidos nunca variavam: o pai sempre pedia de baunilha; Patty, de chocolate e Clive, de morango. E seu pai se sentava entre os dois e lia enquanto eles ingeriam devagar suas delícias doces e geladas. Patty tinha razão quando dizia que você podia fazer o que quisesse quando seu pai estava lendo, o que acontecia na maior parte do tempo, mas, quando largava o livro e olhava em volta, você precisava se sentar direito e ter boas maneiras, senão se arriscava a levar um cascudo.

— Bem, eu estava lá dentro — continuou vovô, com o olhar ao longe, examinando uma nuvem que parecia um soldado tocando corneta passar

depressa pelo céu de primavera — para pegar um remédio para a artrite da sua vovó. Tínhamos tido chuva durante uma semana e ela estava com dores fortes. E de repente vi um mostruário novo na loja. Era difícil de não ver. Ocupava a maior parte de uma fileira, sim senhor. Havia máscaras e enfeites de gatos pretos e bruxas montadas em vassouras e coisas assim e havia aquelas abóboras de papelão que eles costumavam vender. Vinham numa sacola, com um elástico dentro. A ideia era que a criança despregava a abóbora do papelão e depois dava uma tarde de sossego pra sua mãe enquanto ficava colorindo a abóbora ou então brincando com os jogos que havia no lado de trás. Quando terminava, pendurava na porta como enfeite ou, se a família da criança era pobre demais para lhe comprar uma máscara na loja ou burra demais para lhe fazer uma fantasia com o que havia na casa, bom, então, podia-se grampear o elástico na coisa e a criança podia usá-la. Costumava haver uma porção de crianças andando pela cidade com sacos de papel na mão e aquelas máscaras de abóbora do Davis na cara quando chegava a noite de Halloween, Clivey! E, é claro, as balas estavam todas à venda lá. Sempre tinha aquele balcão com balas de centavo, lá perto dos refrigerantes, sabe de qual estou falando...

Clive sorriu. Sabia muito bem.

— ...mas isso era diferente. Eram balas numa quantidade imensa. Todos aqueles tipos imitando garrafas de cera, milho verde, barris de cerveja e bastões de alcaçuz.

"E achei que o velho Davis (naquela época havia mesmo um sujeito chamado Davis que dirigia o negócio, seu pai o tinha aberto lá pra 1910) estava com um ou dois parafusos frouxos. Que diabo, pensava comigo mesmo, Frank Davis montou as coisas de Halloween antes de o maldito verão sequer ter terminado. Passou-me pela cabeça ir até o balcão de receitas, onde ele estava, e lhe dizer isso, mas então uma parte de mim disse: epa, espere um segundo, George: *você* é quem está com um ou dois parafusos frouxos. E isso não estava muito longe da verdade, Clivey, porque *não era* mais verão e eu sabia disso tão bem quanto sei que estou parado aqui. Está vendo, isso é que eu quero que você compreenda: *eu sabia o que estava certo*.

"Pois se eu já não estava de olho esperando os colhedores de maçã que vinham de fora da cidade e não tinha feito uma encomenda de 500 formulários para entregar do outro lado da fronteira, no Canadá? E já não

estava de olho naquele camarada chamado Tim Warburton, que tinha vindo lá de Schenectady procurando emprego? Ele tinha um jeitão, parecia honesto, e achei que daria um bom capataz durante a época da colheita. Não estava pensando em perguntar se ele queria naquele dia mesmo, e não é que ele *sabia* que eu ia perguntar, pois tinha espalhado que ia cortar o cabelo em tal e tal lugar às tantas e tantas horas? Pensei comigo mesmo: que diabos, George, você não está moço demais para ficar senil? É, o velho Frank botou as coisas de Halloween um pouco mais cedo, sim, mas *verão*? Isso já passou, meu belo rapaz.

"Sabia muito bem disso, mas só por um segundo, Clivey, ou talvez tenham sido vários segundos, tinha *parecido* verão, ou que *tinha que ser* verão, porque era bem como se *fosse* verão. Entendeu o que quero dizer? Não demorei muito a meter setembro de volta na cabeça, mas até fazer isso... você sabe, eu me senti... — Franziu a testa e então, com relutância, usou a palavra que sabia mas que nunca usava na conversa com outro fazendeiro, para evitar ser acusado (ainda que só na cabeça do outro sujeito) de estar se fazendo de importante. — Eu me senti *consternado*. Essa é a única maneira danada que conheço para descrever isso. Consternado. E assim é que foi da primeira vez.

Olhou para o menino, que apenas ficou olhando de volta, sem sequer balançar a cabeça, de tão concentrado que estava. Vovô balançou a cabeça por ambos e derrubou outro pouco de cinza do cigarro com o lado do polegar. O menino achou que vovô estava tão perdido nos seus pensamentos que o vento estava praticamente fumando o cigarro todo por ele.

— Era como ir pra frente do espelho do banheiro só querendo fazer a barba e vendo aquele primeiro fio de cabelo branco na cabeça. Você percebe isso, Clivey?

— Sim, senhor.

— Muito bem. E, depois daquela primeira vez, começou a acontecer com todos os feriados. Você pensava que eles estavam pondo as coisas nos mostruários muito cedo e às vezes você até comentava isso com alguém, mas sempre tendo o cuidado de fazer parecer que você achava que os donos das lojas eram gananciosos. Que havia alguma coisa errada *com eles*, não *com você*. Percebe *isso*?

— Percebo.

— Porque — disse vovô — um comerciante ganancioso é algo que um homem pode entender, e algo que alguns homens até admiram, embora eu nunca tenha sido um deles. Eles costumavam dizer “Fulano está sempre afiado”, como se estar afiado, como aquele açougueiro Radwick que sempre metia o polegar no prato da balança se pudesse fazer sem ser apanhado, fosse uma bela maneira de agir. Nunca pensei assim, mas podia entender. Mas dizer alguma coisa que fizesse você parecer que sua cabeça tinha ficado meio engraçada... isso era outra história. Então, você apenas dizia: “Meu Deus, no ano que vem eles vão exibir os enfeites prateados antes que o feno esteja no celeiro”, e quem quer que ouvisse isso de você diria que isso era uma verdade evangélica. Mas não era uma verdade evangélica e, quando eu ia e examinava bem a coisa, Clivey, sabia que estavam pondo aquelas coisas nos mostruários bem perto do tempo de todos os anos.

“Então outra coisa aconteceu comigo. Deve ter sido uns cinco anos depois, deve ter sido sete. Acho que estava em torno dos 50, um pouco menos ou um pouco mais. Seja como for, fui convocado para jurado. Uma chatice, mas fui. O meirinho me fez prestar juramento, me perguntou se cumpriria com o meu dever e que Deus me ajudasse, e eu disse que sim, como se não tivesse passado toda a minha vida cumprindo com o meu dever a respeito de uma coisa ou de outra e que Deus me ajude. Depois ele pegou sua caneta e pediu meu endereço e eu dei para ele bem certinho. Então me perguntou minha idade e abri a boca prontinho para dizer 37.

Vovô jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada para a nuvem que parecia um soldado. Aquela nuvem, cuja parte que parecia uma corneta agora estava alongada como um trombone, tinha chegado na metade do caminho de um horizonte para o outro.

— Por que o senhor quis dizer isso, vovô? — Clive achava que tinha conseguido acompanhar tudo bastante bem até esse ponto, mas aqui empacara.

— Quis dizer isso porque foi a primeira coisa que me veio à cabeça! Diabos! De qualquer modo, sabia que estava errado e por isso parei por um instante. Acho que nem o meirinho nem nenhuma outra pessoa na sala do tribunal percebeu (parecia que quase todos estavam dormindo ou cochilando), e, mesmo que estivessem inteiramente acordados como o sujeito que levou com o cabo de vassoura da viúva Brown pelo traseiro,

não creio que alguém teria dado importância. Não foi mais do que quando um homem tentando fazer um lançamento difícil como que sacode o braço duas vezes antes de girar. Mas, porra! Perguntar a um homem qual é o raio da sua *idade* não é a mesma coisa que dar uma cusparada. Me senti como um idiota. Pareceu que, naquele segundo, eu não sabia *quantos* anos tinha se não tinha 37. Por um segundo, pareceu que podiam ser sete, 17 ou 77. Então me lembrei e disse 48 ou 51 ou qualquer droga. Mas perder a noção da sua idade, mesmo que por um segundo... *chuuuu!*

Vovô deixou cair o cigarro, desceu o calcanhar sobre ele e começou o ritual de primeiro destruí-lo e depois enterrá-lo.

— Mas isso é apenas *o começo*, Clivey, meu filho — prosseguiu e, embora estivesse usando essa expressão coloquial que às vezes usava, o menino pensou: eu gostaria de *ser* seu filho. Seu e não dele. — Depois de algum tempo, sai da primeira, passa a segunda e, antes que você perceba, o tempo se meteu na marcha alta e você está indo depressa, do jeito que as pessoas fazem na autoestrada hoje em dia, indo com tanta velocidade que seus carros derrubam as folhas das árvores no outono.

— O que é que o senhor quer dizer?

— O jeito que as estações mudam é o pior — disse o velho com ar distraído, como se não tivesse escutado o menino. — As estações diferentes *deixam de ser* estações diferentes. Parece que mamãe mal acabou de tirar as botas e meias de lã e cachecóis do sótão e já está na estação da lama e você imaginaria que um homem ficaria *contente* de ver passar a estação da lama (porra, eu sempre ficava), mas você não fica contente de vê-la acabar quando parece que a lama sumiu antes de você terminar de empurrar o trator para fora do primeiro atoleiro em que ele ficou preso. Então parece que você nem bem sapecou o chapéu de palha para o primeiro concerto da banda do ano e os choupos já começam a mostrar suas combinações.

Então vovô olhou para ele, uma sobrancelha levantada numa expressão irônica, como se estivesse esperando que o menino lhe pedisse uma explicação, mas Clive sorriu, deliciado com isso. Ele sabia muito bem o que era uma combinação, porque às vezes era tudo que sua mãe usava até por volta das 17h, pelo menos quando seu pai estava de viagem, vendendo eletrodomésticos e utensílios de cozinha e, quando podia, umas apólices de seguro. Quando seu pai viajava, sua mãe bebia de verdade e, às vezes,

bebia tanto que não podia se vestir até que o sol estivesse se preparando para descer. Então ela às vezes saía, deixando-o aos cuidados de Patty, enquanto ia visitar uma amiga doente. Uma vez ele disse a Patty: "Você já reparou como as amigas de mamãe ficam mais doentes quando papai está viajando?" E Patty riu até as lágrimas lhe rolarem pelo rosto e disse que, oh, sim, ela *tinha* reparado, sem dúvida tinha reparado *mesmo*.

O que vovô disse fez com que se lembrasse de como, quando os dias finalmente começavam a caminhar de volta para a escola, os choupos se modificavam de alguma forma. Quando o vento soprava, a parte de baixo das folhas virava para cima exatamente da cor da combinação mais bonita da sua mãe, uma cor prateada que era tão surpreendentemente triste quanto era adorável, uma cor que significava o fim do que você pensava que devia ser para sempre.

— Então — continuou vovô — você começa a perder o fio das coisas na sua mente. Não demais (não é ficar senil, como o velho Hayden lá adiante na estrada, graças a Deus), mas ainda assim é uma coisa desgraçosa, a maneira como você *perde o fio*. Não é feito *se esquecer* de coisas, isso seria uma coisa. Não, você se lembra delas mas as coloca nos lugares errados. Feito eu ter tanta certeza de que tinha quebrado o braço *depois* de nosso menino Billy morrer naquele acidente na estrada em 58. *Aquilo* foi uma coisa desgraçosa também. É uma que podia jogar em cima daquele reverendo Chadband. Billy estava indo atrás de um caminhão de cascalho, indo a menos de 35 quilômetros por hora, quando uma pedra que não era maior do que o mostrador desse relógio que dei pra você caiu da traseira do caminhão, bateu na estrada, saltou e partiu o para-brisa do nosso Ford. Caiu vidro nos olhos de Billy e o doutor disse que teria ficado cego de um deles ou talvez dos dois se tivesse sobrevivido, mas ele não sobreviveu: saiu da estrada e bateu num poste de eletricidade. Ele caiu em cima do carro e foi fritado do mesmo jeito que qualquer louco assassino que já se sentou na Velha Fagulha em Sing Sing[3]. E logo ele, que a pior coisa que tinha feito na vida talvez tivesse sido se fingir de doente para não ter que trabalhar na enxada na plantação de feijão quando nós ainda mantínhamos a horta.

"Mas estava dizendo como tinha certeza de que tinha quebrado o maldito braço *depois,* jurava o tempo todo que podia me lembrar de ir ao enterro com aquele braço ainda na tipoia! Sarah teve que me mostrar a

Bíblia da família primeiro e depois os papéis do seguro a respeito do meu braço para que eu pudesse acreditar que ela estava com a razão no sentido inverso: tinha sido dois meses completos antes e, quando enterramos Billy, já tinha tirado a tipoia. Ela me chamou de velho tolo e tive vontade de dar-lhe uma no lado da cabeça de tão danado que estava, mas estava danado porque estava *encabulado,* e pelo menos tive o bom senso de saber isso e deixá-la em paz. Ela só estava danada porque não gostava de pensar em Billy. Ele era a menina dos seus olhos, era mesmo."

— Puxa! — disse Clive.

— Não é ficar de *miolo mole*. É mais como ir até a cidade de Nova York e lá existem esses sujeitos nas esquinas com cascas de noz e um chumbinho de espingarda de pressão embaixo de uma delas e eles apostam que você não é capaz de dizer embaixo de qual casca de noz está o chumbinho. Você tem certeza de que pode saber, mas eles mexem as cascas tão infernalmente depressa que o enganam todas as vezes. Você simplesmente perde o fio. Parece que não tem jeito.

Deu um suspiro, olhando em volta, como se estivesse querendo se lembrar de onde exatamente eles estavam. Por um instante, seu rosto ficou com uma expressão de total impotência que desagradou o menino tanto quanto o deixou receoso. Não queria se sentir assim, mas não conseguia evitar. Era como se vovô tivesse tirado um curativo para mostrar ao menino uma ferida aberta que era sintoma de alguma coisa horrível. Alguma coisa como lepra.

— Parece que a primavera começou na semana passada — disse vovô —, mas as flores terão sumido amanhã se o vento continuar assim, e que o diabo me carregue se não parece que ele vai fazer isso mesmo. Um homem não consegue manter seu trem de pensamento quando as coisas vão assim tão depressa. Um homem não pode dizer: ei, espere aí um ou dois minutos, cavalo velho, enquanto me oriento! Não há ninguém *a quem* dizer. É como estar numa carroça que não tem condutor, se você está acompanhando meu raciocínio. Então, o que é que você conclui disso, Clivey?

— Bem — disse o menino —, o senhor tem razão numa coisa, vovô: parece que alguma espécie de idiota deve ter inventado essa história toda.

Ele não quis ser engraçado, mas vovô riu até seu rosto ficar novamente com aquele tom alarmante de roxo e, dessa vez, ele não só teve que se inclinar para a frente e colocar as mãos nos joelhos do macacão mas ainda

teve que passar um braço em volta do pescoço do menino para não cair no chão. Os dois teriam caído rolando se a tosse e o chiado do vovô não tivessem diminuído bem no momento em que o menino teve certeza de que o sangue ia jorrar do seu rosto, que estava inchado e roxo de tanto rir.

— Você é mesmo um gozador! — disse vovô, endireitando o corpo por fim. — Você é mesmo *uma coisa*!

— Vovô? O senhor está bem? Talvez a gente deva...

— Porra, não, não estou bem. Já tive meus dois ataques do coração nos últimos dois anos e se viver por mais dois anos ninguém vai ficar mais surpreso do que eu. Tudo que me propus dizer era que, velho ou moço, tempo rápido ou tempo lento, você pode andar em linha reta se se lembrar daquele cavalinho. Porque quando você contar e disser "meu cavalinho bonito" entre cada número, o tempo não vai ser nada mais senão tempo. Você faz isso e garanto que vai manter o desgraçado na cocheira. Você não pode contar o tempo todo: esse não é o plano de Deus. De qualquer modo, nisso eu vou de braço dado com aquele morrinha de cara sebosa do Chadband. Mas tem que se lembrar que você não é dono do tempo, é o tempo que é dono de você. Ele vai junto do seu lado na mesma velocidade a cada segundo de cada dia. Ele não se importa um pepino com você, mas isso não tem importância se você tiver um cavalinho bonito. Se tiver um cavalinho bonito, Clivey, você vai ter o calhorda bem na mão e deixar pra lá todos os Alden Osgood do mundo.

Inclinou-se na direção de Clive Banning.

— Você entendeu isso?

— Não, senhor.

— Eu sei que não. Você vai se lembrar disso?

— Sim, senhor.

Os olhos de vovô Banning ficaram estudando o menino durante tanto tempo que ele se sentiu incômodo e inquieto. Por fim, o velho balançou a cabeça num sentido positivo.

— É, acho que você vai se lembrar. Que o diabo me carregue se não acho.

O menino não disse nada. Na verdade, não podia pensar em nada para dizer.

— Você recebeu a instrução — disse vovô.

— Não recebi instrução nenhuma se não entendi! — berrou Clive numa raiva frustrada tão genuína e tão intensa que o deixou assustado. — Eu *não entendi*!

— Foda-se o entendimento — disse o velho tranquilamente. Pendurou o braço no pescoço do menino novamente e puxou-o para perto, puxou-o para perto pela última vez antes que vovó o encontrasse morto como uma pedra na cama um mês depois. Ela simplesmente acordou e lá estava vovô e o cavalinho de vovô tinha derrubado aos coices as cercas de vovô e tinha disparado por cima de todas as colinas do mundo.

Coração malvado, coração malvado. Bonito, mas com um coração malvado.

— Entendimento e instrução são primos que não se beijam — disse vovô nesse dia em meio às macieiras.

— Então o que é instrução?

— Recordação — disse o velho com serenidade. — Você consegue se lembrar desse cavalinho?

— Sim, senhor.

— Qual é o nome que ele tem?

O menino fez uma pausa.

— Tempo... eu acho.

— Bom. E de que cor ele é?

O menino pensou durante mais tempo dessa vez. Abriu sua mente como uma pupila no escuro.

— Não sei — disse por fim.

— Nem eu — disse o velho, soltando-o. — Acho que ele não tem uma cor e acho que não tem importância. O que importa é: você vai identificá-lo?

— Sim, senhor — disse o menino prontamente.

Um olhar brilhante e febril se prendeu na mente e no coração do menino como se tivesse sido grampeado.

— Como?

— Ele vai ser bonito — disse Clive Banning com absoluta certeza.

Vovô sorriu.

— Então! Clivey recebeu um pouco de instrução e isso o faz mais sábio e a mim mais abençoado... ou ao revés. Você quer uma fatia de torta de pêssego, menino?

— Quero, sim, senhor!

— Então o que estamos fazendo aqui em cima? Vamos lá pegar!

Foram.

E Clive Banning nunca esqueceu o nome, que era tempo; e a cor, que era nenhuma; e a aparência, que não era nem feia nem linda... mas apenas bonita. Nem se esqueceu da sua natureza, que era malvada; ou do que seu vovô dissera no caminho para baixo, palavras quase jogadas fora, perdidas no vento: ter um cavalinho para montar era melhor do que não ter cavalinho algum, não importava qual fosse o estado de espírito.

3 A cadeira elétrica na famosa penitenciária no estado de Nova York. (N. do T.)

Desculpe, número certo

NOTA DO AUTOR: As abreviaturas usadas em roteiros de filme são simples e, na opinião deste autor, existem basicamente para que as pessoas que os escrevem se sintam como se fossem membros de uma sociedade secreta. De qualquer maneira, convém que você tenha conhecimento de que CLOSE-UP quer dizer isso mesmo, PD quer dizer *Plano Detalhe*, INT quer dizer *Interior*, EXT quer dizer *Exterior*, SA quer dizer *Som Ambiente* e PV quer dizer *Ponto de Vista*. Provavelmente vocês já sabiam disso tudo para início de conversa, não é?

1º ATO

FADE-IN SOBRE:

A BOCA DE KATIE WEIDERMAN, PD

Ela está falando no telefone. Boca bonitinha. Em alguns segundos, veremos que o restante dela é igualmente bonitinho.

KATIE

Bill? Oh, ele disse que não está se sentindo muito bem, mas ele fica sempre assim entre um livro e outro... não consegue dormir, acha que cada dor de cabeça é o primeiro sintoma de um tumor no cérebro... logo que começa alguma coisa nova, fica ótimo.

ÁUDIO, SA: A TELEVISÃO

A CÂMERA RECUA. KATIE está sentada no vão do telefone da cozinha, batendo um bom papo com sua irmã, enquanto folheia alguns catálogos. Devemos notar algo não muito comum quanto ao telefone que está usando: é do tipo de duas linhas. Há BOTÕES LUMINOSOS para indicar quais são as linhas em uso. Neste momento, apenas uma está em uso — a de KATIE. ENQUANTO KATIE CONTINUA SUA CONVERSA, A CÂMERA GIRA PARA O LADO OPOSTO A ELA, SE DESLOCA ATRAVÉS DA COZINHA e passa pelo portal em arco que conduz à sala de estar.

KATIE (voz, sumindo)

Oh, vi Janie Charlton hoje... foi! Do tamanho de uma *baleia*!...

Ela desaparece. O volume da tevê fica mais alto. Há três crianças: JEFF, 8 anos, CONNIE, 10, e DENNIS, 13. *A Roda da Fortuna* está no ar, mas não

estão assistindo. Em vez disso, estão engajados naquele passatempo divertido: Brigando pelo Programa Seguinte.

JEFF

Que é isso! Foi o primeiro *livro* dele!

CONNIE

O primeiro livro *pesado* dele.

DENNIS

Nós vamos assistir *Cheers* e *Wings*, exatamente como fazemos todas as semanas, Jeff.

DENNIS fala com o tom de coisa absolutamente definitiva que só um irmão mais velho é capaz de adotar. A expressão do seu rosto está dizendo: — Quer falar mais nisso e ver quanta dor posso fazer você sentir nesse corpo esquelético, Jeff?

JEFF

podemos pelo menos gravá-lo?

CONNIE

Estamos gravando a CNN para mamãe. Ela disse que talvez ficasse um bocado de tempo no telefone com tia Lois.

JEFF

Como se pode gravar a CNN, pelo amor de Deus? *Não para nunca!*

DENNIS

É por isso que ela gosta da CNN.

CONNIE

E não diga "pelo amor de Deus", Jeffie, você ainda não tem idade bastante para falar de Deus a não ser na igreja.

JEFF

Então não me chame de Jeffie.

CONNIE

Jeffie, Jeffie, Jeffie.

JEFF se levanta, anda até a janela e olha para a escuridão. Ele está realmente aborrecido. DENNIS e CONNIE, na velha tradição de irmãos e

irmãs mais velhos, adoram ver isso.

DENNIS

Pobre Jeffie.

CONNIE

Acho que ele vai cometer suicídio.

JEFF (vira-se para eles)

Foi o *primeiro* livro dele! Vocês dois nem *se importam*?

CONNIE

Alugue na Vídeo Stop amanhã, se quer tanto ver.

JEFF

Eles não alugam filmes proibidos para menores, para garotos pequenos, e vocês sabem bem disso!

CONNIE (com ar sonhador)

Cala a boca, é Vanna! Eu *adoro* Vanna!

JEFF

Dennis...

DENNIS

Vai pedir pro papai gravar no vídeo do seu escritório e deixe de ser um boboca tão insuportável.

JEFF atravessa a sala, mostrando a língua para Vanna White enquanto vai andando. A CÂMERA SEGUE-O Quando ele entra na cozinha.

KATIE

...então, quando ele me perguntou se o exame de estreptococo de *Polly* tinha dado positivo, tive que lembrar a ele que ela está interna na escola preparatória... e, meu Deus, Lois, sinto saudades dela...

JEFF está apenas passando por ali, a caminho da escada.

KATIE

Crianças, vocês podem *por favor* ficar quietas?

JEFF (com uma expressão infeliz)

Eles vão ficar quietos. *Agora*.

Ele sobe a escada, um pouco infeliz. KATIE acompanha-o com o olhar por um momento, com carinho e preocupação.

KATIE

Eles estão discutindo de novo. Polly costumava mantê-los bem-comportados, mas agora que ela está lá na escola... não sei... talvez isso de mandá-la para Bolton não tenha sido uma ideia assim tão boa. Às vezes, quando telefona para cá, ela parece tão *infeliz*...

INT. BELA LUGOSI COMO DRÁCULA, CLOSE-UP

Drácula está parado na porta do seu castelo na Transilvânia. Alguém colou um balão de história em quadrinhos saindo da sua boca, no qual se lê: "Ouçam! As minhas crianças da noite! Que música elas produzem!" O pôster está colado numa porta, mas só vemos isso quando JEFF a abre e entra no escritório do pai.

INT. UMA FOTOGRAFIA DE KATIE, CLOSE-UP

A CÂMERA FICA PARADA, DEPOIS MOVE-SE LENTAMENTE PARA A DIREITA. Passamos por outra fotografia, esta de POLLY, a filha que está no colégio interno. É uma moça adorável, com uns 16 anos. Depois de POLLY está DENNIS... depois CONNIE... e então JEFF.

A CÂMERA CONTINUA A GIRAR E TAMBÉM A ABRIR O ÂNGULO DE VISÃO ATÉ QUE PODEMOS VER BILL WEIDERMAN, um homem de 44 anos, aproximadamente. Tem um ar cansado. Está olhando fixo para o processador de texto sobre sua escrivaninha, mas sua bola de cristal mental deve ter tirado folga nessa noite, porque a tela está vazia. Nas paredes vemos capas de livro emolduradas. Todas elas são assustadoras. Um dos títulos é *Beijo fantasma*.

JEFF se aproxima silenciosamente por trás de seu pai. O carpete abafa seus passos. BILL dá um suspiro e desliga o processador de texto. Um instante depois jeff bate com as duas mãos nos ombros do pai.

JEFF

BUGA-BUGA!

BILL

Olá, Jeffie.

Vira-se na cadeira para olhar para o filho, que está decepcionado.

JEFF

Como é que você não se assustou?

BILL

Assustar é o meu negócio. Estou acostumado. Alguma coisa errada?

JEFF

Papai, posso assistir à primeira hora de *Beijo fantasma* e você grava o resto? Dennis e Connie estão pegando *tudo*.

BILL gira a cadeira para olhar para a capa do livro, espantado.

BILL

Você tem certeza de que quer ver *isso*, campeão? É um bocado...

JEFF

Quero!

INT. KATIE, NO VÃO DO TELEFONE

Nesta tomada, vemos claramente a escada que leva para o escritório do marido, por trás dela.

KATIE

Eu *realmente* acho que Jeff precisa de um trabalho de ortodontia, mas, você sabe, Bill...

A outra linha toca. A outra luz pisca.

KATIE

Isso é só a outra linha, Bill vai...

Mas agora vemos BILL e JEFF descendo a escada atrás dela.

BILL

Meu bem, onde estão as fitas virgens? Não consigo encontrar nenhuma no escritório e...

KATIE (para BILL)

Espere!

(PARA LOIS)

Vou pôr você na espera por um segundo, Lo.

Assim faz. Agora ambas as linhas estão piscando. Ela aperta a de cima, na qual uma nova chamada acabou de entrar.

KATIE

Alô. Casa dos Weiderman.

ÁUDIO: SOLUÇOS DESESPERADOS

VOZ SOLUÇANDO (filtro)

Leve... por favor leve... l-l-

KATIE

Polly? É você? O que houve?

ÁUDIO: SOLUÇOS. É horrível, de partir o coração.

VOZ SOLUÇANDO (filtro)

Por favor... depressa...

ÁUDIO: SOLUÇOS... Depois, CLIQUE! Ligação cortada.

KATIE

Polly, fique calma! O que quer que seja, não pode ser tão ru...

RUÍDO DE DISCAR

JEFF foi andando para a sala de televisão, na esperança de encontrar uma fita virgem.

BILL

Quem era?

Sem olhar para o marido nem lhe dar resposta, KATIE aperta com força o botão de baixo novamente.

KATIE

Lois? Ouça, depois te ligo. Era Polly, e ela parecia muito nervosa. Não... ela desligou. É. Vou. Obrigada.

Ela desliga.

BILL (preocupado)

Era Polly?

KATIE

Chorando até não poder mais. Parecia que estava querendo dizer "Por favor, leve-me para casa"... Eu sabia que aquela maldita escola a estava sugando... Por que fui deixar você me convencer a...

Ela está remexendo freneticamente a sua mesinha de telefone. Catálogos escorregam para o chão em volta do banquinho onde está sentada.

KATIE

Connie, você pegou meu livro de endereços?

CONNIE (VOZ)

Não, mamãe.

BILL puxa uma caderneta bem gasta do bolso de trás e a folheia.

BILL

Eu tenho aqui. Só que...

KATIE

Eu sei, o maldito telefone do dormitório está sempre ocupado. Dê para mim.

BILL

Meu bem, se acalme.

KATIE

Vou me acalmar depois de falar com ela. Ela tem 16 anos, Bill. Moças de 16 anos têm tendência a períodos de depressão. Elas às vezes até se su... me dê logo esse maldito número!

BILL

617-555-8641.

Enquanto digita os números, A CÂMERA DESLIZA PARA UM CLOSE-UP.

KATIE

Vamos, vamos... não esteja ocupado... só desta vez...

ÁUDIO: CLIQUES. Uma pausa. Então... o telefone começa a tocar.

KATIE (com os olhos fechados)

Obrigada, meu Deus.

VOZ (filtro)

Hartshorn Hall, aqui é Frieda. Se quer falar com Christine, a Rainha do Sexo, ela ainda está no chuveiro, Arnie.

KATIE

Você pode chamar Polly ao telefone? Polly Weiderman? Aqui é Kate Weiderman. A mãe dela.

VOZ (filtro)

Oh, puxa! Desculpe. Pensei... espere um instante, por favor, senhora Weiderman.

ÁUDIO: O TELEFONE BATE NUMA SUPERFÍCIE

VOZ (filtro e muito fraca)

Polly? Pol?... Telefone!... É sua mãe!

INT. UM ÂNGULO MAIOR SOBRE O VÃO DO TELEFONE, COM BILL

BILL

Então?

KATIE

Alguém foi chamá-la. Eu espero.

JEFF volta com uma fita de vídeo.

JEFF

Encontrei uma, papai. Dennis tinha escondido elas. Como sempre.

BILL

Dentro de um minuto, Jeff. Vá e fique vendo a tevê.

JEFF

Mas...

BILL

Não vou me esquecer. Agora vá *pra lá*.

JEFF sai.

KATIE

Vamos, vamos, vamos...

BILL

Acalme-se, Katie.

KATIE (irritada)

Se você a tivesse escutado, não iria me dizer para me acalmar! Ela parecia...

POLLY (filtro, voz alegre)

Oi, mamãe!

KATIE

Pol? Querida? Você está bem?

POLLY (feliz, voz esfuziante)

Se eu estou *bem*? Gabaritei a prova de biologia, tirei 80 na monografia de francês coloquial e Ronnie Hansen me convidou para ir com ele ao Baile da Colheita. Estou tão bem que se me acontecer mais uma coisa boa hoje provavelmente vou explodir como o *Hindenburg*.

KATIE

Você não me telefonou ainda há pouquinho, chorando até não poder mais?

Vemos, pela fisionomia de KATIE, que já sabe a resposta a essa pergunta.

POLLY (filtro)

Claro que não!

KATIE

Estou contente pela prova e pelo programa, querida. Acho que foi alguma outra pessoa. Voltarei a telefonar para você, está bem?

POLLY (filtro)

Tá. Diga oi pro papai!

KATIE

Direi.

INT. O VÃO DO TELEFONE, ÂNGULO MAIOR

BILL

Ela está bem?

KATIE

Ótima. Podia *jurar* que tinha sido Polly, mas... *ela* está nas nuvens.

BILL

Então foi um trote. Ou alguém que estava chorando tanto que discou um número errado... “através de um véu trêmulo de lágrimas”, como nós, escribas veteranos, gostamos de dizer.

KATIE

Não foi uma brincadeira de mau gosto e não foi um número errado! Foi alguém da *minha família*!

BILL

Meu bem, você não tem como saber isso.

KATIE

Não? Se Jeffie telefonasse, apenas chorando, você não saberia que era ele?

BILL (impressionado com isso)

É, talvez. Acho que saberia.

Ela não está prestando atenção. Está digitando números, velozmente.

BILL

Pra quem você está telefonando?

Ela não lhe responde. ÁUDIO: TELEFONE TOCA DUAS VEZES. Então:

VOZ FEMININA MAIS VELHA (filtro)

Alô?

KATIE

Mamãe? Você está... (faz uma pausa) Você telefonou para cá uns segundos atrás?

VOZ (filtro)

Não, querida... por quê?

KATIE

Oh... você sabe como são esses telefones. Estava falando com Lois e perdi a outra ligação.

VOZ (filtro)

Bem, não fui eu. Kate, vi o vestido *mais bonito* que você pode imaginar na La Boutique hoje, e...

KATIE

Falamos disso depois, mamãe, está bem?

VOZ (filtro)

Kate, você está bem?

KATIE

Estou com... mamãe, acho que estou com diarreia.

Tenho que desligar. Tchau.

Ela desliga. BILL se contém até ela desligar, depois estoura em GARGALHADAS que parecem um burro zurrando.

BILL

Puxa... diarreia... preciso me lembrar dessa na próxima vez que meu agente telefonar... Oh, Katie, essa foi genial...

KATIE (quase gritando)

Isso não tem graça nenhuma!

BILL para de dar gargalhadas.

INT. A SALA DE TELEVISÃO

JEFF e DENNIS estavam lutando. Param. As três crianças olham na direção da cozinha.

INT. O VÃO DO TELEFONE, COM BILL E KATIE

KATIE

Estou lhe dizendo que foi alguém da minha família e ela parecia... oh, você não compreende. Eu *conheço* essa voz.

BILL

Mas se Polly está bem e sua mãe está bem...

KATIE (com convicção)

É Dawn.

BILL

Vamos, bem, há um minuto você tinha certeza de que era Polly.

KATIE

Tem que ter sido Dawn. Eu estava no telefone com Lois e mamãe está bem, então Dawn é a única que pode ter sido. Ela é a mais moça...

eu podia ter confundido a voz dela com a de Polly... e ela está lá longe naquela casa de fazenda sozinha com o bebê!

BILL (assustado)

O que você quer dizer com sozinha?

KATIE

Jerry está em Burlington! É Dawn! *Aconteceu alguma coisa com Dawn!*

CONNIE entra na cozinha, preocupada.

CONNIE

Mamãe? A tia Dawn está bem?

BILL

Até onde nós sabemos, ela está ótima. Acalme-se, princesa. Não é bom ficar imaginando coisas ruins antes que elas aconteçam.

KATIE digita o número e fica escutando. ÁUDIO: O UON-UON-UON do sinal de ocupado. KATIE desliga. BILL lhe dirige um olhar de indagação com as sobrancelhas erguidas.

KATIE

Ocupado.

BILL

Katie, você tem certeza...

KATIE

Ela é a única que falta, tem que ter sido ela. Bill, estou com medo. Você me leva até lá?

BILL tira o telefone da sua mão.

BILL

Qual é o número dela?

KATIE

555-6169.

BILL digita. Obtém sinal de ocupado. Desliga e aperta o 0.

TELEFONISTA (filtro)

Telefonista.

BILL

Telefonista, estou tentando ligar para minha cunhada. A linha está ocupada. Desconfio que pode haver algum problema. A senhora pode entrar na linha, por favor?

INT. A PORTA PARA A SALA DE TELEVISÃO

Todas as três crianças estão paradas ali, caladas e preocupadas.

INT. O VÃO DO TELEFONE, COM BILL E KATIE

TELEFONISTA (filtro)

O nome do senhor?

BILL

William Weiderman. Meu número é...

TELEFONISTA (filtro)

Não é o William Weiderman que escreveu *A praga da aranha*?!

BILL

É, esse fui eu que escrevi. Se...

TELEFONISTA (filtro)

Oh, meu Deus, eu simplesmente *adorei* aquele livro! Adoro *todos* os seus livros! Eu...

BILL

Estou muito contente que a senhora goste deles, mas neste momento minha mulher está muito preocupada com a irmã. Se a senhora pudesse...

TELEFONISTA (filtro)

Posso sim, posso fazer isso. Por favor dê-me o seu número, senhor Weiderman, para o registro. (Ela dá uma RISADINHA.) *Prometo* que não darei para ninguém.

BILL

É 555-4408

TELEFONISTA (filtro)

E o número chamado?

BILL (olha para KATIE)

Ééé...

KATIE

555-6169

BILL

555-6169

TELEFONISTA (filtro)

Só um minuto, senhor Weiderman... A propósito, *A noite da fera* também foi ótimo. Aguarde na linha.

ÁUDIO: CLIQUES E CLAQUES DE TELEFONE

KATIE

Ela está...

BILL

Está. É só...

Ouve-se um último CLIQUE.

TELEFONISTA (filtro)

Lamento, senhor Weiderman, mas essa linha não está ocupada. O telefone está fora do gancho. Se eu lhe mandar o meu exemplar de *A praga da aranha*, será que...

BILL desliga o telefone.

KATIE

Por que você desligou?

BILL

Ela não consegue entrar na linha. O telefone não está ocupado. Está fora do gancho.

Olham um para o outro com uma expressão preocupada.

EXT. UM CARRO ESPORTE DE LINHA AERODINÂMICA PASSA PELA CÂMERA

NOITE

INT. O CARRO, COM KATIE E BILL

KATIE está assustada. BILL, ao volante, não está com a fisionomia muito calma.

KATIE

Olhe, Bill, diz pra mim que ela está bem.

BILL

Ela está bem.

KATIE

Agora me diz o que você realmente está pensando.

BILL

Hoje de noite, Jeff veio se esgueirando por trás de mim e lançou o velho buga-buga em cima de mim. Ficou muito decepcionado quando eu não dei um pulo. Disse a ele que já estava acostumado. (Pausa.) Foi mentira.

KATIE

Por que Jerry tinha que se mudar lá pra longe, quando ele está fora a metade do tempo? Ela e aquele bebezinho sozinhos? *Por quê*?

BILL

Shh, Kate. Estamos quase chegando.

KATIE

Vá mais depressa.

EXT. O CARRO

Ele vai mais depressa. O carro está voando.

INT. A SALA DE TELEVISÃO DOS WEIDERMAN

A tevê ainda está ligada e as crianças ainda estão ali, mas as implicâncias pararam.

CONNIE

Dennis, você acha que tia Dawn está bem?

DENNIS (acha que ela está morta, decapitada por um maníaco)

Está. Claro que está.

INT. O TELEFONE, CAMPO DA SALA DE TELEVISÃO

Apenas imóvel ali na parede do vão do telefone, os botões apagados, parecendo uma cobra pronta para dar o bote.

FADE-OUT

2º ATO

EXT. UMA CASA DE FAZENDA ISOLADA

Um caminho de acesso comprido leva até ela. Há uma luz acesa na sala de visitas. As luzes do carro varrem o caminho. O carro dos WEIDERMAN para junto da garagem e o motor desliga.

INT. O CARRO, COM BILL E KATIE

KATIE

Estou com medo.

BILL se abaixa, estica a mão para debaixo do seu banco e retira uma pistola.

BILL (com ar solene)

Buga-buga.

KATIE (completamente surpresa)

Há quanto tempo você tem isso?

BILL

Desde o ano passado. Não queria assustar você nem as crianças. Tenho porte de arma. Vamos.

EXT. BILL E KATIE

Saem do carro. KATIE fica parada na frente do carro enquanto BILL vai até a garagem e espia para dentro.

BILL

O carro dela está aqui.

A CÂMERA SE DESLOCA COM ELES até a porta da frente. Agora podemos ouvir a tevê, A TODO O VOLUME. BILL aperta o botão da campainha. Ouvimos a campainha tocando lá dentro. Eles esperam. KATIE aperta a campainha. Continua sem ninguém vir atender. Aperta de novo e não tira o dedo. BILL olha para baixo, para:

EXT. A FECHADURA, CAMPO DE BILL

Arranhões grandes na fechadura.

EXT. BILL E KATIE

BILL (em voz baixa)

A fechadura foi forçada.

KATIE olha e dá um gemido. BILL experimenta a porta. Ela se abre. O volume da tevê fica mais alto.

BILL

Fique atrás de mim. Esteja pronta para correr se acontecer alguma coisa. Meu Deus, gostaria de ter deixado você em casa, Kate.

Começa a entrar. KATIE vem atrás dele, apavorada, quase chorando.

INT. A SALA DE VISITA DE DAWN E JERRY

Deste ângulo, vemos apenas uma pequena parte da sala. O volume da tevê está muito mais alto. BILL entra na sala, a arma levantada. Olha para a direita... e de repente toda sua tensão desaparece. Abaixa a arma.

KATIE (chega mais perto, atrás dele)

Bill... o que...

Ele aponta.

INT. A SALA DE VISITA, ÂNGULO ABERTO, CAMPO DE BILL E KATIE

O lugar parece ter sido atingido por um furacão... mas não foi assalto e assassinato que causaram essa confusão — apenas um saudável bebê de 18 meses. Depois de um dia exaustivo de virar a sala de visita de pernas pro ar, o bebê se cansou e a mamãe ficou cansada e ambos caíram no sono juntos, no sofá. O bebê está no colo de DAWN. Ela está com os fones de um *walkman* nos ouvidos. Há brinquedos — na maioria, coisas resistentes de Vila Sésamo e Playskool — espalhados por todos os lados. O bebê também derrubou todos os livros da estante. Aparentemente, comeu parte de um deles. BILL vai até o livro e o apanha. É *Beijo fantasma*.

BILL

Já ouvi pessoas dizerem que simplesmente devoram meus livros, mas isso é demais.

Ele está achando graça. KATIE, não. Ela vai até a irmã, pronta para ficar furiosa... mas vê como DAWN parece realmente exausta e se amolece.

INT. DAWN E O BEBÊ, CAMPO DE KATIE

Ferrados no sono e respirando tranquilos, como um quadro de Rafael da Madona com a Criança. A CÂMERA SE DIRIGE PARA BAIXO PARA: o *walkman*. Podemos ouvir os acordes fracos de Huey Lewis and The News. A CÂMERA SE DIRIGE MAIS ADIANTE PARA um telefone Princesa na mesinha ao

lado da poltrona. Está fora do gancho. Não inteiramente, apenas o suficiente para cortar a ligação e deixar as pessoas mortas de medo.

INT. KATIE

Ela suspira, abaixa-se e recoloca o telefone no gancho. Depois, aperta o botão de STOP do *walkman*.

INT. DAWN, BILL E KATIE

DAWN desperta quando a música para. Olha intrigada para BILL e KATIE.

DAWN (meio aturdida)

Bem... olá.

Percebe que está com os fones do *walkman* nos ouvidos e os retira.

BILL

Olá, Dawn.

DAWN (ainda meio dormindo)

Deviam ter telefonado, gente. A casa está uma bagunça.

Ela sorri. Sua fisionomia fica radiante quando ela sorri.

KATIE

Nós *tentamos*. A telefonista disse a Bill que o telefone estava fora do gancho. Achei que tinha acontecido alguma coisa. Como é que você consegue dormir com essa música aos berros?

DAWN

É relaxante.

(Vê o livro mastigado que BILL está segurando.)

Oh, meu Deus, Bill, me desculpe! Os dentes de Justin estão crescendo e...

BILL

Há críticos que diriam que ele pegou a coisa certa para ajudar os dentes a saírem. Não quero assustá-la, gatinha, mas alguém esteve usando uma chave de fenda ou coisa parecida na fechadura da sua porta da frente. Quem quer que tenha sido, a arrombou.

DAWN

Céus, não! Foi Jerry, na semana passada. Nos tranquei do lado de fora por engano, ele não estava com a chave e a sobressalente não estava em cima do portal como devia estar. Ele ficou furioso porque estava muito apertado para fazer xixi e então meteu a chave de fenda nela. Também não deu resultado — é uma fechadura danada de resistente. (Pausa.) Quando afinal encontrei minha chave, ele já tinha se metido nos arbustos.

BILL

Se ela não foi arrombada, como é que eu simplesmente abri a porta e entrei?

DAWN (com ar de culpa)

Bem... às vezes esqueço de trancar.

KATIE

Dawn, você não me telefonou hoje de noite?

DAWN

Deus meu, não! Não telefonei para *ninguém*! Estava ocupada demais correndo atrás do Justin! Ele ficava querendo comer o amaciante de tecidos! Depois ele ficou com sono, sentei ali e pensei em escutar umas músicas enquanto esperava o seu filme começar, Bill, e peguei no sono...

Ante a menção do filme, BILL faz uma expressão visível de susto e olha para o livro. Depois olha o relógio.

BILL

Prometi gravá-lo para Jeff. Vamos, Katie, ainda podemos voltar a tempo.

KATIE

Só um minuto.

Pega o telefone e disca.

DAWN

Puxa, Bill, você acha que Jeffie já tem idade para ver uma coisa dessas?

BILL

Está em rede nacional. Eles tiram as cenas de sangue.

DAWN (confusa, mas simpática)

Oh. Isso é bom.

INT. KATIE, CLOSE-UP

DENNIS (filtro)

Alô?

KATIE

Achei que vocês iam querer saber que tia Dawn está bem.

DENNIS (filtro)

Oh! Que bom. Obrigado, mamãe.

INT. O VÃO DO TELEFONE, COM DENNIS E OS OUTROS

Dennis está com uma expressão de *grande* alívio.

DENNIS

Tia Dawn está bem.

INT. O CARRO, COM BILL E KATIE

Seguem em silêncio durante algum tempo.

KATIE

Você acha que eu sou uma idiota histérica, não é?

BILL (surpreso de verdade)

Não! Eu também fiquei assustado.

KATIE

Tem certeza de que não está zangado?

BILL

Estou muitíssimo aliviado. (Dá uma risada.) Ela é meio avoada, a velha Dawn, mas eu a amo.

KATIE (se debruça e lhe dá um beijo)

Eu amo *você*. Você é um homem doce.

BILL

Eu sou o *bicho-papão*!

KATIE

A mim você não engana, meu coração.

EXT. O CARRO

PASSA PELA CÂMERA E DISSOLVE PARA:

INT. JEFF, NA CAMA

Seu quarto está às escuras. As cobertas estão puxadas até o queixo.

JEFF

Você *promete* gravar o resto?

A CÂMERA ABRE O ÂNGULO de modo que possamos ver BILL, sentado na beira da cama.

BILL

Prometo.

JEFF

Eu gostei principalmente da parte em que o cara morto arrancou a cabeça do *punk*.

BILL

Bem... eles *costumavam* tirar todas as cenas de sangue.

JEFF

O que, papai?

BILL

Nada. Amo você, Jeffie.

JEFF

Também amo você. E Rambo também ama você.

JEFF ergue um dragão de pano com um ar nitidamente nada agressivo. BILL dá um beijo no dragão e depois em JEFF.

BILL

Boa noite.

JEFF

Boa noite. (Quando BILL chega à porta:) Tô contente que a tia Dawn está bem.

BILL

Eu também.

Ele sai.

INT. TV, CLOSE-UP

Um sujeito que parece ter morrido num acidente de automóvel umas duas semanas antes da filmagem (e desde então ficou exposto a um clima muito quente) está cambaleando para fora de uma cripta. A CÂMERA ABRE O ÂNGULO Para mostrar BILL, soltando o botão de PAUSE do GRAVADOR DE VÍDEO.

KATIE (VOZ)

Buga-buga.

BILL olha em volta com um ar afetuoso. A CÂMERA ABRE MAIS O ÂNGULO para mostrar KATIE, que está usando uma camisola *sexy*.

BILL

O mesmo para você. Perdi os primeiros 40 segundos depois do comercial. Tive que dar um beijo no Rambo.

KATIE

Tem certeza de que não está zangado comigo, Bill?

Vai até ela e lhe dá um beijo.

BILL

Nem um tiquinho.

KATIE

É só que eu podia jurar que era alguém da minha gente. Você entende o que eu quero dizer? Alguém da minha gente?

BILL

Entendo.

KATIE

Ainda ouço aqueles soluços. Tão perdidos... tão de coração partido.

BILL

Kate, alguma vez você achou que tinha reconhecido alguém na rua, chamou-a e depois viu que se tratava de um completo estranho?

KATIE

Já, uma vez. Em Seattle. Estava num *shopping* e achei que tinha visto uma antiga companheira de quarto no colégio. Eu... oh. Estou entendendo o que você quer dizer.

BILL

Claro. Há pessoas com vozes parecidas como há pessoas com feições parecidas.

KATIE

Mas... *cada um conhece sua própria gente*. Pelo menos era o que eu achava até hoje de noite.

Ela encosta a face no ombro dele, com uma expressão perturbada.

KATIE

Tinha *tanta certeza* de que era Polly...

BILL

Porque você tem andado preocupada com ela se firmar na nova escola... Mas a julgar pelo que ela lhe disse hoje de noite, diria que nessa área ela está se dando muito bem. Você não acha?

KATIE

É... acho que sim.

BILL

Esqueça isso, meu bem.

KATIE (olhando bem para ele)

Detesto ver você com um ar tão cansado. Ande depressa e arranje uma ideia, vá.

BILL

Bem, estou tentando.

KATIE

Você vem se deitar?

BILL

Assim que acabar de gravar isso para Jeff.

KATIE (achando graça)

Bill, esse aparelho foi feito por técnicos japoneses que pensam em praticamente tudo. Ele funciona sozinho.

BILL

É, mas faz muito tempo desde que vi este aí e...

KATIE

Está bem. Divirta-se. Acho que vou ficar acordada ainda por algum tempo. (Pausa.) Estou pensando numas coisas.

BILL (sorri)

É mesmo?

KATIE

É.

Ela começa a ir embora, mostrando um bocado da perna, depois se volta da porta como se de repente tivesse se lembrado de alguma coisa.

KATIE

Se mostrarem aquela parte em que a cabeça do *punk* é...

BILL (com ar de culpa)

Eu corto.

KATIE

Boa noite. E obrigada, mais uma vez. Por tudo.

Ela sai. BILL se senta na sua poltrona.

INT. TEVÊ, CLOSE-UP

Um casal está se agarrando dentro de um carro. De repente, a porta do carro é arrancada pelo sujeito morto e FUSÃO PARA:

INT. KATIE, NA CAMA

Está escuro. Ela está dormindo. Acorda... mais ou menos.

KATIE (sonolenta)

Ei, grandalhão...

Tateia em busca dele, mas seu lado da cama está vazio, a colcha ainda para cima. Ela se senta na cama. Olha para:

INT. UM RELÓGIO NA MESINHA DE CABECEIRA, CAMPO DE KATIE

O relógio está marcando 2h03. Então passa para 2h04.

INT. KATIE

Inteiramente acordada agora. E preocupada. Levanta-se, veste o robe e sai do quarto de dormir.

INT. A TELA DA TEVÊ, CLOSE-UP

Fora do ar.

KATIE (voz, aproximando-se)

Bill? Meu bem? Você está bem? Bill? Bi...

INT. KATIE, NO ESCRITÓRIO DE BILL

Ela está petrificada, com os olhos arregalados de horror.

INT. BILL, NA SUA POLTRONA

Ele está caído para um lado, os olhos fechados, uma das mãos dentro da camisa. DAWN estava dormindo. BILL, não.

EXT. UM CAIXÃO, SENDO BAIXADO PARA DENTRO DE UMA SEPULTURA

PASTOR (voz)

E assim confiamos à terra os restos mortais de William Weiderman, confiantes em seu espírito e sua alma. "Não sejais atirados para o fundo, irmãos..."

EXT. AO LADO DA SEPULTURA

Todos os WEIDERMAN estão enfileirados ali. KATIE e POLLY usam vestidos e véus pretos idênticos. CONNIE está com uma saia preta e uma blusa branca. DENNIS e JEFF usam ternos pretos. JEFF está chorando. Está com Rambo debaixo do braço para sentir um pouco mais de consolo.

A CÂMERA SE APROXIMA DE KATIE. As lágrimas lhe escorrem pelo rosto. Ela se abaixa e pega um punhado de terra. Atira-a dentro da sepultura.

KATIE

Amo você, grandalhão.

EXT. JEFF

Chorando.

EXT. OLHANDO PARA DENTRO DA SEPULTURA

Terra espalhada por cima do caixão.

FUSÃO PARA:

EXT. A SEPULTURA

UM COVEIRO assenta o último torrão de terra no lugar.

COVEIRO

Minha mulher disse que gostaria que o senhor tivesse escrito uns dois ou três mais antes de ter seu ataque do coração, doutor. (Pausa.) Por mim, prefiro os de caubóis.

O COVEIRO se afasta, assobiando.

FUSÃO PARA:

EXT. UMA IGREJA DIA

LETREIRO: CINCO ANOS DEPOIS

Está tocando a MARCHA NUPCIAL. POLLY, mais velha e radiante de alegria, emerge para uma chuva de grãos de arroz. Está vestida de noiva, com o marido recém-casado ao lado.

Convidados atirando grãos de arroz de ambos os lados do caminho. Detrás da noiva e do noivo vão surgindo os outros. Dentre eles, estão KATIE, DENNIS, CONNIE e JEFF... todos cinco anos mais velhos. Com KATIE está um outro homem. É HANK. Nesse ínterim, KATIE também arranjou um marido.

POLLY se volta e sua mãe está ali.

POLLY

Obrigada, mamãe.

KATIE

Oh, querida, não tem de quê.

Abraçam-se. Depois de um instante, POLLY se afasta e olha para HANK. Há um breve momento de tensão e então POLLY também abraça HANK.

POLLY

Obrigada a você também, Hank. Lamento ter sido uma peste durante tanto tempo...

HANK (à vontade)

Você nunca foi uma peste, Pol. Uma garota tem um pai só.

CONNIE

Jogue-o! Jogue-o!

Depois de um instante, POLLY atira o buquê.

EXT. O BUQUÊ, CLOSE-UP, CÂMERA LENTA

Dando voltas e voltas no ar.

FUSÃO PARA:

INT. O ESCRITÓRIO, COM KATIE — NOITE

O processador de texto foi substituído por um abajur largo, elevando-se por cima de uma pilha de plantas de construção. As capas de livros foram substituídas por fotografias de edifícios. Presumivelmente, os que foram erigidos primeiro na imaginação de HANK.

KATIE está olhando para a escrivaninha, pensativa e um pouco triste.

HANK (VOZ)

Você vem se deitar, Kate?

Ela se volta e A CÂMERA AMPLIA O ÂNGULO para nos mostrar HANK. Ele está com um robe por cima do pijama. Ela vem até ele e lhe dá um abraço leve, sorrindo. Talvez notemos alguns fios grisalhos nos cabelos dela: seu cavalinho já deu uma porção de voltas desde que BILL morreu.

KATIE

Daqui a pouco. Não é todo dia que uma mulher vê sua filha mais velha se casar, você sabe.

HANK

Eu sei.

A CÂMERA OS ACOMPANHA enquanto andam da área de trabalho do escritório para a mais informal. Essa parte está quase como era antigamente, com uma mesinha de centro, o equipamento estereofônico, a TV, o sofá e a poltrona de BILL. Ela olha para tudo isso.

HANK

Você ainda sente falta dele, não é?

KATIE

Em alguns dias mais do que em outros. Você não sabia e Polly não se lembrou.

HANK (delicadamente)

Lembrou de quê, querida?

KATIE

Polly se casou no quinto aniversário da morte de Bill.

HANK (fica abraçado com ela)

Vamos nos deitar, está bem?

KATIE

Daqui a pouco.

HANK

Está bem. Talvez eu ainda esteja acordado.

KATIE

Está pensando em algumas coisas, é?

HANK

Quem sabe.

KATIE

Isso é bom.

Ele lhe dá um beijo, depois vai embora, fechando a porta ao sair. KATIE se senta na velha poltrona de BILL. Perto dela, sobre a mesinha de centro, está o controle remoto da tevê e uma extensão de telefone. KATIE olha para a tevê desligada e A CÂMERA SE APROXIMA do seu rosto. Uma lágrima está quase caindo de um olho, faiscando como uma safira.

KATIE

Ainda sinto mesmo muita falta de você, grandalhão. Muita e muita. Todos os dias. E sabe o que mais? Dói.

As lágrimas rolam. Ela pega o controle remoto da tevê e aperta o botão de LIGAR.

INT. TV, PV DE KATIE

Termina um anúncio de facas Ginsu e é substituído pelo LOGOTIPO DE UMA ESTRELA.

LOCUTOR (VOZ)

Agora voltamos para o Filme da Hora das Estrelas das noites de quinta-feira do Canal 63... *Beijo fantasma*.

Fusão do logotipo para um sujeito que parece ter morrido num acidente de automóvel umas duas semanas antes da filmagem e desde então ficou exposto a um clima muito quente. Ele vem cambaleando para fora da mesma velha cripta.

INT. KATIE

Terrivelmente assustada — quase apavorada. Ela aperta o botão de DESLIGAR do controle remoto. A TV se apaga.

O rosto de KATIE começa a se agitar. Ela luta contra a tempestade emocional iminente, mas a coincidência do filme é simplesmente a gota d'água no que já foi seguramente um dos dias mais emocionalmente difíceis da sua vida. A represa se rompe e ela começa a soluçar... terríveis soluços sofridos. Ela estica a mão para a mesinha de centro, com a intenção de colocar o controle remoto em cima dela e esbarra no telefone, jogando-o no chão.

ÁUDIO: O TOM DE DISCAR

Seu rosto coberto de lágrimas de repente fica imóvel enquanto ela olha para o telefone. Algo começa a tomar conta de sua fisionomia... Uma ideia? Uma intuição? É difícil dizer. E talvez não faça diferença.

INT. O TELEFONE, PV DE KATIE

A CÂMERA SE APROXIMA EM PD... SE APROXIMA até que os orifícios no receptor fora do gancho parecem abismos.

O TOM DE DISCAR AUMENTA PARA VOLUME ALTO

PENETRAMOS NA ESCURIDÃO... e ouvimos.

BILL (VOZ)

Para quem você está telefonando? Para quem você *quer* telefonar? Para quem você *iria* telefonar, se não fosse tarde demais?

INT. KATIE

Sua fisionomia agora está com uma estranha expressão de quem está hipnotizada. Ela estende a mão para baixo, levanta o telefone e digita uns números, aparentemente ao acaso.

ÁUDIO: TELEFONE TOCANDO

KATIE continua a parecer hipnotizada. A expressão se mantém até que alguém atende o telefone... *e ela ouve sua própria voz* na outra ponta da

linha.

KATIE (voz, filtro)

Alô. Casa dos Weiderman.

KATIE — a nossa KATIE da época atual, com os fios grisalhos nos cabelos — continua a soluçar. Entretanto uma expressão de esperança alucinada começa a se esboçar no seu rosto. Em algum nível, ela compreende que a profundidade de sua mágoa possibilitou uma espécie de viagem no tempo pelo telefone. Ela está tentando falar, tentando obrigar as palavras a saírem.

KATIE (soluçando)

Leve... por favor leve... l-l-

INT. KATIE, NO VÃO DO TELEFONE, REPETIÇÃO

Cinco anos atrás. BILL está de pé ao lado dela, com um ar preocupado. JEFF está saindo para ir buscar uma fita de vídeo virgem na outra sala.

KATIE

Polly? É você? O que que houve?

INT. KATIE, NO ESCRITÓRIO

KATIE (soluçando)

Por favor... depressa...

ÁUDIO: CLIQUE DE UMA LIGAÇÃO CORTADA

KATIE (aos berros)

Leve-o para o hospital! Se você quer que ele viva, leve-o para o hospital! Ele vai ter um ataque do coração! Ele...

ÁUDIO: ZUMBIDO DE DISCAR

Lentamente, muito lentamente, KATIE desliga o telefone. Então, depois de um instante, pega-o de novo. Fala alto, sem qualquer constrangimento. Provavelmente nem sabe o que está fazendo.

KATIE

Disquei o número errado. Eu disquei...

CORTE RÁPIDO PARA:

INT. BILL, NO VÃO DO TELEFONE, COM KATIE AO SEU LADO

Ele acaba de tomar o telefone da mão de KATIE e está falando com a telefonista.

TELEFONISTA (filtro, RISADINHA)

Prometo que não darei para ninguém.

BILL

É 555...

CORTE RÁPIDO PARA:

INT. KATIE, NA VELHA POLTRONA DE BILL, CLOSE-UP

KATIE (termina)

...4408.

INT. O TELEFONE, CLOSE-UP

O dedo trêmulo de KATIE digita cuidadosamente o número e ouvem-se os sons correspondentes: 555-4408.

INT. KATIE, NA VELHA POLTRONA DE BILL, CLOSE-UP

Ela fecha os olhos enquanto o TELEFONE COMEÇA A TOCAR. Sua fisionomia se cobre com um misto de esperança e medo. Se pelo menos ela tiver mais uma chance de transmitir a mensagem vital, diz sua expressão... só mais uma chance.

KATIE (em voz baixa)

Por favor... por favor...

VOZ GRAVADA (filtro)

Este número não está funcionando. Por favor, desligue e disque de novo. Se precisar de auxílio...

KATIE desliga. As lágrimas lhe descem pelo rosto. A CÂMERA SE DESLOCA DELA PARA BAIXO, para o telefone.

INT. O VÃO DO TELEFONE, COM KATIE E BILL, REPETIÇÃO

BILL

Então foi um trote. Ou alguém que estava chorando tanto que discou um número errado... “através de um véu trêmulo de lágrimas”, como nós, escribas veteranos, gostamos de dizer.

KATIE

Não foi um trote e não foi um número errado! Foi alguém da *minha família*!

INT. KATIE (ÉPOCA ATUAL) NO ESCRITÓRIO DE BILL

KATIE

É. Alguém da minha família. Alguém muito chegada. (Pausa.) *Eu*.

De repente ela atira o telefone longe. Depois começa a SOLUÇAR NOVAMENTE e coloca as mãos sobre o rosto. A CÂMERA SE MANTÉM sobre ela por um instante, depois SE DESLOCA PARA:

INT. O TELEFONE

Ele está caído no carpete, parecendo ao mesmo tempo inócuo e ameaçador. A CÂMERA SE APROXIMA PARA UM PD — os orifícios do receptor mais uma vez parecem abismos imensos. A CÂMERA SE FIXA e então:

FADE PARA NEGRO.

As Pessoas das Dez Horas

1

Pearson tentou gritar, mas o choque roubou-lhe a voz e ele só conseguiu emitir um som baixo e abafado, o som de um homem gemendo durante o sono. Respirou fundo para tentar novamente, mas, antes que pudesse começar, uma mão agarrou seu braço esquerdo, logo acima do cotovelo, como se fosse uma tenaz, e apertou.

— Seria um erro — disse a voz que acompanhava a mão. Seu volume estava um ponto acima de um sussurro e falava diretamente no ouvido esquerdo de Pearson. — Um erro grave. Acredite-me, seria grave.

Pearson olhou em volta. A coisa que tinha produzido seu desejo — não, sua *necessidade* — de gritar agora tinha desaparecido no interior do banco, por incrível que parecesse, sem ter sido parada, e Pearson viu que *podia* olhar em volta. Tinha sido agarrado por um negro jovem e bonito, num terno bege. Pearson não o conhecia, mas o reconheceu. Identificava de vista a maioria da estranha subtribo que passara a considerar como as Pessoas das Dez Horas... tal como, imaginava, elas também o identificavam.

O negro jovem e bonito o estava observando com cautela.

— Você viu aquilo? — perguntou Pearson. As palavras saíram num guincho agudo e desagradável, completamente diferentes da voz confiante com que falava normalmente.

O negro jovem e bonito soltou o braço de Pearson quando ficou razoavelmente convencido de que ele não ia assustar quem estava na praça em frente ao The First Mercantile Bank of Boston com uma saraivada de gritos descontrolados. Pearson imediatamente esticou a mão e agarrou o pulso do rapaz negro. Era como se ele ainda não estivesse em condições de viver sem o consolo do toque do outro homem. O negro jovem e bonito não fez esforço algum para se afastar e apenas baixou os olhos para a mão de Pearson por um instante, antes de erguê-los para olhar nos seus olhos.

— Quero dizer, você viu aquilo? Horrível! Mesmo que fosse maquiagem... ou algum tipo de máscara que alguém pôs de brincadeira...

Mas não tinha sido maquiagem nem tinha sido uma máscara. A coisa no terno Andre Cyr cinza-escuro e com sapatos de 500 dólares o par tinha passado muito perto de Pearson, quase tão perto que podia tocá-lo (*Deus me livre*, interveio sua mente encolhendo-se de asco involuntariamente), e ele sabia que não era nem maquiagem nem máscara. Porque a pele sobre a enorme protuberância que Pearson imaginava que fosse a cabeça da coisa se movia, diferentes partes *se movendo* em direções diferentes, como faixas de gases exóticos em volta de um planeta gigantesco.

— Meu amigo — começou a falar o homem negro jovem e bonito no terno bege —, você precisa...

— O que era aquilo? — interrompeu Pearson. — Nunca vi nada assim na minha *vida*! É como alguma coisa que você poderia ver num, sei lá, num parque de diversões... ou... ou...

Sua voz não estava mais vindo do seu lugar normal dentro da sua cabeça. Em vez disso, parecia vir descendo de algum ponto acima dele — como se tivesse caído numa armadilha ou numa fenda na terra e aquela voz aguda e desagradável pertencesse a outra pessoa, a alguém que estava falando para ele embaixo.

— Ouça, meu amigo...

Havia mais outra coisa. Quando Pearson tinha passado pela porta giratória, apenas alguns minutos antes, com um Marlboro apagado entre os dedos, o dia estava encoberto — na verdade, ameaçando chuva. Agora tudo não estava apenas brilhante, mas *brilhante demais*. A saia vermelha da loura bonitinha parada do lado do edifício, uns 15 metros mais adiante (estava fumando um cigarro e lendo um livro de capa mole), gritava sob a luz do sol como um alarme de incêndio. O amarelo da camisa de um entregador que passava lhe doía nos olhos como o ferrão de um marimbondo. Os rostos das pessoas se destacavam como os rostos nos livros pop-up da sua adorada filha Jenny.

E seus lábios... não conseguia sentir os lábios. Tinham ficado dormentes, do jeito que às vezes ficam depois de uma grande injeção de novocaína.

Pearson voltou-se para o rapaz bonito de terno bege e disse:

— Isso é ridículo, mas vou desmaiar.

— Não, não vai não — disse o rapaz, falando com tal convicção que Pearson acreditou nele, pelo menos temporariamente. A mão segurou seu braço acima do cotovelo novamente, mas de modo muito mais suave dessa vez. — Venha até aqui. O senhor precisa se sentar.

Espalhadas pela praça ampla na frente do banco, havia umas ilhas circulares de mármore, com cerca de um metro de altura, cada uma contendo sua própria variedade de flores de fim de verão e princípio de outono. Havia Pessoas das Dez Horas sentadas nas beiradas da maioria desses vasos de planta tamanho gigante, algumas rindo, algumas batendo papo, algumas olhando para os rios de pedestres passando pelas calçadas da rua do Comércio, mas todas elas fazendo também o que as tornava Pessoas das Dez Horas, aquilo que o próprio Pearson descera e viera fazer ali fora. A ilha de mármore mais próxima de Pearson e do homem que acabara de conhecer continha ásteres, com sua cor roxa miraculosamente brilhante pela acentuada percepção de Pearson. Sua borda circular estava desocupada, provavelmente porque agora já estava chegando aos dez minutos depois da hora e as pessoas tinham começado a voltar para dentro.

— Sente-se — convidou o rapaz negro de terno bege. Embora Pearson se esforçasse ao máximo, o que acabou fazendo parecia mais cair do que se sentar. Num instante, estava de pé junto da ilha de mármore marrom avermelhado e então alguém retirou os pinos dos seus joelhos e ele caiu de bunda. Com força.

— Agora incline-se para a frente e para baixo — disse o rapaz, sentando-se ao seu lado. Sua fisionomia se mantivera agradável durante todo esse encontro, mas não havia nada de agradável no seu olhar, que estava indo depressa de um lado para o outro da praça.

— Para quê?

— Para fazer o sangue voltar à cabeça — disse o rapaz negro. — Mas não deixe que *pareça* que é isso que está fazendo. Faça parecer como se estivesse apenas cheirando as flores.

— Fazer parecer para *quem*?

— Apenas trate de fazer assim, está bem? — Um ligeiro traço de impaciência se havia introduzido na voz do rapaz.

Pearson inclinou a cabeça para a frente e para baixo e respirou fundo. Descobriu que as flores eram mais bonitas do que perfumadas — tinham

um odor de erva daninha, cheirando ligeiramente como mijo de cachorro. Ainda assim, achou que sua cabeça podia estar ficando só um pouquinho mais clara.

— Comece a dizer os nomes dos estados — mandou o rapaz negro. Cruzou as pernas, sacudiu o tecido das calças para não amarrotar o vinco e tirou um maço de Winston de um bolso dentro do paletó. Pearson se deu conta de que o seu próprio cigarro tinha sumido. Ele devia tê-lo deixado cair naquele primeiro momento de choque, quando tinha visto a coisa monstruosa de terno caro atravessando o lado oeste da praça.

— Os estados — disse com ar vago.

O rapaz negro confirmou com um aceno de cabeça, tirou do bolso um isqueiro que provavelmente era um pouco menos caro do que parecia à primeira vista e acendeu o cigarro.

— Comece com este aqui e vá indo rumo ao Oeste — sugeriu.

— Massachusetts... Nova York, imagino... ou Vermont, se o senhor começar pela parte norte... New Jersey... — Agora endireitou um pouco o corpo e começou a falar com mais confiança. — Pensilvânia, West Virginia, Ohio, Illinois...

O rapaz negro ergueu as sobrancelhas.

— West Virginia, é? Tem certeza?

Pearson deu um pequeno sorriso.

— Bastante certeza, sim. Mas é possível que tenha posto Ohio e Illinois na ordem trocada.

O negro encolheu os ombros para indicar que não tinha importância e sorriu.

— Mas o senhor já não está mais sentindo que vai desmaiar — posso ver que não está —, e isso é o que importa. Quer um cigarro?

— Obrigado — disse Pearson agradecido. Não apenas *queria* um cigarro, mas sentia que precisava de um. — Eu tinha um mas perdi. Como é o seu nome?

O negro enfiou um Winston entre os lábios de Pearson e acendeu-o com o isqueiro.

— Dudley Rhinemann. Pode me chamar de Duke.

Pearson deu uma tragada funda no cigarro e olhou para a porta giratória que dava acesso a todas as profundezas escuras e às alturas enevoadas de The First Mercantile.

— Aquilo não foi apenas uma alucinação, não é? — perguntou. — O que eu vi... você também viu, certo?

Rhinemann confirmou com a cabeça.

— Você não queria que ele soubesse que eu o tinha visto — disse Pearson. Estava falando devagar, tentando entender tudo sozinho. Sua voz estava de volta no lugar de sempre e só isso já era um grande alívio.

Rhinemann confirmou de novo com a cabeça.

— Mas como eu poderia *não* ter visto ele? E como ele poderia não saber?

— Vê alguém mais se preparando para berrar até ter um ataque como o senhor estava a ponto de fazer? — perguntou Rhinemann. — Viu alguma outra pessoa sequer com a *aparência* com que o senhor estava? Eu, por exemplo?

Pearson sacudiu devagar a cabeça, negativamente. Agora se sentia mais do que amedrontado, sentia-se completamente perdido.

— Fiquei entre o senhor e ele o melhor que pude, e acho que ele não ouviu, mas por um ou dois segundos foi quase. O senhor parecia um homem que tinha acabado de ver um camundongo sair de dentro do seu bolo de carne. Você trabalha em Empréstimos Vinculados, não é?

— Oh, é... Brandon Pearson. Desculpe-me.

— Eu estou em Serviços Computadorizados. E não tem importância. Ver o seu primeiro homem-morcego pode produzir esse efeito.

Duke Rhinemann esticou a mão e Pearson a apertou, mas a maior parte da sua mente recuou um passo. *Ver o seu primeiro homem-morcego pode produzir esse efeito*, disse o rapaz. E, depois de Pearson descartar a imagem do Justiceiro de Capa saltando entre os pináculos góticos de Gotham City, percebeu que não era uma má descrição. Também descobriu outra coisa, ou talvez a tenha redescoberto: era bom ter um nome para algo que lhe tinha metido medo. Não fazia o medo ir embora, mas ajudava muito a permitir lidar com ele.

Agora ele reviu propositadamente o que tinha visto, pensando enquanto isso: “Homem-morcego, foi o meu primeiro homem-morcego.”

Ele tinha saído pela porta giratória pensando apenas numa coisa, a mesma em que pensava sempre quando descia às 10: como ia ser bom quando aquele primeiro fluxo de nicotina lhe atingisse o cérebro. Era isso que o fazia parte da tribo, era seu equivalente a usar amuletos ou tatuagens faciais.

Havia inicialmente constatado que o dia tinha ficado ainda mais escuro desde que chegara ao trabalho, às 8h45, e tinha pensado: *Estaremos fumando nossos bastões de câncer debaixo duma chuvarada hoje à tarde, todo nosso maldito grupo*. Não que um pouco de chuva os fosse deter, é claro. Acima de tudo, as Pessoas das Dez Horas eram persistentes.

Lembrava-se de ter corrido os olhos pela praça, fazendo uma verificação rápida do comparecimento, tão rápida que na verdade era quase automática. Tinha visto a moça de saia vermelha (e se perguntara de novo, como fazia sempre, se alguém tão atraente assim seria boa de cama); o jovem faxineiro do terceiro andar, fã de rock, que usava o boné de trás pra frente quando estava secando os pisos no banheiro e na lanchonete; o homem idoso com a bela cabeleira branca e manchas arroxeadas no rosto; a jovem de óculos grossos, rosto fino e longos cabelos negros. Também tinha visto muitos outros que identificava vagamente. Um deles, é claro, tinha sido o rapaz negro e bonito de terno bege.

Se Timmy Flanders estivesse por ali, Pearson provavelmente teria se juntado a ele, mas não estava e por isso Pearson tinha ido em direção ao centro da praça, pretendendo se sentar numa das ilhas de mármore (na realidade, essa mesma em que estava sentado agora). Uma vez lá, estaria numa posição excelente para calcular o comprimento e as curvas das pernas da Pequena Miss Saia Vermelha. Está bem que era uma emoçãozinha barata, mas cada um tinha que se virar com o que estava ao seu alcance. Era um homem bem-casado, com uma esposa que amava e uma filha que adorava, nunca tinha chegado nem perto de trair sua mulher, mas, à medida que chegava aos 40, tinha descoberto certos imperativos emergindo na sua corrente sanguínea como se fossem monstros marinhos. E não sabia como qualquer homem poderia deixar de ficar olhando para

uma saia vermelha como aquela, imaginando só um pouco se a mulher estava usando roupa de baixo combinando com ela.

Mal tinha começado a se mover quando o recém-chegado dobrou a esquina do edifício e começou a subir os degraus da praça. Pearson tinha percebido um movimento pelo canto do olho e, em condições normais, não lhe teria dado atenção — naquele exato momento, estava se concentrando na saia vermelha, curta, justa e de cor tão viva como o lado de um carro de bombeiros. Mas *tinha* olhado porque, mesmo olhando pelo canto do olho e com outras coisas na cabeça, tinha captado alguma coisa *errada* com o rosto e a cabeça que pertenciam ao vulto que se aproximava. Por isso, tinha virado e olhado, eliminando o sono de só Deus sabia quantas noites dali em diante.

Os sapatos estavam corretos. O terno Andre Cyr cinza-escuro, dando uma aparência de solidez e confiabilidade semelhante à porta da casa-forte no subsolo do banco, era melhor ainda. A gravata vermelha era previsível, mas não agressiva. Tudo isso era vestimenta elegante típica de um banqueiro de alto nível para uma manhã de segunda-feira (e, para começar, quem senão um banqueiro de alto nível poderia chegar às 10 horas?). Era só quando você chegava à cabeça do personagem que se dava conta de que ou tinha ficado doido ou estava olhando para alguma coisa para a qual não havia verbete na *World Book Encyclopedia*.

Mas por que eles não tinham saído correndo?, Pearson se perguntava agora, enquanto uma gota d'água caía na sua mão e outra no papel branco imaculado do seu cigarro fumado pela metade. *Deviam ter corrido aos gritos, do jeito que as pessoas corriam de insetos gigantes naqueles filmes de monstros dos anos 1950*. Depois pensou: *Mas no entanto...* eu *também não saí correndo*.

Era bem verdade, mas não era a mesma coisa. Não tinha corrido porque ficara petrificado onde estava. Contudo, *tinha* tentado gritar. Foi só que seu novo amigo o havia impedido antes que conseguisse recuperar o funcionamento das suas cordas vocais.

Homem-morcego. O seu primeiro homem-morcego.

Em cima dos ombros largos do terno de trabalho mais extraordinariamente adequado e do nó da gravata Sulka vermelha de homem influente, avultava uma enorme cabeça marrom-acinzentada, que não era redonda mas deformada como uma bola de beisebol que tivesse

sido muito usada durante o verão inteiro. Linhas negras — veias, talvez — pulsavam logo abaixo da superfície do crânio, em rabiscos sinuosos como num mapa rodoviário sem sentido. A área que deveria ser seu rosto mas não era (pelo menos não em qualquer sentido humano) era coberta por calombos que se projetavam e tremiam como tumores que possuíssem sua própria terrível vida semissensitiva. Suas feições eram rudimentares e amontoadas no centro — olhos negros foscos, perfeitamente redondos, que fitavam fixo do centro do rosto como os olhos de um tubarão ou algum inseto inchado; orelhas disformes, sem lóbulos nem curvas auriculares. Não tinha nariz, pelo menos nada que Pearson pudesse identificar como tal, embora houvesse duas protuberâncias semelhantes a presas que se projetavam para a frente do tufo de pelos duros e emaranhados que cresciam logo abaixo dos olhos. A maior parte do rosto da coisa era boca — um enorme crescente negro bordejado de dentes triangulares. Para uma criatura com uma boca como aquela, pensara Pearson depois, devorar sua comida deveria ser um sacramento.

O primeiro pensamento que lhe veio à cabeça quando olhou para essa aparição horrível — uma aparição que levava uma maleta Bally esguia numa mão lindamente manicurada — tinha sido: *É o homem-elefante*. Porém, agora se dava conta, a criatura não tinha nada a ver com a criatura deformada, mas essencialmente humana, daquele filme antigo. Duke Rhinemann estava mais perto do alvo: aqueles olhos negros e aquela boca rasgada eram feições que ele associava com coisas peludas, que emitiam gritinhos e que passavam as noites comendo moscas e os dias dependurados de cabeça para baixo em lugares escuros.

Mas não tinha sido nada disso que o havia levado a tentar aquele primeiro grito. A necessidade tinha surgido quando a criatura trajando o terno Andre Cyr passou por ele, os olhos brilhantes como os de um inseto já fixos na porta giratória. Foi naquele breve instante que a coisa esteve mais perto dele, e foi então que Pearson viu seu rosto encaroçado de algum modo se mexendo por baixo dos tufos de pelos espessos que cresciam nele. Não sabia como uma coisa assim podia existir, mas *existia*. Ele estava vendo acontecer, observando a pele do homem deslizando por cima das curvaturas encaroçadas do seu crânio e ondeando ao longo da forma estriada de sua mandíbula em faixas alternadas. Entre elas ele pôde perceber alguma substância horripilante cor-de-rosa vivo em que nem

queria pensar... e no entanto, agora que tinha se lembrado dela, parecia que não conseguia tirá-la da cabeça.

Mais pingos de chuva lhe caíram no rosto e nas mãos. Ao seu lado, na borda curva do mármore, Rhinemann deu uma última tragada no cigarro, atirou-o longe e ficou de pé.

— Vamos embora — disse. — Começando a chover.

Pearson olhou para ele com olhos arregalados, depois olhou na direção do banco. A loura de saia vermelha estava acabando de entrar, com o livro agora metido embaixo do braço. Estava sendo seguida de perto (e olhada de perto) pelo homem idoso com os belos e vastos cabelos brancos de magnata.

Pearson virou os olhos de volta para Rhinemann e disse:

— Entrar lá? Está falando sério? Aquela *coisa* entrou lá!

— Eu sei.

— Você quer ouvir uma coisa completamente maluca? — perguntou Pearson, jogando fora o cigarro. Não sabia para onde iria agora, para casa, imaginava, mas sabia de um lugar para onde com toda a certeza ele *não* iria: de volta para dentro do The First Mercantile Bank of Boston.

— Claro — aquiesceu Rhinemann. — Por que não?

— Aquela coisa se parecia muito com nosso respeitado diretor-presidente, Douglas Keefer... isto é, até chegar à cabeça. O mesmo gosto para ternos e maletas.

— Que surpresa — disse Duke Rhinemann.

Pearson o analisou com um olhar inquieto.

— O que quer dizer?

— Acho que o senhor já sabe, mas teve uma manhã dura e por isso vou dizer por extenso. Aquele *era* Keffer.

Pearson deu um sorriso inseguro. Rhinemann não sorriu de volta. Ficou de pé, agarrou o braço de Pearson e puxou o homem mais velho para a frente até que seus rostos estavam apenas a centímetros de distância.

— Eu acabei de salvar sua vida agora há pouco. Acredita nisso, senhor Pearson?

Pearson pensou sobre isso e viu que sim, acreditava. Aquele ser alienígena, cara parecida com morcego, de olhos negros e montes de dentes todos juntos, estava na sua mente como uma labareda escura.

— É. Acho que sim.

— Muito bem. Então me conceda o privilégio de ouvir com atenção enquanto lhe digo três coisas. Faz isso?

— Eu... faço, claro.

— Primeira coisa: esse *era* Douglas Keefer, diretor-presidente do The First Mercantile Bank of Boston, amigo íntimo do prefeito e, a propósito, presidente de honra da atual campanha para arrecadação de fundos para o Hospital de Crianças de Boston. Segunda coisa: há pelo menos mais três morcegos trabalhando no banco, um deles no seu andar. Terceira coisa: o senhor vai entrar de volta lá. Isto é, se quiser continuar vivo.

Pearson ficou olhando para ele boquiaberto, por um instante impossibilitado de responder. Se tentasse, emitiria apenas mais daqueles sons confusos e abafados.

Rhinemann tomou-o pelo cotovelo e puxou-o na direção da porta giratória.

— Vamos, companheiro — disse ele, e sua voz estava peculiarmente delicada. — A chuva está ficando forte. Se ficarmos aqui fora muito mais tempo, vamos chamar atenção e pessoas na nossa posição não podem se dar a esse luxo.

Inicialmente, Pearson foi junto com Rhinemann, depois pensou no modo como aqueles negros novelos de linha na cabeça da coisa pulsavam e se retorciam. A imagem fez com que parasse de estalo bem do lado de fora da porta giratória. A superfície lisa da praça agora estava suficientemente molhada para revelar outro Brandon Pearson debaixo dele, um reflexo bruxuleante que estava preso nos seus próprios calcanhares como um morcego de cor diferente.

— Eu... eu acho que não consigo — disse num tom hesitante e humilde.

— Consegue sim — falou Rhinemann. Por um instante, olhou para baixo, para a mão esquerda de Pearson. — Vejo que é casado. Com filhos?

— Uma filha. — Pearson estava olhando para o saguão do banco. Os painéis de vidro das folhas da porta giratória eram polarizados, fazendo com que o salão grande do outro lado parecesse muito escuro. *Como uma caverna*, pensou ele. *Uma caverna de morcegos cheia de portadores de doenças e semicegos*.

— O senhor quer que sua mulher e filha leiam amanhã no jornal que os tiras retiraram pa-pá das águas do porto de Boston com a garganta cortada?

Pearson olhou para Rhinemann com os olhos arregalados. Gotas de chuva caíam-lhe no rosto e na testa.

— Eles fazem com que pareça que foram os viciados em droga que fizeram — disse Rhinemann —, e funciona. *Sempre* funciona. Porque eles são espertos e porque têm amigos em posições importantes. Que diabo, e posições importantes é a única coisa que eles têm na cabeça.

— Não estou entendendo você — disse Pearson. — Não estou entendendo *nada* disso.

— Sei que não — retrucou Rhinemann. — Este é um momento perigoso para o senhor, por isso faça apenas o que lhe disser. O que lhe digo é que volte para sua mesa antes que deem por sua falta e vá levando o resto do dia com um sorriso no rosto. Agarre-se a esse sorriso, meu amigo, não o deixe desaparecer por mais forçado que fique. — Hesitou, depois acrescentou: — Se o senhor fizer lambança, provavelmente isso vai fazer com que seja morto.

A água da chuva estava deixando rastros brilhantes descendo pelo rosto escuro e liso do rapaz, e Pearson viu de repente o que tinha estado ali o tempo todo, o que não tinha percebido apenas por causa do seu próprio choque: esse homem estava aterrorizado e tinha se arriscado muito para impedir que Pearson caísse em alguma armadilha terrível.

— Eu realmente não posso ficar aqui fora por mais tempo — disse Rhinemann. — É perigoso.

— Está bem — falou Pearson, um pouco espantado de ouvir sua própria voz saindo em tons normais, comedidos. — Então vamos voltar pro trabalho.

Rhinemann pareceu aliviado.

— É assim que se faz. E o que quer que o senhor veja durante o resto do dia, *não demonstre nenhuma surpresa*. Entendeu?

— Entendi — disse Pearson. Não tinha entendido nada.

— Dá pro senhor limpar sua mesa mais cedo e sair por volta das 15h?

Pearson ficou calculando, depois fez que sim com a cabeça.

— Dá. Acho que posso fazer isso.

— Bom. Encontre-me na esquina da rua Milk.

— Está bem.

— O senhor está indo muito bem, meu chapa — disse Rhinemann. — O senhor vai ficar bem. Vejo-o às 15h. — Entrou na porta giratória e empurrou-a. Pearson entrou no segmento atrás dele, sentindo como se, de alguma maneira, tivesse deixado sua mente lá fora na praça... isto é, toda ela exceto a parte que sempre estava querendo outro cigarro.

O dia se arrastou, mas tudo estava certo até que voltou do almoço (e dois cigarros) com Tim Flanders. Saíram do elevador no terceiro andar e a primeira coisa que Pearson viu foi outro homem-morcego... só que dessa vez na verdade era uma mulher-morcego usando sapatos de couro de salto alto, meia-calça preta de náilon e um terninho de *tweed* de seda notável — Pearson achou que era Samuel Blue. O conjunto perfeito para impressionar... isto é, até se chegar à cabeça, acenando no alto como um girassol mutante.

— Olá, pessoal. — Uma voz doce de contralto falou de algum lugar por trás do buraco leporino que era sua boca.

É Suzanne Holding, pensou Pearson. *Não pode ser, mas é*.

— Olá, Suzy querida — ouviu sua própria voz dizendo e pensou: *Se ela chegar perto de mim... tentar tocar em mim... vou gritar. Não vou conseguir impedi-lo, apesar do que o rapaz me disse*.

— Você está bem, Brand? Parece pálido.

— Um pouco do que quer que esteja passando por aí, acho eu — falou, espantado mais uma vez com a naturalidade da sua voz. — Mas acho que estou ficando bom.

— Que bom — disse a voz de Suzanne Holding por trás da cara de morcego e da pele estranhamente movediça. — Mas nada de beijo de

língua até que estejamos todos melhor. Na verdade, nem respire perto de mim. Não posso me dar ao luxo de ficar doente com os japoneses chegando na quarta-feira.

Sem problema, coração, sem problema, podes crer, pensou calado.

— Tentarei me controlar.

— Obrigada. Tim, você pode vir à minha sala e dar uma olhada em alguns resumos de planilhas?

Timmy Flanders passou um braço em volta da cintura do correto terninho Samuel Blue de um modo *sexy* e deu um beijinho no lado do rosto peludo e encaroçado da coisa. *É ali que Timmy vê o rosto dela*, pensou Pearson, e sentiu sua sanidade mental de repente escorregar como um cabo coberto de graxa enrolado em torno do cilindro de uma polia. *Seu rosto liso e perfumado — é isso que ele está vendo, sim senhor, e o que pensa que está beijando. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!*

— Pronto! — exclamou Timmy e fez uma pequena reverência de cavaleiro para a criatura. — Um beijo e sou seu servidor, cara senhora!

Deu uma piscada de olho para Pearson e começou a caminhar com o monstro na direção do escritório. Quando passaram pelo bebedouro, ele deixou cair o braço que estava passado pela cintura dela. A dança de corte entre pavão e pavoa, curta e sem sentido — um ritual que de algum modo tinha se desenvolvido nos últimos 20 anos nas relações de negócios em que o chefe era mulher e o subordinado era homem — tinha sido executada, e se afastaram de Pearson como se não houvesse distinção de sexo, falando só de cifras.

Análise maravilhosa, Brand, pensou Pearson distraído enquanto se virava para outro lado. *Você devia ter sido sociólogo*. E quase tinha sido. Afinal, tinha sido sua optativa na faculdade.

Ao entrar na sua sala, deu-se conta de que seu corpo inteiro estava coberto com uma camada de suor que escorria lentamente. Pearson se esqueceu da sociologia e novamente começou a torcer para as 15h chegarem logo.

Às 14h45, criou coragem e enfiou a cabeça pela porta da sala de Suzanne Holding. O asteroide alienígena que era sua cabeça estava inclinado diante da tela azul-cinza de seu computador, mas ela olhou quando ele disse “Toc, toc”, a pele no seu rosto estranho deslizando sem

parar, seus olhos negros olhando-o com a avidez fria de um tubarão examinando a perna de um nadador.

— Dei a Buzz Carstairs os Formulários 4 de Empresas — disse Pearson. — Vou levar os Formulários 9 de Indivíduos comigo para casa, se você não se importa. Estou com os disquetes de *backup* lá.

— Esta é a sua maneira encabulada de dizer que vai matar o trabalho, meu querido? — perguntou Suzanne. As veias negras se incharam de forma indizível no topo de seu crânio pelado. Os calombos em torno das suas feições estremeceram e Pearson percebeu que de um deles estava vazando uma espessa substância rósea que se parecia com espuma de barbear manchada de sangue.

Obrigou-se a sorrir.

— Você me pegou.

— Bem — disse Suzanne —, acho que nós simplesmente vamos ter que fazer a orgia das quatro horas sem você hoje.

— Obrigado, Suze. — Deu meia-volta.

— Brand?

Virou-se para ela, seu medo e asco ameaçando transformar-se num congelamento branco e nítido de pânico, subitamente tendo toda a certeza de que aqueles ávidos olhos negros tinham visto o que sentia e que a coisa que se fazia passar por Suzanne Holding ia dizer: *Vamos parar a brincadeira, está bem? Entre e feche a porta. Vamos ver se o seu gosto é tão bom quanto sua aparência*.

Rhinemann iria esperar por algum tempo, depois seguiria para onde quer que tivesse que ir sozinho. *Provavelmente*, pensou Pearson, *ele saberá o que aconteceu. Provavelmente já viu isso acontecer antes*.

— O que é? — perguntou, tentando sorrir.

Ela ficou olhando para ele sem dizer nada por algum tempo, como se o estivesse avaliando, a massa grotesca da cabeça se avultando sobre o corpo *sexy* da mulher executiva, e depois disse:

— Você está com aparência melhor agora de tarde. — A boca ainda estava escancarada, os olhos negros ainda fitavam com a mesma falta de expressão de uma boneca de trapo abandonada debaixo da cama de uma criança, mas Pearson sabia que qualquer outra pessoa veria apenas

Suzanne Holding, dando um sorriso bonitinho para um dos seus subordinados e demonstrando o grau certo de preocupação Tipo A. Não chegava a ser uma Mãe Coragem, mas ainda assim preocupada e interessada.

— Que bom — disse ele e achou que isso não era suficientemente expressivo. — Ótimo!

— Agora, se ao menos conseguíssemos que você parasse de fumar.

— Bem, estou tentando — disse ele, e riu de leve. O cabo engraxado em volta daquela polia mental escorregou novamente. *Deixe-me ir embora*, pensou ele. *Deixe-me ir embora sua vaca horrível, deixe-me sair daqui antes que faça alguma coisa doida demais para passar despercebida*.

— Você se habilitaria para um aumento automático do seu seguro, você sabe — falou o monstro. Agora a superfície de outro daqueles tumores se abriu com um som podre de *tchup!*, e mais daquela substância rósea começou a escorrer para fora.

— É, eu sei — disse ele. — E vou pensar nisso seriamente, Suzanne. De verdade.

— Faça isso — disse ela e voltou-se para sua tela de computador. Por um instante, ele ficou espantado, incapaz de perceber sua boa sorte. A conversa tinha terminado.

Quando afinal Pearson saiu do edifício, estava chovendo forte, mas as Pessoas das Dez Horas — agora eram as pessoas das três horas, é claro, mas não havia nenhuma diferença essencial — estavam lá fora do mesmo jeito, agrupadas como ovelhas, fazendo seu negócio. A Pequena Miss Saia Vermelha e o faxineiro que gostava de usar o boné de trás para a frente estavam se abrigando debaixo do mesmo caderno ensopado do *Boston Globe*. Estavam com uma aparência de desconforto e umidade, mas Pearson ficou com inveja do faxineiro mesmo assim. A Pequena Miss Saia Vermelha usava Giorgio — ele tinha sentido o perfume no elevador, em várias ocasiões. E, é claro, quando se movia ela fazia uns pequenos ruídos de seda se esfregando.

Em que diabos você está pensando?, perguntou a si mesmo com severidade e respondeu mentalmente no mesmo instante: *Preservando minha sanidade, muitíssimo obrigado. Está bom pra você?*

Duke Rhinemann estava parado debaixo do toldo de uma loja de flores logo depois da esquina, com os ombros encolhidos e um cigarro no canto da boca. Pearson juntou-se a ele, deu uma olhada no relógio e resolveu que podia esperar um pouco mais. Mesmo assim, esticou a cabeça para a frente para pegar o aroma do cigarro de Rhinemann. Fez isso sem se dar conta.

— Minha chefe é um deles — disse a Duke. — A menos, é claro, que Douglas Keefer seja o tipo de monstro que gosta de se vestir de mulher.

Rhinemann deu um sorriso feroz e não disse nada.

— Você disse que havia três mais. Quem são os outros dois?

— Donald Fine. O senhor provavelmente não o conhece, ele está em Títulos. E Carl Grosbeck.

— Carl... o presidente da Junta? Meu Deus!

— Eu lhe disse — falou Rhinemann. — Esses caras só se interessam por posições importantes. Ei, táxi!

Precipitou-se debaixo do toldo, chamando o táxi grená e branco que tinha visto passando milagrosamente vazio na tarde chuvosa. O táxi deu uma guinada na sua direção, espirrando leques de água empoçada. Rhinemann se desviou com agilidade, mas os sapatos e a bainha das calças de Pearson ficaram empapadas. No estado de espírito em que estava, isso não pareceu muito importante. Abriu a porta para Rhinemann, que deslizou para a outra ponta do banco. Pearson foi atrás e bateu a porta.

— Pro Gallagher's Pub — disse Rhinemann. — Fica bem em frente ao...

— Eu sei onde fica o Gallagher — disse o motorista —, mas não vamos a lugar nenhum até que o senhor jogue fora o bastão de câncer, meu amigo. — Bateu com um dedo no aviso que estava afixado ao taxímetro: É PROIBIDO FUMAR NOS CARROS COM ESTAS CORES.

Os dois homens se entreolharam. Rhinemann ergueu os ombros, no gesto meio encabulado e meio aborrecido que, desde mais ou menos 1990, tornou-se a saudação principal das Pessoas das Dez Horas. Depois, sem um murmúrio de queixa, atirou o Winston, de que fumara um quarto, na chuva forte.

Pearson começou a contar a Rhinemann como tinha ficado chocado quando as portas do elevador se abriram e tinha visto pela primeira vez a

verdadeira Suzanne Holding, mas Rhinemann franziu a testa, sacudiu ligeiramente a cabeça e apontou com o polegar para o motorista.

— Depois conversamos — disse.

Pearson caiu em silêncio, contentando-se em ficar vendo passar os arranha-céus riscados de chuva do perímetro do centro de Boston. Viu-se quase em sintonia sutil com as pequenas cenas de rua que se desenrolavam do lado de fora das janelas sujas do táxi. Estava especialmente interessado nos pequenos grupos de Pessoas das Dez Horas que observava reunidas na frente de cada edifício de escritórios por que passavam. Onde havia abrigo, elas o utilizavam. Onde não havia, elas se abrigavam também: simplesmente viravam suas golas para cima, punham as mãos em concha para proteger seus cigarros e fumavam assim mesmo. Pearson se deu conta de que facilmente noventa por cento dos arranha-céus elegantes daquela área pela qual estavam passando eram agora zonas onde era proibido fumar, tal como o edifício em que ele e Rhinemann trabalhavam. Ocorreu-lhe ainda (e esse pensamento veio com a força de uma revelação) que as Pessoas das Dez Horas não eram, na realidade, uma tribo nova em absoluto, mas os sobreviventes maltrapilhos de uma antiga, renegados fugindo na frente de uma vassoura nova que pretendia varrer seu velho hábito ruim para fora da vida norte-americana. Sua característica unificadora era sua falta de disposição ou incapacidade de deixarem de se matar. Eram viciados numa zona cinzenta de aceitabilidade que estava se reduzindo de forma sistemática. Um grupo social exótico, imaginava ele, mas não um que fosse capaz de sobreviver por muito tempo. Calculou que pelo ano 2020, no máximo 2050, as Pessoas das Dez Horas teriam seguido o mesmo caminho do cuco.

Que merda, espere um minuto, nós somos apenas os últimos dos otimistas resistentes do mundo, é só isso. A maioria de nós tampouco se preocupa em usar cinto de segurança e adoraríamos nos sentar bem atrás da base de chegada no campo de beisebol se eles simplesmente retirassem a aquela merda de tela.

— Qual é a graça, senhor Pearson? — perguntou-lhe Rhinemann, e Pearson se deu conta de que estava com um sorriso largo.

— Nada — disse Pearson. — Nada de importante, pelo menos.

— Tudo bem. Apenas não perca o controle pra cima de mim.

— Você consideraria perder o controle se lhe pedisse que me chamasse de Brandon?

— Acho que não — disse Rhinemann e pareceu pensar sobre isso. — Desde que me chame de Duke e não chegue a Bibi ou Amigão ou alguma coisa constrangedora assim.

— Acho que não precisa se preocupar com isso. Quer saber de uma coisa?

— Claro.

— Este foi o dia mais extraordinário da minha vida.

Duke Rhinemann balançou a cabeça num gesto de concordância, sem retribuir o sorriso de Pearson.

— E ainda não acabou — disse.

2

Pearson achou que a escolha do Gallagher tinha sido inspirada por parte de Duke — uma inegável anomalia de Boston, mais para Gilley's do que para Cheers, era o lugar perfeito para dois bancários conversarem sobre assuntos que deixariam as pessoas que lhes eram mais chegadas e mais queridas com sérias dúvidas sobre sua sanidade mental. O bar mais comprido que Pearson já vira fora num filme: ele descrevia uma curva em volta de uma pista de dança quadrada bem encerada, na qual três casais estavam naquele momento se esfregando com ar sonhador enquanto Marty Stuart e Travis Tritt entoavam *This One's Gonna Hurt You*.

Num lugar menor, o bar estaria apinhado, mas os fregueses estavam tão espalhados ao longo desse tampo coberto de mogno que se podia realmente conseguir privacidade junto da barra de latão e eles não precisavam buscar um cubículo nas partes mais escuras do salão. Pearson ficou contente. Era muito fácil imaginar um dos homens-morcego, talvez até um casal-morcego, sentado (ou empoleirado) no cubículo ao lado e escutando atentamente sua conversa.

Não é isso que chamam de mania de perseguição, velho amigo?, pensou ele. *Sem dúvida você não demorou muito para chegar a isso, não foi?*

Não, imaginava que não, mas por enquanto não estava se incomodando. Estava apenas grato por poder olhar em todas as direções enquanto

falavam... ou, supôs ele, enquanto Duke falava.

— Aqui no bar está bem? — perguntou Duke, e Pearson confirmou com a cabeça.

Parecia ser um bar só, refletiu Pearson enquanto foi atrás de Duke por baixo do aviso que dizia PERMITIDO FUMAR APENAS NESTA SEÇÃO, mas na verdade eram dois... do jeito que, lá pelos anos 1950, todo balcão de almoço abaixo da linha Mason-Dixon[4] era na verdade dois: um para os brancos e um para os negros. E agora, como naquela época, podia-se notar a diferença. Uma TV Sony quase do tamanho de uma tela de cinema estava acima do centro da seção para não fumantes, enquanto no gueto da nicotina havia apenas uma velha Zenith parafusada na parede (por baixo da qual havia um cartaz dizendo: FIQUE À VONTADE PARA PEDIR FIADO, NÓS NOS SENTIREMOS À VONTADE PARA LHE DIZER QUE VÁ SE F!!!R). O balcão era mais sujo ali. Pearson pensou inicialmente que isso devia ser sua imaginação, mas uma segunda olhada confirmou o aspecto maltratado da madeira e uma ligeira superposição das marcas superpostas que eram os fantasmas de canecos de cerveja do passado. E, é claro, havia o odor doentio e amarelado da fumaça de tabaco. Ele jurou que ela se elevou do banquinho do bar quando se sentou, como pipoca que é expelida pela poltrona de um cinema velho. O locutor do noticiário na sua TV maltratada e suja de fumaça parecia estar morrendo por envenenamento com zinco, enquanto o mesmo sujeito dirigindo-se às pessoas sadias mais adiante no bar parecia pronto para correr 500 metros e depois fazer flexões por cima de umas louras.

Seja bem-vindo à parte traseira do ônibus, pensou Pearson, olhando para seu companheiro do grupo das Pessoas das Dez Horas com uma espécie de ar exasperado de graça. *Bem, afinal de contas, não devemos nos queixar. Dentro de mais dez anos os fumantes não vão nem poder entrar.*

— Cigarro? — perguntou Duke, talvez demonstrando certa capacidade elementar de ler os pensamentos.

Pearson olhou para o relógio, depois aceitou um, junto com outra acendida do isqueiro *metido* a coisa cara de Duke. Deu uma longa tragada, deliciando-se com a maneira como a fumaça deslizou por suas vias respiratórias, deliciando-se até com a ligeira tonteira na cabeça. É *claro* que o vício era perigoso, potencialmente letal. Como algo que o fazia decolar desse jeito podia não ser? O mundo era assim, era só isso.

— E você? — perguntou enquanto Duke metia os cigarros de volta no bolso.

— Posso esperar um pouco mais — disse Duke sorrindo. — Dei umas duas tragadas antes de entrarmos no táxi. Além disso, tenho que compensar pelo adicional que fumei no almoço.

— Você obedece a um racionamento, é?

— Isso mesmo. Geralmente me permito um no almoço, mas hoje fumei dois. Você me fez cagar de medo, sabia?

— Eu também estava com muito medo.

O barman veio até eles e Pearson ficou fascinado pelo modo como o homem se esquivou da fina tripa de fumaça que subia do seu cigarro. *Duvido que ele sequer se dê conta do que está fazendo... mas se soprasse a fumaça na cara dele, aposto que ele saltaria por cima do bar e me sentava o braço.*

— Em que posso servi-los, cavalheiros?

Duke pediu duas Sam Adams sem consultar Pearson. Quando o barman foi buscá-las, Duke virou-se e disse:

— Faça-a render. Este é um momento ruim para ficar bêbado. Momento ruim até para ficar alegre.

Pearson confirmou com a cabeça e jogou uma nota de cinco dólares sobre o balcão quando o barman voltou com as cervejas. Havia pessoas que achavam que um cigarro nunca era tão gostoso como depois de uma refeição, mas Pearson discordava. No fundo do coração, acreditava que não tinha sido por uma maçã que Eva havia se metido em encrencas, mas por uma cerveja e um cigarro.

— Então, o que você usa? O adesivo? Hipnose? A velha e firme força de vontade norte-americana? Olhando para você eu diria que é o adesivo.

Se essa era a maneira que Duke tinha para fazer graça, não funcionou. Pearson tinha passado muito tempo essa tarde pensando em fumar.

— É o adesivo — disse ele. — Usei-o durante dois anos, começando logo depois de minha filha nascer. Dei uma olhada demorada nela através da janela do berçário e me decidi a largar o vício. Parecia uma loucura continuar acendendo 40 ou 50 cigarros por dia quando acabava de assumir um compromisso de 18 anos com um ser humano novinho em folha. —

Por quem tinha ficado imediatamente apaixonado, poderia ter acrescentado, mas calculou que Duke já sabia disso.

— Sem falar no compromisso de toda a vida com sua mulher.

— Sem falar na minha mulher — concordou Pearson.

— E mais os diversos irmãos, cunhadas, cobradores, pagadores de impostos e amigos da corte.

Pearson estourou na gargalhada e concordou com a cabeça.

— É, você entendeu.

— Mas não é tão fácil como parece, não é? Quando são quatro da madrugada e você não consegue dormir, toda aquela nobreza de sentimentos desaparece rápido.

Pearson fez uma careta.

— Ou quando você tem que ir lá em cima e dar umas cambalhotas para Grosbeck, Keefer e Fine e o resto dos rapazes na sala de reuniões da diretoria. A primeira vez que tive que fazer isso sem agarrar um cigarro antes de entrar... meu caro, foi dureza.

— Mas você *conseguiu* parar por completo, pelo menos durante algum tempo.

Pearson olhou para Duke, apenas um tiquinho surpreso ante essa vidência e confirmou com a cabeça.

— Por uns seis meses. Mas na minha *mente* nunca parei, você sabe do que estou falando?

— Claro que sei.

— Por fim, comecei a dar umas fumadinhas de novo. Isso foi em 1992, bem naquela época em que começaram a aparecer as histórias nos jornais de como algumas pessoas que fumavam enquanto ainda estavam usando o adesivo sofriam ataques do coração. Você se lembra delas?

— Ah-ha — falou Duke e bateu com os dedos na testa. — Tenho um arquivo completo de histórias de fumantes aqui, meu amigo, ordenadas alfabeticamente. Fumo e Alzheimer, fumo e catarata, fumo e pressão sanguínea... você sabe.

— Portanto, tinha minha opção — disse Pearson. Estava com um sorriso pequeno e intrigado, o sorriso de um homem que sabe que se

portou como uma besta, *ainda* está se portando como uma besta, mas na realidade não sabe por quê. — Podia parar de dar umas fumadinhas ou parar de usar o adesivo. Então eu...

— *Parou de usar o adesivo!* — concluíram juntos e depois estouraram numa série de gargalhadas que fez um freguês de cara lisa na área de não fumantes olhar para eles por um instante, com a testa franzida, antes de voltar sua atenção novamente para o noticiário na televisão.

— A vida é mesmo um merda de caso, não é? — indagou Duke, ainda rindo, e começou a enfiar a mão dentro do seu paletó bege. Parou quando viu Pearson estendendo a mão com seu maço de Marlboro, com um cigarro já para fora. Trocaram outro olhar, o de Duke surpreso e o de Pearson sabido, e depois caíram em outra série de gargalhadas. O sujeito de cara lisa olhou de novo para eles, dessa vez com a testa mais franzida. Nenhum dos dois o notou. Duke pegou o cigarro oferecido e o acendeu. A coisa toda levou menos de dez segundos, mas foi o bastante para os dois homens ficarem amigos.

— Fumei como uma chaminé desde quando tinha 15 anos até me casar, lá em 91 — disse Duke. — Minha mãe não gostava, mas dava valor ao fato de que não estava nem usando nem vendendo droga, como a metade dos outros garotos na minha rua (estou falando de Roxbury, você sabe) e por isso não falava muito a respeito.

"Wendy e eu fomos passar uma semana no Havaí de lua de mel, e no dia em que voltamos ela me deu um presente. — Duke deu uma longa tragada e depois expeliu dois jatos iguais de fumaça cinza-azulada pelo nariz. — Tinha encontrado num catálogo da Sharper Image, eu acho, ou talvez tenha sido num dos outros. Tinha um nome metido a besta, mas não me lembro qual era. Eu apenas chamava o raio da coisa de Tenazes para Polegares de Pavlov. Mas, eu gostava dela pra diabo — ainda gosto, aliás, pode crer —, de modo que me contive e tentei o melhor que pude. Nem foi tão ruim quanto pensei que ia ser. Você conhece o negócio de que estou falando?"

— Claro que sim — disse Pearson. — O bipe. Faz você esperar um pouco mais cada cigarro. Lisabeth (*minha* mulher) vivia falando neles para mim quando estava esperando Jenny. Era tão sutil como um carrinho de mão cheio de cimento caindo de um andaime, você sabe.

Duke confirmou com a cabeça, sorrindo, e quando o barman passou por eles, apontou para os copos e lhe disse que repetisse a dose. Depois voltou-se para Pearson.

— Com exceção de usar as Tenazes para Polegares de Pavlov em vez do adesivo, o resto da minha história é igual à sua. Fiz o caminho todo até o lugar em que a máquina toca uma pequena versão porcaria do *Coro da Liberdade*, ou coisa parecida, mas o vício veio se esgueirando de volta. É mais difícil de eliminar do que matar uma serpente com dois corações. — O barman trouxe as cervejas frescas. Duke pagou dessa vez, tomou um gole da sua e disse: — Tenho que dar um telefonema. Vai levar uns cinco minutos.

— Está bem — disse Pearson. Deu uma olhada em volta, viu que o barman tinha mais uma vez se retirado para a relativa segurança da seção de não fumantes. *Quando chegarmos a 2005, os sindicatos vão obrigar a haver dois aqui*, pensou ele, *um para os fumantes e outro para os não fumantes*) e virou-se para Duke novamente. Dessa vez, quando falou, baixou o volume da voz: — Pensei que íamos falar sobre os homens-morcego.

Duke contemplou-o com seus olhos castanho-escuros por um instante e depois disse:

— *Estivemos* falando, homem. *Estivemos*.

E antes que Pearson pudesse dizer qualquer coisa mais, Duke tinha desaparecido nas profundezas escuras (mas quase inteiramente sem fumaça) do Gallagher, indo para onde estavam os telefones públicos.

O tempo que levou para voltar ficou mais perto de dez do que de cinco minutos, e Pearson estava pensando que talvez devesse ir lá no fundo e ver se ele estava bem quando seus olhos foram atraídos pela televisão, onde o locutor de notícias estava falando sobre um furor que tinha sido causado pelo vice-presidente dos Estados Unidos. Num discurso perante a Associação Nacional de Ensino, ele havia sugerido que as creches subsidiadas pelo governo deviam ser objeto de uma reavaliação e fechadas sempre que possível.

A imagem passou para uma filmagem feita mais cedo naquele dia, em algum centro de convenções de Washington, D.C., e quando o filme passou da tomada ampla de localização e a narração introdutória para o *close-up*

do vice-presidente no pódio, Pearson agarrou a beira do balcão com ambas as mãos, apertando tanto que seus dedos se afundaram um pouco no acolchoado. Uma das coisas que Duke dissera naquela manhã na praça lhe voltou à mente: *Eles têm amigos em posições importantes. Que diabo, e posições importantes é a única coisa que eles têm na cabeça.*

— Não temos nada contra as mães americanas que trabalham — dizia o monstro com a cara disforme de morcego parado atrás do pódio com o escudo azul de vice-presidente — e nada contra os pobres honestos. Mas, sim, achamos contudo...

Uma mão caiu sobre o ombro de Pearson e ele teve que morder os lábios com força para segurar o grito na garganta. Voltou-se para olhar e viu Duke. O rapaz tinha passado por uma mudança — seus olhos estavam brilhando e havia umas pequenas gotas de suor na sua testa. Pearson achou que ele estava com a expressão de quem tinha acabado de ganhar o prêmio acumulado da loteria.

— Nunca mais faça isso — disse Pearson, e Duke parou no meio do ato de subir de volta no seu banquinho do balcão. — Acho que acabei de engolir meu coração.

Duke pareceu surpreso, depois ergueu os olhos para a tevê. A compreensão surgiu no seu rosto.

— Oh — disse ele —, meu Deus, me desculpe, Brandon. De verdade. Estou sempre me esquecendo de que você entrou no meio deste filme.

— E o presidente? — perguntou Pearson. Esforçou-se por manter sua voz natural e quase conseguiu. — Acho que posso viver com essa besta, mas e o presidente? Ele é...

— Não — disse Duke. Hesitou e depois acrescentou: — Pelo menos, ainda não.

Pearson inclinou-se para ele, ciente de que a dormência estranha estava se insinuando de novo nos seus lábios.

— O que você quer *dizer* com "ainda não"? O que está acontecendo, Duke? O que são eles? De onde vêm? O que eles fazem e o que querem?

— Vou lhe contar o que sei — disse Duke —, mas antes quero saber se você pode vir a uma pequena reunião comigo hoje à noitinha. Por volta das 18h? Você está disposto?

— É sobre isso?

— Claro que é.

Pearson ficou matutando.

— Está bem. Mas tenho que telefonar para Lisabeth.

Duke pareceu alarmado.

— Não diga nada a respeito...

— Claro que não. Direi a ela que *La Belle Dame sans Merci* quer rever suas preciosas planilhas de novo antes de mostrá-las aos japoneses. Ela vai acreditar nisso. Ela sabe que Holding está quase histérica com a iminente chegada de nossos amigos da orla do Pacífico. Acha que está bem assim?

— Está.

— Também acho que está bem, mas parece um pouco desonesto.

— Não há nada de desonesto em tentar manter a maior distância possível entre sua esposa e os morcegos. Quero dizer, não estou querendo levá-lo a um local de massagens, meu chapa.

— Imagino que não. Então fale.

— Está bem. Acho que o melhor é começar por lhe falar sobre seus hábitos de fumante.

O *jukebox*, que tinha ficado em silêncio durante os últimos minutos, agora começou a emitir uma versão que parecia cansada do grande sucesso de Billy Ray Cyrus, *Achy Breaky Heart*. Pearson olhou para Rhinemann com uma expressão confusa e abriu a boca para perguntar o que seus hábitos de fumante tinham a ver com o preço do café em San Diego. Só que não saiu nenhum som. Absolutamente nenhum.

— Você parou... depois começou a dar umas fumadinhas... mas foi esperto o bastante para saber que, se não tivesse cuidado, ia voltar exatamente para onde tinha parado em um ou dois meses — disse Duke. — Certo?

— É, mas não vejo...

— Você vai ver. — Duke puxou o lenço e enxugou a testa. A primeira impressão de Pearson quando o homem voltara de usar o telefone tinha sido que Duke estava praticamente esfuziante de excitação. Mantinha essa

impressão, mas agora se dava conta de alguma outra coisa: ele também estava morrendo de medo. — Apenas tenha paciência.

— Está bem.

— Seja como for, você conseguiu chegar a um acordo com seu vício. Um como-é-que-se-chama, *modus vivendi*. Você não consegue se obrigar a parar, mas descobriu que isso não é o fim do mundo. Não é como ser um viciado em cocaína que não pode largar da droga nem um pau-d'água que não consegue parar de enxugar garrafa. Fumar é um vício desgraçado, mas há de fato um meio-termo entre dois ou três maços por dia e a abstinência total.

Pearson estava olhando para ele com os olhos arregalados e Duke sorriu.

— Não estou lendo o seu pensamento, se é isso que você está achando. Quero dizer, nós nos conhecemos um ao outro, não é mesmo?

— Imagino que sim — disse Pearson pensativo. — Só que me esqueci por um momento de que somos ambos do grupo das Pessoas das Dez Horas.

— Somos *o quê*?

Então Pearson explicou um pouco sobre as Pessoas das Dez Horas e seus gestos tribais (olhares mal-humorados quando confrontadas com avisos de PROIBIDO FUMAR, aquiescer com um dar de ombros mal-humorado quando alguma autoridade credenciada pede que Por Favor, Senhor, Apague Seu Cigarro), seus sacramentos tribais (chicletes, balas duras, palitos e, é claro, pequenas latinhas de aerossol de Binaca) e suas litanias tribais (das quais a mais comum é: vou parar de vez no ano que vem.).

Duke ficou ouvindo, fascinado, e, quando Pearson terminou, disse:

— Meu Deus do céu, Brandon! Você encontrou a Tribo Perdida de Israel! Os infelizes alucinados saíram todos por aí atrás de Joe Camel![5]

Pearson estourou na gargalhada, angariando outro olhar aborrecido e intrigado do sujeito de cara lisa lá nos Não Fumantes.

— De qualquer jeito, tudo se encaixa — disse-lhe Duke. — Deixe perguntar uma coisa: você fuma perto da sua filha?

— Cristo, não! — exclamou Pearson.

— Da sua mulher?

— Não, não mais.

— Quando foi a última vez que você fumou num restaurante?

Pearson matutou sobre isso e descobriu uma coisa esquisita: não conseguia se lembrar. Atualmente, ele pedia para sentar na seção dos não fumantes mesmo quando estava sozinho, deixando o cigarro para depois que tivesse terminado, pago a conta e saído. E há muito tinham acabado os dias em que tinha chegado a fumar entre um prato e outro, é claro.

— Pessoas das Dez Horas — disse Duke num tom maravilhado. — Cara, adorei essa... adorei que tenhamos um nome. E realmente é como se fôssemos parte de uma tribo. Isso...

Parou de repente, olhando para fora de uma das janelas. Um policial da cidade de Boston estava passando, falando com uma moça bonitinha. Ela estava olhando para ele com uma expressão docemente mesclada de admiração e de atração sexual, totalmente sem se dar conta dos olhos negros que a avaliavam e dos dentes triangulares brilhantes logo acima da sua cabeça.

— Meu Deus, olhe só para isso — disse Pearson em voz baixa.

— É — falou Duke. — Está ficando mais comum, também. Mais comum a cada dia. — Ficou calado por um momento, olhando para seu copo de cerveja pela metade. Depois, pareceu se sacudir quase fisicamente para sair de seu devaneio. — O que quer mais que nós sejamos — disse para Pearson —, somos as únicas pessoas em todo o maldito mundo que os veem.

— O quê, só os fumantes? — perguntou Pearson incrédulo. É claro que ele devia ter visto que Duke o estava conduzindo a isso, mas mesmo assim...

— Não — disse Duke num tom paciente. — Os *fumantes* não os veem. Os *não* fumantes tampouco os veem. — Mediu Pearson com os olhos. — Só pessoas como nós os veem, Brandon. Pessoas que não são nem carne nem peixe.

— Só as Pessoas das Dez Horas como nós.

Quando saíram do Gallagher dez minutos depois (Pearson tinha antes ligado para sua mulher, contado sua falsa história de infortúnio e

prometido estar em casa por volta das 22h), a chuva tinha diminuído até virar uma garoa fina, e Duke sugeriu que andassem um pouco. Não o caminho todo até Cambridge, que era onde iriam terminar, mas longe o suficiente para que Duke pudesse completar o resto do cenário. As ruas estavam quase desertas e podiam terminar sua conversa sem ter que olhar por cima dos ombros.

— De uma maneira bizarra, é um pouco feito seu primeiro orgasmo — estava dizendo Duke enquanto caminhavam pela neblina densa na direção do rio Charles. — Uma vez que isso engrena, torna-se parte da sua vida, simplesmente está ali para você. É o mesmo com isso. Um dia, as substâncias químicas no seu cérebro se equilibram exatamente como devem e você *vê* um. Sabe, me perguntei quantas pessoas simplesmente caíram mortas de pavor nesse momento. Uma porção, aposto.

Pearson olhou para a mancha vermelha do reflexo de um sinal de trânsito na pista negra luzidia da Boylston Street e se lembrou do choque que teve no seu primeiro encontro.

— Eles são tão horrorosos. Tão hediondos. O jeito como sua pele parece se mover pra todos os lados na sua cabeça... realmente, não dá para descrevê-los, não é mesmo?

Duke estava concordando com a cabeça.

— São mesmo feios pra caralho. Estava no metrô, indo de volta para casa em Milton, quando vi o meu primeiro. Ele estava parado na plataforma da direção do centro da cidade na estação da Park Street. Nós passamos por ele. Foi uma sorte para mim estar no trem e indo na direção oposta, porque gritei.

— E o que aconteceu então?

O sorriso de Duke tinha se transformado, pelo menos temporariamente, numa careta de vergonha.

— Algumas pessoas olharam para mim, depois desviaram os olhos imediatamente. Você sabe como é na cidade: há um maluco pregando como Jesus ama Tupperware em cada esquina de rua.

Pearson confirmou com a cabeça. Sabia muito bem como era na cidade. Ou pensava que sabia. Até esse dia.

— Um cara esquisito, ruivo e alto, com cerca de um trilhão de sardas no rosto, sentou-se no banco ao meu lado e agarrou meu cotovelo mais ou menos do mesmo jeito que agarrei o seu hoje de manhã. Ele se chama Robbie Delray. É pintor de paredes. Você vai conhecê-lo hoje de noite na Kate's.

— O que é a Kate's?

— Uma livraria especializada em Cambridge. Mistérios. Nós nos encontramos lá uma ou duas vezes por semana. É um bom lugar. Gente boa também, na maioria. Você vai ver. De qualquer modo, Robbie agarrou meu cotovelo e disse: "Você não está maluco, eu também vi. É de verdade... é um homem-morcego." Foi só isso, e ele podia estar falando do auge de alguma viagem de anfetamina, pelo muito que eu sabia... exceto que eu o *tinha* visto e o alívio...

— É — disse Pearson, recordando-se daquela manhã. Pararam em Storrow Drive, esperaram que um caminhão-tanque passasse e depois atravessaram depressa a rua cheia de poças. Pearson ficou momentaneamente fascinado por um grafite, pintado com aerossol nas costas de um banco de jardim de frente para o rio, que dizia: OS ALIENÍGENAS POUSARAM. COMEMOS 2 NO LEGAL SEAFOOD. — Foi bom para mim que você estivesse lá hoje de manhã — continuou Pearson. — Tive sorte.

Duke concordou com um aceno de cabeça.

— É, cara, teve sim. Quando os morcegos fodem com um sujeito, eles fodem mesmo. Geralmente a polícia recolhe os pedaços numa cesta depois de uma das festinhas deles. Você já ouviu falar nisso?

Pearson fez que sim com a cabeça.

— E ninguém sabe que todas as vítimas tinham uma coisa em comum: tinham cortado seu fumo para entre cinco e dez cigarros por dia. Tenho a impressão de que essa similaridade é um pouco obscura demais até mesmo para o FBI.

— Mas por que nos matar? — perguntou Pearson. — Quero dizer, se algum sujeito sai por aí dizendo que seu chefe é um marciano, eles não mandam a Guarda Nacional, eles colocam o sujeito no manicômio!

— Ora, cara, caia na real — falou Duke. — Você *viu* essas belezinhas.

— Eles... gostam de matar?

— É, eles gostam. Mas isso é botar a carroça na frente dos bois. Eles são como lobos, Brandon, lobos invisíveis que ficam o tempo todo andando para cima e para baixo no meio de um rebanho de ovelhas. Agora, me diga uma coisa: o que os lobos querem com as ovelhas, além de se divertir à beça toda vez que matam uma?

— Eles... o que você está dizendo? — A voz de Pearson se reduziu a um sussurro. — Você está dizendo que eles nos *comem*?

— Eles comem alguma parte de nós — disse Duke. — Era isso que Robbie Delray pensava no dia em que o conheci e é isso que a maioria de nós ainda pensa.

— Quem somos "nós", Duke?

— As pessoas que estou levando você para ver. Não vamos estar todos lá, mas desta vez a maioria vai. Surgiu alguma coisa. Alguma coisa grande.

— O quê?

Ante essa pergunta Duke limitou-se a abanar a cabeça.

— Você já está pronto para pegarmos um táxi? Está ficando úmido demais?

Pearson estava sentindo a umidade, mas ainda não queria um táxi. A caminhada o estimulara... mas não apenas a caminhada. Achava que não podia dizer isso a Duke — pelo menos ainda não —, mas isso tinha um lado claramente positivo... um lado positivo *romântico*. Era como se tivesse caído em alguma história de aventura juvenil estranha, mas excitante. Ele quase podia imaginar as ilustrações de N. C. Wyeth. Olhou para os nimbos de luz branca revolvendo lentamente em torno dos postes da rua que seguiam em fila indiana subindo pelo Storrow Drive e deu um pequeno sorriso. *Surgiu alguma coisa grande*, pensou. *O Agente X-9 se esgueirou até aqui com a boa notícia de nossa base clandestina... localizamos o veneno contra morcegos que estávamos procurando!*

— A excitação passa, pode acreditar em mim — disse Duke secamente.

Pearson virou a cabeça, espantado.

— Na hora que tiram seu segundo amigo das águas do porto de Boston com metade da cabeça faltando, você se dá conta de que Tom Swift não vai aparecer e ajudá-lo a caiar a maldita cerca de ripas de madeira.

— Tom Sawyer — murmurou Pearson e enxugou a água da chuva dos olhos. Podia sentir que estava ruborizado.

— Robbie acha que eles comem alguma coisa que nosso cérebro produz. Ele diz que talvez seja uma enzima, talvez alguma espécie de impulso elétrico especial. Diz que poderia ser a mesma coisa que nos permite (a alguns de nós, de qualquer modo) vê-los, e isso para eles é como tomates numa horta de fazenda, ali para eles pegarem quando resolverem que estão maduros. Mas eu fui criado como batista e estou disposto a ir direto ao ponto, sem nada dessa besteira de fazendeiro. Acho que eles são sugadores de almas.

— Mesmo? Você está brincando comigo ou realmente acredita nisso?

Duke deu uma risada, encolheu os ombros e fez um ar de desafio, tudo ao mesmo tempo.

— Porra, não sei, cara. Essas coisas entraram na minha vida mais ou menos na mesma época em que cheguei à conclusão de que o céu era um conto de fadas e o inferno eram as outras pessoas. Agora estou totalmente confuso de novo. Mas isso não tem importância. O importante, a única coisa que você tem que entender direito e não deixar de ter em mente, é que eles têm razões de sobra para nos matar. Primeiro porque receiam que façamos exatamente o que estamos fazendo, nos reunindo, nos organizando e tentando causar-lhes dano...

Fez uma pausa, refletiu sobre isso, sacudiu a cabeça. Agora ele parecia e falava como um homem que está mantendo um diálogo consigo mesmo, tentando uma vez mais encontrar as respostas para algumas perguntas que o vêm mantendo acordado há várias noites.

— Receiam? Não sei se isso é exatamente verdade. Mas eles não assumem muitos riscos, sobre isso não há a menor dúvida... eles odeiam o fato de que alguns de nós podemos vê-los. Eles ficam putos da vida com isso. Uma vez pegamos um deles e foi como prender um furacão numa garrafa. Nós...

— Pegaram um!

— Sim, senhor — disse Duke e abriu um sorriso largo mas duro, sem alegria. — Nós o pegamos numa área de descanso na rodovia I-95, lá perto de Newburyport. Havia uma meia dúzia de nós, meu amigo Robbie estava chefiando. Nós o levamos para uma casa de fazenda e, quando passou o efeito da dose cavalar de drogas que tínhamos injetado nele (e passou depressa demais), tentamos interrogá-lo, para obter melhores respostas para algumas das perguntas que você já me fez. Nós tínhamos acorrentado as pernas dele e o tínhamos enrolado com tanta corda de náilon que ele parecia uma múmia. Sabe do que mais me lembro?

Pearson sacudiu a cabeça negativamente. Sua impressão de estar vivendo dentro das páginas de uma história de aventura juvenil tinha sumido por completo.

— O modo como ele despertou — disse Duke. — Não houve nenhum intervalo. Num segundo ele estava chapado e no segundo seguinte estava completamente desperto, olhando para nós com aqueles olhos horríveis que eles têm. Olhos de morcego. Eles realmente têm olhos, sabe. As pessoas nem sempre se dão conta disso. Essa história de que eles são cegos deve ter sido trabalho de um bom agente de publicidade. A coisa se recusou a falar conosco. Nem uma só palavra. Acho que sabia que nunca mais iria sair daquele celeiro e não tinha o menor medo. Só ódio. Meu Deus, o ódio que havia naqueles olhos!

— O que aconteceu?

— Ele partiu a corrente das algemas como se fosse lenço de papel. Os grilhões das pernas eram mais resistentes (e nós lhe tínhamos enfiado aquelas botas de cano alto especiais, que podem ser pregadas diretamente no chão), mas a corda grossa de náilon... ele começou a mordê-la no lugar em que cruzava por cima dos seus ombros. Com aqueles dentes (você os viu) era como se estivéssemos observando uma ratazana roer cabo de aço trançado. Ficamos todos ali como galhos numa árvore. Até mesmo Robbie. Não podíamos acreditar no que estávamos vendo... ou talvez ele tivesse nos hipnotizado. Desconfiei muito disso, sabe, perguntei-me se isso seria possível. Graças a Deus que Lester Olson estava lá. Tínhamos usado um furgão Ford Econoline que Robbie e Moira tinham roubado e Lester estava paranoico com a ideia de que ele poderia ser visto da autoestrada. Saiu para conferir e quando voltou e viu a coisa quase livre, a não ser pelos pés, deu-lhe três tiros na cabeça. Simplesmente pou-pou-pou.

Duke abanou a cabeça com ar assombrado.

— Matou-o — disse Pearson. — Simplesmente pou-pou-pou.

Sua voz parecia ter-se elevado para fora da sua cabeça novamente, como tinha acontecido na praça em frente ao banco naquela manhã e, de repente, teve uma ideia horripilante mas convincente: que *não havia* as pessoas-morcego. Eram apenas uma alucinação coletiva, não muito diferente das que os usuários de peiote às vezes tinham nas suas contorções em círculos ajudadas pela droga. Esta, exclusiva das Pessoas das Dez Horas, era provocada pela quantidade exatamente certa de tabaco. As pessoas que Duke o estava levando para conhecer tinham matado pelo menos uma pessoa inocente enquanto estavam sob a influência dessa ideia maluca e eram capazes de matar mais. Sem dúvida *iam* matar mais, se dispusessem de tempo para isso. E, se ele não se afastasse desse jovem bancário enlouquecido, poderia acabar sendo participante disso. Já tinha visto duas das pessoas-morcegos... não, três, contando o policial, e quatro contando o vice-presidente. E isso mais ou menos fechava o leque, a ideia de que *o vice-presidente dos Estados Unidos*...

A expressão no rosto de Duke levou Pearson a acreditar que seus pensamentos estavam sendo lidos pela terceira vez em tempo recorde.

— Você está começando a se perguntar se, quem sabe, nós ficamos todos birutas, você inclusive — disse Duke. — Não é isso?

— Claro que é — respondeu Pearson, com a voz um pouco mais áspera do que pretendia.

— Eles desaparecem — disse Duke com simplicidade. — Eu *vi* o que estava no celeiro desaparecer.

— *O quê*?

— Ficar transparente, se transformar em fumaça, desaparecer. Sei que parece maluquice, mas nada que lhe pudesse dizer faria você entender a maluquice que foi *estar* pessoalmente ali e ver isso acontecer. Inicialmente, você acha que isso não é real, apesar de estar acontecendo na sua frente. Acha que deve estar sonhando ou que talvez tenha entrado, de algum modo, num filme cheio de efeitos especiais de formas de matar como naqueles antigos filmes de *Guerra nas Estrelas*. Depois, você sente um cheiro de algo parecido com poeira, mijo e pimenta forte, tudo misturado num só. Faz seus olhos arderem e lhe dá vontade de vomitar.

Lester *realmente* vomitou e Janet ficou espirrando durante uma hora. Ela disse que normalmente só ambrósia americana ou pelo de gato é que lhe causava isso. Seja como for, fui até a cadeira em que ele tinha estado. As cordas ainda estavam lá, bem como as algemas e as roupas. A camisa do sujeito ainda estava abotoada. A gravata do sujeito ainda estava com o nó. Estendi a mão e puxei o zíper das suas calças (com cuidado, como se o seu pinto fosse sair voando lá de dentro e arrancar meu nariz), mas tudo que vi foram suas cuecas dentro das calças. Cuecas brancas comuns, tipo sunga. Isso foi tudo, mas era o bastante, porque *elas* também estavam vazias. Vou lhe dizer uma coisa, meu irmão: você ainda não viu uma coisa esquisita se não viu as roupas de um sujeito, todas dispostas em camadas mas sem um sujeito dentro delas.

— Transformou-se em fumaça e desapareceu — disse Pearson. — Meu Deus.

— É. Bem no final, ele parecia aquilo ali. — Apontou para um dos postes de luz da rua com seu nimbo luminoso de umidade revolvendo ao seu redor.

— E o que acontece com... — Pearson parou por um instante, sem saber como expressar o que queria perguntar. — É feita alguma comunicação de que eles estão desaparecidos? Que estão... — Então ele percebeu o que realmente queria saber. — Duke, onde está o *verdadeiro* Douglas Keefer? E a verdadeira Suzanne Holding?

Duke sacudiu a cabeça.

— Não sei. Salvo que, de certa maneira, foi o verdadeiro Keefer que você viu hoje de manhã, Brandon, e a verdadeira Suzanne Holding também. Nós achamos que talvez as cabeças que vemos não estão de fato ali, que nossos cérebros estão traduzindo o que os morcegos *de fato* são (seus corações e suas almas) em imagens visuais.

— Telepatia espiritual?

Duke abriu um largo sorriso.

— Você tem um certo jeito com as palavras, cara. Isso serve. Você precisa falar com Lester. Quando se trata de pessoas-morcegos, ele é quase um poeta.

O nome lhe soou conhecido e, depois de pensar por um momento, Pearson achou que sabia por quê.

— Ele é um sujeito mais velho, com uma vasta cabeleira branca? Parece uma espécie de magnata idoso de novela?

Duke estourou numa risada.

— É, esse é o Les.

Caminharam em silêncio durante algum tempo. O rio corria à sua direita, em marolas com um aspecto místico, e agora podiam ver as luzes de Cambridge do outro lado. Pearson achou que nunca Boston lhe parecera tão bonita.

— As pessoas-morcegos chegam, talvez não sejam mais do que um germe que se aspira... — Pearson recomeçou, tateando o caminho.

— É, bem, alguns acolhem essa ideia do germe, mas não sou um deles. Porque, veja bem: nunca se vê um homem-morcego *faxineiro* ou uma mulher-morcego *garçonete*. Eles gostam do *poder* e estão se instalando nas vizinhanças do poder. Você já ouviu falar de algum germe que só atacasse as pessoas ricas, Brandon?

— Não.

— Nem eu.

— Essas pessoas que nós vamos encontrar... elas são... — Pearson achou certa graça ao constatar que tinha que fazer um esforço para botar para fora a coisa seguinte. Não era bem uma volta à terra dos livros juvenis, mas estava perto. — Eles são soldados da resistência?

Duke pensou sobre isso, depois concordou com a cabeça e deu de ombros, num gesto fascinante, como se seu corpo estivesse dizendo sim e não ao mesmo tempo.

— Ainda não — disse ele —, mas talvez, depois da noite de hoje, passemos a ser.

Antes que Pearson pudesse perguntar-lhe o que queria dizer com isso, Duke tinha visto outro táxi circulando vazio, esse do lado oposto de Storrow Drive, e tinha pisado na sarjeta para chamá-lo com o braço. O táxi fez uma volta em U proibida e deu uma guinada para o meio-fio para pegá-los.

No táxi, falaram de times de beisebol de Boston — os Red Sox de enlouquecer, os Patriots deprimentes, os Celtics caindo pelas tabelas — e deixaram as pessoas-morcegos de lado. Porém, quando desceram diante de

uma casa de fazenda isolada na margem de Cambridge do rio (numa tabuleta que mostrava um gato preto com a espinha eriçada e arreganhando os dentes estava escrito LIVRARIA DE MISTÉRIO DE KATE), Pearson pegou o braço de Duke Rhinemann e falou:

— Tenho mais algumas perguntas.

Duke olhou para seu relógio.

— Não há tempo, Brandon. Acho que ficamos andando um pouco além da conta.

— Só duas, então.

— Meu Deus, você é feito aquele sujeito na TV, o que usa uma capa de chuva suja. De qualquer modo, duvido que esteja em condições de respondê-las: sei muito menos sobre isso do que você pensa.

— Quando isso começou?

— Tá vendo? É isso que estava dizendo. Não sei, e a coisa que nós pegamos sem dúvida não ia nos dizer. Aquela gracinha não nos diria nem seu nome, posto e número de matrícula. Robbie Delray, o sujeito de quem lhe falei, disse que viu o seu primeiro há cinco anos, levando um Lhasa Apso em Boston Common. Ele diz que, desde então, a cada ano há mais. Ainda não há muitos deles, comparados conosco, mas a quantidade deles tem aumentado... geometricamente?... É essa a palavra que estou procurando?

— Espero que não — disse Pearson. — É uma palavra de meter medo.

— Qual é sua outra pergunta, Brandon? Ande depressa.

— E outras cidades? Há mais morcegos? E outras pessoas os viram? O que vocês ouviram dizer?

— Não sabemos. Eles podem estar pelo mundo inteiro, mas temos razoável certeza de que os Estados Unidos são o único país no mundo onde mais do que um punhado de pessoas pode vê-los.

— Por quê?

— Porque este é o único país que ficou alucinado a respeito de cigarros... provavelmente porque é o único em que as pessoas acreditam (e lá no fundo elas de fato acreditam) que se simplesmente comerem os alimentos certos, ingerirem a combinação certa de vitaminas, pensarem a quantidade suficiente dos pensamentos certos e limparem suas bundas

com o papel higiênico certo vão viver para sempre e ser sexualmente ativas o tempo todo. Quando se chega à questão de fumar, as frentes de batalha estão definidas e o resultado foi esses tipos híbridos esquisitos. Em outras palavras, nós.

— As Pessoas das Dez Horas — disse Pearson sorrindo.

— Isso, as Pessoas das Dez Horas. — Olhou por cima do ombro de Pearson. — Moira! Oi!

Pearson não chegou a ficar surpreso ao sentir o perfume. Giorgio. Olhou para trás e viu a Pequena Miss Saia Vermelha.

— Moira Richardson, Brandon Pearson.

— Olá — disse Pearson e apertou a mão que ela lhe estendeu. — Assistência ao Crédito, não é?

— Isso é como chamar um lixeiro de técnico em assuntos sanitários — disse ela com um sorriso amplo e alegre. Era um sorriso, pensou Pearson, pelo qual um homem podia se apaixonar se não tivesse cuidado. — Verificações de crédito é o que eu faço na verdade. Se você quiser comprar um novo Porsche, confiro os arquivos para verificar se você é mesmo o tipo de sujeito de um Porsche... num sentido financeiro, é claro.

— É claro — disse Pearson e retribuiu-lhe o sorriso.

— Cam! — chamou ela. — Venha até aqui!

Era o faxineiro que gostava de lavar o piso do banheiro com o boné virado de trás para a frente. Vestido com roupa comum, seu Q.I. dava a impressão de ter aumentado uns 50 pontos e o fazia ter uma semelhança impressionante com Armand Assante. Pearson sentiu uma dorzinha, mas sem surpresa, quando ele passou um braço pela cinturinha deliciosa de Moira Richardson e deu um beijo natural no canto de sua boquinha deliciosa. Depois estendeu a mão para Brandon.

— Cameron Stevens.

— Brandon Pearson.

— Estou contente por vê-lo aqui — disse Stevens. — Achei que você ia pirar mesmo hoje de manhã.

— Quantos de vocês estavam me observando? — perguntou Pearson. Tentou recapitular a praça às 10h e percebeu que não conseguia — na sua maior parte, estava perdida numa névoa branca de choque.

— A maioria de nós do banco que os vê — disse Moira com tranquilidade. — Mas não faz mal, senhor Pearson...

— Brandon. Por favor.

Ela assentiu com a cabeça.

— Não estávamos fazendo nada, só torcendo por você. Vamos, Cam.

Subiram depressa os degraus para o alpendre da pequena construção de estrutura simples e entraram logo. Pearson só captou um relance de luz fraca antes que a porta se fechasse. Depois virou-se para Duke.

— Isso é tudo de verdade, não é? — perguntou.

Duke olhou para ele com uma expressão de solidariedade.

— Infelizmente é. — Fez uma pausou e depois acrescentou: — Mas há uma coisa boa nisso.

— É? O quê?

Os dentes de Duke brilharam na escuridão da garoa.

— Você está prestes a comparecer à sua primeira reunião em que é permitido fumar desde mais ou menos cinco anos — falou. — Venha, vamos entrar.

3

A entrada e a livraria estavam às escuras. A luz, junto com um murmúrio de vozes, subia pela escada bem íngreme à esquerda.

— Bem — disse Duke —, é aqui. Para citar o Dead, que viagem longa e estranha foi essa,[6] certo?

— Sem dúvida alguma — concordou Pearson. — Kate é uma Pessoa das Dez Horas?

— A proprietária? Não. Só a vi duas vezes, mas tenho a impressão de que ela é uma não fumante total. Esse lugar foi ideia do Robbie. Até onde Kate sabe, nós somos a Sociedade de Arrombadores de Cofre Empedernidos de Boston.

Pearson levantou as sobrancelhas.

— Como é que é?

— Um pequeno grupo de admiradores fiéis que se reúne mais ou menos todas as semanas para debater as obras de Raymond Chandler,

Dashiell Hammet, Ross Macdonald, pessoas assim. Se você não leu nenhum deles, provavelmente deveria. Nunca é demais ser precavido. Não é tão difícil assim. Alguns deles na verdade são bastante bons.

Desceram, com Duke na frente — a escada era estreita demais para irem lado a lado — e entraram por um portal aberto numa sala de porão de teto baixo, bem-iluminada, que provavelmente se estendia por todo o comprimento da casa em cima. Cerca de 30 cadeiras desmontáveis tinham sido arrumadas em fileiras e havia um cavalete coberto com um pano azul diante delas. Atrás do cavalete, estavam empilhadas caixas de papelão de diversas editoras. Pearson achou graça ao ver um retrato emoldurado na parede do lado esquerdo, com um cartaz por baixo dizendo DASHIELL HAMMETT: TODOS SAÚDEM NOSSO LÍDER INTRÉPIDO.

— Duke? — falou uma mulher à esquerda de Pearson. — Graças a Deus. Pensei que tinha lhe acontecido alguma coisa.

Era mais outra pessoa que Pearson identificou: a moça com ar sério, com os óculos de lentes grossas e cabelos pretos compridos. Nessa noite, parecia muito menos séria, vestida com uns jeans desbotados e uma camiseta da Universidade de Georgetown, por baixo da qual ela estava visivelmente sem sutiã. E Pearson teve a impressão de que, se a mulher de Duke algum dia visse o jeito com que essa moça estava olhando para seu marido, provavelmente o arrastaria pela orelha para fora do porão da livraria de Kate e que se danem todas as pessoas-morcegos do mundo.

— Estou muito bem, querida — disse ele. — Estava trazendo mais um convertido à Igreja do Morcego Fodido, só isso. Janet Brightwood, Brandon Pearson.

Brandon apertou-lhe a mão, pensando: *Você é a que não parava de espirrar*.

— Estou muito contente de conhecê-lo, Brandon — disse ela, e depois voltou a ficar sorrindo para Duke, que parecia um pouco encabulado com a intensidade do seu olhar. — Quer ir tomar um café depois? — perguntou a ele.

— Bem... vamos ver, querida. Está bem?

— Está bem — ela falou, e seu sorriso dizia que esperaria três anos para ir tomar café com Duke, se era assim que ele queria.

O que é que eu estou fazendo aqui?, perguntou-se Pearson de repente. *Isso é uma maluquice completa... feito uma reunião dos Alcoólicos Anônimos num hospício*.

Os membros da Igreja do Morcego Fodido estavam pegando cinzeiros de uma pilha sobre uma das caixas de papelão com livros e acendendo seus cigarros com um deleite evidente enquanto tomavam seus lugares. Pearson calculou que, depois de todos se instalarem, haveria poucas cadeiras desmontáveis vazias, se é que sobraria alguma.

— Está praticamente todo mundo aqui — disse Duke, levando-o para duas cadeiras no final da última fileira, longe de onde Janet Brightwood estava tomando conta de uma cafeteira elétrica. Pearson não tinha a menor ideia se isso era ou não mera coincidência. — Aqui está bem... cuidado com o pau da janela, Brandon.

O pau, com um gancho na ponta para abrir as janelas altas do porão, estava encostado numa parede de tijolos caiados. Pearson o tinha chutado sem querer ao se sentar. Duke agarrou-o antes que caísse e pudesse ferir alguém, transferiu-o para um local ligeiramente mais seguro, depois se esgueirou pelo corredor lateral e pegou um cinzeiro.

— Você realmente lê pensamentos — disse Pearson agradecido e acendeu seu cigarro. Era uma sensação estranha (mas bastante maravilhosa) estar fazendo isso como membro de um grupo tão grande.

Duke acendeu seu próprio cigarro, depois apontou-o para o magricela sardento que agora estava de pé ao lado do cavalete. Sardas estava imerso numa conversa com Lester Olson, que tinha abatido a tiros o homem-morcego, pou-pou-pou, num celeiro em Newburyport.

— O ruivo é Robbie Delray — disse Duke, num tom quase de veneração. — Dificilmente você o escolheria para Salvador de Sua Raça se estivesse organizando o elenco de uma minissérie, não é? Mas é possível que ele acabe sendo exatamente isso.

Delray moveu a cabeça de modo afirmativo para Olson, deu-lhe um tapinha nas costas e falou alguma coisa que fez o homem de cabelos brancos dar uma gargalhada. Depois Olson voltou para sua cadeira — fileira da frente, no centro — e Delray deslocou-se para o cavalete coberto.

A essa altura, todas as cadeiras estavam ocupadas e havia até algumas pessoas de pé no fundo da sala, perto da cafeteira. A conversa, animada e nervosa, zunia e rebotava em volta da cabeça de Pearson como bolas de bilhar depois de uma rompida dura do triângulo inicial de bolas vermelhas. Um tapete de fumaça de cigarro azul-acinzentada já havia se juntado logo abaixo do teto.

Meu Deus, eles são birutas, pensou ele. *Birutas de verdade. Aposto que os abrigos antiaéreos em Londres tinham esse ambiente lá em 1940, durante as* blitze.

Voltou-se para Duke.

— Com quem você falou? Quem lhe disse que havia algo grande hoje à noite?

— Janet — falou Duke sem olhar para ele. Seus expressivos olhos castanhos estavam grudados em Robbie Delray, que uma vez o tinha feito preservar sua sanidade mental em um trem do metrô. Pearson achou que via tanto adoração como admiração nos olhos de Duke.

— Duke? Esta é uma reunião *de fato* grande, não é?

— Para nós, é. A maior que já vi.

— Isso o deixa nervoso? Ter tantos da sua gente num mesmo lugar?

— Não — disse Duke com simplicidade. — Robbie é capaz de *sentir o cheiro* dos morcegos. Ele... shhhh, aí vamos nós.

Robbie Delray, sorrindo, ergueu as mãos e a tagarelice cessou quase imediatamente. Pearson viu o olhar de adoração de Duke repetido em muitos outros rostos. Em nenhum viu menos do que respeito.

— Obrigado por terem vindo — disse Delray serenamente. — Acho que, finalmente, temos o que alguns de nós estamos esperando há quatro ou cinco anos.

Isso provocou aplausos espontâneos. Delray deixou que continuassem por alguns instantes, percorrendo a sala com o olhar, com um sorriso amplo. Por fim, levantou as mãos para pedir silêncio. Pearson descobriu uma coisa desconcertante enquanto as palmas (das quais não participara) iam acabando: ele não gostava do amigo e mentor de Duke. Supôs que poderia estar tendo um toque de ciúmes — agora que Delray estava dando seu *show* na frente da sala, Duke Rhinemann tinha claramente esquecido

que Pearson existia —, mas achou que isso não era tudo. Havia algo de pretensioso e de autoelogioso naquele gesto de erguer-as-mãos e ficar-em-silêncio, algo que expressava o desprezo quase inconsciente de um político astuto por sua plateia.

Oh, corta essa, disse Pearson para si mesmo. *Você não tem como saber* nada *disso*.

Verdade, perfeitamente verdade, e Pearson tentou varrer a intuição da cabeça e dar a Delray uma chance, pelo menos por causa de Duke.

— Antes de começarmos — prosseguiu Delray —, gostaria de apresentar a vocês um membro novinho em folha do grupo: Brandon Pearson, lá da mais distante, da mais escura Medford. Fique de pé por um ou dois segundos, Brandon, e deixe seus novos amigos verem quem você é. Pearson lançou um olhar espantado para Duke, que deu um grande sorriso, encolheu os ombros, depois empurrou o ombro de Pearson com a base da mão.

— Vamos, eles não mordem.

Pearson não tinha tanta certeza disso. De qualquer maneira, levantou-se, sentindo o rosto pegando fogo, demasiado consciente das pessoas girando seus pescoços para examiná-lo. Estava especialmente consciente do sorriso de Lester Olson — tal como seus cabelos, de algum modo era impressionante demais para não se desconfiar.

Seus colegas das Pessoas das Dez Horas começaram a bater palmas de novo, só que dessa vez era a ele que estavam aplaudindo: Brandon Pearson, bancário de nível médio e fumante inveterado. Percebeu que, mais uma vez, estava se perguntando se não tinha de algum modo se metido numa reunião dos A.A. destinada exclusivamente a birutas (se não dirigida por eles). Quando se deixou cair de volta na cadeira, suas bochechas estavam em vermelho-vivo.

— Podia perfeitamente dispensar isso, obrigado — sussurrou para Duke.

— Calma — disse Duke, ainda sorrindo. — É assim com todos. E você tem que gostar disso, cara, não é mesmo? Quero dizer, porra, é tão anos *90*.

— É anos 90, sim, mas não tenho que gostar — disse Pearson. Seu coração estava batendo forte demais e o rubor no seu rosto não estava

desaparecendo. Na verdade, parecia que estava aumentando. *O que é isso?*, perguntou a si próprio. *Calores súbitos? Andropausa? O quê?*

Robbie Delray inclinou-se para a frente, falou rapidamente com uma morena de óculos sentada ao lado e Olson, deu uma olhada no relógio, depois recuou de volta para o cavalete e tornou a encarar o grupo. Seu rosto aberto, sardento, fazia com que parecesse um coroinha de missa dominical se preparando para fazer todo o tipo de diabruras inofensivas — pererecas na parte de trás das blusas das meninas, encurtar a colcha da cama do irmão menor, esse tipo de coisa — durante os outros seis dias da semana.

— Obrigado, gente, e bem-vindo ao nosso lugar, Brandon — disse ele.

Pearson murmurou que estava contente por estar ali, mas não era verdade — e se os seus colegas das Pessoas das Dez Horas se revelassem um bando de imbecis desvairados da Nova Era? Suponha que terminasse se sentindo em relação a eles como se sentia a respeito da maioria dos entrevistados que via no programa da Oprah ou os doidos religiosos bem-vestidos que costumavam aparecer no Clube de Pais e Professores para cantar um hino de igreja? E aí?

Oh, deixa disso, disse para si mesmo. *Você gosta do Duke, não gosta?*

É, *de fato* gostava de Duke, e achou que provavelmente também iria gostar de Moira Richardson... isto é, depois que ultrapassasse a camada *sexy* exterior e fosse capaz de apreciar a pessoa dentro dela. Sem dúvida, haveria outros de quem acabaria gostando também — afinal, não era difícil de agradar. E tinha se esquecido, pelo menos temporariamente, da razão subjacente pela qual estavam todos ali nesse porão: as pessoas-morcegos. Tendo em vista a ameaça, podia suportar alguns idiotas e crentes da Nova Era, não podia?

Achava que podia.

Bom! Ótimo! Agora recoste-se, relaxe e assista à parada.

Recostou-se, mas percebeu que não conseguia relaxar pelo menos não por completo. Parte disso era por ser o novo membro. Parte era sua forte aversão a esse tipo de interação social forçada — como regra, ele via as pessoas que usavam seu primeiro nome mal o conheciam, e sem serem convidados a isso, como uma espécie de sequestradores. E em parte...

Oh, pare com isso! Você ainda não entendeu? Você não tem opção neste caso!

Uma ideia desagradável, mas que era difícil de refutar. Tinha cruzado uma linha naquela manhã, quando casualmente virara a cabeça e vira o que estava *de fato* vivendo atualmente dentro das roupas de Douglas Keefer. Supunha que pelo menos isso sabia, mas foi só nessa noite que se deu conta de como aquela linha era definitiva, como era pequena a probabilidade de que jamais pudesse ser capaz de cruzá-la de volta para o outro lado. Para o lado *seguro*.

Não, não podia se descontrair. Pelo menos por enquanto.

— Antes de entrar no assunto, quero agradecer a todos vocês por virem com tão pouca antecedência — disse Robbie Delray. — Sei que nem sempre é fácil dar o fora sem fazer com que os outros ergam as sobrancelhas, e às vezes é simplesmente perigoso. Acho que não seria exagero dizer que passamos por um longo inferno juntos... e mar bravo também...

Houve uns risinhos da plateia, abafados e bem-educados. A maioria dos presentes parecia estar aguardando fascinada cada palavra de Delray.

— ...e ninguém sabe melhor do que eu como é difícil ser uma das poucas pessoas que de fato sabem a verdade. Desde que vi meu primeiro morcego, cinco anos atrás...

Pearson já estava irrequieto na cadeira, tendo a única sensação que não esperara ter nessa noite: tédio. Que a estranha passagem desse dia terminasse desse jeito, com um bando de pessoas sentadas no porão de uma livraria escutando um pintor de paredes sardento fazer o que parecia um discurso do Rotary Club...

No entanto, os outros estavam inteiramente embevecidos. Pearson deu uma olhada em volta para confirmar isto para si mesmo. Os olhos de Duke brilhavam com aquele olhar de fascínio total — um olhar semelhante ao que dava seu cachorro de infância, Buddy, quando Pearson tirava sua tigela de comida do armário debaixo da pia. Cameron Stevens e Moira Richardson estavam sentados com os braços um em volta do outro e fitavam Robbie Delray com uma absorção celestial. O mesmo com Janet Brightwood. O mesmo com o resto do grupo em volta da cafeteira automática.

O mesmo com todos, pensou ele, *exceto Brandon Pearson. Vamos, coração, tente entrar na dança*.

Só que não conseguia e, de uma forma esquisita, era quase como se Robbie Delray tampouco estivesse conseguindo. Pearson retornou da sua olhada pela plateia bem a tempo de ver Delray dar outra olhadela furtiva no relógio de pulso. Era um gesto com o qual Pearson tinha ficado muito acostumado desde que se juntara às Pessoas das Dez Horas. Achou que o homem estava contando o tempo que faltava para seu próximo cigarro.

Enquanto Delray continuava na sua falação, alguns dos seus outros ouvintes também começaram a desligar um pouco — Pearson ouviu tossidas abafadas e alguns pés se remexendo. Delray ia em frente apesar de tudo, aparentemente sem perceber que, amado líder da resistência ou não, estava agora correndo o risco de deixar de ser bem-vindo.

— ...de modo que fizemos o melhor que podíamos — estava dizendo — e absorvemos nossas perdas da melhor forma possível também, ocultando nossas lágrimas da maneira como eu acho que sempre tiveram que fazer aqueles que lutam em guerras secretas, mantendo o tempo todo nossa fé em que chegará o dia em que o segredo se desvendará e nós seremos — *poin*: outra olhadela rápida no seu velho Casio — capazes de partilhar o que sabemos com todos os homens e mulheres que olham mas não veem.

Salvador da Sua Raça?, pensou Pearson. *Deus nos dê a graça. Esse sujeito parece mais Jesse Helms fazendo longos discursos de obstrução no Senado.*

Deu uma olhada para Duke e sentiu-se encorajado ao ver que, embora ainda estivesse prestando atenção, estava se remexendo na cadeira e dando indícios de estar saindo de seu transe.

Pearson tocou seu rosto novamente e constatou que ainda estava quente. Desceu as pontas dos dedos até a carótida e sentiu sua pulsação — ainda disparada. Agora não era a vergonha de ter que ficar de pé e ser examinado como se fosse finalista do concurso de Miss América: os outros, pelo menos temporariamente, tinham se esquecido da sua existência. Não, era alguma outra coisa. E não era alguma outra coisa boa.

— ...nós continuamos com isso e nos agarramos a isso, demos os passos certos mesmo quando não gostávamos da música... — continuava

monotonamente Delray.

É o que você sentiu antes, disse a si mesmo Brandon Pearson. *É o medo de ter caído num grupo de pessoas que partilham a mesma alucinação mortal*.

— Não, não é *não* — murmurou ele.

Duke virou-se para ele com as sobrancelhas erguidas e Pearson sacudiu a cabeça. Duke tornou a dirigir sua atenção para a frente da sala.

Estava com medo, sim, mas não de ter caído em algum culto bizarro que derivava suas emoções do assassinato. Talvez as pessoas nessa sala — pelo menos algumas delas — tivessem cometido assassinatos, talvez aquele episódio no celeiro em Newburyport tivesse acontecido, mas a energia necessária para tais empreendimentos desesperados não seria evidente aqui nessa noite, nessa sala cheia de *yuppies* sobre os quais presidia Dashiell Hammett. Tudo que percebia ali era uma certa teimosia sonolenta, o tipo de atenção parcial que permitia às pessoas atravessarem discursos enfadonhos como esse sem pegarem no sono ou se retirarem.

— Robbie, vá direto ao assunto! — berrou do fundo da sala alguma alma gêmea e ouviu-se uma risada nervosa.

Robbie Delray disparou um olhar irritado na direção de onde viera a voz, depois sorriu e conferiu seu relógio mais uma vez.

— É, está bem — disse ele. — Reconheço que estava divagando. Lester, quer me ajudar aqui um instante?

Lester se levantou. Os dois homens foram para trás de uma pilha de caixas de papelão para livros e voltaram carregando pelas alças um grande baú de couro. Pousaram-no à direita do cavalete.

— Obrigado, Les — disse Robbie.

Lester balançou a cabeça afirmativamente e voltou a se sentar.

— O que tem no baú? — murmurou Pearson no ouvido de Duke. Este sacudiu a cabeça. Estava com uma expressão intrigada e, de repente, um pouco incomodado... mas talvez não tão incomodado como se sentia Pearson.

— Muito bem, talvez Mac tenha razão — disse Delray. — Acho que me entusiasmei, mas isso me dá a sensação de uma ocasião histórica. Adiante com o espetáculo.

Fez uma pausa de efeito, depois retirou com um gesto rápido o pano azul que cobria o cavalete. Os ouvintes se sentaram na beira de suas cadeiras desmontáveis, preparados para ficarem espantados, depois se recostaram de volta com um pequeno suspiro de decepção. Era uma fotografia em preto e branco do que parecia ser um depósito abandonado. Tinha sido ampliada o suficiente para que a vista pudesse facilmente distinguir os amontoados de papel, de camisinhas e de garrafas de vinho vazias nas plataformas de carga, bem como ler um emaranhado de piadas e ditos de sabedoria popular pintados nas paredes por grafiteiros. O maior dos dizeres proclamava RIOT GRRRLS É QUE MANDAM.

Uma massa abafada de murmúrios atravessou a sala.

— Cinco semanas atrás — disse Delray num tom para impressionar —, Lester, Kendra e eu seguimos dois homens-morcego até esse depósito abandonado na área de Clark Bay, em Revere.

A mulher de cabelos castanhos, com óculos de lentes redondas sem armação em volta, que estava sentada ao lado de Lester Olson, olhou em volta cheia de si... e naquele instante Pearson podia jurar que ela deu uma olhada no seu relógio de pulso.

— Nesse ponto, vieram ao seu encontro mais três homens-morcego e duas mulheres-morcego. Entraram no depósito. Desde então, seis ou sete de nós montamos um sistema rotativo de vigilância desse local. Constatamos que...

Pearson olhou para o lado e viu a fisionomia magoada e incrédula de Duke. Era como se tivesse POR QUE NÃO FUI ESCOLHIDO? tatuado na testa.

— ...isso é algum tipo de ponto de encontro para os morcegos na área metropolitana de Boston...

Os Morcegos de Boston, pensou Pearson, *um grande nome para um time de beisebol*. E então ela voltou, a dúvida: *Isto sou eu, sentado aqui e ouvindo essa maluquice? Sou eu* mesmo?

Na esteira desse pensamento, como se a memória, de algum modo, tivesse sido despertada por sua dúvida momentânea, ouviu novamente Delray dizer aos Intrépidos Caçadores de Morcegos que seu mais novo recruta era Brandon Pearson, da mais distante, da mais escura Medford.

Voltou-se para Duke e falou baixinho no seu ouvido:

— Quando você falou com Janet pelo telefone — lá do Gallagher —, você disse a ela que estava me trazendo aqui, certo?

Duke lhe lançou um olhar impaciente de estou-tentando-escutar, no qual ainda havia um laivo de mágoa.

— Claro — respondeu.

— Você disse que eu vinha de Medford?

— Não — disse Duke. — Como iria saber de onde você era? Deixe-me escutar, Brand! — E virou-se para a frente.

— Registramos mais de 35 veículos (na maioria, carros de luxo e limusines) visitando esse depósito abandonado no meio de lugar nenhum — disse Delray. Fez uma pausa para deixar que isso fosse absorvido, deu outra olhadela furtiva no relógio e continuou apressadamente. — Muitos deles visitaram o local 10 ou 12 vezes. Os morcegos sem dúvida estavam se parabenizando por terem escolhido um local tão afastado para seu salão de reuniões, clube social ou o que quer que seja, mas acho que eles vão descobrir que, ao contrário, se colocaram num beco sem saída. Porque... desculpem-me só por um segundo, pessoal...

Voltou-se e começou uma conversa em voz baixa com Lester Olson. A mulher chamada Kendra juntou-se a eles, movendo a cabeça de um para o outro como se estivesse numa partida de pingue-pongue. Os assistentes sentados na plateia observavam essa conferência sussurrada com expressões de espanto e perplexidade.

Pearson sabia como estavam se sentindo. Duke tinha prometido *alguma coisa grande* e, a julgar pela atmosfera do lugar quando eles chegaram, todos os demais tinham recebido a mesma promessa. “Alguma coisa grande” tinha acabado sendo uma única fotografia em preto e branco mostrando nada mais do que um depósito abandonado, chafurdando num mar de lixo, roupas de baixo jogadas fora e camisinhas usadas. Que merda há de errado nessa foto?

O troço grande deve estar no baú, pensou Pearson. *E, a propósito, Sardas, como é que você sabia que eu venho de Medford? Essa é uma que estou guardando para as perguntas depois do discurso, pode crer*.

Aquela sensação — rosto ruborizado, coração disparado, acima de tudo o desejo de outro cigarro — estava mais forte do que nunca. Como os

ataques de angústia que às vezes tinha nos tempos de faculdade. O que *era*? Se não era medo, o que era?

Oh, é medo, sim. Não é só medo de ser o único homem são da cabeça nesta cova de serpentes. Você sabe que os morcegos são verdadeiros. Você não está maluco, nem o estão Duke, Moira, Cam Stevens nem Janet Brightwood. Mas mesmo assim há alguma coisa errada com essa fotografia... errada mesmo. *E acho que é* ele. *Robbie Delray, pintor de paredes e Salvador da Sua Raça. Ele sabia de onde eu era. Brightwood o chamou e disse-lhe que Duke estava trazendo alguém do First Merc, cujo nome era Brandon Pearson, e Robbie deu uma checada em mim. Por que faria isso? E* como *fez isso?*

Na sua cabeça, de repente ouviu Duke Rhinemann dizendo: *Eles são espertos... têm amigos em posições importantes. Que diabo, e posições importantes é a única coisa que eles têm na cabeça.*

Quem tem amigos em posições importantes pode checar sobre uma pessoa com urgência, não pode? Pode. As pessoas em posições importantes têm acesso a todas as senhas certas de computadores, todos os registros certos, todos os números que compõem todos os dados biográficos certos...

Pearson estremeceu com força na cadeira, como um homem que despertava de um sonho terrível. Seu pé chutou para a frente involuntariamente e bateu na base do pau da janela. Ele começou a escorregar. Nesse meio-tempo, os sussurros lá na frente da sala acabaram num círculo de assentimentos de cabeça.

— Les? — Delray perguntou. — Você e Kendra podem me dar outra ajudazinha aqui?

Pearson alcançou o pau da janela antes que pudesse cair e acertar alguém na cabeça — talvez até cortar o couro cabeludo de alguém com aquele gancho de aspecto ameaçador na ponta. Pegou-o e começou a recolocá-lo no lugar, encostado na parede, e viu o rosto de demônio espreitando pela janela do porão. Os olhos negros, como os de uma boneca de trapo abandonada debaixo de uma cama, fitaram dentro dos olhos azuis arregalados de Pearson. Faixas de pele giravam como faixas de atmosfera em volta dos planetas que os astrônomos chamavam de gigantes de gás. As serpentes negras que eram veias no crânio pelado e encalombado estavam pulsando. Os dentes brilhavam na sua boca escancarada.

— É só me ajudar com as travas desta maldita coisa — estava dizendo Delray do outro extremo da galáxia. Deu uma risadinha amistosa: — Estão um pouco grudadas, acho.

Para Brandon Pearson era como se o tempo tivesse recuado para repetir a parte da manhã: uma vez mais tentou gritar e uma vez mais o choque lhe roubou a voz e só foi capaz de emitir um som baixo e abafado, o som de um homem gemendo durante o sono.

O discurso interminável.

A fotografia sem sentido.

As constantes olhadelas no relógio de pulso.

Isso o deixa nervoso? Ter tantos da sua gente num mesmo lugar?, tinha perguntado e Duke tinha respondido, sorrindo: *Não. Robbie é capaz de* sentir o cheiro *dos morcegos*.

Desta vez não havia ninguém para detê-lo e desta vez a segunda tentativa de Pearson foi um completo êxito.

— É UMA ARMADILHA*!* — berrou ele, ficando de pé num salto. — É UMA ARMADILHA, TEMOS QUE DAR O FORA DAQUI!

Rostos espantados voltaram-se para trás para olhar para ele... mas havia três que não precisavam esticar as cabeças. Elas pertenciam a Delray, Olson e aquela mulher de cabelos castanhos chamada Kendra. Tinham acabado de fazer funcionar as travas e aberto o baú. Suas fisionomias estavam cheias de choque e culpa... mas nenhuma surpresa. Essa emoção especial primava pela ausência.

— Sente-se, homem! — sibilou Duke. — Você ficou malu...

No andar de cima, a porta foi arrombada. Saltos de botas atravessaram o assoalho na direção do poço da escada.

— O que está acontecendo? — perguntou Janet Brightwood. Estava se dirigindo a Duke, com os olhos esbugalhados e apavorados. — De que é que ele está *falando*?

— CAIAM FORA*!* — bradou Pearson. — CAIAM FORA DESTA PORRA! ELE CONTOU A COISA PRA VOCÊS AO CONTRÁRIO! NÓS É QUE CAÍMOS NA ARMADILHA*!*

A porta no topo da escada estreita que conduzia ao porão se abriu com estrondo e das sombras lá em cima vieram os sons mais impressionantes

que Pearson jamais ouvira: era como ouvir uma matilha de cães de luta latindo por causa de um bebê jogado no meio deles.

— *Quem são eles?* — gritou Janet. — *Quem está lá em cima?* — No entanto, sua fisionomia não revelava nenhuma indagação. Sua fisionomia sabia perfeitamente bem quem estava lá em cima. *O que* estava lá cima.

— *Fiquem calmos!* — berrou Robbie Delray para o grupo de pessoas confusas, em sua maioria ainda sentadas nas cadeiras desmontáveis. — *Eles prometeram uma anistia! Estão me ouvindo? Vocês entendem o que estou dizendo? Eles me deram sua solene...*

Naquele instante, a janela do porão à esquerda daquela pela qual Pearson tinha visto o primeiro rosto-morcego se fez em pedaços para dentro do porão, espalhando vidro por cima dos homens e mulheres petrificados na primeira fila ao longo da parede. Um braço vestido numa manga de terno Armani se insinuou pela abertura irregular e agarrou Moira Richardson pelos cabelos. Ela gritou e bateu na mão que a agarrava... que não era propriamente uma mão, mas uma porção de garras com unhas compridas e duras nas pontas.

Sem pensar, Pearson agarrou o pau da janela, projetou-se para a frente e lançou o gancho de encontro à cara de morcego que espreitava pela janela partida. O gancho penetrou num dos olhos da coisa. Uma tinta espessa, ligeiramente adstringente, respingou as mãos de Pearson, esticadas para cima. O homem-morcego emitiu um som selvagem, como um latido — a Pearson não pareceu um grito de dor, mas achou que tinha direito a ter esperança — e depois caiu para trás, puxando o pau da janela das mãos de Pearson para fora, para a noite chuvosa. Antes que a criatura desaparecesse do campo de visão completamente, Pearson viu uma neblina branca ser expelida por sua pele cheia de tumores e sentiu um bafo de

(*poeira, mijo e pimenta forte*)

alguma coisa desagradável.

Cam Stevens puxou Moira para seus braços e olhou para Pearson com olhos em estado de choque, recusando-se a acreditar. Em volta deles havia homens e mulheres com o mesmo olhar vago, homens e mulheres petrificados como um rebanho de cervos surpreendidos pelos faróis de um caminhão que se aproxima.

Para mim não se parecem muito com soldados da resistência, pensou Pearson. *Parecem ovelhas presas no curral de tosquia... e o canalha do Judas que as guiou para dentro está lá na frente da sala com seus camaradas.*

Os latidos selvagens no andar de cima estavam se aproximando, mas não tão depressa quanto esperava Pearson. Então se lembrou de como era a escada — estreita demais para que dois homens passassem lado a lado — e disse uma prece de gratidão enquanto abria caminho para a frente. Agarrou Duke pela gravata e puxou-o para que ficasse de pé.

— Venha — disse ele. — Vamos dar o fora desta joça. Existe uma porta nos fundos?

— Eu... não sei. — Duke estava esfregando uma têmpora lentamente e com força, como um homem que está com uma dor de cabeça braba. — Robbie fez isso? *Robbie*? Não pode ser, cara... pode? — Olhou para Pearson com uma intensidade estupefata, cheia de pena.

— Temo que sim, Duke. Venha.

Deu dois passos na direção do corredor, ainda segurando a gravata de Duke, e então parou. Delray, Olson e Kendra tinham remexido no baú e agora exibiam armas automáticas do tamanho de pistolas, com coronhas de metal compridas, e uma aparência ridícula. Pearson nunca tinha visto uma Uzi a não ser em filmes e na TV, mas supunha que elas eram assim. Uzis ou parentes próximas e, de qualquer modo, que porra de diferença fazia? Eram armas de fogo.

— *Parem aí* — disse Delray. Parecia estar se dirigindo a Duke e Pearson. Estava tentando sorrir e o resultado foi uma espécie de careta de um prisioneiro da cela da morte que acaba de ser notificado de que a execução ainda está de pé. — Fiquem exatamente onde estão.

Duke continuou a andar. Estava no corredor agora e Pearson estava bem atrás dele. Outros estavam se pondo de pé, seguindo sua liderança, apressando-se para a frente mas olhando para trás, por cima dos ombros, para o portal que dava para a escada. Seus olhos diziam que temiam as armas, mas que temiam ainda mais os sons de latidos e grunhidos que desciam do andar de cima.

— Por que, cara? — perguntou Duke, e Pearson viu que estava à beira das lágrimas. Estendeu as mãos para a frente, com as palmas para cima. —

Por que ele iria nos trair?

— Pare, Duke, estou avisando — disse Lester Olson numa voz amaciada pelo uísque.

— O resto de vocês fique para trás, também! — ordenou Kendra. Sua voz não estava nada suave. Seus olhos giravam de um lado para o outro nas órbitas, tentando cobrir a sala inteira de uma só vez.

— Nós nunca tivemos nenhuma chance — disse Delray a Duke. Seu tom era como se estivesse implorando. — Eles tinham nos descoberto, podiam ter pegado a gente *a qualquer momento*, mas me ofereceram um acordo. Você entende? Não traí, *nunca* traí. *Eles* vieram a *mim*. — Estava falando com veemência, como se essa distinção realmente significasse algo para ele, mas o piscar de olhos incessante transmitia uma mensagem diferente. Era como se houvesse outro Robbie Delray dentro dele, um Robbie Delray melhor, que estava tentando freneticamente se dissociar desse vergonhoso ato de traição.

— VOCÊ É UM MENTIROSO DE MERDA*!* — gritou Duke Rhinemann numa voz que estava se partindo de mágoa por ter sido traído e de fúria por entender o que ocorrera. Saltou para cima do homem que tinha salvo sua sanidade mental e talvez sua vida num trem do metrô... e então tudo desabou de uma só vez.

Pearson não podia ter visto tudo, no entanto, de alguma forma, parecia que tinha. Vira Robbie Delray hesitar, depois virar sua arma de lado, como se pretendesse golpear Duke com a coronha em vez de atirar nele. Viu Lester Olson, que tinha abatido a tiros o homem-morcego no celeiro em Newburyport, pou-pou-pou, antes de perder a coragem e resolver tentar chegar a um acordo, assentar a coronha tubular de sua arma de encontro à fivela de seu cinto e apertar o gatilho. Viu as momentâneas línguas de fogo aparecerem azuis nos orifícios de ventilação do cano e ouviu um *rec! rec! rec! rec!* rouco que supôs fosse o som das armas automáticas na vida real. Ouviu algo invisível cortar o ar uns dois centímetros diante do seu rosto — era como ouvir um fantasma perder a respiração. E viu Duke ser atirado para trás com sangue esguichando da sua camisa branca e borrifando seu terno bege. Viu o homem que estava parado bem atrás de Duke cair de joelhos, as mãos apertadas sobre os olhos, o sangue vivo escorrendo-lhe por entre os dedos.

Alguém — talvez Janet Brightwood — tinha fechado a porta entre a escada e essa sala no subsolo antes de começar a reunião. Ela agora se escancarou com um estrondo e dois homens-morcego, usando uniformes da Polícia de Boston, espremeram-se para entrar. Suas caras pequenas e franzidas fitavam com ar feroz de suas cabeças excessivamente grandes e estranhamente movediças.

— *Anistia!* — berrava Robbie Delray. As sardas do seu rosto agora sobressaíam como marcas de fogo: a pele sobre a qual estavam impressas tinha uma cor branco-acinzentada. — *Anistia! Prometeram-me anistia se vocês simplesmente ficarem onde estão e levantarem as mãos para o ar!*

Várias pessoas — na maioria, as que tinham ficado agrupadas em volta da cafeteira automática — *efetivamente* ergueram as mãos para o alto, embora continuassem enquanto isso a recuar ante os homens-morcego uniformizados. Um dos morcegos estendeu o braço para a frente com um grunhido baixo, agarrou um homem pelo peito da camisa e puxou-o para si. Quase antes de Pearson perceber o que tinha acontecido, a coisa arrancou os olhos do homem. A coisa olhou por um instante para os restos gelatinosos pousados sobre sua palma estranha e deformada e em seguida atirou-os para dentro da boca.

Enquanto mais dois morcegos se precipitavam pela porta, olhando para todos os lados com seus olhinhos negros e brilhantes, o outro policial-morcego sacou seu revólver de serviço e disparou três vezes, aparentemente sem mirar, para o meio da multidão.

— *Não!* — Pearson ouviu Delray gritar. — *Não, vocês prometeram!*

Janet Brightwood pegou a cafeteira, ergueu-a acima da cabeça e atirou-a contra um dos recém-chegados. Ela o atingiu com um ruído metálico abafado e despejou café quente por cima da coisa toda. Desta vez não havia como se enganar quanto à dor contida naquele grito. Um dos policiais-morcego estendeu as mãos para ela. Brightwood se desviou, tentou correr, levou uma rasteira... e de repente tinha sumido, perdida no estouro em direção à parte da frente da sala.

Agora todas as janelas estavam sendo partidas e em algum lugar perto dali Pearson podia ouvir sirenes que se aproximavam. Viu os morcegos se dividirem em dois grupos e correrem ao longo dos lados da sala, claramente empenhados em fazer com que as Pessoas das Dez Horas,

tomadas de pânico, fossem para a área de armazenamento por trás do cavalete, que agora tinha sido derrubado.

Olson jogou sua arma no chão, agarrou a mão de Kendra e saiu correndo naquela direção. Um braço de morcego serpenteou para baixo através de uma das janelas do porão, agarrou um punhado dos seus teatrais cabelos brancos e puxou-o para cima, fazendo-o ficar engasgado e sem ar. Outra mão apareceu pela janela e a unha do polegar, com dez centímetros de comprimento, abriu sua garganta e fez sair uma torrente escarlate.

Seus dias de abater homens-morcego a tiros nos celeiros na costa estão terminados, meu amigo, pensou Pearson com náuseas. Virou-se novamente na direção da parte da frente da sala. Delray estava parado entre o baú aberto e o cavalete caído, sua arma agora pendurada em uma das mãos, seus olhos em estado de choque, quase vazios. Quando Pearson arrancou a coronha tubular de seus dedos, o homem não esboçou nenhuma tentativa de resistir.

— Eles nos prometeram anistia — falou para Pearson. — Eles *prometeram*.

— Você realmente acreditou que podia confiar em coisas que têm essa *aparência*? — perguntou Pearson e depois enfiou a coronha tubular com toda a força que podia reunir no meio da cara de Delray. Ouviu alguma coisa se quebrar — provavelmente o nariz de Delray — e o bárbaro irracional que tinha sido despertado dentro de sua alma de bancário aplaudiu com uma ferocidade selvagem.

Começou a ir na direção de uma passagem que ziguezagueava por entre as caixas de papelão empilhadas e foi alargada pelas pessoas que já tinham fugido em disparada por ali, depois parou quando ouviu tiros irrompendo além da edificação. Tiros... gritos... gritos de triunfo.

Pearson deu meia-volta depressa e viu Cam Stevens e Mira Richardson parados no início do corredor entre as cadeiras desmontáveis. Estavam com idênticas expressões de choque, de mãos dadas. Pearson teve tempo de pensar: *Foi assim que João e Maria devem ter ficado depois que conseguiram fugir da casa de balas e doces*. Depois se abaixou, pegou as armas de Kendra e de Olson e deu-as uma a cada um.

Mais dois morcegos tinham entrado pela porta dos fundos. Moviam-se com naturalidade, como se tudo estivesse indo conforme planejado... o

que, supôs Pearson, estava mesmo. Agora a ação tinha passado para a parte de trás da casa — era lá que *realmente* ficava o curral, não ali dentro, e os morcegos estavam fazendo muitíssimo mais do que apenas tosquiando.

— Venham — disse para Cam e Moira. — Vamos pegar esses merdas.

Os homens-morcego na parte dos fundos da sala tardaram em perceber que alguns dos fugitivos tinham resolvido voltar e lutar. Um deles deu uma meia-volta rápida, esbarrou num dos recém-chegados e escorregou no café derramado. Ambos foram ao chão. Pearson abriu fogo no que tinha ficado de pé. A pistola-metralhadora fez seu barulho algo insatisfatório de *rec! rec! rec! rec!* e o morcego foi impelido para trás, sua cara alienígena se rompendo e deixando escapar uma nuvem de neblina fedorenta... era como se eles *fossem* realmente apenas ilusões, pensou Pearson.

Cam e Moira entenderam qual era a ideia e abriram fogo nos morcegos restantes, pegando-os num campo de fogo devastador que os atirou de encontro à parede e depois jogou-os no chão, já se esvaindo de suas roupas numa névoa etérea que para Pearson tinha um cheiro muito parecido com as flores das ilhas-canteiros do lado de fora de The First Mercantile.

— Venham — disse Pearson. — Se formos agora, talvez tenhamos uma chance.

— Mas... — principiou Cameron. Olhou em volta, começando a sair de sua estupefação. Isso era bom. Pearson tinha a impressão de que precisavam estar inteiramente alertas para que tivessem alguma chance de escapar disso.

— Não importa, Cam — disse Moira. Ela também tinha olhado em volta e notara que eles eram os únicos, humanos ou morcegos, que sobravam ali. Todos os demais tinham saído pelos fundos. — Simplesmente vamos embora. Talvez a porta pela qual entramos seja nossa melhor opção.

— Certo — disse Pearson —, mas não por muito tempo.

Lançou um último olhar para Duke, que estava caído no chão com o rosto congelado numa expressão de descrença doída. Gostaria que houvesse tempo para ir fechar os olhos de Duke, mas não havia.

— Vamos embora — disse ele. E foram.

Quando chegaram à porta que dava para a varanda — e para a Cambridge Avenue mais adiante —, o tiroteio que vinha da parte de trás da casa tinha começado a arrefecer. *Quantos mortos?*, perguntou-se Pearson e a resposta que primeiro lhe ocorreu — *todos eles* — era terrível mas plausível demais para refutar. Imaginou que um ou dois mais poderiam ter escapulido, mas certamente não mais do que isso. Tinha sido uma boa armadilha, montada com calma e precisão em torno deles enquanto Robbie Delray gastava sua saliva, ganhando tempo e controlando seu relógio... provavelmente esperando para dar algum sinal a que Pearson tinha se antecipado.

Se tivesse acordado um pouco antes, Duke poderia ainda estar vivo, pensou com amargura. Talvez fosse verdade, mas, se desejos fossem cavalos, os mendigos cavalgariam. Essa não era a hora para recriminações.

Um policial-morcego tinha sido deixado de sentinela na varanda, mas estava voltado na direção da rua, possivelmente vigiando para ver se vinha alguma intromissão indesejável. Pearson se inclinou pela porta aberta na sua direção e falou:

— Ei, seu idiota de carne podre e horrendo, tem um cigarro?

O morcego se virou.

Pearson arrebentou a cara dele a tiros.

4

Pouco depois da 1h, na madrugada seguinte, três pessoas — dois homens e uma mulher, com meias de náilon rasgadas e uma saia vermelha suja — estavam correndo ao lado de um trem de carga que saía do pátio de manobras da Estação do Sul. O mais moço dos dois homens saltou com facilidade para dentro da boca quadrada de um vagão de carga vazio, voltou-se e estendeu as mãos para a mulher.

Ela tropeçou e deu um grito quando um dos saltos baixos de seus sapatos se quebrou. Pearson pôs um braço em volta da sua cintura (sentiu um vago aroma de Giorgio de partir o coração sob seu cheiro muito mais recente de suor e medo), correu com ela desse jeito, depois gritou para que saltasse. Quando ela saltou, segurou seus quadris e empurrou-a na direção das mãos estendidas de Cameron Stevens. Ela as pegou e Pearson deu-lhe um último empurrão forte para ajudar Stevens a puxá-la para bordo.

Pearson tinha ficado para trás no seu esforço de ajudá-la e agora podia enxergar a cerca que marcava o limite do pátio de manobras não muito longe à frente. A composição estava deslizando por uma abertura na cerca de arame trançado, mas não haveria espaço para ela e Pearson ao mesmo tempo. Se não subisse a bordo, e depressa, ficaria para trás no pátio.

Cam olhou para a frente pela porta aberta do vagão de carga, viu a cerca que se aproximava e estendeu as mãos novamente.

— *Venha!* — berrou. — *Você consegue!*

Pearson não teria conseguido — de qualquer modo, não naquela época da sua antiga vida de dois maços por dia. Agora, entretanto, era capaz de conseguir um pouco mais tanto das pernas como dos pulmões. Correu a toda pelo traiçoeiro leito de cascalho cheio de lixo ao lado dos trilhos, de novo momentaneamente correndo mais do que o trem vagaroso, mantendo as mãos para a frente e para cima, esticando os dedos para tocar as mãos acima dele, enquanto a cerca se avolumava. Agora podia ver os cruéis entrelaçados de arame farpado passando sinuosamente por entre os losangos da cerca de arame.

O olho da sua mente se abriu todo naquele instante e viu sua mulher, sentada na sua poltrona na sala de visita, o rosto inchado de chorar e os olhos injetados. Viu-a contando a dois policiais fardados que seu marido estava desaparecido. Viu na mesinha ao seu lado até a pilha de livros de figurinhas que ficavam de pé que pertencia a Jenny. Isso estava realmente acontecendo? Estava sim, de uma forma ou de outra, imaginou que sim. E Lisabeth, que nunca fumara um único cigarro em toda a sua vida, não se daria conta dos olhos negros e das bocas cheias de presas em frente a ela, no sofá. Não veria os tumores purulentos nem as linhas negras, pulsando entremeadas sobre seus crânios pelados.

Não saberia. Não veria.

Deus abençoe sua cegueira, pensou Pearson. *Que dure para sempre*.

Foi tropeçando na direção do gigante escuro que era um trem de carga da Conrail indo para o Oeste, na direção da chuva de faíscas alaranjadas que saltavam em espirais de debaixo de uma roda de aço girando lentamente.

— *Corra!* — gritou Moira e se inclinou para fora da porta do vagão ainda mais, sua mão implorando. — *Por favor, Brandon... só um pouco*

mais!

— *Mais depressa, seu pé de chumbo*! — gritou Cam. — *Cuidado com a merda da cerca!*

Não consigo, pensou Pearson. *Não consigo ir mais depressa, não consigo ter cuidado com a cerca, não consigo mais. Só quero me deitar. Só quero dormir*.

Então pensou em Duke e conseguiu imprimir um pouco mais de velocidade apesar de tudo. Duke não tinha idade suficiente para saber que às vezes as pessoas perdem a coragem e traem, que às vezes mesmo aqueles que você idolatra fazem isso, mas teve idade bastante para agarrar o braço de Brand Pearson e impedir que se matasse com um grito. Duke não iria querer que ele ficasse para trás nesse pátio de manobras idiota.

Conseguiu dar uma última arrancada na direção das mãos estendidas, observando pelo canto do olho a cerca que agora parecia estar *pulando* na sua direção e agarrou os dedos de Cam. Saltou, sentiu a mão de Moira se fechar com força debaixo do seu sovaco e então estava se contorcendo para dentro, puxando o pé direito para dentro do vagão uma fração de segundo antes que a cerca o arrancasse fora, com sapato e tudo.

— Todos a bordo para as Aventuras de Menino — falou sem fôlego —, ilustrações de N. C. Wyeth.

— O quê? — perguntou Moira. — O que foi que você disse?

Virou-se e ergueu os olhos para eles através de um emaranhado de cabelos sujos, descansando nos cotovelos e ofegante.

— Deixa pra lá. Quem tem um cigarro? Estou *louco* por um cigarro.

Ficaram olhando para ele boquiabertos, em silêncio, por vários segundos, entreolharam-se, depois estouraram em gargalhadas altas exatamente no mesmo instante. Pearson achou que isso queria dizer que estavam apaixonados.

Enquanto rolavam sem parar pelo piso do vagão de carga, agarrando-se e uivando, Pearson se sentou e lentamente começou a examinar os bolsos de dentro de seu paletó sujo e rasgado.

— Ahhh — disse quando sua mão entrou no segundo e encontrou a forma conhecida. Retirou um maço amassado e o exibiu. — Viva a vitória!

O vagão de carga seguiu para o Oeste, atravessando Massachusetts, com três pequenas brasas vivas brilhando na escuridão da porta aberta. Uma semana depois, estavam em Omaha, passando as horas do meio da manhã de cada dia vagueando pelas ruas do centro da cidade, observando as pessoas que ficam ao ar livre, mesmo debaixo da chuva torrencial, durante a hora do café, procurando Pessoas das Dez Horas, buscando membros da Tribo Perdida, a que saiu por aí errante atrás de Joe Camel.

Quando chegou novembro, havia vinte deles fazendo reuniões na sala dos fundos de uma loja de ferragens abandonada em La Vista.

Montaram seu primeiro ataque no princípio do ano seguinte, do outro lado do rio, em Council Bluffs, e mataram trinta muito surpresos banqueiros-morcego e executivos-morcego do Meio-Oeste. Não era muito, mas Brand Pearson tinha aprendido que matar morcegos tinha pelo menos uma coisa em comum com reduzir o consumo de cigarros: tinha que se começar em algum ponto.

4 Limite, nos Estados Unidos, entre as partes do país em que havia, por lei, segregação entre brancos e negros em lugares públicos. (N. do T.)

5 Alusão aos cigarros populares nos Estados Unidos da marca Camel. (N. do T.)

6 Em inglês: *What a long strange trip it's been*, trecho da música *Truckin'*, da banda Grateful Dead. (N. do E.)

Crouch End

Quando a mulher finalmente foi embora, eram quase duas e meia da madrugada. Do lado de fora do distrito policial de Crouch End, a alameda Tottenham era um pequeno rio morto. Londres estava dormindo... mas Londres nunca tem um sono profundo, e seus sonhos são inquietos.

O policial Vetter fechou o bloco de notas, que tinha enchido quase todo à medida que era despejada a história estranha e frenética da americana. Olhou para a máquina de escrever e a pilha de formulários em branco na prateleira ao lado dela.

— Essa aqui vai parecer esquisita quando chegar a luz da manhã — disse ele.

O policial Farnham estava bebendo uma Coca. Durante muito tempo, ficou calado. Finalmente, como se isso pudesse explicar a maior parte da história, ou toda ela, disse:

— Ela era americana, não era?

— Irá para o arquivo morto — concordou Vetter, e olhou à volta em busca de um cigarro. — Mas me pergunto...

Farnham riu.

— O senhor não quer dizer que acredita em qualquer parte dela? Vamos, senhor! Tente me pegar com outra!

— Não disse isso, disse? Não. Mas você é novo aqui.

Farnham ajeitou-se um pouco na cadeira. Tinha 27 anos e dificilmente poderia se considerar culpa *sua* que tivesse sido lotado ali, vindo de Muswell Hill, ao norte, ou que Vetter, que tinha o dobro da sua idade, houvesse passado toda sua carreira apagada na área remota e tranquila de Londres que era Crouch End.

— Talvez seja assim, senhor — disse ele —, mas, com o devido respeito, veja bem, ainda penso que conheço uma amostra do velho tecido quando vejo uma... ou escuto uma.

— Dê-nos um trago, companheiro — disse Vetter, com ar de quem estava achando graça. — Isso! Que bom garoto você é. — Acendeu-o com um fósforo de uma caixa em vermelho-vivo, sacudiu o fósforo para apagá-

lo e jogou o que sobrou no cinzeiro de Farnham. Ficou fitando o homem moço através de uma névoa de fumaça que pairava no ar. Seus próprios dias de moço boa-pinta há muito se foram. O rosto de Vetter tinha rugas profundas e seu nariz era um mapa de veias partidas. Gostava de tomar sua caneca de cerveja Harp à noite, bem que gostava, o policial Vetter. — Você acha que Crouch End é um lugar muito tranquilo, então, não acha?

Farnham deu de ombros. Na verdade, achava que Crouch End era um grande bocejo suburbano, o que seu irmão mais moço teria tido prazer em chamar de um "Chatódromo de merda".

— É — disse Vetter —, estou vendo que você acha. E tem razão. Adormece por volta das 23h na maioria das noites, é o que faz. Mas já vi um bocado de coisas estranhas em Crouch End. Se você ficar aqui a metade do tempo que fiquei, você também vai ver a sua cota. Tem mais coisas estranhas que acontecem aqui nesses seis a oito quarteirões do que em qualquer outra parte de Londres. Eu sei que é dizer muito, mas é o que penso. Isso me dá medo. Então tomo minha cerveja e aí não tenho tanto medo. Dê uma olhada em algum momento no sargento Gordon, Farnham, e se faça a pergunta de por que seu cabelo está totalmente branco aos 40. Ou, diria, dê uma olhada em Petty, mas você não pode, não é? Petty cometeu suicídio no verão de 1976. Nosso verão quentíssimo. Foi... — Vetter pareceu medir suas palavras. — Foi bem ruim naquele verão. Bem ruim. Havia muitos de nós que estávamos com medo de que eles seriam capazes de atravessar pra cá.

— Quem poderia atravessar o quê? — perguntou Farnham. Sentiu um sorriso de menosprezo encurvando para cima os cantos da sua boca, sabia que isso não era de boa política, mas não conseguia impedi-lo. A seu modo, Vetter estava tão alucinado quanto a americana tinha estado. Ele sempre fora um pouco esquisito. A bebida, provavelmente. Então viu que Vetter estava sorrindo de volta para ele.

— Você acha que sou um velho gagá, imagino — disse ele.

— De modo algum, de modo algum — negou Farnham, gemendo internamente.

— Você é um bom menino — disse Vetter. — Não vai estar tripulando uma mesa aqui no distrito quando tiver a minha idade. Não se continuar na corporação. Você acha que vai continuar? Você tem vontade de continuar?

— Tenho — disse Farnham. Era verdade, ele *tinha vontade* de continuar. Pretendia continuar apesar de Sheila querer que ele saísse da polícia e fosse para outro emprego em que pudesse contar com ele. A linha de montagem da Ford, talvez. A ideia de se juntar aos punheteiros da Ford lhe provocava reviravoltas no estômago.

— Imaginei que sim — disse Vetter, amassando seu cigarro no cinzeiro. — Entra no sangue, não é mesmo? Você poderia ir longe, também, e tampouco iria terminar na velha e chata Crouch End. Entretanto, você não sabe tudo. Crouch End é estranha. Você deveria dar uma olhadinha no arquivo morto uma hora dessas, Farnham. Oh, boa parte dele é o comum... garotas e meninos que fogem de casa para ser hippies ou punks ou como quer que eles se chamem agora... maridos que desaparecem (e quando você bate o olho nas suas esposas na maioria das vezes você entende por quê)... incêndios criminosos não solucionados... furtos de bolsas... tudo isso. Mas no meio disso há histórias de congelar seu sangue. E algumas delas para fazer sentir náuseas.

— Verdade mesmo?

Vetter confirmou com a cabeça.

— Algumas delas muito parecidas com a que aquela pobre jovem americana nos contou. Ela não verá seu marido de novo, pode acreditar na minha palavra. — Olhou para Farnham e encolheu os ombros. — Acredite em mim ou não. Dá na mesma, não é? O arquivo está aí. Nós o chamamos oficialmente de arquivo em aberto porque é mais delicado do que o arquivo morto ou o arquivo pode-me-esquecer. Examine-o, Farnham. Examine-o.

Farnham não disse nada, mas na realidade pretendia "examiná-lo". A ideia de que poderia haver toda uma série de histórias como a que a americana tinha contado... isso era inquietante.

— Às vezes — disse Vetter, filando outro dos Silk Cuts de Farnham —, fico pensando nas Dimensões.

— Dimensões?

— É, meu bom menino... dimensões. Os autores de ficção científica estão sempre vindo com isso de Dimensões, não é? Alguma vez você leu ficção científica, Farnham?

— Não — respondeu Farnham. Tinha chegado à conclusão de que isso era algum tipo de brincadeira.

— E Lovecraft? Já leu qualquer coisa dele?

— Nunca ouvi falar nele — disse Farnham. Na realidade, o último livro de ficção que tinha lido por prazer fora um pequeno folhetim da Era Vitoriana chamado *Dois cavalheiros com cuecas de seda*.

— Bem, esse camarada, Lovecraft, estava sempre escrevendo sobre Dimensões — falou Vetter, tirando do bolso sua caixa de fósforos de madeira. — Dimensões próximas da nossa. Cheias desses monstros imortais que levariam à loucura um homem que os olhasse uma vez. Uma enorme baboseira, é claro. Salvo que, quando uma dessas pessoas entra meio zonza por aqui, me pergunto se tudo aquilo era baboseira. Então penso com meus botões (quando tudo está em silêncio, tarde da noite, como agora) que nosso mundo inteiro, tudo que consideramos agradável, normal e mentalmente são, poderia ser como uma enorme bola de couro cheia de ar. Só que, em alguns lugares, o couro está gasto quase por completo. Lugares onde as barreiras são mais delgadas. Está me entendendo?

— Estou — disse Farnham e pensou: *Talvez você me devesse dar um beijo, Vetter: eu sempre gosto de um beijo quando estão querendo me fazer de bobo*.

— E então penso: "Crouch End é um desses lugares delgados." É tolice, mas eu *realmente* tenho pensamentos assim. Imaginativos demais, presumo. Pelo menos é o que sempre diz minha mãe.

— Ela diz isso, mesmo?

— Diz. Você sabe o que mais eu acho?

— Não, senhor, não faço a mínima ideia.

— Highgate basicamente está bem, é isso que acho: a espessura entre nós e as Dimensões é tão grande quanto se poderia desejar em Muswell Hill e Highgate. Mas, agora, pegue Archway e Finsbury Park. *Eles* fazem limite com Crouch End. Tenho amigos em ambos os lugares e eles sabem do meu interesse por certas coisas que não parecem racionais em absoluto. Certas histórias malucas que foram contadas, dizem eles, por pessoas que não tinham nada a ganhar com inventar histórias malucas.

“Já lhe ocorreu, Farnham, especular por que a mulher nos teria contado as coisas que contou se não fossem verdade?”

— Bem...

Vetter acendeu um fósforo e olhou para Farnham por cima da chama.

— Jovem bonitinha, 26 anos, duas crianças lá no seu hotel, o marido é um advogado moço indo bem em Milwaukee ou algum outro lugar. O que ela tem a ganhar com vir aqui e despejar esse tipo de coisas que você só costumava ver nos filmes de Hammer?

— Não sei — disse Farnham num tom formal. — Mas pode haver uma expli...

— Então digo a mim mesmo — falou Vetter ignorando-o — que se existem tais coisas como “pontos delgados”, este aqui *começaria* em Archway e Finsbury Park... mas a parte mais delgada de todas está aqui em Crouch End. E me pergunto como seria se o resto do couro entre nós e o que está do lado de dentro dessa bola simplesmente... se desgastasse por completo. Como seria se apenas a metade do que aquela mulher nos contou fosse verdade?

Farnham ficou calado. Tinha chegado à conclusão de que o policial Vetter provavelmente também acreditava em leitura de mãos, frenologia e nos rosa-cruzes.

— Leia o arquivo morto — disse Vetter, pondo-se de pé. Ouviu-se um estalo quando colocou as mãos na base das costas e se estirou. — Vou lá fora tomar um pouco de ar fresco.

Foi saindo devagar. Farnham ficou olhando-o afastar-se com um misto de achar graça e ficar aborrecido. Vetter estava biruta, sem dúvida. Também era um filão desgraçado. Os cigarros não eram baratos nesse admirável mundo novo do Estado assistencialista. Pegou o bloco de notas de Vetter e começou a folheá-lo, lendo a história da jovem novamente.

E, sim, iria ler o arquivo morto.

Faria isso só para se divertir.

A jovem — ou a moça, caso se quisesse ser politicamente correto (e, ao que parecia, todos os americanos o eram atualmente) — tinha aparecido no distrito às 21h45 na noite anterior, os cabelos em mechas úmidas

grudadas no rosto, os olhos esbugalhados. Estava arrastando a bolsa pela alça.

— Lonnie — falara ela. — Por favor, vocês têm que encontrar Lonnie.

— Bem, faremos tudo que pudermos, não é mesmo? — dissera Vetter. — Mas a senhora precisa nos dizer quem é Lonnie.

— Ele está morto — disse a moça. — Sei que está. — Ela começou a chorar. Depois começou a rir. Na verdade, a gargalhar. Deixou cair a bolsa à sua frente. Estava histérica.

O distrito estava praticamente deserto àquela hora, dia de semana. O sargento Raymond estava ouvindo uma paquistanesa contar, com uma calma quase sobrenatural, como sua bolsa tinha sido arrancada da sua mão na Hillfield Avenue por um vagabundo com uma porção de tatuagens de futebol e um gorro grande de pele azul. Vetter viu Farnham chegar, vindo da sala de entrada, onde estivera retirando cartazes antigos (VOCÊ TEM LUGAR NO SEU CORAÇÃO PARA UMA CRIANÇA ABANDONADA?) e pregando outros novos (SEIS NORMAS PARA ANDAR DE BICICLETA À NOITE COM SEGURANÇA).

Com a mão, Vetter chamou Farnham para a frente e indicou ao sargento Raymond, que tinha olhado para trás logo que ouviu a voz semi-histérica da americana, que voltasse para o que estava fazendo. Raymond, que gostava de quebrar os dedos de batedores de carteiras como se fossem biscoitinhos (se perguntado sobre a justificativa para esse procedimento extralegal, dizia: "Ora, vem cá, companheiro, 50 milhões de italianos não podem estar errados."), não era o homem indicado para lidar com uma mulher histérica.

— Lonnie! — gritou. — Oh, por favor, eles estão com Lonnie!

A paquistanesa virou-se para a jovem americana, estudou-a calmamente por um instante, depois voltou-se para o sargento Raymond e continuou a lhe contar como sua bolsa tinha sido arrancada da sua mão.

— Senhorita... — começou a falar o policial Farnham.

— O que está *acontecendo* lá fora? — sussurrou ela. Sua respiração estava ofegante e acelerada. Farnham notou que havia um ligeiro arranhão na sua bochecha esquerda. Ela era uma boneca bonitinha, com peitos jeitosos — pequenos mas atrevidos — e uma grande massa de cabelos

castanho-claros. Suas roupas eram razoavelmente caras. Um dos sapatos tinha perdido o salto.

— O que está *acontecendo* lá fora? — repetiu. — Monstros...

A paquistanesa olhou para ela novamente... e sorriu. Seus dentes eram podres. O sorriso desapareceu como em um passe de mágica e ela pegou o formulário de Bens Perdidos e Roubados que Raymond estava lhe estendendo.

— Pegue uma xícara de café para a senhora e traga-a para a Sala Três. — disse Vetter. — A senhora gostaria de uma xícara de café, madame?

— Lonnie — sussurrou ela. — Eu sei que ele está morto.

— Vamos, a senhora simplesmente vem junto com o velho Ted Vetter e nós vamos resolver isso num piscar de olhos — disse ele, ajudando-a a se pôr de pé. Ela ainda estava falando numa voz baixa e gemida quando ele a levou com um braço apertado em volta da sua cintura. Ela estava oscilando sem equilíbrio por causa do sapato que perdera o salto.

— Tome, madame — disse —, isto vai lhe fazer bem. Tenho açúcar se...

— Não posso beber — disse ela. — Não conseguiria... — E então agarrou a caneca de louça, um *souvenir* de Blackpool há muito esquecido por alguém, segurou-a entre as mãos como para aquecê-las. Suas mãos tremiam muito e Farnham queria lhe dizer que a pousasse na mesa antes que derramasse o café e se queimasse.

— Não conseguiria — repetiu ela. Depois bebeu, ainda segurando a caneca com as duas mãos, como uma criança seguraria seu caneco de caldo. E quando olhou para eles, era o olhar de uma criança: simples, exausto, implorando... e, de algum modo, acuado. Era como se o que quer que tivesse acontecido de alguma maneira a tivesse feito recuar vários anos pelo choque. Como se uma invisível mão tivesse baixado do céu e houvesse atirado longe os seus últimos 20 anos, deixando uma criança vestida com roupas americanas de adulta nessa pequena sala de interrogatórios em Crouch End.

— Lonnie — disse ela. — Os monstros — disse ela. — Vocês vão me ajudar? Vocês vão, por favor, me ajudar? Talvez ele não esteja morto. Talvez...

De repente, ela gritou:

— *Sou uma cidadã americana!* — E então, como se tivesse dito algo profundamente vergonhoso, começou a soluçar.

Vetter deu umas batidinhas de consolo no seu ombro.

— Pronto, madame. Acho que podemos ajudá-la a encontrar seu Lonnie. Seu marido, é?

Ainda soluçando, ela confirmou com a cabeça.

— Danny e Norma estão lá no hotel... com a moça tomando conta... devem estar dormindo... esperando que ele lhes dê um beijo quando nós voltarmos...

— Agora, se a senhora puder apenas se descontrair e nos contar o que aconteceu...

— E *onde* aconteceu — acrescentou Farnham.

Vetter ergueu os olhos para ele rápido, franzindo o cenho.

— Mas é exatamente isso! — gritou ela. — Não *sei* onde aconteceu! Não tenho nem certeza *do que* aconteceu, a não ser que foi ho-hor-*horrível*!

Vetter tinha tirado seu bloco de notas do bolso.

— Qual é o seu nome, madame?

— Doris Freeman. Meu marido é Leonard Freeman. Estamos hospedados no Hotel Intercontinental. Somos cidadãos americanos. — Dessa vez a declaração da nacionalidade na realidade pareceu acalmá-la um pouco. Tomou um gole de café e pousou a caneca.

Farnham viu que as palmas das mãos dela estavam bem vermelhas. *Você vai sentir isso mais tarde, queridinha*, pensou ele.

Vetter estava anotando tudo no seu bloco laboriosamente. Então olhou por um instante para o policial Farnham, apenas um discreto correr de olhos.

— Estão numa viagem de férias? — perguntou ele.

— Estamos... Duas semanas aqui e uma na Espanha. Era para passarmos uma semana em Barcelona... mas isso não está ajudando a encontrar Lonnie! Por que estão me fazendo essas perguntas idiotas?

— Estamos apenas tentando montar o quadro, senhora Freeman — disse Farnham. Sem realmente fazê-lo conscientemente, ambos tinham adotado um tom de voz baixo e tranquilizador. — Agora a senhora prossiga e nos conte o que aconteceu. Conte com suas próprias palavras.

— Por que é tão difícil conseguir um táxi em Londres? — perguntou ela subitamente.

Farnham mal sabia o que dizer, mas Vetter respondeu como se a pergunta fosse inteiramente pertinente à conversa.

— É difícil dizer, madame. Turistas, em parte. Por quê? Tiveram dificuldade em conseguir alguém que os trouxesse até aqui a Crouch End?

— Foi — disse ela. — Deixamos o hotel às 15h e descemos até a Hatchard's. O senhor a conhece?

— Conheço, madame — disse Vetter. — Uma linda livraria grande, não é?

— Não tivemos nenhuma dificuldade em conseguir um táxi no Intercontinetal... estavam parados em fila em frente a ele. Mas quando saímos da Hatchard's, não havia nada. Quando um *afinal* parou, o motorista apenas deu uma risada e sacudiu a cabeça quando Lonnie disse que queríamos ir a Crouch End.

— É sim, eles podem ser muito filhos da mãe em relação aos subúrbios, se a senhora me perdoa a expressão, madame — disse Farnham.

— Ele até recusou uma gorjeta de uma libra — disse Doris Freeman, e uma perplexidade muito americana se insinuou no seu tom de voz. — Esperamos quase meia hora, até que conseguimos um motorista que disse que nos levaria. A essa altura eram 17h30, talvez 17h45. E foi então que Lonnie descobriu que tinha perdido o endereço...

Ela agarrou a caneca novamente.

— Quem é que iam ver? — perguntou Vetter.

— Um colega do meu marido. Um advogado chamado John Squales. Meu marido nunca o encontrara, mas as suas duas firmas eram... — Ela fez um gesto vago.

— Associadas?

— É, suponho que sim. Quando o doutor Squales descobriu que íamos estar em Londres em férias, convidou-nos para jantar em sua casa. Lonnie

sempre escrevera para ele no escritório, é claro, mas tinha o endereço particular do doutor Squales num pedaço de papel. Depois que entramos no táxi, ele descobriu que o tinha perdido. E tudo de que conseguia se lembrar era de que ficava em Crouch End.

Olhou-os com um ar solene.

— Crouch End... acho que é um nome feio.

Vetter disse:

— Bom, então o que fizeram?

Ela começou a falar. Quando terminou, sua primeira caneca de café e a maior parte da segunda tinha sido tomada e o policial Vetter tinha enchido várias páginas de seu bloco de notas com sua caligrafia quadrada e esparramada.

Lonnie Freeman era um homem grande e, debruçado para a frente no espaçoso banco de trás do táxi preto para poder falar com o motorista, para ela lembrava, de modo impressionante, o dia em que o vira pela primeira vez, num jogo de basquete no seu último ano de colégio: sentado no banco, os joelhos quase na altura das orelhas, as mãos dependuradas dos pulsos grandes no meio das pernas. Só que então ele estava usando calções de basquete e uma toalha pendurada no pescoço e agora estava de terno e gravata. Nunca tinha chegado a participar de muitos jogos, ela se lembrou com ternura, porque simplesmente ele não era tão bom assim. E perdia endereços.

O motorista do táxi ouviu com paciência a história do endereço perdido. Era um homem idoso, impecavelmente vestido num terno cinza de verão, a antítese do motorista de táxi desleixado de Nova York. Só o boné de lã xadrez na sua cabeça contrastava, mas era um contraste agradável, que lhe dava um toque de charme malandro. Na rua, o tráfego se movia sem parar pela Haymarket e o teatro ali perto anunciava que *O fantasma da ópera* continuava em cartaz, aparentemente de forma interminável.

— Bem, vou lhe dizer uma coisa, doutor — disse o motorista. — Levo o senhor até Crouch End, paramos num telefone público e o senhor confere o endereço do seu doutor e aí vamos pra lá, bem até a porta.

— Isso é maravilhoso — disse Doris, realmente sentindo o que dizia. Estava em Londres há seis dias agora e não podia se lembrar de jamais ter

estado num lugar onde as pessoas eram mais amáveis ou mais civilizadas.

— Obrigado — disse Lonnie e recostou-se no banco. Pôs o braço sobre os ombros de Doris e sorriu. — Viu? Nenhum problema.

— Mas não foi graças a você — ela rosnou de brincadeira e deu-lhe um soquinho na barriga.

— Certo — disse o motorista. — Crouch End, aqui vamos nós.

Era fim de agosto e um vento quente e constante agitava o lixo pelas ruas e sacudia os paletós dos homens e as saias das mulheres que voltavam do trabalho para casa. O sol estava começando a descer, mas, quando ele brilhou por entre os edifícios, Doris viu que ele estava começando a assumir a tonalidade avermelhada do crepúsculo. O motorista cantarolava. Ela se sentiu descontraída, com o braço de Lonnie em volta de si. Parecia que tinha estado mais tempo com ele nos últimos seis dias do que durante todo o ano e estava contente por constatar que isso lhe dava prazer. Nunca tinha saído dos Estados Unidos antes, e tinha que ficar o tempo todo lembrando a si mesma que estava na Inglaterra, que estava indo para *Barcelona*, quisera que milhares de pessoas pudessem ter tanta sorte.

O sol desapareceu por trás de uma muralha de construções e, quase imediatamente, ela perdeu qualquer sentido de orientação. Descobriu que andar de táxi em Londres produzia esse resultado. A cidade era uma grande extensão de bairros superpovoados, com ruas, alamedas, becos, ladeiras, passagens (até vielas), e não podia entender como as pessoas conseguiam achar seus caminhos. Quando mencionara isso a Lonnie no dia anterior, ele respondera que as pessoas achavam seus caminhos com muito cuidado... ela não tinha notado que todos os motoristas de táxi mantinham o *Guia de ruas de Londres* guardado direitinho debaixo do painel?

Era a corrida de táxi mais comprida que tinham feito. A parte elegante da cidade ficou para trás (apesar daquela sensação desconfiada de estarem andando em círculos). Passaram por uma área de blocos monolíticos de habitação de baixa renda, que poderiam estar inteiramente desabitados a julgar pelos sinais de vida que mostravam (não, corrigiu-se para Vetter e Farnham na pequena sala branca: tinha visto um menino pequeno sentado no meio-fio, riscando fósforos). Depois passaram por uma área de lojas pequenas e barraquinhas de frutas, de aspecto bastante malcuidado e então — não era de admirar que Londres causasse tanta desorientação nos visitantes — pareciam ter entrado bem na zona elegante de novo.

— Havia até um McDonald's — disse para Vetter e Farnham, num tom de voz que geralmente reservava para referências à Esfinge e aos Jardins Suspensos.

— Havia *mesmo*? — retrucou Vetter, aparentando o grau adequado de espanto e respeito. Ela havia conseguido uma espécie de recordação completa e ele não queria que nada alterasse esse estado de espírito, pelo menos até que lhes tivesse contado tudo que pudesse.

A zona elegante com o McDonald's como atração principal ficou para trás. Por um breve momento, entraram numa área mais aberta e agora o sol era uma bola maciça cor de laranja, parada acima do horizonte, banhando as ruas com uma luz estranha que fazia com que todos os pedestres parecessem estar prestes a irromper em chamas.

— Foi então que as coisas começaram a mudar — disse ela. Sua voz tinha ficado um pouco mais baixa. Suas mãos estavam trêmulas de novo.

Vetter inclinou-se para a frente, concentrado.

— Mudaram? Como? Como foi que as coisas mudaram, senhora Freeman?

Tinham passado por uma banca de jornais, disse ela, e o cartaz em frente a ela dizia SESSENTA PERDIDOS NO HORROR SUBTERRÂNEO.

— Lonnie, olhe para aquilo!

— O quê? — Virou a cabeça para trás, mas a banca de jornais já estava atrás deles.

— Dizia: "Sessenta Perdidos no Horror Subterrâneo." Não é isso que eles chamam o metrô? O Subterrâneo?

— É. Isso ou o tubo. Foi um acidente?

— Não sei. — Inclinou-se para a frente. — Motorista, o senhor sabe o que foi isso? Houve um desastre no metrô?

— Uma colisão, madame? Não que eu saiba.

— O senhor tem rádio?

— Não no táxi, madame.

— Lonnie?

— Hummmm?

Mas ela podia ver que Lonnie tinha perdido o interesse. Estava vasculhando seus bolsos novamente (e como estava usando um terno com colete, havia um bocado de bolsos para vasculhar), em mais uma busca do pedaço de papel onde estava escrito o endereço de John Squales.

A mensagem escrita a giz não saía da sua cabeça. Ela devia anunciar SESSENTA MORTOS EM DESASTRE NO TUBO. Mas... SESSENTA PERDIDOS NO HORROR SUBTERRÂNEO. Isso a deixava inquieta. Não dizia "mortos", dizia "perdidos", da forma como, antigamente, os noticiários sempre se referiam a marinheiros que haviam se afogado no mar.

HORROR SUBTERRÂNEO.

Não estava gostando disso. Fazia-a pensar em cemitérios, esgotos e coisas amareladas e molengas, fazendo ruídos, brotando de repente do próprio metrô, enrolando seus braços (tentáculos, talvez) em volta dos infelizes passageiros nas plataformas, arrastando-os para a escuridão...

Dobraram à direita. Na esquina, havia três rapazes com roupas de couro, parados ao lado de suas motocicletas estacionadas. Ergueram os olhos para o táxi e, por um instante — daquele ângulo, o sol que se punha caía quase em cheio sobre suas fisionomias —, pareceu que as cabeças dos motoqueiros nada tinham de humanas. Durante aquele instante único, ela teve a desagradável certeza de que acima daqueles blusões de couro negro estavam cabeças compridas de ratos, ratos com olhos negros fixos no táxi. Depois, a luz mudou ligeiramente de direção e ela viu que, é claro, estava enganada: havia apenas três rapazes fumando seus cigarros na frente de uma versão britânica de uma loja de balas americana.

— Aqui vamos nós — disse Lonnie, desistindo da busca e apontando pela janela. Estavam passando por uma placa que dizia "Crouch Hill Road". Casas antigas de tijolos, como viúvas sonolentas, apertavam-se de ambos os lados, parecendo olhar para baixo, para o táxi, com suas janelas vazias. Algumas crianças passavam para cima e para baixo, andando de bicicleta ou de velocípede. Havia duas tentando andar de skate, sem conseguirem direito. Pais que tinham regressado do trabalho estavam sentados juntos, fumando, conversando e observando seus filhos. Tudo tinha uma aparência tranquilizadoramente normal.

O táxi parou em frente a um restaurante de aspecto deprimente, com um pequeno cartaz manchado na vitrine que dizia PLENAMENTE AUTORIZADO PARA BEBIDAS ALCOÓLICAS e outro, muito maior, que informava que lá se

podia comprar *curries* para levar. No peitoril, do lado de dentro, estava dormindo um gigantesco gato cinza. Ao lado do restaurante, havia uma cabine de telefone público.

— Aqui está, doutor — disse o motorista do táxi. — O senhor descobre o endereço do seu amigo e eu o localizo.

— Está perfeito. — disse Lonnie e desceu.

Doris ficou sentada no táxi por um instante e depois também saiu, resolvendo que estava com vontade de esticar as pernas. O vento quente ainda estava soprando. Agitou sua saia com força em volta dos joelhos e depois grudou um papel velho de sorvete na sua canela. Ele retirou-o com uma careta de nojo. Quando levantou os olhos, estava olhando bem de frente para a vitrine de material temperado, para o grande gato cinza. Ele fitou-a de volta, com um olho só, insondável. Metade da sua cara tinha sido praticamente destroçada por garras em alguma batalha distante. O que sobrava era uma retorcida massa rósea de tecido cicatrizado, uma catarata leitosa e alguns tufos de pelos.

Ele miou para ela silenciosamente por trás da vidraça.

Sentindo um ímpeto de asco, ela foi até a cabine telefônica e espreitou por um dos sujos painéis de vidro. Lonnie fez um círculo com o polegar e o indicador e lhe deu uma piscada de olho. Depois enfiou uma moeda de dez pence na fenda e falou com alguém. Deu uma gargalhada — sem som atrás do vidro. Como o gato. Olhou para trás para vê-lo, mas agora a vitrine estava vazia. À meia-luz do interior, podia ver cadeiras sobre as mesas e um velho passando uma vassoura. Quando olhou de volta, viu que Lonnie estava anotando alguma coisa. Meteu a caneta no bolso, segurou o papel na mão — ela podia ver que havia um endereço escrito no papel —, disse uma ou duas coisas, depois desligou e saiu.

Sacudiu o endereço para ela em triunfo.

— Muito bem, aqui está o en... — Seus olhos passaram por cima do ombro dela e ele franziu a testa. — Onde é que se meteu o idiota do *táxi*?

Ela se voltou. O táxi tinha desaparecido. Onde ele estava havia só o meio-fio e alguns pedaços de papel sendo soprados preguiçosamente pela sarjeta. Do outro lado da rua, duas crianças estavam se agarrando e dando risinhos. Doris notou que uma delas tinha uma das mãos deformada — parecia mais uma garra. Achava que o Serviço Nacional de Saúde Pública

devia cuidar de coisas assim. As crianças olharam por cima da rua, viram que ela os estava observando e caíram nos braços uma da outra, novamente dando risadinhas.

— *Eu* não sei — disse Doris. Sentia-se desorientada e um pouco obtusa. O calor, o vento constante que parecia soprar sem rajadas e sem se atenuar, a natureza da luz quase como se fosse pintada...

— Que horas eram então? — perguntou Farnham de repente.

— Não sei — respondeu Doris Freeman, despertando assustada de seu relato. — Seis, eu acho. Talvez 18h20.

— Entendo. Continue — disse Farnham, sabendo perfeitamente bem que em agosto o pôr do sol não teria começado — mesmo pelos critérios mais tolerantes — até bem depois das sete.

— Bem, o que ele *fez*? — perguntou Lonnie, ainda olhando ao redor. Era quase como se esperasse que sua irritação fosse fazer o táxi reaparecer de repente. — Simplesmente resolveu e foi embora?

— Talvez, quando você ergueu a mão — disse Doris levantando sua própria mão e fazendo o círculo de polegar e indicador que Lonnie tinha feito na cabine telefônica —, talvez quando você fez isso ele tenha achado que o estava mandando embora.

— Teria que abanar durante muito tempo para mandá-lo embora com 2,50 libras no taxímetro — grunhiu Lonnie, e andou até o meio-fio. Do outro lado da Crouch Hill Road, as duas crianças pequenas ainda estavam dando risinhos. — Ei! — chamou Lonnie em voz alta. — Vocês, crianças!

— O senhor é americano? — berrou de volta o garoto com a mão de garra.

— Sou — disse Lonnie, sorrindo. — Vocês viram um táxi aqui desse lado? Vocês viram para onde ele foi?

As duas crianças pareceram estar pensando sobre a pergunta. A companheira do menino era uma menina de uns 5 anos, com mal-arrumadas tranças de cabelos castanhos espetadas uma para cada lado. Avançou até o meio-fio do lado oposto, formou um megafone com as mãos e, ainda sorrindo — ela berrou através das suas mãos em megafone e do sorriso — gritou para eles:

— *Vá se foder, Joe!*

Lonnie ficou de boca aberta.

— *Senhor! Senhor! Senhor!* — guinchou o menino, fazendo umas continências descontroladas com a mão deformada. Depois os dois deram meia-volta e fugiram dobrando a esquina, sumindo de vista e deixando apenas seus risos ecoando de volta.

Lonnie olhou para Doris, estupefato.

— Acho que algumas das crianças em Crouch End não gostam muito de americanos — disse ele sem graça.

Ela olhou em volta com ar nervoso. A rua agora parecia deserta.

Ele passou um braço em volta dela.

— Bem, querida, parece que vamos ter que caminhar.

— Não sei se estou disposta a isso. Aquelas duas crianças podem ter ido buscar seus irmãos maiores. — Riu para mostrar que estava brincando, mas sua voz estava com um som estridente. A noite tinha assumido uma feição surreal de que ela não estava gostando muito. Desejou que tivessem ficado no hotel.

— Não há muito mais que possamos fazer — disse ele. — A rua não está propriamente transbordando de táxis, não é?

— Lonnie, por que o motorista do táxi iria nos deixar aqui desse jeito? Ele parecia tão *simpático*.

— Não faço a menor ideia. Mas John me deu uma boa explicação. Ele mora numa rua chamada Brass End, que é um beco bem pequeno, e disse que não aparece no *Guia de ruas*. — Enquanto falava, ia se afastando da cabine telefônica, do restaurante que vendia *curries* para levar, do meio-fio agora deserto. Estava subindo a Crouch Hill Road de novo. — Tomamos à direita na Hillfield Avenue, à esquerda na metade dela, depois tomamos a primeira à direita... ou era à esquerda? De qualquer modo, na Petrie Street. A segunda à esquerda é Brass End.

— E você se lembra disso tudo?

— Sou uma testemunha ideal — disse com firmeza, e ela teve que rir. Lonnie tinha um jeito de fazer as coisas parecerem melhores.

Havia um mapa da área de Crouch End na parede do saguão de entrada do distrito policial, consideravelmente mais detalhado do que o do *Guia de ruas de Londres*. Farnham se aproximou dele e estudou-o com as mãos

enfiadas nos bolsos. O distrito agora parecia muito sossegado. Vetter ainda estava do lado de fora — limpando algumas teias de aranha do cérebro, era de se esperar — e Raymond há muito tempo tinha terminado com a mulher cuja bolsa fora arrancada das mãos.

Farnham pôs o dedo no ponto em que era mais provável que o motorista do táxi os tivesse deixado (caso houvesse alguma coisa na história da mulher em que se pudesse acreditar, era isso). O caminho até a casa do amigo deles parecia bastante simples. Crouch Hill Road até Hillfield Avenue, depois à esquerda na Vickers Lane, seguido de outra virada à esquerda pela Petrie Street. Brass End, que se destaca da Petrie Street como uma reflexão tardia de alguém, não tinha mais de seis ou oito casas de comprimento. Ao todo, cerca de 1,5 quilômetro. Até mesmo americanos deviam ser capazes de andar essa distância sem se perder.

— Raymond! — berrou ele. — Você ainda está aqui?

O sargento Raymond entrou. Tinha vestido roupas comuns e estava pondo um blusão leve de popeline.

— Só por mais um pouquinho, meu querido imberbe.

— Para com isso — disse Farnham, sorrindo mesmo assim. Raymond lhe dava um certo medo. Uma olhada no sujeito assustador era o bastante para mostrar que ele estava um pouco perto demais da cerca que corria entre o pátio dos mocinhos e o dos bandidos. Havia uma linha branca retorcida de cicatriz que corria como um barbante grosso do canto esquerdo da sua boca quase até o pomo de adão. Ele alegava que um batedor de carteiras uma vez tinha quase cortado sua garganta com um caco de garrafa. Alegava que era por isso que lhes quebrava os dedos. Farnham achava que isso era empulhação. Achava que Raymond quebrava os dedos deles porque gostava do barulho que faziam, especialmente quando os nós dos dedos saltavam.

— Tem um cigarro? — perguntou Raymond.

Farnham suspirou e lhe deu um. Enquanto o acendia para ele, perguntou:

— Existe uma loja de *curry* na Crouch Hill Road?

— Não que eu saiba, meu muito querido — disse Raymond.

— Era o que eu pensava.

— Está com algum problema, querido?

— Não — disse Farnham, um pouco áspero demais, lembrando-se do cabelo empastado e dos olhos arregalados de Doris Freeman.

Perto do topo da Crouch Hill Road, Doris e Lonnie Freeman dobraram na Hillfield Avenue, que era bordejada de casas imponentes e com aspecto elegante. Apenas cascas vazias, pensou ela, provavelmente retalhadas por dentro, com precisão cirúrgica, em pequenos apartamentos e bibocas de cozinha e quitinete.

— Até aqui tudo bem — disse Lonnie.

— É, está... — começou ela a falar, e foi então que os gemidos baixos começaram.

Ambos pararam. Os gemidos estavam vindo quase exatamente da sua direita, onde uma sebe alta corria em volta de um pequeno quintal. Lonnie ia começar a andar na direção do barulho e ela agarrou-lhe o braço.

— Lonnie, não!

— O que é isso de não? — perguntou ele. — Alguém está ferido.

Ela foi andando atrás dele nervosamente. A sebe era alta, mas pouco espessa. Ele pôde abri-la para um lado e revelar um pequeno gramado quadrangular delineado por flores. O gramado era muito verde. No seu centro estava um pedaço negro, fumegante — ou pelo menos essa foi a primeira impressão que ela teve. Quando espreitou novamente pelo lado do ombro de Lonnie — o ombro ficava alto demais para que ela pudesse olhar por cima —, viu que era um buraco, com uma forma vagamente parecida com a de um homem. Os fiapos de fumaça estavam se elevando dali.

SESSENTA PERDIDOS NO HORROR SUBTERRÂNEO, pensou de repente.

Os gemidos estavam vindo do buraco e Lonnie começou a forçar a passagem pela sebe na direção dele.

— Lonnie — disse ela —, por favor, não.

— Alguém está ferido — repetiu ele e empurrou o corpo pelo resto da passagem com um ruído de espinhos arranhando. Ela o viu indo na direção do buraco e então a sebe se fechou de volta de repente, deixando-a apenas com uma vaga impressão do seu vulto enquanto ele se deslocava para a frente. Tentou abrir caminho atrás dele e tudo que conseguiu foi se

arranhar nos galhos curtos e duros da sebe. Estava usando uma blusa sem mangas.

— Lonnie! — berrou, subitamente com muito medo. — Lonnie, volte!

— Só um minuto, meu bem!

Por cima da sebe, a casa a fitava impassível.

Os gemidos continuavam, mas agora pareciam mais graves — guturais, de algum modo contentes. Será que Lonnie não podia *escutá-los?*

— Ei, tem alguém aí embaixo? — ela ouviu Lonnie perguntar. — Tem alguém... Oh! Ei! *Meu Deus!*

E subitamente Lonnie gritou. Ela nunca o tinha ouvido gritar antes e suas pernas pareceram virar geleia com o som. Ela procurou desesperada uma abertura na sebe, um caminho, mas não conseguiu ver nada em lugar algum. Imagens rodopiavam ante seus olhos: os motoqueiros que por um instante pareciam ratos, o gato com a cara cor-de-rosa mutilada, o menino com a mão feito garra.

— *Lonnie!* — tentou gritar, mas não conseguiu emitir nem uma palavra.

Agora ouviam-se ruídos de luta. Os gemidos tinham parado. Mas do outro lado da sebe vinham uns sons líquidos de algo chafurdando. Então, de repente, Lonnie veio voando através dos galhos espinhentos e duros, de cor verde empoeirada, como se tivesse recebido um tremendo empurrão. A manga direita do paletó estava rasgada e salpicada com sinais de uma substância negra que parecia estar fumegando, do mesmo jeito que a cova no gramado fumegava.

— Doris, corra!

— Lonnie, o que...

— *Corra!* — Seu rosto estava pálido como folha de papel.

Doris olhou em volta alucinada, procurando um policial. Procurando *qualquer pessoa*. Mas, a julgar pela vida ou movimento que ela via, a Hillfield Avenue podia ser parte de uma cidade grande abandonada. Depois deu uma olhada de volta para a sebe e viu que alguma coisa estava se movendo lá atrás, alguma coisa que era mais do que preta. Parecia de ébano, era a antítese da luz.

E estava chafurdando.

Um instante depois, os galhos curtos e duros da sebe começaram a farfalhar. Ela ficou olhando fixo, hipnotizada. Poderia ter ficado parada ali para sempre (assim disse a Vetter e Farnham) se Lonnie não tivesse agarrado seu braço com força e gritado com ela — é, Lonnie, que nunca nem elevava a voz com as crianças, tinha gritado. Ela poderia ainda estar parada ali, parada ali ou...

Mas eles correram.

"Para onde?", perguntara Farnham, mas ela não sabia. Lonnie estava completamente perdido, numa histeria de pânico e nojo — isso era tudo que ela realmente sabia. Fechou os dedos em torno do seu pulso, como se fosse uma algema, e correram para longe da casa que se avultava por cima da sebe e do buraco fumegante no gramado. Dessas coisas tinha certeza. Tudo o mais era apenas uma cadeia de impressões vagas.

Inicialmente, tinha sido difícil correr e depois ficou mais fácil, porque estavam indo ladeira abaixo. Dobraram uma esquina e depois outra. Casas cinzentas com alpendres altos e persianas verdes e fechadas pareciam fitá-los como se fossem aposentados cegos. Ela se lembrava de Lonnie arrancar o paletó, que tinha sido salpicado com aquela pasta negra, e jogá-lo fora. Finalmente chegaram a uma rua mais larga.

— Pare — disse ela ofegante. — Pare, não posso acompanhá-lo! — Com a mão livre estava apertando o lado do corpo, onde parecia que tinham enfiado um cravo incandescente.

E ele parou. Tinham saído da área residencial e estavam parados na esquina de Crouch Lane e Norris Road. Uma placa do lado oposto da Norris Road proclamava que estavam a apenas 1,5 quilômetro de Slaughter Towen.

— Town? —[7] sugeriu Vetter.

— Não — disse Doris Freeman. — Slaughter *Towen*, com um *"e"*.

Raymond esmigalhou o cigarro que tinha filado de Farnham.

— Vou-me embora — anunciou e depois olhou com mais atenção para Farnham. — Meu bichinho devia cuidar melhor de si mesmo. Ele está com olheiras grandes. Está com pelos crescendo na palma das mãos para combinar com elas, minha teteia? — Deu uma gargalhada sonora.

— Já ouviu falar de uma Crouch Lane? — perguntou Farnham.

— Você quer dizer Crouch Hill Road.

— Não, quero dizer Crouch Lane.

— Nunca ouvi falar dela.

— E Norris Road?

— Há uma que sai da rua principal em Basingstoke...

— Não, aqui.

— Não... *aqui* não, cara.

Por alguma razão que ele não conseguia entender — era óbvio que a mulher estava biruta — Farnham insistiu.

— E Slaughter Towen?

— Towen, você disse? Não Town?

— É, foi isso mesmo que eu disse.

— Nunca ouvi falar, mas se ouvir, acho que vou passar longe.

— Por quê?

— Porque no velho linguajar dos druidas, um *touen* ou *towen* era o lugar de sacrifícios rituais, onde eles subtraíam seu fígado e suas luzes, em outras palavras. — E, fechando o zíper de seu blusão, Raymond saiu tranquilamente.

Farnham ficou olhando-o se afastar com inquietação. Disse para si mesmo: *Essa última, ele inventou. O que um tira durão como Sid Raymond sabe a respeito dos druidas poderia ser gravado na cabeça de um alfinete e ainda deixar espaço sobrando para o pai-nosso.*

Certo. E ainda que *tivesse* encontrado esse tipo de informação, isso não mudava o fato de que a mulher estava...

— Devo estar ficando maluco — disse Lonnie, e deu uma risada trêmula.

Doris tinha olhado antes no seu relógio e vira que, de alguma forma, tinha virado 19h45. A luz tinha mudado: de um alaranjado translúcido tinha passado para um vermelho espesso e semiopaco que rebrilhava das janelas das lojas na Norris Road e parecia recobrir um campanário de igreja do outro lado da via em sangue coagulado. No horizonte, o sol era uma esfera achatada nos polos.

— O que aconteceu lá atrás? — perguntou Doris. — O que foi, Lonnie?

— Ainda perdi meu paletó. Custou caro como o diabo.

— Você não o perdeu, você o tirou. Estava coberto de...

— Não seja tola! — soltou para ela. Mas seus olhos não estavam soltos e sim amortecidos, em choque, divagando. — Eu o perdi, foi só isso.

— Lonnie, o que aconteceu quando você passou através da sebe?

— Nada. Não vamos falar nisso. Onde estamos?

— Lonnie...

— Não consigo me lembrar — disse num tom mais suave. — É tudo um branco. Nós estávamos ali... ouvimos um barulho... depois eu estava correndo. É tudo de que consigo me lembrar. — E então acrescentou, numa voz assustadoramente infantil: — Por que iria jogar fora meu paletó? Gostava dele. Combinava com as calças. — Atirou a cabeça para trás, emitiu uma risada alucinada de dar medo e Doris percebeu de repente que, fosse lá o que ele vira do outro lado da sebe, isso o deixou desequilibrado, pelo menos parcialmente. Não tinha certeza se o mesmo não teria acontecido com ela... se tivesse visto. Não tinha importância. Precisavam sair dali. Voltar para o hotel, onde estavam as crianças.

— Vamos pegar um táxi. Quero ir para casa.

— Mas John... — começou ele.

— *Não tem nada de John!* — gritou ela. — Está errado, tudo aqui está errado *e quero pegar um táxi e ir para casa!*

— É, está bem. *OK* — Lonnie passou uma trêmula mão pela testa. — Estou de acordo com você. O único problema é que não tem nenhum táxi.

Na realidade, não havia nenhum tráfego na Norris Road, que era larga e de paralelepípedos. Bem pelo centro dela corria um par de antigos trilhos de bonde. Do outro lado, em frente à loja de flores, estava estacionado um antigo carro D, e grande carro, com três rodas. Mais adiante, do lado deles, uma motocicleta Yamaha estava inclinada, apoiada no descanso. Isso era tudo. Podiam *escutar* carros, mas o som vinha de longe, difuso.

— Talvez a rua esteja fechada para obras — murmurou Lonnie, e então fez uma coisa estranha... pelo menos estranha para ele, que geralmente era tão tranquilo e autoconfiante. Olhou por cima do ombro como se estivesse com medo de que estivessem sendo seguidos.

— Iremos a pé — disse ela.

— Para onde?

— Para qualquer lugar. Para longe de Crouch End. Podemos pegar um táxi se sairmos daqui. — Subitamente, ela teve certeza disso, mesmo que de nada mais.

— Está bem. — Agora ele parecia perfeitamente disposto a confiar a ela as decisões sobre toda a questão.

Começaram a caminhar pela Norris Road em direção ao sol poente. O zumbido distante do tráfego se mantinha constante, parecendo não diminuir e tampouco aumentar. Era como o deslocamento constante do vento. Ela sentia que estavam sendo observados, tentou descartar essa sensação e viu que não conseguia. O som de suas passadas

(SESSENTA PERDIDOS NO HORROR SUBTERRÂNEO)

ecoava de volta até eles dois. O incidente na sebe não parava de se repetir na sua mente e, afinal, ela teve que perguntar de novo.

— Lonnie, o que *era*?

Ele respondeu com simplicidade:

— Não me lembro. E não *quero* me lembrar.

Passaram por um mercadinho que estava fechado: um monte de cocos, como se fossem crânios encolhidos vistos de trás, estavam empilhados de encontro à vitrine. Passaram por uma lavanderia em que as máquinas brancas tinham sido puxadas das divisórias em rosa desbotado como se fossem dentes quadrados saindo de gengivas moribundas. Passaram por uma vitrina com estrias de sabão que tinha na frente um velho aviso de ALUGA-SE ESTA LOJA. Algo se moveu por trás das estrias de sabão e Doris viu, olhando fixo para ela, a cara cor-de-rosa e cheia de tufos de pelo de um gato mutilado de brigas. O mesmo gatão cinzento.

Ela consultou como estavam indo suas engrenagens interiores e descobriu que estava num estado de terror lentamente crescente. Sentia como se os intestinos tivessem começando a dar voltas, arrastando-se devagar, dentro da barriga. A boca tinha um gosto ácido desagradável, quase como se tivesse exagerado no uso de um forte antisséptico bucal. Os paralelepípedos da Norris Road vertiam sangue fresco no pôr do sol.

Estavam se aproximando de um viaduto. E estava escuro lá embaixo. *Não posso*, informou-lhe sua mente de modo factual. *Não posso entrar ali embaixo, pode haver qualquer coisa ali embaixo, não me peça, porque não posso.*

Outra parte de sua mente perguntou se ela aguentaria se eles voltassem atrás sobre seus próprios passos, pela frente da loja vazia com o gato itinerante dentro dela (como ele tinha conseguido chegar ali vindo do restaurante? — era melhor não perguntar, nem mesmo pensar muito nisso), diante da desordem estranhamente bucal da lavanderia, pelo Mercadinho das Cabeças Encolhidas. Achava que não conseguiria.

Agora tinham chegado mais perto do viaduto. Um trem de seis vagões com uma pintura estranha — era branco ósseo — se precipitou por cima dele de modo assustadoramente repentino, uma louca noiva de aço correndo ao encontro do noivo. As rodas jogavam espirais brilhantes de centelhas para o ar. Os dois saltaram para trás sem querer, mas foi Lonnie quem gritou. Ela olhou-o e viu que naquela última hora ele havia se transformado em alguém que nunca vira antes, que nunca desconfiara que existia. Seus cabelos de algum modo pareciam mais grisalhos e, embora com firmeza ela dissesse a si mesma — com tanta firmeza quanto conseguia — que era apenas um efeito de luz, foi a aparência dos seus cabelos que a fez se decidir. Lonnie não estava em condições de voltar. Portanto, o viaduto.

— Vamos — disse ela, e tomou sua mão. Tomou-a bruscamente para que ele não sentisse como a sua mão estava tremendo. — Quanto antes começarmos, mais depressa acabaremos. — Caminhou para a frente e ele a seguiu docilmente.

Estavam quase do outro lado — era um viaduto muito curto, pensou ela com um alívio ridículo — quando a mão agarrou a parte de cima do seu braço.

Ela não gritou. Seus pulmões pareciam ter desabado como saquinhos de papel amassado. Sua mente queria deixar seu corpo para trás e simplesmente... voar. A mão de Lonnie se separou da sua. Ele não parecia se dar conta. Ele foi andando pelo outro lado — ela viu apenas por um instante sua silhueta, alta e esguia, contra as cores ensanguentadas e furiosas do pôr do sol, e então ele sumiu.

A mão que segurava seu braço era peluda, como a de um macaco grande. Virou-a implacavelmente na direção de um vulto grande e acachapado, que estava encostado na parede de concreto coberta de fuligem. A coisa estava ali na sombra dupla dos dois pilares de concreto e ela só conseguiu enxergar o vulto... o vulto e dois olhos verdes luminosos.

— Dá um cigarro pra nós, coração — disse uma voz roufenha, com sotaque popular londrino, e ela pôde sentir o cheiro de carne crua com batatas fritas gordurosas e alguma coisa doce e horrível, como o resíduo acumulado no fundo de latas de lixo.

Aqueles olhos verdes eram olhos de gato. E de repente ela teve a certeza terrível de que, se o vulto acachapado saísse das sombras, ela veria a catarata leitosa de um olho, as saliências rosadas do tecido cicatrizado, os tufos de pelo cinzento.

Ela arrancou o braço, recuou e sentiu alguma coisa deslizar pelo ar perto dela. Uma mão? Garras? Um som sibilante, cuspindo...

Outro trem passou a toda por cima. O estrondo foi enorme, de sacudir os miolos. A fuligem peneirou para baixo como neve negra. Ela fugiu, num pânico cego, pela segunda vez nessa noite, sem saber para onde... ou por quanto tempo.

O que a fez voltar a ter consciência de si mesma foi perceber que Lonnie tinha sumido. Ela meio que desabou sobre uma parede de tijolos sujos, respirando em longos arquejos angustiados. Ainda estava na Norris Road (pelo menos achava que estava, disse aos dois policiais: a via larga ainda era de paralelepípedos e os trilhos do bonde ainda corriam bem pelo centro), mas as lojas abandonadas e em ruínas tinham dado lugar a depósitos abandonados e em ruínas. DAWGLISH & FILHOS, dizia o cartaz sujo de fuligem de uma. Outra tinha o nome ALHAZRED estampado num verde antigo por cima de uma desbotada fachada de tijolos. Abaixo do nome havia uma série de cunhas e arabescos.

— Lonnie! — chamou ela em voz alta. Não houve nenhum eco, nenhuma reverberação apesar do silêncio (não, não um silêncio completo, disse a eles: ainda havia o barulho do tráfego e poderia estar mais perto, mas não muito mais). A palavra que representava seu marido pareceu cair da sua boca e precipitar-se aos seus pés como uma pedra. O sangue do pôr do sol tinha sido substituído pelo cinza-arroxeado do crepúsculo. Pela primeira vez lhe ocorreu que a noite podia cair sobre ela ainda ali em

Crouch End — se é que de fato estava *em* Crouch End —, e essa ideia lhe produziu um novo terror.

Disse a Vetter e Farnham que não tinha havido nenhuma reflexão, nenhum caminho de raciocínio lógico da parte dela durante a desconhecida extensão de tempo entre a chegada deles à cabine telefônica e o horror final. Ela simplesmente reagiu, como um animal apavorado. E agora estava sozinha. Queria Lonnie, tinha consciência disso, mas não de muito mais. Sem dúvida não lhe tinha ocorrido pensar em como essa área, que certamente devia ficar num raio de oito quilômetros de Cambridge Circus, podia estar inteiramente deserta.

Doris Freeman saiu andando, chamando por seu marido. Sua voz não tinha eco, mas suas passadas sim. As sombras começaram a encher a Norris Road. Por cima, o céu agora estava violáceo. Poderia ser algum efeito de distorção do crepúsculo ou sua própria exaustão, mas os depósitos pareciam inclinar-se famintos sobre a rua. As janelas, cobertas pela sujeira de décadas — de séculos, talvez —, pareciam estar olhando fixo para ela. E os nomes nas tabuletas se tornaram cada vez mais estranhos, até lunáticos, no mínimo impronunciáveis. As vogais estavam nos lugares errados e as consoantes tinham sido encarreiradas juntas de uma forma que tornaria impossível a qualquer língua humana passar por elas. Numa se lia CTHULHU KRYON, com mais daquelas cunhas arábicas por baixo. YOGSOGGOTH dizia outra. R'YELEH dizia outra mais. Havia uma da qual se lembrava em especial: NRTESN NYARLAHOTEP.

— Como a senhora pôde se lembrar de tal incoerência? — perguntou-lhe Farnham.

Doris Freeman balançou a cabeça, lentamente e com ar cansado.

— Não sei. Não sei mesmo. É como um pesadelo que você quer esquecer logo que acorda, mas que não desaparece como a maioria dos sonhos e simplesmente fica e fica e fica.

A Norris Road parecia estender-se até o infinito, de paralelepípedos, dividida ao meio pelos trilhos do bonde. E embora ela continuasse caminhando — achava que não podia correr, mas depois, disse ela, tinha corrido — ela não estava mais chamando por Lonnie. Estava presa com um medo terrível de sacudir os ossos, um medo tão grande que ela achava que nenhum ser humano poderia suportá-lo sem ficar louco ou cair morto. Era impossível articular seu medo a não ser de uma maneira, e mesmo

essa, disse ela, mal dava para unir os dois lados do abismo que se abrira dentro de sua mente e de seu coração. Disse que tinha sido como se não estivesse mais na Terra, mas num planeta diferente, um lugar tão alienígena que a mente humana não conseguia nem começar a compreendê-lo. Os *ângulos* pareciam diferentes, disse ela. As *cores* pareciam diferentes. Os... mas era inútil.

Tudo que podia fazer era caminhar sob um céu de ameixa seca, por entre as edificações volumosas e fantasmagóricas, na esperança de que isso iria terminar.

Como terminou.

Deu-se conta de duas pessoas de pé na calçada adiante dela — as crianças que ela e Lonnie tinham visto antes. O menino estava usando sua mão-garra para afagar as tranças malfeitas da garotinha.

— É a americana — disse o menino.

— Ela está perdida — disse a menina.

— Perdeu o marido.

— Perdeu o caminho.

— Encontrou o caminho escuro.

— A estrada que leva para dentro do funil.

— Perdeu a esperança.

— Encontrou o Assobiador das Estrelas...

— ...o Devorador das Dimensões...

— ...o Flautista Cego...

As palavras deles vinham cada vez mais depressa, uma litania sem fôlego, um tear faiscante. Sua cabeça girava com elas. As edificações se inclinavam. As estrelas tinham surgido, porém não eram as *suas* estrelas, aquelas sob as quais formulara desejos quando menina ou namorara quando moça: eram estrelas loucas em constelações lunáticas, e suas mãos taparam seus ouvidos e suas mãos não bloquearam os sons e finalmente ela gritou para eles:

— *Onde está meu marido? Onde está Lonnie? O que vocês fizeram com ele?*

Fez-se silêncio. E então a menina falou:

— Ele foi para baixo.

O menino:

— Foi com a Cabra de Mil Cabritos.

A menina sorriu — um sorriso malicioso, cheio de inocência malévola.

— Ele bem que não podia deixar de ir, não é? A marca estava sobre ele. Você também vai.

— Lonnie! *O que vocês fizeram com...*

O menino ergueu a mão e cantou num idioma melodioso e agudo que ela não conseguiu entender, mas o som das palavras quase fez Doris Freeman ficar louca de medo.

— Então a rua começou a se mover — disse a Vetter e Farnham. — Os paralelepípedos começaram a ondular como um tapete. Subiam e desciam, subiam e desciam. Os trilhos do bonde se soltaram e voaram para o alto (lembro-me disso, lembro-me da luz das estrelas brilhando neles) e então os próprios paralelepípedos começaram a se soltar, a princípio um por um e depois aos blocos. Eles simplesmente sumiam voando pela escuridão. Havia um ruído de algo sendo arrancado quando eles se soltavam. Um som de algo sendo moído, rasgado... do jeito que um terremoto deve soar. E... alguma coisa começou a *vir atravessando*...

— O quê? — perguntou Vetter. Estava debruçado para a frente, seus olhos grudados nela. — O que a senhora viu? O que era?

— Tentáculos — disse ela devagar, hesitante. — Acho que eram tentáculos. Mas eram grossos como figueiras-bravas velhas, como se cada um deles fosse feito de milhares de outros menores... e havia coisas róseas como ventosas... salvo que às vezes elas pareciam rostos... um deles parecia o rosto de Lonnie... e todos eles estavam em agonia. Abaixo deles, na escuridão sob a rua (na escuridão *embaixo*), havia outras coisas. Algumas coisas como *olhos*...

Nessa altura, ela desmoronou, incapaz de prosseguir durante algum tempo e, como se viu, na verdade não havia muito mais a contar. A próxima coisa de que se recordava com alguma clareza era de estar encolhida de medo no portal de uma loja de revistas fechada. Ela lhes tinha dito que poderia ainda estar lá se não tivesse visto carros passando para cima e para baixo logo adiante e o brilho tranquilizador das lâmpadas

a vapor de mercúrio da rua. Duas pessoas tinham passado diante dela e Doris tinha se encolhido ainda mais nas sombras, com medo das duas crianças más. Mas viu que não eram crianças e sim um rapaz e uma moça, adolescentes, caminhando de mãos dadas. O rapaz estava dizendo alguma coisa sobre o novo filme de Martin Scorcese.

Tinha ido para a calçada com cuidado, pronta para voltar rápido para o oportuno vão da entrada da loja de revistas num segundo, mas não tinha sido preciso. A 50 metros subindo a rua estava um cruzamento razoavelmente movimentado, com carros e caminhões parados no sinal. Do outro lado, havia uma joalheria, com um relógio grande iluminado na vitrine. Uma grade pantográfica estava corrida na frente dela, mas ainda podia ver a hora. Eram 21h55.

Então caminhou até o cruzamento e, apesar das luzes da rua e do consolador barulho do tráfego, continuou dando olhadas aterrorizadas por cima do ombro. Todo seu corpo estava doído. Estava mancando por causa do salto partido. Tinha distendido um músculo na barriga e tendões em ambas as pernas. A perna direita estava especialmente mal, como se tivesse sofrido uma torção.

No cruzamento viu que, de alguma maneira, tinha regressado à esquina de Hillfield Avenue com Tottenham Road. Debaixo de um poste de iluminação, uma mulher de uns 60 anos, com cabelos grisalhos escapando por baixo de um trapo com que estavam presos, conversava com um homem mais ou menos da mesma idade. Ambos olharam para Doris como se ela fosse alguma espécie de aparição horrorosa.

— Polícia — gemeu Doris Freeman. — Onde é o distrito policial? Sou uma cidadã americana... perdi meu marido... preciso da polícia.

— Mas o que houve, benzinho? — perguntou a mulher, não de modo hostil. — Parece que um caminhão passou por cima de você, parece mesmo.

— Acidente de carro? — perguntou seu companheiro.

— Não. Não foi... não foi... Por favor, há um distrito policial aqui por perto?

— Logo subindo a Tottenham Road — disse o homem. Tirou um maço de Players do bolso. — Quer um cigarro? Parece que você precisa de um.

— Obrigada — disse ela, e pegou o cigarro embora tivesse parado de fumar há quatro anos. O homem idoso teve que acompanhar a ponta tremulante com a chama do fósforo para acender o cigarro para ela.

Ele deu uma olhada para a mulher com os cabelos presos com trapo.

— Vou só dar uma pequena caminhada com ela, Evvie. Para ter certeza de que ela chega lá mesmo.

— Vou junto, então, está bem? — disse Evvie, e passou um braço em volta dos ombros de Doris. — Agora, o que é, benzinho? Alguém tentou assaltá-la?

— Não — disse Doris. — Ela... eu... eu... a rua... havia um gato com um olho só... a rua se abriu... eu a *vi*... e eles falaram alguma coisa sobre um Flautista Cego... preciso encontrar Lonnie!

Ela se dava conta de que estava falando de forma incoerente, mas parecia incapaz de ser mais clara. E, de qualquer modo, disse ela a Vetter e Farnham, ela não tinha sido tão incoerente *assim*, porque o homem e a mulher tinham se afastado dela como se, quando Evvie lhe perguntara o que tinha acontecido, Doris lhe tivesse dito que era a peste bubônica.

O homem dissera alguma coisa então. Doris achou que tinha sido "Aconteceu de novo".

A mulher apontou.

— O distrito está logo ali adiante. Globos de luz na frente. Você vai vê-lo. — Movendo-se muito depressa, os dois começaram a caminhar na direção oposta. A mulher deu uma olhada por cima dos ombros uma vez e Doris Freeman viu seus olhos brilhantes e arregalados. Doris deu dois passos na direção deles, sem saber por que razão. — Não ouse chegar perto! — gritou Evvie num tom agudo e fez uma figa na sua direção. Ao mesmo tempo, encolheu-se encostada no homem, que a abraçou. — Não chegue perto, se esteve em Crouch End Towen!

E com isso os dois desapareceram na noite.

O policial Farnham agora estava encostado no portal entre a sala de uso comum e a sala do arquivo principal, embora as pastas do arquivo morto certamente não ficassem guardadas ali. Farnham tinha preparado uma xícara de chá fresco para si e estava fumando o último cigarro do maço — a mulher também tinha se servido de vários.

Ela havia voltado para o hotel, em companhia da enfermeira que Vetter tinha chamado. A enfermeira passaria a noite com ela e, na manhã seguinte, decidiria se a mulher precisava ser internada num hospital. As crianças tornariam isso difícil, calculou Farnham, e o fato de a mulher ser americana quase certamente garantia uma confusão de primeira. Estava imaginando o que ela iria contar para as crianças quando acordassem na manhã seguinte, supondo que fosse capaz de lhes dizer qualquer coisa. Será que ela iria juntá-las ao seu redor e contar-lhes que o grande monstro mau de Crouch End Town

(*Towen*)

tinha devorado papai como um ogro num conto de fadas?

Farnham fez uma careta e pousou sua xícara de chá. Não era problema seu. Para o bem ou para o mal, a senhora Freeman ficou presa entre a polícia britânica e a embaixada americana na grande valsa dos governos. Ele não tinha nada com isso, era apenas um policial querendo se esquecer da coisa toda. E pretendia deixar que Vetter redigisse o relatório. Vetter podia dar-se ao luxo de colocar o nome por baixo dessa coleção de alucinações: era um homem velho, gasto. Ainda seria um policial no plantão noturno quando recebesse seu relógio de ouro, sua pensão e seu apartamento no conjunto de habitação popular. Farnham, por outro lado, tinha ambições de chegar logo a sargento, e isso queria dizer que tinha que ter cuidado com cada gracinha.

E, falando de Vetter, onde estava ele? Agora já fazia muito tempo que tinha ido tomar o ar fresco da noite. Farnham atravessou a sala de uso comum e saiu. Ficou parado entre os dois postes encimados pelos globos de luz e olhou para o outro lado da Tottenham Road. Não viu Vetter em lugar nenhum. Passava das três da madrugada e o silêncio pairava pesado e amplo, como uma mortalha. Como era aquele verso de Wordsworth? "Todo aquele grande coração jazendo inerte",[8] ou coisa parecida.

Desceu os degraus e ficou parado na calçada, agora sentindo um fio de inquietação. É claro que era tolice e estava com raiva de si mesmo por permitir que a história maluca da mulher chegasse a ocupar mesmo esse pequeno espaço na sua cabeça. Talvez ele *merecesse* ter medo de um policial durão como Sid Raymond.

Farnham andou devagar até a esquina, pensando que iria encontrar Vetter voltando da sua caminhada noturna. Mas não iria mais longe. Se o distrito ficasse vazio, mesmo por alguns instantes, ia ser o diabo se alguém descobrisse. Chegou à esquina e olhou ao redor. Era engraçado, mas todos os postes de iluminação a vapor de mercúrio pareciam ter se apagado lá na frente. A rua inteira ficava diferente sem as luzes. Perguntou-se se isso teria que ser reportado. E onde estava Vetter?

Resolveu que andaria só um pouco mais adiante para ver o que havia. Mas não longe. Simplesmente não ia dar certo deixar o distrito sem ninguém por muito tempo.

Só um pouco mais.

Vetter voltou menos de cinco minutos depois de Farnham ter saído. Farnham tinha ido na direção oposta e, se Vetter tivesse vindo um minuto antes, teria visto o jovem policial parado na esquina, indeciso por um instante antes de dobrar nela e desaparecer para sempre.

— Farnham?

Nenhuma resposta a não ser o zumbido do relógio da parede.

— Farnham? — chamou novamente e depois limpou a boca com a palma da mão.

Lonnie Freeman nunca foi encontrado. Sua mulher (que tinha começado a ficar com os cabelos grisalhos nas têmporas) acabou voando de volta para os Estados Unidos com seus filhos. Foram de Concorde. Um mês depois, ela tentou se suicidar. Passou 90 dias numa clínica de repouso e saiu muito melhor. Às vezes, quando não consegue dormir — isso acontece com mais frequência nas noites em que o sol se põe como uma bola vermelha e laranja —, ela se esgueira para dentro do armário embutido, engatinha por baixo dos vestidos dependurados até o fundo e lá escreve *Cuidado com a Cabra de Mil Cabritos* repetidamente com um lápis de ponta macia. Isso parece tranquilizá-la de algum modo.

O policial Robert Farnham deixou mulher e gêmeas de 2 anos de idade. Sheila Farnham escreveu uma série de cartas indignadas para seu deputado, insistindo em que algo estava acontecendo, algo estava sendo encoberto, que o seu Bob tinha sido induzido a aceitar algum tipo de missão clandestina. Ele teria feito qualquer coisa para ser promovido a sargento, repetiu várias vezes a senhora Farnham para o deputado. Esse

digno político acabou por parar de responder a suas cartas. Mais ou menos na mesma época em que Doris Freeman estava saindo da clínica de repouso, os cabelos agora quase inteiramente brancos, a senhora Farnham mudou-se de volta para Essex, onde viviam seus pais. Com o tempo, ela se casou com um homem que tinha um trabalho mais seguro: Frank Hobbs é inspetor de para-choques na linha de montagem da Ford. Foi preciso obter divórcio de seu Bob por abandono do lar, mas isso foi conseguido com facilidade.

Vetter requereu aposentadoria antecipada quatro meses depois de Doris Freeman entrar cambaleante pelo distrito policial na Tottenham Lane. Ele de fato mudou-se para um apartamento num conjunto de habitação popular, um edifício de dois andares com lojas no térreo em Frimley. Seis meses depois, foi encontrado morto devido a um ataque cardíaco, com uma lata de Harp Lager na mão.

E em Crouch End, que é realmente um subúrbio sossegado de Londres, coisas estranhas ainda acontecem de tempos em tempos e sabe-se de pessoas que se perderam por lá. Algumas se perderam para sempre.

7 Jogo de palavras no original. *Town* quer dizer cidade pequena ou o centro comercial de um bairro ou subúrbio. (N. do T.)

8 No original: *All that great heart lying stil*. (N. do E.)

A casa da Maple Street

Embora só tivesse 5 anos e fosse a mais jovem das crianças Bradbury, Melissa tinha olhos muito argutos, e não foi realmente de surpreender que ela tivesse sido a primeira a descobrir que alguma coisa estranha tinha acontecido com a casa da Maple Street enquanto a família Bradbury estava passando as férias na Inglaterra.

Ela correu e encontrou seu irmão mais velho, Brian, e lhe disse que alguma coisa estava errada lá em cima, no terceiro andar. Disse que lhe mostraria, mas só depois que jurasse que não contaria a *ninguém* o que ela havia encontrado. Brian jurou, sabendo que era do padrasto que Lissa estava com medo. Papai Lew não gostava quando qualquer das crianças Bradbury "inventava besteiras" (era assim que ele sempre falava), e tinha chegado à conclusão de que Melissa era a principal transgressora nesse departamento. Lissa, que tinha de burra tanto quanto de cega, sabia dos preconceitos de Lew e se tornara cautelosa em relação a eles. Na realidade, todas as crianças Bradbury tinham se tornado bastante cautelosas em relação ao segundo marido de sua mãe.

Provavelmente, acabaria não sendo nada, de qualquer jeito, mas Brian estava feliz por estar de volta em casa, e disposto o bastante para fazer a vontade da sua irmã caçula (Brian era dois anos mais velho do que ela), pelo menos por algum tempo. Acompanhou-a pelo corredor do terceiro andar sem nem mesmo um murmúrio de discussão e só puxou suas tranças uma vez — ele chamava essas puxadas de tranças de "paradas de emergência".

Tiveram de ir na ponta dos pés para passar pelo escritório de Lew, que era o único aposento arrumado ali em cima, porque Lew estava lá dentro, desembalando seus cadernos e documentos e resmungando de forma mal-humorada. Os pensamentos de Brian na verdade tinham se voltado para o que poderia estar passando na TV nessa noite — estava planejando se empanturrar da velha TV a cabo americana depois de três meses de BBC e ITV — quando chegaram ao final do corredor.

O que viu adiante do dedo que sua irmãzinha apontava expulsou todos os pensamentos de televisão da mente de Brian Bradbury.

— Agora jure de novo! — sussurrou Lissa. — Nunca conte para *ninguém*, papai Lew nem *mais ninguém*, senão eu quero que você morra!

— Que eu morra — concordou Brian, ainda olhando fixo. E *passou* meia hora antes que contasse a sua irmã maior, Laurie, que estava desfazendo as malas no quarto. Laurie tinha em relação ao seu quarto uma atitude possessiva, típica de uma menina de 11 anos, e falou à beça por Brian por ter entrado sem bater, embora estivesse completamente vestida.

— Desculpe — disse Brian —, mas tenho que mostrar uma coisa a você. É *muito* estranha.

— Onde? — Ela continuou a colocar as roupas nas gavetas como se não se importasse, como se não houvesse nada que qualquer patetinha de 7 anos pudesse lhe contar que tivesse o *menor* interesse para ela. Mas quando se tratava de olhos, Brian não era exatamente bobo. Ele podia ver quando Laurie estava interessada, e agora ela estava interessada.

— Lá em cima. Terceiro andar. Fim do corredor, depois do escritório de papai Lew.

O nariz de Laurie se franziu, como sempre acontecia quando Brian ou Lissa o chamavam assim. Ela e Trent se lembravam de seu pai verdadeiro e não gostavam em absoluto de seu substituto. Eles insistiam por chamá-lo de Simplesmente Lew. O fato de Lewis Evans não gostar disso — na realidade, achava que era vagamente impertinente — apenas aumentava a convicção silenciosa mas profunda de Laurie e Trent de que era a maneira certa de se dirigir ao homem com quem sua mãe (eca!) dormia nessa época.

— Não quero ir lá em cima — disse Laurie. — Ele está num humor do cão desde que voltamos. Trent disse que ele vai ficar assim até começar a escola e ele poder entrar nos trilhos novamente.

— A porta dele está fechada. Nós podemos não fazer barulho. Lissa e mim fomos lá em cima e ele nem soube que nós estivemos lá.

— Lissa e *eu*.

— É. Nós. De qualquer jeito, não tem perigo. A porta está fechada e ele está falando com ele mesmo, como faz quando está realmente metido com alguma coisa.

— Odeio quando ele está assim — disse Laurie de mau humor. — Nosso pai verdadeiro nunca falava com ele mesmo e também não costumava se trancar num quarto sozinho.

— Bem, não acho que ele esteja trancado — disse Brian —, mas se você está mesmo com medo de ele sair, leva uma mala vazia. Se ele sair, a gente finge que está pondo no armário embutido onde elas ficam.

— O que *é* essa coisa impressionante? — indagou Laurie, colocando as mãos na cintura.

— Vou mostrar pra você — disse Brian com ar sério —, mas você tem que jurar pelo nome de mamãe e que você morra se contar para alguém. — Fez uma pausa por um instante, pensando, e então acrescentou: — Você não pode contar especialmente pra Lissa, porque eu jurei pra ela.

Laurie estava com as orelhas inteiramente de pé. Provavelmente era um grande nada, mas estava cansada de guardar as roupas. Era mesmo impressionante quanta bugiganga uma pessoa era capaz de acumular em apenas três meses.

— Está bem, eu juro.

Levaram duas malas vazias, uma para cada um, porém suas precauções se revelaram desnecessárias: o padrasto em momento algum saiu do seu escritório. Melhor assim. Pelos barulhos, ele estava a mil. As duas crianças podiam escutá-lo andando pelo escritório, resmungando, abrindo gavetas, fechando-as com força depois. Um odor conhecido escapulia por debaixo da porta — para Laurie, cheirava igual a meias de atletismo de molho. Lew estava fumando seu cachimbo.

Ela pôs a língua de fora, ficou vesga e abanou as mãos com os polegares enfiados nas orelhas enquanto passavam diante da porta na ponta dos pés.

Porém, um instante depois, quando ela olhou para o lugar que Lissa tinha mostrado a Brian e que Brian agora mostrava a ela, esqueceu-se de Lew tão completamente como Brian tinha esquecido todas aquelas coisas maravilhosas que poderia ver na TV essa noite.

— O que *é* isso? — sussurrou ela para Brian. — Puxa, o que *significa* isso?

— Não sei — disse Brian —, mas lembre-se apenas de que você jurou pelo nome de mamãe, Laurie.

— É, é, mas...

— Jure de novo! — Brian não estava gostando da expressão nos olhos dela. Era uma expressão de quem ia *contar* e achou que ela realmente precisava de um pequeno reforço.

— Ok, Ok, pelo nome de mamãe — disse ela ligeiramente —, mas Brian, Deus do *céu*...

— E que você morra, não esqueça dessa parte.

— Oh, Brian, você é um *chato*!

— Não interessa, apenas diga que você morra!

— Que eu morra, que eu morra, está bem? — disse Laurie. — Por que você tem que ser tão chato assim, Bri?

— Não sei — disse ele, dando aquele sorriso presunçoso que ela odiava tanto —, pura sorte, eu acho.

Podia tê-lo estrangulado... mas uma promessa *era* uma promessa, especialmente quando feita em nome da sua única mãe no mundo, de modo que Laurie se conteve por mais de uma hora inteira antes de buscar Trent e mostrar a ele. Ela o fez jurar também, e sua confiança em que Trent manteria *sua* promessa de não contar se justificava plenamente. Ele tinha quase 14 anos e, sendo o mais velho, não tinha ninguém *a quem* contar... a não ser um adulto. Como a mãe deles tinha ido para a cama com enxaqueca, isso deixava só Lew, o que era o mesmo que ninguém em absoluto.

As duas crianças mais velhas não tinham precisado trazer malas vazias como camuflagem dessa vez: seu padrasto estava no térreo, vendo um vídeo com um camarada inglês dando uma palestra sobre normandos e saxões (os normandos e os saxões eram a especialidade de Lew na faculdade) e desfrutando o seu lanche favorito — um copo de leite e um sanduíche de *ketchup*.

Trent ficou parado no fim do corredor, olhando para o que as outras crianças tinham olhado antes dele. Ficou parado ali por muito tempo.

— O que *é* isso, Trent? — perguntou Laurie finalmente. Nunca lhe passara pela cabeça que Trent não saberia. Trent sabia *tudo*. De modo que

ela ficou olhando, quase sem acreditar quando ele sacudiu a cabeça lentamente.

— Eu não sei — disse ele, espreitando pela fenda. — Alguma espécie de metal, parece. Devia ter trazido uma lanterna. — Enfiou o dedo pela fenda e deu uma batidinha. Laurie sentiu uma vaga sensação de inquietação ao vê-lo fazer isso e ficou aliviada quando Trent retirou o dedo de volta. — É, é metal.

— Era pra estar aí? — perguntou Laurie. — Quero dizer, *estava* aí? Antes?

— Não — disse Trent. — Lembro-me de quando eles refizeram o reboco. Isso foi logo depois de mamãe ter se casado com *ele*. Não tinha nada ali a não ser sarrafos.

— O que é isso?

— Ripas estreitas — disse ele. — Elas ficam entre o reboco e a parede externa da casa. — Trent enfiou o dedo pela fenda na parede e mais uma vez tocou o metal que se mostrava de um branco fosco lá dentro. A fenda tinha cerca de 10 centímetros de comprimento e 1,5 de largura no ponto mais largo. — Eles puseram insulação também — disse ele, franzindo a testa com ar pensativo e depois enfiando as mãos nos bolsos de trás de seus *jeans* desbotados artificialmente. — Eu me lembro. Uma substância cor-de-rosa, fofa, que parecia com algodão-doce.

— Onde está isso então? Não vejo nenhuma substância cor-de-rosa.

— Nem eu — disse Trent. — Mas eles puseram aí, *sim*. Eu me lembro. — Percorreu com os olhos os dez centímetros do comprimento da fenda. — Esse metal dentro da parede é alguma coisa nova. Queria saber o quanto tem dele aí e até onde vai. Se é só aqui no terceiro andar ou...

— Ou o quê? — Laurie olhou para ele com os olhos bem arregalados. Tinha começado a ficar com um pouco de medo.

— Ou se está pela casa toda — concluiu Trent num tom pensativo.

Na tarde seguinte, depois da escola, Trent convocou uma reunião de todas as quatro crianças Bradbury. Começou de forma um pouco complicada, com Lissa acusando Brian de quebrar o que ela chamou de "seu juramento solene" e Brian, que estava profundamente encabulado, acusando Laurie de colocar a alma da mãe deles em sério perigo por

contar a Trent. Embora não tivesse muita certeza do que exatamente era uma alma (os Bradbury eram da Igreja unitarista), parecia estar bastante convencido de que Laurie tinha condenado a da mãe ao inferno.

— Bem — disse Laurie —, você vai ter que aceitar *uma parte* da culpa, Brian. Quero dizer, foi você quem meteu a mãe nisso. Você devia me ter feito jurar pelo nome de Lew. *Ele* podia ir para o inferno.

Lissa, que era jovem o bastante e de bom coração o bastante para não desejar que *alguém* fosse para o inferno, ficou tão perturbada com esse tipo de conversa que começou a chorar.

— Calem-se, vocês todos — disse Trent, e abraçou Lissa apertado até que ela tivesse recuperado a calma quase inteiramente. — O que foi feito está feito, e acontece que eu acho que foi melhor assim.

— Você acha? — perguntou Brian. Se Trent dissesse que uma coisa era boa, Brian morreria sustentando isso, não era preciso dizer, mas Laurie tinha jurado pelo *nome* da mamãe.

— Uma coisa esquisita assim precisa ser investigada e se perdermos uma porção de tempo discutindo quem estava certo ou errado em quebrar a promessa, nunca vamos terminar com isso.

Trent deu uma olhada proposital para o relógio na parede do seu quarto, onde tinham se reunido. Eram 15h20. Ele realmente não precisava dizer mais nada. A mãe deles tinha se levantado de manhã para preparar o café da manhã de Lew — dois ovos de três minutos com torrada de pão integral e geleia era uma de suas muitas exigências diárias —, mas depois tinha voltado para a cama e lá permanecido. Ela sofria de terríveis dores de cabeça, enxaquecas que às vezes levavam dois ou mesmo três dias rosnando e arranhando seus miolos indefesos (e muitas vezes perplexos) antes de desaparecer por um mês mais ou menos.

Ela não estaria em condições de vê-los no terceiro andar e ficar imaginando o que estavam arquitetando, mas "papai Lew" era uma história muito diferente. Com seu escritório logo adiante no corredor onde estava a fresta estranha, só podiam evitar que ele notasse — e ficasse curioso — se conduzissem suas investigações enquanto ele estivesse fora, e era isso que a proposital olhadela de Trent para o relógio tinha significado.

A família tinha voltado para os Estados Unidos dez dias antes que Lew tivesse que começar a dar aulas de novo, mas, para ele, ficar longe da universidade quando estava a menos de 15 quilômetros de distância era o mesmo que para um peixe viver fora d'água. Ele saiu pouco depois do meio--dia, com uma pasta cheia de documentos que tinha colhido em diversos pontos de interesse histórico na Inglaterra. Disse que ia colocar esses documentos nos arquivos. Trent achou que isso significava que iria enfiá-los numa das gavetas da sua escrivaninha, depois trancar seu gabinete à chave e descer para a sala dos professores do Departamento de História. Lá tomaria café e fofocaria com seus companheiros... só que, Trent tinha aprendido, quando se era um professor de faculdade, as pessoas achavam que você era burro se tivesse companheiros. Você tinha que dizer que eram seus colegas de trabalho. De modo que ele estava fora, e isso era bom, mas podia voltar a qualquer momento entre aquele instante e as cinco, e isso era mau. Mesmo assim, tinham *algum* tempo e Trent estava decidido que não iam desperdiçá-lo brigando por causa de quem havia jurado o que para quem.

— Prestem atenção, vocês — disse ele, e ficou satisfeito de ver que eles *estavam* realmente prestando atenção, suas divergências e recriminações esquecidas na excitação de uma *investigação*. Eles também tinham ficado espantados com a incapacidade de Trent em explicar o que Lissa tinha encontrado. Todos os três partilhavam, pelo menos até certo ponto, a confiança simples de Brian em Trent. Se Trent estava intrigado com alguma coisa, se Trent achava que alguma coisa era estranha e talvez quem sabe espantosa, todos eles pensavam o mesmo.

Laurie falou por todos quando disse:

— Apenas nos diga o que temos que fazer, Trent, e nós faremos.

— Muito bem — disse Trent. — Vamos precisar de algumas coisas — respirou fundo e começou a explicar o que eram.

Quando já estavam reunidos em volta da fenda no final do corredor do terceiro andar, Trent ergueu Lissa nos braços para que ela pudesse fazer a luz de uma lanterna pequena — era a que sua mãe usava para inspecionar ouvidos, olhos e narizes quando eles não estavam se sentindo bem — cair dentro da fenda. Todos puderam ver o metal. Não era suficientemente brilhante para refletir nitidamente a luz de volta, mas tinha um brilho

sedoso mesmo assim. Aço, na opinião de Trent. Aço ou alguma espécie de liga.

— O que é uma liga, Trent? — perguntou Brian.

Trent sacudiu a cabeça. Não sabia exatamente. Virou-se para Laurie e pediu que lhe passasse a furadeira.

Brian e Lissa trocaram um olhar inquieto enquanto Laurie passava a furadeira. Tinha vindo da oficina no porão e o porão era o único lugar que restava na casa que era do seu pai verdadeiro. Papai Lew não tinha ido lá embaixo nem uma dúzia de vezes desde que se casara com Catherine Bradbury. As crianças menores sabiam disso tão bem quanto Trent e Laurie. Não estavam com medo de que papai Lew notasse que alguém tinha estado usando a furadeira, eram os furos na parede do lado de fora do seu escritório que os estava preocupando. Nenhum deles disse isso em voz alta, mas Trent o leu nas suas fisionomias preocupadas.

— Olhem — disse Trent levantando a furadeira para que pudessem ver bem. — Isso é o que eles chamam de uma broca ponta-de-agulha. Estão vendo como é pequenininha? E como só vamos perfurar por trás dos quadros, acho que não temos por que nos preocupar.

Havia umas 12 gravuras emolduradas ao longo do corredor do terceiro andar, a metade delas além da porta do escritório, a caminho do armário embutido no final, onde as malas ficavam guardadas. A maioria delas era de panoramas muito antigos (e bastante desinteressantes) de Titusville, onde os Bradburys viviam.

— Ele nem olha *para* elas, muito menos *atrás* delas — concordou Laurie.

Brian tocou a ponta da broca com um dedo, depois balançou a cabeça num sinal positivo. Lissa ficou observando, depois copiou tanto o toque como a sacudida de cabeça. Se Laurie dizia que alguma coisa estava bem, provavelmente estava; se Trent dizia, certamente estava; se ambos diziam, estava fora de questão.

Laurie retirou o quadro que estava pendurado mais perto da pequena fenda no reboco e entregou-o a Brian. Trent furou. Eles ficaram olhando num círculo apertado de três, como jogadores do fundo de campo encorajando o lançador num momento particularmente tenso de uma partida de beisebol.

A broca penetrou na parede com facilidade e o furo que fez era tão pequeno como prometido. O quadrado mais escuro do papel de parede que foi revelado quando Laurie retirou a gravura do gancho também tinha sido animador. Indicava que ninguém tinha se incomodado durante muito tempo em retirar de seu gancho a gravura a bico de pena da Biblioteca Pública de Titusville.

Depois de umas 12 voltas da manivela da ferramenta, Trent parou e inverteu o movimento, retirando a broca da parede.

— Por que você desistiu? — perguntou Brian.

— Atingi alguma coisa dura.

— Mais metal? — perguntou Lissa.

— Acho que sim. Certamente madeira não era. Vamos ver. — Pôs a luz na fenda e inclinou a cabeça para um lado e para o outro, antes de balançá-la enfaticamente. — Minha cabeça é grande demais. Vamos levantar Lissa.

Laurie e Trent a levantaram e Brian lhe passou a lanterninha. Lissa espiou com os olhos apertados por algum tempo, depois falou:

— Igualzinho o da fenda que eu encontrei.

— Está bem — disse Trent. — Quadro seguinte.

A broca atingiu o metal por trás do segundo e também do terceiro quadro. Por trás do quarto — a essa altura estavam bem perto da porta do escritório de Lew — ela entrou toda antes que Trent a retirasse. Dessa vez, quando foi levantada, Lissa lhes disse que viu "a substância cor-de-rosa".

— É o isolamento de que falei pra vocês — disse Trent a Laurie. — Vamos tentar do outro lado do corredor.

Tiveram de furar atrás de quatro quadros no lado leste do corredor até que atingissem primeiro um sarrafo e depois a insulação por trás do reboco. Quando estavam pendurando de novo o último quadro, ouviram o rosnar desregulado do Porsche velho de Lew no caminho de acesso.

Brian, que estava encarregado de pendurar esse quadro e que mal conseguia chegar até o gancho na ponta dos pés, deixou-o cair. Laurie esticou as mãos e agarrou-o pela moldura no meio da queda. Um instante depois, ela viu que estava tremendo tanto que teve de entregar o quadro para Trent, pois o teria deixado cair também.

— Pendura *você* — disse ela, voltando um rosto apavorado para o irmão mais velho. — Eu teria deixado ele cair se pensasse no que estava fazendo. Teria mesmo.

Trent pendurou o quadro, que mostrava carruagens puxadas a cavalo trotando pelo City Park, e viu que estava ligeiramente torto. Esticou as mãos para endireitá-lo, depois recuou antes que seus dedos tocassem na moldura. Suas irmãs e seu irmão achavam que ele era algo como um deus, mas o próprio Trent era esperto o bastante para saber que era apenas um garoto. Porém, mesmo um garoto — desde que fosse um garoto com meio cérebro — sabia que quando coisas assim começam a andar mal, é melhor deixá-las em paz. Se mexesse mais com o quadro, era inevitável que caísse, espalhando vidro quebrado pelo chão. De algum modo, Trent sabia disso.

— Vão embora! — sussurrou. — Para baixo! Sala de TV!

No andar térreo, a porta dos fundos bateu com força quando Lew entrou.

— Mas ele não está *reto*! — reclamou Lissa. — Trent, ele não está...

— Não tem *importância*! — falou Laurie. — Faça o que Trent disse!

Trent e Laurie se entreolharam, com os olhos arregalados. Se Lew fosse à cozinha para arrumar alguma coisa para beliscar antes da hora do jantar, tudo ainda poderia estar bem. Se não fosse, encontraria Lissa e Brian na escada. Bastaria uma olhada para eles e ficaria claro que alguma coisa estava acontecendo. As duas crianças mais jovens já tinham idade suficiente para calar a boca, mas não para ocultar suas expressões.

Brian e Lissa saíram depressa.

Trent e Laurie foram atrás, mas devagar, prestando atenção. Houve um instante de tensão quase insuportável quando os únicos ruídos eram dos pés das duas crianças pequenas nos degraus, e então Lew berrou para eles da cozinha:

— NÃO FAÇAM BARULHO, OUVIRAM? A MÃE DE VOCÊS ESTÁ TIRANDO UM COCHILO!

E se ela não acordar com isso, pensou Laurie, *não acorda com mais nada.*

Tarde nessa noite, quando Trent estava começando a pegar no sono, Laurie abriu a porta do seu quarto, entrou e sentou-se ao seu lado na cama.

— Você não gosta dele, mas não é só isso — disse ela.

— Quem... quê? — perguntou Trent, abrindo uma pálpebra cautelosamente.

— Lew — disse ela serenamente. — Você sabe de quem eu estou falando, Trent.

— Sei — disse ele, rendendo-se. — E você tem razão. Não gosto dele.

— Você também tem medo dele, não tem?

Depois de um momento longo, muito longo, Trent disse:

— É. Um pouco.

— Só um pouco?

— Talvez um pouco mais do que um pouco — disse Trent. Piscou o olho para ela, na esperança de um sorriso, mas Laurie apenas ficou olhando para ele, e Trent desistiu. Ela não se deixaria distrair, pelo menos não nessa noite.

— Por quê? Você acha que ele poderia nos machucar?

Lew berrava muito com eles, mas nunca tinha lhes encostado a mão. Não, lembrou-se Laurie, isso não era bem verdade. Uma vez, quando Brian tinha entrado no seu escritório sem bater na porta, Lew lhe dera uma surra. Uma bela surra. Brian tinha tentado não chorar, mas no fim tinha chorado. E mamãe tinha chorado também, embora não tivesse tentado parar a surra. Mas ela devia ter-lhe dito alguma coisa depois, porque Laurie tinha ouvido Lew berrando com *ela*.

Mesmo assim, tinha sido uma surra, não um caso de violência infantil, e Brian às vezes, quando queria, *era* um intrometido insuportável.

Era isso que queria ser naquela noite?, perguntava-se Laurie agora. Ou será que Lew tinha surrado seu irmão e o tinha feito chorar por causa de alguma coisa que não passava de um erro normal de uma criança pequena? Não sabia e teve uma percepção súbita e desagradável, o tipo de pensamento que a fazia pensar que Peter Pan estava certo em não querer crescer: não tinha certeza de *querer* saber. Uma coisa ela sabia: quem era o verdadeiro intrometido por ali.

Deu-se conta de que Trent não tinha respondido sua pergunta e o cutucou.

— O gato comeu sua língua?

— Só estava pensando — disse ele. — Essa é difícil, sabe?

— É — disse com ar sério. — Eu sei.

Dessa vez ela o deixou pensar.

Por fim, ele falou, entrelaçando as mãos por trás da cabeça:

— Nãão. Acho que não, Pitu. — Ela odiava ser chamada assim, mas nessa noite resolveu deixar passar. Não se lembrava de Trent jamais ter falado com ela assim com tanto cuidado e seriedade. — Acho que ele não *iria* fazer... mas acho que *poderia*. — Apoiou-se num cotovelo e olhou para ela mais sério ainda. — Mas acho que ele está machucando mamãe, e acho que fica pior para ela a cada dia que passa.

— Ela está arrependida, não está? — perguntou Laurie. De repente, sentiu vontade de chorar. Por que os adultos às vezes eram tão burros em relação a coisas que as crianças podiam enxergar logo? Dava vontade de lhes dar uns pontapés. — Para começar, ela jamais quis ir à Inglaterra... E tem o jeito como ele berra com ela às vezes...

— Não se esqueça das dores de cabeça — disse Trent num tom factual. — As que ele diz que ela inventa. É, ela bem que está arrependida, sim.

— Será que algum dia ela vai... você sabe...

— Se divorciar dele?

— É — disse Laurie aliviada. Não tinha certeza de que conseguiria ela mesma pronunciar a palavra e, caso tivesse percebido como se parecia com sua mãe nesse contexto, poderia ter respondido sua própria pergunta.

— Não — disse Trent. — Não mamãe.

— Então não podemos fazer nada — suspirou Laurie.

Trent falou numa voz tão suave que ela quase não pôde escutá-lo:

— Ah, é?

Durante os dez dias seguintes, fizeram outros furos pequenos pela casa sempre que não havia ninguém que pudesse vê-los. Furos atrás dos pôsteres em seus quartos de dormir, por trás da geladeira na copa (Brian conseguiu se esgueirar ali e tinha só o espaço para usar a broca), nos

armários embutidos do andar térreo. Trent até fez um furo na parede da sala de jantar, bem alto num canto de onde as sombras praticamente nunca saíam. Ele ficou na ponta da escada, enquanto Laurie a segurava para não cair.

Não havia metal em lugar nenhum, apenas ripas.

As crianças se esqueceram disso durante algum tempo.

Um dia, cerca de um mês mais tarde, depois de Lew ter recomeçado a dar aulas em tempo integral, Brian procurou Trent e lhe disse que havia outra rachadura no reboco do terceiro andar e que podia ver mais metal no fundo. Trent e Lissa foram lá imediatamente. Laurie ainda estava na escola, no ensaio da banda.

Como na ocasião da primeira fenda, sua mãe estava deitada com dor de cabeça. O humor de Lew tinha melhorado desde que voltara às aulas (como Trent e Laurie tinham certeza que aconteceria), mas teve uma discussão violenta com a mãe deles na noite anterior, a propósito de uma festa que ele queria dar para seus colegas do corpo docente do Departamento de História. Se havia uma coisa que a ex-senhora Bradbury odiava e temia era ser anfitriã em festas do corpo docente. Contudo, Lew tinha insistido e ela por fim cedeu. Agora ela estava deitada no quarto sombrio, com uma toalha úmida sobre os olhos e um frasco de Ormigrein na mesinha de cabeceira, enquanto Lew provavelmente estava distribuindo os convites na sala dos professores e dando tapinhas nas costas dos colegas.

A nova fenda ficava no lado oeste do corredor, entre a porta do escritório e o vão da escada.

— Tem certeza de que viu metal aí dentro? — perguntou Trent. — Nós conferimos este lado, Bri.

— Olhe você mesmo — disse Brian, e Trent assim fez. Não precisava de lanterna, pois essa fenda era mais larga e não havia dúvida a respeito do metal lá no fundo.

Depois de uma olhada demorada, Trent lhes disse que tinha que ir imediatamente à loja de ferragens.

— Por quê? — perguntou Lissa.

— Quero conseguir um pouco de reboco. Não quero que ele veja essa fenda. — Hesitou, depois acrescentou: — E principalmente, não quero que ele veja o metal lá dentro.

Lissa franziu a testa para ele.

— Por que não, Trent?

Mas Trent não sabia direito. Pelo menos ainda não.

Começaram a furar de novo, e dessa vez encontraram por trás de *todas* as paredes do terceiro andar, inclusive no escritório de Lew. Trent se meteu lá dentro com a broca numa tarde em que Lew estava na faculdade e sua mãe tinha saído para fazer compras para a festa do corpo docente que se aproximava.

Nesses dias, a ex-senhora Bradbury estava com a fisionomia muito pálida e tensa — até Lissa tinha notado —, mas, quando qualquer das crianças perguntava se ela estava bem, ela sempre exibia um sorriso alegre demais, inquietante, e lhes dizia "nunca estive melhor, numa boa, deitando e rolando". Capaz de ser muito franca, Laurie lhe disse que ela estava parecendo muito magra. "Oh, não", respondeu a mãe, "Lew diz que estava ficando uma baleia lá na Inglaterra — todos aqueles chás com pratos e mais pratos. Estou apenas tentando voltar à forma ideal, é só isso."

Laurie sabia a verdade, mas nem mesmo ela era franca o bastante para chamar sua mãe de mentirosa na sua frente. Se todos os quatro tivessem vindo a ela de uma só vez — caíssem em cima dela, por assim dizer —, poderiam ter conseguido uma história diferente. Mas nem mesmo Trent pensou em fazer isso.

Um dos diplomas de pós-graduação de Lew, emoldurado, estava pendurado na parede acima da sua escrivaninha. Enquanto as outras crianças se amontoavam do lado de fora da porta, quase vomitando de pavor, Trent retirou o diploma do gancho, colocou-o sobre a mesa e fez um furo do tamanho de um alfinete no centro do quadrado onde estivera o quadro. Depois de entrar cinco centímetros, a broca atingiu o metal.

Cuidadosamente, Trent tornou a pendurar o diploma — certificando-se de que *não* estava torto — e saiu de volta.

Lissa desatou a chorar de alívio e Brian logo se juntou a ela, com uma expressão indignada porém descontrolada. Laurie teve que se esforçar muito para conter suas próprias lágrimas.

Fizeram buracos em intervalos ao longo da escada para o segundo andar e também encontraram metal por trás dessas paredes. Ele continuava aproximadamente até a metade do corredor do segundo andar, enquanto avançava em direção à frente da casa. Havia metal por trás das paredes do quarto de Brian, mas só por trás de uma das paredes no quarto de Laurie.

— Ainda não acabou de crescer aqui dentro — disse Laurie.

Trent olhou surpreso para ela.

— Hein?

Antes que ela pudesse responder, Brian teve uma ideia inesperada.

— Tente o assoalho, Trent! — disse. — Veja se também tem.

Trent pensou sobre isso, encolheu os ombros e fez um furo no assoalho do quarto de Laurie. A broca entrou toda sem encontrar qualquer resistência, mas, quando ele enrolou a ponta do tapete junto do pé de sua própria cama e tentou ali, logo encontrou aço firme... ou o-que-quer-que-fosse firme.

Então, por insistência de Lissa, subiu num banquinho e fez um furo no teto, os olhos bem apertados por causa do pó de reboco que descia sobre seu rosto.

— Boinc — disse após alguns instantes. — Mais metal. Vamos parar por hoje.

Laurie foi a única a perceber como Trent estava profundamente preocupado.

Nessa noite, depois da hora de apagar as luzes, foi Trent quem apareceu no quarto de Laurie, e ela nem fingiu que estava com sono. A verdade é que nenhum deles tinha dormido bem durante as últimas duas semanas.

— O que você quis dizer? — sussurrou Trent, sentando-se ao lado dela.

— Sobre o quê? — perguntou Laurie, erguendo-se num cotovelo.

— Você disse que ele não tinha acabado de crescer no seu quarto. O que você queria dizer?

— Vamos, Trent, você não é idiota.

— Não, não sou — concordou sem presunção. — Talvez eu só queira ouvir você dizer em voz alta, Pitu.

— Se me chamar assim, nunca vai ouvir.

— Está certo. Laurie, Laurie, Laurie. Está satisfeita?

— Estou. Essa coisa está se alastrando pela casa inteira. — Fez uma pausa. — Não, não é isso. Ela está se alastrando *por dentro das paredes* da casa.

— Também não é isso.

Laurie pensou a respeito, depois deu um suspiro.

— Está bem — disse ela. — Está se alastrando *dentro* da casa. Está *roubando* a casa. Está bem assim, senhor Espertinho?

— Roubando a casa... — falou Trent com calma ao seu lado na cama, olhando para o pôster de Chrissie Hynde dela e parecendo saborear a frase que ela usou. Por fim, balançou a cabeça num gesto positivo e abriu o sorriso que ela adorava. — É, está bom assim.

— Como quer que você o chame, ele age como se estivesse vivo.

Trent concordou com a cabeça. Já havia pensado nisso. Não tinha a menor ideia de como um metal *poderia* estar vivo, mas não havia jeito de escapar da conclusão dela, pelo menos por enquanto.

— Mas isso não é o pior.

— O que é?

— Ele está *se alastrando*. — Seus olhos, fixos nos dele com uma expressão solene, estavam arregalados e assustados. — Essa é a parte de que na verdade não gosto. Não sei o que fez isso começar nem o que significa e, para dizer a verdade, não dou a mínima. Mas ele está *se alastrando*.

Ela correu os dedos pelos cabelos louros e cheios, empurrando-os para trás da testa. Era um gesto automático, impaciente, que trazia a Trent uma recordação dolorida de seu pai, cujos cabelos tinham exatamente a mesma tonalidade.

— Sinto como se alguma coisa fosse acontecer, Trent, só que não sei o quê. É como estar num pesadelo do qual você não consegue sair inteiramente. Você também sente isso às vezes?

— É, um pouco. Mas eu *sei* que alguma coisa vai acontecer. Sou capaz até de saber o quê.

Ela se sentou na cama de um salto e segurou-lhe as mãos.

— Você *sabe*? O quê? O que é isso?

— Não tenho certeza — disse Trent, pondo-se de pé. — Eu *acho* que sei, mas ainda não estou preparado para dizer o que penso. Preciso procurar mais.

— Se fizermos mais furos, a casa é capaz de desabar!

— Eu não disse *fazer furos*, disse *procurar*.

— Procurar *o quê*?

— Alguma coisa que ainda não está aqui, que ainda não cresceu. Mas, quando crescer, acho que não vai poder se esconder.

— *Me conta* o que é, Trent.

— Ainda não — disse ele e lhe deu um rápido beijinho no rosto. — Além disso... a curiosidade matou o Pitu.

— Eu te *odeio*! — gritou ela em voz baixa e se jogou para trás, cobrindo a cabeça com o lençol. Mas se sentia melhor por ter falado com Trent e dormiu melhor do que tinha dormido por toda uma semana.

Dois dias antes da grande festa, Trent encontrou o que estava procurando. Sendo o mais velho, talvez devesse ter notado que sua mãe tinha começado a ficar com uma alarmante aparência de doente, a pele esticada, brilhante, sobre as maçãs do rosto, sua tez tão pálida que tinha adquirido uma tonalidade amarela feia. Devia ter notado como ela estava quase sempre esfregando as têmporas, embora negasse — quase em pânico — que estava com enxaqueca ou que a tivesse sofrido por mais de uma semana.

Entretanto, não notara essas coisas. Estava ocupado demais procurando.

Durante os quatro ou cinco dias entre sua conversa depois da hora de dormir com Laurie e o dia em que encontrou o que estava procurando, vasculhou todos os armários embutidos da velha casa grande pelo menos três vezes, o vão por cima do escritório de Lew cinco ou seis vezes, o velho porão enorme uma meia dúzia de vezes.

Foi no porão que finalmente o encontrou.

Isso não queria dizer que não tivesse encontrado coisas esquisitas em outros lugares, pois sem dúvida encontrara. Havia uma maçaneta de aço inoxidável se projetando do teto de um armário embutido do segundo andar. Uma espécie de armação curva de metal tinha surgido através do lado do maleiro embutido do terceiro andar. Era de um cinza-escuro, polido... até que a tocou. Quando fez isso, ela passou para um rosa-pálido e se ouviu um discreto mas poderoso zumbido bem no fundo da parede. Retirou a mão depressa, como se a armação estivesse muito quente (e no início, quando ela mudara para uma cor que associava com as resistências no forno elétrico, ele podia jurar que estava). Quando fez isso, a coisa curva de metal ficou cinza de novo. O zumbido parou imediatamente.

No dia anterior, no sótão, tinha observado uma teia de cabos finos, entrelaçados, alastrando-se num canto escuro e baixo sob a extremidade do telhado. Trent havia engatinhando pelo sótão, não fazendo nada além de ficar com calor e todo sujo, quando de repente enxergou esse fenômeno impressionante. Ficou imóvel onde estava, olhando fixo através dos seus cabelos emaranhados, enquanto os cabos se desenrolavam de coisa nenhuma (ou pelo menos assim parecia), encontravam-se, enrolavam-se uns nos outros tão ajustados que pareciam se fundir, e depois continuavam a se estender até chegarem ao piso, onde faziam uns furos e se fixavam em rarefeitas nuvenzinhas de pó de serragem. Davam a impressão de estarem criando alguma espécie de estrutura flexível de sustentação e parecia que ela ia ser muito resistente, capaz de manter a casa intacta mesmo que submetida a um bocado de trancos e batidas duras.

Que trancos?

Que batidas duras?

Mais uma vez, Trent achou que sabia. Era difícil de acreditar, mas achou que sabia.

Havia um pequeno armário embutido na extremidade norte do porão, bem além da área da oficina e da fornalha. Seu pai verdadeiro chamava isso de “a adega de vinhos” e, embora ele só tivesse estocado umas duas dúzias de garrafas de vinho sangue de boi (expressão que sempre fizera sua mãe dar risinhos), elas estavam todas cuidadosamente arrumadas em prateleiras em forma de favo que ele próprio fizera.

Lew vinha aqui ainda menos do que à oficina. Ele não tomava vinho. E embora sua mãe frequentemente tomasse um ou dois copos de vinho com

seu pai, agora ela também não tomava mais. Trent lembrou-se de como sua fisionomia ficara triste quando Bri tinha perguntado a ela por que nunca mais tomava um copo de vinho na frente da lareira.

— Lew não aprova bebida alcoólica — dissera a Brian. — Ele diz que é uma muleta.

Havia um cadeado na porta da adega de vinhos, mas estava ali apenas para assegurar que a porta não se abrisse sozinha e não deixasse entrar o calor da fornalha. A chave estava dependurada bem do lado, mas Trent não precisava dela. Tinha deixado o cadeado aberto depois da primeira investigação e ninguém tinha passado por ali para fechá-lo desde então. Pelo que sabia, ninguém nunca mais tinha vindo até essa extremidade do porão.

Não ficou muito surpreso com o odor azedo de vinho derramado que o saudou quando se aproximou da porta. Era apenas mais uma prova do que ele e Laurie já sabiam — as coisas estavam se desenrolando silenciosamente por toda a casa. Abriu a porta e, embora o que viu o tivesse assustado, não chegou de fato a surpreendê-lo.

Estruturas metálicas tinham irrompido através de duas das paredes da adega, arrebentando as estantes com seus compartimentos em forma de losango e empurrando as garrafas de Bollinger, Mondavi e Battiglia para o chão, onde tinham se quebrado.

Tal como os cabos no vão do sótão, o que quer que estivesse se formando ali — alastrando-se, para usar o termo de Laurie —, ainda não tinha terminado. A coisa assumia forma em fachos de luz que faziam doer os olhos de Trent e embrulhavam um pouco seu estômago.

Entretanto, ali não havia cabos nem estruturas curvas. O que estava crescendo na adega esquecida de seu pai verdadeiro parecia com armários pequenos, consoles e painéis de instrumentos. E estava olhando, formas vagas se amontoavam no metal como cabeças de serpentes excitadas, ganhavam perfis, tornavam-se mostradores, chaves e monitores. Havia algumas luzes indicadoras. Na realidade, algumas delas começaram a piscar enquanto ele olhava para elas.

Um ruído grave e suave como um suspiro acompanhava esse ato de criação.

Trent deu um passo cauteloso mais à frente no pequeno aposento. Uma luz vermelha particularmente intensa, ou uma série de luzes, tinha atraído sua atenção. Ele deu um espirro ao avançar: as máquinas e consoles abrindo caminho através do cimento velho tinham levantado muita poeira.

As luzes que tinham lhe chamado a atenção eram números. Estavam sob uma placa de vidro numa estrutura metálica que estava emergindo para fora de um console. Essa coisa nova parecia algum tipo de cadeira, embora ninguém que se sentasse nela pudesse se sentir muito confortável. Pelo menos, ninguém com forma *humana*, pensou Trent com um pequeno arrepio.

A placa de vidro estava num dos braços da cadeira retorcida — se é que *era* uma cadeira. E talvez os números lhe tivessem chamado atenção porque estavam se movendo.

72:34:18

tornaram-se

72:34:17

e depois

72:34:16.

Trent olhou para seu relógio de pulso que tinha um ponteiro de segundos grande e usou-o para confirmar o que seus olhos já lhe tinham dito. A cadeira poderia ou não ser de fato uma cadeira, mas os números sob o vidro eram um relógio digital. Estava andando para trás. Em contagem regressiva, para ser perfeitamente exato. E o que aconteceria quando aquele mostrador finalmente passasse de

00:00:01

para

00:00:00

dentro de uns três dias a contar dessa mesma tarde?

Tinha bastante certeza de que sabia. Todo menino norte-americano sabe que uma de duas coisas acontece quando um relógio rodando para trás finalmente mostra só zeros: uma explosão ou um lançamento.

Trent achou que havia equipamento demais, instrumentos demais, para ser uma explosão.

Achou que alguma coisa tinha entrado na casa enquanto eles estavam na Inglaterra. Talvez algum tipo de semente que tivesse flutuado pelo espaço durante bilhões de anos, até ser capturada pela atração gravitacional da Terra, descendo em espiral pela atmosfera como um dente-de-leão apanhado numa brisa suave e finalmente caindo dentro da chaminé de uma casa em Titusville, Indiana.

Dentro do lar dos *Bradbury* em Titusville, Indiana.

É claro que podia ter sido alguma coisa inteiramente diferente, mas Trent *sentia* que a ideia da semente estava certa e, embora fosse o mais velho das crianças Bradbury, ainda era suficientemente jovem para dormir bem depois de comer uma *pizza* com *pepperoni* às 21h e para confiar inteiramente nas suas próprias percepções e intuições. E, no fim das contas, não tinha importância, tinha? O que *tinha importância* era o que *tinha acontecido*.

E, é claro, o que *ia* acontecer.

Dessa vez, quando Trent saiu da adega, não só fechou o cadeado, como também levou a chave consigo.

Alguma coisa aconteceu na festa de Lew para os professores. Aconteceu às 21h45, aproximadamente apenas 45 minutos depois de chegarem os primeiros convidados. Mais tarde, Trent e Laurie escutaram Lew berrando com a mãe deles que a única maldita consideração que ela teve para com ele fora fazer a sua besteira cedo, pois, se tivesse esperado até perto das 22h, haveria umas cinquenta e tantas pessoas circulando pela sala de visita, pela sala de jantar, pela cozinha ou pela varanda dos fundos.

— Que diabos está acontecendo com você? — Trent e Laurie ouviram-no berrando com ela, e quando sentiu a mão de Laurie se esgueirar na sua, segurou-a com força. — Você não sabe como *falam* as pessoas do departamento? Quero dizer, *francamente*, Catherine: parece coisa de um filme dos Três Patetas!

A única resposta de sua mãe foi um soluçar suave, indefeso, e apenas por um instante Trent sentiu um surto horrível e a contragosto de raiva dela. Em primeiro lugar, por que tinha se casado com ele? Ela não merecia isso por ter sido tão boba?

Envergonhado consigo mesmo, expulsou esse pensamento, fez com que desaparecesse, e virou-se para Laurie. Ficou estupefato de ver as lágrimas

correndo-lhe pelo rosto e a mágoa surda dos olhos dela penetraram no seu coração como a lâmina de uma faca.

— Grande festa, hein? — sussurrou ela, esfregando o rosto com a base da palma das mãos.

— Certo, Pitu — disse ele e abraçou-a para que ela pudesse chorar no seu ombro sem ser ouvida. — Vai estar na minha lista das dez mais no fim do ano, sem sombra de dúvida.

Parece que Catherine Evans (que nunca desejara com mais amargura voltar a ser Catherine Bradbury) estivera mentindo para todos. Ela tinha estado presa a uma lancinante enxaqueca não apenas por um ou dois dias dessa vez, mas durante as últimas duas semanas. Durante esse período, não comera praticamente nada e perdera sete quilos. Ela estava oferecendo canapés a Stephen Krutchmer, o chefe do Departamento de História, e a sua mulher, quando tudo perdeu as cores e de repente o mundo escapou dela. Tinha desabado para a frente, derramando uma bandeja inteira de rolinhos chineses de carne de porco na parte da frente do vestido da senhora Krutchmer, caro, etiqueta de Norma Kamali, comprado especialmente para essa ocasião.

Brian e Lissa tinham ouvido a agitação e tinham descido silenciosamente pela escada, de pijama, para ver o que estava acontecendo, embora ambos — aliás, todas as quatro crianças — tivessem sido expressamente proibidos por papai Lew de sair dos andares superiores da casa depois que a festa tivesse começado.

— O pessoal da universidade não gosta de ver crianças em festas do corpo docente — Lew tinha explicado rispidamente naquela tarde. — Isso transmite todo tipo de mensagens equivocadas.

Quando viram sua mãe caída no chão, num círculo de preocupados membros do corpo docente de joelhos (a senhora Krutchmer não estava ali, pois tinha corrido para a cozinha, querendo pôr água gelada na frente do vestido antes que as manchas pudessem penetrar no tecido), tinham esquecido a ordem firme do padrasto e tinham corrido para lá, Lissa chorando, Brian aos berros num espanto excitado. Lissa conseguiu chutar o chefe dos estudos asiáticos no rim esquerdo. Brian, que era dois anos mais velho e pesava mais 15 quilos, fez ainda melhor: derrubou bem dentro da lareira a conferencista convidada do semestre do outono, uma dona gorducha num vestido cor-de-rosa e sapatilhas de *soirée* com as

pontas viradas para cima. Ela ficou sentada lá, aturdida, numa grande nuvem de cinzas quase negras.

— Mãe! Mamãe! — gritou Brian, sacudindo a ex-Catherine Bradbury. — *Mamãe!* Acorda!

A senhora Evans se mexeu e gemeu.

— Vão para cima — disse Lew com frieza. — Vocês dois.

Quando não deram qualquer sinal de que obedeceriam, Lew pôs a mão no ombro de Lissa e apertou-o até que ela deu um gritinho de dor. Os olhos dele soltavam chamas para ela, com um rosto que tinha adquirido uma palidez mortal, exceto pelas manchas vermelhas, vívidas como ruge barato no centro de cada bochecha.

— Eu me encarrego disto — disse, entre os dentes, tão apertados que se recusavam a se destravar inteiramente até para falar. — Você e seu irmão vão para cima agora mes...

— Tire a mão de cima dela, seu filho da puta — disse Trent com voz clara.

Lew — bem como todos os convidados que haviam chegado cedo o bastante para testemunhar esse divertido espetáculo à parte — virou-se na direção do arco entre a sala de visita e a entrada. Trent e Laurie estavam parados ali, um ao lado do outro. Trent estava tão pálido quanto o padrasto, mas seu rosto estava calmo e firme. Havia pessoas na festa — não muitas, mas algumas — que tinham conhecido o primeiro marido de Catherine Evans e, posteriormente, concordaram que a semelhança entre pai e filho era extraordinária. Que, na verdade, era quase como se Bill Bradbury tivesse voltado dos mortos para confrontar seu substituto mal-humorado.

— Quero que vocês subam — disse Lew. — Todos os quatro. Não há nada aqui com que devam se preocupar. Nada com que devam se preocupar em absoluto.

A senhora Krutchmer tinha retornado à sala, o peito do seu Norma Kamali úmido, mas razoavelmente livre das manchas.

— Tire a mão de cima de Lissa — disse Trent.

— E afaste-se de nossa mãe — disse Laurie.

Agora a senhora Evans estava sentada no chão, as mãos na cabeça, olhando em volta com um ar confuso. A dor de cabeça tinha estourado como uma bola de gás, deixando-a desorientada e fraca, mas pelo menos agora estava livre da agonia que tinha suportado durante os últimos 14 dias. Sabia que tinha feito alguma coisa terrível, constrangendo Lew, talvez até expondo-o a um *vexame*, mas naquele momento estava grata demais com o fim da dor para ligar. A vergonha viria depois. Agora ela só queria ir lá para cima — muito devagar — e se deitar.

— Vocês vão ser castigados por isso — disse Lew, olhando para seus quatro enteados no quase total silêncio do choque na sala de visitas. Não olhou para todos eles de uma vez, mas de um por um, como se estivesse sublinhando a natureza e o grau de cada crime. Quando seu olhar caiu sobre Lissa, ela começou a chorar. — Lamento a falta de educação deles — falou para a sala em geral. — Receio que minha esposa seja um pouco frouxa com eles. Eles precisam é de uma boa babá inglesa...

— Não seja estúpido, Lew — falou a senhora Krutchmer. Sua voz era muito alta, mas não muito bem modulada. Ela parecia mais um burro zurrando alto. Brian deu um salto, abraçou a irmã e também se desfez em lágrimas. — Sua mulher desmaiou. Eles ficaram preocupados, foi só isso.

— Com toda a razão, aliás — disse a conferencista convidada, pelejando para extrair seu volume considerável de dentro da lareira. Seu vestido cor-de-rosa agora estava todo pintado de cinza e seu rosto riscado de fuligem. Somente os sapatos, com as pontas absurdas mas simpáticas, pareciam ter escapado, mas ela parecia bastante indiferente à coisa toda. — Os filhos *devem* se preocupar com suas mães. E os maridos com suas esposas.

Olhou bem para Lew Evans ao dizer essa última frase, mas Lew não percebeu seu olhar, pois estava acompanhando o deslocamento de Trent e Laurie enquanto ajudavam sua mãe a subir os degraus. Lissa e Brian iam atrás, como uma guarda de honra.

A festa continuou. O incidente foi mais ou menos deixado de lado, como normalmente ocorre com incidentes desagradáveis em festas do corpo docente. A senhora Evans (que tinha dormido no máximo três horas por noite desde que o marido havia anunciado sua intenção de dar uma festa) caiu no sono quase tão logo sua cabeça encostou no travesseiro, e as crianças escutaram Lew lá embaixo, esbanjando *simpatia* sem ela. Trent

desconfiou que ele estava até um pouco aliviado de não ter mais que lidar com a mulher, que corria de um lado para o outro, mais parecendo um camundongo assustado.

Em nenhum momento ele se afastou para subir e ver como ela estava.

Nem uma só vez. Não até que a festa terminasse.

Depois de o último convidado ser levado até a porta, subiu a escada pesadamente e mandou que ela acordasse... o que ela fez, obediente nisso como tinha sido em tudo o mais desde o dia em que tinha cometido o erro de dizer sim ao pastor e a Lew.

Lew enfiou a cabeça no quarto de Trent e mediu as crianças com o olhar.

— Sabia que estariam todos aí — falou com um pequeno satisfeito aceno de cabeça. — Tramando. Vocês sabem que vão ser castigados, não sabem? Sim, senhor. Amanhã. Hoje de noite quero todos na cama, e pensem nisso. Agora, vão para seus quartos. E nada de andar se esgueirando por aí.

Sem dúvida, nem Lissa nem Brian estavam minimamente dispostos a "se esgueirar por aí", cansados demais e emocionalmente exaustos para fazer outra coisa que não fosse ir para a cama e cair no sono imediatamente. Laurie, porém, voltou para o quarto de Trent apesar de "papai Lew", e os dois ficaram escutando, num desânimo silencioso, o padrasto repreender a mãe deles por ter ousado desmaiar na festa *dele*... e a mãe chorar e não formular nem uma palavra de contestação ou mesmo de argumentação.

— Oh, Trent, o que nós vamos fazer? — perguntou Laurie, a voz abafada com a boca no seu ombro.

O rosto de Trent estava extraordinariamente pálido e imóvel.

— Fazer? — disse ele. — Ora, nós não vamos fazer nada, Pitu.

— Nós *temos* que fazer! Trent, nós *temos*! Temos que ajudá-la!

— Não, não temos não — disse Trent. Um sorriso pequeno e de algum modo terrível dançou nos seus lábios. — A casa vai fazer isso por nós. — Olhou para o relógio de pulso e fez os cálculos. — Por volta das 3h34 amanhã de tarde, a casa vai fazer tudo.

Não houve castigos de manhã. Lew Evans estava preocupado demais com seu seminário às 8h, sobre "As Consequências da Conquista Normanda". Nem Trent nem Laurie se surpreenderam muito com isso, mas ambos ficaram muito gratos. Ele lhes disse que os veria no seu escritório nessa noite, um por um, e "dispensaria umas boas batidas a cada um". Depois de ameaçá-los sob a forma de alguma citação obscura, saiu marchando com a cabeça erguida e a pasta segura firmemente na mão direita. A mãe ainda estava dormindo quando o Porsche dele foi rosnando rua abaixo.

As duas crianças menores estavam paradas perto da cozinha, se abraçando, dando a Laurie a impressão de uma ilustração de um conto de fadas dos irmãos Grimm. Lissa estava chorando. Brian estava aguentando firme, pelo menos até aquele momento, mas estava pálido e com olheiras fundas.

— Ele vai nos dar uma surra — disse Brian a Trent. — E ele surra *forte*, ainda por cima.

— Nada disso. — falou Trent. Olharam para ele com esperança, mas também dúvidas. Afinal, Lew tinha *prometido* surras e nem mesmo Trent ia ser poupado dessa indignidade dolorosa.

— Mas Trent... — começou a falar Lissa.

— Me escutem — disse Trent, puxando uma cadeira de junto da mesa e sentando-se nela com o encosto junto à barriga em frente aos dois menores. — Escutem com atenção e não percam uma só palavra. É importante e nenhum de nós pode fazer lambança.

Ficaram olhando fixo para ele, com seus grandes olhos verde-azulados.

— Assim que acabar a escola, quero que vocês dois venham direto para casa... mas só até a esquina. A esquina da Maple com a Walnut. Entenderam?

— Ente-endi — disse Lissa hesitante. — Mas por que, Trent?

— Não interessa. — disse Trent. Seus próprios olhos — também verde-azulados — estavam cintilando, mas Laurie achou que não era de alegria. Na realidade, ela achou que havia alguma coisa perigosa por trás. — Simplesmente fiquem lá. Fiquem parados junto da caixa do correio. Vocês têm que estar lá por volta das 15, 15h15 *no máximo*. Vocês entenderam?

— Sim — disse Brian, falando por ambos. — Nós entendemos.

— Laurie e eu já estaremos lá ou estaremos lá logo depois de vocês chegarem.

— Como é que você vai fazer isso, Trent? — perguntou Laurie. — Nós nem saímos da escola até as 15h e eu tenho ensaio com a banda e o ônibus leva...

— Nós *não vamos* à escola hoje — disse Trent.

— Não? — Laurie ficou perplexa.

Lissa ficou horrorizada.

— Trent! — disse ela —, você não pode fazer isso! Isso é... isso é... *matar aula*!

— E já não é sem tempo, além do mais — disse Trent com ar sério. — Agora vocês dois se arrumem para irem à escola. Lembrem-se apenas: a esquina de Maple e Walnut, às 15h, 15h15 no máximo absoluto. E façam qualquer coisa, menos o caminho *todo até em casa*. — Olhou para Brian e Lissa com uma expressão tão séria que eles olharam de volta para ele num desconsolo assustado, chegando-se um ao outro para se confortarem mutuamente de novo. Até Laurie ficou assustada. — Esperem por nós, mas não *ousem* entrar de volta na casa — disse ele. — Por motivo *nenhum*.

Quando os meninos menores foram embora, Laurie agarrou-o pela camisa e quis saber o que estava acontecendo.

— Tem algo a ver com o que está crescendo na casa, eu *sei* que tem, e se você quer que eu mate aula e o ajude, é melhor me contar o que é, Trent Bradbury!

— Acalme-se, vou lhe contar — disse Trent. Retirou cuidadosamente sua camisa da mão de Laurie, fechada com força. — E fale baixo. Não quero que acorde a mãe. Ela vai nos obrigar a ir à escola e isso não seria bom.

— Bem, o que *é*? Diga-me!

— Venha comigo lá embaixo — disse Trent. — Quero lhe mostrar uma coisa.

Levou-a pelas escadas até a adega.

Trent não estava plenamente seguro de que Laurie concordaria com o que ele tinha em mente — parecia horrível... bem, *definitivo*... mesmo para ele —, mas ela concordou. Se tivesse sido apenas uma questão de aguentar uma surra de "papai Lew", ele achava que ela não teria concordado, mas Laurie tinha sido tão profundamente afetada pela visão de sua mãe caída desmaiada no chão da sala de visita quanto Trent tinha sido pela reação insensível do padrasto ante aquela cena.

— É — disse Laurie num tom melancólico —, acho que temos. — Ela estava olhando para os números que piscavam no braço da cadeira. Eles agora marcavam

07:49:21

A adega não tinha mais nada de adega. É bem verdade que fedia a vinho e que havia pilhas de vidro verde quebrado pelo chão em meio aos destroços retorcidos das prateleiras de seu pai, mas ela agora parecia uma versão louca da ponte de comando da nave interestelar *Enterprise*. Mostradores circulares giravam. Mostradores digitais tremulavam, mudavam, tremulavam de novo. Luzes se acendiam, apagavam e piscavam.

— É — disse Trent —, também acho. Aquele filho da puta, berrando com ela daquele jeito.

— Trent, não fale assim.

— Ele é um cretino! Um calhorda! Um imbecil!

Porém isso não passava de um jeito boca suja de ignorar a questão, e ambos o sabiam. Olhar para o estranho conglomerado de instrumentos e controles fez com que Trent se sentisse quase com náuseas por causa das dúvidas e da inquietação. Lembrou-se de um livro que seu pai lera para ele quando era criança, uma história de Mercer Mayer em que uma criatura chamada um Trolusco Comedor de Selos tinha metido uma garotinha num envelope e a tinha mandado pelo correio para A Quem Interessar Possa. Não era mais ou menos isso que estava propondo que fizessem com Lew Evans?

— Se não fizermos alguma coisa, ele vai matá-la — disse Laurie em voz baixa.

— *Hein?* — Trent girou a cabeça tão depressa que seu pescoço doeu, mas Laurie não estava olhando para ele. Olhava para os números

vermelhos da contagem regressiva. Eles se refletiam, invertidos, nas lentes dos óculos que ela usava nos dias de escola. Ela parecia quase hipnotizada, sem se dar conta de que Trent estava olhando para ela, talvez nem mesmo se dando conta de que ele estava ali.

— Não de propósito — disse ela. — Ele seria até capaz de ficar triste. Por algum tempo, pelo menos. Porque eu acho que ele *realmente* a ama, de um certo modo, e ela o ama. Sabe... de um certo modo. Mas ele vai fazer com que ela fique cada vez pior. Ela vai ficar doente todos os dias, e então... um dia...

Ela se interrompeu e olhou para ele. Algo na fisionomia dela fez Trent sentir mais medo do que qualquer coisa na sua casa estranha, mutante, *se alastrando*, tinha sido capaz de fazê-lo sentir.

— Diga-me, Trent — falou. Sua mão agarrou-lhe o braço. Estava muito fria. — Diga-me como é que nós vamos fazer isso.

Subiram juntos até o escritório de Lew. Trent estava preparado para revistar o lugar se fosse preciso, mas encontraram a chave na gaveta de cima, enfiada direitinho num envelope com a palavra ESCRITÓRIO escrita com a letra pequena, certinha e um tanto hemorroidal de Lew. Trent meteu-a no bolso. Saíram da casa juntos bem quando o chuveiro do segundo andar foi aberto, indicando que sua mãe estava de pé.

Passaram o dia no parque. Embora nenhum deles tocasse no assunto, foi o dia mais longo que qualquer dos dois jamais passara. Viram o guarda que fazia a ronda duas vezes e se esconderam nos banheiros públicos até que ele fosse embora. Esse não era o momento de serem pegos matando aula para serem mandados direto para a escola.

Às 14h30, Trent deu uma moeda de 25 centavos a Laurie e levou-a até uma cabine telefônica no lado leste do parque.

— Tenho que fazer isso? — perguntou. — Detesto assustá-la, especialmente depois de ontem à noite.

— Você quer que ela esteja dentro da casa quando acontecer seja lá o que for que vai acontecer? — perguntou Trent. Laurie enfiou a moeda no telefone sem discutir mais.

Tocou tantas vezes que ela teve certeza de que sua mãe tinha saído. Isso podia ser bom, mas também podia ser ruim. Era, sem dúvida, motivo

de preocupação. Se ela tivesse saído, era perfeitamente possível que voltasse antes...

— Trent, acho que ela não está em ca...

— Alô? — disse a senhora Evans com uma voz sonolenta.

— Oh, olá, mamãe — disse Laurie. — Achei que você não estava aí.

— Voltei para a cama — disse com um risinho encabulado. — Parece que, de repente, não consigo dormir o suficiente. Acho que, se estiver dormindo, não preciso pensar no vexame de ontem à noite...

— Oh, mãe, você não deu vexame. Quando uma pessoa desmaia, não é porque ela *quer*...

— Laurie, por que você está telefonando? Está tudo bem?

— Claro, mãe... bem...

Trent deu-lhe uma cutucada nas costelas. Com força.

Laurie, que estava se encurvando (quase parecia estar encolhendo), endireitou-se rapidamente.

— Eu me machuquei na aula de educação física. Coisa pouca, não está feio.

— O que você fez? Meu Deus, você não está telefonando do hospital, está?

— Deus, não — disse Laurie apressadamente. — É só um estirão no joelho. A senhora Kitt mandou perguntar se você podia vir aqui me apanhar, para eu ir para casa mais cedo. Não sei se consigo caminhar assim. Está doendo mesmo.

— Vou imediatamente. Tente não movê-lo de jeito nenhum, meu bem. Você pode ter distendido um ligamento. A enfermeira está aí?

— Agora, não. Não se preocupe, mãe, tomarei cuidado.

— Você vai estar na sala da enfermeira?

— Vou — disse Laurie. Seu rosto estava mais vermelho do que o carrinho de quatro rodas de Brian.

— Já estou indo.

— Obrigada, mãe. Tchau.

Desligou e olhou para Trent. Respirou fundo e depois soltou a respiração num suspiro comprido e trêmulo.

— Como isso foi divertido — disse ela numa voz que estava à beira das lágrimas.

Ele abraçou-a apertado.

— Você se saiu muito bem — falou. — Muito melhor do que eu teria me saído, Pi... Laurie. Não tenho certeza se ela teria acreditado em mim.

— Não sei se ela jamais vai voltar a acreditar *em mim* — falou Laurie com amargura.

— Vai sim — disse Trent. — Vamos.

Foram para o lado oeste do parque, de onde podiam observar a Walnut Street. O dia tinha ficado frio e escuro. Pesadas nuvens de tempestade estavam se formando por cima de suas cabeças e soprava um vento gelado. Esperaram durante cinco minutos intermináveis e então o Subaru de sua mãe passou por eles, indo em velocidade na direção da Escola Secundária de Greendowne, onde Trent e Laurie estudavam... *isto é, onde estudamos quando não estamos matando aula*, pensou Laurie.

— Ela está zunindo mesmo — disse Trent. — Espero que não tenha um acidente ou coisa parecida.

— Agora é tarde demais para se preocupar com isso. Vamos. — Laurie estava com a mão de Trent na sua e o puxava de volta para a cabine telefônica. — *Você* é quem telefona para Lew, seu sortudo.

Ele meteu outra moeda de 25 centavos e digitou o número do escritório do Departamento de História, lendo de um cartão que tinha tirado da carteira. Ele mal tinha dormido na noite anterior, mas, agora que as coisas estavam andando, sentia-se frio e calmo... na realidade, tão frio que estava quase gelado. Deu uma olhada no relógio. 14h45. Faltava menos de uma hora. O trovão rugia distante a oeste.

— Departamento de História — disse uma voz de mulher.

— Oi. Aqui é Trent Bradbury. Preciso falar com meu padrasto, Lewis Evans, por favor.

— O professor Evans está dando aula — disse a secretária —, mas ele sairá às...

— Eu sei, ele tem história moderna da Grã-Bretanha até as 15h30. Mas é melhor você chamá-lo assim mesmo. É uma emergência. É a respeito da esposa dele. — Uma pausa expressiva, calculada, e então acrescentou: — Minha mãe.

Houve uma pausa longa e Trent sentiu um momento de leve susto. Era como se ela estivesse pensando em refutá-lo ou ignorá-lo, emergência ou não, e isso muito claramente não estava no plano.

— Ele está em Oglethorpe, bem aqui ao lado — disse ela por fim. — Eu mesma vou chamá-lo. Farei com que ele telefone para casa o mais rápido...

— Não, eu preciso ficar na linha — disse Trent.

— Mas...

— Por favor, você pode parar de me enrolar e ir chamá-lo? — pediu ele, deixando um tom irregular, desesperado, entrar na voz. Não foi difícil.

— Está bem — disse a secretária. Era impossível dizer se ela estava mais aborrecida ou preocupada. — Se você puder me dizer a natureza da...

— Não posso — disse Trent.

Um fungar ofendido e então ele foi deixado esperando na linha.

— Então? — perguntou Laurie. Ela estava se apoiando num pé e depois no outro sem parar, como alguém que está precisando ir ao banheiro.

— Estou esperando na linha. Foram buscá-lo.

— E se ele não vier?

Trent encolheu os ombros.

— Aí nós estamos acabados. Mas ele vai vir. Espere pra ver. — Ele gostaria de estar tão confiante quanto sua voz fazia parecer, mas ainda acreditava *realmente* que ia funcionar. *Tinha* que funcionar.

— Nós esperamos demais.

Trent concordou com a cabeça. Eles *tinham* esperado demais e Laurie sabia por quê. A porta do escritório era uma peça inteiriça de carvalho, muito forte, mas nenhum dos dois sabia coisa alguma sobre a fechadura. Trent queria assegurar que Lew teria o mínimo de tempo possível para examiná-la.

— E se ele vir Brian e Lissa na esquina quando estiver indo para casa?

— Se ele ficar tão furioso como acho que vai ficar, ele não os notaria nem se estivessem com pernas de pau e usando chapéus de palhaço pintados com tinta fluorescente — disse Trent.

— Por que ele não atende o raio do *telefone*? — perguntou Laurie, olhando para o relógio de pulso.

— Ele vai atender — disse Trent, e então o padrasto atendeu.

— Alô?

— Aqui é Trent, Lew. Mamãe está no seu escritório. A dor de cabeça deve ter voltado, porque ela desmaiou. Não consigo fazê-la voltar a si. É melhor você voltar para casa imediatamente.

Trent não se espantou com a primeira preocupação manifestada pelo padrasto — isso era, na verdade, parte essencial de seu plano —, mas mesmo assim lhe deu tanta raiva que seus dedos ficaram brancos apertando o telefone.

— No meu escritório? No meu *escritório*? Que diabos ela estava fazendo lá?

Apesar da raiva, a voz de Trent saiu com serenidade.

— Limpando, acho eu. — E então jogou a última isca para um homem que se preocupava muito mais com seu trabalho do que com a esposa. — Há uma porção de papéis espalhados pelo chão.

— Já estou indo para aí — disparou Lew e depois acrescentou: — Se houver alguma janela aberta lá, feche-a, pelo amor de Deus. Tem uma tempestade vindo aí. — Desligou sem se despedir.

— Então? — perguntou Laurie enquanto Trent estava desligando.

— Ele está a caminho — Trent disse e deu um sorriso sinistro. — O filho da puta estava tão agitado que nem perguntou o que eu estava fazendo em casa e não na escola. Vamos.

Correram de volta para o cruzamento da Maple com a Walnut. O céu tinha ficado muito escuro agora e o ruído do trovão tinha se tornado quase constante. Quando chegaram à caixa de correio na esquina, os postes de luz ao longo da Maple Street começaram a se acender aos pares, marchando na direção oposta de onde estavam, subindo a colina.

Lissa e Brian ainda não tinham chegado.

— Quero ir com você, Trent — disse Laurie, mas sua fisionomia proclamava sua mentira. Estava muito pálida e seus olhos estavam arregalados demais, nadando em lágrimas não vertidas.

— De jeito nenhum — disse Trent. — Espere aqui por Brian e Lissa.

Ao ouvir seus nomes, Laurie se voltou e olhou para baixo na Walnut Street. Viu duas crianças vindo, correndo com suas lancheiras balançando na mão. Embora estivessem longe demais para que pudesse distinguir seus rostos, estava bastante certa de que eram eles e avisou Trent.

— Bom. Vocês três vão para trás da cerca da senhora Redland e ficam esperando Lew passar. Então podem subir a rua, *mas não entre na casa nem os deixe entrar*. Esperem por mim do lado de fora.

— Estou com medo, Trent. — Agora as lágrimas começaram a escorrer-lhe pela face.

— Eu também, Pitu — disse ele, e beijou-a de leve na testa. — Mas vai acabar logo.

Antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, Trent estava correndo pela rua acima na direção da casa dos Bradbury na Maple Street. Enquanto corria, deu uma olhada no relógio. Eram 15h12.

A casa estava com um ar parado e quente que lhe deu medo. Era como se houvesse pólvora derramada em todos os cantos e pessoas que ele não podia ver estivessem aguardando para acender os estopins invisíveis. Imaginou o relógio na adega tiquetaqueando implacavelmente, agora mostrando

00:19:06

E se Lew se *atrasasse*?

Agora não havia tempo para se preocupar com isso.

Trent subiu correndo para o terceiro andar, através do ar parado e incendiável. Imaginou que agora era capaz de sentir a casa se mexendo, ficando viva à medida que a contagem regressiva se aproximava de seu término. Tentou dizer a si mesmo que isso tudo não passava de imaginação, mas uma parte dele sabia que isso não era verdade.

Entrou no escritório de Lew, abriu ao acaso dois ou três arquivos verticais e gavetas da escrivaninha e atirou pelo chão os papéis que encontrou. Isso levou apenas alguns instantes, mas estava apenas acabando

quando escutou o Porsche subindo a rua. Hoje seu motor não estava rosnando. Lew o tinha acelerado ao ponto de parecer um berro.

Trent saiu do escritório e foi para as sombras do corredor do terceiro andar, onde eles tinham feito os primeiros orifícios no que parecia um século atrás. Enfiou a mão no bolso em busca da chave e seu bolso não tinha nada além de um tíquete de almoço, velho e amassado.

Devo tê-lo perdido quando subi a rua correndo. Deve ter saltado bem de dentro do meu bolso.

Ficou parado ali, suando e petrificado, enquanto o Porsche entrava rinchando pelo caminho de acesso. O motor foi desligado. A porta do lado do motorista foi aberta e fechada com força. As passadas de Lew correram para a porta dos fundos. O trovão estourou como uma bomba de artilharia no céu, um relâmpago luminoso se abriu em dois através da escuridão e, em algum lugar nas entranhas da casa um motor poderoso se ligou, emitiu um latido grave e abafado e então começou a zumbir.

Deus, oh, meu bom Deus, o que eu faço? O que eu POSSO *Fazer? Ele é maior do que eu! Se tentar lhe dar uma pancada na cabeça, ele vai...*

Enfiou a mão esquerda no outro bolso e seus pensamentos se interromperam quando ela tocou os dentes de metal da chave antiga. Em algum momento durante a longa tarde no parque, ele devia ter transferido a chave de um bolso para o outro sem se dar conta.

Quase sem conseguir respirar, o coração disparado na barriga e na garganta ao mesmo tempo, Trent foi sumindo de volta para o fundo do corredor, na direção do armário embutido onde ficavam as malas, entrou nele e puxou as portas em sanfona, fechando-as quase inteiramente diante de si.

Lew estava subindo os degraus de dois em dois, berrando sem parar o nome de sua mulher o mais alto que podia. Trent viu-o aparecer, os cabelos em pé (ele devia ter passado a mão pelos cabelos enquanto dirigia), a gravata torta, grandes gotas de suor visíveis na sua testa alta, inteligente, os olhos apertados em duas fendas estreitas e furiosas.

— *Catherine!* — berrou e veio disparado pelo corredor, entrando no escritório.

Antes mesmo que pudesse entrar inteiramente, Trent tinha saído do armário embutido e vinha rápido e sem fazer barulho pelo corredor. Só

teria uma oportunidade. Se errasse o buraco da fechadura... se os êmbolos deixassem de cair na primeira volta da chave...

Se qualquer dessas coisas acontecer, lutarei com ele, teve tempo de pensar. *Se não puder despachá-lo sozinho, vou me garantir de levá-lo comigo.*

Agarrou a porta e bateu-a com tanta força que uma leve camada de pó saltou das fendas entre as dobradiças. Viu de relance o rosto espantado de Lew. Depois a chave estava na fechadura. Girou-a e a lingueta entrou um instante antes que Lew batesse na porta.

— Ei — berrou Lew. — Ei, seu merdinha, o que você está fazendo? Onde está Catherine? Me deixe sair daqui!

A maçaneta girava inutilmente para um lado e para o outro. Depois parou e Lew disparou uma saraivada de murros na porta.

— Me deixe sair daqui imediatamente, Trent Bradbury, antes que você leve a pior surra da sua maldita vida!

Trent recuou lentamente para o outro lado do corredor. Quando seus ombros bateram na parede oposta, sorveu o ar pela boca de repente. A chave do escritório, que havia tirado da fechadura sem nem pensar no que fazia, escapou dos seus dedos e fez um ruído surdo ao cair na passadeira desbotada entre seus pés. Agora que estava feito, começou a sentir a reação. O mundo começou a ficar ondulante, como se estivesse debaixo d'água, e teve que se esforçar para não desmaiar. Só agora, com Lew trancado lá dentro, sua mãe tendo saído por conta de uma história falsa e as outras crianças a salvo, escondidas atrás da malcuidada cerca de teixo da senhora Redland, é que ele se deu conta de que nunca tinha de fato esperado que desse certo. Se "papai Lew" ficou surpreso ao se ver trancado lá dentro, Trent Bradbury estava completamente estupefato.

A maçaneta do escritório girou para um lado e para o outro em semicírculos curtos e rápidos.

— ME DEIXE SAIR, SEU MALDITO*!*

— Deixarei você sair às 15h45, Lew — disse Trent numa voz trêmula e irregular, e depois deixou escapar um risinho. — Isto é, se você ainda estiver aqui às 15h45.

Então, vindo lá debaixo:

— Trent? Trent, você está bem?

Deus meu, era Laurie.

— Está bem, Trent?

E Lissa!

— Ei, *Trent*! Tudo bem?

E Brian.

Trent olhou para o relógio e ficou horrorizado de ver que eram 15h31... passando para 15h32. — *E se o seu relógio estivesse atrasado?*

— *Saiam!* — gritou para eles, precipitando-se pelo corredor na direção da escada. — *Saiam desta casa!*

O corredor do terceiro andar parecia se esticar à sua frente feito bala puxa-puxa — quanto mais depressa corria, mais ele parecia se estender para a frente. Lew disparava murros na porta e palavrões para o ar. O trovão ribombava. E das entranhas da casa veio o som cada vez mais sôfrego de máquinas que despertavam para a vida.

Finalmente, chegou à escada e desceu correndo, a parte superior do corpo tão projetada para a frente das pernas que quase caiu. Depois estava girando em torno do pilar do corrimão e mergulhando pelo lance de degraus entre o segundo e o primeiro andar, onde seu irmão e suas duas irmãs esperavam, erguendo os olhos para ele.

— *Fora!* — gritou, agarrando-os, empurrando-os para a porta aberta e a escuridão tormentosa do lado de fora. — *Depressa!*

— Trent, o que está acontecendo? — perguntou Brian. — O que está acontecendo com *a casa*? Ela está *sacudindo*!

Estava mesmo — uma vibração profunda se erguia através do piso e fez os olhos de Trent chocalharem dentro das órbitas. Pó de reboco começou a cair nos seus cabelos.

— *Não vai dar tempo! Fora! Depressa! Laurie, me ajude!*

Trent pegou Brian nos braços. Laurie pegou Lissa por baixo das mangas do vestido e saiu tropeçando com ela pela porta.

O trovão dava estrondos. Os relâmpagos se contorciam pelo céu. O vento, que antes estava arquejante, agora começou a rugir como um dragão.

Trent ouviu um terremoto se formando por debaixo da casa. Enquanto corria para fora da casa pela porta com Brian, viu uma luz de um azul elétrico, tão intensa que deixou sombras nos seus olhos durante quase uma hora (pensou mais tarde que tivera sorte de não ficar cego), disparar pelas janelas estreitas do porão. Ela cortou o gramado em raios que quase pareciam sólidos. Ouviu o vidro se quebrar. E bem quando atravessou a porta, sentiu a casa *se elevando* sob seus pés.

Saltou sobre os degraus da entrada e agarrou o braço de Laurie. Foram tropeçando e cambaleando pelo caminho até a rua, que agora estava negra como a noite com a aproximação da tempestade.

De lá se viraram e assistiram ao que aconteceu.

A casa da Maple Street dava a impressão de se compactar. Não tinha mais uma aparência sólida e retilínea. Parecia estremecer, como uma imagem de história em quadrinhos de um homem num bastão de saltos. Enormes rachaduras se irradiavam dela, não só no caminho cimentado mas também no solo em volta da casa. O gramado se abria em enormes fatias triangulares de grama. As raízes se estendiam escuras para cima, por baixo do verde, e todo o jardim dianteiro parecia assumir a forma de uma bolha, como se estivesse se esforçando para segurar a casa em frente da qual se estendera durante tanto tempo.

Trent lançou os olhos para cima, para o terceiro andar, onde a luz do escritório de Lew ainda estava acesa. Trent achou que o ruído de vidro se quebrando tinha vindo — *ainda* estava vindo — lá de cima, depois descartou a ideia como imaginação. Como poderia ouvir *qualquer coisa* no meio dessa barulheira toda? Foi só um ano depois que Laurie disse que tinha certeza de ter ouvido seu padrasto gritando lá de cima.

As fundações da casa primeiro trincaram, depois racharam e finalmente desabaram com um estalo de argamassa explodindo. Um fogo azul frio e brilhante se projetou para fora. As crianças cobriram os olhos e cambalearam para trás. Os motores gritaram. A terra se elevou mais e mais, numa última tentativa agonizante de segurá-la... e depois soltou. De repente, a casa estava 30 centímetros acima do solo, pousada numa plataforma de fogo azul brilhante.

Foi um lançamento perfeito.

No topo do ângulo central do telhado, o cata-vento girava enlouquecido.

De início, a casa se elevou lentamente, depois começou a ganhar velocidade. Foi troando para cima, sobre sua plataforma de fogo azul que se espraiava, a porta da frente batendo de forma alucinada enquanto isso.

— Meus brinquedos! — choramingou Brian, e Trent começou a rir feito doido.

A casa atingiu uma altura de 30 metros, pareceu se preparar para seu grande salto para cima, depois *estourou* no rumo da massa de nuvens, que eram negras como a noite e passavam rápidas.

Sumiu.

Duas telhas de madeira vieram flutuando para baixo, como grandes folhas negras.

— Cuidado, Trent! — gritou Laurie um ou dois segundos depois e empurrou-o com força suficiente para derrubá-lo. O capacho de base de borracha, com BEM-VINDO Escrito em cima, estatelou-se na rua no lugar onde ele estivera parado.

Trent olhou para Laurie. Laurie olhou de volta.

— Isso teria doído pra cacete se tivesse acertado a sua cabeça — disse ela —, portanto é melhor você não me chamar mais de Pitu, Trent.

Olhou para ela com ar sério durante vários segundos, depois começou a dar umas risadas. Laurie se juntou a ele. Os menores também. Brian pegou uma das mãos de Trent, Lissa tomou a outra. Ajudaram-no a se pôr de pé, e depois os quatro ficaram parados juntos, olhando para o buraco fumegante do porão no meio do gramado destroçado. Agora as pessoas estavam saindo de suas casas, mas as crianças Bradbury não tomaram conhecimento delas. Ou talvez fosse mais correto dizer que as crianças Bradbury nem sabiam que elas estavam ali.

— Poooxa — disse Brian. — Nossa casa decolou, Trent.

— É, foi — disse Trent.

— Talvez, lá para onde quer que ela esteja indo, haja gente que queira aprender sobre os normandos e os *sexões* — disse Lissa.

Trent e Laurie se abraçaram e começaram a gritar num misto de riso e horror... e foi então que começou uma chuva torrencial.

O senhor Slattery, do outro lado da rua, juntou-se a eles. Não tinha muito cabelo, mas o que tinha estava grudado no seu crânio lustroso em pequenos cachos.

— *O que aconteceu?* — gritou por cima do trovão, que agora era quase constante. — *O que aconteceu aqui?*

Trent se soltou da irmã e olhou para o senhor Slattery.

— Aventuras Espaciais Autênticas — disse com ar solene, e isso fez todos caírem na gargalhada novamente.

O senhor Slattery lançou um olhar desconfiado e amedrontado para o buraco vazio onde era o porão e resolveu que era melhor ser discreto do que valente, e recuou para o seu lado da rua. Embora ainda estivesse chovendo muito, não convidou as crianças Bradbury a irem com ele. Nem elas se importaram. Sentaram-se no meio-fio, Trent e Laurie no meio, Brian e Lissa nas pontas.

Laurie inclinou-se para Trent e sussurrou no seu ouvido:

— Estamos livres.

— É melhor do que isso — disse Trent. — *Ela* está.

Então colocou seus braços em volta de todos eles — se os esticasse conseguia envolvê-los perfeitamente — e sentaram-se no meio-fio, debaixo da chuva torrencial, e ficaram esperando que sua mãe voltasse para casa.

A quinta quarta parte

Estacionei o calhambeque na esquina antes de dobrar na rua da casa de Keenan, fiquei sentado no escuro por um momento, depois desliguei a chave da ignição e saí. Quando bati a porta, pude ouvir flocos de ferrugem se desprendendo das chapas do chassi e caindo na rua. Não ia ser assim por muito tempo mais.

A pistola estava num coldre axilar e se apertava contra minhas costelas como um punho fechado. Era a .45 de Barney, e eu estava feliz com isso. Dava a todo esse negócio maluco um toque de ironia. Talvez até um sentido de justiça.

A casa de Keenan era um monstrengo arquitetônico que se espalhava por uns 5 mil metros quadrados, cheia de ângulos tortos e telhados muito inclinados, por trás de uma grade de ferro. Como eu esperava, ele tinha deixado o portão destravado. Algum tempo antes, tinha visto quando, da sala de visita, havia telefonado para alguém. Um palpite forte demais para desprezar me disse que tinha sido Jagger ou o Sargento. Provavelmente Sargento. A espera tinha acabado; esta era a minha noite.

Fui até a entrada de garagem, mantendo-me junto dos arbustos e prestando atenção para ouvir qualquer ruído estranho por cima do uivo cortante do vento de janeiro. Não ouvi nada. Era noite de sexta-feira e a empregada de Keenan, que morava na casa, estaria se esbaldando naquele tipo de festinha em que cada um contribui com uma travessa de comida. Ninguém em casa além daquele calhorda do Keenan. Esperando pelo Sargento. Esperando — embora ele ainda não o soubesse — por mim.

A garagem estava aberta e entrei nela. A sombra negra do Impala de Keenan era um vulto enorme. Experimentei a porta de trás. O carro também não estava trancado. Keenan não havia sido feito para ser um vilão, pensei — era confiante demais. Entrei no carro, sentei-me e fiquei esperando.

Agora podia ouvir no vento o som distante de jazz, muito tranquilo, muito bom. Miles Davis, talvez. Keenan ouvindo Miles Davis e segurando um copo de *gin fizz* numa mão manicurada. Que bom pra ele.

Foi uma longa espera. Os ponteiros do meu relógio se arrastaram de 20h30 para 21h e depois para 22h. Tempo para pensar um bocado. A maior parte do tempo pensei em Barney, e isso não foi apenas uma questão de escolha. Pensei em como ele estava naquele barquinho quando o encontrei, erguendo os olhos fixos para mim e grasnando uns sons ininteligíveis. Ele tinha estado à deriva durante dois dias e parecia uma lagosta cozida. Havia uma negra crosta de sangue atravessando sua barriga, onde levara os tiros.

Ele tinha navegado na direção do chalé da melhor forma que pudera, mas mesmo assim teve sobretudo sorte. Sorte por ter chegado ali, sorte por ainda poder falar por um pouco de tempo. Eu estava guardando um punhado de pílulas para dormir, prontas para caso ele não pudesse falar. Não queria que ele sofresse. Pelo menos não sem que houvesse uma razão para isso. Acabou que havia. Ele tinha uma história para contar, uma das boas, e me contou quase toda.

Quando ele morreu, voltei até o barco e peguei sua .45. Estava escondida num pequeno compartimento na popa, enrolada numa bolsa à prova d'água. Depois reboquei o barco para onde a água era profunda e afundei-o. Se tivesse podido pôr um epitáfio sobre sua cabeça, teria sido aquele que diz como um bobo nasce a cada minuto. E aposto que, ainda por cima, a maioria deles é boa-praça — feito Barney. Em vez disso, comecei a tentar encontrar os homens que o tinham baleado. Levei seis meses para encontrar Keenan e para me certificar de que o Sargento estava, pelo menos, por perto. Mas sou um cãozinho persistente, e ali estava eu.

Às 22h20 os faróis de um carro se espalharam pelo caminho curvo da entrada e me deitei no chão do Impala. O recém-chegado entrou com o carro na garagem, bem juntinho do carro de Keenan. Parecia um desses fuscas velhos. O motorzinho morreu e pude ouvir o Sargento grunhindo baixo enquanto lutava para sair de dentro do carro pequeno. A luz da varanda se acendeu e o ruído da fechadura da porta se abrindo chegou a mim.

Keenan:

— Sargento! Você está atrasado! Vamos entrar e tomar um drinque.

Sargento:

— Uísque.

Antes disso, eu tinha baixado o vidro. Então meti a .45 de Barney pela janela, segurando a coronha com ambas as mãos.

— Não se mexam — falei.

O Sargento estava na metade dos degraus que subiam para a varanda. Keenan, o anfitrião perfeito, tinha saído e estava olhando para baixo, para ele, esperando que subisse para dar um depois-de-você para entrarem na casa. Eram ambos silhuetas perfeitas na luz que se derramava de dentro. Duvidei que pudessem ver muito de mim no escuro, mas podiam ver a arma. Era uma arma grande.

— Quem diabos é você? — perguntou Keenan.

— Jerry Tarkanian — disse. — Mexa-se e faço um buraco em você que vai dar pra assistir televisão do outro lado.

— Você fala feito um vagabundo — disse o Sargento. Mas não se mexeu.

— Apenas não se mexam. Vocês só têm que se preocupar com isso. — Abri a porta de trás do Impala e saí com cuidado. O Sargento estava olhando fixo para mim por cima do ombro e eu podia enxergar o faiscar dos seus pequenos olhos. Uma das mãos estava se esgueirando pela lapela do seu terno jaquetão modelo 1943.

— Me faz um favor — disse eu. — Ponha a porra das mãos para cima, seu imbecil.

O Sargento pôs as mãos para cima. As de Keenan já estavam.

— Venham até o pé da escada. Os dois.

Eles desceram e, fora do brilho direto da luz, pude ver seus rostos. Keenan parecia estar com medo, mas o Sargento era como se estivesse ouvindo uma palestra sobre o *Zen e a arte de consertar motocicletas*. Provavelmente foi ele que fez o serviço no Barney.

— Fiquem de cara para a parede e se apoiem nela. Os dois.

Keenan:

— Se é dinheiro que você quer...

Dei uma gargalhada.

— Bem, ia começar por lhes oferecer um jogo de tigelas de plástico a preço de banana e pouco a pouco ir subindo até chegar à coisa graúda, mas

você leu meu pensamento. É isso mesmo, o que quero é dinheiro. Quatrocentos e oitenta mil dólares, na realidade. Enterrados numa ilhota ao largo de Bar Harbor chamada Carmen's Folly.

Keenan deu uma sacudida como se tivesse levado um tiro, mas a fisionomia de Sargento, como que feita de concreto, nem se alterou. Virou-se e pôs as mãos na parede, pondo seu peso nelas. Keenan, com relutância, fez o mesmo. Revistei-o primeiro e achei um revolverzinho idiota, calibre .32, com um cano de dez centímetros. Com um revólver desses você podia encostar a boca do cano na cabeça de um sujeito e ainda erraria quando puxasse o gatilho. Joguei-o por cima do ombro e ouvi quando bateu num dos carros. O Sargento não tinha nada, e foi um alívio me afastar dele.

— Vamos para dentro de casa. Você primeiro, Keenan, depois o Sargento e depois eu. Sem incidentes, certo?

Subimos em fila indiana e entramos na cozinha. Era uma dessas instalações esterilizadas de azulejos e cromados que parecem ter sido expelidas já prontas de algum ventre de fabricação em série em alguma parte do Meio Oeste, fruto do trabalho de imbecis metodistas de boa vontade, que se parecem todos com o senhor Bom-de-ferramenta e cheiram a fumo de cachimbo Cherry Blend. Duvido que jamais necessitasse de algo tão vulgar como limpeza. Provavelmente, Keenan apenas fechava as portas e ligava esguichos embutidos uma vez por semana.

Fiz com que passassem enfileirados para a sala de visitas, outro deleite para os olhos. Dava a impressão de ter sido montada por um decorador afeminado que nunca conseguira superar sua paixão por Ernest Hemingway. Havia uma lareira de pedra quase do tamanho de um vagão de metrô, um console de peroba com uma cabeça de alce pendurada sobre ele e um carrinho de bebidas encaixado por baixo de uma estante de artilharia de primeira categoria. O som tinha se desligado sozinho.

Apontei para o sofá com a arma.

— Um em cada ponta.

Sentaram-se, Keenan na direita, Sargento na esquerda. Sentado, o Sargento parecia ainda maior. Uma cicatriz feia, com depressões, se retorcia por dentro do seu corte à escovinha um pouco grande demais.

Calculei que pesava uns 105 quilos e me perguntei por que um homem com o tamanho e a presença física de Mike Tyson tinha um fusca.

Peguei uma poltrona e arrastei-a por cima do tapete cor de areia até ficar em frente aos dois, a meia distância entre um e outro. Sentei-me e deixei a .45 descansar na minha coxa. Keenan estava olhando fixo para ela como um passarinho faz com uma cobra. O Sargento, por seu lado, estava olhando fixo para mim como se ele fosse a cobra e eu, o passarinho.

— E agora? — perguntou ele.

— Vamos falar de mapas e de dinheiro — disse eu.

— Não sei de que você está falando — disse o Sargento. — Tudo que sei é que meninos pequenos não deviam brincar com armas.

— Como vai Cappy MacFarland hoje em dia? — perguntei com naturalidade.

Isso não provocou porra nenhuma de reação no Sargento, mas Keenan perdeu as estribeiras.

— Ele sabe. Ele sabe! — As palavras dispararam da sua boca como se fossem tiros.

— Cala a boca! — mandou o Sargento. — Cala essa boca, porra!

Keenan gemeu um pouco. Esta era uma parte do cenário que ele nunca tinha imaginado. Dei um sorriso.

— Ele tem razão, Sargento — falei. — Eu sei. Quase tudo.

— Quem é você?

— Ninguém que você conheça. Um amigo de Barney.

— Barney de quê? — perguntou o Sargento num tom indiferente. — Barney Gugu, com os olhos de gu-gu-gu?

— Ele não estava bem morto, Sargento. Não estava inteiramente morto.

O Sargento lançou um olhar demorado e mortífero para Keenan, que estremeceu e abriu a boca.

— Não fale — disse o Sargento para ele. — Nem uma só merda de palavra. Se falar, parto seu pescoço como se fosse uma galinha.

A boca de Keenan se fechou rápido.

O Sargento olhou novamente para mim.

— O que quer dizer *quase* tudo?

— Tudo menos os detalhes menores. Sei do carro blindado. Da ilha. Cappy MacFarland. Como você e Keenan e um canalha chamado Jagger mataram Barney. E o mapa. Sei disso tudo.

— Não foi como ele contou pra você — disse o Sargento. — Ele ia nos passar a perna.

— Ele não era capaz de passar a perna nem para montar num cavalo — disse eu. — Ele era apenas um trouxa que sabia dirigir.

Ele deu de ombros. Foi como assistir a um pequeno terremoto.

— Está bem. Seja tão idiota quanto parece.

— Em março eu já sabia que Barney estava metido em alguma coisa. Só não sabia o que era. E então, uma bela noite, ele estava com uma arma. *Esta* arma. Como é que você chegou a ele, Sargento?

— Um amigo em comum, alguém que esteve preso com ele. Precisávamos de um motorista que conhecesse a parte leste do Maine e a área de Bar Harbor. Keenan e eu fomos vê-lo e explicamos a ideia. Ele gostou.

— Estive preso com ele em Shank — disse eu. — Gostava dele. Era impossível não gostar dele. Era burro, mas era um bom garoto. Precisava de alguém para cuidar dele mais do que de um parceiro.

— George e Lennie — debochou o Sargento.

— É bom saber que você passou seu próprio tempo na cadeia tratando de melhorar o que faz de conta que é o seu cérebro, queridinho — disse eu. — Nós estávamos pensando num banco em Lewiston. Ele não pôde esperar que eu terminasse de bolar tudo. E por isso agora ele está debaixo da terra.

— Puxa vida, isso é realmente uma pena — disse o Sargento. — Estou ficando todo molenga e derretido por dentro.

Peguei a arma e apontei o cano para ele. Por um instante, ele era o passarinho e eu a cobra.

— Mais uma piadinha e lhe meto uma bala na barriga. Você acredita nisso?

Sua língua saiu e entrou entre os lábios com uma rapidez espantosa, molhou o lábio inferior e sumiu de novo. Confirmou com a cabeça. Keenan estava petrificado. Dava a impressão de estar com vontade de vomitar, mas não se atrevia a fazê-lo.

— Ele me disse que era uma coisa grande, um golpe grande — continuei. — Isso foi tudo que consegui tirar dele. Ele saiu em 3 de abril. Dois dias depois, quatro sujeitos atacaram o caminhão da Portland-Bangor Federated bem nas imediações de Carmel. Todos os três guardas mortos. Os jornais disseram que os assaltantes tinham furado duas barreiras na estrada num Plymouth 78 envenenado. Barney tinha um 78 em cima de cavaletes, pensando em adaptá-lo para corrida de carro de produção em série. Aposto que Keenan deu o dinheiro para que ele o transformasse em alguma coisa um pouco melhor e um pouco mais veloz.

Olhei para ele. O rosto de Keenan estava da cor de cera.

— Em 6 de maio recebi um cartão-postal com o carimbo de Bar Harbor, mas isso não queria dizer muita coisa: há dezenas de pequenas ilhas que canalizam sua correspondência por lá. Um barco-correio faz o circuito e a recolhe. O cartão dizia: "Mamãe e a família ótimas, a loja indo bem. Vejo você em julho." Estava assinado com o nome do meio de Barney. Aluguei um chalé na costa, porque Barney sabia que esse seria o trato. Julho veio e passou, e nada de Barney.

— A essa altura você já devia estar com o pau duro na mão, não é, garoto? — disse o Sargento. Acho que ele queria ter certeza de que eu não tinha blefado.

Lancei-lhe um olhar distante.

— Ele reapareceu no começo de agosto. Gentileza do seu chapa Keenan, Sargento. Ele se esqueceu da bomba automática de porão do barco. Você achou que o furo da machadinha o afundaria suficientemente rápido, não foi, Keenan? Mas você também achou que ele estava morto. Eu mantinha um lençol amarelo aberto em Frenchman's Point todos os dias. Visível a muitos quilômetros de distância. Fácil de localizar. Mesmo assim, ele teve sorte.

— Sorte *demais* — quase que cuspiu o Sargento.

— Há uma coisa sobre a qual estou curioso: ele sabia antes do serviço que o dinheiro era novo, todos os números de série registrados? Que vocês

não poderiam nem vendê-lo para um lavador de dinheiro nas Bahamas durante os próximos três ou quatro anos?

— Ele sabia — rosnou o Sargento, e fiquei surpreso de constatar que acreditava nele. — E ninguém estava planejando lavar o dinheiro. Ele também sabia disso, garoto. Acho que ele estava contando com aquele serviço em Lewiston que você mencionou para ter um dinheiro imediato. Mas independentemente do que ele estivesse esperando ou não, ele sabia quais eram as regras do jogo e disse que estava bem pra ele. Meu Deus, por que não? Digamos que tivéssemos que esperar *dez* anos para pegar aquele dinheiro de volta e reparti-lo. O que eram dez anos para um garoto feito Barney? Porra, ele teria uns 35. Eu teria 61.

— E quanto a Cappy MacFarland? Barney sabia dele também?

— Sabia. Cappy era parte do trato. Um bom homem. Um profissional. Ficou com câncer no ano passado. Não podiam operar. E ele me devia um favor.

— Então vocês quatro foram para a ilha de Cappy — disse eu. — Uma ilhota remota chamada Carmen's Folly. Cappy enterrou o dinheiro e fez um mapa.

— Essa parte foi ideia do Jagger — disse o Sargento. — Não queríamos repartir dinheiro quente... tentador demais. Mas também não queríamos deixar toda aquela bolada de dinheiro na mão de uma só pessoa. Cappy MacFarland era a solução perfeita.

— Me fale do mapa.

— Achei que íamos chegar nele — disse o Sargento com um sorriso gélido.

— Não conte pra ele! — gritou Keenan com a voz rouca.

O Sargento se voltou para ele e lhe lançou um olhar que faria derreter uma barra de aço.

— Cale-se. Não posso mentir e não posso ficar quieto, graças a você. Sabe o que eu espero, Keenan? Espero que você não esteja querendo muito assistir à chegada do novo século.

— Seu nome está numa carta — disse Keenan alucinado. — Se alguma coisa me acontecer, seu nome está numa carta!

— Cappy fez um bom mapa — disse o Sargento, como se Keenan nem estivesse ali. — Ele tinha uma espécie de curso de desenho em Joliet. Cortou-o em quatro partes. Uma para cada um de nós. Íamos nos encontrar no Quatro de Julho, cinco anos depois. Conversar sobre o assunto. Talvez resolver esperar mais cinco anos, talvez resolver juntar as quatro partes ali mesmo. Mas houve problemas.

— É — falei —, acho que é uma das maneiras de dizê-lo.

— Se você fica mais feliz com isso, foi tudo uma jogada de Keenan. Não sei se Barney soube ou não, mas foi assim que aconteceu. Quando Jagger e eu fomos embora no barco de Cappy, Barney estava ótimo.

— Você é um mentiroso de merda! — berrou Keenan num tom esganiçado.

— Quem tem duas partes do mapa no seu cofre de parede? — indagou o Sargento. — É você, querido?

Olhou para mim de novo.

— Ainda seria aceitável. Metade do mapa ainda não era suficiente. E eu, por acaso, vou ficar sentado aqui e dizer que preferiria uma repartição por quatro a uma por três? Não creio que você acreditasse nisso, mesmo que fosse verdade. Então, adivinhe? Keenan me telefona. Diz que devíamos ter uma conversa. Eu estava esperando por isso. Parece que você também.

Confirmei com a cabeça. Tinha sido mais fácil encontrar Keenan do que o Sargento, pois ele chamava mais atenção. Imagino que acabaria por encontrar o Sargento, mas estava bastante confiante em que não ia ser necessário. Bandidos da mesma plumagem tendem a voar juntos... e as plumas também tendem a sair voando, quando um dos pássaros é um abutre como Keenan.

— É claro — continuou o Sargento — que ele me disse para não vir com ideias mortais. Disse que fez uma apólice de seguro, meu nome numa carta para-ser-aberta-caso-eu-morra, que ele mandou para seu advogado. Ele achou que nós dois provavelmente poderíamos sacar onde Cappy tinha escondido o dinheiro se juntássemos três das quatro partes do mapa.

— E dividir a bolada meio a meio — disse eu.

O Sargento confirmou com cabeça. A fisionomia de Keenan era como uma lua deslizando em algum ponto da alta estratosfera do terror.

— Onde está o cofre? — perguntei-lhe.

Keenan não disse nada.

Tinha praticado um pouco com a .45. Era uma boa arma. Gostava dela. Segurei-a com as duas mãos e dei um tiro em Keenan, no antebraço, logo abaixo do cotovelo. O Sargento nem pulou. Keenan caiu do sofá e se enroscou numa bola, segurando o braço e uivando.

— O cofre — disse eu.

Keenan continuou a uivar.

— Vou lhe dar um tiro no joelho — disse eu. — Não tenho experiência pessoal, mas ouvi dizer que dói pra caralho.

— A gravura — falou ofegante. — De Van Gogh. Não atire mais em mim, tá? — Olhou para mim com um sorriso temeroso.

Fiz sinal para o Sargento com a pistola.

— Fique de pé, de cara para a parede.

O Sargento se levantou e olhou para a parede, os braços pendurados, balançando.

— Agora você — falei para Keenan. — Vá abrir o cofre.

— Estou me esvaindo em sangue — gemeu.

Fui até ele e raspei a coronha da .45 pelo lado do seu rosto, arranhando a pele.

— *Agora* você está sangrando — disse a ele. — Vá abrir o cofre ou você vai sangrar mais.

Keenan se levantou, segurando o braço e balbuciando. Com a mão boa, retirou a gravura dos ganchos em que estava pendurada, revelando um cofre de parede, cor cinza de escritório. Lançou-me um olhar apavorado e começou a girar o segredo. Enganou-se duas vezes no início e teve que recomeçar. Na terceira vez, conseguiu abri-lo. Dentro havia alguns documentos e dois bolos de cédulas. Enfiou a mão lá dentro, remexeu e retirou-a com dois pedaços quadrados de papel, com cerca de dez centímetros de lado.

— Juro que não tinha intenção de matá-lo. Planejava amarrá-lo e largá-lo ali. Ele era bastante inofensivo. A empregada o encontraria quando voltasse da sua festinha do cabide ou onde quer que tivesse ido no seu pequeno Dodge Colt, e Keenan não ousaria pôr o nariz fora de casa durante uma semana. Mas era como o Sargento tinha dito. Ele tinha dois pedaços. E um deles estava com umas manchas de sangue.

Dei-lhe outro tiro, mas dessa vez não foi no braço. Ele caiu feito um saco de roupa suja vazio.

O Sargento nem pestanejou.

— Não estava te sacaneando. Keenan fez o serviço no seu amigo. Os dois eram amadores. Os amadores são burros.

Não respondi. Baixei os olhos para os quadrados de papel e enfiei-os no bolso. Nenhum deles tinha um x-marca-o-lugar.

— E agora? — perguntou o Sargento.

— Vamos até sua casa.

— O que o faz pensar que o meu pedaço do mapa está lá?

— Não sei. Telepatia, talvez. Além disso, se não estiver, nós vamos onde ele estiver. Não tenho nenhuma pressa.

— Você tem resposta pra tudo, hein?

— Vamos embora.

Saímos de volta para a garagem. Sentei-me no banco de trás, do lado oposto ao dele. Seu volume e o tamanho do carro tornavam um golpe de surpresa da parte dele apenas uma piada. Ele levaria cinco minutos só para se virar. Dois minutos depois, estávamos na estrada.

Estava começando a nevar, flocos grandes e fofos que grudavam no para-brisa e se transformavam em lama logo que atingiam o chão. Estava derrapando bastante, mas não havia muito movimento.

Depois de uma meia hora na estrada 10, entrou numa estrada secundária. Quinze minutos depois, estávamos numa trilha de terra com sulcos profundos, com pinheiros carregados de neve de ambos os lados, olhando-nos de cima. Três quilômetros e meio mais adiante entramos num caminho de acesso curto e cheio de lixo.

No arco limitado dos faróis do fusca, pude enxergar uma choupana de fundo de mato caindo aos pedaços, com um teto remendado e uma antena de TV torta. Havia um Ford velho coberto de neve numa vala à esquerda. Lá no fundo, havia uma casinhola com a latrina e uma pilha de pneus velhos. O Esconderijo de Hernando.[9]

— Bem-vindo a Bally's East — disse o Sargento, e desligou o motor.

— Se isso for um truque, mato você.

Ele parecia ocupar dois terços do diminuto banco da frente do carro.

— Eu sei disso — falou.

— Saia.

O Sargento foi liderando até a porta da frente.

— Abra — mandei — e depois fique parado.

Ele abriu a porta e ficou parado. Eu fiquei parado. Ficamos parados por uns três minutos e nada aconteceu. A única coisa a se mover foi um gordo esquilo cinza que tinha se aventurado até o meio do quintal para nos xingar no idioma dos roedores.

— Está bem — disse eu. — Vamos entrar.

Que surpresa: era uma pocilga. A única lâmpada, de 60 *watts*, espalhou uma luz fraca pela sala toda, deixando sombras feito morcegos famintos nos cantos. Havia jornais espalhados por toda parte. Umas peças de roupa estavam penduradas para secar numa corda com barriga. Num canto havia uma TV Zenith velha. No canto oposto, ficava uma pia caindo aos pedaços e uma banheira nua, manchada de ferrugem, com pés de garras. Um fuzil de caça estava encostado ao seu lado. Os odores predominantes eram pés, peidos e pimenta-malagueta.

— É melhor do que viver ao relento — disse o Sargento.

Achei discutível, mas deixei pra lá.

— Onde está sua parte do mapa?

— No quarto de dormir.

— Vamos lá pegá-la.

— Ainda não. — Voltou-se devagar, sua fisionomia de concreto agora com uma expressão dura. — Quero sua palavra de que não vai me matar depois que a tiver.

— Como é que você vai me obrigar a mantê-la?

— Porra, não sei. Acho que vou apenas ter que esperar que tenha sido mais do que o dinheiro que botou você maluco. Se foi Barney, aliás (querer zerar a conta do Barney), você conseguiu, ela está zerada. Keenan deu cabo dele e agora Keenan está morto. Se você quer a bolada também, está certo. Talvez três quartas partes *sejam* suficientes e você tinha razão: o meu pedaço tem um X bem grande. Mas você não vai ficar com ela a menos que prometa que eu também vou ficar com alguma coisa: minha vida.

— Como vou saber que você não vai vir atrás de mim?

— Mas eu vou, meu filho — disse o Sargento num tom suave.

Eu ri.

— Está bem. Acrescente o endereço de Jagger e você tem minha promessa. E, além do mais, a manterei.

O Sargento sacudiu a cabeça lentamente.

— Você não quer se meter com Jagger, cara. Ele fará picadinho de você.

Tinha baixado a .45 um pouco. Agora a ergui novamente.

— Está bem. Ele está em Coleman, Massachusetts. Uma cabana de esqui. Isso é o suficiente?

— É. Vamos pegar o seu pedaço do mapa, Sargento.

O Sargento me olhou mais uma vez, de alto a baixo. Depois assentiu com a cabeça. Fomos para o quarto.

Mais encanto do estilo colonial. Havia várias revistas de sacanagem espalhadas sobre o colchão manchado que estava no chão, as paredes estavam cobertas de fotografias de mulheres que pareciam só estar usando uma fina camada de óleo Wesson. Era só dar uma olhada nesse lugar e a cabeça da doutora Ruth teria explodido.

O Sargento não hesitou. Pegou o abajur da mesinha de cabeceira e forçou a base para se soltar. Sua quarta parte do mapa estava bem enrolada ali dentro. Ele a estendeu para mim sem dizer uma palavra.

— Jogue-a para mim — convidei-o a fazer.

O Sargento deu um sorriso tênue.

— Menininho cauteloso, hein?

— Descobri que compensa. Jogue, Sargento.

Ele a atirou para mim e disse:

— Ganha-se fácil, perde-se fácil.

— Vou manter minha promessa — disse eu. — Considere-se um sujeito de sorte. Vamos para a sala.

Uma luz fria cintilou nos seus olhos.

— O que você vai fazer?

— Garantir que você vai ficar num mesmo lugar por algum tempo. Ande.

Fomos para o aposento principal, um pequeno desfile duplo organizado. O Sargento ficou sob a lâmpada nua, de costas para mim, os ombros encolhidos, aguardando o cano da pistola que logo iria cortar sua cabeça. Mal comecei a erguer a pistola para dar-lhe a pancada quando a luz se apagou.

De repente, a choupana ficou escura feito breu.

Joguei-me para a direita. O Sargento já tinha sumido como uma brisa fresca. Pude ouvir o baque e os jornais se espalhando quando ele bateu no chão num mergulho reto. Depois, o silêncio. Total e completo.

Esperei que minha vista se acostumasse ao escuro, mas, quando ela se adaptou, não adiantou nada. O lugar era um mausoléu no qual se avultavam milhares de lápides difusas. E o Sargento as conhecia todas.

Eu sabia quem era o Sargento. Não tinha sido difícil desencavar informação sobre ele. Tinha sido boina-verde no Vietnã e ninguém mais tinha sequer se importado com seu nome verdadeiro. Era apenas o Sargento, grande, duro e mortífero.

Em algum lugar na escuridão, ele estava se movendo para o meu lado. Devia conhecer o lugar como a palma da sua mão, porque não se ouvia nenhum ruído, nem uma tábua rangendo no assoalho, nem um pé raspando em algo. Mas podia senti-lo chegando cada vez mais perto, flanqueando pela esquerda ou pela direita ou, talvez, recorrendo a uma tática astuta e vindo bem de frente.

A coronha da pistola estava muito molhada do suor da minha mão e tive de dominar um impulso de disparar alucinadamente, de qualquer jeito. Estava muito consciente de que tinha três quartos do bolo no meu bolso. Não me preocupei em me perguntar por que as luzes tinham se apagado. Não antes que o foco de uma lanterna poderosa penetrasse pela janela, varrendo o chão numa padronagem irregular que por acaso pegou o Sargento, petrificado numa posição meio agachada a pouco mais de dois metros à minha esquerda. Seus olhos tinham um brilho verde no cone de luz, forte como se fossem os olhos de um gato.

Tinha uma navalha brilhante na sua mão direita e de repente me lembrei da maneira como sua mão tinha começado a se arrastar pela lapela do paletó na garagem de Keenan.

O Sargento disse uma palavra na direção do facho de luz:

— Jagger?

Não sei quem o atingiu primeiro. Uma pistola de calibre grosso disparou uma vez por trás do facho da lanterna e eu puxei o gatilho da .45 de Barney duas vezes, por puro reflexo. O Sargento foi jogado para trás, contra a parede, com força suficiente para fazê-lo sair de dentro de uma das botas.

A lanterna se apagou de estalo.

Disparei um tiro na janela, mas só pegou o vidro. Fiquei deitado de lado no escuro e me dei conta de que não tinha sido o único à espera de que a ambição de Keenan viesse à tona. Jagger também tinha ficado esperando. E embora houvesse 12 balas no meu carro, na minha pistola só sobrava uma.

— *Você não quer se meter com Jagger, cara* — dissera o Sargento. — *Ele fará picadinho de você*.

Agora tinha na cabeça uma ideia razoável do aposento. Levantei-me agachado e corri, passando por cima das espalhadas pernas do Sargento, e fui para o canto. Meti-me na banheira e espiei pela borda. Não havia nenhum som, nenhum, em absoluto. O fundo estava pegajoso com flocos que tinham se desprendido da sujeira em volta da banheira. Fiquei esperando.

Passaram-se uns cinco minutos. Pareciam cinco horas.

Então a luz se acendeu de novo, dessa vez na janela do quarto de dormir. Abaixei a cabeça rápido quando ela brilhou no portal. Ela varejou por pouco tempo e foi desligada.

Silêncio novamente. Um silêncio longo, forte. Na superfície suja da banheira de louça do Sargento, vi tudo. Keenan com um sorriso desesperado. Barney com o buraco coagulado na barriga, para a direita do umbigo. O Sargento petrificado no facho da lanterna, segurando a navalha profissionalmente entre o polegar e o indicador. Jagger, a sombra escura sem rosto. E eu. A quinta quarta parte.

Subitamente veio uma voz bem do lado de fora da porta. Era suave e bem-educada, quase feminina, mas não afeminada. Tinha um som mortal e competente pra cacete.

— Ei, belezinha.

Fiquei quieto. Ele não ia conseguir ligar pra mim sem discar mais de uma vez.

Quando a voz voltou, estava perto da janela.

— Vou matá-lo, belezinha. Vim para matar eles, mas você vai servir muito bem.

Uma pausa enquanto a voz mudava de posição mais uma vez. Quando veio de novo, ela veio da janela bem sobre minha cabeça — a que ficava acima da banheira. Meu estômago subiu para a garganta. Se ele acendesse a lanterna agora...

— Não se aceitam quintas rodas — disse Jagger. — Lamento.

Mal podia ouvi-lo mudando para sua próxima posição. Acabou indo de volta para o portal.

— Estou com minha quarta parte aqui. Você quer vir buscá-la?

Senti uma necessidade de tossir, mas consegui me conter.

— Venha pegar, belezinha. — O tom de voz era de zombaria. — O bolo inteiro. Venha e leve com você.

Mas eu não precisava fazer isso e acho que ele sabia. Eu estava com todas as cartas. Agora eu podia encontrar o dinheiro. Com sua única quarta parte, Jagger não tinha a menor chance.

Dessa vez, o silêncio realmente se estendeu. Meia hora, uma hora, para sempre. A eternidade ao quadrado. Meu corpo começou a ficar retesado. Do lado de fora, o vento estava aumentando, tornando impossível escutar qualquer coisa além da neve lançada contra as paredes. Estava muito frio. As pontas dos meus dedos estavam ficando dormentes.

Então, por volta de 1h30, ouvi um ruído fantasmagórico de algo se mexendo, como se fossem ratos se arrastando no escuro. Parei de respirar. De algum maneira, Jagger tinha entrado na casa. Estava bem no meio do aposento...

Então entendi. O *rigor mortis*, acelerado pelo frio, estava rearrumando o corpo do Sargento pela última vez, era só isso. Distendi-me um pouco.

Foi então que a porta foi aberta com um tranco e Jagger se projetou para dentro, como um fantasma visível num manto de neve branca, alto, solto e se agitando. Atirei nele e a bala abriu um buraco no lado da sua cabeça. E no rápido brilho da explosão da pólvora, vi que o que tinha esburacado era um espantalho sem rosto, vestido com as calças e a camisa que algum fazendeiro tinha jogado fora. A cabeça de saco de juta caiu do pescoço de cabo de vassoura para o chão. E então Jagger estava atirando em mim.

Estava com uma pistola semiautomática e a parte interna da banheira era como um grande címbalo oco de percussão. Pedaços da louça se desprenderam, ricochetearam na parede e me atingiram no rosto. Lascas de madeira e uma bala perdida, quente, choveram em cima de mim.

Então ele veio correndo para cima de mim, sem parar um instante. Ia atirar em mim, deitado na banheira, como num peixe num barril. Nem podia erguer a cabeça.

Foi o Sargento quem me salvou. Jagger tropeçou num dos grandes pés do morto, cambaleou, deu tiros no chão e não sobre minha cabeça. Então fiquei de joelhos. Fiz de conta que era Roger Clemens. Lancei a .45 de Barney na direção da sua cabeça.

A pistola o atingiu, mas não o fez parar. Tropecei na borda da banheira tentando sair para me agarrar com ele e Jagger deu dois tiros zonzos à minha esquerda.

A silhueta difusa andou para trás, tentando mirar, uma das mãos segurando a orelha onde a pistola o atingiu. Deu-me um tiro no pulso e o

segundo abriu um sulco no meu pescoço. Então, incrivelmente, ele tropeçou novamente nos pés do Sargento e caiu de costas. Ergueu a arma de novo e deu um tiro no teto. Tinha sido sua última oportunidade. Tirei-lhe a pistola da mão com um pontapé, ouvindo o som de madeira molhada dos ossos se quebrando. Chutei-o entre as pernas, fazendo com que se dobrasse em dois. Chutei-o de novo, dessa vez na nuca, e seus pés bateram um sapateado rápido e inconsciente no piso. Ele estava praticamente morto àquela altura, mas chutei-o várias vezes sem parar, chutei-o até que ele não passasse de uma polpa de geleia de morango, nada que alguém pudesse identificar, nem pelos dentes nem por nada. Chutei-o até não poder mais dar pontapés nem mexer os dedos do pé.

De repente me dei conta de que estava gritando e não havia ninguém para me ouvir a não ser os mortos.

Limpei a boca e me ajoelhei sobre o corpo de Jagger.

Acabou que ele tinha mentido sobre a sua quarta parte do mapa. Não fiquei muito surpreso. Não, retiro isso. Não fiquei nem um pouco surpreso.

Meu calhambeque estava bem onde o tinha deixado, na esquina antes de dobrar na rua da casa de Keenan, mas agora ele era apenas um fantasmagórico calombo de neve. Eu tinha deixado o fusca do Sargento a mais de um quilômetro de distância. Estava torcendo para que o aquecimento ainda estivesse funcionando. Estava com o corpo todo insensível. Consegui abrir a porta e fiz uma careta quando me sentei. O sangue no sulco no pescoço já tinha coagulado, mas meu pulso estava doendo como o diabo.

O arranque girou uma porção de tempo e finalmente o motor pegou. O aquecimento estava funcionando, e o único limpador de para-brisa eliminou a maior parte da neve do lado do motorista. Jagger tinha mentido sobre sua quarta parte e ela também não estava no Honda Civic discreto (e provavelmente roubado) em que tinha ido. Mas seu endereço estava na carteira e, se eu realmente precisasse da sua quarta parte, achei que tinha boas probabilidades de encontrá-la. Não achei que fosse precisar. Três partes deviam ser suficientes, especialmente porque a quarta parte do Sargento era a que tinha o X.

Afastei-me do meio-fio com cuidado. Ia ter cuidado durante muito tempo. O Sargento tinha tido razão numa coisa: Barney era um pateta. O

fato de que ele também era meu amigo não tinha mais importância. A dívida tinha sido saldada.

Nesse meio-tempo, tinha uma porção de motivos para ter cuidado.

9 No original, *Hernando´s Hideaway*, título de uma composição conhecida tocada e cantada por muitos intérpretes. (N. do T.)

O caso do doutor

Acho que só houve uma ocasião em que de fato solucionei um crime antes do meu amigo, o ligeiramente fabuloso senhor Sherlock Holmes. Digo *acho* porque minha memória começou a ficar enevoada nos cantos quando entrei na minha nona década e agora, quando estou me aproximando do meu centenário, ela toda se tornou perfeitamente nebulosa. *Pode* ter havido outra ocasião, mas, se houve, não me lembro dela.

Duvido que algum dia me esqueça desse caso em particular, não importa o quanto meus pensamentos e minhas recordações possam ficar obscuros, e achei que era melhor botá-lo no papel antes que Deus coloque a tampa na minha caneta para sempre. Deus bem sabe que, a esta altura, isso não pode humilhar Holmes — há quarenta anos ele está na sua sepultura. Acho que já foi suficiente ter mantido esta história inédita durante esse período. Até mesmo Lestrade, que utilizava Holmes ocasionalmente mas que nunca teve grande apreço por ele, jamais rompeu seu silêncio na questão de lorde Hull: dificilmente poderia tê-lo feito, considerando as circunstâncias. Mesmo que elas tivessem sido diferentes, de alguma forma duvido que o tivesse feito. Ele e Holmes provocavam um ao outro, e acredito que Holmes pode ter abrigado em seu coração verdadeiro ódio pelo policial (embora ele nunca admitisse possuir sentimento tão baixo), mas Lestrade nutria um respeito esquisito pelo meu amigo.

Era uma tarde úmida e triste e o relógio acabara de bater 13h30. Holmes estava sentado junto à janela, segurando o violino, mas sem tocá-lo, olhando silenciosamente para a chuva. Havia ocasiões, especialmente depois que seus dias de cocaína ficaram para trás, em que Holmes ficava mal-humorado a ponto de se tornar intratável, quando os céus ficavam teimosamente cinzentos por uma semana ou mais e, nesse dia, ele tinha ficado duplamente desapontado porque o barômetro tinha começado a subir desde o final da noite anterior e ele tinha previsto com confiança que os céus se abririam até as 10h no máximo. Em vez disso, a névoa que estava suspensa no ar quando me levantei tinha ficado mais densa e se transformara numa chuva contínua. E só havia uma coisa que deixava

Holmes ainda mais mal-humorado do que longos períodos de chuva: estar errado.

Empertigou-se de repente, fazendo soar uma corda do violino com a unha, e deu um riso irônico.

— Watson! Olhe que espetáculo! O sabujo mais molhado que já vi na vida!

Era Lestrade, é claro, sentado no banco de trás de um coche aberto, com água escorrendo para dentro dos seus olhos próximos entre si e ferozmente indagadores. Nem bem o coche se deteve ele desceu, atirando uma moeda para o cocheiro com o polegar e caminhando na direção do número 221B da Baker Street. Ele estava se movendo tão depressa que pensei que iria colidir com nossa porta como um aríete.

Escutei a senhora Hudson reclamando dele por sua condição intensamente úmida e o efeito que a mesma poderia ter sobre os tapetes, tanto no andar de baixo como no de cima, e então Holmes, que podia fazer Lestrade parecer uma tartaruga quando lhe dava vontade, deu um salto até a porta e gritou para baixo:

— Deixe-o subir, senhora H., porei um jornal sob suas botinas se ele se demorar, mas de algum modo eu penso, é, eu de fato penso que...

Então Lestrade subiu a escada aos saltos, deixando a senhora Hudson reclamando sozinha lá embaixo. Estava com o rosto vermelho, os olhos em brasa e os dentes — fortemente amarelados pelo fumo — expostos num grande sorriso com ar de lobo.

— Inspetor Lestrade! — exclamou Holmes com jovialidade. — O que o faz sair à rua num dia tão...

Não conseguiu prosseguir. Ainda ofegante pela subida, Lestrade disse:

— Ouvi ciganas dizerem que o diabo concede desejos. Agora eu acredito. Venha imediatamente, Holmes, se você quiser tentar... o cadáver ainda está fresco e os suspeitos todos em fila.

— Você me assusta com seu ardor, Lestrade! — exclamou Holmes, mas com um ligeiro altear irônico nas sobrancelhas.

— Não se faça de tímido pra cima de mim, homem. Vim correndo para oferecer-lhe exatamente o que você, com seu orgulho, desejou uma

centena ou mais de vezes, que eu ouvi: o perfeito mistério do aposento trancado!

Holmes tinha começado a ir para o canto, talvez para pegar a horrorosa bengala de castão de ouro que, por alguma razão, estava usando naquela estação. Mas se virou rápido para seu visitante encharcado, os olhos arregalados.

— Lestrade! Você está falando sério?

— Iria me arriscar a pegar uma pneumonia dupla vindo aqui num coche aberto se não estivesse? — retorquiu Lestrade.

Então, e essa foi a única vez que a escutei (a despeito das inúmeras vezes em que a expressão lhe foi atribuída), Holmes virou-se para mim e falou em voz alta:

— Depressa, Watson! O jogo está em andamento![10]

Durante o trajeto, Lestrade comentou amargo que Holmes, ainda por cima, tinha uma sorte do diabo: embora Lestrade tivesse mandado o cocheiro da carruagem aberta esperar, mal tínhamos saído de nosso domicílio quando veio trotando pela rua aquela raridade exótica: um tílburi de aluguel vazio debaixo do que se tornara uma chuva copiosa. Subimos e nos pusemos a caminho incontinenti. Como sempre, Holmes sentou-se do lado esquerdo, os olhos saltando sem parar de um ponto para outro, catalogando tudo, muito embora houvesse muitíssimo pouco para se ver naquele dia... ou pelo menos assim parecia para gente como eu. Não tenho a menor dúvida de que cada esquina vazia e vitrine de loja lavada pela chuva dizia muitas coisas para Holmes.

Lestrade mandou que o cocheiro nos levasse para um endereço em Savile Row e, então, perguntou a Holmes se conhecia lorde Hull.

— Sei quem é — respondeu Holmes —, mas nunca tive a boa sorte de conhecê-lo pessoalmente. Agora suponho que nunca o conhecerei. Empresa de navegação, não era?

— Empresa de navegação — confirmou Lestrade —, mas você teve sorte. Segundo todos os depoimentos (inclusive dos seus mais chegados e — hum! — mais queridos), lorde Hull era um sujeito completamente desagradável e tão maluco quanto um desenho de quebra-cabeça num livro infantil. Contudo, acabou-se de vez sua maneira de ser desagradável e amalucado: por volta das 11h de hoje, apenas — puxou da algibeira um

cebolão de bolso e olhou para ele — duas horas e quarenta minutos atrás, alguém meteu-lhe uma faca nas costas quando estava sentado no seu escritório, com seu testamento no mata-borrão à sua frente.

— Então — falou Holmes com ar pensativo, acendendo seu cachimbo — você acha que o escritório desse desagradável lorde Hull é o perfeito aposento trancado dos meus sonhos, não é? — Seus olhos brilhavam de ceticismo através da coluna de fumaça azul que se erguia no espaço.

— Creio que sim — respondeu Lestrade serenamente.

— Watson e eu já cavamos poços assim antes e nunca encontramos água — observou Holmes e deu uma olhada para mim antes de retomar sua catalogação ininterrupta das ruas pelas quais passávamos. — Você se recorda da "Faixa Malhada", Watson?

Não tinha muita necessidade de lhe responder. Naquele caso, havia um aposento trancado, é verdade, mas também havia uma entrada de ar, uma cobra venenosa e um assassino suficientemente perverso para introduzir esta última pela primeira. Tinha sido o trabalho de um cérebro cruelmente brilhante, mas Holmes tinha enxergado até o fundo da questão quase que imediatamente.

— Quais são os fatos, inspetor? — perguntou Holmes.

Lestrade começou a expor-nos os fatos no tom seco e breve do policial bem-treinado. Lorde Albert Hull tinha sido um tirano nos negócios e um déspota em casa. Sua esposa vivia com medo dele, e aparentemente havia razões para isso. O fato de que ela lhe dera três filhos de nenhuma forma parecia ter atenuado sua atitude selvagem em relação aos assuntos domésticos em geral e a ela em particular. *Lady* Hull tinha se mostrado relutante em falar desses assuntos, mas seus filhos não mostravam a mesma reserva. Seu pai, disseram eles, não perdia nenhuma oportunidade para provocá-la, criticá-la ou se divertir à sua custa... tudo isso quando estava na presença de outras pessoas. Quando estavam a sós, ele virtualmente a ignorava. Exceto, acrescentou Lestrade, quando se sentia impelido a bater nela, o que não era uma ocorrência nada inusitada.

— William, o mais velho, me contou que ela sempre dava a mesma explicação quando vinha para a mesa do café da manhã com um olho inchado ou uma marca no rosto: que tinha se esquecido de pôr os óculos e

tinha batido numa porta. E comentou: “Ela batia em portas uma ou duas vezes por semana. Eu não sabia que tínhamos tantas portas naquela casa...”

— Hummm — falou Holmes. — Um sujeito espirituoso! Os filhos nunca puseram um ponto final a isso?

— Ela não permitiu — disse Lestrade.

— Insanidade — respondi. Um homem que bate na mulher é uma abominação, uma mulher que permite é uma abominação e uma interrogação.

— Mas havia um raciocínio por trás da sua maluquice — disse Lestrade. — Raciocínio e o que se poderia chamar de “paciência bem-informada”. Afinal de contas, ela era vinte anos mais jovem do que seu amo e senhor. Além disso, Hull era um bom bebedor e muito bom de garfo. Aos 70, cinco anos atrás, teve gota e angina.

— Espere a tempestade passar e depois desfrute dos raios de sol — observou Holmes.

— Isso mesmo — falou Lestrade —, mas é uma ideia que já levou muitos homens e mulheres pela porta do diabo, posso assegurar-lhe. Hull se certificou de que sua família saberia o quanto ele valia, e quais as disposições do seu testamento. Eles eram pouco mais do que escravos.

— Com o testamento como seu documento de servidão — murmurou Holmes.

— Exatamente, meu velho. Na ocasião da sua morte, Hull valia 300 mil libras esterlinas. Nunca lhes pediu que acreditassem na sua palavra a esse respeito. Mandava seu contador-chefe vir à residência uma vez por trimestre para detalhar os balancetes da Hull Navegação, embora mantivesse os cordões da bolsa firmes em suas mãos, e bem apertados.

— Diabólico! — exclamei, pensando nos meninos cruéis que às vezes se veem em Eastcheap ou Picadilly, meninos que ficam segurando um doce na frente de um cachorro para vê-lo saltar... e depois o engolem eles próprios, enquanto o animal faminto fica olhando. Em breve iria achar essa comparação mais apropriada do que poderia ter imaginado.

— Quando ele morresse, lady Rebecca deveria receber 150 mil libras. William, o mais velho, deveria receber 50 mil; Jory, o do meio, 40, e Stephen, o mais jovem, 30.

— E as outras 30 mil? — perguntei.

— Pequenos quinhões, Watson: para um primo em Gales, uma tia na Bretanha (mas nem um centavo para os parentes de lady Hull), 5 mil em quinhões diversos para os empregados. Oh, e (você vai gostar dessa, Holmes) 10 mil libras para o Orfanato da Senhora Hemphill para Gatinhos Abandonados.

— Você está brincando! — exclamei, mas, se Lestrade esperava reação semelhante de Holmes, ficou decepcionado. Holmes simplesmente reacendeu seu cachimbo e assentiu com a cabeça, como se estivesse esperando por isso... isso ou algo parecido. — Com bebês morrendo de inanição no East End e crianças de 12 anos trabalhando 50 horas por semana nos teares, esse camarada deixou 10 mil libras para um... hotel-pensão para *gatos*?

— Exatamente — disse Lestrade num tom afável. — Além disso, teria deixado *27 vezes* essa quantia para os Gatinhos Abandonados da Senhora Hemphill se não fosse o que aconteceu hoje de manhã — e quem quer que tenha feito esse trabalho.

Só pude ficar boquiaberto diante disso e tentar multiplicar de cabeça. Quando estava chegando à conclusão de que lorde Hull tinha pretendido deserdar tanto a mulher como os filhos em favor de uma clínica de repouso para felinos, Holmes olhava com azedume para Lestrade e dizia uma coisa que, para mim, pareceu não ter ligação alguma com o caso.

— Vou espirrar, não vou?

Lestrade sorriu. Foi um sorriso de uma doçura transcendental.

— Sim, meu caro Holmes! Muitas vezes e com força, receio eu.

Holmes tirou da boca o cachimbo que ele tinha acabado de acender a seu gosto (podia ver pelo modo como havia se refestelado um pouco no banco), olhou-o por um instante e depois segurou-o do lado de fora, debaixo da chuva. Mais perplexo do que nunca, fiquei olhando-o bater o cachimbo para fazer cair o fumo úmido e fumegante.

— Quantas vezes? — perguntou Holmes.

— Dez — disse Lestrade com um sorriso malandro.

— Tinha desconfiado de que algo mais do que esse seu famoso aposento trancado o fez sair no banco de trás de um coche aberto num dia

tão chuvoso — disse Holmes amargamente.

— Desconfie quanto quiser — falou animado Lestrade. — Receio que tenha que ir para a cena do crime (o dever chama, você sabe), mas, se quiser, poderia deixar você e o bom doutor aqui fora.

— Você é o único homem que já conheci — disse Holmes — cujo espírito fica mais aguçado com o mau tempo. Pergunto-me se isso revela algo a respeito do seu caráter. Mas não tem importância. Isso talvez seja assunto para outro dia. Diga-me o seguinte, Lestrade: quando foi que lorde Hull teve certeza de que ia morrer?

— *Morrer?* — disse eu. — Meu caro Holmes, de onde você tirou a ideia de que o homem achava que...

— É óbvio, Watson — falou Holmes. — C.C.C., como lhe disse pelo menos um milhar de vezes: o caráter condiciona o comportamento. Ele se divertia mantendo-os numa condição servil por meio do seu testamento... — Olhou para Lestrade como num aparte. — Presumo que não havia quaisquer disposições para estabelecimento de um fundo? Nenhuma vinculação de qualquer tipo?

Lestrade balançou a cabeça.

— Nenhuma em absoluto.

— Extraordinário! — disse eu.

— De modo algum, Watson. Lembre-se: o caráter condiciona o comportamento. Ele queria que eles fossem marchando obedientemente, na certeza de que tudo seria deles quando lhes fizesse a gentileza de morrer, mas ele jamais pretendeu tal coisa. Na realidade, tal comportamento iria completamente contra a essência do seu caráter. Você concorda, Lestrade?

— Para dizer a verdade, concordo — respondeu Lestrade.

— Então viemos muito bem até este ponto, não viemos, Watson? Tudo claro? Lorde Hull percebe que está morrendo. Espera... se certifica de que dessa vez não há nenhum engano, nenhum alarme falso... e então reúne toda sua amada família. Quando? Esta manhã, Lestrade?

Lestrade grunhiu a confirmação.

Holmes juntou as pontas dos dedos por baixo do queixo.

— Ele os reúne e lhes diz que fez um novo testamento, pelo qual deserda todos eles... isto é, todos menos os empregados, seus poucos parentes afastados e, é claro, os gatinhos.

Abri a boca para falar mas vi que estava indignado demais para dizer qualquer coisa. A imagem que me ficava voltando à mente era a daqueles meninos cruéis, fazendo saltar os vira-latas famintos do East End com um pedaço de carne de porco ou um resto da crosta de um empadão de carne. Devo acrescentar que nem cogitei perguntar se um testamento assim podia ser contestado em juízo. Hoje, um homem iria cortar um dobrado se desprezasse seus parentes mais próximos em favor de um hotel para gatos, mas, em 1899, a vontade de um homem era a vontade de um homem e, a menos que se pudesse provar insanidade com base em muitos exemplos — não excentricidade, mas insanidade completa —, cumpria-se a vontade de um homem tal como a vontade de Deus.

— Esse novo testamento teve as devidas testemunhas? — perguntou Holmes.

— Teve, sem dúvida alguma — retrucou Lestrade. — Ontem, o advogado de lorde Hull e um de seus assistentes se apresentaram na residência e foram conduzidos ao escritório de Hull. Lá ficaram por cerca de 15 minutos. Stephen Hull diz que o advogado ergueu a voz uma vez, protestando contra alguma coisa (ele não sabia dizer o quê), e foi calado por Hull. Jory, o filho do meio, estava no andar de cima, pintando, e lady Hull estava visitando uma amiga. Mas tanto Stephen como William Hull viram esses camaradas da profissão legal entrarem e saírem pouco tempo depois. William disse que eles saíram cabisbaixos e, embora William lhes tivesse falado, perguntando ao doutor Barnes, o advogado, se ele estava bem e fazendo comentários coloquiais sobre a persistência da chuva, Barnes não respondeu e o assistente na verdade pareceu se encolher. Era como se estivessem com vergonha, disse William.

Bem, aí se acabou *esse* possível furo, pensei eu.

— Já que estamos tocando no tema, fale-me sobre os rapazes — instou Holmes.

— Como queira. Praticamente não é preciso dizer que o ódio deles pelo *pater* só era excedido pelo desprezo ilimitado do *pater* por eles... Embora como ele podia ter desprezo por Stephen seja... bem, deixemos pra lá, vou manter as coisas na sua ordem própria.

— É, por favor, tenha a bondade de fazer isso — disse Holmes secamente.

— William tem 36 anos. Caso seu pai lhe tivesse dado qualquer tipo de liberdade, acho que ele seria apenas uma pessoa vulgar. Como teve pouca ou nenhuma, passou seus dias em diversas academias de ginástica, envolvido no que creio se denomina de *cultura física* (ele parece um camarada extremamente musculoso), e suas noites, na maioria, em diversos cafés baratos. Quando estava com um pouco de dinheiro no bolso, costumava ir a uma casa de jogos de cartas, onde o perdia rapidamente. Não é um homem agradável, Holmes. Um homem que não tem nenhum propósito, nenhuma capacidade, nenhum *hobby* e nenhuma ambição (a não ser a de viver mais do que o pai) dificilmente poderia ser um homem agradável. Quando estava falando com ele, tive a sensação esquisita de que estava interrogando não um homem, mas um jarro vazio sobre o qual a fisionomia de lorde Hull tinha sido estampada de leve.

— Um jarro esperando para ser enchido com libras esterlinas — comentou Holmes.

— Jory é outra história — prosseguiu Lestrade. — Lorde Hull lhe dedicou a maior parte do seu desprezo, chamando-o, desde que era bem pequeno, por apelidos afetuosos como "Cara de Peixe", "Pernas de Arco de Barril" e "Barriga Ruiva". Infelizmente, não é difícil entender o porquê desses apelidos. Jory Hull tem apenas 1,5 metro de altura, tem as pernas tortas e feições extremamente feias. Ele se parece um pouco com aquele camarada que é poeta. O afeminado.

— Oscar Wilde? — perguntei.

Holmes me dirigiu um olhar breve e divertido.

— Creio que Lestrade está se referindo a Algernon Swinburne — disse. — Que, creio eu, é tão afeminado quanto você, Watson.

— Jory Hull nasceu morto — disse Lestrade. — Quando ele ficou azul e imóvel por um minuto inteiro, o doutor declarou o óbito e colocou um guardanapo em cima do seu corpo disforme. Lady Hull, no seu único momento de heroísmo, sentou-se na cama, retirou o guardanapo e mergulhou as pernas do menino na água quente que tinha sido trazida para ser usada no parto. O bebê começou a se retorcer e dar uns gritos agudos.

Lestrade abriu um sorriso e, com um floreio, acendeu uma cigarrilha.

— Hull alegava que essa imersão tinha feito as pernas do menino ficarem tortas e, quando estava bêbado, culpava sua mulher por isso. Dizia-lhe que ela não devia ter se intrometido. Às vezes dizia que teria sido melhor Jory ter nascido morto do que viver para ser o que era: uma criatura que parecia estar sempre fugindo, com pernas de caranguejo e cara de bacalhau.

A única reação de Holmes a essa história extraordinária (e, para minha mente de médico, um tanto suspeita) foi comentar que Lestrade tinha conseguido uma notável massa de informação num período notavelmente curto.

— Isso faz ressaltar um dos aspectos do caso que pensei que lhe interessariam, meu caro Holmes — disse Lestrade quando dobramos em Rotten Row espalhando água e derrapando. — Eles não precisam de nenhuma coação para falar: coação seria necessária para fazê-los se calarem. Eles tiveram que ficar em silêncio por tempo demais. E depois há o fato de que o novo testamento sumiu. Na minha opinião, o alívio solta as línguas de forma incomensurável.

— *Sumiu!* — exclamei. Holmes, porém não deu nenhuma importância. Sua mente ainda estava concentrada em Jory, o disforme filho do meio.

— Então ele *é* feio? — perguntou a Lestrade.

— Não chega a ser bonito, mas não é tão ruim como alguns que tenho visto — respondeu Lestrade à vontade. — Acho que seu pai continuamente lançava vitupérios sobre sua cabeça porque...

— ...porque ele era o único que não precisava em absoluto do dinheiro do pai para se fazer no mundo — concluiu Holmes por ele.

Lestrade levou um susto.

— Você é um demônio! Como é que sabia disso?

— Porque lorde Hull estava limitado a criticar os defeitos físicos de Jory. Como o velho demônio deve ter ficado agastado por se ver confrontado por um alvo em potencial tão bem protegido sob outros aspectos! Provocar um homem por causa da sua aparência ou da sua postura pode ser muito bom para colegiais ou bêbados, mas um vilão como lorde Hull tinha, sem sombra de dúvida, se acostumado a um esporte de mais alto nível. Arriscaria a opinião de que ele pode ter sentido

bastante receio do seu filho do meio, de pernas tortas. Qual era a chave de Jory para abrir o grilhão?

— Não lhe disse? Ele pinta — falou Lestrade.

— Ah!

Jory Hull era, como as telas nos salões do andar térreo da mansão Hull depois demonstraram, um pintor verdadeiramente bom. Não um grande pintor, não é isso que quero dizer. Mas as representações que fez de sua mãe e de seus irmãos eram fiéis o bastante para que, anos mais tarde, quando vi fotografias a cores pela primeira vez, minha mente tenha se voltado de repente para aquela tarde chuvosa de novembro de 1899. E a de seu pai talvez *fosse* uma obra de mestre. Certamente ela assustava (quase intimidava!) pela malevolência que parecia emanar da tela como um bafo de ar úmido de cemitério. Pode ser que Jory *se parecesse* com Algernon Swinburne, mas o retrato do seu pai — pelo menos, tal como visto pela mãe e pelos olhos do seu filho do meio — me recordava um personagem de Oscar Wilde: aquele depravado quase imortal, Dorian Gray.

Suas telas eram processos longos e lentos, mas era capaz de fazer esboços rápidos com uma destreza tão grande que conseguia voltar do Hyde Park para casa numa tarde de sábado com até 20 libras no bolso.

— Aposto que seu pai gostava disso — falou Holmes. Estendeu a mão automaticamente para o cachimbo, depois o deixou mais uma vez. — O filho de um nobre do reino fazendo retratos instantâneos de ricos turistas americanos e de suas namoradas como um boêmio francês.

Lestrade deu uma sonora gargalhada.

— Ele ficou *furioso* com isso, como você pode imaginar. Mas Jory (no que agiu muito bem!) recusou-se a abandonar sua barraquinha no Hyde Park... não, pelo menos, antes que seu pai concordasse em lhe dar 35 libras por semana. Ele chamava isso de pequena chantagem.

— Estou com o coração partido — disse eu.

— Tal como eu, Watson — disse Holmes. — O terceiro filho, Lestrade, depressa. Já estamos quase chegando à casa, acho eu.

Como Lestrade tinha insinuado, sem dúvida era Stephen Hull quem possuía maior motivo para odiar o pai. À medida que a gota ficou pior e sua cabeça mais confusa, lorde Hull foi entregando cada vez mais a maior

parte dos negócios da empresa a Stephen, que tinha apenas 28 anos quando o pai morreu. As responsabilidades recaíam sobre Stephen, e a culpa também, se a menor decisão sua acabasse dando errado. Entretanto, não havia nenhum ganho financeiro para ele quando decidia bem e os negócios do pai prosperavam.

Lorde Hull deveria ter olhado com agrado para Stephen, o único de seus filhos com interesse pela empresa que fundara e com aptidão para o ramo. Stephen era o exemplo perfeito do que a Bíblia chama de "o bom filho". No entanto, em vez de demonstrar amor e gratidão, lorde Hull retribuiu os esforços do rapaz, na sua maioria bem-sucedidos, com menosprezo, desconfiança e ciúmes. Em muitas ocasiões, durante os dois últimos anos da sua vida, o velho externava a encantadora opinião de que Stephen "roubaria as moedas colocadas sobre os olhos de um morto".

— Filho da mãe! — exclamei, não conseguindo me conter.

— Vamos, por um momento, ignorar o novo testamento e retornar ao antigo — disse Holmes, juntando mais uma vez os dedos em forma de tenda. — Mesmo sob as condições daquele documento ligeiramente mais generoso, Stephen Hull teria motivos para ressentimentos. A despeito de todos os seus trabalhos, que não só salvaram como aumentaram a fortuna da família, sua recompensa ainda seria a parcela dos despojos que cabia ao filho mais moço. A propósito, como iria se estruturar a empresa de navegação segundo as disposições do que poderíamos chamar de o Testamento do Gatinho?

Olhei atentamente para Holmes, mas, como sempre, era difícil dizer se ele tinha tentado ser um pouco espirituoso. Mesmo depois de todos os anos que tinha passado com ele e todas as aventuras que tínhamos partilhado, o senso de humor de Sherlock Holmes continua a ser uma área amplamente inexplorada, até para mim.

— A empresa seria confiada à Junta de Diretores, sem qualquer estipulação a respeito de Stephen — disse Lestrade, atirando a cigarrilha pela janela enquanto o tílburi entrava pelo caminho em curva de acesso a uma casa que naquele momento mesmo me pareceu extraordinariamente feia, ali no meio de seus gramados amarelecidos sob a chuva forte. — Porém, com o pai morto e não se encontrando em lugar nenhum o novo testamento, Stephen Hull tem o que os americanos chamam de *alavancagem*. A empresa o terá como diretor-gerente. Deveriam fazer isso

de qualquer maneira, só que agora será nos termos ditados por Stephen Hull.

— É — disse Holmes. — Alavancagem. Uma boa palavra. — Debruçou-se para fora, na chuva. — Pare antes da casa, cocheiro! — ordenou em voz alta. — Ainda não terminamos tudo.

— Como quiser, patrão — retrucou o cocheiro —, mas está infernalmente molhado aqui fora.

— E você irá embora com o bastante no bolso para fazer sua parte interna ficar tão infernalmente molhada quanto a externa — disse Holmes. Isso pareceu satisfazer ao homem e ele parou a 30 metros da porta da frente do casarão. Ficou ouvindo a chuva tamborilar nos lados do tílburi enquanto Holmes refletiu e depois disse: — O testamento antigo (o que ele usava para provocá-los), esse documento não está perdido, não é?

— Certamente que não. Estava sobre sua escrivaninha, perto do corpo.

— Quatro suspeitos excelentes! Os empregados não precisam se candidatar... ou assim parece por enquanto. Termine depressa, Lestrade: as circunstâncias finais e o aposento trancado.

Lestrade assim fez, consultando suas anotações vez por outra. Um mês antes, lorde Hull notara uma pequena mancha preta na perna direita, bem atrás do joelho. O médico da família foi chamado. Seu diagnóstico foi gangrena, um resultado inusitado mas longe de ser raro em casos de gota e má circulação. O médico lhe disse que a perna teria que ser amputada bem acima do local da infecção.

Lorde Hull ficou dando gargalhadas até que as lágrimas lhe rolavam pelo rosto. O médico, que esperara qualquer reação menos essa, ficou mudo.

— Quando me enfiarem no meu caixão, saracura — disse Hull —, será com ambas as pernas ainda no lugar, muitíssimo obrigado.

O médico disse que compreendia o desejo de lorde Hull de conservar sua perna, mas observou que, sem a amputação, estaria morto em seis meses, sendo que os dois últimos passaria sentindo dores fantásticas. Lorde Hull perguntou ao médico quais eram suas chances de sobrevivência caso se submetesse à operação. Ainda estava rindo, disse Lestrade, como se fosse a melhor piada que já ouvira. Após alguma delonga, o médico disse que eram de cinquenta por cento.

— Balela — disse eu.

— Foi exatamente o que disse lorde Hull — retrucou Lestrade —, só que empregou um termo mais comumente usado nas docas do que em salas de visitas.

Hull disse ao médico que ele próprio calculava que suas chances não eram mais do que uma em cinco.

— Quanto às dores, não creio que vá chegar a isso — prosseguiu — enquanto houver láudano e uma colher para remexê-lo numa distância até onde possa coxear.

No dia seguinte, Hull finalmente revelou sua surpresa desagradável: que estava pensando em mudar seu testamento. Não disse logo exatamente como iria mudá-lo.

— Oh? — falou Holmes, olhando para Lestrade com aqueles olhos cinzentos e serenos que enxergavam tanto. — E quem, diga-me, por favor, ficou surpreso?

— Nenhum deles, eu imaginaria. Mas você sabe como é a natureza humana, Holmes, como as pessoas mantêm esperanças mesmo sabendo que é em vão.

— E como algumas fazem planos para a eventualidade do desastre — disse Holmes com ar distraído.

Nessa mesma manhã, lorde Hull tinha chamado sua família na sala de estar e, quando todos estavam acomodados, desempenhou um papel que é dado a poucos que fazem um testamento e que, em geral, é desempenhado pelas línguas afiadas de seus advogados depois de as suas próprias serem silenciadas para sempre. Em resumo, ele leu para eles seu novo testamento, deixando o saldo de seus bens para os gatinhos extraviados da senhora Hemphill. No silêncio que se seguiu, ele se levantou, com alguma dificuldade, e lhes dirigiu um largo sorriso de caveira. E, apoiando-se para a frente na bengala, fez a seguinte declaração, que considero tão impressionantemente vil agora como considerei quando Lestrade a repetiu para mim naquela tílburi de aluguel: “Então! Está tudo ótimo, não está? É, ótimo mesmo! Vocês me serviram com bastante lealdade, mulher e meninos, por uns quarenta anos. Agora pretendo, com a consciência mais límpida e serena que se possa imaginar, expulsá-los daqui. Mas tenham coragem! As coisas podiam ser piores! Os faraós, quando havia tempo,

mandavam matar seus bichos de estimação — na maioria, gatos — antes de morrerem, para que eles pudessem estar lá para recebê-los no além, para serem chutados ou acariciados lá, segundo os caprichos de seus senhores, para sempre... e sempre... e sempre.” Depois ele deu uma gargalhada dirigida a eles. Apoiou-se na bengala e riu com sua cara de um tom ocre e o ar moribundo, com o novo testamento — devidamente assinado por ele e pelas testemunhas, como todos eles tinham visto — apertado numa mão que mais parecia uma garra.

William se levantou e disse:

— Senhor, o senhor pode ser nosso pai e o autor da minha existência, mas o senhor também é a criatura mais baixa que já rastejou pela face da Terra desde que a serpente tentou Eva no jardim.

— De jeito nenhum! — retrucou o velho monstro, ainda rindo. — Conheço quatro mais baixos. Agora, se vocês me dão licença, tenho alguns papéis importantes para guardar no meu cofre... e alguns inúteis para queimar no fogo de aquecimento.

— Ele ainda estava com o testamento velho quando os confrontou? — perguntou Holmes. Parecia estar mais interessado do que espantado.

— Estava.

— Ele poderia tê-lo queimado logo que o novo foi assinado por ele e pelas testemunhas — pensou Holmes em voz alta. — Teve toda a tarde e a noite da véspera para fazer isso. Mas não o fez, não é? Por que não? Qual é sua opinião sobre essa questão, Lestrade?

— Imagino que ele ainda não havia se fartado de provocá-los mesmo então. Estava lhes oferecendo uma oportunidade (uma tentação) que achava que todos iriam repelir.

— Talvez ele achasse que um deles não repeliria — disse Holmes. — Essa ideia não lhe passou pela cabeça? — Voltou o rosto e examinou minha fisionomia com o faiscar momentâneo de seu olhar brilhante, e de algum modo assustador. — Pelas cabeças de ambos? Não seria possível que uma tal alma negra pudesse acenar com tal tentação sabendo que um dos da sua família iria sucumbir a ela e livrá-lo do seu sofrimento (pelo que você disse, Stephen parece o mais provável), que um poderia ser apanhado... e ser enforcado pelo crime de parricídio?

Olhei fixo para Holmes num horror mudo.

— Esqueçam — falou Holmes. — Continue, inspetor, acredito que esteja na hora de o aposento trancado dar o ar de sua presença.

— Os quatro tinham ficado sentados, paralisados, em silêncio, enquanto o velho percorria lentamente o comprido corredor até o seu escritório. Não se ouvia barulho algum a não ser a batida da bengala, o chocalhar laborioso de sua respiração, o *miau* lamuriento de um gato na cozinha e as pancadas ritmadas do pêndulo do relógio da sala de estar. Então ouviram o rangido das dobradiças quando Hull abriu a porta e entrou no escritório.

— Espere! — disse Holmes subitamente, inclinando-se para a frente. — Ninguém efetivamente o *viu* entrar, não é?

— Receio que não seja assim, velho amigo — respondeu Lestrade. — O senhor Oliver Stanley, o valete de lorde Hull, ouviu-o andando pelo corredor. Saiu do quarto de vestir de Hull, foi até a balaustrada da galeria do primeiro andar e perguntou em voz alta lá para baixo se estava tudo bem. Hull olhou para cima (Stanley o viu tão nitidamente como eu o estou vendo neste instante, meu velho) e disse que tudo estava absolutamente cem por cento. Depois esfregou a nuca, entrou e trancou a porta do escritório atrás de si. Quando seu pai chegou à porta (o corredor é bem comprido e ele pode ter levado bem uns dois minutos para percorrê-lo sem auxílio), Stephen tinha saído de seu estupor e tinha ido até a porta da sala de estar. Viu o diálogo entre o pai e seu valete. É claro que lorde Hull estava de costas para ele, mas Stephen ouviu a voz do pai e descreveu o mesmo gesto típico: Hull esfregando a nuca.

— Seria possível a Stephen Hull e esse sujeito, Stanley, terem conversado antes da chegada da polícia? — perguntei eu, penso que com sagacidade.

— Provavelmente conversaram — disse Lestrade, com ar cansado. Mas não houve nenhuma cumplicidade.

— Tem certeza disso? — perguntou Holmes, mas num tom de desinteresse.

— Tenho. Acho que Stephen Hull mentiria muito bem, mas Stanley o faria muito mal. Aceite minha opinião profissional, ou não, como queira, Holmes.

— Aceito.

Então lorde Hull passou para o interior do escritório, o famoso aposento trancado, e todos escutaram o clique da fechadura quando ele girou a chave — a única chave que havia desse *sanctum sanctorum*. Seguiu-se um som mais invulgar: o ferrolho sendo corrido.

Depois, silêncio.

Os quatro — lady Hull e seus filhos, que muito em breve seriam pobres de sangue azul — olharam uns para os outros num silêncio parecido. O gato miou de novo da cozinha e lady Hull disse num tom distraído que, se a arrumadeira não ia dar uma tigela de leite ao gato, então achava que teria ela mesma que fazê-lo. Disse que esse som a deixaria maluca se tivesse que escutá-lo por muito tempo mais. Saiu da sala de estar. Instantes depois, sem uma palavra entre si, os três filhos também saíram. William foi para o seu quarto no andar superior, Stephen se encaminhou para a sala de música e Jory foi se sentar num banco sob a escadaria onde, dissera a Lestrade, desde a mais tenra infância ia sempre que estava triste ou tinha questões de profunda dificuldade sobre as quais refletir.

Menos de cinco minutos depois, um grito irrompeu do escritório. Stephen saiu correndo da sala de música, onde esteve dedilhando notas isoladas no piano. Jory o encontrou diante da porta do escritório. William já estava a meio caminho descendo a escadaria e os viu arrombando a porta quando Stanley, o valete, saiu do quarto de vestir de lorde Hull e foi até a balaustrada da galeria pela segunda vez. Stanley deu seu depoimento de que viu Stephen Hull precipitar-se pelo escritório adentro, viu William chegar ao pé da escada e quase cair no mármore, viu lady Hull sair pelo portal da sala de jantar ainda com uma jarra de leite numa das mãos. Instantes depois, o resto dos empregados tinha se reunido.

— Lorde Hull estava caído sobre sua escrivaninha, com os três filhos em pé ao seu lado. Seus olhos estavam abertos e a expressão neles... acho que era de surpresa. Mais uma vez, você é livre para aceitar ou rejeitar minha opinião, como preferir, mas lhe digo que a mim pareceu muito uma expressão de surpresa. Preso na sua mão estava o testamento... o velho. Não havia nenhum sinal do novo. E havia uma adaga nas suas costas.

Com isso, Lestrade bateu no teto para que o cocheiro seguisse em frente.

Entramos na casa passando no meio de dois policiais com fisionomias tão imóveis quanto as sentinelas do palácio de Buckingham. Aqui, para

começar, havia um corredor muito comprido, cujo piso era de placas de mármore pretas e brancas como um tabuleiro de xadrez. Elas conduziam para uma porta aberta na outra ponta, onde estavam postados outros dois policiais: a entrada para o fatídico escritório. À esquerda estava a escadaria; à direita, duas portas: a sala de estar e a sala de música, calculei.

— A família está reunida na sala de estar — disse Lestrade.

— Bom — falou Holmes num tom amável. — Mas talvez Watson e eu pudéssemos antes dar uma olhada na cena do crime.

— Devo acompanhá-lo?

— Talvez não — disse Holmes. — O corpo já foi retirado?

— Ainda estava aqui quando saí para ir à sua residência, mas a essa altura é quase certo que já tenha sido levado.

— Está muito bem.

Holmes foi andando. Eu o segui. Lestrade chamou em voz alta:

— Holmes!

Holmes se voltou, as sobrancelhas levantadas.

— Não há nenhum painel secreto, nenhuma porta secreta. Pela terceira vez, aceite minha palavra ou não, como quiser.

— Acho que vou esperar até que... — começou Holmes, e então sua respiração começou a ficar entrecortada. Meteu depressa a mão no bolso, encontrou um guardanapo provavelmente levado por distração do restaurante onde tínhamos jantado na noite anterior e deu um enorme espirro nele. Baixei os olhos e vi um gato grande e cheio de cicatrizes, tão deslocado ali naquele *hall* grandioso como estaria um daqueles molecotes nos quais estivera pensando antes, enroscando-se nas pernas de Holmes. Uma das orelhas estava deitada para trás, sobre o crânio coberto de cicatrizes. A outra tinha desaparecido, perdida em alguma batalha de beco há muito tempo, imaginei eu.

Holmes espirrou repetidas vezes e deu um pontapé no gato. Ele se foi com um olhar de repreensão para trás em vez do sibilado de raiva que se podia esperar de um lutador tão veterano. Holmes olhou para Lestrade por cima do guardanapo com olhos de condenação, rasos d'água. Lestrade, em

nada afetado, esticou a cabeça para a frente e abriu um sorriso grande, feito um macaco.

— Dez, Holmes — falou ele. — *Dez*. A casa está cheia de felinos. Hull os adorava. — E com isso se afastou.

— Há quanto tempo você padece dessa afecção, meu velho? — perguntei. Eu estava um pouco alarmado.

— Toda a vida — disse ele, e espirrou de novo. A palavra *alergia* mal era conhecida todos esses anos atrás, mas, é claro, era esse o problema.

— Você quer sair? — perguntei. Tinha visto uma vez um caso de quase asfixia como resultado de aversão semelhante, nesse caso a ovelhas, mas de resto em tudo semelhante.

— Ele iria gostar disso — falou Holmes. Não precisava que me dissesse a quem se referia. Holmes espirrou mais uma vez (um grande vergão vermelho estava surgindo na sua testa normalmente pálida) e então passamos no meio dos dois policiais postados na porta do escritório. Holmes fechou-a atrás de nós.

O aposento era comprido e relativamente estreito. Ficava na extremidade de algo parecido com uma ala, com o corpo principal da casa se estendendo de ambos os lados a partir de uma área que ia até aproximadamente os três quartos do comprimento do corredor. Havia janelas nos dois lados do escritório, que estava bastante claro apesar do dia cinzento e chuvoso. Nas paredes havia várias cartas de navegação coloridas, em elegantes molduras de peroba, e, no meio delas, estava montado um conjunto, igualmente elegante, de instrumentos meteorológicos, num gabinete com quinas de latão e a frente de vidro. Continha um anemômetro (calculei que Hull tinha mandado montar as pequenas calotas giratórias num dos picos do telhado), dois termômetros (um registrando a temperatura externa e o outro a de dentro do escritório) e um barômetro muito parecido com aquele que tinha induzido Holmes a erroneamente achar que o mau tempo estava a ponto de terminar. Notei que o barômetro ainda estava subindo e então olhei para fora. Com barômetro subindo ou não, a chuva estava caindo mais forte do que nunca. Nós achamos que sabemos muito, com nossos instrumentos e outras coisas, mas naquela época eu tinha idade suficiente para achar que não sabemos a metade do que pensamos saber e agora tenho idade suficiente para achar que nunca saberemos muita coisa.

Holmes e eu nos viramos ambos para olhar para a porta. O ferrolho tinha sido forçado para fora das alças, mas inclinava-se para dentro, como deveria estar. A chave ainda estava na fechadura pelo lado de dentro do escritório, e podia ser girada.

Os olhos de Holmes, mesmo lacrimejantes como estavam, iam por todos os lados ao mesmo tempo, observando, catalogando, armazenando.

— Você está um pouco melhor — disse eu.

— Estou — retorquiu, baixando o guardanapo e enfiando-o de qualquer jeito no bolso do casaco. — Ele pode tê-los adorado, mas não os deixava entrar aqui. Pelo menos não com regularidade. O que você acha disso tudo, Watson?

Embora meus olhos fossem mais lentos do que os dele, também estavam olhando à volta. As janelas duplas estavam todas trancadas com travas embutidas e pequenas linguetas de bronze. Nenhum dos painéis de vidro tinha sido quebrado. A maioria dos mapas emoldurados e o gabinete de instrumentos meteorológicos ficavam entre essas janelas. As outras duas paredes estavam cobertas de livros. Havia um pequeno fogão de aquecimento a carvão, mas nenhuma lareira. O assassino não tinha descido pela chaminé como Papai Noel, a menos que fosse esguio o bastante para passar pelo cano do fogão de aquecimento e estivesse vestido com roupa de amianto, pois o dispositivo ainda estava muito quente.

A escrivaninha ficava no final desse aposento comprido, estreito e bem-iluminado. A extremidade oposta era uma área agradavelmente dedicada a livros, não propriamente uma biblioteca, com duas cadeiras estofadas de espaldar alto e uma mesinha de centro entre elas. Sobre essa mesinha havia uma pilha irregular de livros. O chão estava recoberto por um tapete turco. Se o assassino tivesse entrado por um alçapão, eu não tinha a menor ideia de como ele tinha se metido de volta debaixo desse tapete sem remexê-lo... e ele *não* tinha sido remexido nem um pouco: as sombras das pernas da mesinha de centro caíam sobre ele sem sequer um indício de ruga.

— Você acreditou nisso, Watson? — perguntou Holmes, arrancando-me do que era quase um transe hipnótico. Alguma coisa... alguma coisa naquela mesinha de centro...

— Acreditei em que, Holmes?

— Que todos eles quatro simplesmente saíram da sala de estar, em quatro direções diferentes, quatro minutos antes do assassinato?

— Não sei — disse numa voz fraca.

— *Eu* não acredito, nem por um ins... — Parou no meio. — Watson! Você está bem?

— Não — disse numa voz que eu mesmo mal conseguia escutar. Desabei numa das poltronas da biblioteca. Meu coração estava disparado. Parecia que não conseguia recuperar o fôlego. Minha cabeça estava latejando, meus olhos pareciam, de repente, ter ficado grandes demais para suas órbitas. Não conseguia afastá-los das sombras das pernas da mesinha de centro sobre o tapete. — Sem nenhuma dúvida... não estou... bem.

Nesse instante, Lestrade apareceu na porta do escritório.

— Se você já viu tudo que queria, Hol... — Calou-se no meio. — Que diabos está havendo com Watson?

— Acho — disse Holmes num tom calmo e comedido — que Watson solucionou o caso. Não foi, Watson?

Confirmei com a cabeça. Talvez não o caso por completo, mas a maior parte dele. Eu sabia quem, eu sabia como.

— É assim com você, Holmes? — perguntei. — Quando você... vê?

— É — disse ele —, embora eu geralmente consiga manter-me de pé.

— *Watson* solucionou o caso? — falou Lestrade com impaciência. — Ora! Watson ofereceu mil soluções para uma centena de casos antes desse, Holmes, como você bem sabe, e todas elas erradas. É a sua *sina*. Se até me lembro de que, bem nesse último verão...

— Conheço Watson melhor do que você jamais o conhecerá — falou Holmes — e desta vez ele acertou em cheio. Conheço a expressão do olhar. — Começou a espirrar novamente: o gato sem uma orelha tinha entrado no aposento pela porta que Lestrade deixara aberta. Moveu-se direto para Holmes com uma expressão que parecia de afeto na sua cara feia.

— Se é assim com você — falei —, nunca mais voltarei a invejá-lo, Holmes. Parecia que meu coração ia arrebentar.

— Um homem se acostuma até mesmo à percepção — disse Holmes, sem o mais leve traço de pretensão na voz. — Então, desembuche... ou

devemos fazer entrar os suspeitos, como no último capítulo de um romance policial?

— Não! — exclamei horrorizado. Não tinha visto nenhum deles e não tinha o menor desejo de vê-los. — Só que acho que devo *mostrar* a vocês como foi feito. Se você e o inspetor Lestrade puderem sair para o corredor por um instante...

O gato chegou onde Holmes estava e saltou no seu colo, ronronando como a criatura mais feliz do mundo.

Holmes explodiu numa perfeita fuzilaria de espirros. As manchas vermelhas no seu rosto, que tinham começado a sumir, reavivaram-se logo. Empurrou o gato e pôs-se de pé.

— Ande depressa, Watson, para que possamos sair deste maldito lugar — disse ele numa voz abafada e saiu do aposento com os ombros encolhidos de forma pouco típica, a cabeça baixa e sem uma só olhada para trás.

Acredite em mim quando digo que um pedaço do meu coração foi com ele.

Lestrade ficou encostado na porta, o casaco molhado deixando escapar um pouco de vapor, os lábios entreabertos num sorriso largo e detestável.

— Devo levar comigo o novo admirador de Holmes, Watson?

— Deixe-o aqui — falei — e feche a porta ao sair.

— Apostaria cinco libras que você está perdendo seu tempo, meu velho — disse Lestrade, mas vi algo diferente nos seus olhos. Se tivesse aceitado sua aposta, ele encontraria um meio de se esquivar dela.

— Feche a porta — repeti. — Não vou demorar muito.

Ele fechou a porta. Eu estava sozinho no escritório de Hull... com exceção do gato, é claro, que agora estava sentado no meio do tapete, a cauda enrolada certinha em volta das patas, os olhos verdes me observando.

Tateei nos bolsos e encontro meu próprio *souvenir* do jantar da noite anterior — receio que, quando estão sozinhos, os homens são bastante desordenados, mas havia uma razão para o pão além de um desleixo generalizado. Quase sempre mantinha um pedaço de crosta de pão num ou noutro bolso, porque me divertia dar de comer aos pombos que pousavam

do lado de fora da mesma janela em que estava Holmes quando Lestrade tinha chegado.

— Gatinho — disse eu e coloquei o pão debaixo da mesinha de centro, a mesinha de centro para a qual lorde Hull teria dado as costas quando se sentou entre seus dois testamentos, o desgraçado antigo e o ainda mais desgraçado novo. — Pussh-pussh-pussh.

O gato se levantou e caminhou languidamente para baixo da mesa para inspecionar a crosta de pão.

Fui até a porta e a abri.

— Holmes! Lestrade! Depressa!

Eles entraram.

— Venham até aqui — disse eu e me encaminhei para a mesinha de centro.

Lestrade olhou em volta e começou a franzir a testa, não vendo nada. Holmes, é claro, começou a espirrar de novo.

— Será que não podemos botar essa coisa miserável para fora daqui? — conseguiu dizer por trás do guardanapo, que a essa altura estava bastante empapado.

— É claro — disse eu. — *Mas onde está a coisa miserável, Holmes?*

Uma expressão espantada encheu seus olhos lacrimejantes. Lestrade girou, foi até a escrivaninha de Hull e espiou por trás dela. Holmes sabia que sua reação não devia ter sido tão violenta se o gato estivesse na extremidade oposta do aposento. Se inclinou e olhou por baixo da mesinha de centro, não viu nada a não ser o tapete e a prateleira inferior das duas estantes em frente, e se endireitou de novo. Se seus olhos não estivessem jorrando como fontes, ele deveria ter visto tudo naquele momento. Afinal de contas, ele estava bem em cima. Mas deve-se reconhecer o mérito de quem o merece e o truque ilusório estava diabolicamente bem-feito. O espaço vazio por baixo da mesinha de centro do seu pai tinha sido a obra-prima de Jory Hull.

— Eu não... — começou a falar Holmes e então o gato, que achava meu amigo muito mais atraente do que qualquer crosta de pão dormido, saiu calmamente de debaixo da mesinha e começou uma vez mais a se enroscar em êxtase em volta de seus tornozelos. Lestrade tinha retornado e seus

olhos se arregalaram tanto que pensei que eles iam de fato saltar para fora. Mesmo tendo entendido o truque, eu próprio estava impressionado. O gato com as cicatrizes pareceu materializar-se do vácuo — cabeça, corpo e, por último, a cauda de ponta branca.

Esfregou-se de encontro à perna de Holmes, ronronando enquanto Holmes espirrava.

— Isso é suficiente — disse eu. — Você já fez a sua parte e pode ir embora.

Peguei-o, levei-o até a porta (recebendo um bom arranhão pelo meu gesto) e atirei-o de qualquer jeito para o corredor. Fechei a porta atrás dele.

Holmes estava se sentando.

— Meu Deus — falou numa voz nasal, congestionada. Lestrade era incapaz de pronunciar uma só palavra. Seus olhos não se afastaram por um instante da mesinha e do tapete turco desbotado por baixo de suas pernas: um espaço vazio que tinha, de algum modo, dado à luz um gato.

— Eu devia ter visto — estava murmurando Holmes. — É... mas você... como você entendeu tão *depressa*? — Detectei um leve indício de mágoa e ressentimento no seu tom e o perdoei imediatamente.

— Foram elas — disse eu e apontei para o tapete.

— É claro! — disse Holmes quase gemendo. Deu um tapa na testa com o vergão vermelho. — Que idiota! Sou um perfeito *idiota*!

— Tolice — disse eu num tom mordaz. — Numa casa cheia de gatos (e com um que aparentemente o escolheu para ser um amigo especial) desconfio que você estava vendo dez de tudo.

— O que tem o tapete? — perguntou Lestrade com impaciência. — É muito bonito, reconheço, e provavelmente caro, mas...

— Não o *tapete* — disse eu. — As *sombras*.

— Mostre a ele, Watson — disse Holmes num tom cansado, abaixando o guardanapo para o colo.

Então me inclinei e levantei uma delas do chão.

Lestrade caiu sentado, com todo o peso, na outra poltrona, como um homem que tivesse inesperadamente levado um soco.

— Eu não parava de olhar para elas, entende? — disse eu, falando num tom que não conseguia deixar de ser apologético. Parecia tudo errado. Era a tarefa de Holmes explicar os "quem" e os "como" no final da investigação. Contudo, enquanto eu via que ele agora tinha entendido tudo, sabia que se recusaria a se pronunciar nesse caso. E suponho que uma parte de mim — a parte que sabia que, provavelmente, nunca mais teria outra oportunidade de fazer algo assim — *queria* ser quem ia dar as explicações. E, devo confessar, o gato foi um toque bastante simpático. Um mágico não poderia ter feito melhor com um coelho e uma cartola.

— Eu sabia que alguma coisa estava errada, mas demorei um momento para absorver o que era. Este aposento é extremamente bem-iluminado, mas hoje está chovendo copiosamente. Olhem em volta e verão que nenhum objeto neste aposento produz uma sombra... *exceto as pernas daquela mesinha*.

Lestrade soltou uma imprecação.

— Está chovendo há quase uma semana — disse eu —, mas tanto o barômetro de Holmes como o do falecido lorde Hull — apontei para ele — indicaram que podíamos esperar sol para hoje. Na realidade, parecia absolutamente garantido. Por isso ele acrescentou as sombras como o toque final.

— Quem acrescentou?

— Jory Hull — falou Holmes naquele mesmo tom cansado. — Quem mais poderia ser?

Inclinei-me para a frente e estiquei minha mão por baixo do canto direito da mesinha de café. Ela desapareceu no vazio, tal como o gato tinha aparecido. Lestrade soltou outra imprecação de espanto. Cutuquei a parte de trás da tela muito bem esticada entre as pernas da frente da mesinha de centro. Os livros e o tapete se estufaram e ondularam, e a ilusão, que tinha sido quase perfeita, desfez-se instantaneamente.

Jory Hull tinha pintado o espaço vazio debaixo da mesinha de centro do pai, tinha se agachado por trás desse vazio enquanto seu pai entrava no aposento, trancava a porta e se sentava à escrivaninha com os dois testamentos. Então, por fim, tinha corrido detrás do vazio, adaga em punho.

— Ele era o único capaz de produzir tão extraordinária peça de realismo — disse eu, dessa vez correndo a mão pela frente da tela. Pudemos todos ouvir o som fraco de raspagem que isso fez, como o ronronar de um gato muito velho. — O único que a podia produzir e o único que podia esconder-se atrás dela. Jory Hull, que não tinha mais de 1,5 metro de altura, pernas em arco e ombros caídos.

Como Holmes disse, a surpresa do novo testamento não foi surpresa alguma. Mesmo que o velho tivesse observado o cuidado de manter segredo sobre a possibilidade de excluir os parentes do testamento, o que não fez, só pessoas simplórias poderiam ter se enganado a respeito do significado da visita do advogado e, mais importante ainda, do seu assistente. São necessárias duas testemunhas para tornar um testamento válido perante a vara de sucessões. O que Holmes disse sobre certas pessoas se prepararem para o desastre é muito verdadeiro. Uma tela tão perfeita assim não foi feita da noite para o dia, nem em um mês. Vocês talvez descubram que ele a tinha pronta, para quando fosse necessário usá-la, há pelo menos um ano...

— Ou cinco — interveio Holmes.

— Suponho que sim. De qualquer modo, Hull anunciou que queria ver a família na sala de estar nesta manhã. Imagino que Jory sabia que a hora tinha chegado. Depois que seu pai foi se deitar ontem de noite, ele teria vindo aqui embaixo e montado sua tela. Suponho que ele tenha colocado as falsas sombras na mesma ocasião, mas, no lugar de Jory, eu teria vindo aqui na ponta dos pés para dar outra olhada no barômetro hoje de manhã, antes da reunião na sala de estar previamente anunciada, só para ter certeza de que ainda estava subindo. Se a porta estivesse fechada, suponho que ele teria surrupiado a chave do bolso do pai e posto de volta mais tarde.

— Ela não estava trancada — falou Lestrade laconicamente. — Como norma, ele mantinha a porta fechada para manter os gatos do lado de fora, mas raramente a trancava.

— Quanto às sombras, elas são apenas tiras de feltro, como vocês podem ver agora. Ele tinha um bom olho. Elas estão aproximadamente onde estariam às 11 desta manhã... se o barômetro estivesse certo.

— Se ele esperava que o sol estivesse brilhando, por que botou sombras em primeiro lugar? — resmungou Lestrade. — O sol coloca as

suas próprias sombras inevitavelmente, caso você nunca tenha notado a sua própria, Watson.

Quanto a isso, fiquei perdido. Olhei para Holmes, que pareceu grato por ter *alguma* participação na resposta.

— Vocês não veem? Essa é a maior ironia de todas! Se o sol tivesse brilhado como o barômetro indicava que iria brilhar, a tela teria *bloqueado* as sombras. Como vocês sabem, pernas pintadas não as produzem. Ele foi apanhado por sombras num dia em que não havia nenhuma sombra porque ele receava ser apanhado por não ter nenhuma sombra num dia em que o barômetro do pai dizia que quase certamente haveria sombras em todos os outros cantos do aposento.

— Ainda não entendo como Jory conseguiu entrar aqui sem que Hull o visse — disse Lestrade.

— Isso também me intriga — falou Holmes. O querido velho Holmes! Duvido que isso o tivesse intrigado por um instante, mas foi isso que ele disse. — Watson?

— A sala de estar na qual lorde Hull se reuniu com sua mulher e seus filhos não tem uma porta que se comunica com a sala de música?

— Tem — respondeu Lestrade —, e a sala de música tem uma porta que se comunica com a sala de bordar de lady Hull, que é a que vem a seguir na direção dos fundos da casa. Mas da sala de desjejum só se pode passar para o corredor, doutor Watson. Se o escritório de Hull tivesse *duas* portas, dificilmente teria ido correndo buscar Holmes como fui.

Essa última frase foi dita num tom de leve autojustificativa.

— Oh, Jory passou para o corredor, sim senhor — disse eu —, porém seu pai não o viu.

— Impossível!

— Vou demonstrar como — falei, e fui até a escrivaninha, onde a bengala do morto ainda estava encostada. Peguei-a e me virei na direção deles. — No mesmo instante em que lorde Hull deixou a sala de estar, Jory se levantou e saiu correndo.

Lestrade lançou um olhar espantado para Holmes, que retribuiu com um olhar calmo e irônico. Não entendi esses olhares naquele momento, nem lhes prestei qualquer atenção, para dizer a verdade. Por algum tempo

ainda, não compreendi inteiramente as implicações mais amplas do quadro que estava desenhando. Acho que estava envolvido demais em minha própria reconstituição.

— Saltou pela primeira porta de comunicação, atravessou correndo a sala de música e entrou na sala de bordar de lady Hull. Então foi até a porta que dá para o corredor e deu uma espiada para fora. Se a gota de lorde Hull tinha piorado tanto a ponto de causar gangrena, ele não teria avançado nem um quarto do percurso pelo corredor — e isso seria otimista. Agora, preste atenção, inspetor Lestrade, e vou lhe mostrar o preço que um homem paga por uma vida inteira de comidas picantes e bebidas fortes. Se ainda nutrir quaisquer dúvidas quando eu tiver terminado, vou fazer desfilar na sua frente uma dúzia de pacientes com gota e cada um deles mostrará os mesmos sintomas deambulatórios que eu agora pretendo demonstrar. Por favor, observe sobretudo como minha atenção está concentrada... e *onde*.

Dito isso, comecei a capengar lentamente através do aposento na direção deles, ambas as mãos apertadas em volta do castão da bengala. Erguia um pé bem alto, fazia-o descer, fazia uma pausa e então puxava a outra perna. Em momento algum levantei os olhos. Em vez disso, eles se moviam da bengala para aquele pé que caminhava à frente.

— É — disse Holmes em voz baixa. — O bom doutor está inteiramente certo, inspetor Lestrade. A gota vem primeiro, depois a perda do equilíbrio e, então (se o paciente viver o suficiente!), o encurvado característico produzido por estar sempre olhando para baixo.

— Jory teria notado muito bem o modo como seu pai concentrava sua atenção quando andava de um ponto a outro — disse eu. — Em consequência, o que aconteceu nesta manhã foi diabolicamente simples. Quando Jory chegou ao quarto de bordar, espreitou pela porta, viu seu pai observando os pés e a ponta da bengala (exatamente como sempre fazia), e viu que estava a salvo. Saiu para o corredor, *bem na frente do pai, que não o via*, e simplesmente saltou para dentro do escritório. A porta, nos informa o inspetor Lestrade, estava destravada e, na realidade, qual teria sido o grau de risco? Eles não estiveram no corredor ao mesmo tempo por mais de três segundos e provavelmente até um pouco menos. — Fiz uma pausa. — O piso do corredor é de mármore, não é? Ele deve ter tirado os sapatos.

— Estava usando chinelos — disse Lestrade num tom de voz estranhamente calmo e, pela segunda vez, seus olhos se encontraram com os de Holmes.

— Ah — disse eu —, estou percebendo. Jory chegou ao escritório bem à frente do pai e se escondeu por trás do seu astucioso cenário de tela. Então sacou a adaga e aguardou. Seu pai chegou ao fim do corredor. Jory ouviu Stanley chamá-lo lá de cima e ouviu seu pai responder em voz alta que estava muito bem. Então lorde Hull entrou no seu escritório pela última vez... fechou a porta... e trancou-a.

Eles estavam olhando para mim atentamente e entendi um pouco do poder divino que Holmes deve ter sentido em momentos como esse, contando a outros o que só ele era capaz de saber. E, no entanto, preciso repetir que é uma sensação que não gostaria de ter com muita frequência. Acho que a vontade de repetir uma sensação como essa teria corrompido a maioria dos homens — homens com menos têmpera nas suas almas do que possuía meu amigo Sherlock Holmes.

— O velho Pernas de Arco de Barril terá tratado de ficar do menor tamanho possível antes de a porta ser trancada, talvez sabendo (ou apenas desconfiando) que seu pai daria uma boa olhada em volta antes de girar a chave e passar o ferrolho. Ele podia estar com gota e ficando um pouco frouxo nas extremidades, mas isso não queria dizer que estava ficando cego.

— Stanley disse que sua vista era de primeira — disse Lestrade. — Uma das primeiras coisas que perguntei.

— Então ele olhou em volta — disse eu, e subitamente pude *ver* a cena, e suponho que era assim também com Holmes, essa reconstrução que, conquanto baseada apenas em fatos e dedução, parecia ser uma meia-visão. — Não viu nada para alarmá-lo, nada que não fosse o escritório como sempre estava, vazio exceto por ele próprio. É um aposento notavelmente desimpedido — não vejo nenhuma porta de armário embutido e, com as janelas em ambos os lados, não há recantos nem desvãos escuros mesmo num dia como o de hoje.

“Tendo se certificado de que estava sozinho, fechou a porta, girou a chave e passou o ferrolho. Jory o teria ouvido capengar até sua escrivaninha. Teria ouvido o baque pesado e o silvo do ar saindo da almofada da cadeira quando o pai se abateu sobre ela: um homem num

estágio bem avançado de gota não se senta propriamente e sim se posiciona sobre um lugar macio e então se deixa cair ali. A essa altura, Jory teria arriscado uma olhadela."

Olhei para Holmes.

— Continue, meu velho — disse afetuosamente. — Você está indo esplendidamente. De primeiríssima classe. — Percebi o que ele queria dizer. Milhares de pessoas o teriam classificado como frio, e não estariam erradas, mas ele também tem um coração grande. Só que Holmes o protegia mais do que a maioria dos homens.

— Obrigado. Jory teria visto seu pai pôr a bengala de lado e colocar os papéis, os dois maços de papéis, sobre o mata-borrão. Ele não matou seu pai imediatamente, embora tivesse podido fazê-lo. É isso que é tão sinistramente patético nesse caso e é por isso que não quis entrar naquela sala de estar onde eles só se preocupam com dinheiro. Não entraria lá, a menos que você e seus homens me arrastassem.

— Como é que você sabe que ele não o fez imediatamente? — perguntou Lestrade.

— O grito veio vários minutos depois de a chave ser girada e o ferrolho passado. Você próprio disse isso, e suponho que disponha de suficientes depoimentos sobre esse ponto para não ter dúvidas a respeito. No entanto, não pode haver mais de 12 passadas largas da porta até a escrivaninha. Mesmo um homem com gota como lorde Hull teria levado meio minuto, 45 segundos no máximo, para ir até a cadeira e se sentar. Acrescente 15 segundos para ele encostar a bengala onde você a encontrou e colocar seus testamentos sobre o mata-borrão.

"O que aconteceu então? O que aconteceu durante aquele último minuto ou dois, um período curto que deve ter parecido, pelo menos para Jory Hull, quase interminável? Acho que lorde Hull simplesmente ficou sentado ali, olhando de um testamento para o outro. Jory teria sido capaz de diferenciar um do outro muito facilmente: as cores diferentes dos pergaminhos seriam toda a indicação de que necessitaria.

"Ele sabia que seu pai pretendia atirar um deles no fogão de aquecimento. Acho que ele esperou para ver qual seria. Afinal de contas havia uma possibilidade de que o velho demônio estivesse apenas fazendo uma cruel brincadeira de mau gosto à custa da sua família. Talvez fosse

queimar o testamento novo e colocar o velho de volta no cofre. Depois podia sair do escritório e dizer à família que o novo testamento estava guardado em segurança. Você sabe onde fica, Lestrade? O cofre?"

— Cinco dos livros naquela estante giram para fora — disse Lestrade, apontando para uma prateleira na área de biblioteca.

— Tanto a família como o velho teriam ficado satisfeitos então: a família teria constatado que a herança a que tinham direito estavam garantidas e o velho teria ido para o túmulo achando que tinha perpetrado a brincadeira de mau gosto mais cruel de todos os tempos... mas teria ido como vítima de Deus ou de si mesmo, e não de Jory Hull.

Por uma terceira vez Holmes e Lestrade trocaram aquele olhar estranho, entre achando graça e sentindo indignação.

— Eu próprio tendo a pensar que o velho estava apenas saboreando o momento, da mesma maneira que um homem pode no meio da tarde antegozar a perspectiva de um drinque depois do jantar ou de um doce depois de longo período de abstinência. De qualquer modo, o minuto se passou e lorde Hull começou a se erguer... mas com o pergaminho mais escuro na mão e de frente para o fogão de aquecimento em vez do cofre. Quaisquer que fossem suas esperanças, não houve nenhuma hesitação da parte de Jory quando chegou a hora. Saltou do esconderijo, cruzou a distância entre a mesinha de centro e a escrivaninha num instante e mergulhou a faca nas costas do pai antes que ele estivesse completamente de pé.

"Desconfio que a autópsia mostrará que a estocada traspassou o ventrículo direito e penetrou no pulmão, o que explicaria a quantidade de sangue sobre a escrivaninha. Também explica por que lorde Hull conseguiu gritar antes de morrer, e foi isso que estragou as coisas para o senhor Jory Hull."

— Como assim? — indagou Lestrade.

— Um aposento trancado é um mau negócio, a menos que se pretenda fazer o assassinato passar por suicídio — disse eu, olhando para Holmes. Ele sorriu e assentiu com a cabeça ao ouvir essa máxima de sua autoria. — O que Jory menos desejava era que as coisas aparecessem como apareceram... o aposento trancado, as janelas trancadas, o homem com uma faca num lugar onde ele próprio nunca poderia tê-la enfiado. Acho

que ele nunca previu que seu pai morreria com tanto alarido. Seu plano era apunhalá-lo, queimar o testamento novo, vasculhar a mesa, destravar uma das janelas e fugir por ela. Teria entrado na casa por alguma outra porta, retomado seu lugar embaixo da escadaria e então, quando o corpo fosse finalmente descoberto, teria parecido um latrocínio.

— Não para o advogado de Hull — falou Lestrade.

— Entretanto, ele bem poderia ficar calado — pensou Holmes em voz alta, e depois acrescentou com jovialidade: — Aposto que nosso amigo artista pretendia também colocar algumas pegadas. Constatei que o melhor tipo de assassino quase sempre gosta de adicionar algumas pegadas misteriosas na direção oposta à cena do crime.

Ele emitiu um som curto e seco, que era mais um rosnar do que um riso, depois olhou de volta da janela mais perto da escrivaninha para Lestrade e para mim.

— Acho que estamos todos de acordo em que, dadas as circunstâncias, teria parecido um assassinato suspeitosamente conveniente, mas, mesmo que o advogado se manifestasse, nada poderia ser *provado*.

— Ao gritar, lorde Hull estragou tudo — disse eu —, como tinha estragado outras coisas toda a sua vida. O pessoal da casa se agitou. Jory deve ter ficado num pânico total, petrificado no lugar em que estava como um cervo fica diante de uma luz forte. Foi Stephen Hull que salvou a situação... ou, pelo menos, o álibi de Jory, aquele segundo no qual ele estava sentado no banco debaixo da escadaria quando seu pai foi assassinado. Stephen veio da sala de música correndo pelo corredor, arrombou a porta e deve ter sibilado a Jory para ir com ele até a escrivaninha imediatamente, de modo que iria parecer que os dois tinham arrombado a porta jun...

Parei no meio, como fulminado por um raio. Por fim entendi os olhares que tinham sido trocados entre Holmes e Lestrade. Entendi o que eles devem ter visto do momento em que lhes mostrei o truque do esconderijo: *isso não podia ter sido feito por alguém sozinho*. O assassinato, sim, mas o resto...

— Stephen disse que ele e Jory tinham se encontrado na porta do escritório — falei lentamente. — Que ele, Stephen, arrombou-a e eles entraram juntos, encontraram o corpo juntos. Ele mentiu. Poderia ter feito

isso para proteger seu irmão, mas mentir tão bem quando não se sabe o que aconteceu parece... parece...

— *Impossível* — disse Holmes —, é a palavra que você está buscando, Watson.

— Então Jory e Stephen entraram nisso juntos — disse eu. — Planejaram juntos... e, perante a lei, ambos são culpados do assassinato de seu pai! Meu Deus!

— Não eles dois, meu caro Watson — disse Holmes num tom de curiosa delicadeza. — *Todos* eles.

Não consegui mais do que ficar de boca aberta.

Ele reiterou com a cabeça.

— Você mostrou uma perspicácia notável nesta manhã, Watson. Na realidade, você ardeu num calor dedutivo que aposto que nunca mais voltará a gerar. Tiro o chapéu para você, meu caro, como o faria para qualquer homem capaz de transcender sua natureza normal, não importa quão fugazmente. Mas num sentido você continuou a ser a mesma pessoa querida que sempre foi: conquanto você compreenda como as pessoas podem ser boas, não tem nenhuma compreensão de como *podem* ser más.

Olhei para ele em silêncio, quase com humildade.

— Não que tenha havido muita maldade aqui, se a metade do que ouvimos sobre lorde Hull é verdade — disse Holmes. Levantou-se e começou a caminhar irritado pelo escritório. — Quem dá o depoimento de que Jory estava com Stephen quando a porta foi arrombada? Jory, naturalmente. Stephen, naturalmente. Mas há dois outros rostos nesse retrato de família. Um pertence a William, o terceiro irmão. Você concorda, Lestrade?

— Concordo — falou Lestrade. — Se essa é a verdade da questão, William também tem que estar metido nisso. Ele disse que estava na metade da escadaria quando viu eles dois entrarem juntos, Jory um pouco na frente.

— Que interessante! — falou Holmes, os olhos brilhando. — *Stephen* arromba a porta (sendo o mais moço e o mais forte, é claro que ele é que devia fazê-lo) e portanto era de se esperar que a simples força da inércia o

teria impelido para dentro do quarto primeiro. No entanto, William, na metade da escadaria, viu *Jory* entrar primeiro. Por que foi isso, Watson?

Não pude mais do que balançar a cabeça apalermado.

— Pergunte-se qual é o depoimento, *qual é o único depoimento* em que podemos confiar aqui. A resposta é o da única testemunha que não é parte da família: o valete de lorde Hull, Oliver Stanley. Ele se aproximou da balaustrada da galeria a tempo de ver Stephen entrar no aposento e assim era exatamente como tinha que ser, já que Stephen estava sozinho quando arrombou a porta. Foi *William*, com um melhor ângulo do lugar em que estava na escadaria, quem disse que viu Jory entrar na frente de Stephen no escritório. William disse isso porque tinha visto Stanley e sabia o que este *teria que* dizer. Resume-se no seguinte, Watson: sabemos que Jory estava dentro do aposento. Como seus dois irmãos dão o depoimento de que ele estava *do lado de fora*, houve, no mínimo, cumplicidade. Mas, como você disse, a maneira eficiente pela qual eles todos cooperaram sugere algo muito mais grave.

— Conspiração? — disse eu.

— É. Você se lembra que eu lhe perguntei, Watson, se você achava que eles quatro tinham simplesmente saído sem dizer uma palavra daquela sala de estar em quatro direções diferentes depois de ouvirem a porta do escritório se fechar.

— É, agora me lembro.

— Eles *quatro*. — Olhou rapidamente para Lestrade, que concordou com a cabeça, e depois de volta para mim. — Sabemos que Jory tinha que sair em disparada para tratar da sua parte no instante em que o velho saiu da sala de estar a fim de chegar ao escritório na frente dele, no entanto todos os quatro sobreviventes da família (incluindo lady Hull) disseram que estavam na sala de estar quando lorde Hull trancou a porta do seu escritório. O assassinato de lorde Hull foi sem dúvida alguma um assunto de família, Watson.

Estava muito arrasado para dizer qualquer coisa. Olhei para Lestrade e vi no seu rosto uma expressão que nunca vira antes e nunca mais vi depois: uma espécie de seriedade cansada e enojada.

— O que podem eles esperar? — falou Holmes num tom quase jovial.

— Jory certamente será enforcado — disse Lestrade. — Stephen será condenado à prisão perpétua. Will Hull pode pegar prisão perpétua, porém o mais provável é que pegue vinte anos em Wormwood Scrubs, uma espécie de morte em vida.

Holmes se inclinou para a frente e passou a mão pela tela esticada entre as pernas da mesinha de centro. Ela fez aquele estranho ruído de ronronar rouco.

— Lady Hull — prosseguiu Lestrade — pode esperar passar os próximos cinco anos de sua vida em Beechwood Manor, mais comumente conhecido entre as detentas como Palácio da Peste... Embora, tendo conhecido a senhora, acredito mais que ela encontrará outra saída. Meu palpite seria o láudano do marido.

— Tudo porque Jory Hull deixou de dar uma estocada certeira — observou Holmes e suspirou. — Se o velho tivesse demonstrado a amabilidade de morrer em silêncio, tudo estaria bem. Jory teria, como Watson disse, saído pela janela, levando a tela consigo, é claro... para não mencionar suas sombras de tapeação. Todos os empregados estariam dentro do escritório, exclamando coisas em volta do seu senhor morto. A família estaria em plena confusão. Que péssima sorte tiveram, Lestrade! A que distância estava o policial quando Stanley o chamou?

— Mais perto do que você imaginaria — disse Lestrade. — Na realidade, correndo pelo caminho de acesso para a porta. Ele estava passando na sua ronda regular e ouviu um grito vindo da casa. *Tiveram* péssima sorte.

— Holmes — disse eu, sentindo-me muito mais cômodo no meu velho papel —, como você sabia que havia um policial tão perto?

— A razão mais simples do mundo, Watson. Em caso contrário, a família teria mandado os empregados para fora de lá o tempo suficiente para esconder a tela e as "sombras".

— Bem como destravar pelo menos uma janela, imaginaria eu — acrescentou Lestrade numa voz invulgarmente baixa.

— Eles *podiam* ter tirado a tela e as sombras — disse eu de repente.

Holmes virou-se para mim.

— Podiam.

Lestrade ergueu as sobrancelhas.

— Reduziu-se a uma opção — disse para ele. — Havia tempo suficiente para queimar o novo testamento ou livrar-se da parafernália... isso teria sido apenas Stephen e Jory, é claro, nos instantes logo depois de Stephen arrombar a porta. Eles, ou melhor, *Stephen*, caso vocês tenham tirado corretamente a medida dos personagens e acho que tiraram, decidiu queimar o testamento e torcer para tudo dar certo. Imagino que só deu tempo para enfiá-lo no fogão de aquecimento.

Lestrade voltou-se, olhou para o fogão, depois tornou a olhar para ele.

— Somente um homem tão mau como Hull teria forças suficientes para gritar no final — disse ele.

— Somente um homem tão mau como Hull teria levado um filho a matá-lo — retorquiu Holmes.

Ele e Lestrade se entreolharam e, mais uma vez, algo passou entre eles, alguma comunicação perfeitamente silenciosa da qual eu próprio fui excluído.

— Você alguma vez fez isso? — perguntou Holmes, como se estivesse retomando uma conversa antiga.

Lestrade balançou a cabeça negativamente.

— Uma vez cheguei muito perto — disse ele. — Havia uma moça envolvida, não era culpa dela, não mesmo. Cheguei perto. Porém... era só uma.

— E aqui há quatro — replicou Holmes, entendendo-o perfeitamente. — Quatro pessoas de que se aproveitou um vilão que deveria morrer dentro dos próximos seis meses de qualquer maneira.

Por fim entendi sobre o que estavam conversando.

Holmes voltou seus olhos cinzentos para mim.

— O que você diz, Lestrade? Watson solucionou este aqui, embora ele não tivesse visto todas as ramificações. Vamos deixar que Watson decida?

— Está bem — disse Lestrade de mau humor. — Apenas, seja rápido. Quero sair deste maldito aposento.

Em vez de responder, abaixei-me, peguei as sombras de feltro, enrolei-as e coloquei-as no bolso do meu casaco. Senti-me bastante esquisito

fazendo isso, do mesmo jeito que me sentira quando estava padecendo de uma febre que quase me tomou a vida na Índia.

— Você é um camarada de primeira, Watson! — exclamou Holmes. — Solucionou o seu primeiro caso, tornou-se cúmplice de assassinato e nem está ainda na hora do chá! E aqui está um *souvenir* para mim, uma obra original de Jory Hull. Duvido que esteja assinada, mas cada um deve ser grato pelo que quer que os deuses nos enviem nos maus tempos. — Utilizou seu canivete para soltar a cola de pintor que prendia a tela às pernas da mesinha de centro. Trabalhou rápido e, em menos de um minuto, estava enfiando um fino tubo de tela no bolso interno de seu sobretudo volumoso.

— Isso é um trabalho sujo — disse Lestrade, mas foi até uma das janelas e, depois de hesitar por um instante, soltou as travas que a prendiam e abriu-a cerca de dois centímetros.

— Diga que é um trabalho sujo desfeito — falou Holmes num tom de alegria quase frenética. — Vamos embora, cavalheiros?

Fomos até a porta. Lestrade a abriu. Um dos policiais lhe perguntou se havia algum progresso.

Em qualquer outra ocasião, Lestrade poderia tê-lo desancado verbalmente. Dessa vez, disse sucintamente:

— Parece tentativa de roubo que virou coisa pior. Eu percebi logo, é claro; Holmes, um instante depois.

— Que pena! — arriscou o outro policial.

— É — disse Lestrade —, mas pelo menos o grito do velho fez o ladrão fugir antes que pudesse roubar qualquer coisa. Prossigam com o trabalho.

Saímos. A porta da sala de estar estava aberta, mas mantive minha cabeça abaixada quando passamos por ela. Holmes olhou, é claro. Não havia como pudesse deixar de olhar. Era simplesmente o seu feitio. Quanto a mim, nunca vi ninguém da família. Nunca quis.

Holmes estava espirrando novamente. Seu amigo estava novamente se enroscando nas suas pernas e miando feliz.

— Deixe-me sair daqui — disse ele, e saiu em disparada.

Uma hora depois, estávamos de volta ao 221B da Baker Street, praticamente nas mesmas posições em que nos encontrávamos quando Lestrade tinha ido até lá: Holmes, na poltrona junto da janela; eu, no sofá.

— Bem, Watson — acabou falando Holmes —, como é que você acha que vai dormir hoje à noite?

— Como uma pedra — disse eu. — E você?

— Do mesmo jeito, tenho certeza — falou. — Estou contente de estar longe daqueles malditos gatos, isso posso lhe garantir.

— Como você acha que Lestrade vai dormir?

Holmes olhou para mim e sorriu.

— Mal, hoje à noite. Talvez mal durante uma semana. Mas depois estará bem. Entre seus outros talentos, Lestrade é muito bem-dotado em termos de esquecimento criativo.

Isso me fez dar uma gargalhada.

— Olhe, Watson! — disse Holmes. — Olhe que espetáculo!

Levantei-me e fui até a janela, de algum modo convicto de que iria ver Lestrade chegando ao coche aberto mais uma vez. Em vez disso, vi o sol surgindo por entre as nuvens, banhando Londres numa luminosidade gloriosa de fim de tarde.

— Acabou aparecendo afinal — disse Holmes. — Maravilhoso, Watson! Faz com que a gente se sinta feliz de estar vivo! — Pegou seu violino e começou a tocar, o sol batendo em cheio no seu rosto.

Olhei para seu barômetro e vi que estava caindo. Isso me fez rir tão forte que tive que me sentar. Quando Holmes me perguntou — num tom levemente irritado — qual era o problema, só consegui sacudir a cabeça. Na verdade, não tenho certeza de que ele teria entendido, de qualquer modo. Não era assim que sua mente funcionava.

10 Referência a uma fala da peça *Henrique IV* de William Shakespeare: *Before the game is afoot, thou still let'st slip*. (N. do E.)

O último caso de Umney

AS CHUVAS PASSARAM. *As colinas ainda estão verdes e pelo vale que atravessa as colinas de Hollywood pode-se ver neve nas montanhas altas. As lojas de abrigos de pele estão anunciando suas liquidações anuais. Os prostíbulos especializados em virgens de 16 anos estão trabalhando em vendas de terrenos para escritórios. E em Beverly Hills os jacarandás estão começando a florir.*

— Raymond Chandler,
A irmãzinha

I. As notícias de Peoria

Era uma daquelas manhãs de primavera típicas de Los Angeles, tão perfeita que você esperava ver aquele pequeno símbolo de marca registrada — ® — carimbado nela de algum modo. A fumaça que saía dos escapamentos dos veículos que passavam pelo Sunset Boulevard exalava um vago aroma de oleandro, o oleandro tinha um vago perfume de fumaça de carro e o céu lá em cima estava limpo como a consciência de um batista convicto. Peoria Smith, o menino jornaleiro cego, estava parado no seu lugar de costume na esquina de Sunset e Laurel e, se isso não mostrava que Deus estava no Céu e que tudo estava tranquilo com o mundo, então não sei o que mostraria.

No entanto, desde que eu tinha posto os pés pra fora da cama nessa manhã, no horário nada habitual das 7h30, as coisas de algum modo davam uma sensação de estarem um pouco fora de esquadro, um tanto embaralhadas nas pontas. Foi só quando estava fazendo a barba — ou, pelo menos, mostrando para aqueles pelos impertinentes a navalha numa tentativa de fazê-los se submeterem por medo — que me dei conta de parte da razão para isso. Embora tivesse ficado lendo até pelo menos duas da madrugada, não tinha ouvido os Demmicks entrarem, bêbados até as orelhas e trocando aquelas frases de uma linha só que aparentemente formam a base do casamento deles.

Nem tampouco tinha escutado Buster, e isso era ainda mais estranho. Buster, o *Welsh corgi* dos Demmicks, tem um latido agudo que penetra na cabeça da gente como agulhas de vidro, e ele late assim o máximo que

pode. Além disso, é do tipo ciumento. Ele dispara uma das suas saraivadas de latidos agudos todas as vezes que George e Gloria se agarram e, quando eles não estão trocando sopapos feito um par de cômicos de teatro de revista, George e Gloria geralmente *estão* se agarrando. Mais de uma vez, fui dormir escutando-os darem risadinhas enquanto aquele cachorro sapateia em volta dos pés deles fazendo *iarqiarqiarq* e me perguntando se seria muito difícil estrangular um cachorro musculoso e de porte médio com uma corda de piano. Na noite passada, entretanto, os Demmicks não se portaram exatamente como um casal que tem uma vida metódica como um relógio nos seus melhores dias.

Peoria Smith, porém, estava normal — vivo como um esquilo, do mesmo jeito de sempre, e tinha me reconhecido pelo meu andar, embora fosse pelo menos uma hora antes do meu horário de costume. Ele estava usando um moletom bem largo da CalTech que lhe descia até a altura das coxas e umas calças curtas de veludo cotelê que ressaltavam seus joelhos cheios de cicatrizes. Sua odiada bengala branca estava encostada de qualquer jeito na borda lateral da mesa de jogo que utilizava para realizar suas transações.

— Oi, senhor Umney! Comé que vai, cara?

Os óculos escuros de Peoria brilhavam ao sol da manhã e, quando ele se virou na direção do som dos meus passos com meu exemplar do *L. A. Times* estendido à sua frente, tive por um instante um pensamento perturbador: era como se alguém tivesse perfurado dois buracos negros e grandes no seu rosto. Livrei-me do pensamento com um arrepio na espinha, considerando que talvez já fosse hora de eliminar o gole de uísque de centeio antes de ir pra cama. Ou isso ou dobrar a dose.

Hitler estava na primeira página do *Times*, como costumava estar naquela época. Dessa vez, era alguma coisa com a Áustria. Pensei — e não pela primeira vez — como aquela cara pálida e aquela madeixa caída iriam bem num cartaz de "Procura-se" afixado no quadro de avisos de uma agência de correios.

— O cara vai indo quase bem, Peoria — disse eu. — Na verdade, o cara está tão bem quanto tinta fresca na parede de uma casinhola de latrina no fundo do quintal.

Deixei cair uma moeda de dez centavos na caixa de Corona posta sobre a pilha de jornais de Peoria. O *Times* custa três, e mesmo assim é mais

caro do que vale, mas venho depositando essa mesma moedinha na caixa de troco de Peoria há tanto tempo que nem me lembro desde quando. Ele é um bom garoto e tira boas notas na escola — dei-me o trabalho de conferir no ano passado, depois de ele me dar uma ajuda no caso Weld. Se Peoria não tivesse aparecido na casa flutuante de Harris Brunner quando apareceu, eu ainda estaria tentando nadar com meus pés cimentados dentro de um tonel de querosene, em algum ponto ao largo da praia de Malibu. Dizer que lhe devo um bocado é dizer pouco.

No curso daquela investigação (sobre Peoria Smith, não Harris Brunner e Mavis Weld), eu até descobri o nome verdadeiro do garoto, embora nenhuma força no mundo seja capaz de arrancá-lo de mim. O pai de Peoria deu uma saída permanente para tomar café de uma janela do nono andar de um edifício de escritórios na Black Friday;[11] sua mãe é a única frágil mulher branca que trabalha naquela lavanderia chinesa idiota em La Punta; e o garoto é cego. Com tudo isso, por acaso o mundo precisa saber que lhe impingiram Francis quando ele era jovem demais para poder resistir? O advogado encerra sua defesa.

Se alguma coisa realmente apetitosa tivesse acontecido na noite anterior, você quase sempre a encontrava na primeira página do *Times*, do lado esquerdo, logo depois da dobra. Virei o jornal e vi que um regente de orquestra popular, de origem cubana, tinha sofrido um ataque cardíaco quando dançava com a cantora da sua orquestra em The Caroussel, em Burbank. Tinha morrido uma hora depois no Hospital Central de Los Angeles. Tive certa pena da viúva do maestro, mas nenhuma dele mesmo. Minha opinião é que as pessoas que vão dançar em Burbank merecem o que lhes acontece.

Abri na seção de esportes para ver como o Brooklyn tinha se saído na partida principal com os Cardinals no dia anterior.

— E você, Peoria? Tudo bem no seu castelo? Os fossos e as muralhas, tudo em ordem?

— Tudo mesmo, senhor Umney! E como!

Alguma coisa na sua voz me chamou a atenção e baixei o jornal para olhar melhor para ele. Ao fazê-lo, vi o que um bobalhão metido a esperto como eu devia ter visto logo de cara: o garoto estava quase estourando de felicidade.

— Você está com um jeito como se alguém tivesse acabado de lhe dar seis entradas para o primeiro jogo da World Series —[12] disse eu. — Qual é a parada, Peoria?

— Minha mãe acertou na loteria lá em Tijuana! — falou. — Quarenta mil pratas! Nós estamos ricos, meu irmão! *Ricos!*

Dei-lhe um sorriso largo, que ele não podia ver, e desmanchei-lhe os cabelos. Fez seu redemoinho ficar espetado, mas e daí?

— Epa, pera aí. Quantos anos você tem, Peoria?

— Doze, em maio. O *senhor* sabe, senhor Umney, o senhor me deu uma camisa polo. Mas não vejo o que isso tem a ver com...

— Doze anos já é idade suficiente para saber que às vezes as pessoas confundem o que elas *querem* que aconteça com o que *de fato* acontece. Foi só isso que eu quis dizer.

— Se o senhor está falando de sonhar acordado, o senhor tem razão, eu *realmente* sei do que o senhor tá falando — disse Peoria, passando as mãos pela parte de trás da cabeça numa tentativa de acertar o redemoinho novamente —, mas isso não é sonhar acordado de jeito nenhum, senhor Umney. Isso é pra valer! Meu tio Fred foi até lá e pegou o dinheiro ontem de tarde. Trouxe de volta nas bolsas laterais da sua Vinnie![13] Eu senti o cheiro dele! Que diabo, eu *rolei* nele! Estava espalhado por cima da cama da minha mãe todinha! A sensação mais forte que jamais tive, deixe que lhe diga: 40 mil pacotes funicados!

— Doze anos pode ser idade suficiente para saber a diferença entre sonhar acordado e a realidade, mas não é suficiente para falar desse jeito — disse eu. Ficou bonito e tenho certeza de que a Liga dos Bons Costumes teria dado sua aprovação dois mil por cento, mas minha boca estava funcionando no piloto automático e eu mal escutei o que estava saindo dela. Estava preocupado demais tentando fazer meu cérebro absorver o que ele tinha acabado de me dizer. De uma coisa estava absolutamente certo: ele tinha se enganado. Ele *tinha* que ter se enganado, porque, se fosse verdade, então Peoria não estaria mais ali sempre que me aproximasse, a caminho do escritório no edifício Fulwider. E isso não era possível.

Percebi que minha cabeça retornava para os Demmicks, que, pela primeira vez na história conhecida, não tinham tocado nenhum dos seus

discos de grandes orquestras de salão no volume mais alto, e para Buster, que, pela primeira vez na história conhecida, não tinha saudado o ruído da chave de segurança de George girando na fechadura com uma fuzilaria de latidos. A ideia de que alguma coisa estava fora de esquadro voltou e, dessa vez, mais forte.

Nesse meio-tempo, Peoria estava virado para mim com uma expressão que eu nunca esperara ver no seu rosto honesto e franco: uma irritação chateada mesclada de grande mau humor. Era a maneira como um garoto olha para um tio falastrão que já contou todas as suas histórias, inclusive as chatas, três ou quatro vezes.

— O senhor não está se ligando nessa notícia de última hora, senhor Umney? Nós estamos *ricos*! Minha mãe não vai mais ter que passar camisas praquele maldito Lee Ho e eu não vou mais ter que vender jornais na esquina, tremendo de frio quando chove no inverno e tendo que puxar o saco daqueles velhos birutas que trabalham lá no Bilder's. Posso parar de fingir que morri e fui para o céu toda vez que um desses pães-duros me deixa uma gorjeta de cinco centavos.

Isso me espantou um pouco, mas, que diabos, eu não era homem de cinco centavos. Deixava sete centavos para Peoria, todo santo dia. A menos, é claro, que estivesse duro demais para poder me dar a esse luxo, mas no meu negócio um trecho pedregoso de vez em quando faz parte.

— Talvez fosse melhor a gente ir até o Blondie's e tomar um cafezinho — disse eu. — Vamos conversar sobre isso.

— Não podemos. Está fechado.

— *Blondie's?* Não pode ser!

Mas Peoria não tinha nenhum interesse em coisas tão mundanas como o café mais adiante na rua.

— O senhor ainda não ouviu a melhor parte, senhor Umney! Meu tio Fred conhece um médico lá em Frisco —[14] um especialista — que acha que talvez possa dar um jeito nos meus olhos. — Virou o rosto para mim. Abaixo dos óculos escuros e do nariz fino demais, os lábios estavam tremendo. — Ele disse que poderia não ser os nervos óticos e, se não for, tem uma operação... eu não entendo toda a coisa técnica, mas poderia voltar a enxergar, senhor Umney! — Esticou as mãos para mim às cegas...

Bem, é claro que fez assim. Como *poderia* esticar as mãos para mim de outra maneira? — *Eu poderia enxergar novamente!*

Ele se agarrou a mim, e eu segurei suas mãos e apertei-as rapidamente, antes de empurrá-las de volta com delicadeza. Seus dedos estavam sujos de tinta de jornal, e eu estava me sentindo tão bem quando tinha me levantado que tinha vestido o terno de flanela cor de giz. É claro que era quente para o verão, mas hoje em dia a cidade inteira tem ar-condicionado e, além disso, estava me sentindo naturalmente arejado.

Agora não estava mais me sentindo tão arejado. Peoria estava erguendo os olhos para mim, seu rosto fino e de certo modo perfeito de jornaleiro exibindo desassossego. Uma leve brisa — com aroma de oleandro e fumaça de automóvel — desmanchou seu redemoinho e me dei conta de que isso tinha acontecido porque ele não estava usando seu boné de *tweed*. De certa forma, ele parecia estar nu sem ele, e por que não? Todos os jornaleiros deviam usar um boné de *tweed*, tal como todo menino engraxate deve usar um boné mole e grande empurrado bem para trás na cabeça.

— O que que há, senhor Umney? Pensei que o senhor ia ficar contente. Puxa vida, eu não tinha que vir até aqui pra essa porcaria de esquina hoje, tá sabendo, mas vim. Eu até cheguei aqui cedo, porque eu estava meio com essa ideia de que *o senhor* ia passar por aqui cedo. Achei que o senhor ia ficar contente, com minha mãe ganhando a loteria e eu conseguindo uma oportunidade de uma operação, mas o senhor num ficou. — Agora sua voz estava trêmula de ressentimento. — O senhor num ficou!

— Fiquei sim — falei e *queria* ficar contente, de qualquer modo, uma parte de mim queria, mas a droga dessa história era que basicamente ele tinha razão. Porque isso significava que as coisas iam mudar, entende, e as coisas não *deviam* mudar. Peoria Smith devia estar ali, entra ano sai ano, com aquele seu boné perfeito empurrado para trás nos dias de calor e puxado baixo sobre os olhos nos de chuva, de modo que as gotas da chuva caíam pela borda da pala. Ele devia estar sempre sorrindo, não devia jamais dizer "diabo" ou "funicados" e, acima de tudo, ele devia ser *cego*.

— O senhor *num tá*! — disse ele, e depois, de forma chocante, virou a mesinha de jogo, que caiu na rua, fazendo voar jornais para todos os lados. Sua bengala branca rolou para a sarjeta. Peoria ouviu-a rolar e se abaixou para pegá-la. Eu podia ver lágrimas surgindo por trás dos seus óculos

escuros e irem rolando por suas bochechas magras e pálidas. Começou a tatear em busca da bengala, mas ela caiu perto de mim e ele estava indo na direção errada. Subitamente, senti um grande ímpeto de armar o pé e dar um chute na sua bunda de jornaleiro cego.

Em vez disso, abaixei-me para a frente, peguei a bengala e toquei de leve seu quadril com ela.

Peoria se voltou, rápido como uma cobra, e tomou-a da minha mão. Pelo canto do olho podia ver retratos de Hitler e do maestro cubano de orquestra popular falecido recentemente voando para todos os lados no Sunset Boulevard. Um ônibus que ia para Van Ness foi fungando pelo meio de um bolo deles, deixando para trás um odor amargo de vapores de óleo diesel. Odiei a forma como aqueles jornais estavam, esvoaçando por toda parte. Eles davam uma impressão de bagunça. Pior, davam a impressão de algo *errado*. Inteira e completamente *errado*. Lutei contra outro ímpeto, tão forte quanto o primeiro, de agarrar Peoria e sacudi-lo. Dizer-lhe que ele ia passar o resto da manhã juntando aqueles jornais e não ia deixá-lo ir para casa até que tivesse recolhido o último deles.

Dei-me conta de que, menos de dez minutos antes, estava pensando que esta era uma manhã perfeita de Los Angeles — tão perfeita que merecia um símbolo de marca registrada. E ela *havia* sido, que diabo. Então, quando foi que as coisas ficaram erradas? E como isso aconteceu tão depressa?

Não me veio nenhuma resposta, apenas uma voz interior, irracional mas potente, dizendo-me que a mãe do garoto *não podia* ter ganhado a loteria, que o garoto *não podia* parar de vender jornais e que, acima de tudo, o garoto não podia ver. Peoria Smith devia ser cego para o resto da vida.

Bem, tem que ser alguma coisa experimental, pensei eu. *Mesmo que o médico em Frisco não seja um charlatão, que provavelmente é, a operação deve fracassar.*

E, por estranho que pareça, essa ideia me acalmou.

— Ouça — disse eu —, nós começamos mal hoje de manhã, foi só isso. Deixe-me compensar o que fiz. Vamos até o Blondie's e pago um café da manhã pra você. O que você acha, Peoria? Você pode mergulhar num prato de ovos com bacon e me contar tudo so...

— Vá se foder! — berrou ele, fazendo-me sentir um choque que foi até a sola dos meus sapatos. — Foda-se você e seu café da manhã, seu detetivezinho barato! Você pensa que quem é cego não consegue ver quando pessoas como você estão mentindo descaradamente? Vá se foder! E não ponha as mãos em mim daqui por diante! Acho que você é viado!

Isso foi demais. Ninguém me chama de viado e fica por isso mesmo, nem um garoto jornaleiro cego. Esqueci por completo como Peoria tinha salvado minha vida naquele negócio da Mavis Weld. Estiquei a mão para sua bengala, com a intenção de tomá-la dele e bater com ela em sua cabeça umas tantas vezes. Para ensinar-lhe um pouco de boas maneiras.

Mas, antes que pudesse pegá-la, ele se mandou e meteu a ponta da bengala no meu baixo-ventre — quero dizer baixo *mesmo*. Dobrei-me em dois, mas, mesmo enquanto estava tentando não uivar de dor, estava me dando por muito feliz: cinco centímetros ainda mais pra baixo e eu poderia abandonar a profissão de espiar por buracos de fechadura e conseguir um emprego de soprano lírico no Palácio dos Doges.

Mesmo assim, num ato de reflexo, tentei agarrá-la, mas ele deu com ela na parte de trás do meu pescoço. Com força. Não quebrou, mas ouvi um estalo. Achei que podia terminar o trabalho quando o pegasse, e enfiar a bengala na sua orelha direita. Ia mostrar a ele quem era viado.

Ele se afastou para trás, como se tivesse captado minha onda mental, e atirou a bengala na rua.

— Peoria — consegui dizer. Talvez ainda houvesse tempo para agarrar a sanidade pela fralda da camisa. — Peoria, o que está acontecendo com...

— *E não me chame assim!* — berrou ele. — *Meu nome é Francis!* Frank! *Você é que começou a me chamar de Peoria! Você começou e agora todo mundo me chama assim, e eu odeio!*

Meus olhos cheios d'água fizeram uma dupla imagem dele enquanto ele dava meia-volta e corria para o outro lado da rua, sem prestar atenção nos carros (e, para sorte dele, não havia nenhum no momento), as mãos estendidas. Achei que ele ia tropeçar no meio-fio do outro lado — na realidade, estava torcendo para que isso acontecesse —, mas suponho que os cegos devem manter um conjunto muito bom de mapas de levantamento topográfico na cabeça. Saltou para a calçada com a mesma destreza de um cabrito, depois voltou seus óculos escuros na minha

direção. Havia uma expressão de triunfo alucinado no seu rosto manchado de lágrimas e os vidros escuros dos óculos se pareciam ainda mais com buracos. Buracos grandes, como se alguém o tivesse atingido com dois cartuchos de escopeta de grosso calibre.

— O *Blondie's acabou, játefalei!* — gritou ele. — *Minha mãe disse que ele fechou tudo e se mandou com aquela ruiva vagabunda que ele tinha contratado no mês passado! Bem feito pra você, seu cara de cu!*

Virou-se e foi correndo pelo Sunset naquele seu jeito estranho, com as mãos estendidas à sua frente, com os dedos abertos. Havia pessoas paradas em pequenos grupos, de ambos os lados da rua, olhando para ele, olhando para os jornais esvoaçando pela rua, olhando para mim.

Parecia que, sobretudo, olhando para mim.

Dessa vez Peoria — bem, está bem, Francis — foi até o Derringer's Bar antes de se voltar para disparar uma última barragem de artilharia.

— *Vá se foder, senhor Umney!* — gritou, e saiu correndo de novo.

II. A tosse de Vernon

Consegui me endireitar e atravessar a rua. Peoria, também conhecido como Francis Smith, tinha sumido há muito tempo, mas eu também queria me afastar daqueles jornais esvoaçantes. Olhar para eles estava me dando uma dor de cabeça que, de alguma forma, era pior do que a dor no meu baixo-ventre.

No outro lado da rua, fiquei olhando fixo para dentro da papelaria Felt's como se a nova caneta esferográfica Parker na vitrine fosse a coisa mais fascinante que tinha visto em toda a minha vida (ou talvez fossem aquelas agendas *sexy* de imitação de couro). Depois de uns cinco minutos, mais ou menos — tempo suficiente para memorizar todos os artigos na vitrine —, me senti em condições de retomar meu percurso interrompido pelo Sunset sem adernar demais para bombordo.

As perguntas giravam na minha mente como os mosquitos giram em torno da cabeça no *drive-in* em San Pedro quando a gente se esquece de levar um ou dois bastões de repelente. Consegui ignorar a maioria delas, mas umas duas conseguiram passar. Primeiro: que diabos tinha acontecido com Peoria? Segundo: que diabos tinha acontecido comigo? Continuei batendo nessas perguntas incômodas até chegar a Refeições Blondie's, Aberto 24 Horas, Pão de minuto É Nossa Especialidade, na esquina de

Sunset e Travernia, e, quando cheguei ali, elas foram expulsas num único tranco. Até onde podia me lembrar, Blondie's tinha estado naquela esquina — com os trapaceiros, os vigaristas, os músicos de jazz e os cafetões entrando e saindo, para não mencionar as bonecas, as sapatões e os drogados. Um famoso astro do cinema mudo uma vez tinha sido preso por assassinato quando estava saindo do Blondie's e eu mesmo tinha concluído um negócio brabo ali havia pouco tempo, derrubando a bala um figurinista cheio de cocaína chamado Dunninger, que tinha assassinado três viciados no final de uma festinha de drogas em Hollywood. Era também o lugar onde havia dito adeus a Ardis McGill, de cabelos prateados e olhos violeta. Tinha passado o resto daquela noite perdida caminhando numa rara névoa de Los Angeles, que podia estar apenas na retina dos meus olhos... e escorrendo-me pelo rosto quando o sol apareceu.

Blondie's fechado? Blondie's acabado? Impossível, você teria dito — era mais fácil que a Estátua da Liberdade tivesse desaparecido do seu pedacinho de pedra no porto de Nova York.

Impossível, mas verdade. A vitrine que um dia contivera uma seleção de dar água na boca de tortas e bolos estava coberta de sabão seco, mas o trabalho fora feito de qualquer maneira, e através das marcas que o pano deixara, podia enxergar um salão quase vazio. O chão de linóleo parecia imundo e estéril. As pás dos ventiladores do teto, escurecidas pela gordura, pendiam para baixo como hélices de aviões que tinham caído. Tinham sobrado algumas mesas e seis ou oito das cadeiras estofadas de vermelho, velhas conhecidas, estavam empilhadas sobre elas, com as pernas para cima, mas não havia mais nada... a não ser dois açucareiros caídos num canto.

Fiquei ali de pé, tentando meter isso tudo na cabeça, e foi como se estivesse tentando subir um sofá grande por um apertado lance de escada. Toda aquela vida e animação, toda aquela agitação e surpresa de fim de noite — como podiam ter terminado? Não parecia um equívoco, parecia uma blasfêmia. Para mim, o Blondie's tinha sintetizado todas as contradições faiscantes que rodeiam o coração de Los Angeles, essencialmente ruim e sem amor. Algumas vezes eu tinha achado que o Blondie's *era* Los Angeles, como eu a conhecera ao longo dos últimos 15 ou vinte anos, apenas em escala menor. Em que outro lugar você poderia ver um facínora tomando café da manhã às 21h com um padre, ou uma

boneca sestrosa coberta de brilhantes sentada num banquinho do bar ao lado de um mecânico comemorando o fim do seu turno com uma xícara de café quente? De repente me vi pensando novamente no maestro cubano e seu ataque cardíaco, dessa vez com muito mais compaixão.

Toda aquela *vida* fabulosa e estrelada da Cidade dos Anjos Perdidos — [15] percebeu, meu chapa? Está captando essa notícia de última hora?

O cartaz pendurado na porta dizia FECHADO PARA REMODELAÇÃO — REINAUGURAÇÃO EM BREVE, mas não acreditei nisso. Açucareiros vazios abandonados num canto não indicam, segundo minha experiência, uma remodelação em andamento. Peoria estava certo: o Blondie's era uma página virada. Afastei-me e continuei pela rua, mas agora estava andando devagar e tinha que fazer um esforço consciente para manter a cabeça erguida. À medida que me aproximava do edifício Fulwider, onde venho mantendo um escritório há mais tempo do que gosto de lembrar, uma certeza esquisita se apossou de mim. As alças da grande porta dupla iam estar amarradas com uma corrente grossa, presa com um cadeado. O vidro ia estar coberto de sabão já seco, passado com um pano de qualquer jeito. E ia haver um cartaz dizendo FECHADO PARA REMODELAÇÃO — REINAUGURAÇÃO EM BREVE.

Quando cheguei ao edifício, essa ideia maluca tinha tomado conta da minha mente com a força de uma compulsão e nem mesmo a visão de Bill Tuggle, o contador alcoólatra do terceiro andar, entrando no prédio, conseguiu dissipá-la. Mas, como se diz, é preciso ver para crer e, quando cheguei ao 2.221, não vi nenhuma corrente e nenhum sabão seco no vidro. Era apenas o Fulwider, o mesmo de sempre. Entrei no saguão, senti o odor conhecido — me faz lembrar os discos cor-de-rosa que colocam nos mictórios dos banheiros masculinos hoje em dia — e olhei em volta, para as mesmas palmeirinhas caquéticas debruçadas sobre o mesmo chão de cerâmica vermelha desbotada.

Bill estava de pé junto de Vernon Klein, o ascensorista mais velho do mundo, no elevador 2. Com seu uniforme vermelho puído e seu antigo bonezinho sem aba, Vernon parece uma cruza do garoto dos anúncios de Phillip Morris e um macaco reso, que caiu numa máquina de lavar a vapor de uso industrial. Olhou para mim com seus olhos tristes de cachorro bassê, que estavam cheios d'água por causa do Camel grudado no meio da sua boca. Seus olhos deviam ter ficado acostumados à fumaça há vários

anos, pois não conseguia me lembrar de jamais tê-lo visto sem um Camel estacionado na mesma posição.

Bill se moveu um pouco para o lado, mas não o suficiente. Não havia espaço no elevador para que ele se movesse o suficiente. Não sei se haveria espaço no estado de Rhode Island[16] para ele se mover o suficiente. Em Delaware, talvez. Ele tinha o cheiro de um queijo bolonha que tivesse ficado um ano marinando em uísque barato. E bem quando eu estava achando que não podia ficar pior, ele arrotou.

— Desculpe, Clyde.

— Bem, você tem mesmo que pedir desculpas — disse eu, abanando o ar na frente do meu rosto enquanto Vern corria a porta pantográfica do elevador e se preparava para nos levar voando até a lua... ou, pelo menos, até o sétimo andar. — Em que cano de esgoto você passou a noite, Bill?

Contudo, havia algo naquele cheiro que me colocava à vontade e estaria mentindo se dissesse que não havia. Porque era um cheiro *conhecido*. Era apenas Bill Tuggle, odorífero de ressaca e de pé com os joelhos ligeiramente dobrados, como se alguém tivesse enchido o meio de suas calças com salada de galinha e ele tivesse acabado de se dar conta disso. Não era agradável, nada na subida de elevador dessa manhã era agradável, mas pelo menos era *conhecido*.

Bill me lançou um sorriso doentio enquanto o elevador começava a subir chacoalhando, mas não disse nada.

Virei a cabeça na direção de Vernon, sobretudo para me afastar do cheiro do contador que já tinha passado do ponto, mas, qualquer que fosse a conversa fiada que pretendia começar, morreu em minha garganta. As duas gravuras que tinham estado dependuradas acima do banquinho de Vern desde o início dos tempos — uma de Jesus andando sobre as águas no mar da Galileia enquanto seus discípulos olhavam boquiabertos para ele, e a outra da mulher de Vern numa indumentária cheia de franjas de couro de favorita do rodeio e com um penteado de fim do século — haviam ambas desaparecido. O que as tinha substituído não devia causar nenhum choque, sobretudo em vista da idade de Vernon, mas mesmo assim me atingiu como uma montanha de tijolos.

Era um cartão, nada mais — um simples cartão mostrando a silhueta de um homem pescando num lago contra o pôr do sol. O que me derrubou

foi a proposição impressa abaixo da canoa: FELIZ APOSENTADORIA!

Você pode imaginar o jeito como eu me senti quando Peoria me disse que poderia vir a enxergar de novo, e ainda ia ser pouco. As recordações passavam-me pela cabeça com a velocidade de cartas sendo embaralhadas por um jogador de cassino. Houve a vez em que Vern arrombou o escritório ao lado do meu para chamar uma ambulância quando aquela dona doida, Agnes Sternwood, primeiro arrancou meu telefone da parede e depois engoliu o que ela jurou que era líquido desentupidor de ralo. O "desentupidor de ralo" acabou sendo apenas cristais de açúcar não refinado, e o escritório que Vern arrombou acabou se revelando uma agência clandestina de alto nível de apostas em corridas de cavalo. Até onde eu sei, o sujeito que tinha alugado o local, e posto um cartaz dizendo Importações MacKenzie na porta, ainda está recebendo seu exemplar anual do catálogo da Sears & Roebuck em San Quentin. Depois teve o cara que Vern fez desmaiar com seu banquinho logo antes de fazer uns buracos de ventilação na minha barriga — isso também foi no negócio da Mavis Weld, é claro. Para não mencionar a vez em que ele trouxe sua filha a mim — que garota *ela* era! — quando ela se meteu com aquela armadilha de fotografias de sacanagem.

Vern se aposentando?

Não era possível. Simplesmente não era.

— Vernon — perguntei-lhe —, que tipo de piada é essa?

— Não é piada nenhuma, senhor Umney — disse ele, e quando fez o elevador parar no três, começou a desencavar uma tosse profunda que nunca tinha ouvido durante todos esses anos em que o conhecia. Era como se estivesse ouvindo bolas de boliche feitas de mármore rolando por um beco de paralelepípedos. Ele tirou o Camel da boca, e fiquei horrorizado ao ver que a ponta estava cor-de-rosa e não era de batom. Olhou para ela por um instante, fez uma careta, depois recolocou-o na boca e puxou para trás a porta pantográfica. — *Te-rês*, senhor Tuggle.

— Obrigado, Vern — disse Bill.

— Lembre-se da festa na sexta-feira — disse Vernon. Suas palavras saíram abafadas: tinha tirado um lenço, sarapintado de manchas marrons, do bolso de trás, e estava limpando os lábios com ele. — Eu vou ficar mesmo muito orgulhoso se o senhor vier. — Deu uma olhadela para mim

com seus olhos remelentos, e o que havia neles me fez sentir um medo dos diabos. Alguma coisa estava à espera de Vernon Klein logo depois da próxima curva da estrada e aquele olhar dizia que Vernon sabia muito bem do que se tratava. — O senhor também, senhor Umney, nós passamos por uma porção de coisas juntos e ficaria feliz de fazer um brinde com o senhor.

— Espere um instante! — berrei, agarrando Bill quando ele tentou sair do elevador. — Vocês esperem apenas um maldito instante, vocês dois! *Que* festa? O que está acontecendo aqui?

— Aposentadoria — falou Bill. — Geralmente acontece em algum momento depois que seus cabelos ficam brancos, caso você tenha estado muito ocupado para reparar. A festa de Vernon vai ser no porão, na sexta-feira de tarde. Todo o pessoal do prédio vai estar lá e eu vou preparar o meu ponche dinamite, famoso no mundo inteiro. O que há com você, Clyde? Há um mês que você sabe que o Vern ia encerrar tudo em 30 de maio.

Isso me fez ficar com raiva de novo, do mesmo modo que tinha ficado quando Peoria tinha me chamado de veado. Agarrei Bill pelos ombros com enchimento do seu terno jaquetão e lhe dei uma sacudida.

— Você não pode dizer isso!

Ele me deu um pequeno sorriso magoado.

— Posso sim, Clyde. Mas se você não quiser vir, não venha. Não apareça. De qualquer modo, você tem andado um *poco loco* nos últimos seis meses.

Dei-lhe outro sacolejão.

— O que que você quer dizer com *poco loco*?

— Louco de pedra, lelé da cuca, com dois parafusos a menos, doido varrido, atrapalhado das ideias. Alguma dessas serve? E antes que você responda, deixe-me apenas lhe informar que se você me sacudir mais uma vez, mesmo uma sacudidela *pequena*, minhas vísceras vão explodir pela minha goela afora e nem mesmo uma lavagem a seco vai tirar *essa* porcariada do seu terno.

Mesmo que tivesse querido, não poderia tê-lo sacudido de novo, pois ele se afastou antes e foi andando pelo corredor com os fundilhos das

calças pendurados mais ou menos no nível dos joelhos, como de hábito. Olhou para trás só uma vez, quando Vernon estava fechando a porta pantográfica.

— Você precisa tirar uns dias de folga, Clyde. Começando na semana passada.

— O que é que deu em você? — berrei para ele. — O que é que deu em *todos* vocês? — Mas a essa altura a porta de dentro estava fechada e estávamos indo para cima de novo, dessa vez para o sete. Meu pedacinho do céu. Vern deixou a guimba do cigarro cair no balde de areia que fica no canto e imediatamente enfiou outro entre os lábios. Riscou um fósforo com a unha do polegar, acendeu o cigarro e imediatamente recomeçou a tossir. Agora eu podia ver pequenas gotas de sangue se vaporizando por entre seus lábios rachados. Era uma visão medonha. Seus olhos tinham se abaixado e ficaram fitando com ar vago o canto mais afastado, sem enxergar nada, sem esperar nada. O fedor de Bill Tuggle pairava entre nós dois como o Espírito de Bebedeiras Passadas.

— Muito bem, Vern, o que é e onde é que você vai?

Vernon nunca tinha sido uma pessoa que usasse muito o idioma inglês e isso, pelo menos, não tinha mudado.

— É aquela doença que começa com C — disse ele. — No sábado, pego o Flor do Deserto para o Arizona. Vou morar com minha irmã. Mas não pretendo chegar a dar tempo para que se encha de mim. Talvez ela só tenha que mudar a roupa de cama umas duas vezes. — Fez o elevador parar e abriu a porta pantográfica chacoalhando. — *Sete*, senhor Umney. O seu pedacinho do céu. — Ele sorriu ao dizer isso exatamente como fazia sempre, mas dessa vez pareceu ter o tipo de sorriso que se vê nas caveiras de doce lá em Tijuana no Dia de Finados.

Agora que a porta do elevador estava aberta, senti o cheiro de alguma coisa aqui no meu pedacinho do céu que era tão incongruente que demorei um instante para identificar o que era: tinta fresca. Uma vez constatado, arquivei. Tinha outras coisas com que me preocupar.

— Isso não está certo — disse eu. — Você sabe que não está, Vern.

Ele voltou seus assustadores olhos vazios para mim. A morte neles, um vulto negro esvoaçando e acenando logo atrás do azul desbotado.

— O que é que não está certo, senhor Umney?

— Você tem que estar *aqui*, que diabos! Bem *aqui*! Sentado no seu banquinho, com Jesus e sua mulher acima da cabeça. Não *isso aí*! — Estiquei a mão, agarrei o cartão com a imagem do homem pescando no lago, rasguei-o em dois, juntei os pedaços, rasguei em quatro e então atirei-os para o alto. Eles caíram no tapete vermelho desbotado do chão do elevador como se fosse confete.

— Tem que estar aqui — repetiu ele, sem tirar aqueles olhos terríveis de mim por um instante. Mais adiante, dois homens com os macacões manchados de tinta tinham se voltado na nossa direção.

— É isso mesmo.

— Por quanto tempo, senhor Umney? Já que o senhor sabe tudo, provavelmente pode me dizer isso, num pode? Por quanto tempo eu tenho que continuar a operar esse maldito elevador?

— Bem... para sempre — disse eu, e a palavra ficou suspensa no ar entre nós dois, mais um fantasma no elevador enfumaçado de cigarro. Se tivesse uma escolha entre fantasmas, acho que teria preferido o fedor de Bill Tuggle... mas não tive escolha. Em vez disso, falei de novo: — Para sempre, Vern.

Deu uma tragada no seu Camel, tossiu fumaça e uma tênue névoa de sangue, e continuou olhando para mim.

— Não tenho o direito de dar conselhos aos inquilinos, senhor Umney, mas mesmo assim acho que vou lhe dar um, já que é minha última semana e tudo o mais. Você devia ir ver um médico. Do tipo que lhe mostra uns borrões de tinta e o senhor diz o que eles parecem.

— Você não pode se aposentar, Vern. — Meu coração estava batendo mais forte do que nunca, mas consegui manter a voz num tom natural. — Você simplesmente não pode.

— Não? — Tirou o cigarro da boca (já havia sangue fresco empapando a ponta) e depois olhou de volta para mim. Estava com um sorriso horroroso. — Do jeito que eu vejo as coisas, não chego a ter escolha, senhor Umney.

III. Sobre pintores e pesos

O cheiro de tinta fresca fez meu nariz arder, sobrepondo-se tanto ao cheiro do cigarro de Vernon como ao dos sovacos de Bill Tuggle. Os

homens de macacão estavam naquele momento se ocupando de uma área não muito longe da porta do meu escritório. Tinham aberto uma lona no chão e suas ferramentas estavam espalhadas em cima dela: latas, pincéis e terebintina. Havia também duas escadas de abrir, flanqueando os pintores como se fossem suportes de livros esqueléticos. O que tive vontade de fazer foi correr pelo corredor, chutando tudo para todos os lados à medida que fosse passando. Que direito tinham eles de pintar essas antigas paredes escuras com esse branco ofuscante e sacrílego?

Em vez disso, fui até aquele que parecia ser capaz de conseguir um número de dois dígitos para representar seu Q.I. e educadamente perguntei o que ele e o seu colega de idiotice achavam que estavam fazendo. Olhou para mim.

— Que diabos parece quié? Eu tô dando uma enfiada de dedo na miss América e o Chick ali está pondo ruge nos biquinhos dos peitos da Betty Grable.

Eu já estava farto. Farto deles, farto de tudo. Estiquei o braço, agarrei o rapaz sabe-tudo por baixo do sovaco e usei as pontas dos dedos para comprimir um nervo particularmente desagradável que se esconde lá em cima. Ele gritou e soltou o pincel. Seus sapatos ficaram salpicados de tinta branca. Seu companheiro me deu um olhar tímido de ovelha e deu um passo para trás.

— Se tentarem dar o fora antes que eu tenha terminado com vocês — rosnei —, vão ficar cada um com o cabo do pincel enfiado tão fundo no rabo que vão precisar de um gancho para encontrar os pelos. Querem experimentar pra ver se estou mentindo?

Ele parou de se mover e simplesmente ficou ali parado na ponta da lona, os olhos saltando de um lado para o outro, procurando socorro. Não havia nenhum à vista. Eu meio que esperava que Candy abrisse minha porta e botasse a cabeça pra fora pra ver o que era essa barulheira toda, mas a porta continuou firmemente fechada. Voltei minha atenção para o rapaz sabe-tudo que eu continuava agarrando.

— A pergunta foi muito simples, meu chapa: que diabos vocês estão fazendo aqui? Você pode me responder ou preciso lhe dar outro apertão?

Remexi os dedos no seu sovaco só para lhe refrescar a memória e ele gritou novamente.

— *Pintando o corredor! Deusducéu, não tá vendo?*

Podia ver direitinho e, mesmo que fosse cego, podia *sentir o cheiro*. Detestei o que ambos os sentidos estavam me dizendo. O corredor *não devia* ser pintado, sobretudo com esse branco ofuscante que refletia a luz. Ele devia ser escuro e sombrio, ele devia ter cheiro de poeira e de antigas recordações. O que quer que teve início com o silêncio incomum dos Demmicks estava ficando cada vez pior. Eu estava absolutamente furioso, como esse sujeito infeliz estava descobrindo. Também estava apavorado e este era um sentimento que você aprende a ocultar bem quando parte da sua maneira de ganhar a vida é carregar um pau-de-fogo num coldre de pressão.

— Quem mandou os dois patetas para cá?

— Nosso *patrão* — disse ele, olhando para mim como se eu fosse louco. — Trabalhamos na Pintores Especializados Challis, na Van Nuys. O patrão é Hap Corrigan. Se quiser saber quem contratou a empresa, vai ter que perguntar a e...

— Foi o proprietário — falou o outro pintor num tom calmo. — O proprietário deste prédio. Um sujeito chamado Samuel Landry.

Vasculhei minha memória, tentando colocar o nome de Samuel Landry junto com o que eu sabia do edifício Fulwider e não consegui nada. Na realidade, não conseguia juntar o nome Samuel Landry com nada... e, no entanto, com tudo isso ele quase parecia acender luzes dentro da minha cabeça, como um aviso luminoso que se pode ver de grande distância numa manhã enevoada.

— Você está mentindo — disse eu, mas sem muita convicção. Falava apenas por falar.

— Telefone para o patrão — disse o outro pintor. As aparências enganam: afinal de contas, ele parecia ser o mais esperto dos dois. Enfiou a mão por dentro do macacão sujo e manchado de tinta, retirando um pequeno cartão.

Recusei-o com um gesto de mão, sentindo-me cansado de repente.

— De qualquer modo, quem em nome de Deus iria querer pintar este lugar?

A pergunta não era dirigida a eles, porém, mesmo assim, o pintor que tinha me oferecido o cartão de visitas me respondeu:

— Bem, faz o lugar ficar mais alegre — disse cautelosamente. — Isso o senhor tem que reconhecer.

— Filho — perguntei, dando um passo na sua direção —, sua mãe chegou a ter filhos que sobreviveram ou ela apenas produziu ocasionalmente uma placenta feito você?

— Ei, tudo bem, tudo bem — disse ele, dando um passo para trás. Acompanhei a direção do seu olhar temeroso para meus punhos cerrados e forcei-os a se abrirem novamente. Ele não pareceu muito aliviado e, na verdade, não o culpei muito por isso. — O senhor não gosta. Sobre isso o senhor foi muito claro e preciso. Mas tenho que fazer o que o patrão manda, não tenho? Quero dizer, que diabo, é esse o jeito americano de fazer as coisas.

Deu uma olhada para seu companheiro, depois de volta para mim. Foi uma olhada rápida, na verdade apenas um relance, mas no meu ramo de atividade já tinha visto isso mais de uma vez e é o tipo de olhar que você arquiva. Um olhar que dizia: *Não se meta com esse sujeito. Não o force, não mexa com ele. É nitroglicerina pura*.

— Quero dizer, tenho mulher e um garotinho para tomar conta — continuou. — Tem uma Depressão por aí, o senhor sabe.

A essa altura, fui tomado por uma confusão, afogando minha raiva do jeito como uma chuva torrencial afoga um incêndio no mato. *Havia* uma Depressão em andamento por aí? Havia?

— Eu sei — disse, sem saber coisa alguma. — Vamos simplesmente esquecer isso, o que você acha?

— Claro — concordaram os pintores, tão ansiosos que pareciam a metade de um quarteto cantores *a capella*. O que eu tinha erroneamente classificado como meio inteligente estava com a mão esquerda mergulhada bem fundo no sovaco, tentando fazer aquele nervo ficar sossegado de novo. Poderia ter-lhe dito que tinha uma hora pela frente, talvez mais, mas não queria falar mais nada com eles. Não queria falar com ninguém ou ver qualquer pessoa — nem mesmo a deliciosa Candy Kane, cujos olhares úmidos e as curvas suaves e subtropicais já fizeram, como se sabe, experientes lutadores de rua caírem de joelhos. A única

coisa que queria fazer era atravessar a sala da frente e entrar no meu santuário interior. Havia uma garrafa de Robb's Rye na gaveta de baixo do lado esquerdo e naquele instante eu precisava de um trago, de qualquer maneira.

Caminhei na direção da porta de vidro fosco onde se lia CLYDE UMNEY DETETIVE PARTICULAR contendo um novo ímpeto de ver se conseguia chutar uma lata de Dutch Boy branco-ostra pela janela no final do corredor para cair na escada de incêndio. Já estava estendendo a mão para minha maçaneta quando tive uma ideia e me virei de volta para os pintores... mas devagar, para que eles não achassem que estavam sendo presas de um novo ataque. Além disso, achei que, se me virasse depressa demais, os pegaria com largos sorrisos um para o outro e girando os dedos em volta das têmporas — o gesto de biruta que aprendemos no pátio de recreio da escola.

Eles não estavam girando os dedos, mas também não tinham tirado os olhos de mim. O meio esperto parecia estar avaliando a distância até a porta onde estava escrito ESCADA. De repente, tive vontade de lhes dizer que, quando uma pessoa chegava a me conhecer, via que eu não era um sujeito tão mau assim e que, na realidade, havia alguns clientes e pelo menos uma ex-esposa que me achavam uma espécie de herói. Mas isso não era uma coisa que alguém pudesse dizer de si mesmo, especialmente para um par de palhaços como esses.

— Fiquem tranquilos — disse eu. — Não vou saltar em cima de vocês. Só queria fazer outra pergunta.

Ficaram um pouco mais à vontade. Na verdade, muito pouco.

— Pergunte — disse o Pintor Número Dois.

— Algum de vocês já jogou na loteca lá em Tijuana?

— *La lotería*? — perguntou o Número Um.

— Seu conhecimento de espanhol me deixa espantado. É. *La lotería*.

Número Um abanou a cabeça.

— A loteca mexicana e as casas de mulheres mexicanas são só para os trouxas.

Por que você acha que perguntei a você?, pensei, mas não disse.

— Além do mais — continuou ele —, você ganha 10 ou 20 mil pesos, grandes coisas. O que é isso em dinheiro de verdade? Cinquenta pratas? Oitenta?

"*Minha mãe acertou na loteria lá em Tijuana!",* tinha dito Peoria e já então eu sabia que havia alguma coisa de errado nisso. "*Quarenta mil pratas... Meu tio Fred foi até lá e pegou o dinheiro ontem de tarde. Trouxe de volta nas bolsas laterais da sua Vinnie!"*

— É — disse eu —, alguma coisa assim, acho eu. E eles sempre fazem o pagamento assim, não é? Em pesos?

Ele me lançou aquele olhar novamente, como se eu fosse maluco, depois se lembrou de que eu era mesmo e reajustou sua expressão.

— Bem, é. A loteria é mexicana, o senhor sabe. Eles não teriam muito como pagar em dólares.

— Isso é verdade — disse eu e, na minha mente, vi o rosto fino e ansioso de Peoria e ouvi-o dizer: *Estava espalhado por cima da cama toda da minha mãe! Quarenta mil pacotes funicados!*

Só que como é que um garoto cego podia ter certeza da quantia exata... ou mesmo que era realmente dinheiro aquilo em que estava se deitando e rolando? A resposta era simples: ele não podia. Porém, mesmo um garoto jornaleiro cego saberia que *la lotería* pagava em pesos e não em dólares e mesmo um garoto jornaleiro cego tinha que saber que não era possível carregar o equivalente a 40 mil dólares em verdinhas mexicanas nas sacolas laterais de uma motocicleta Vincent. Seu tio teria precisado de um caminhão basculante de lixo da Prefeitura de Los Angeles para transportar tanto dinheiro assim.

Confusão, confusão — nada além de nuvens escuras de confusão.

— Obrigado — disse, e me encaminhei para o meu escritório.

Tenho certeza de que isso foi um alívio para nós três.

IV. O último cliente de Umney

— Candy, meu bem, não quero ver ninguém ou pegar qualquer ca...

Parei no meio. A sala da frente estava vazia. A escrivaninha de Candy no canto estava estranhamente despida e, depois de um instante, vi por quê: a bandeja de ENTRADA/SAÍDA tinha sido jogada na cesta de papéis e as fotografias de Errol Flynn e William Powell tinham ambas desaparecido.

Bem como o seu Philco. O pequeno banquinho de estenógrafa, de cima do qual Candy gostava de exibir suas pernas estupendas, estava desocupado.

Meus olhos voltaram para a bandeja ENTRADA/SAÍDA espetada para fora da cesta de papéis como a proa de um navio afundando e por um instante meu coração teve um sobressalto. Talvez alguém tivesse entrado ali, revirado o lugar, raptado Candy. Em outras palavras, talvez fosse um caso. Naquele momento, eu teria recebido um caso de braços abertos, mesmo que isso significasse que algum bandido estava amarrando Candy naquele exato momento... e ajustando a corda sobre a elevação firme dos seus seios com especial cuidado. Qualquer modo de sair das teias de aranha que pareciam estar se formando em volta de mim me parecia excelente.

O problema com essa hipótese era simples: a sala não tinha sido revirada. Era bem verdade que a bandeja de ENTRADA/SAÍDA estava na cesta de papéis, mas isso não indicava uma luta. Na realidade, era mais como se...

Havia apenas uma coisa que tinha ficado sobre a escrivaninha, colocada precisamente no centro do mata-borrão. Um envelope branco. Apenas olhar para ele me deu uma sensação ruim. Mesmo assim, meus pés me fizeram atravessar a sala de qualquer jeito e pegar o envelope. Não fiquei surpreso ao ver meu nome escrito nele com as voltas e laçadas largas da letra de Candy. Isso era apenas mais uma parte desagradável dessa manhã comprida e desagradável.

Rasguei o envelope para abri-lo e uma folha de papel de bloco de notas caiu na minha mão.

Caro Clyde

Não quero mais aturar toda a agarração e a desconsideração que tenho tido que aguentar de você e estou cansada das suas brincadeiras infantis e ridículas a respeito do meu nome. A vida é curta demais para deixar que um detetive de causas de divórcio com mau hálito fique me passando a mão. Você tinha uns aspectos bons, Clyde, mas eles estão sendo afogados pelos ruins, principalmente depois que você começou a beber o tempo todo.

Faça um favor a você mesmo e se comporte como gente grande.

Sinceramente,
Arlene Cain

P.S.: Estou voltando para a casa de minha mãe, em Idaho. Não tente entrar em contato comigo.

Fiquei segurando o bilhete por mais uns instantes, olhando para ele sem poder acreditar, depois o deixei cair. Uma das suas frases voltou-me à mente enquanto eu olhava o bilhete cair como folha seca na direção da cesta de papéis já cheia: Estou cansada das suas brincadeiras infantis e ridículas a respeito do meu nome. Mas eu nunca tinha sabido que o nome dela era qualquer outro que não Candy Kane! Vasculhei minha memória enquanto o bilhete continuava seus volteios preguiçosos — e aparentemente intermináveis — para a frente e para trás, e a resposta foi um não sincero e retumbante. O nome dela sempre fora Candy Kane, nós tínhamos brincado a respeito dele muitas vezes, e se tínhamos trocado umas palmadas e cócegas no escritório, que mal tinha? Ela sempre tinha gostado disso. Nós dois tínhamos gostado.

Uma voz falou de algum lugar bem fundo dentro de mim: *Ela gostava? Ela gostava* mesmo *ou isso não passa de mais um pequeno conto de fadas que você tem repetido para si mesmo durante todos esses anos?*

Tentei bloquear essa voz e consegui depois de uns instantes, mas a que a substituiu foi pior ainda. Essa voz pertencia simplesmente a Peoria Smith. *Posso parar de fingir que morri e fui para o céu toda vez que um desses pães-duros me deixa uma gorjeta de cinco centavos,* dissera ele. *O senhor não está se ligando nessa notícia de última hora, senhor Umney?*

— Cale a boca, garoto — falei para a sala vazia. Afastei-me da escrivaninha de Candy e, ao fazê-lo, uma sucessão de rostos foi passando pela minha mente como os rostos de uma banda de lunáticos em desfile vinda do inferno: George e Gloria Demmick, Peoria Smith, Bill Tuggle, Vernon Klein, uma loura de um milhão de dólares que respondia pelo nome vulgar de Arlene Cain... até os dois pintores estavam ali.

Confusão, confusão, nada além de confusão.

Cabisbaixo, entrei na minha sala arrastando os pés, fechei a porta atrás de mim e sentei-me à escrivaninha. Através da janela fechada, podia escutar o ruído fraco dos automóveis passando no Sunset. Estava pensando que, para a pessoa certa, ainda era uma daquelas manhãs de primavera tão perfeitamente típica de Los Angeles que você esperava ver aquele pequeno

símbolo de marca registrada carimbado nela de algum modo, mas para mim o dia tinha perdido toda a sua luminosidade... tanto por dentro como por fora. Pensei na garrafa de água-que-passarinho-não-bebe na última gaveta de baixo, mas de repente a ideia de me abaixar para pegá-la parecia trabalho demais. Na realidade, parecia uma tarefa semelhante a subir o monte Everest de tênis.

O cheiro de tinta fresca tinha penetrado até o meu santuário interno. Era um cheiro de que, normalmente, eu gostava, mas não naquele momento. Naquele momento, era o cheiro de tudo que tinha dado errado desde que os Demmicks não tinham entrado no seu bangalô de Hollywood lançando piadinhas uma para o outro como bolas de borracha, tocando seus discos no volume mais alto possível e levando seu *corgi* a ter faniquitos com seus chamegos e intermináveis beijocações. Veio-me a ideia, com perfeita clareza e simplicidade — da maneira como sempre imaginei que as grandes verdades vêm às pessoas que as percebem — que, se algum médico extirpasse o câncer que estava matando o ascensorista do edifício Fulwider, ele seria branco. Branco-ostra. E teria o mesmo cheiro de tinta fresca Dutch Boy.

Esse pensamento me dava tal cansaço que tive que abaixar a cabeça, com as palmas das mãos apertando as têmporas, segurando-as no lugar... ou talvez apenas impedindo que o que estava dentro explodisse e sujasse as paredes todas. E quando a porta se abriu suavemente e uns passos entraram no escritório, não ergui os olhos. Isso parecia requerer um empenho maior do que minhas forças naquele instante em particular.

Além disso, tinha a estranha noção de que já sabia quem era. Não conseguia dar um nome a esse conhecimento, mas a passada era de algum modo conhecida. Também o era a água-de-colônia, embora soubesse que não seria capaz de dizer seu nome mesmo que alguém encostasse uma arma na minha cabeça e por uma razão muito simples: nunca tinha sentido seu perfume antes em toda a minha vida. Como era capaz de reconhecer um aroma que nunca tinha sentido antes, você pergunta. Isso eu não consigo responder, meu chapa, mas só sei que reconheci.

Porém, isso não foi o pior. O pior foi o seguinte: fiquei quase fora de mim de tanto medo. Já enfrentei armas atirando das mãos de homens furiosos, o que é ruim, e punhais nas mãos de mulheres furiosas, o que é mil vezes pior. Uma vez fui amarrado no volante de um automóvel

Packard que tinha sido estacionado sobre os trilhos de uma ferrovia de carga de muito movimento. Já fui até atirado da janela de um terceiro andar. Tem sido de fato uma vida agitada, mas nada nela jamais me fizera sentir tanto medo como o perfume daquela água-de-colônia e aquela passada suave.

Minha cabeça parecia estar pesando pelo menos 300 quilos.

— Clyde — disse uma voz. Uma voz que nunca ouvira antes, uma voz que, no entanto, conhecia tão bem como a minha própria voz. Apenas aquela única palavra e o peso da minha cabeça subiu para uma tonelada completa.

— Saia daqui, seja lá quem for — disse eu sem levantar os olhos. — A birosca está fechada. — E algo me fez acrescentar: — Para reforma.

— Dia ruim, Clyde?

Havia compaixão no seu tom? Achei que talvez houvesse e, de algum modo, isso piorava as coisas. Quem quer que fosse esse camarada, não queria sua compaixão. Algo me dizia que sua compaixão seria mais perigosa do que sua raiva.

— Não tão ruim — disse eu, apoiando minha cabeça pesada e dorida nas palmas das mãos e olhando para baixo, para o mata-borrão, sem nenhuma razão em especial. No canto superior esquerdo estava escrito o número de telefone de Mavis Weld. Fiz meus olhos passarem sobre ele vezes seguidas: Beverley 6-4214. Manter os olhos no mata-borrão parecia ser uma boa ideia. Não sabia quem era meu visitante, mas sabia que não queria vê-lo. Naquele exato momento, era tudo que eu sabia mesmo.

— Acho que talvez você esteja sendo um pouco... digamos, insincero? — indagou a voz, e era mesmo compaixão. O som dessa voz fez meu estômago se retorcer como algo que parecia um punho trêmulo empapado de ácido. Ouviu-se um rangido quando ele se deixou cair na cadeira do cliente.

— Não sei exatamente o que essa palavra quer dizer, mas, sem dúvida alguma, vamos dizê-la — concordei. — E agora que fizemos isso, por que você não se levanta bonitinho e vai se mandando daqui? Estou pensando em faltar ao trabalho por motivo de saúde. Posso fazer isso sem muita discussão, entende, porque sou o chefe. É bacana como as coisas às vezes funcionam, não é?

— Acho que sim. Olhe para mim, Clyde.

Meu coração perdeu o compasso mas minha cabeça continuou abaixada e meus olhos continuaram passando sobre Beverley 6-4214. Uma parte de mim se perguntava se o inferno seria quente o bastante para Mavis Weld. Quando falei, minha voz saiu firme. Fiquei surpreso, mas contente.

— Na realidade, é possível que falte ao trabalho por motivo de saúde durante um ano inteiro. Em Carmel, talvez. Ficar sentado no terraço de madeira com o *American Mercury* no colo e ficar olhando as ondas grandes virem chegando lá do Havaí.

— Olhe para mim.

Não queria, mas mesmo assim minha cabeça se ergueu. Ele estava sentado na cadeira do cliente, onde Mavis Weld havia se sentado um dia, bem como Ardis McGill e Big Tom Hatfield. Até Vernon Klein tinha se sentado ali uma vez, quando ele pegou aquelas fotografias da filha usando apenas um sorriso largo de ópio e vestida como tinha vindo ao mundo. Ele estava sentado ali com o mesmo pedaço de sol da Califórnia caindo enviesado sobre suas feições — feições que sem dúvida alguma eu já tinha visto antes. E a última vez tinha sido menos de uma hora antes, no espelho do meu banheiro. Eu estava passando uma lâmina azul da Gillette sobre elas.

A expressão de compaixão nos olhos dele — nos *meus* olhos — era a coisa mais horrenda que jamais vira, e quando ele estendeu sua mão — estendeu a *minha* mão — senti uma vontade súbita de dar meia-volta com minha cadeira giratória, ficar de pé e sair correndo direto pela janela do meu escritório no sétimo andar. Acho que até poderia ter feito isso se não estivesse tão confuso, tão completamente perdido. Já li a palavra acovardado uma porção de vezes — é uma das prediletas dos autores de histórias em quadrinhos e das velhas carpideiras —, mas essa, na verdade, era a primeira vez que me sentia dessa maneira.

De repente o escritório ficou escuro. O dia tinha estado com o céu perfeitamente limpo, isso eu podia jurar, mas mesmo assim uma nuvem passou na frente do sol. O homem do lado oposto da escrivaninha era pelo menos dez anos mais velho do que eu, talvez 15; seus cabelos, quase completamente brancos enquanto os meus ainda eram quase totalmente pretos, mas isso não mudava a simples realidade: independentemente de como se estivesse chamando e de que idade estivesse aparentando, ele era

eu. Eu tinha achado que sua voz parecia conhecida? Claro. Do jeito que a própria voz parece conhecida — embora não exatamente do jeito como soa dentro da sua própria cabeça — quando você a ouve numa gravação.

Ele pegou minha mão frouxa sobre a mesa, apertou-a com o vigor de um corretor de imóveis em ação, depois deixou-a cair novamente. Ela bateu no mata-borrão com um baque mole, caindo sobre o número do telefone de Mavis Weld. Quando levantei meus dedos, vi que o número de Mavis tinha sumido. Na realidade, *todos* os números que tinha rabiscado no mata-borrão ao longo dos anos tinham sumido. Ele estava tão limpo como... bem, tão limpo como a consciência de um batista convicto.

— Deus — gemi. — Deus do céu.

— De forma alguma — disse a versão mais velha de mim, do outro lado da escrivaninha, na cadeira do cliente. — Landry. Samuel D. Landry. Ao seu dispor.

V. Uma entrevista com Deus

Mesmo abalado como estava, levei apenas dois ou três segundos para situar o nome, provavelmente porque eu o tinha escutado tão pouco tempo antes. Segundo o Pintor Número Dois, Samuel Landry era a razão pela qual o corredor comprido e escuro que conduzia ao meu escritório logo passaria a ficar branco-ostra. Landry era o proprietário do edifício Fulwider.

De repente, tive uma ideia maluca, mas sua evidente maluquice em nada diminuiu o súbito raio de esperança que veio com ela. Eles — quem quer que eles fossem — dizem que cada pessoa na face da Terra tem um duplo. Talvez Landry fosse o meu. Talvez nós fôssemos gêmeos idênticos, sósias não aparentados que tinham, de alguma forma, nascido de pais diferentes e com dez ou 15 anos de defasagem no tempo um em relação ao outro. Essa noção em nada contribuía para explicar o resto das coisas esquisitas do dia, mas, que diabos, era algo em que me agarrar.

— O que posso fazer pelo senhor, senhor Landry? — perguntei. Estava tentando ao máximo que podia, mas minha voz não estava mais tão firme. — Se é a respeito do aluguel, o senhor vai ter que me dar um ou dois dias para acertar as coisas. Parece que minha secretária acabou de descobrir que tinha assuntos urgentes para tratar na sua casa lá em Sovaco, Idaho.

Landry não deu a menor atenção a essa minha débil tentativa de mudar o tema da conversa.

— É — disse ele num tom de voz distraído —, imagino que tenha sido o pior de todos os dias ruins... e a culpa é minha. Lamento, Clyde, de verdade. Conhecê-lo pessoalmente foi... bem, não foi bem o que eu esperava. De jeito nenhum. Por exemplo, gosto de você mais do que esperava. Mas agora não se pode voltar atrás. — E soltou um suspiro profundo. Não gostei muito de como isso soou.

— O que você quer dizer com isso? — Agora minha voz estava tremendo como nunca e o raio de esperança estava morrendo. A causa parecia ser falta de oxigênio na área em ruínas que tinha sido o meu cérebro.

Ele não respondeu logo. Em vez disso, inclinou-se para a frente e agarrou a alça da esguia maleta de couro que estava encostada na perna da frente da cadeira do cliente. As iniciais gravadas em relevo nela eram S.D.L. e deduzi que meu estranho visitante entrara com ela. Sabe, não foi por acaso que ganhei o Prêmio Bestalhão do Ano em 1934 e 1935.

Nunca tinha visto uma maleta como essa em toda minha vida: era pequena e fina demais para ser uma pasta de documentos e se fechava não com fivelas e tiras, mas com um zíper. E, agora que pensei nisso, também nunca tinha visto um zíper assim. Os dentes eram extremamente diminutos e quase não pareciam de metal.

Mas as coisas esquisitas apenas começavam com a maleta de Landry. Mesmo deixando de lado sua incrível semelhança comigo, de irmão mais velho, Landry não se parecia com nenhum empresário que já tinha visto e certamente não se parecia com um suficientemente próspero para ser o proprietário do Edifício Fulwider. Está bem que não é o Ritz, mas fica no centro da cidade de Los Angeles, e meu cliente (se isso é o que ele era) parecia um caipira num bom dia, que incluía banho tomado e barba feita.

Para início de conversa, estava usando calças *jeans* e tênis... só que não se pareciam com os tênis que eu já tinha visto. Eram umas coisas grandes, volumosas. Eles pareciam mesmo era com os sapatos que Boris Karloff usa como parte da sua indumentária de Frankenstein e, se fossem feitos de lona, eu comeria meu chapéu de feltro predileto. A palavra escrita subindo pelos lados em letras vermelhas parecia o nome num menu de pratos chineses para levar: REEBOK.

Baixei os olhos para o mata-borrão que antes estivera coberto com um emaranhado de números de telefone e de repente me dei conta de que não conseguia mais me lembrar do de Mavis Weld, embora eu deva ter ligado para ele um bilhão de vezes só nesse último inverno. Aquela sensação de pavor se intensificou.

— Doutor — disse eu —, gostaria que o senhor dissesse a que veio e fosse embora. Na verdade, por que o senhor não solta a falação e apenas passa direto para a parte do ir embora?

Ele deu um sorriso... com um ar cansado, achei eu. Essa era a outra coisa. O rosto que estava em cima da camisa branca de gola aberta parecia terrivelmente cansado. Terrivelmente triste também. Ele mostrava que o homem a quem pertencia tinha passado por coisas que eu não era capaz nem de imaginar. Tive alguma compaixão para com meu visitante, mas o que mais sentia era medo. E raiva. Porque também era o meu rosto e o miserável aparentemente tinha feito um bocado para desgastá-lo.

— Desculpe-me, Clyde — disse ele. — Não dá pra fazer isso.

Ele colocou a mão sobre aquele zíper diminuto e esperto e, de repente, o que eu menos queria no mundo era que Landry abrisse aquela maleta. Para detê-lo, falei:

— Você sempre vai visitar seus inquilinos vestido como um sujeito que ganha a vida seguindo a rota da colheita de repolhos? O que você é, um desses milionários excêntricos?

— Eu bem que sou excêntrico — disse ele. — E não vai lhe adiantar de nada ficar esticando esse assunto, Clyde.

— O que o fez pen...

Então ele disse aquilo que eu estava temendo e, ao mesmo tempo, extinguiu o último diminuto lampejo de esperança.

— Conheço todos os seus pensamentos, Clyde. Afinal de contas, eu sou *você*!

Passei a língua nos lábios e me obriguei a falar. Qualquer coisa para evitar que ele puxasse aquele zíper. Qualquer coisa mesmo. Minha voz saiu meio rouca, mas pelo menos *saiu*.

— É. Notei a semelhança. Mas não conheço bem a água-de-colônia. Eu mesmo uso Old Spice.

Ele manteve o polegar e o indicador segurando o zíper, mas não o puxou. Pelo menos ainda não.

— Mas você gosta dela — disse com perfeita autoconfiança — e a usaria se pudesse comprá-la na Rexall da esquina, não é? Infelizmente, não pode. Chama-se Aramis e só será inventada daqui a uns 40 anos mais ou menos. — Baixou os olhos para os seus tênis de basquete esquisitos e feios. — Como meus sapatos.

— Que diabo você está dizendo?

— Bem, é sim, acho que o diabo poderia entrar nisso em algum ponto — disse Landry sem sorrir.

— De onde você é?

— Pensei que você soubesse — Landry puxou o zíper, revelando um artefato retangular feito de algum plástico liso. Era da mesma cor que ia ficar o corredor do sétimo andar quando o sol se pusesse. Nunca tinha visto algo assim. Não tinha nenhuma marca de fabricante, só uma coisa que devia ser um número de série: T-1000. Landry tirou-o da bolsa em que era carregado, empurrou com os polegares as travas laterais e ergueu a tampa articulada para revelar algo que se parecia com uma tela de monitor num filme de Buck Rogers. — Venho do futuro — disse Landry. — Tal como numa revista de aventuras.

— O mais provável é que você tenha vindo da Casa de Repouso Campos Ensolarados — gemi eu.

— Mas não *exatamente* como numa revista de histórias de ficção científica — continuou ele, sem tomar conhecimento do que eu dissera. — Não, não exatamente. — Apertou um botão do lado da caixa de plástico. Ouviu-se um leve zumbido vindo de dentro do aparelho, seguido por um bipe curto e agudo. A coisa apoiada no seu colo se parecia com uma estranha máquina de estenografia... e achei que isso não estava longe da verdade.

Levantou os olhos para mim e falou:

— Como era o nome do seu pai, Clyde?

Olhei para ele por um instante, reprimindo um ímpeto de passar a língua nos lábios novamente. A sala ainda estava escura, o sol ainda estava

por trás de uma nuvem que nem era visível quando vim da rua. O rosto de Landry parecia flutuar na penumbra como um balão antigo e enrugado.

— O que isso tem a ver com o preço dos pepinos na Monróvia? — perguntei.

— Você não sabe, não é?

— É claro que sei — disse eu, e sabia. Eu apenas não estava conseguindo me lembrar, era só isso, estava preso ali, na ponta da língua, como o número de telefone de Mavis Weld, que era Bayshore-qualquer-coisa.

— E o da sua mãe?

— Pare de fazer brincadeiras comigo!

— Aqui vai uma fácil: em que colégio você fez o 2º grau? Todo americano que se preza sabe em que colégio estudou, não sabe? Ou a primeira garota com quem ele foi até o fim. Ou a cidade em que cresceu. A sua foi San Luis Obispo?

Abri a boca, mas dessa vez não saiu nada.

— Carmel?

Isso parecia estar certo... e logo pareceu inteiramente errado. Minha cabeça estava rodopiando.

— Ou talvez tenha sido Dusty Bottom, Novo México.

— Pare com essa besteira! — gritei.

— Você sabe? Sabe?

— Sei! Foi...

Inclinou-se para a frente. Bateu nas teclas da sua máquina estranha.

— San Diego! Nascido e criado!

Colocou a máquina sobre a minha escrivaninha e virou-a para mim para que eu pudesse ler as palavras que flutuavam na janela acima do teclado.

San Diego! Nascido e criado!

Meus olhos baixaram da janela para a palavra estampada na moldura de plástico que a circundava.

— O que é um Toshiba? — perguntei. — Algo que vem como acompanhamento quando pede um jantar Reebok?

— É uma empresa de eletrônicos japonesa.

Deu um sorriso seco.

— A quem o senhor está querendo tapear, doutor? Os japas não conseguem nem fazer brinquedos de corda sem colocar a mola de cabeça para baixo.

— Atualmente, não — concordou ele. — E por falar em atualmente, Clyde, quando é atualmente? Em que ano estamos?

— 1938 — disse eu, depois ergui uma mão meio dormente até o rosto e esfreguei os lábios. — Espere um instante... 1939.

— Podia até ser 1940. Estou certo?

Não disse nada, mas senti meu rosto começar a esquentar.

— Não se sinta mal por isso, Clyde. Você não sabe porque *eu* não sei. Eu sempre deixei meio vago. O quadro de tempo que estava tentando encontrar era, na verdade, mais uma *sensação*... se quiser, pode chamá-lo de Tempo Americano de Chandler. Funcionava como elemento de impacto para a maioria dos meus leitores e também facilitava as coisas do ponto de vista da revisão, porque nunca se pode precisar exatamente a passagem do tempo. Você nunca reparou como frequentemente você diz coisas como "há mais tempo do que consigo me lembrar", "há mais tempo do que gosto de pensar" ou "desde quando Hector era um filhotinho"?

— Não, não posso dizer que reparei. — Mas, agora que ele tinha mencionado, reparei *sim*. E isso me fez pensar no *Los Angeles Times*. Eu o lia todos os dias, mas exatamente que dias eram esses? Não se podia saber pelo próprio jornal, porque nunca havia uma data no cabeçalho, só aquele lema que dizia "O Jornal mais Justo da América na Cidade mais Justa da América".

— Você diz essas coisas porque o tempo na verdade não passa neste mundo. Esse é... — Fez uma pausa, depois sorriu. Aquele sorriso era algo horrível de se ver, cheio de anseios e de uma ambição estranha. — Esse é um dos seus muitos encantos — concluiu ele.

Eu estava com medo, mas sempre fui capaz de cerrar os dentes quando achava que isso era de fato necessário, e essa era uma de tais ocasiões.

— Diga-me que diabos está acontecendo aqui.

— Está bem... mas você já está começando a saber, não é, Clyde?

— Talvez. Não sei o nome de meu pai nem o da minha mãe nem o da primeira garota com quem fui pra cama porque *você* não os sabe. É isso?

Ele assentiu com a cabeça, sorrindo do modo como um professor sorri para um aluno que deu um salto de lógica e saiu-se com a resposta certa, contrariando todas as probabilidades. Mas seus olhos ainda estavam cheios daquela terrível compaixão.

— E quando você escreveu San Diego no seu aparelho ali e surgiu na minha cabeça ao mesmo tempo...

Ele assentiu, me encorajando.

— Você não é proprietário só do edifício Fulwider, não é? — Engoli em seco, tentando livrar-me de um grande bloqueio na garganta que não tinha a intenção de ir para lugar nenhum. — Você é proprietário de tudo.

Mas Landry estava abanando a cabeça.

— *De tudo*, não. Só de Los Angeles e algumas áreas circunvizinhas. Quer dizer, esta versão de Los Angeles, completa com o eventual cochilo de continuidade ou acréscimo artificial.

— Balela — falei, porém sussurrando a palavra.

— Clyde, está vendo o quadro na parede, à esquerda da porta?

Dei uma olhada naquela direção, embora não fosse realmente preciso: era George Washington atravessando o Delaware e estava ali desde... bem, desde que Hector era um filhotinho.

Landry tinha posto sua máquina de estenografia de plástico, tipo Buck Rogers, de volta no colo e estava inclinado sobre ela.

— Não faça isso! — berrei e tentei esticar as mãos para ele. Não consegui. Parecia que meus braços estavam completamente sem força e eu sem qualquer espírito de decisão. Sentia-me exaurido, numa espécie de letargia, como se tivesse perdido litro e meio de sangue e estivesse perdendo ainda mais, sem parar.

Ele bateu nas teclas novamente. Virou a máquina para mim para que pudesse ler as palavras na janela. Elas diziam: *Na parede à esquerda da porta que conduz para os domínios de Candy, está pendurado Nosso*

Idolatrado Líder... mas sempre ligeiramente torto. Essa é minha maneira de mantê-lo em perspectiva.

Tornei a olhar para o quadro. George Washington tinha desaparecido, substituído por uma foto de Franklin Roosevelt. F.D.R. estava com um sorriso largo no rosto e com a piteira projetando-se para cima naquele ângulo que seus adeptos consideravam lampeiro e seus adversários, arrogante. O retrato estava pendurado ligeiramente torto.

— Não preciso do *laptop* para fazer isso — disse ele. Parecia um pouco encabulado, como se o tivesse acusado de alguma coisa. — Posso fazer isso simplesmente me concentrando, como você viu quando os números sumiram do seu mata-borrão, mas o *laptop* ajuda. Acho que é porque estou acostumado a anotar as coisas. E depois as corrijo. De certa forma, corrigir e reescrever são as partes mais fascinantes do trabalho, porque é então que se dão as mudanças finais (geralmente pequenas, mas cruciais) e o quadro se torna realmente nítido.

Olhei de volta para Landry e, quando falei, o tom da minha voz estava inexpressivo:

— Você me inventou, não foi?

Confirmou com a cabeça, parecendo estranhamente envergonhado, como se o que tinha feito fosse algo sujo.

— Quando? — Soltei um risinho estranho, gemido. — Ou essa não é a pergunta certa?

— Não sei se é ou não é — disse ele — e imagino que qualquer escritor lhe diria o mesmo. Não aconteceu tudo ao mesmo tempo: disso tenho certeza. Foi um processo continuado. Você apareceu primeiro em *Scarlet Town*, mas escrevi isso lá por volta de 1977 e você mudou um bocado desde então.

Em 1977, pensei eu. Um ano tipo Buck Rogers, sem dúvida. Não queria acreditar que isso estava acontecendo, queria pensar que tudo isso era um sonho. De modo muito estranho, era o perfume da sua água-de-colônia que me impedia de ser capaz disso — aquele perfume conhecido que nunca tinha sentido na minha vida. Como era possível? Era Aramis, uma marca tão desconhecida para mim como Toshiba.

Mas ele estava continuando.

— Você ficou bem mais complexo e interessante. No começo, você era bastante unidimensional. — Pigarreou e sorriu para suas próprias mãos por um instante.

— Que droga para mim.

Fez uma pequena careta para a raiva no meu tom de voz, porém, mesmo assim, obrigou-se a erguer os olhos de novo.

— Seu último livro foi *How Like a Fallen Angel*. Esse eu comecei em 1990, mas levei até 1993 para terminar. Tive uns problemas nesse meio-tempo. Minha vida tem sido... interessante. — Deu à palavra um toque feio e amargo. — Os autores não escrevem suas melhores obras durante períodos interessantes, Clyde. Posso lhe garantir.

Dei uma olhada para a forma como suas roupas de mendigo ficavam dependuradas nele e concluí que ele podia estar certo.

— Talvez seja por isso que você fez uma lambança tão grande neste aqui — disse eu. — Aquela história da loteria e dos 40 mil dólares foi uma enorme furada — eles pagam em pesos ao sul da fronteira.

— Eu sabia disso — disse ele num tom suave. — Não estou dizendo que não cometo enganos de vez em quando (posso ser um Deus neste mundo, ou *para* este mundo, mas no meu próprio sou perfeitamente humano), mas, quando realmente me engano, você e seus colegas personagens nunca se dão conta, Clyde, porque os meus erros e equívocos de continuidade são parte da sua verdade. Não, Peoria estava mentindo. Eu sabia e queria que *você* o soubesse.

— Por quê?

Encolheu os ombros, mais uma vez parecendo se sentir incômodo e um pouco envergonhado.

— Acho que para prepará-lo um pouco para a minha vinda. Tudo que aconteceu foi para isso, a começar com os Demmicks. Não queria apavorá-lo além do necessário.

Todo detetive particular que se preze percebe bastante bem quando a pessoa na cadeira do cliente está mentindo e quando está falando a verdade. Saber quando o cliente está falando a verdade mas deixando uns espaços em branco de propósito é um talento mais raro, e duvido que mesmo os gênios entre nós sejam capazes de detectar isso o tempo todo.

Talvez eu só o estivesse detectando agora porque minhas ondas mentais e as de Landry estavam marchando no passo certo, mas o fato é que *estava* detectando. Havia coisas que ele não estava me contando. A questão estava em se eu devia ou não confrontá-lo com isso.

O que me deteve foi uma intuição, súbita e horrível, que veio dançando do nada, como um fantasma escorrendo para fora da parede de uma casa mal-assombrada. Tinha a ver com os Demmicks. A razão pela qual eles estavam tão silenciosos na noite anterior era porque as pessoas mortas não se envolvem em brigas conjugais — é uma daquelas regras, como a que diz que o cocô sempre rola para baixo — em que se pode confiar bastante em qualquer situação. Praticamente desde o primeiro momento em que o tinha visto, tinha percebido que havia um temperamento violento por baixo da bem-educada camada superior de George e que poderia haver uma fera de garras afiadas oculta nas sombras por trás do rosto bonitinho e da atitude meio boba de Gloria Demmick. Os dois eram apenas um pouco Cole Porter demais pra ser verdade, se você entende o que quero dizer. E agora tinha certeza de que George tinha finalmente perdido o controle e tinha assassinado sua mulher... provavelmente também o *corgi* deles que vivia ganindo. Nesse exato momento, Gloria podia estar sentada no canto do banheiro, escorada entre o chuveiro e a privada, o rosto negro, os olhos esbugalhados como bolas de gude opacas, a língua se projetando por entre os lábios azuis. O cachorro estava deitado com a cabeça no seu colo e um cabide de arame enroscado no pescoço, seu latido agudo silenciado para sempre. E George? Morto na cama com o frasco de Veronal de Gloria — agora vazio — ao seu lado, sobre a mesinha de cabeceira. Acabaram-se as festas, acabaram-se as danças agitadas no Al Arif, acabaram-se os casos de assassinato requintados da classe alta em Palm Desert ou Beverly Glen. Agora eles estavam ficando frios, atraindo as moscas, ficando pálidos por baixo do bronzeado elegante de beira de piscina.

George e Gloria Demmick, que tinham morrido dentro da máquina desse homem. Que tinham morrido dentro da *cabeça* desse homem.

— Você fez um péssimo trabalho tentando não me apavorar — disse eu e imediatamente me perguntei se lhe seria possível fazer um bom trabalho com isso. Pergunte o seguinte a você mesmo: como é que se faz para preparar uma pessoa para se encontrar com Deus? Aposto que até Moisés ficou meio sufocado por baixo da sua túnica quando viu aquela moita

começar a brilhar, e eu sou apenas um bestalhão que trabalha por 40 por dia e mais as despesas.

— *How Like a Fallen Angel* foi a história de Mavis Weld. O nome, Mavis Weld, vem de um romance chamado *A irmãzinha*. De Raymond Chandler. — Olhou para mim com uma espécie de incerteza perturbada que tinha um pequeno laivo de culpa. — É uma *homenagem*. — Pronunciou a primeira sílaba como se rimasse com Roma.

— Ótimo pra você — falei. — Mas o nome do sujeito não me diz nada.

— É claro que não. No seu mundo — que, é claro, é a minha versão de Los Angeles —, Chandler nunca existiu. Não obstante, usei tudo quanto foi nome dos livros dele nos meus. O edifício Fulwider é onde ficava o escritório do detetive de Chandler, Philip Marlowe. Vernon Klein... Peoria Smith... e Clyde Umney, é claro. Este era o nome do advogado em *Playback*.

— E você chama essas coisas de *homenagens*?

— Isso mesmo.

— Se você diz que é assim... mas para mim parece uma palavra elegante para o que não passa de um bom plágio. — Porém me dava uma sensação engraçada saber que meu nome tinha sido inventado por um homem de quem nunca ouvira falar, num mundo com que nunca sonhara.

Landry teve a gentileza de ficar enrubescido, mas não baixou os olhos.

— Está certo. Talvez eu tenha de fato cometido uns pequenos furtos. Sem dúvida adotei o estilo de Chandler como o meu próprio, mas estou longe de ser o primeiro a fazer isso. Ross Macdonald fez a mesma coisa nos anos 1950 e 1960, Robert Parker o fez nos 1970 e 1980 e os críticos os cobriram de louros por isso. Além disso, Chandler aprendeu com Hammet e Hemingway, para não mencionar autores de revistas de aventuras como...

Ergui a mão.

— Vamos pular a aula de literatura e ir direto ao ponto. Isso é uma loucura, mas... — Meus olhos vagaram em direção ao retrato de Roosevelt, de lá foram para o mata-borrão fantasmagoricamente em branco e de lá voltaram para o rosto abatido do outro lado da escrivaninha. —... mas vamos dizer que acredito. O que você está fazendo aqui? Para que você veio?

Só que eu já sabia. Eu detecto por profissão, mas a resposta dessa veio do coração, não da cabeça.

— Vim por *você*.

— Por mim.

— Desculpe, mas é. Receio que você tenha que começar a pensar na sua vida de uma nova forma, Clyde. Tal como... bem... um par de sapatos, digamos. Você os está tirando e eu os estou calçando. E depois que tiver atado os cadarços, vou embora.

É claro. É claro que ele ia. E de repente percebi o que tinha que fazer... a única coisa que *podia* fazer.

Livrar-me dele.

Deixei um sorriso grande se espalhar pelo meu rosto. Um sorriso de conte-me-mais-coisas. Ao mesmo tempo, encolhi as pernas sob meu corpo, preparando-as para me lançarem sobre a escrivaninha para cima dele. Estava bem claro que só um de nós dois poderia sair daquele escritório. Eu pretendia ser esse um.

— Oh, *é mesmo*? — disse eu. — Que fantástico. E o que vai acontecer comigo, Sammy? O que vai acontecer com o detetive particular sem sapatos? O que vai acontecer com Clyde...?

Umney, a última palavra devia ser meu último nome, a última palavra que esse ladrão invasor, intrometido, iria escutar na sua vida. No instante em que ela saísse da minha boca, eu pretendia saltar. O problema era que aquele negócio de telepatia parecia funcionar nos dois sentidos. Vi uma expressão de alarme despertar nos seus olhos e então eles se fecharam e sua boca se apertou de concentração. Ele não se preocupou com a máquina tipo Buck Rogers. Acho que ele sabia que não daria tempo.

— "Sua revelação me atingiu como alguma espécie de droga debilitante" — disse ele, falando no tom baixo mas potente de quem está lendo em voz alta em vez de apenas falando. — "Toda a força se foi de meus músculos, minhas pernas pareciam dois feixes de espaguete *al dente* e tudo que consegui fazer foi desabar para trás na cadeira e olhar para ele".

Desabei para trás na cadeira, minhas pernas se desenroscaram sob meu corpo, incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar para ele.

— Não ficou muito bom — disse num tom de desculpas —, mas a composição rápida nunca foi um dos meus pontos fortes.

— Seu canalha — rosnei com a voz fraca. — Seu filho da mãe.

— É — concordou ele —, acho que sou sim.

— Por que você está fazendo isso? Por que você está roubando minha vida?

Seus olhos faiscaram de raiva ao ouvir isso.

— *Sua* vida? Você sabe muito bem que não é assim, Clyde, mesmo que não o queira reconhecer. A vida não é sua em absoluto. Eu inventei você, começando num dia chuvoso em janeiro de 1977 e continuando bem até o momento presente. Eu lhe dei sua vida e ela é minha para eu pegá-la de volta.

— Muito nobre — falei com desdém —, mas se Deus baixasse aqui neste exato momento e começasse a desfazer a *sua* vida como pontos mal dados num cachecol, seria mais fácil para você entender meu ponto de vista.

— Está bem — disse ele. — Acho que você tem um argumento. Mas por que discutir sobre ele? Discutir consigo mesmo é como jogar xadrez sozinho: um jogo honesto vai terminar sempre empatado. Vamos simplesmente dizer que estou fazendo isso porque posso.

De repente me senti um pouco mais calmo. Já tinha passado por esse caminho antes. Quando eles estão com a vantagem, você tem que fazer com que falem, e mantê-los falando. Tinha dado certo com Mavis Weld e ia dar certo agora. Eles dizem coisas como *Bem, suponho que não vai lhe fazer mal saber agora* ou *Que mal pode causar?*

A versão de Mavis tinha sido muito elegante: *Quero que você saiba, Umney — quero que você leve a verdade para o inferno com você. Você pode passá-la para o diabo quando estiverem tomando café com bolo.* Na verdade, não tinha importância o que estivessem dizendo, mas, enquanto estivessem falando, não estavam atirando.

O negócio era mantê-los falando o tempo todo. Mantenha-os falando e apenas fique esperando que a cavalaria vai aparecer a qualquer momento.

— A questão é: por que você *quer* fazer isso? — perguntei eu. — Isso não é propriamente comum, não é? Quero dizer, vocês escritores não são o

tipo de gente que gosta de descontar os cheques quando eles chegam e ir cuidar da sua vida?

— Você está tentando me fazer falar, não é, Clyde?

Isso me atingiu como um murro que me pegou distraído, na boca do estômago, mas minha única chance era jogar até a última cartada. Abri um sorriso e encolhi os ombros.

— Talvez sim, talvez não. De qualquer modo, eu realmente quero saber. — E nisso não havia nenhuma mentira.

Pareceu incerto por mais um instante, inclinou-se para a frente e tocou as teclas dentro daquela estranha caixa de plástico (senti cãibras nas pernas, na barriga e no peito enquanto ele passava os dedos sobre elas), depois endireitou o corpo novamente.

— Acho que não vai lhe fazer mal saber agora — disse ele finalmente. — Afinal de contas, que mal pode causar?

— Nenhum.

— Você é um menino esperto, Clyde — disse ele —, e você está absolutamente certo: muito raramente os escritores mergulham até o fundo nos mundos que criaram e, quando fazem isso, acho que acabam fazendo só nas suas cabeças, enquanto seus corpos vegetam em algum manicômio. A maioria de nós se contenta com apenas ser turista no país de nossa imaginação. Isso foi sem dúvida o que aconteceu comigo. Não sou um autor que escreve depressa (a composição sempre foi uma tortura para mim, acho que lhe disse isso), mas consegui cinco livros de Clyde Umney em dez anos, cada um com mais sucesso do que o anterior. Em 1983, deixei meu emprego como gerente regional de uma grande companhia de seguros e comecei a escrever em tempo integral. Tinha uma esposa que amava, um garotinho que botava o sol pra fora da cama todas as manhãs e o punha para dormir todas as noites (pelo menos era assim que parecia para mim), e não pensava que a vida pudesse ficar melhor de jeito nenhum.

Ele se mexeu na bem estofada cadeira do cliente, moveu a mão e vi que o furo de cigarro que Ardis McGill deixara no braço estofado também tinha sumido. Emitiu um riso amargamente frio.

— E estava certo — falou. — Não podia ficar melhor, mas *podia* ficar bem pior. E ficou. Uns três meses depois de ter começado *How Like a*

Fallen Angel, Danny, nosso garotinho, caiu de um balanço no parque e quebrou a cabeça. No seu palavreado, desmaiou completamente.

Um sorriso rápido, exatamente tão frio e amargo como a risada tinha sido, passou pelo seu rosto.

— Ele sangrou muito (você já viu bastantes ferimentos de cabeça na sua vida para saber como são) e isso fez Linda se borrar de medo, mas os médicos eram bons e acabou realmente não sendo mais do que uma concussão. Eles conseguiram estabilizá-lo e lhe deram meio litro de sangue para compensar o que tinha perdido. Talvez não fosse preciso, e isso me persegue, mas deram. O verdadeiro problema não foi com sua cabeça, entende? Foi com aquele meio litro de sangue. Estava contaminado com Aids.

— Como é que é?

— É algo que você pode agradecer ao seu Deus por não saber — disse Landry. — Não existe na sua época, Clyde. Só vai aparecer em meados dos anos 1970. Como a água-de-colônia Aramis.

— O que ele faz?

— Vai corroendo o seu sistema imunológico até que a coisa toda desaba. Então todos os bichinhos que estão circulando por aí, do câncer até a catapora, vêm correndo e dão uma festa.

— Deus do céu!

Seu sorriso apareceu e sumiu como uma cãibra.

— Se é o que diz. Aids é basicamente uma doença transmitida sexualmente, mas de vez em quando ela aparece nos bancos de sangue. Imagino que você possa dizer que meu garoto ganhou o grande prêmio numa versão de muito azar de *la lotería*.

— Lamento — disse eu, e embora estivesse morrendo de medo desse homem magro de rosto cansado, realmente o senti. Perder um filho dessa maneira... o que poderia ser pior? Alguma coisa, provavelmente (é, sempre há alguma coisa), mas você precisaria se sentar e pensar no assunto, não é mesmo?

— Obrigado — disse ele. — Obrigado, Clyde. Pelo menos, com ele foi rápido. Ele caiu do balanço em maio. As primeiras manchas roxas, sarcoma de Kaposi, apareceram a tempo para o seu aniversário em

setembro. Ele morreu em 18 de março de 1991. E talvez ele não tenha sofrido tanto quanto alguns outros, mas padeceu. Oh, foi sim, ele padeceu.

Eu tampouco tinha a menor ideia do que era um sarcoma de Kaposi, mas resolvi que não queria perguntar. Eu já sabia mais do que queria.

— Você pode entender por que eu me demorei um pouco no seu livro — disse ele. — Não pode, Clyde?

Fiz que sim com a cabeça.

— Mas persisti. Sobretudo porque acredito que fazer de conta é uma grande cura. Talvez eu *tenha* que acreditar nisso. Além disso, tentei ir adiante com minha vida, mas as coisas continuavam a dar errado com ela. Era como se *How Like a Fallen Angel* fosse algum tipo de estranho amuleto de azar que tinha me transformado em Jó. Depois da morte de Danny, minha mulher entrou numa profunda depressão e eu estava tão preocupado com ela que mal reparei umas placas vermelhas que tinham começado a irromper nas pernas, barriga e peito. E a coceira. Sabia que não era Aids e, no princípio, era só com isso que tinha me preocupado. Mas à medida que o tempo foi passando e as coisas foram piorando... você já teve herpes, Clyde?

Então, antes que pudesse balançar a cabeça, deu uma risada e bateu com a base da palma da mão na testa, num gesto de que-burrice-a-minha.

— É claro que não teve, você nunca teve mais do que uma ressaca. Herpes, meu amigo bestalhão, é um nome engraçado para uma moléstia crônica terrível. Na minha versão de Los Angeles, existem alguns remédios muito bons para ajudar a aliviar os sintomas, mas não estavam me ajudando muito. Lá pelo final de 1991, eu estava vivendo numa agonia. Em parte, é claro, era uma depressão generalizada por causa do que tinha acontecido com Danny, mas a maior parte era a agonia e a coceira. Isso daria um título interessante para um livro sobre um escritor torturado, não acha? *A agonia e a coceira ou Thomas Hardy encara a puberdade*. — Emitiu uma risadinha dura e indiferente.

— Você que sabe, Sam.

— O que eu sei é que foi uma temporada no inferno. Claro que agora é fácil fazer pouco disso, mas, ao chegar o Dia de Ação de Graças daquele ano, não era brincadeira. Estava dormindo três horas por noite, no máximo, e havia dias em que eu sentia como se minha pele estivesse

tentando se arrastar totalmente para fora do meu corpo e sair correndo como O Homem de Gengibre. E acho que foi por isso que não vi como as coisas estavam indo mal com Linda.

Eu não sabia, *não tinha como* saber... mas sabia:

— Ela se matou.

Ele confirmou com a cabeça.

— Em março de 1992, no aniversário da morte de Daniel. Agora faz mais de dois anos.

Uma única lágrima escorreu por sua face enrugada e prematuramente envelhecida e me veio a noção de que ele tinha ficado velho numa pressa danada. Era um tanto horroroso me dar conta de que tinha sido feito por um tipo de versão caipira de Deus, mas isso também explicava um bocado de coisas. Sobretudo as minhas limitações.

— Já chega — falou numa voz embargada tanto pelo choro como pela raiva. — Vamos ao assunto, diria você. Na minha época nós dizemos "acaba logo". Mas dá no mesmo. Terminei o livro. No dia em que encontrei Linda morta na cama (do jeito que a polícia vai encontrar Gloria Demmick mais tarde no dia de hoje, Clyde), tinha terminado 190 páginas do original. Estava no pedaço em que você pescou o irmão de Mavis de dentro do lago Tahoe. Voltei do enterro para casa três dias depois, liguei o processador de texto e comecei logo na página 191. Isso o deixa chocado?

— Não — disse eu. Pensei em perguntar a ele o que era um processador de texto, depois concluí que não precisava. Evidentemente, a coisa no seu colo era um processador de texto. Tinha que ser.

— Você está em nítida minoria — falou Landry. — Chocou os poucos amigos que me restavam, chocou-os profundamente. Os parentes de Linda acharam que eu tinha tanto sentimento quanto um porco selvagem. Não tinha a energia para explicar que estava tentando me salvar. Funiquem-se, como diria Peoria. Agarrei-me ao meu livro como um homem que está se afogando se agarraria a um salva-vidas. Agarrei-me a *você*, Clyde. Meu problema de herpes ainda era sério e isso me fez ir devagar (num certo sentido, me fez ficar *de fora*, senão teria chegado aqui antes), mas não me fez parar. Comecei a ficar um pouco melhor, pelo menos fisicamente, bem na época em que terminei o livro. Porém, uma vez tendo terminado, caí no que suponho que deva ter sido meu próprio estado de depressão. Passei

pela revisão do texto numa espécie de torpor. Tinha um tal sentimento de pesar... de *perda*... — Olhou bem para mim e disse: — Isso faz algum sentido para você?

— Faz sentido — respondi. E fazia. De uma forma meio maluca.

— Ainda havia uma porção de pílulas pela casa — disse ele. — De várias maneiras, Clyde, Linda e eu éramos como os Demmicks... nós realmente acreditávamos em viver melhor por meios químicos e umas duas vezes cheguei muito perto de tomar umas doses duplas de mão cheia. A forma como isso sempre me vinha à cabeça não era em termos de suicídio, mas sim de querer alcançar Linda e Danny. Alcançá-los enquanto ainda havia tempo.

Balancei a cabeça afirmativamente. Era o que eu tinha pensado em relação a Ardis McGill quando, três dias depois de termos dito tchau um para o outro no Blondie's, encontrei-a naquele sótão abafado com um pequeno orifício azul no centro da testa. Só que tinha sido Sam Landry quem de fato a tinha matado e quem perpetrara o fato com uma espécie de bala flexível no cérebro. É claro que tinha sido ele. No meu mundo, Sam Landry, esse homem de fisionomia cansada com calças de mendigo, era responsável *por tudo*. Essa noção devia parecer maluca, e parecia... mas estava ficando mais racional a cada momento.

Constatei que só tinha forças para girar a cadeira e olhar para fora pela minha janela. O que vi de algum modo não me surpreendeu em absoluto: o Sunset Boulevard e tudo ao seu redor estava inteiramente imobilizado. Carros, ônibus, pedestres, tudo parado por completo onde estavam. Lá fora estava o mundo de um instantâneo Kodak. E por que não? Seu criador não podia se dar ao trabalho de pôr animação em muito dele, pelo menos por enquanto: ele ainda estava preso no redemoinho de sua própria dor e mágoa. Que diabos, eu próprio tinha sorte de ainda estar respirando.

— Então o que aconteceu? — perguntei. — Como é que você chegou aqui, Sam? Posso chamá-lo assim? Você se importa?

— Não, não me importo. Contudo, não posso lhe dar uma resposta muito boa, porque não sei direito. Tudo de que tenho certeza é que todas as vezes em que pensava nas pílulas, pensava em você. O que pensei especificamente foi: "Clyde Umney nunca faria isso e teria desprezo por qualquer pessoa que o fizesse. Ele diria que era a saída do covarde."

Meditei sobre isso, achei que estava bastante certo e concordei com a cabeça. Poderia abrir uma exceção para alguém que estivesse tendo que encarar alguma doença horrível — o câncer de Vernon ou o vil pesadelo que tinha vitimado o filho desse homem —, mas sair de cena só porque estava deprimido? Isso era coisa de veado.

— Então pensei: "Mas isso é Clyde Umney e Clyde é de mentirinha... apenas um produto da sua imaginação." Entretanto, essa ideia não iria prosperar. São os idiotas deste mundo (na maioria, os políticos e os advogados) que menosprezam a imaginação e acham que uma coisa não é real se eles não podem fumá-la, acariciá-la, senti-la ou fodê-la. Pensam assim porque eles próprios não têm imaginação alguma e não têm a menor ideia do seu poder. Mas eu sabia. Diabos, tinha que saber: minha imaginação tem pago minha comida e a hipoteca durante os últimos dez anos aproximadamente. Ao mesmo tempo, sabia que não podia continuar vivendo no que eu costumava pensar que era "o mundo real", com o que imagino que queiramos dizer "o único mundo". Foi quando comecei a me dar conta de que só restava um lugar aonde eu poderia ir e me sentir bem-vindo, e só uma pessoa que eu poderia ser quando chegasse lá. O lugar era aqui — Los Angeles, em mil novecentos e trinta e qualquer coisa. E a pessoa era você.

Tornei a ouvir aquele zumbido tênue vindo de dentro do aparelho, mas não me voltei.

Em parte porque estava com medo de me voltar.

E em parte porque não sabia mais se conseguiria.

VI. O último caso de Umney

Na rua, sete andares abaixo, um homem estava imobilizado com a cabeça meio virada para olhar para a mulher na esquina, que estava subindo no degrau do ônibus 8-50, que ia na direção do centro. Momentaneamente, ela expôs um pedaço de sua perna linda, para a qual o homem estava olhando. Um pouco mais adiante na rua, um menino estava estendendo uma velha e gasta luva de beisebol para agarrar a bola imobilizada no espaço logo acima da sua cabeça. E um dos jornais da mesa virada de Peoria Smith estava flutuando dois metros acima da rua, como um fantasma evocado por um médium de terceira classe numa sessão espírita num parque de diversões. Por incrível que pareça, eu podia

enxergar as duas fotografias nele dali de cima: Hitler acima da dobra do meio e o regente de orquestra cubano recém-falecido abaixo dela.

A voz de Landry parecia estar vindo de muito longe.

— A princípio, pensei que isso significava que iria passar o resto da minha vida em alguma enfermaria para doidos, pensando que era você, mas não me importava com isso, pois seria apenas o meu ser *físico* que estaria encerrado no manicômio, entende? E então, gradativamente, comecei a perceber que poderia ser muito mais do que isso... que talvez pudesse haver uma maneira pela qual eu poderia de fato... bem... me esgueirar inteiramente para dentro. E sabe qual foi a chave?

— Sei — disse eu, sem olhar para trás. Aquele zumbido surgiu de novo quando alguma coisa no seu aparelho girou e, de repente, o jornal imobilizado no espaço esvoaçou pelo bulevar imobilizado. Um ou dois instantes depois, um velho DeSoto passou aos trancos pelo cruzamento de Sunset com Fernando. Bateu no menino com a luva de beisebol, e tanto ele como o DeSoto desapareceram. Mas a bola não. Ela caiu na rua, rolou até a metade da distância até a sarjeta e ficou imobilizada novamente.

— Você sabe? — Ele pareceu surpreso.

— Sei. Peoria foi a chave.

— É isso mesmo. — Deu uma gargalhada, depois pigarreou (sons de nervosismo, ambos). — Estou sempre me esquecendo de que você sou eu.

Era um luxo que eu não podia me permitir.

— Estava brincando com um novo livro e não estava conseguindo nada. Tinha experimentado fazer o Capítulo Um de um sem-número de modos diferentes, até que me dei conta de uma coisa realmente interessante: Peoria Smith não gostava de você.

Isso me fez dar meia-volta rapidamente.

— Você não pode dizer isso!

— Achei que você não iria acreditar, mas é a verdade e, de algum modo, eu sempre soube disso. Não quero reabrir a aula de literatura, Clyde, mas vou lhe contar uma coisa sobre o meu ofício. Escrever histórias na primeira pessoa é um negócio engraçado e complicado. É como se tudo que o autor sabe viesse de seu personagem principal, como uma série de cartas ou telegramas de alguma zona de batalha distante. É

muito raro que um autor tenha um segredo, mas neste caso eu tinha. Era como se o seu pequeno trecho do Sunset Boulevard fosse o Jardim do Éden...

— Nunca ouvi ninguém chamá-lo assim antes — observei.

— ...e houvesse uma serpente nele, que eu tinha visto, mas você não. Uma serpente chamada Peoria Smith.

Lá fora, o mundo imobilizado que ele tinha chamado de meu Jardim do Éden continuava a ficar mais escuro, embora o céu não tivesse nuvens. A Porta Vermelha, uma boate que se dizia pertencer a Lucky Luciano, desapareceu. Por um instante, houve apenas um buraco onde ela havia estado, e logo uma nova edificação o preencheu — um restaurante chamado Petit Déjeuner, com uma vitrina cheia de samambaias. Olhei rua acima e vi que estavam ocorrendo outras mudanças: edificações novas substituindo as antigas com uma rapidez silenciosa e assustadora. Elas significavam que eu dispunha de pouco tempo. Sabia disso. Infelizmente, eu também sabia de outra coisa: provavelmente, não ia haver nenhum último segundo nesse emaranhado do tempo. Quando Deus entra no seu escritório e diz que resolveu que gosta da sua vida mais do que da Dele mesmo, quais são, com os diabos, as suas opções?

— Destruí todos os diversos rascunhos do livro que tinha começado dois meses depois da morte de minha esposa — disse Landry. — Foi fácil, pobres aleijões que eram. E então comecei um novo. Dei-lhe o título de... você é capaz de adivinhar, Clyde?

— Claro — falei e girei de volta. Precisei de todas as minhas forças, mas imagino que o que esse palhaço chamaria de minha "motivação" era boa. Sunset Strip não é propriamente os Champs Elysées nem Hyde Park, mas é o meu mundo. Não queria assistir enquanto ele a desfazia em pedaços e a reconstruía do jeito que *ele* queria. — Imagino que você o chamou de *O último caso de Umney*.

Ele pareceu levemente surpreso.

— Você imaginou certo.

Fiz um gesto com a mão. Foi um esforço, mas consegui.

— Sabe, não foi por acaso que ganhei o Prêmio Bestalhão do Ano em 1934 e 1935.

Ele sorriu ao ouvir isso.

— É. Eu sempre gostei *mesmo* dessa frase.

Subitamente, senti ódio dele — senti ódio dele como se fosse veneno. Se tivesse conseguido reunir forças para mergulhar por cima da escrivaninha e estrangulá-lo até a morte, teria feito. Ele também viu isso. O sorriso se apagou.

— Esqueça isso, Clyde, você não teria a menor chance.

— Por que você não cai fora daqui? — disse-lhe asperamente. — Por que simplesmente não dá o fora e deixa um pobre-diabo em paz?

— Porque não posso. Não poderia nem que o quisesse... e não quero. — Olhou para mim com uma estranha mistura de raiva e súplica. — Clyde, tente ver isso do meu próprio ponto de vista...

— Tenho alguma alternativa? Alguma vez tive?

Ele não tomou conhecimento disso.

— Aqui está um mundo em que eu nunca ficarei mais velho, um ano em que os relógios estão parados em mais ou menos 18 meses antes da Segunda Guerra Mundial, em que os jornais sempre custam três centavos, onde posso comer quantos ovos e carne vermelha quiser sem nunca ter que me preocupar com minha taxa de colesterol.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando.

Ele se inclinou para a frente com um ar entusiasmado.

— Não, não tem não! E esse é exatamente o ponto, Clyde! Este é um mundo no qual eu *realmente* posso ter a profissão com que sonhei quando era menino: posso ser detetive particular. Posso ir em disparada num carro veloz às duas da manhã, ter um tiroteio com os bandidos, sabendo que eles podem morrer, mas eu não, e acordar oito horas depois ao lado de uma linda *chanteuse* com os pássaros trinando nas árvores e o sol brilhando na janela do meu quarto de dormir. Aquele sol lindo e radiante da Califórnia.

— A janela do meu quarto de dormir dá para o oeste — falei.

— Não mais — respondeu calmamente, e senti minhas mãos se fecharem em punhos sem força sobre os braços da cadeira. — Está vendo como é maravilhoso? Como é perfeito? Neste mundo, as pessoas não ficam quase loucas com uma coceira causada por uma doença burra e

indigna chamada herpes. Neste mundo, as pessoas não ficam grisalhas, muito menos carecas.

Olhou para mim com ar sério e no seu olhar não vislumbrei nenhuma esperança para mim. Nenhuma esperança em absoluto.

— Neste mundo, filhos amados nunca morrem de Aids e esposas amadas nunca tomam overdoses de pílulas para dormir. Além disso, você sempre foi o forasteiro aqui, não eu, independentemente de como você possa ter se sentido. Este mundo é *meu*, nascido da minha imaginação e mantido por meu esforço e ambição. Emprestei-o a você por um tempo, foi só isso... e agora o estou tomando de volta.

— Termine de me contar como conseguiu entrar. Você pode pelo menos fazer isso? Eu realmente quero saber.

— Foi fácil. Eu o desfiz em pedaços, começando com os Demmicks, que nunca foram muito mais do que uma pobre imitação de Nick e Nora Charles, e o reconstruí segundo minha própria imagem. Retirei todos os queridos personagens coadjuvantes e agora estou retirando todos os velhos pontos de referência. Em outras palavras, estou puxando o tapete de debaixo dos seus pés, um fio de cada vez, e não sinto nenhum orgulho por isso, mas *estou* orgulhoso da força de vontade ininterrupta que foi necessária para levar isso a cabo.

— O que aconteceu com você lá no seu próprio mundo? — Eu ainda estava fazendo com que ele continuasse a falar, mas agora não passava de hábito, como uma velha mula leiteira que encontra o caminho de volta para o estábulo numa manhã de neve.

Deu de ombros.

— Morto, talvez. Ou talvez eu tenha realmente deixado um ser físico, uma casca, sentado catatônico, em algum asilo para dementes. Mas não creio que seja qualquer dessas hipóteses: isso tudo aqui parece real demais. Não, Clyde, acho que consegui por completo. Acho que lá naquele mundo estão procurando por um escritor desaparecido... sem a menor ideia de que ele desapareceu nos bancos de armazenamento de seu próprio processador de textos. E a verdade é que eu de fato não me importo.

— E eu? O que vai acontecer comigo?

— Clyde — disse ele —, eu também não me importo com isso.

Debruçou-se novamente sobre o seu aparelho.

— Não faça isso! — eu falei num tom agudo.

Ele ergueu os olhos.

— Eu... — ouvi o tremor na minha voz, tentei controlá-lo e vi que não conseguia. — Doutor, estou com medo. Por favor, deixe-me em paz. Sei que não é mais o meu mundo lá fora (que diabo, nem aqui dentro tampouco), mas é o único mundo que vou chegar perto de conhecer. Deixe-me ter o que sobra dele. Por favor.

— Tarde demais, Clyde. — Mais uma vez ouvi aquele pesar sem misericórdia no seu tom de voz. — Feche os olhos. Farei o mais rápido que puder.

Tentei saltar sobre ele, tentei o máximo que pude. Não me movi nem um milímetro. E quanto a fechar os olhos, percebi que não precisava fazer isso. O dia tinha perdido toda a sua luminosidade e a sala estava tão escura como meia-noite dentro de um saco de carvão.

Senti, mais do que vi, ele se debruçar sobre a escrivaninha na minha direção. Tentei recuar o corpo e constatei que também não conseguia nem fazer isso. Alguma coisa seca e farfalhante tocou na minha mão e dei um grito.

— Calma, Clyde. — A voz dele, vindo da escuridão. Vindo não só de diante de mim, mas de todos os lados.

É claro, pensei. *Afinal, sou apenas um produto da sua imaginação*.

— É apenas um cheque.

— Um... cheque?

— É. De cinco mil dólares. Você vendeu sua firma para mim. Os pintores vão raspar o seu nome da porta e pintar o meu antes de irem embora hoje de noite. — Sua voz tinha um tom sonhador. — Samuel D. Landry, Detetive Particular. Soa muito bem, não é mesmo?

Tentei implorar e não consegui. Até mesmo a minha voz falhou comigo.

— Prepare-se — disse ele. — Não sei exatamente o que está vindo, Clyde, mas está vindo agora. Acho que não vai doer. *Mas de fato não me importo se doer* — essa foi a parte que ele não disse.

Aquele tênue zumbido emergiu da escuridão. Senti minha cadeira se derreter por baixo de mim e, de repente, estava caindo. A voz de Landry caiu comigo, lendo em voz alta junto com os cliques e batidas da sua fabulosa máquina futurista de estenografia, lendo em voz alta as duas últimas frases de um livro chamado *O último caso de Umney*.

— "Então, saí da cidade e quanto ao lugar em que fui terminar... bem, doutor, acho que isso é problema meu. Não acha?"

Havia uma intensa luz verde abaixo de mim. Estava caindo na sua direção. Logo ela iria me consumir e a minha única sensação era de alívio.

— "FIM" — ribombou a voz de Landry, e então caí na luz verde. Ela estava brilhando através de mim, *dentro* de mim, e Clyde Umney deixou de existir.

Adeus, bestalhão.

VII. O outro lado da luz

Tudo isso foi há seis meses.

Voltei a mim no chão de uma sala escura com um zumbido nos ouvidos. Coloquei-me de joelhos, sacudi a cabeça para clareá-la e olhei para cima para o brilho verde através do qual eu tinha caído, como Alice através da lente de aumento. Vi uma máquina tipo Buck Rogers que era o irmão maior da que Landry tinha trazido ao meu escritório. Havia umas letras verdes brilhando nela e me coloquei de pé para poder lê-las, distraidamente correndo as unhas para cima e para baixo nos meus antebraços enquanto me levantava:

Então, saí da cidade, e quanto a em que lugar fui terminar... bem, doutor, acho que isso é problema meu. Não acha?

E abaixo disso, em caixa alta e centralizada, uma palavra mais:

FIM

Li de novo, agora passando os dedos sobre a barriga. Estava fazendo isso porque havia algo errado com a minha pele, algo que não era bem doloroso, mas sem dúvida *incomodava*. Tão logo a sensação esquisita tomou conta da minha mente, percebi que ela estava ocorrendo por todos os lados — na nuca, na parte de trás das coxas, na virilha.

Herpes, pensei de repente. *Estou com o herpes de Landry. O que estou sentindo é coceira e a razão pela qual não a identifiquei imediatamente foi*

porque...

— Porque nunca *tive* uma coceira antes — falei e então todo o resto se encaixou no lugar. O encaixe foi tão súbito e tão violento que cheguei mesmo a bambear nos pés. Andei devagar até um espelho na parede, tentando não arranhar minha pele que estava se arrepiando de forma esquisita, sabendo que ia ver uma versão envelhecida de meu rosto, um rosto cortado de rugas como antigos córregos secos e com uma massa de cabelos brancos sem brilho em cima.

Agora eu sabia o que acontecia quando os autores, de algum modo, assumiam as vidas dos personagens que tinham criado. Não era, afinal de contas, exatamente um furto.

Era mais uma troca.

Fiquei parado, olhando fixo para o rosto de Landry — *meu* rosto, apenas envelhecido por 15 anos difíceis —, e senti minha pele se arrepiando e zumbindo. Ele não tinha dito que seu herpes estava melhorando? Se isso era o melhor, como ele tinha conseguido aguentar o pior sem ficar completamente louco?

Estava, é claro, na casa de Landry — minha casa, agora — e, no banheiro ao lado do escritório, encontrei o remédio que ele tomava para herpes. Tomei minha primeira dose menos de uma hora depois de ter voltado a mim no chão debaixo da sua escrivaninha e da máquina que zumbia sobre ela. Foi como se tivesse engolido sua vida em vez do remédio.

Como se tivesse engolido sua vida inteira.

Tenho o prazer de informar que, hoje em dia, o herpes é uma coisa do passado. Talvez ele simplesmente tenha concluído o seu ciclo, mas gosto de pensar que o ânimo do velho Clyde Umney teve algo a ver com isso. Clyde nunca ficou doente um só dia da sua vida, como sabe, e, embora eu pareça sempre estar com resfriados nesse corpo alquebrado de Sam Landry, quero que o diabo me carregue se vou me entregar a eles. E desde quando fez mal acionar um pouco daquele pensamento positivo? Acho que a resposta certa para isso é “desde nunca”.

Mesmo assim, houve alguns dias bastante ruins, o primeiro deles vindo menos de 24 horas depois de eu aparecer no inacreditável ano de 1994. Estava procurando na geladeira de Landry alguma coisa para comer (tinha

me encharcado com sua cerveja Black Horse na noite anterior e estava achando que não poderia fazer mal à minha ressaca comer alguma coisa) quando uma súbita dor perpassou minhas vísceras. Achei que ia morrer. Piorou e *tive certeza* de que ia morrer. Caí no chão da cozinha, tentando não gritar. Um ou dois instantes depois, algo aconteceu e a dor foi embora.

Durante a maior parte da minha vida, tinha usado a frase "estou cagando e andando". Mas isso tudo mudou, começando naquela manhã. Limpei-me, depois subi a escada, sabendo o que ia encontrar no quarto de dormir: lençol molhado na cama de Landry.

Minha primeira semana no mundo de Landry foi utilizada sobretudo para aprender sozinho a usar a privada. No meu mundo, é claro, ninguém jamais ia ao banheiro. Ou ao dentista, aliás, e minha primeira ida ao que estava listado no livro de endereços é algo sobre o que não quero nem pensar, muito menos conversar.

Mas houve uma ou outra rosa fortuita nesse emaranhado de espinhos. Por exemplo, não precisei sair em busca de emprego no confuso mundo de propulsão a jato de Landry. Aparentemente, seus livros continuavam vendendo muito bem e não tenho problema algum em descontar os cheques que chegam pelo correio. As assinaturas dele e minha são idênticas, é claro. Quanto a quaisquer restrições morais que eu pudesse ter em fazer isso, não me faça rir. Esses cheques são por histórias a *meu* respeito. Landry apenas as escreveu, eu as vivi. Que diabo, eu merecia 50 milhas e uma vacina antirrábica só por chegar perto da distância em que me expunha a ser arranhado pelas garras de Mavis Weld.

Esperava ter dificuldades com os assim chamados amigos de Landry, mas suponho que um bestalhão peso-pesado como eu devia saber qual era a realidade. Afinal, um sujeito que tivesse amigos de verdade iria querer sumir num mundo que tinha criado no estúdio de filmagem de sua própria imaginação? Não era provável. Os amigos de Landry eram seu filho e sua mulher, e ambos estavam mortos. Há conhecidos e vizinhos, mas eles parecem me aceitar como sendo ele. A mulher do outro lado da rua de vez em quando me lança uns olhares intrigados e sua garotinha grita quando chego perto, embora eu costumasse tomar conta dela uma vez ou outra, quando eles saíam (pelo menos é o que *diz* a mulher, e por que iria ela mentir?), mas isso não é nada de mais.

Cheguei até a falar com o agente de Landry, um sujeito de Nova York chamado Verrill. Ele quer saber quando vou começar um novo livro.

Em breve, digo a ele. Em breve.

Na maior parte do tempo, fico em casa. Não tenho nenhuma vontade de explorar o mundo para dentro do qual Landry me empurrou, tirando-me do meu próprio. Vejo mais do que quero na minha ida semanal ao banco e ao armazém, e atirei um suporte de livros na sua máquina de televisão horrorosa menos de duas horas depois de ter descoberto como usá-la. Não me surpreende que Landry quisesse deixar esse mundo que geme debaixo de sua carga de enfermidades e de violência sem sentido, um mundo onde mulheres dançam nuas nas vitrines das boates e em que fazer sexo com elas pode matá-lo.

Não, passo o tempo sobretudo dentro de casa. Tenho que reler cada um dos seus livros e com cada um é como ir folheando um álbum de recortes muito querido. E, evidentemente, aprendi sozinho a usar seu processador de texto. Não é como a máquina de televisão: a tela é parecida, mas no processador de texto você pode fazer as imagens que *você* quer ver, porque elas vêm todas de dentro da sua própria cabeça.

Gosto disso.

Venho me preparando, entende? Experimentando com frases e pondo-as de lado do mesmo modo como se experimentam as peças num jogo de quebra-cabeça. E hoje de manhã escrevi algumas que me pareceram boas... ou *quase* boas. Quer ouvi-las? Muito bem, então aqui vai:

Quando olhei para a porta, vi ali de pé um Peoria Smith muito arrependido e muito cabisbaixo.

— Acho que tratei o senhor muito mal, senhor Umney — disse ele. *— Vim pedir desculpas pro senhor.*

Tinham-se passado seis meses, mas ele estava igualzinho. E quero dizer igualzinho mesmo.

— Você ainda está usando seus óculos escuros — falei.

— É. Tentamos a operação, mas não deu certo. — Suspirou, depois abriu um sorriso e encolheu os ombros. Naquele instante, ele se parecia com o Peoria que eu conhecera desde sempre. *— Afinal de contas, senhor Umney, ser cego num é tão ruim assim.*

Não está perfeito. Claro, eu sei disso. Comecei a vida como detetive, não como escritor. Mas acredito que você pode fazer praticamente qualquer coisa se tiver muita vontade mesmo e, quando você chega bem onde a porca torce o rabo, isso também é uma espécie de olhar pelo buraco da fechadura. O tamanho e o formato do buraco da fechadura do processador de texto são um pouco diferentes, mas mesmo assim continua sendo olhar para dentro das vidas de outras pessoas e depois reportar para o cliente o que você viu.

Estou aprendendo sozinho por uma razão muito simples. Não quero ficar aqui. Você pode chamar isso de Los Angeles em 1994, mas eu chamo de inferno. São refeições congeladas horríveis, que se cozinham numa caixa chamada *micro-ondas*, são tênis que mais parecem sapatos de Frankenstein, são músicas que saem do rádio parecendo urubus cozinhados vivos numa panela de pressão, são...

Bem, é tudo.

Quero minha vida de volta, quero as coisas do jeito que elas são e acho que sei como fazer isso acontecer.

Sam — ainda posso chamá-lo assim? — você é um ladrão triste e miserável e sinto pena de você. Mas ter pena só vai até certo ponto, porque a palavra-chave aqui é *ladrão*. Minha opinião inicial sobre o assunto não mudou, entende? Continuo achando que a capacidade de criar não outorga o direito de roubar.

O que é que você está fazendo neste exato momento, seu ladrão? Jantando naquele restaurante Petit Déjeuner que você criou? Dormindo ao lado de alguma querida deliciosa, com seios perfeitos que não ficam pendurados e com assassinato escondido na manga do seu *négligé*? Indo de carro até Malibu, sentindo-se livre e despreocupado? Ou apenas se balançando na velha cadeira do escritório, desfrutando a sua vida sem dor, sem fedor e sem cocô? O que é que você está fazendo?

Eu tenho tratado de aprender sozinho a escrever. Isso é o que *eu* tenho feito. E agora que consegui entrar, acho que vou melhorar rapidamente. Já estou quase conseguindo vê-lo.

Amanhã de manhã, Clyde e Peoria vão até o Blondie's, que foi reaberto. Dessa vez, Peoria vai cobrar aquele convite de Clyde para tomar o café da manhã. Esse vai ser o passo número dois.

É, Sam, estou quase conseguindo vê-lo, e muito em breve vou vê-lo. Mas acho que você não vai me ver. Não antes que eu saia detrás da porta do meu escritório e aperte as mãos em volta da sua garganta.

Dessa vez, ninguém irá pra casa.

11 *Black Friday* é o nome dado ao primeiro dia da quebra da Bolsa de Nova York em 1929. (N. do T.)

12 A *World Series* (“série mundial”, em português) é a série final do campeonato de basebol da *Major League Baseball*. (N. do T.)

13 Apelido da marca de motocicletas Vincent (N. do T.)

14 Apelido popular da cidade de São Francisco. (N. do T.)

15 Jogo de palavras no original *City of Los Angeles – City of Lost Angels*. (N. do T.)

16 O menor estado dos Estados Unidos. (N. do T.)

Abaixe a cabeça

NOTA DO AUTOR: Estou me intrometendo aqui, Leitor Fiel, para informá-lo de que isto não é um conto, mas um ensaio — quase um diário. Apareceu pela primeira vez na revista *The New Yorker*, na primavera de 1990.

S.K.

– Abaixe a cabeça! Fique com a cabeça *abaixada!*

Está longe de ser o feito mais difícil em esportes, mas qualquer pessoa que algum dia o tentou lhe dirá que é bastante duro: usar um bastão roliço para acertar uma bola redonda no ponto exato. Duro o bastante para que o punhado de homens que o faz bem ficarem ricos, famosos e idolatrados: os Jose Cansecos, os Mike Greenwells, os Kevin Mitchells. Para milhares de meninos (e não poucas meninas), seus rostos, não o rosto de Axl Rose ou de Bobby Brown, são os que contam. Seus pôsteres ocupam as posições de honra nas paredes de quartos e nas portas de armários de vestiário. Hoje Ron St. Pierre está ensinando a alguns desses meninos — meninos que irão representar Bangor West Side na partida do campeonato da Liga Juvenil do Distrito 3 — como dar com o bastão roliço na bola redonda. Neste exato momento, ele está trabalhando com um garoto chamado Fred Moore, enquanto meu filho, Owen, fica parado ali perto, observando com atenção. Ele vai ser o próximo a ocupar a posição difícil diante de St. Pierre. Owen tem os ombros largos e uma compleição robusta, como o seu velho. Fred tem um aspecto quase penosamente esguio na sua camiseta verde-clara. E não está batendo bem na bola.

— Abaixe a cabeça, Fred! — berra St. Pierre. Ele está a meia distância entre o montículo e a base de chegada, num dos dois campos da Liga Juvenil atrás da fábrica da Coca-Cola em Bangor. Fred está quase junto da tela do fundo. O dia está quente, mas, se o calor incomoda tanto Fred quanto St. Pierre, nenhum deles o demonstra. Estão concentrados no que estão fazendo.

— Mantenha-a *abaixada!* — berra St. Pierre de novo e descarrega uma bola lenta.

Fred bate por baixo. Ouve-se aquele tinido de alumínio no couro, como alguém batendo numa caneca de metal com uma colher. A bola bate na tela de fundo, volta, quase o acerta no capacete. Ambos riem e então St. Pierre pega outra bola do balde de plástico vermelho que está ao seu lado.

— Prepare-se, Freddy! — grita ele. — Abaixe a cabeça!

O Distrito 3 do Maine é tão grande que foi dividido em dois. Os times do condado de Penobscot compõem metade da divisão, os times dos condados de Aroostook e Washington compõem a outra metade. Os garotos são escolhidos para a Seleção por suas qualidades e extraídos de todos os times que participam da Liga Infantil do distrito. Os doze times do Distrito 3 jogam em rodadas simultâneas. Perto do final de julho, os dois times que restarem jogam um contra o outro, em melhor de três, para decidir quem é o campeão do distrito. Esse time vai representar o Distrito 3 nos jogos do Campeonato Estadual e faz muito tempo — 18 anos — desde a última vez em que um time de Bangor chegou ao torneio estadual.

Neste ano, as partidas do Campeonato Estadual vão ser disputadas em Old Town, onde se fabricam as canoas. Quatro dos cinco times que vão jogar ali voltarão para casa. O quinto irá representar o Maine no Campeonato Regional do Leste, que neste ano será realizado em Bristol, Connecticut. Além *desse,* é claro, há Williamsport, Pensilvânia, onde se realiza o Campeonato Mundial de Ligas Infantis. Os jogadores de Bangor West não parecem pensar muito nesses píncaros estonteantes. Dão-se por satisfeitos simplesmente com derrotar Millinocket, seu adversário da primeira rodada na disputa do condado de Penobscot. Os treinadores, entretanto, têm o direito de sonhar — na realidade, são quase *obrigados* a sonhar.

Dessa vez, Fred, que é o palhaço do time, *realmente* abaixa a cabeça. Acerta um tiro rasteiro e fraco, do lado errado da linha da primeira base, uma bola fora por cerca de dois metros.

— Olhe — diz St. Pierre, pegando outra bola. Ele a ergue bem alto. Ela está gasta, suja e com manchas de capim. Mas continua sendo uma bola de beisebol e Fred olha para ela com respeito. — Vou lhe mostrar um truque. Onde está a bola?

— Na sua mão — responde Fred.

Santo, como Dave Mansfield chama o treinador principal do time, deixa-a cair na luva.

— E agora?

— Na sua luva.

Santo se vira de lado e sua mão de lançamento se esgueira para dentro da luva.

— E agora?

— Na sua mão. Eu acho.

— Acertou. Então observe minha mão. Observe minha mão, Fred Moore, e espere até que a bola apareça nela. Você está procurando a bola. Nada mais. Apenas a bola. Eu deveria ser apenas um borrão para você. Aliás, para que você iria querer me ver? Faz diferença para você se estou sorrindo? Não. Você está prestando atenção para ver como é que eu vou vir: braço de lado, três quartos ou por cima. Está esperando?

Fred confirma com a cabeça.

— Está prestando atenção?

Fred confirma com a cabeça novamente.

— *OK* — diz St. Pierre e repete seu lançamento para treinamento de batida com braço semirretraído.

Dessa vez, Fred acerta na bola com verdadeira competência: um tiro forte, em linha descendente, para o lado direito do campo.

— Muito *bem*! — grita Santo. — Essa foi *muito boa,* Fred Moore! — Limpa o suor da testa. — Próximo batedor!

Dave Mansfield, um homem pesadão, de barba, que vem ao campo com óculos escuros de piloto e uma camisa de gola aberta do Campeonato Mundial de Faculdades (é um amuleto para dar sorte), trouxe uma sacola de papel para o jogo Bangor West-Millinocket. Nele, estão 16 flâmulas, de diversas cores. Cada uma ostenta a palavra BANGOR, flanqueada por uma lagosta de um lado e um pinheiro do outro. Cada jogador de Bangor West, ao ser anunciado pelos alto-falantes que foram pendurados com arame na cerca de galinheiro do fundo, tira uma flâmula da sacola que Dave lhe estende, corre pela parte da frente do campo e a entrega ao seu oponente direto.

Dave é um homem espalhafatoso e irrequieto, que ama beisebol e os garotos que jogam nessa modalidade. Ele acha que na Liga Juvenil Oficial há dois objetivos: divertir-se e ganhar. Ele diz que ambos são importantes, mas o mais importante é mantê-los na ordem certa. As flâmulas não são um artifício astucioso para enervar o adversário, mas só uma diversão. Dave sabe que os meninos de ambos os times vão se lembrar desse jogo e quer que cada um dos garotos de Millinocket tenha uma recordação. É apenas isso.

Os jogadores de Millinocket parecem surpresos com esse gesto e não sabem bem o que fazer com as flâmulas enquanto o toca-fitas de alguém começa a reproduzir meio trêmula a interpretação por Anita Bryant de *The Star-Spangled Banner.17* O recebedor de Millinocket, quase soterrado sob sua indumentária, soluciona o problema de modo único: segura sua flâmula de Bangor sobre o coração.

Terminadas as amenidades, Bangor West ministra uma surra rápida e categórica: a contagem final é Bangor West, 18; Millinocket, 7. A derrota, entretanto, não retira o valor dos souvenires: quando Millinocket vai embora no ônibus do time, o banco dos visitantes está vazio, salvo por alguns copos de papel e pauzinhos de picolé. As flâmulas — todinhas — se foram.

— Corte o *dois!* — berra Neil Waterman, treinador de campo do Bangor West. — Corte o *dois,* corte o *dois!*

Estamos no dia seguinte ao jogo contra Millinocket. Todos do time ainda estão se apresentando para os treinos, mas ainda é cedo. Aos poucos, começam as perdas. Isso é certo: nem sempre os pais estão dispostos a abrir mão de seus planos para o verão só para que seus filhos possam jogar na Liga Infantil depois de encerrada a temporada normal de maio e junho e, às vezes, os próprios garotos se cansam do desgaste constante dos treinos. Alguns prefeririam estar andando de bicicleta, tentando dar um *hang ten* nos seus *skates* ou simplesmente estar zanzando pela área comum de brincadeiras, de olho nas garotas.

— Corte o *dois!* — berra Waterman. Ele é um homem pequeno, compacto, com umas bermudas cáqui e um corte à escovinha no estilo Zé Treinador. Na vida real, é professor e treinador de beisebol universitário, mas nesse verão está tentando ensinar a esses meninos que o beisebol tem mais em comum com o xadrez do que muita gente imagina. Saiba qual é a

sua jogada, diz a eles repetidamente. Saiba a quem você está apoiando. Mais importante de tudo, saiba quem é o homem que deve cortar em cada situação e esteja em condições de atingi-lo. Trabalha pacientemente para mostrar a eles a verdade que se encerra no âmago desse esporte: que ele é jogado mais com a cabeça do que com o corpo.

Ryan Iarrobino, o jogador do centro do campo do Bangor West, dispara uma bala para Casey Kinney na segunda base. Casey identifica um jogador imaginário que está correndo, gira rápido e atira outra bala para a base de chegada, onde J. J. Fiddler recebe a bola lançada e a atira de volta para Waterman.

— Bola dupla! — berra Waterman e manda uma para Matt Kinney (que não é parente de Casey).

No treino de hoje, Matt está jogando como defensor entre a segunda e a terceira bases. A bola dá um salto esquisito e parece estar indo para a esquerda do centro. Matt a mata, a pega e passa para Casey na segunda base. Casey gira rápido e atira para Mike Arnold, que está na primeira. Mike a passa para a base de chegada, onde está J.J.

— Muito bem! — berra Waterman. — Bom trabalho, Matt Kinney! *Bom trabalho!* Um-dois-um! Você está na cobertura, Mike Pelkey! — Os dois nomes. Sempre os dois nomes, para evitar confusão. O time está cheio de Matts, Mikes e sujeitos chamados Kinney.

Os lançamentos são executados de forma impecável. Mike Pelkey, o lançador número dois de Bangor West, está bem onde devia estar, cobrindo a primeira. É um movimento que nem sempre se lembra de fazer, mas dessa vez ele se lembra. Dá um sorriso largo e corre devagar para o montículo, enquanto Neil Waterman se prepara para atacar a próxima combinação.

— Este é o melhor time de Liga Juvenil Oficial que vejo depois de muitos anos — disse Dave Mansfield uns dias depois de Bangor West ter dado a surra em Millinocket. Ele despeja uma quantidade de sementes de girassol na boca e começa a mastigá-las. Enquanto fala, vai cuspindo as cascas com naturalidade. — Acho que não podem ser derrotados, pelo menos nesta divisão.

Faz uma pausa e fica olhando enquanto Mike Arnold dispara da primeira base rumo à placa, agarra um tiro de treinamento e gira na

direção do saco na base de chegada. Arma o braço para trás — e então fica segurando a bola. Mike Pelkey ainda está no montículo: dessa vez, ele se esqueceu de que é sua tarefa dar cobertura e o saco está desprotegido. Ele lança um rápido olhar de culpa para Dave. Depois abre um sorriso alegre e se prepara para tentar de novo. Da próxima vez, fará direito, mas será que vai se lembrar de fazer direito durante uma partida?

— É claro que podemos derrotar a nós mesmos. — diz Dave. — Geralmente, é assim que acontece. — E, elevando a voz, berra: — *Onde é que você estava, Mike Pelkey? Você tem que cobrir a primeira!*

Mike assente com a cabeça e dá uma corridinha devagar para lá — antes tarde do que nunca.

— Brewer — diz Dave, sacudindo a cabeça. — Brewer, no campo deles. Vai ser dureza. Contra Brewer é *sempre* duro.

Bangor West não dá uma surra em Brewer, mas vencem seu primeiro jogo "fora de casa" sem qualquer esforço maior. Matt Kinney, o lançador número um do time, está em boa forma. Está longe de ser arrasador, mas sua bola rápida tem um pequeno salto sinuoso, maroto, e ele tem também um lançamento curto e modesto mas eficaz. Ron St. Pierre gosta de dizer que todo lançador da Liga Juvenil dos Estados Unidos acha que tem uma bola em curva de matar qualquer um.

— O que eles pensam que é uma curva em geral é apenas essa grande barriga — diz ele. — Um batedor com um pouco de autodisciplina pode liquidar essa coisinha.

Entretanto, a bola em curva de Matt Kinney realmente faz uma curva e nessa noite ele está em forma e põe oito batedores para fora. Provavelmente, o mais importante é que ele só deixa quatro caminharem para as bases. As caminhadas são o terror da existência de um treinador da Liga Juvenil.

— Elas matam a gente. — diz Neil Waterman. — As caminhadas o matam a cada vez.

Não há nenhuma exceção. Sessenta por cento de batedores que caminham marcam pontos nos jogos da Liga Juvenil. Mas não nessa partida: dois dos batedores que Kinney possibilitou que caminhassem foram eliminados na segunda base; os outros dois ficaram imobilizados nas suas bases. Só um batedor de Brewer conseguiu marcar ponto: Denise

Hewes, centro de campo, acerta depois de perder uma no quinto tempo, mas é eliminada na segunda base.

Quando já não há dúvida de que o jogo está garantido, Matt Kinney, um menino sério e quase assustadoramente autoconfiante, abre um sorriso raro para Dave, revelando o aparelho bem-posto nos dentes.

— Ela sabia mesmo *bater!* — diz ele quase com reverência.

— Espere até ver os do Hampden. — diz Dave secamente. — Eles *todos* sabem bater de verdade.

Quando o time de Hampden aparece no campo do Bangor West, atrás da fábrica de Coca-Cola, no dia 17 de julho, os jogadores rapidamente mostram que Dave tinha razão. Mike Pelkey está com uma classe bastante boa e com mais controle do que mostrara contra Millinocket, mas ele não tem muito mistério para os meninos de Hampden. Mike Tardif, um garoto compacto com um bastão incrivelmente rápido, devolve com força o terceiro lançamento de Pelkey por cima da cerca do campo esquerdo, a 65 metros de distância, para dar uma volta completa no primeiro tempo. Hampden acrescenta mais duas voltas completas no segundo e lidera Bangor West por 3 a 0.

No terceiro, porém, Bangor West dispara. Os lançamentos de Hampden são bons, as batidas de Hampden são impressionantes, mas o pessoal de campo do Hampden, especialmente do perímetro interno, deixa algo a desejar. Bangor West consegue reunir três batidas certas com cinco erros e duas caminhadas para marcar sete voltas completas. É assim que transcorre a maioria dos jogos da Liga Juvenil e sete voltas completas deviam ser suficientes, mas não são. Os adversários, encarniçadamente, conseguem ganhar uns pontinhos, obtendo dois na sua metade do terceiro tempo e dois mais no quinto. Quando Hampden vai bater no final do sexto, está atrás por apenas três, 10 a 7.

Kyle King, um menino de 12 anos que abriu o jogo por Hampden nessa noite e depois foi para recebedor no quinto, inicia o final do sexto com um duplo. Depois, Mike Pelkey elimina Mike Tardif. Mike Wentworth, o novo lançador de Hampden, acerta a bola que lhe permite ir para a primeira base. King e Wentworth avançaram com uma bola passada, mas são obrigados a permanecer parados quando Jeff Carson atira de volta para o lançador. Isso traz para bater Josh Jamieson, uma das cinco ameaças de Hampden de conseguir volta completa, com dois nas bases e duas rodadas.

Ele representa a volta de empate. Mike, embora visivelmente cansado, consegue alguma coisa a mais e o elimina com um lançamento 1-2. O jogo está terminado.

Os garotos se colocam em fila e se cumprimentam como manda o figurino, um batendo a palma da mão na do outro, mas fica claro que Mike não é o único que está simplesmente exausto depois da partida. Com seus ombros caídos e cabeças abaixadas, eles todos têm aparência de perdedores. Bangor West está agora com 3 a 0 nos jogos da divisão, mas essa vitória foi uma zebra, o tipo de partida que faz com que a Liga Juvenil seja uma experiência que põe à prova os nervos de espectadores, treinadores e dos próprios jogadores. Normalmente um time que pega bem as bolas no campo, nessa noite Bangor West cometeu algo como nove erros.

— Não dormi a noite inteira — resmunga Dave durante o treino no dia seguinte. — Que diabo, eles jogaram melhor. Nós devíamos ter perdido.

Duas noites depois, ele tem outra razão para se sentir deprimido. Ele e Ron St. Pierre fazem o percurso de 15 quilômetros até Hampden para assistir a Kyle King e seus companheiros jogarem contra Brewer. Não se trata de uma expedição em busca de talentos. Bangor jogou contra ambos os clubes e os dois homens têm anotações em abundância. O que eles realmente estão desejando ver, confessa Dave, é Brewer ter sorte e tirar Hampden do caminho. Isso não acontece. A que eles assistem não é uma partida de beisebol mas sim um exercício de artilharia.

Josh Jamieson, que foi eliminado no confronto com Mike Pelkey, acerta a bola por cima de tudo, até cair no campo de treinamento do Hampden, obtendo uma volta completa. E Jamieson não é o único. Carson também acerta uma, Wentworth acerta outra e Tardif acerta duas. O resultado final é Hampden, 21; Brewer, 9.

No trajeto de volta para Bangor, Dave Mansfield mastiga uma porção de sementes de girassol e fala pouco. Ele se inflama só uma vez, ao virar com seu velho Chevrolet verde para entrar no pátio de estacionamento de terra esburacada ao lado da fábrica da Coca-Cola.

— Nós tivemos sorte na noite de terça-feira e eles sabem disso — diz ele. — Quando formos lá na quinta-feira, vão estar esperando por nós.

Os campos em forma de losangos em que se desenrolam os dramas em seis tempos dos times do Distrito 3 têm todos as mesmas dimensões, tirando ou botando uns 30 centímetros aqui ou um portão no fim do campo ali. Todos os treinadores carregam o manual de regras no bolso de trás e o utilizam com frequência. Dave gosta de dizer que nunca fez mal nenhum conferir as coisas. O campo interior tem 20 metros de cada lado: um quadrado apoiado numa quina, que é a base de chegada. A tela de fundo, de acordo com o manual de regras, deve estar a pelo menos seis metros e meio da base de chegada, dando tanto ao recebedor como ao jogador que está na terceira base uma chance justa no caso de uma bola passada. As cercas devem estar a 65 metros da base de chegada. No campo do Bangor West, ela na verdade está a cerca de 70 metros do centro. E em Hampden, terra de batedores fortes como Tardif e Jamieson, elas estão quase a 60 metros.

A medida mais inflexível é também a mais importante: a distância entre o topo do montículo do lançador e o centro da base de chegada. Quinze metros — nem mais, nem menos. Quando se trata dessa medida, ninguém diz: — Ora, serve para atender à fiscalização, pode deixar. — A maioria dos times da Liga Juvenil vive e morre em função do que acontece nos 15 metros entre esses dois pontos.

Os campos do Distrito 3 variam consideravelmente em outros aspectos e geralmente uma olhada rápida é suficiente para lhe dizer algo sobre a atitude que cada comunidade tem para com o esporte. O campo do Bangor West está em mau estado — o primo pobre que a municipalidade sistematicamente ignora no seu orçamento para recreação. O chão é uma argila estéril que se transforma em sopa quando chove e em concreto quando o tempo fica seco, como ocorreu nesse verão. A irrigação manteve a maior parte do campo exterior razoavelmente verde, mas o interior é um desastre. Ao longo das linhas, cresce um capim ralo, mas a área entre o montículo do lançador e a base de chegada é completamente careca. A tela do fundo está enferrujada; é comum bolas passadas e lançamentos muito ruins passarem através de uma fenda larga entre o solo e a tela de arame de galinheiro. Nos campos do centro e da direita, há duas dunas grandes e onduladas. Essas dunas, na verdade, tornaram-se uma das vantagens do time da casa. Os jogadores de Bangor West aprenderam a jogar aproveitando os rebotes sobre elas. Jogadores de campo de times

visitantes, por seu lado, frequentemente se veem correndo atrás de seus erros até baterem na cerca.

O campo do Brewer, encaixado por trás de um armazém e de uma Loja Marden's, tem que competir por espaço com o que talvez sejam os equipamentos de playground mais velhos e mais enferrujados da Nova Inglaterra: irmãos e irmãs menores assistem ao jogo dependurados de cabeça para baixo nos balanços, as cabeças para o chão e os pés para o céu.

O campo Bob Beal, em Machias, com a superfície do campo interior toda irregular com pedrinhas incrustadas na terra, provavelmente é o pior campo em que Bangor West jogará nesse ano; Hampden, com o campo exterior de grama aparada e o campo interior muito bem composto, provavelmente é o melhor. Com sua área para piquenique adiante da cerca do campo central e uma lanchonete equipada com banheiros, o losango do Hampden, por trás do salão da seção local da VFW,18 parece um campo de meninos ricos. Mas as aparências enganam. Esse time é uma combinação de garotos de Newburgh e Hampden, e Newburgh ainda é zona de fazendolas e laticínios. Muitos desses garotos vão para os jogos em carros velhos, com tinta de impressão em volta dos faróis e escapamentos amarrados no lugar com arame de tela de galinheiro. Ostentam o bronzeado que adquiriram fazendo tarefas no campo, não tomando sol na beira da piscina no clube de campo. Garotos da cidade e garotos do campo. Depois que estão com seus uniformes, não faz muita diferença quem é quem.

Dave tinha razão: os torcedores de Hampden-Newburgh estão à espera. Bangor West ganhou o título da Liga Juvenil do Distrito 3 em 1971; Hampden nunca conquistou um título e muitos torcedores locais continuam a ter a esperança de que este será o ano, apesar da perda anterior para Bangor West. Pela primeira vez, o time de Bangor realmente sente o que é jogar fora de casa: está diante da grande torcida do time local.

Quem começa é Matt Kinney. Hampden revida com Kyle King e o jogo logo se apresenta com aquela característica mais rara e mais deliciosa da Liga Juvenil: um autêntico duelo de lançadores. No final do terceiro tempo, o placar é Hampden, 0; Bangor West, 0.

No final do quarto tempo, Bangor marca duas voltas completas quando os jogadores do campo interior do Hampden mais uma vez se

descontrolam. Owen King, o homem da primeira base de Bangor West, vai para batedor com dois dentro e uma rodada. Os dois King, Kyle no time de Hampden e Owen no de Bangor West, não são parentes. Não é preciso que lhe digam, basta dar uma olhada. Kyle King tem cerca de 1,60 metro. Owen King, com 1,90 metro, agiganta-se sobre ele. As diferenças de tamanho são tão extremas na Liga Juvenil que é fácil sentir-se desorientado, vítima de alucinações.

O King do Bangor rebate seco uma bola rasteira para um tiro curto. É uma jogada de eliminação sob medida, mas o defensor do campo interior do Hampden não a deixa passar em branco e King, sacudindo seus quase cem quilos em velocidade máxima até a primeira base, chega na frente do passe. Mike Pelkey e Mike Arnold disparam até a base de chegada.

Então, no final do quinto tempo, Matt Kinney, que está indo à vontade, acerta Chris Witcomb, o número oito na ordem do Hampden. Brett Johnson, o rebatedor número nove, rebate uma pegando fogo na direção de Casey Kinney, o homem do Bangor na segunda base. Mais uma vez é uma bola feita sob medida para uma jogada de eliminação, mas Casey refuga. Suas mãos, que estavam automaticamente se abaixando para o chão, ficam paralisadas a dez centímetros do solo e Casey vira o rosto para o lado oposto, para protegê-lo de um possível rebote perigoso. Este é o mais comum de todos os erros ao apanhar a bola no campo nos jogos da Liga Juvenil e o mais fácil de compreender: é um ato de autopreservação. O olhar desolado que Casey lança para Dave e Neil, enquanto a bola escorrega para o centro do campo, completa essa parte do balé.

— Não tem importância, Casey! Da próxima vez! — berra Dave com seu sotaque ianque áspero e confiante. — Novo rebatedor! Antecipe sua jogada! Ainda estamos na frente! Ganhe uma rodada! Concentre-se apenas em ganhar uma rodada!

Casey começa a se descontrair, começa a se reencontrar na partida e então, para lá das cercas do fundo, as buzinas do Hampden começam a tocar. Algumas delas pertencem a carros novos — Toyotas, Hondas e pequenos Dodge Colts vistosos, com adesivos nos para-choques como EUA FORA DA AMÉRICA CENTRAL e PARTAM MADEIRA, NÃO ÁTOMOS. Mas a maioria das buzinas do Hampden pertence a picapes e carros mais velhos. Muitas das picapes têm portas enferrujadas, rádios FM presos com arame debaixo do painel e tetos de barraca de acampamento por cima da carroceria

aberta. Quem está dentro desses veículos, tocando as buzinas? Ninguém parece saber, pelo menos com certeza. Não são pais nem parentes dos jogadores do Hampden, pois estes (mais um complemento numeroso de irmãozinhos e irmãzinhas lambuzados de sorvete) estão lotando as arquibancadas e de pé ao longo da cerca do lado do losango diante da terceira base, onde está o banco do Hampden. Podem ser sujeitos dali que acabaram de sair do trabalho — sujeitos que pararam para assistir a um pouco do jogo antes de tomar umas cervejotas na sede da VFW ao lado — ou podem ser os fantasmas dos Jogadores do Hampden da Liga Juvenil do Passado, sedentos daquela faixa de campeão estadual que há tanto tempo lhes vem sendo negada. Parece ao menos possível, pois há algo de estranho e inevitável nessas buzinas do Hampden. Elas tocam em harmonia — buzinas de tom agudo, buzinas de tom grave e alguma buzinas de neblina acionadas por baterias quase descarregadas. Vários dos jogadores de Bangor West olham inquietos para trás, na direção desses sons.

Por trás da tela do fundo, uma equipe da televisão local está se preparando para filmar uma reportagem para a edição final de esportes no noticiário das 23h. Isso provoca certa agitação entre alguns dos espectadores, mas só alguns dos jogadores no banco do Hampden parecem se dar conta da reportagem. Matt Kinney certamente não: ele está totalmente concentrado no próximo rebatedor do Hampden, Matt Knaide, que bate num dos tênis com seu bastão de alumínio Worth e depois avança para o quadrado do rebatedor.

As buzinas do Hampden se calam. Matt Kinney começa seu aquecimento. Casey Kinney recai em posição logo à direita da segunda base, luva abaixada. Seu rosto diz que não tem a menor intenção de se virar se a bola for rebatida na sua direção novamente. Os corredores do Hampden estão parados, em expectativa, na primeira e na segunda bases. (Na Liga Juvenil nenhum jogador pode começar na base de chegada.) Os espectadores nos lados opostos do losango ficam olhando ansiosos. Vão parando de conversar. O melhor do beisebol (e esta é realmente uma boa partida, que até se pagaria para assistir) é uma partida com pausas descontraídas entremeadas por tomadas de ar súbitas e curtas. Agora os torcedores podem pressentir que está chegando o momento de uma dessas tomadas de ar. Matt Kinney gira o braço e atira.

Knaide rebate a primeira bola por cima da segunda, para marcar um ponto de base, e agora o placar é 2 a 1. Kyle King, o lançador do Hampden, vai para a base de chegada e rebate uma bola em trajetória reta, baixa e zunindo, direto na direção do montículo do lançador. Ela acerta Matt Kinney na canela direita. Ele tenta instintivamente pegar a bola, que já escapou na direção do espaço vazio entre a terceira base e o campo interior, antes de perceber que está realmente machucado e cair no chão. Agora as bases estão ocupadas, mas no momento ninguém dá atenção a isso. No instante em que o árbitro levanta as mãos, indicando o intervalo, todos os jogadores do Bangor West convergem sobre Matt Kinney. Para lá do centro do campo, as buzinas do Hampden estão tocando em triunfo.

Kinney está lívido, visivelmente sentindo muita dor. Uma bolsa de gelo é trazida do estojo de primeiros socorros que fica guardado no quiosque de refrigerantes e, depois de alguns minutos, ele consegue ficar de pé e sair do campo mancando, com os braços em volta de Dave e Neil. Os espectadores o aplaudem muito, numa demonstração de solidariedade.

Owen King, inicialmente o homem da primeira base, torna-se o novo lançador de Bangor West e o primeiro rebatedor que ele tem que encarar é Mike Tardif. As buzinas do Hampden emitem uma curta fanfarra de antecipação quando Tardif vai para a posição. O terceiro lançamento de King se perde, indo parar na tela do fundo. Brett Johnson vai para a chegada e King se precipita do montículo para a base de chegada, como lhe foi ensinado. No banco do Bangor West, Neil Waterman, ainda com o braço em volta dos ombros de Matt Kinney, declama:

— *Cobre-cobre-*COBRE*!*

Joe Wilcox, o recebedor principiante do Bangor West, tem menos 30 centímetros de altura do que King, mas é muito rápido. No início dessa temporada oficial, ele não queria jogar como recebedor, e continua não gostando da posição, mas aprendeu a se conformar com ela e a ser bom numa posição em que poucos jogadores de pouca altura duram muito tempo. Mesmo na Liga Juvenil, a maioria dos recebedores parece um caneco humano de chope. Mais no começo dessa partida, ele conseguiu agarrar, num gesto rápido, de modo impressionante, uma bola fora. Agora ele se precipita em direção à tela do fundo, atirando sua máscara protetora para o lado com a mão nua no mesmo instante em que pega o rebote do lançamento perdido. Vira para a base de chegada e passa a bola para King

no momento em que as buzinas do Hampden soltam em coro um brado de triunfo bem alto e que acaba sendo prematuro.

Johnson diminui a velocidade. Seu rosto está com uma expressão muito parecida com a que exibiu Casey Kinney quando permitiu que o tiro forte e rasteiro de Johnson passasse pelo buraco que ele deixara. É uma fisionomia de extrema ansiedade e apreensão, o rosto de um menino que de repente deseja estar em outro lugar. Em *qualquer* outro lugar. O novo lançador está bloqueando a base de chegada.

Johnson começa a deslizar com pouco entusiasmo. King recebe o passe de Wilcox, gira sobre si mesmo com uma graça surpreendente e cativante e com seu toque elimina facilmente o desafortunado Johnson. Depois, anda de volta para o montículo, limpando o suor da testa, e se prepara para encarar Tardif uma vez mais. Atrás dele, as buzinas do Hampden se calaram de novo.

Tardif manda uma em arco na direção da terceira base. Kevin Rochefort, o homem da terceira base do Bangor, responde com um único passo atrás. É uma jogada fácil, mas há uma horrível expressão de desapontamento no seu rosto e é só então, enquanto Rochefort começa a ficar paralisado no que é uma bola lenta e fácil, que se pode ver o quanto o time inteiro ficou abalado com a contusão de Matt. A bola bate dentro da luva de Rochefort e depois salta de volta para fora quando ele, apelidado de Mão de Sebo — primeiro por Freddy Moore e depois por todo o time —, não consegue segurá-la. Knaide, que tinha avançado para a terceira base enquanto King e Wilcox estavam lidando com Johnson, já disparou para a base de chegada. Facilmente Rochefort poderia ter pegado Knaide no meio se tivesse segurado a bola, mas ali, como na liga profissional, beisebol é um jogo de hipóteses e de centímetros. Rochefort não prendeu a bola na mão e, em vez disso, com a luva, atira-a muito alto para a primeira base. Mike Arnold tinha assumido a posição ali e ele é um dos melhores defensores de campo do time, mas ninguém lhe forneceu pernas de pau. Nesse meio-tempo, Tardif chega rasgando na segunda base. O duelo de lançadores se transformou numa partida típica da Liga Juvenil e agora as buzinas do Hampden formam uma cacofonia de júbilo. O time da casa virou rolo compressor e o placar final é Hampden, 9; Bangor West, 2. Ainda assim, há duas coisas boas para levar pra casa: Matt Kinney não

está seriamente contundido e Casey Kinner, ao ter outra chance difícil num dos últimos tempos, não se deixou sufocar e executou a jogada.

Depois de se registrar o último eliminado, os jogadores de Bangor West caminham cabisbaixos para sua trincheira e sentam-se no banco. Essa é sua primeira derrota e a maioria deles não está reagindo com muita elegância. Alguns, irritados, atiram as luvas entre seus sapatos sujos. Alguns estão chorando, outros parecem à beira das lágrimas, e ninguém fala. Até Freddy, o piadista-mor do Bangor, não tem nada a dizer nessa noite úmida de quinta-feira em Hampden. Para lá da cerca do meio do campo, algumas das buzinas do Hampden ainda estão tocando felizes, sem parar.

Neil Waterman é a primeira pessoa a falar. Ele diz aos meninos que ergam a cabeça e olhem para ele. Três deles já o estão olhando: Owen King, Ryan Iarrobino e Matt Kinney. Agora, cerca da metade do time consegue fazer o que ele está pedindo. Entretanto, vários outros, inclusive Josh Stevens que foi o último eliminado, continuam a parecer imensamente interessados nos seus respectivos sapatos.

— Ergam a *cabeça* — repete Waterman. Fala mais alto dessa vez, mas não de forma agressiva, e agora todos conseguem olhar para ele. — Vocês jogaram uma boa partida — diz num tom suave. — Vocês ficaram um pouco abalados e eles acabaram ficando por cima. Isso acontece. Mas não quer dizer que eles são melhores: isso é algo que vamos descobrir no sábado. Hoje à noite, tudo que vocês perderam foi um jogo de beisebol. O sol ainda vai nascer amanhã. — Eles começam a se mover um pouco no banco. Aparentemente, essa velha conversa não perdeu seu poder de consolar. — Vocês deram o que tinham nesta noite e isso era tudo que queríamos. Sinto orgulho de vocês e vocês podem se sentir orgulhosos. Não aconteceu nada para vocês abaixarem a cabeça.

Ele cede o lugar para Dave Mansfield, que corre o olhar pelo time. Quando Dave fala, sua voz geralmente alta está ainda mais suave do que a de Waterman.

— Quando viemos para cá, sabíamos que eles tinham que ganhar de nós, não é verdade? — pergunta ele. Continua num tom pensativo, quase como se estivesse falando consigo mesmo: — Se não ganhassem, estariam eliminados. Eles irão jogar no nosso campo no sábado. É aí que *nós* temos que ganhar *deles*. Vocês querem ganhar?

Eles estão todos com a cabeça erguida agora.

— Quero que vocês se lembrem do que Neil lhes disse — fala Dave num tom pensativo, muito diferente dos berros no campo de treinamento. — Vocês são um time. Isso significa que vocês amam uns aos outros. Vocês amam uns aos outros, ganhando ou perdendo, porque são um time.

Na primeira vez em que alguém indicou a esses meninos que eles precisavam se amar uns aos outros quando estivessem no campo, a ideia os fez dar uns risos inquietos. Agora eles não riem. Depois de aguentarem juntos as buzinas do Hampden, eles parecem compreender, pelo menos um pouco.

Dave corre o olhar por eles mais uma vez, depois balança a cabeça num sinal de aprovação.

— Muito bem. Recolham o equipamento.

Eles recolhem bastões, capacetes, equipamento de recebimento e enfiam tudo em sacos de lona. Quando terminam de carregar tudo até a velha picape verde de Dave, alguns deles estão rindo de novo.

Dave ri junto com eles, mas não dá nenhum riso no caminho de volta para casa. Nessa noite, o percurso parece longo.

— Não sei se podemos derrotá-los no sábado — diz ele no caminho de volta. Está falando naquele mesmo tom pensativo. — Eu quero e *eles* querem derrotá-los, mas eu simplesmente não sei. Agora, Hampden está com o *mo* a seu favor.

Mo, está claro, quer dizer momentum, embalo, — aquela força mítica que condiciona não só partidas individuais como até temporadas inteiras. Os jogadores de beisebol são cheios de manias e superstições em qualquer nível do jogo e, por algum motivo, os jogadores do Bangor West adotaram como talismã uma pequena sandália de plástico — um objeto que pertenceu à bonequinha de alguma torcedora que o jogou fora. Deram a esse talismã absurdo o nome de *mo*. A cada partida, eles o penduram na cerca de arame de galinheiro da trincheira e alguns batedores muitas vezes o tocam às escondidas antes de irem para sua posição. Nick Trzaskos, que geralmente joga como campista de esquerda no Bangor West, fica responsável pelo *mo* entre as partidas. Nessa noite, pela primeira vez, ele tinha se esquecido de trazer o talismã.

— É melhor Nick se lembrar do *mo* no sábado — fala Dave seriamente. — Mas mesmo que ele se lembre... — Sacode a cabeça. — Eu simplesmente não sei.

Não se paga ingresso para assistir aos jogos da Liga Juvenil. Isso é expressamente proibido pelo regulamento. Em vez disso, durante o quarto tempo, um jogador passa um boné solicitando donativos para equipamento e manutenção do campo. No sábado, quando Bangor West e Hampden se enfrentam na final desse ano do torneio da Liga Juvenil do condado de Penobscot, em Bangor, pode-se avaliar o crescimento do interesse local pelo futuro do time por uma simples comparação. A coleta feita na partida Bangor x Millinocket foi de US$15,45; no jogo contra Hampden, na tarde de sábado, quando o boné finalmente retorna no quinto tempo, está transbordando de moedas e amarrotadas notas de dólar. A receita total é de US$94,25. As arquibancadas estão lotadas, as cercas estão cheias de gente, o pátio de estacionamento está lotado. A Liga Juvenil tem uma coisa em comum com quase todos os empreendimentos esportivos e de negócios nos Estados Unidos: nada tem tanto êxito como o próprio êxito.

As coisas começam bem para Bangor, eles lideram por 7 a 3 no final do terceiro tempo, e então tudo desmorona. No quarto tempo, Hampden marca seis voltas completas, a maioria delas merecidas. Bangor West não desanima, como fez depois que Matt Kinney foi atingido no jogo em Hampden. Os jogadores não abaixam a cabeça, para usar a expressão de Neil Waterman. Mas quando lhes toca a vez de rebater, no final do sexto tempo, eles estão atrás por um placar de 14 a 12. A eliminação parece algo muito próximo e muito real. *Mo* está no seu lugar de costume, mas Bangor West ainda precisa eliminar três para chegar ao final da sua temporada.

Um garoto que não precisou que lhe dissessem para manter a cabeça erguida depois que Bangor West perdeu de 9 a 2 foi Ryan Iarrobino. Ele entrou confiante naquela partida, jogou bem e saiu do campo devagar, *sabendo* que tinha jogado bem. É um garoto alto, calado, com ombros largos e uma massa de cabelos castanho-escuros. Ele é um dos dois atletas natos do time de Bangor West. O outro é Matt Kinney. Embora os dois meninos sejam opostos fisicamente — Kinney é esguio e ainda bastante baixo; Iarrobino, alto e musculoso —, eles partilham de uma qualidade rara em meninos dessa idade: confiam em seus corpos. A maioria dos demais integrantes do time de Bangor West, independentemente de seus

talentos, parece considerar seus pés, braços e mãos como espiões e traidores em potencial.

Iarrobino é um desses garotos que de algum modo parecem estar mais *com tudo em cima* quando vestem as roupas para qualquer espécie de competição. É um dos poucos garotos em ambos os times que é capaz de pôr o capacete de rebatedor na cabeça e não parecer um bobalhão usando a panela da mãe. Quando Matt Kinney sobe no montículo e lança uma bola, ele parece perfeito no tempo e no espaço. E quando Ryan Iarrobino avança para o quadrado de rebatedor do lado direito e aponta a extremidade do seu bastão na direção do lançador por um instante antes de levantá-lo para a posição de engatilhado sobre seu ombro direito, ele também parece estar exatamente no lugar para o qual foi feito. Ele dá a impressão de estar entrincheirado antes mesmo de se acomodar para rebater o primeiro lançamento: você poderia traçar uma linha reta perfeita da curva do seu ombro até a curva do seu quadril e seguir para baixo até a curva do calcanhar. Matt Kinney foi feito para lançar bolas de beisebol, Ryan Iarrobino foi feito para rebatê-las.

Última chance para Bangor West. Jeff Carson, cuja volta completa no quarto tempo realmente fez a diferença nesse jogo e anteriormente havia substituído Mike Wentworth no montículo para lançar por Hampden, agora é substituído por Mike Tardif. Encara primeiro Owen King. King usa a tática de três bolas fora e duas erradas (lançando em arco aberto para a cerca, buscando o solo), depois manda um lançamento quase no limite da linha de fora, o que acaba resultando numa caminhada. Roger Fisher o segue no montículo, substituindo o sempre expansivo Fred Moore. Roger é um garoto pequeno, com olhos e cabelos escuros de índio. Ele parece fácil de eliminar, mas as aparências enganam, pois Roger tem bastante força. Hoje, contudo, ele é superado. É eliminado em três lançamentos.

No campo, os jogadores do Hampden se agitam e se entreolham. Estão chegando perto e sabem disso. O pátio de estacionamento fica muito longe para que as buzinas do Hampden possam ter influência, e os torcedores se conformam em apenas dar gritos de incentivo para o time. Duas mulheres, com bonés roxos do Hampden, estão de pé atrás da trincheira, abraçando-se alegremente. Vários outros torcedores parecem corredores de pista de atletismo, aguardando o tiro de largada. É evidente que pretendem correr

para o campo no momento em que os seus meninos conseguirem eliminar definitivamente Bangor West.

Joe Wilcox, que não queria ser recebedor e acabou mesmo assim fazendo o trabalho, devolve uma com força pelo centro e pendendo para a esquerda do campo. King para na segunda. Para rebater vai Arthur Dorr, o campista direito do Bangor, que usa os tênis de beisebol de cano alto mais velhos do mundo e não rebateu nem uma bola o dia todo. Dessa vez, ele dispara uma, mas bem na direção do defensor do Hampden no campo interior, que mal tem que se mover. Rapidamente, o defensor devolve a bola para a segunda base, na esperança de pegar King fora dela, mas está sem sorte. Não obstante, dois garotos vão para fora.

Os torcedores do Hampden dão mais berros de incentivo. As mulheres atrás da trincheira estão dando saltos no mesmo lugar. Agora há algumas das buzinas do Hampden tocando sem parar em algum canto, mas ainda é cedo e, para perceber isso, basta olhar para o rosto de Mike Tardif quando ele limpa o suor da testa e bate com a bola na sua luva.

Ryan Iarrobino se coloca no quadrado do rebatedor, do lado direito. Ele possui um movimento rápido e quase naturalmente perfeito para rebater e nem mesmo Ron St. Pierre tem muito que lhe corrigir nesse aspecto.

Ryan gira e não acerta o primeiro lançamento de Tardif, seu tiro mais forte do dia, que produz um som como um disparo de fuzil ao bater na luva de Kyle King. Tardif então perde uma para fora. King devolve a bola. Tardif medita por um instante e então atira uma veloz e rasteira. Ryan olha para ela e o árbitro marca o segundo erro. Ela pegou na quina externa — talvez. De qualquer modo, o árbitro disse que pegou e fim de papo.

Agora os torcedores de ambos os times se calaram e os treinadores também. Eles estão todos de fora. Agora é só com Tardif e Iarrobino, suspensos ante o possível último erro da última rodada da última partida que esses times vão jogar. Quinze metros entre esses dois rostos. Só que Iarrobino não está olhando para *o rosto* de Tardif. Ele está de olho na *luva* de Tardif e, em algum lugar, posso ouvir Ron St. Pierre dizendo a Fred:

— Você está prestando atenção para ver como é que eu vou sair: braço de lado, três quartos ou por cima.

Iarrobino está prestando atenção para ver como Tardif vai vir. Quando Tardif avança para a posição de lançamento, pode-se ouvir ao longe o poc-

poc, poc-poc de bolas de tênis numa quadra próxima, mas ali só há silêncio e as sombras negras e nítidas dos jogadores, deitadas no chão como silhuetas recortadas em papel preto de forro de obra. E Iarrobino está prestando atenção para ver como Tardif vai vir.

Ele vem por cima. E, de repente, Iarrobino está em movimento, os dois joelhos e o ombro esquerdo baixando ligeiramente, o bastão de alumínio como um borrão na luz do sol. O som do alumínio no couro — tinindo como alguém batendo numa caneca de metal com uma colher — é diferente dessa vez. *Muito* diferente. Não faz *tchink* e sim *cranch* quando Ryan bate e então a bola está no céu, indo para o campo esquerdo — um tiro longo que saiu limpo, alto, aberto e elegante na tarde de verão. Mais tarde a bola será encontrada debaixo de um carro a 90 metros de distância da base de chegada.

A expressão no rosto de Mike Tardif, de 12 anos de idade, é de descrença estonteada e apalermada. Dá um olhar de relance para sua luva, como se tivesse a esperança de que a bola ainda estivesse ali e que pudesse ver que o tiro dramático de Iarrobino, com dois erros e dois homens fora, tinha sido apenas um horrível sonho instantâneo. As duas mulheres atrás da tela do fundo olham espantadas uma para a outra. A princípio, ninguém emite um único som. Naquele instante antes de todos começarem a gritar e de os jogadores de Bangor West saírem correndo da sua trincheira para esperar Ryan na base de chegada e saltar em cima dele, só duas pessoas têm plena certeza do que realmente aconteceu. Uma é o próprio Ryan. Quando ele passa pela primeira, ergue ambas as mãos até os ombros, num gesto breve mas enfático de triunfo. E, quando Owen King cruza a base de chegada na primeira das três voltas completas que encerrarão a participação do Hampden na temporada oficial, Mike Tardif se dá conta. De pé no montículo do lançador pela última vez como jogador da Liga Juvenil, ele desaba aos prantos.

— Você tem que se lembrar que eles têm apenas 12 anos — diz cada um dos três treinadores em algum momento e, cada vez que um deles o diz, quem os ouve tem a sensação de que ele (Mansfield, Waterman ou St. Pierre) na verdade está fazendo lembrar a si próprio.

— Quando vocês estiverem no campo, nós vamos amar vocês e vocês vão se amar uns aos outros — repete Waterman para os meninos sem parar e, depois da vitória no último instante de 15 a 14 sobre Hampden, quando

eles de fato se amaram uns aos outros, os meninos não riem mais quando ele fala isso. Ele continua: — Daqui por diante, vou ser duro com vocês, muito duro. Quando vocês estiverem jogando, de mim só receberão amor incondicional. Mas quando estivermos treinando no nosso próprio campo, alguns de vocês vão ver como posso berrar alto. Se você estiver fazendo palhaçada, vai ficar no banco. Se mandar você fazer alguma coisa e não a fizer, vai ficar no banco. Acabou o recreio, meus chapas: todo mundo pra fora da piscina. Agora é que começa o trabalho duro.

Algumas noites depois, Waterman rebate uma bola para a direita durante um treino de pegar a bola no campo. A bola quase decepa o nariz de Arthur Dorr ao passar. Arthur estava ocupado conferindo se o zíper da braguilha estava fechado. Ou examinando os cadarços dos seus Keds. Ou qualquer outra besteira.

— *Arthur!* — berra Neil Waterman e Arthur se encolhe mais por causa do som dessa voz do que quando a bola de beisebol passou rente. — *Venha cá!* Para o banco! *Já!*

— Mas... — começa a falar Arthur.

— Aqui! — berra Neil de volta. — Você está no banco!

Arthur volta cabisbaixo, aborrecido, correndo devagar e J. J. Fiddler toma seu lugar. Algumas noites depois, Nick Trzaskos perde sua oportunidade de rebater quando deixa de acertar dois lançamentos sucessivos em umas cinco tentativas. Fica sentado sozinho no banco, o rosto em chamas.

Machias, o vencedor dos condados geminados de Aroostok e Washington, é o próximo na tabela: uma melhor de três e o vencedor será o campeão do Distrito 3. A primeira partida vai ser disputada no campo do Bangor, atrás da fábrica de Coca-Cola, a segunda no campo Bob Beal, em Machias. A última partida, se for necessária, será disputada em campo neutro entre as duas cidades.

Como Neil Waterman tinha prometido, os treinadores são puro incentivo depois que termina o hino nacional e a primeira partida começa.

— Tudo bem, não tem importância! — grita Dave Mansfield quando Arthur Dorr calcula mal um tiro longo para a direita e é encoberto pela bola. — Vamos ganhar uma rodada, agora! Jogo de barriga! Vamos apenas ganhar uma rodada! — Parece que ninguém sabe exatamente o que é um

“jogo de barriga”, mas como parece ter a ver com ganhar partidas, os meninos estão inteiramente dispostos a tentar.

Não é preciso uma terceira partida contra Machias. Na primeira, Bangor West se beneficia de um grande desempenho de Matt Kinney nos lançamentos e ganha por 17 a 5. Vencer a segunda partida só foi um pouco mais difícil porque o tempo não cooperou: uma forte chuvarada de verão torna impossível jogar da primeira vez e Bangor West é obrigado a fazer a viagem de 220 quilômetros de ida e volta uma segunda vez para ganhar na divisão. Finalmente, conseguem jogar, em 29 de julho. A família de Mike Pelkey carregou o lançador número dois do Bangor West para Disney World, em Orlando, fazendo de Mike o terceiro a sumir do time, mas Owen King assume tranquilamente a posição e acerta cinco lançamentos, errando oito, antes de ficar cansado e ceder o lugar para Mike Arnold no sexto tempo. Bangor West vence por 12 a 2 e se torna o campeão da Liga Juvenil no Distrito 3.

Em momentos como esse, os profissionais vão para seus vestiários com ar-condicionado e derramam champanhe sobre as cabeças uns dos outros. O time do Bangor West vai ao Helen’s, o melhor (talvez o único) restaurante de Machias, para comemorar com cachorros-quentes, hambúrgueres, galões de Pepsi-Cola e montanhas de batatas fritas. Olhando-os enquanto riem, implicam uns com os outros e sopram bolinhas de papel pelos canudinhos, é impossível deixar de ter em mente que, muito em breve, encontrarão formas mais animadas de comemoração.

Por enquanto, porém, isso está perfeitamente bem — na verdade, está ótimo. Eles não ficaram assombrados com o que fizeram, mas parecem imensamente felizes, tremendamente contentes e inteiramente *com os pés no chão*. Se eles foram tocados pela magia nesse verão, não o sabem e ninguém até agora foi malvado o bastante para lhes dizer que pode ter sido isso o que aconteceu. Por enquanto, eles têm permissão para desfrutar as coisinhas fritas do Helen’s e elas são perfeitamente suficientes. Venceram na sua divisão e o campeonato estadual, onde times maiores e melhores, oriundos das regiões mais densamente povoadas do sul do estado, provavelmente os irão varrer, ainda está a uma semana de distância.

Ryan Iarrobino está usando sua camiseta sem mangas. Arthur Dorr tem uma listra maliciosa de *ketchup* num lado da face. E Owen King, que encheu de terror os corações dos rebatedores do Machias indo para cima

deles com uma bola veloz e forte lançada lateralmente, numa contagem de 0-2, está soprando borbulhas, feliz da vida, no seu copo de Pepsi. Nick Trzaskos, que pode ter um ar mais infeliz do que qualquer outro menino no mundo quando as coisas não saem bem para ele, está com uma fisionomia extremamente feliz nessa noite. E por que não? Nessa noite eles têm 12 anos e estão vitoriosos.

Não que, de vez em quando, eles não lembram quem são. A meio caminho do regresso de Machias, depois da primeira viagem, a que foi suspensa por causa da chuva, J. J. Fiddler começa a se contorcer inquieto no banco de trás do carro em que está viajando.

— Tenho que ir — diz ele. Aperta os braços em torno do corpo e acrescenta ameaçadoramente: — Cara, tenho que ir mesmo. Quero dizer, é pra valer.

— J. J. vai fazer! — grita Joe Wilcox alegremente. — Olhem só isso! J. J. vai inundar o carro!

— Cala a boca, Joey. — diz J. J. e começa a se contorcer de novo.

Ele esperou até o pior momento para fazer o seu anúncio. O trajeto de 110 quilômetros entre Machias e Bangor é, na sua maioria, um percurso no vazio. Nesse trecho da estrada, não há nem um grupo razoável de árvores dentro do qual J. J. possa desaparecer por alguns instantes — só há quilômetro após quilômetro de campos abertos plantados de feno, com a rodovia 1A traçando um curso sinuoso no meio deles.

Bem quando a bexiga de J. J. está passando para o estado de alerta vermelho, aparece um providencial posto de gasolina. O treinador-assistente entra depressa e completa o tanque enquanto J. J. vai correndo para o banheiro masculino.

— Puxa! — diz ele, empurrando os cabelos de cima dos olhos enquanto volta lentamente para o carro. — Foi por um triz!

— Pingou um pouco nas calças, J. J. — diz com naturalidade Joe Wilcox e, quando J. J. confere, todos soltam gargalhadas desenfreadas.

Na viagem de volta a Machias no dia seguinte, Matt Kinney revela um dos principais motivos da atração que a revista *People* exerce em meninos da idade dos jogadores da Liga Juvenil.

— Tenho certeza de que tem um aqui em algum lugar — diz ele folheando lentamente um exemplar que encontrou no assento de trás. — Quase sempre tem.

— O quê? O que é que você está procurando? — pergunta o homem da terceira base, Kevin Rochefort, espiando por cima do ombro de Matt enquanto ele vai folheando, passando pelas celebridades da semana mal lhes dando uma olhadela.

— O anúncio de exame dos seios — explica Matt. — Não dá pra ver tudo, mas dá pra ver um bocado. Aqui está! — Ergue a revista com ar triunfante.

Quatro outras cabeças, todas com bonés de beisebol vermelho do Bangor West, imediatamente se amontoam em volta da revista. Por alguns minutos, pelo menos, beisebol é a coisa que menos ocupa as mentes desses meninos.

O campeonato estadual da Liga Juvenil do Maine de 1989 começa em 3 de agosto, pouco mais de quatro semanas depois do início das partidas oficiais dos times envolvidos. O estado é dividido em cinco distritos e todos os cinco enviam times para Old Town, onde será realizado o torneio desse ano. Os participantes são Yarmouth, Belfast, Lewiston, York e Bangor West. Todos os times, com exceção do Belfast, são maiores do que a seleção oficial de Bangor West e consta que Belfast tem uma arma secreta. O seu lançador número um é o garoto-revelação do torneio desse ano.

A escolha do garoto-revelação do torneio é uma cerimônia anual, um pequeno tumor que parece desafiar todas as tentativas de removê-lo. Esse menino, que é ungido garoto beisebol, quer queira ou não essa honra, vê-se debaixo de uma atenção até então desconhecida, objeto de conversas, especulações e, inevitavelmente, apostas. Ele também se vê na posição nada invejável de ter que corresponder a toda a espécie de exageros pré-torneio. Um torneio da Liga Juvenil é uma situação de pressão para qualquer garoto. Quando você chega à cidade do torneio e descobre que você, de alguma forma, tornou-se ainda por cima um mito instantâneo, geralmente é coisa demais.

Nesse ano, o alvo de conversas e mitologia é o lançador canhoto do Belfast, Stanley Sturgis. Nas suas duas apresentações pelo Belfast, acumulou 30 erros dos batedores, 14 na primeira partida e 16 na segunda.

Trinta ER's em duas partidas é uma estatística impressionante em qualquer nível do esporte, mas para compreender plenamente o feito de Sturgis é preciso lembrar que as partidas da Liga Juvenil têm apenas seis tempos.[19] Isso significa que 83% das rodadas que Belfast conseguiu com Sturgis no montículo vieram de erros causados aos batedores.

Depois está York. Todos os times que vêm ao campo Knights of Columbus, em Old Town, para competir no torneio têm desempenhos excelentes, mas York, que está invicto, é o franco favorito para ganhar a passagem para o campeonato regional do Leste. Nenhum de seus jogadores é um gigante, mas vários deles têm mais de 1,75 metro de altura e seu melhor lançador, Phil Tarbox, possui uma bola rápida que pode ultrapassar 110 quilômetros por hora em alguns lançamentos — algo extraordinário pelos padrões da Liga Juvenil. Como acontece com Yarmouth e Belfast, os jogadores de York vêm envergando uniformes oficiais especiais e tênis combinando com os uniformes, o que lhes dá uma aparência de profissionais.

Só Bangor West e Lewiston vêm à paisana — o que vale dizer camisas de diversas cores, ostentando os nomes dos seus patrocinadores nos jogos de temporada comum dos times. Owen King está usando cor de laranja dos Elks, Ryan Iarrobino e Nick Trzaskos usam vermelho da Bangor Hydro, Roger Fisher e Fred Moore usam verde do Lyons e assim por diante. O time de Lewiston está vestido de maneira semelhante, mas pelo menos receberam meias e tênis padronizados. Comparado com Lewiston, o time do Bangor, com uma variedade de balofas calças cinza de corrida e tênis comuns de rua, parece excêntrico. Entretanto, junto dos outros times, eles parecem uns completos maltrapilhos. Ninguém, com a possível exceção dos treinadores do Bangor West e dos próprios jogadores, muito sério. No seu primeiro artigo sobre o torneio, o jornal local dedica mais espaço a Sturgis, do Belfast, do que a todo o time do Bangor West.

Dave, Neil e o Santo — o conjunto de cérebros estranho mas surpreendentemente eficaz que trouxe o time até aqui — ficam observando, sem falar muito, o Belfast treinar rebatidas e pegar bola no campo. Os garotos do Belfast estão esplendorosos nos seus uniformes novos em roxo e branco, uniformes que até hoje não se sujaram nem mesmo com um grão de poeira do campo. Por fim, Dave diz:

— Bem, finalmente chegamos até aqui de novo. Pelo menos isso nós fizemos. Isso ninguém pode nos tirar.

Bangor West provém do distrito no qual o torneio está sendo realizado nesse ano e o time não terá que jogar antes de dois dos cinco times terem sido eliminados. Isso é chamado de dispensa do primeiro turno e, a essa altura, constitui a maior, talvez a única, vantagem do time. No seu próprio distrito, eles tinham a aparência de campeões (com exceção daquela partida horrível contra Hampden), mas Dave, Neil e o Santo têm suficiente experiência para saber que agora estão encarando um nível de beisebol completamente diferente. Seu silêncio, enquanto ficam de pé junto da cerca observando o treino do Belfast, demonstra isso de forma eloquente.

Por contraste, York já encomendou escudinhos de lapela do Distrito 4. Trocar escudinhos de lapela é uma tradição nos torneios regionais e o fato de o York já ter feito um estoque tem um significado interessante. Os escudinhos mostram que York pretende jogar contra os melhores da costa Leste, em Bristol. Os escudinhos mostram que eles não acham que Yarmouth possa detê-los, nem Belfast, com seu lançador garoto-revelação; nem Lewiston, que foi galgando com dificuldade através do campeonato da Divisão 2 na chave dos perdedores, depois de perder sua primeira partida por 15 a 12; e nem, menos que todos, 14 tampinhas malvestidos do lado oeste de Bangor.

— Pelo menos teremos uma oportunidade de jogar — diz Dave — e tentaremos fazer com que eles se lembrem de que estivemos aqui.

Mas antes Belfast e Lewiston têm *a sua* oportunidade de jogar e se atiram ao confronto, depois de uma rápida versão do hino nacional gravada pela Boston Pops e um escritor local de certa reputação fez o primeiro lançamento protocolar (que plaina até a tela do fundo).

Os comentaristas esportivos da área derramaram um bocado de tinta sobre o assunto Stanley Sturgis, mas não se permite o ingresso de jornalistas no campo depois que começa a partida (situação que, parecem pensar alguns, foi causada por um equívoco nas regras quando foram originalmente estabelecidas). Uma vez tendo o árbitro mandado que os times comecem a jogar, Sturgis se vê sozinho. Os comentaristas, os entendidos e toda a inflamada torcida do Belfast estão do lado de lá da cerca.

Beisebol é um jogo de equipe, mas há apenas um jogador com uma bola no centro do losango e apenas um jogador com um bastão no ponto inferior do losango. O homem com o bastão fica mudando, mas o lançador permanece — isto é, a menos que não possa mais acertar. Para Stan Sturgis, hoje é o dia em que vai aprender a dura verdade dos jogos de campeonato: mais cedo ou mais tarde, todo garoto-revelação encontra um oponente à altura.

Sturgis eliminou 30 garotos nas suas duas últimas partidas, mas isso foi no Distrito 2. O time contra o qual o Belfast está jogando hoje, um feroz bando de guerreiros saídos da Liga de Elliot Avenue em Lewiston, é uma história completamente diferente. Não são tão grandes quanto os meninos de York e não pegam a bola no banco com tanta facilidade quanto os meninos de Yarmouth, mas são atrevidos e persistentes. O primeiro rebatedor, Carlton Gagnon, personifica o espírito tenaz e combativo do time. Dá um tiro pelo meio, consegue deslizar até a segunda base, vai no sacrifício para a terceira, depois dispara para a base de chegada numa bola mandada do banco para o rebatedor. No terceiro tempo, com o placar de 1 a 0, Gagnon chega de novo à base, dessa vez por uma opção de uma defesa de campo. Randy Gervais, que sucede a esse peste, é eliminado, mas, antes que isso aconteça, Gagnon foi para a segunda numa bola passada e desliza até a terceira. Consegue marcar um ponto numa jogada de Bill Paradis, o homem da terceira base.

Belfast vem com uma volta completa no quarto tempo, por um momento parecendo que vai ganhar a partida, mas então Lewiston despacha o time — e Stanley Sturgis — de vez, marcando dois pontos no quinto e mais quatro no sexto. O resultado final é 9 a 1. Sturgis elimina 11, mas também concede sete rebatidas, enquanto Carlton Gagnon, o lançador do Lewiston, elimina oito e concede apenas três rebatidas. Quando Sturgis deixa o campo, no final do jogo, ele parece estar ao mesmo tempo deprimido e aliviado. Para ele, a onda e a agitação acabaram. Ele pode deixar de ser notícia de jornal e voltar a ser um garoto novamente. Sua fisionomia indica que ele vê certas vantagens nisso.

Mais tarde, numa batalha dos gigantes, o favorito do torneio, York, elimina Yarmouth. Então todo o mundo vai pra casa (ou, no caso dos jogadores visitantes, para os motéis ou casas de família onde estão

hospedados). Amanhã, sexta-feira, será a vez de Bangor West jogar enquanto York fica aguardando para se encontrar com o vencedor na final.

A sexta-feira chega quente, com névoa e nublada. A chuva ameaça cair desde o alvorecer e, cerca de uma hora antes do confronto marcado entre Bangor West e Lewiston, ela desaba — um dilúvio. Quando esse tipo de tempo aconteceu em Machias, a partida foi prontamente cancelada. Aqui não. Esse campo é diferente — com a área interior de grama e não de terra —, mas esse não é o único fator. O principal é a TV. Nesse ano, pela primeira vez, duas estações juntaram seus meios e vão transmitir a final do torneio para todo o estado na tarde de sábado. Se a semifinal entre Bangor West e Lewiston for adiada, isso representará um problema para a programação e mesmo no Maine, mesmo nesse mais amador dos esportes amadores, a única coisa com que não se brinca é com a programação da mídia.

De modo que os times do Bangor West e do Lewiston não são dispensados quando chegam ao campo. Em vez disso, ficam sentados nos carros ou reunidos em pequenos grupos debaixo da lona listrada de branco e vermelho do quiosque central. E ficam esperando uma interrupção da chuva. E esperam. E esperam. É claro que começam a ficar irrequietos. Muitos desses garotos vão jogar em partidas mais importantes antes que suas carreiras atléticas terminem, mas até agora essa é a maior para todos eles e estão com a adrenalina no máximo.

Alguém acaba tendo uma ideia brilhante. Depois de alguns telefonemas rápidos, dois ônibus escolares de Old Town, de um amarelo brilhante na chuva torrencial, encostam no Clube dos Elks ali perto e os jogadores são levados depressa numa visita à fábrica da Companhia de Canoas de Old Town e à fábrica de papel local da James River. (A Corporação James River é a principal compradora dos espaços para anúncios na transmissão televisiva da final do campeonato.) Nenhum dos jogadores parece muito feliz quando sobem nos ônibus e não parecem mais felizes quando retornam. Cada jogador está carregando um pequeno remo de canoa, mais ou menos do tamanho adequado para um anãozinho forte. Brindes da fábrica de canoas. Nenhum dos meninos parece saber bem o que devem fazer com esses remos, mas, quando fui conferir mais tarde, sumiram todos, exatamente como aconteceu com as flâmulas do Bangor depois do

primeiro jogo contra o Millinocket. Lembranças grátis — um bom negócio.

E, ao que parece, a partida vai acabar se realizando. Em algum momento — talvez quando os jogadores da Liga Juvenil estavam olhando os camaradas na fábrica da James River transformarem árvores em papel higiênico —, a chuva parou. O campo drenou bem, o montículo do lançador e os quadrados dos batedores foram polvilhados com seca-rápido e agora, logo depois das 15h, um sol aguado dá sua primeira espiadela através das nuvens.

O time do Bangor West voltou do passeio apático e desinteressado. Ninguém jogou uma bola ou girou um bastão ou correu até uma base até agora, mas todos já estão com um ar cansado. Os jogadores caminham para o campo de aquecimento sem olhar uns para os outros, as luvas dependuradas nas mãos. Andam como perdedores e falam como perdedores.

Em vez de lhes fazer um sermão, Dave os põe em fila e começa a desfiar sua versão de aquecimento de incentivo. Logo os jogadores do Bangor estão mexendo uns com os outros, vaiando, tentando pegar a bola nuns lances de circo, gemendo e xingando quando Dave aponta um erro e manda alguém para o fim da fila. Então, pouco antes de Dave estar pronto para encerrar o aquecimento e levá-los para onde estão Neil e o Santo para praticar rebatidas, Roger Fisher sai da fila e se inclina, com a luva de encontro à barriga. Dave vai até ele imediatamente, o sorriso se transformando numa expressão de preocupação. Quer saber se Roger está bem.

— Estou — diz Roger —, só queria pegar isso. — Se abaixa um pouco mais, os olhos escuros concentrados, puxa algo da grama e entrega a Dave. É um trevo de quatro folhas.

Nos jogos de campeonato da Liga Juvenil, sempre se determina qual é o time que joga como estando “em casa” na cara ou coroa. Dave tem tido uma sorte enorme em ganhar o cara ou coroa, mas hoje perde e Bangor West é designado time visitante. Entretanto, algumas vezes até o azar se transforma em sorte e essa é uma delas. A razão está em Nick Trzaskos.

A habilidade de todos os jogadores melhorou durante sua temporada de seis semanas, mas em alguns casos as atitudes também melhoraram. Nick começou bem no final do banco, apesar de sua comprovada habilidade

como jogador de defesa e de seu potencial como rebatedor, porque seu medo de falhar o inabilitava para jogar. Pouco a pouco começou a ter autoconfiança e agora Dave está pronto para começar com ele.

— Nick finalmente chegou à conclusão de que os outros não iam cair em cima dele se deixasse a bola cair ou se fosse eliminado por erros como rebatedor — diz St. Pierre. — Para um garoto como Nick, é uma enorme mudança.

Hoje Nick acerta a terceira bola lançada na partida bem fundo no centro do campo. É um tiro forte, em linha ascendente, que vai por cima da cerca e desaparece antes que o defensor do centro do campo tenha podido virar-se para olhar, muito menos recuar para pegá-la. Quando Nick Trzaskos passa pela segunda e diminui a velocidade, passando para a corrida lenta até a base de chegada que todos esses meninos conhecem tão bem de ver na televisão, os torcedores que estão atrás da tela do fundo são brindados com um espetáculo raro: Nick abriu um sorriso grande. Quando ele passa pela base de chegada e seus colegas de equipe, surpresos, pulam em cima dele, ele chega mesmo a dar risadas. Quando entra na trincheira, Neil lhe dá uns tapas nas costas e Dave Mansfield lhe dá um abraço rápido, mas apertado.

Nick também completou o que Dave tinha começado com o aquecimento de incentivo: agora o time está inteiramente acordado e pronto para entrar em ação. Para começar, Matt Kinney manda uma direta para para Carl Gagnon, o peste que iniciou o processo de desmantelamento de Stanley Sturgis. Gagnon vai para a segunda no sacrifício de Ryan Stretton, avança para a terceira num lançamento errado e marca o ponto em outro lançamento que se perde. É quase uma incrível repetição da sua primeira passagem como batedor contra o Belfast. Kinney não está com bom controle nessa tarde, mas a volta completa de Gagnon é a única que o time de Lewiston consegue no princípio da partida. Isso é ruim para eles, porque Bangor vem com tudo no início do segundo tempo.

Owen King começa com um tiro profundo, Arthur Dorr o segue com outro, Mike Arnold vai quando o recebedor do Lewiston, Jason Auger, pega a bola que Arnold rebateu sem girar o corpo e atira mal para a primeira base. Com esse erro, King marca o ponto, colocando Bangor West de novo na frente, 2 a 1. Joe Wilcox, o recebedor do Bangor, intercepta um tiro para o campo interior e com isso preenche as bases. Nick Trzaskos é

eliminado na segunda vez que vai rebater, o que traz Ryan Iarrobino como rebatedor. Ele foi eliminado na primeira vez, mas agora não. Converte o primeiro lançamento de Matt Noyes num tiro sensacional para permitir uma volta completa e depois de mais um tempo e meio o placar é Bangor West, 6; Lewiston, 1.

Até o sexto tempo, é um típico dia de trevo de quatro folhas para Bangor West. Quando Lewiston vai rebater, naquela que os torcedores do Bangor esperam que seja a última vez, o time está perdendo por 9 a 1. O peste, Carl Gagnon, começa e vai adiante graças a um erro. O rebatedor seguinte, Ryan Stretton, também avança num erro. Os torcedores do Bangor, que estavam aplaudindo entusiasmados, começam a ficar um pouco inquietos. É difícil ficar entalado quando se está oito pontos na frente, mas não é impossível. Esse pessoal do norte da Nova Inglaterra é fã dos Red Sox. Eles já viram isso acontecer muitas vezes.

Bill Paradis faz crescerem os receios dando um tiro direto e forte pelo centro. Tanto Gagnon como Stretton completam a volta. O placar agora é de 9 a 3, um homem na primeira e ninguém fora. Os torcedores do Bangor se mexem e se entreolham preocupados. — *Não dá pra perder a essa altura do jogo, dá?* — perguntam seus olhares. A resposta é: é claro que dá, não tenham dúvida. Na Liga Juvenil, tudo pode acontecer e muitas vezes acontece mesmo.

Mas não dessa vez. Lewiston marca mais um ponto e se acabou. Noyes, que perdeu três contra Sturgis, perde pela terceira vez hoje e finalmente há um de fora. Auger, o recebedor do Lewiston, acerta a primeira bola lançada com força para o defensor entre a segunda e a terceira bases, Roger Fisher. Roger deu com o pé na bola de Carl Gagnon no início desse tempo, abrindo-lhe a porta, mas essa ele pega com facilidade e a passa para Mike Arnold, que a repassa para Owen King na primeira. Auger é lento, e o King tem um braço comprido. O resultado é um final de jogo com eliminação de dois jogadores. Não é comum ver a eliminação de dois jogadores no mundo em escala reduzida da Liga Juvenil, em que a distância entre as bases é de apenas 20 metros, mas Roger encontrou um trevo de quatro folhas hoje. Se você quiser atribuir o fato a alguma coisa, terá de ser a isso. Mas ao que quer que você atribua, os meninos do Bangor venceram mais uma, 9 a 4.

Amanhã, são os gigantes de York.

A data é 5 de agosto de 1989 e, no Estado do Maine, só 29 meninos ainda estão jogando no campeonato da Liga Juvenil: 14 na equipe do Bangor West e 15 no time do York. O dia é quase uma réplica exata do anterior: quente, com neblina e ameaçador. A partida está marcada para começar pontualmente às 12h30, mas os céus desabam de novo e por volta das 11 parece que o jogo vai ser — vai ter que ser — cancelado. A chuva caiu torrencialmente.

Entretanto, Dave, Neil e o Santo não querem correr nenhum risco. Nenhum deles gostou do estado de espírito desinteressado em que os meninos estavam quando voltaram daquele passeio improvisado da véspera e não pretendem deixar que isso se repita. Hoje, ninguém quer acabar dependendo de um aquecimento de incentivo nem de encontrar um trevo de quatro folhas. Se a partida *acontecer* — e a TV é um motivador poderoso, independentemente de como o tempo esteja ruim — é pra valer. Os vencedores prosseguem para Bristol, os perdedores voltam pra casa.

Assim sendo, uma improvisada caravana de furgões e caminhonetes, dirigidos por treinadores e pais, é reunida no campo por trás da fábrica de Coca-Cola e o time é transportado pelos 15 quilômetros até a casa de campo da Universidade do Maine, uma edificação que parece um celeiro, onde Neil e o Santo os obrigam a fazerem exercícios até que fiquem empapados de suor. Dave providenciou para que o time de York também possa utilizar a casa de campo e, quando o time do Bangor sai para o dia encoberto, o time do York, vestindo seus elegantes uniformes azuis, entra em fila.

Por volta das 15h, a chuva se reduziu a uns chuviscos isolados e a turma da manutenção trabalha freneticamente para restabelecer condições de jogo no campo. Foram erigidas cinco plataformas improvisadas para a tevê em volta do campo. Num pátio de estacionamento próximo dali está um caminhão enorme, em cujos lados se lê SISTEMA DE TRANSMISSÃO AO VIVO DO MAINE. Espessos conjuntos de cabos, atados com cintas de fita isolante, levam das câmeras e da cabine provisória do locutor até esse caminhão. Uma porta fica aberta e há muitos monitores de TV ligados lá dentro.

York ainda não chegou da casa de campo. O time do Bangor West começa a atirar bolas do lado de fora da cerca do lado esquerdo, mais para ter algo que fazer e afastar o nervosismo, pois certamente não precisam de

aquecimento depois da hora úmida que passaram na universidade. Os operadores de câmera ficam nas torres e observam a turma da manutenção tentando tirar a água do campo.

O campo exterior está em boas condições e as partes nuas do campo interior foram raspadas com ancinho e cobertas com seca-rápido. O problema está na área entre a base de chegada e o montículo do lançador. Essa seção do losango foi recoberta com quadrados de terra plantada de grama antes de começar o torneio e não houve tempo para que as raízes se fixassem e possibilitassem uma drenagem natural. O resultado é um mingau enlameado na frente da base de chegada, mingau que escorre na direção da linha da terceira base.

Alguém tem uma ideia — na verdade, uma inspiração — que envolve efetivamente retirar uma seção grande do campo interior danificado. Enquanto isso está sendo feito, chega um caminhão da Escola Secundária de Old Town e dele são descarregados dois aspiradores de chão de tamanho industrial. Cinco minutos depois, a turma da manutenção está literalmente aspirando o subsolo do campo interior. Dá certo. Por volta das 15h25, os operários estão recolocando os quadrados de terra gramada como se fossem as peças de um grande quebra-cabeça verde. Lá pelas 15h35, um professor de música dali, acompanhando-se com um violão, está esvoaçando numa deliciosa interpretação do *The Star-Spangled Banner*. E, às 15h37, Roger Fisher, do Bangor West, o azarão escolhido por Dave para lançar no lugar do ausente Mike Pelkey, está no aquecimento. Será que o que Roger encontrou no dia anterior teve alguma coisa a ver com a decisão de Dave de começar com ele em vez de com King ou Arnold? Dave apenas encosta o dedo no lado do nariz e dá um sorriso de quem sabe das coisas.

Às 15h40 o árbitro entra em campo.

— Mande a bola, recebedor — diz secamente.

Joey assim faz. Mike Arnold faz o toque em arco no jogador invisível, depois manda a bola na sua rápida jornada em volta do campo interior. Um público televisivo que se estende de New Hampshire às Províncias Marítimas do Canadá fica olhando enquanto Roger ajeita nervosamente as mangas compridas de sua camisa verde e a camiseta cinza de aquecimento que usa por baixo. Da primeira base, Owen King lhe manda a bola. Fisher a pega e fica segurando junto do quadril.

— Vamos jogar bola — convida o árbitro, um convite que os árbitros vêm fazendo aos jogadores da Liga Juvenil já há 50 anos, e Dan Bouchard, o recebedor do York e rebatedor inicial, vai para o quadrado. Roger se põe na posição de pronto e se prepara para fazer o primeiro lançamento da partida pelo campeonato estadual de 1989.

Cinco dias antes:

Dave e eu levamos o grupo de lançadores do Bangor West até Old Town. Dave quer que todos eles saibam como se sentirão sobre o montículo quando forem ali para jogar pra valer. Sem Mike Pelkey, o grupo consiste em Matt Kinney (seu triunfo sobre Lewiston ainda quatro dias no futuro), Owen King, Roger Fisher e Mike Arnold. Começamos com atraso e os quatro meninos se revezam lançando a bola. Dave e eu nos sentamos na trincheira do time visitante, observando os garotos enquanto a luz vai deixando o céu de verão lentamente.

No montículo, Matt Kinney está lançando bolas curvas e fortes para J. J. Fiddler uma atrás da outra. Na trincheira do time da casa, do outro lado do losango, os outros três lançadores, tendo terminado seu treinamento, estão sentados no banco com alguns companheiros de equipe que vieram juntos na viagem. Embora a conversa só chegasse a mim em pedaços, posso perceber que é sobretudo a respeito da escola — um assunto que surge com frequência cada vez maior durante o último mês das férias de verão. Falam sobre professores do passado e professores que estão vindo, passando adiante histórias que formam parte da sua mitologia de pré-adolescentes: a professora que perdeu a calma durante o último mês do ano letivo porque seu filho mais velho sofreu um acidente de carro; o treinador maluco do 1º grau (fazem-no parecer uma combinação mortal de Jason, Freddy e Leatherface); o professor de ciências que teria empurrado um garoto de encontro ao seu armário de vestiário com tanta força que o garoto desmaiou; a coordenadora que empresta dinheiro para pagar o almoço se você o esqueceu em casa ou simplesmente diz que esqueceu. É uma antologia apócrifa de final do 1º grau, coisa importante, e eles contam os casos com grande satisfação enquanto o crepúsculo vai chegando.

Entre as duas trincheiras, a bola é uma linha branca enquanto Matt a lança sem parar. Seu ritmo é uma espécie de hipnose: preparar, girar e disparar. Preparar, girar e disparar. Preparar, girar e disparar. A luva de J. J. estala a cada recepção.

— O que é que levarão com eles? — pergunto a Dave. — Quando tudo isso terminar, o que é que levarão com eles? Na sua opinião, que importância tem para eles?

A expressão no rosto de Dave é de surpresa e reflexão. Depois se vira para olhar para Matt e sorri.

— Eles vão levar uns aos outros — diz ele.

Não é a resposta que eu estava esperando — longe disso. No jornal de hoje havia um artigo sobre a Liga Juvenil, uma daquelas peças intelectuais que geralmente aparecem no deserto entulhado de anúncios entre as notas fúnebres e os horóscopos. Esse aí resume as conclusões de um sociólogo que passou uma temporada analisando jogadores da Liga Juvenil e depois acompanhou sua evolução durante algum tempo. Ele queria verificar se o esporte fazia o que os promotores da Liga Juvenil asseveram que faz: isto é, inculca certos valores tradicionais americanos como jogo limpo, trabalho duro e a virtude do esforço em equipe. O sujeito que fez o estudo reportou que assim era, de certa forma. Mas também reportou que a Liga Juvenil pouco fazia para mudar as vidas *individuais* dos jogadores. Os criadores de caso na escola continuavam sendo criadores de caso quando as aulas recomeçavam em setembro; os alunos estudiosos continuavam sendo estudiosos; o palhaço da turma (leia-se Fred Moore) que tirou licença em junho e julho para jogar com seriedade na Liga Juvenil continuava sendo o palhaço da turma depois do Dia do Trabalho. O sociólogo encontrou algumas exceções: atuações excepcionais às vezes induziam mudanças excepcionais. Mas no geral esse sujeito concluiu que ao sair os meninos eram os mesmos de quando tinham entrado.

Suponho que minha perplexidade ante a resposta de Dave provém do conhecimento que tenho dele: ele é um promotor quase fanático da Liga Juvenil. Tenho certeza de que ele leu o artigo e eu estava esperando que ele refutasse as conclusões do sociólogo usando minha pergunta como plataforma. Em vez disso, ele me deu um dos chavões mais manjados do mundo dos esportes.

No montículo, Matt continua a lançar para J. J., agora com mais força do que nunca. Ele encontrou aquele lugar místico que os lançadores chamam de *o sulco* e, mesmo sendo apenas uma sessão de treino informal para familiarizar os meninos com o campo, ele não quer parar.

Pergunto a Dave se pode explicar um pouco melhor, mas o faço com hesitação, meio como esperando estar na iminência de desembocar num repositório até agora desconhecido de chavões: corujas nunca voam de dia; os vencedores não desistem nunca e os que desistem nunca vencem; use, não desperdice. Talvez até, que Deus nos livre, um leve Hummm, meu caro.

— Olhe para eles — diz Dave, ainda sorrindo. Algo nesse sorriso indica que ele talvez esteja lendo meus pensamentos. — Olhe bem.

Olho bem. Há talvez uma meia dúzia deles no banco, ainda dando risadas e contando histórias de campanha do 1º grau. Um deles se desliga da conversa o tempo suficiente para pedir a Matt Kinney que mande uma em curva, e Matt o faz — com uma voltinha especialmente marota. Os meninos do banco todos riem e aplaudem.

— Olhe para aqueles dois — diz Dave, apontando com o dedo. — Um deles vem de uma boa família. O outro, de uma não tão boa — joga algumas sementes de girassol na boca e depois indica outro menino. — Ou aquele ali. Nasceu numa das piores áreas de Boston. Você acha que ele conheceria um garoto como Matt Kinney ou Kevin Rochefort se não fosse graças à Liga Juvenil? Eles não vão estar na mesma turma no final do 1º grau, não se falariam nos corredores, não teriam a menor ideia da existência um do outro.

Matt manda outra em curva, essa tão danada que J. J. não consegue acertá-la. Vai rolando até a tela do fundo e, quando J. J. vai devagar até lá para pegá-la, os meninos do banco aplaudem de novo.

— Mas isso mudou tudo — diz Dave. — Esses meninos jogaram juntos e ganharam a competição do seu distrito juntos. Alguns vêm de famílias que estão bem de vida e há uns dois deles de famílias tão pobres que reaproveitam a água do banho, mas, quando eles põem seus uniformes e cruzam as linhas do campo, deixam tudo isso para trás. Suas notas na escola não servem pra nada dentro do campo, nem o que seus pais fazem nem o que não fazem. Dentro do campo, o que acontece é problema do garoto. E eles o encaram mesmo, da melhor maneira que podem. Tudo o mais... — Dave faz um gesto de quem descarta algo com uma das mãos. — Tudo fica para trás. E eles também sabem disso. Olhe só para eles, se você não acredita em mim, porque a prova está bem ali.

Olho para o outro lado do campo e vejo meu próprio garoto e um dos meninos que Dave mencionou, sentados lado a lado, as cabeças juntas, conversando seriamente sobre alguma coisa. Olham-se espantados e depois caem na gargalhada.

— Eles jogaram juntos — repete Dave. — Treinaram juntos, dia após dia, e isso talvez seja até mais importante do que os jogos. Agora vão para o campeonato estadual. Eles até têm uma chance de ganhar. Não acho que vão ganhar, mas isso não tem importância. Vão estar lá e isso é bastante. Até se Lewiston os eliminar na primeira rodada, já é bastante. Porque é algo que eles fizeram juntos dentro daquele campo. Eles vão se lembrar disso. Vão se lembrar de como se sentiram com isso.

— Dentro do campo — digo eu e, de repente, entendo. A peça se encaixa. Dave Mansfield *acredita* nesse velho chavão. Não só isso, ele pode *dar-se ao luxo* de acreditar. Esses chavões podem ser vazios nos níveis profissionais, onde um ou outro jogador aparece com resultado positivo num teste de uso de drogas e o agente de tudo é Deus, mas isto não é o nível profissional. Aqui é onde Anita Bryant canta o hino nacional em alto-falantes velhos que foram dependurados com arame na cerca de galinheiro entre as duas trincheiras. Aqui é onde, em vez de pagar ingresso para assistir ao jogo, você põe alguma coisa no boné quando ele é passado. Se quiser, é claro. Nenhum desses garotos vai passar o período fora da temporada jogando beisebol de brincadeira com alguns homens de negócios obesos, autografando cartões de beisebol caros em espetáculos de reminiscências ou fazendo o circuito dos times menores jogando por duas mil pratas por noite. Quando tudo é grátis, indica o sorriso de Dave, eles têm que lhe restituir os chavões e deixar que você os use novamente, com toda a sinceridade. Você pode acreditar novamente em Red Barber, John Tunis e no Garoto de Tomkinsville. Dave Mansfield acredita no que está dizendo sobre como os meninos são iguais dentro do campo e tem o direito de acreditar, porque ele, Neil e o Santo conduziram pacientemente esses meninos até o ponto em que *eles* acreditam. Eles acreditam mesmo. Posso ver isso nos seus rostos enquanto estão sentados na trincheira do outro lado do losango. Pode ser por isso que Dave Mansfield e todos os Daves Mansfields pelo país afora continuam fazendo isso, ano após ano. É uma passagem grátis. Não de volta à infância — não funciona assim —, mas de volta ao sonho.

Dave fica calado por um momento, pensando, jogando algumas sementes de girassol na palma da mão.

— Não se trata de ganhar ou perder — diz por fim. — Isso vem depois. Trata-se de como eles vão passar uns pelos outros no corredor nesse ano, ou mesmo na rua quando estiverem no 2º grau, e se olharem e se lembrarem. De uma certa forma, vão estar no time que ganhou o título do distrito em 1989 por muito tempo. — Dave dá uma olhada para a trincheira sombria da primeira base, onde Fred Moore agora está rindo de alguma coisa com Mike Arnold. Owen King olha de um para o outro, com um sorriso grande. — Trata-se de saber quem são os seus companheiros de equipe. As pessoas com que você podia contar, quisesse ou não.

Observa os meninos enquanto eles riem e brincam quatro dias antes do começo do seu campeonato, depois eleva a voz e diz a Matt para atirar quatro ou cinco mais e parar.

Nem todos os treinadores que ganham o cara ou coroa — como acontece com Dave Mansfield em 5 de agosto, pela sexta vez em nove partidas pós-temporada — escolhem ser o time da casa. Alguns deles (o treinador do Brewer, por exemplo) acham que a chamada vantagem do time da casa é completamente fictícia, principalmente num jogo de campeonato, em que nenhum dos times está realmente jogando no seu próprio campo. O argumento para ser o time visitante num jogo decisivo é mais ou menos o seguinte: no início de um jogo desses, os garotos de ambos os times estão nervosos. A maneira de tirar partido desse nervosismo, prossegue o raciocínio, é rebater primeiro e deixar o time que está na defesa cometer suficientes erros, falhas e permitir caminhadas para colocar o seu time na dianteira. Se você rebater primeiro e conseguir marcar quatro voltas completas, concluem esses teóricos, você é o dono da partida quando ela mal começou. Está provado. É uma teoria que Dave Mansfield nunca endossou.

— Quero ser o último — diz ele e para ele isso encerra o assunto.

Só que hoje é um pouco diferente. Não é apenas um jogo de campeonato, é *o jogo do campeonato* — na realidade, um jogo de campeonato *televisionado*. E quando Roger Fisher gira e dispara seu primeiro lançamento, que passa por tudo para marcar a primeira bola dentro, a fisionomia de Dave Mansfield é a de um homem que espera ardentemente não ter cometido um equívoco. Roger sabe que está

começando por acaso — que Mike Pelkey estaria ali no seu lugar se não estivesse naquele momento apertando a mão do Pateta lá no Disney World —, mas consegue superar seu nervosismo do primeiro tempo tão bem quanto se poderia esperar, talvez até um pouco melhor. Ele recua do montículo a cada vez que o recebedor, Joe Wilcox, restitui a bola, estuda o rebatedor, mexe nas mangas da camisa e toma todo o tempo de que precisa. O que é mais importante é que ele compreende como é preciso manter a bola no quarto inferior da zona de erro. A linha de frente do York está cheia de força, de alto a baixo. Se Roger cometer um engano e lançar uma bola na altura dos olhos do rebatedor — especialmente de um como Tarbox, que rebate com tanta força como lança —, ela vai se perder imediatamente.

Mesmo assim, perde o primeiro rebatedor do York. Bouchard vai devagar para a primeira, seguido dos aplausos e gritos histéricos do bloco de torcida do York. O próximo rebatedor é Philbrick, cuja posição é de defensor entre a segunda e a terceira bases. Ele rebate o primeiro lançamento de volta para Fisher. Numa dessas jogadas que às vezes decidem as partidas, Roger resolve ir para a segunda e tentar forçar o jogador que está na frente. Na maioria dos jogos da Liga Juvenil, isso acaba sendo uma má ideia. O lançador atira de qualquer jeito para o centro do campo, permitindo que o jogador que está na frente vá para a terceira, ou descobre que seu defensor da segunda e da terceira base não se moveu para cobrir a segunda, que fica livre. Hoje, porém, dá certo. St. Pierre treinou esses meninos bem nas posições defensivas. Matt Kinney, que hoje joga entre a segunda e a terceira, está bem onde devia estar. E o passe de Roger também. Philbrick chega à primeira em função da escolha de um jogador de campo, mas Bouchard está eliminado. Dessa vez, são os torcedores do Bangor West que urram sua aprovação.

A jogada acalma a maior parte do nervosismo do Bangor West e dá a Roger Fisher uma confiança de que muito precisava. Phil Tarbox, o mais consistente rebatedor do York, bem como seu melhor lançador, é eliminado num lançamento baixo e fora da zona de erro.

— Pegue-o da próxima vez, Phil! — grita do banco um jogador do York. — Você simplesmente não está acostumado com lançamentos tão lentos assim!

Mas o problema que os rebatedores do York estão tendo com Roger não é a velocidade e sim a localização da bola. Ron St. Pierre pregou o evangelho do lançamento baixo durante toda a temporada e Roger Fisher — Fish, como o chamam os meninos — foi um aluno calado mas atento durante as palestras do Santo no campo de treinamento. As decisões de Dave de lançar Roger e rebater por último parecem ter sido boas quando Bangor entra para rebater na segunda metade do primeiro tempo. Vejo vários dos meninos tocando no *mo*, a pequena sandália de plástico, quando entram na trincheira.

Confiança — do time, da torcida, dos treinadores — é uma qualidade que pode ser medida de diferentes maneiras, mas qualquer que seja o parâmetro escolhido, York fica na frente. O grupo de torcida da cidade pendurou uma faixa na parte inferior das estacas do placar: YORK A CAMINHO DE BRISTOL, diz essa mensagem dos torcedores. E há aquela história dos escudinhos do Distrito 4, já feitos e prontos para serem trocados. Mas o indicador mais claro da profunda confiança que o treinador do York tem nos seus jogadores é revelado no lançador com que vai começar. Todos os outros clubes, inclusive Bangor West, colocaram seu lançador número um para começar o primeiro jogo, tendo presente aquela máxima de partida de decisão: se não conseguir par, não vai poder dançar na festa de formatura. Se não conseguir vencer sua preliminar, não precisa se preocupar com a final. Só que o treinador do York foi contra essa palavra de sabedoria e colocou seu lançador número dois, Ryan Fernald, para começar no primeiro jogo, contra Yarmouth. Conseguiu se safar — por um triz — quando seu time resistiu ao Yarmouth, 9 a 8. Foi por pouco, mas hoje isso deve ter a compensação. Poupou Phil Tarbox para a final e, conquanto Tarbox possa não ser tão bom quanto Stanley Sturgis, ele tem uma coisa a seu favor que Sturgis não tinha. Phil Tarbox *mete medo*.

Nolan Ryan, que talvez tenha sido o melhor dos lançadores de bolas velozes que jamais jogou beisebol, gosta de contar uma história sobre um jogo de campeonato da Liga Babe Ruth em que ele foi lançador. Ele acertou o primeiro rebatedor do time adversário no braço e quebrou-o. Atingiu o segundo rebatedor na cabeça, abrindo o capacete do menino em dois e fazendo-o ficar desmaiado por alguns instantes. Enquanto esse segundo menino estava sendo socorrido, o terceiro rebatedor, pálido e trêmulo, foi até o seu treinador e implorou-lhe para não o mandar rebater.

— E não o culpo — acrescenta Ryan.

Tarbox não é nenhum Nolan Ryan, mas atira com força e tem consciência de que a intimidação é a arma secreta do lançador. Sturgis também lançava forte, mas mantinha a bola baixa e para fora. Sturgis era bem-educado. Tarbox gosta de operar alto e para dentro. Bangor West chegou até onde está hoje fazendo girar o bastão. Se Tarbox conseguir intimidá-los, vai tirar-lhes o bastão das mãos e, se fizer isso, Bangor está liquidado.

Nick Trzaskos não chega nem perto de uma volta completa para começar. Tarbox o elimina com uma bola veloz para cima do corpo que faz Nick se abaixar para fora do quadrado. Nick olha incrédulo para o árbitro da base de chegada e abre a boca para protestar.

— Não diga uma palavra, Nick! — berra Dave da trincheira. — Apenas venha depressa para cá!

Nick assim faz, mas seu rosto retomou sua antiga expressão ensimesmada. Uma vez dentro da trincheira, pendura, chateado, seu capacete embaixo do banco.

Tarbox vai tentar lançar alto e para dentro para todos hoje, com exceção de Ryan Iarrobino. Já correu a fama de Iarrobino e nem mesmo Tarbox, confiante como parece ser, irá desafiá-lo. Lança baixo e para fora para Iarrobino, finalmente deixando-o caminhar. Também concede a caminhada a Matt Kinney, que se seguiu a Ryan, mas agora está lançando alto e para dentro novamente. Matt tem reflexos estupendos e precisou deles para evitar ser atingido, e atingido com força. Quando finalmente lhe é concedida a primeira base, Iarrobino já está na segunda, graças a um lançamento doido que passou a centímetros do rosto de Matt. Depois, Tarbox se acalmou um pouco, eliminando Kevin Rochefort e Roger Fisher, para terminar o primeiro tempo.

Roger Fisher continua a trabalhar lenta e metodicamente, ajeitando as mangas entre cada lançamento, olhando em volta para o campo interior, de vez em quando até olhando para o céu, possivelmente em busca de óvnis. Com dois nas bases e um fora, Estes, que chegou à base numa caminhada, sai correndo para a terceira num lançamento que saltou da luva de Joe Wilcox e caiu aos seus pés. Joe recupera a bola depressa e a atira com força para Kevin Rochefort na terceira. A bola está à espera de Estes

quando ele chega, e é devagar que ele volta para sua trincheira. Dois fora. Nessa jogada, Fernald foi para a segunda.

Wyatt, o rebatedor número oito do York, manda um para o chão no lado direito do campo interior. A corrida da bola é reduzida ainda mais pelas condições empapadas do solo. Fisher se atira para a bola. O mesmo faz King, o homem da primeira base. Roger a agarra, depois escorrega na grama molhada e se arrasta até a base, com a bola na mão. Wyatt chega na frente dele com facilidade. Fernald completa a volta toda nessa jogada, marcando o primeiro ponto da partida.

Se Roger vai entregar os pontos, era de se esperar que fosse bem agora. Ele confere o campo interior e examina a bola. Parece pronto para lançar e então sai do montículo. Ao que parece, suas mangas não estão bem como ele as quer afinal de contas. Demora para ajeitá-las, enquanto Matt Francke, o rebatedor do York, fica careca de esperar no quadrado do rebatedor. Quando finalmente Fisher se apresta para lançar, ele praticamente está dono de Francke, que bate uma bola alta fácil para Kevin Rochefort na terceira. Rochefort passa adiante para Matt Kinney, forçando Wyatt. Ainda assim, York tirou o primeiro sangue e lidera, 1 a 0, no final de um tempo e meio.

No segundo tempo, Bangor West tampouco consegue marcar uma volta completa, mas mesmo assim consegue acertar contra Phil Tarbox. No final do primeiro tempo, o lançador compridão do York tinha saído do montículo devagar e com a cabeça erguida. Subindo depois de lançar a segunda, ele se arrasta e vai de cabeça baixa, e alguns dos seus companheiros de equipe olham inquietos para ele.

Owen King, que é o primeiro a rebater pelo Bangor na sua metade do segundo tempo, não se intimida com Tarbox, mas ele é um garoto grande, bem mais lento do que Matt Kinney. Depois de esgotar a contagem, Tarbox tenta imprensá-lo. A bola rápida vai para cima e para dentro — demais nas duas coisas. King é atingido com força na axila. Cai no chão, apertando o lugar ferido, inicialmente estonteado demais para chorar, mas visivelmente sentindo dor. As lágrimas acabam vindo — não muitas, mas mesmo assim lágrimas de verdade. Com 1,87m de altura e mais de cem quilos de peso, ele tem o tamanho de um homem, mas ainda tem apenas 12 anos e não está acostumado a ser atingido por bolas rápidas, por dentro, a 110 quilômetros por hora. Tarbox imediatamente vai correndo do

montículo em sua direção, seu rosto sendo uma máscara de preocupação e arrependimento. O árbitro, já inclinado sobre o jogador caído, afasta-o com impaciência. O paramédico de plantão que corre para lá nem olha duas vezes para Tarbox. Mas os torcedores olham. Os torcedores lhe estão lançando todo tipo de olhar.

— Expulsem-no antes que ele atinja outro! — um deles berra.

— Retirem-no antes que alguém fique machucado *de verdade*! — acrescenta outro, como se ser atingido nas costelas por uma bola rápida não fosse se machucar de verdade.

— Dê-lhe uma advertência, seu árbitro — faz coro uma terceira voz. — Isso foi um tiro deliberado para trás. Dê-lhe uma advertência sobre o que vai acontecer se fizer isso de novo!

Tarbox olha na direção dos torcedores e, por um instante, esse menino, que antes estava irradiando uma espécie de confiança serena, parece muito jovem e muito inseguro. Na realidade, ele tem a expressão que tinha Stanley Sturgis quando a partida Belfast x Lewiston estava chegando à sua conclusão.

Quando retorna para o montículo, ele bate com a bola na luva, num sinal de frustração.

Nesse meio-tempo, ajudaram King a ficar de pé. Depois de deixar claro para Neil Waterman, o paramédico e o árbitro que quer continuar no jogo e está em condições de fazê-lo, ele corre até a primeira base. Ambos os grupos de torcedores lhe dão uma boa salva de palmas.

Phil Tarbox, que, é claro, não tinha nenhuma intenção de atingir o rebatedor que começava num jogo de uma volta completa, imediatamente mostra como está abalado mandando uma bola reta e lenta bem pelo meio para Arthur Dorr. Arthur, o penúltimo em tamanho entre os meninos da primeira linha do Bangor West, aceita esse presente inesperado mas bem-vindo mandando fundo pelo lado direito.

King sai correndo quando ouve o estalido do bastão. Passa pela terceira, sabendo que não pode completar a volta, mas na esperança de atrair o passe que garantirá que Arthur vá para a segunda base e, ao fazer isso, as condições úmidas se tornam um fator. O losango no lado da terceira base ainda está encharcado. Quando King tenta frear, seus pés resvalam e ele cai sentado. O repasse foi para Tarbox e este não quer se

arriscar e atirar a bola. Corre para King, que está fazendo um débil esforço para se pôr de pé. No final, o maior jogador do Bangor simplesmente ergue o braço num gesto eloquente e comovedor: *Eu me rendo*. Graças às condições escorregadias, Tarbox agora tem um jogador na segunda, com um fora, em vez de jogadores na segunda e na terceira, sem nenhum fora. Isso faz uma grande diferença e Tarbox exibe sua confiança renovada eliminando Mike Arnold.

Então, no seu terceiro lançamento para Joe Wilcox, o próximo rebatedor, ele o atinge em cheio no cotovelo. Dessa vez, os gritos de indignação dos torcedores do Bangor West são mais fortes e com um tom de ameaça. Vários deles dirigem sua ira para o árbitro da base de chegada, exigindo que Tarbox seja expulso. O árbitro, que entende essa situação perfeitamente bem, não se preocupa sequer em advertir Tarbox. O olhar abatido no rosto do menino quando Wilcox corre meio cambaleando para a primeira sem dúvida lhe diz que não é necessário. Mas o gerente do York veio e acalmou o lançador, salientando o óbvio:

— *Você está com dois fora e a primeira base estava aberta de qualquer maneira. Não há problema*.

Mas para Tarbox *há* um problema. Ele atingiu dois meninos nesse tempo, atingiu a ambos com força suficiente para fazê-los chorarem. Se isso não fosse um problema, ele precisava de um exame de sanidade mental.

York reúne três tiros individuais para marcar duas voltas completas no início do terceiro tempo, abrindo uma vantagem de 3 a 0. Se essas duas voltas, ambas conquistadas de forma clara, tivessem vindo no início do primeiro tempo, Bangor teria ficado numa posição muito séria, mas, quando os jogadores voltam para suas instruções, estão ansiosos e excitados. Não há entre eles sensação alguma de que a partida está perdida, nenhum cheiro de fracasso.

Na segunda metade do terceiro tempo, Ryan Iarrobino é o primeiro rebatedor do Bangor, e Tarbox trabalha com ele com cuidado, com cuidado demais. Ele começou a mirar a bola e o resultado é previsível. Com a contagem em 1 a 2, ele trisca Iarrobino no ombro. Iarrobino se vira e bate com o bastão uma vez no chão — é impossível dizer se de dor, frustração ou raiva. O mais provável é que sejam as três coisas juntas. É muito mais fácil interpretar os sentimentos da multidão. Os torcedores do Bangor

estão de pé, gritando com fúria para Tarbox e para o árbitro. Do lado do York, os torcedores estão calados e espantados. O jogo não está indo como esperavam. Quando Ryan corre para a primeira, ele dá uma olhada para Tarbox. Essa olhada é rápida, mas parece muito clara:

— *Essa foi a terceira vez, ô, cara. Que seja a última*.

Tarbox confabula rapidamente com seu treinador, depois encara Matt Kinney. Sua confiança está em pedaços e seu primeiro lançamento para Matt, uma bola doida, indica que ele está com tanta vontade de continuar lançando nesse jogo como um gato de tomar um banho de espuma. Iarrobino chega com facilidade na segunda na frente do passe do recebedor do York, Dan Bouchard. Tarbox concede a caminhada de Kinney. O próximo rebatedor é Kevin Rochefort. Depois de duas rebatidas fracassadas sem girar o corpo, Roach se acalma e dá a Phil Tarbox a oportunidade de cavar sua cova um pouco mais. Ele o faz, permitindo que Kevin caminhe depois de o ter mantido em 1 a 1. Tarbox agora já fez mais de 60 lançamentos em menos de três tempos.

Roger Fisher também vai no 3 a 2 com Tarbox, que agora está confiando quase que exclusivamente em bolas macias, com efeito. Parece ter resolvido que, se atingir outro rebatedor, não o atingirá com força. Não há onde colocar Fisher: as bases estão lotadas. Tarbox sabe disso e assume um risco calculado, mandando outra devagar pelo meio, achando que Fish vai deixar na esperança de uma caminhada. Em vez disso, Roger rebate com vontade, fazendo a bola saltar uma vez entre a primeira e a segunda, conseguindo um ponto de base. Iarrobino corre para completar a volta, marcando a primeira do Bangor.

Owen King, o jogador que estava como rebatedor quando Phil Tarbox começou a se autodestruir, é o próximo rebatedor. O treinador do York, desconfiando que seu ás vai trabalhar ainda com menos êxito em relação a King dessa vez, acha que já basta. Matt Francke entra para substituí-lo e Tarbox passa para recebedor do York. Ao ficar de cócoras por trás da base de chegada para o aquecimento de Francke, ele parece conformado e aliviado. Francke não atinge ninguém, mas não consegue parar a sangria. No final de três tempos, Bangor West só tem duas voltas completas, mas lidera York por 5 a 3.

Estamos no quinto tempo agora. O ar está cheio de umidade cinzenta, e a faixa YORK A CAMINHO DE BRISTOL, pregada nas pilastras do placar,

começa a fazer uma barriga. Os torcedores também parecem estar cansados e cada vez mais inquietos. York *está mesmo* a caminho de Bristol? — *Bem, temos que estar* — parecem dizer suas fisionomias —, *mas agora é o quinto tempo e ainda estamos duas voltas atrás. Meu Deus, como ficou tão tarde tão cedo*?

Roger Fisher continua avançando com tranquilidade e, na segunda metade do quinto, Bangor West coloca o que parecem ser os últimos pregos no caixão do York. Mike Arnold começa com um tiro isolado. Joe Wilcox sacrifica Fred Moore, o substituto para a segunda e Iarrobino dobra em cima de Francke, fazendo Moore marcar. Isso traz Matt Kinney para rebater. Depois de uma bola passada fazer Ryan avançar para a terceira, Kinney acerta uma rasteira para o defensor entre a segunda e a terceira, mas ela escorrega da luva do jogador e Iarrobino corre para completar a volta.

Bangor West ocupa o campo em júbilo, com uma liderança de 7 a 3 e precisando só de mais três rodadas.

Quando Roger Fisher vai para o montículo para encarar York na primeira metade do sexto tempo, ele já fez 97 lançamentos e é um menino cansado. Revela isso logo ao conceder a caminhada para o substituto Tim Pollack numa contagem completa. Dave e Neil acham que já é suficiente. Fisher vai para a segunda base e Mike Arnold, que esteve no aquecimento entre os tempos, assume no montículo. Geralmente, ele é um bom substituto, mas esse não é o seu dia. Tensão, talvez, ou talvez seja apenas o fato de que a umidade no montículo causou uma mudança no seu movimento normal. Ele consegue botar Francke para voar, mas depois Bouchard caminha, Philbrick dobra, Pollack, o defensor encarregado de Fish, marca e Bouchard é retido na terceira. Em si mesma, a volta completa de Pollack não quer dizer nada. O importante é que agora York tem jogadores na segunda e na terceira, e a volta do empate em potencial está indo para a posição de rebatedor. A volta do empate em potencial é alguém que tem um interesse muito pessoal em conseguir acertar, porque ele é a principal razão pela qual York está apenas a duas rodadas de distância da extinção. A volta do empate em potencial é Phil Tarbox.

Mike leva a contagem para 1 a 1 e então lança uma bola rápida bem para o meio da base de chegada. Na trincheira do Bangor West, Dave Mansfield faz uma careta e ergue uma das mãos para a testa, num gesto

como para afastar isso bem quando Tarbox começa a girar. Ouve-se o ruído seco de Tarbox conseguindo esse que é o mais difícil dos feitos do beisebol: usar um bastão roliço para acertar uma bola redonda bem no meio.

Ryan Iarrobino decola no instante em que Tarbox bate na bola, mas fica sem espaço logo. A bola passa por cima da cerca com uns seis metros de folga, rebate numa câmera de tevê e cai de volta dentro do campo. Ryan olha para ela desconsolado, enquanto os torcedores do York enlouquecem e todo o time do York irrompe da trincheira para cumprimentar Tarbox, que acaba de acertar uma bola que significa três voltas completas e se redimiu de forma espetacular. Ele não pisa na placa do rebatedor e sim *pula* sobre ela. Seu rosto tem uma expressão de satisfação quase angelical. É soterrado por seus companheiros entusiasmados. Ao regressar para a trincheira, eles quase não deixam que os pés dele toquem no chão.

Os torcedores do Bangor ficam sentados, em silêncio, completamente zonzos ante esse terrível revés. Ontem, contra Lewiston, Bangor cortejou o desastre. Hoje, ele desmaiou nos seus braços. *Mo* trocou de lado novamente e os torcedores receiam que dessa vez tenha sido pra valer. Mike Arnold confabula com Dave e Neil. Eles estão lhe dizendo para voltar e lançar com força, que o jogo está apenas empatado, não perdido, mas Mike é um menino visivelmente desapontado e infeliz.

O rebatedor seguinte, Hutchins, acerta uma bola fácil de dois pulos para Matt Kinney, mas Arnold não é o único que está abalado. Kinney, geralmente seguro, mete o pé na bola e Hutchins sai correndo. Andy Estes passa para Rochefort na terceira, mas Hutchins avança para a segunda quando uma bola é passada. King agarra o disparo de Matt Hoyt na terceira rodada e Bangor West está fora de perigo.

O time tem uma oportunidade de decidir a partida na segunda metade do sexto tempo, só que isso não acontece. Eles vão 1-2-3 contra Matt Francke e, de repente, Bangor West está no seu primeiro jogo com tempo extra em todas as partidas pós-temporada, empatado com York em 7 a 7.

Durante o jogo contra o Lewiston, o tempo chuvoso acabou por melhorar. Hoje não. Quando Bangor West entra no campo na primeira metade do sétimo tempo, o céu fica cada vez mais escuro. Estão chegando as seis horas e, mesmo debaixo dessas condições, o campo ainda deveria estar claro e razoavelmente iluminado, mas o nevoeiro começou a baixar.

Quem visse um videoteipe da partida pensaria que havia algo errado com as câmeras de TV: tudo parece apático, sem cor, com má iluminação. Os torcedores em mangas de camisa nas arquibancadas do meio do campo estão se tornando cabeças e mãos sem corpos. No campo exterior, Trzaskos, Iarrobino e Arthur Dorr são diferenciáveis principalmente por suas camisas.

Logo antes de Mike efetuar o primeiro lançamento do sétimo, Neil cutuca Dave com o cotovelo e aponta para o lado direito do campo. Dave imediatamente pede tempo e corre até lá para ver o que há com Arthur Dorr, que está de pé, inclinado para a frente, com a cabeça quase entre os joelhos.

Arthur ergue os olhos para Dave com certa surpresa quando ele se aproxima.

— Estou bem — diz ele em resposta à pergunta não-formulada.

— Então que diabos você está fazendo? — indaga Dave.

— Procurando trevos de quatro folhas — responde Arthur.

Dave está aturdido demais, ou achando graça demais, para repreender o menino. Simplesmente diz a Arthur que talvez fosse mais adequado procurá-los depois do fim do jogo.

Arthur dá uma olhada para o nevoeiro que aumenta, antes de tornar a olhar para Dave.

— Acho que a essa altura vai estar escuro demais — diz ele.

Com Arthur posto em ordem, o jogo pode prosseguir e Mike Arnold faz um trabalho condigno — possivelmente porque ele está enfrentando o final da linha de York, cheia de substitutos. York não marca ponto e Bangor chega à segunda metade do sétimo com outra chance de ganhar o jogo.

Quase conseguem. Com as bases lotadas e dois fora, Roger Fisher acerta uma com força pela linha da primeira base. Entretanto, Matt Hoyt está bem ali para saltar sobre ela e os times trocam de lado mais uma vez.

Philbrick é eliminado por Nick Trzaskos na abertura do oitavo e então entra Phil Tarbox. Ele ainda não terminou seu trabalho em cima do Bangor West. Recuperou sua confiança e seu rosto está inteiramente sereno quando recebe o primeiro lançamento de Mike, nem se move e o árbitro

marca erro. Gira o bastão no seguinte, uma falsa bola rápida bastante boa que rebate na proteção de canela de Joe Wilcox. Ele sai do quadrado, acocora-se com o bastão entre os joelhos e se concentra. É uma técnica zen que o treinador do York ensinou a esses meninos. Francke fez isso várias vezes no montículo quando estava em apuros e funciona dessa vez para Tarbox, junto com um pouco de ajuda de Mike Arnold.

O último lançamento de Arnold para Tarbox é uma bola em curva ascendente na direção dos olhos do rebatedor, exatamente o lançamento que Dave e Neil tinham torcido que não ocorresse hoje, e Tarbox a aproveita inteiramente. Ela vai longe para o lado esquerdo do centro, bem alto por cima da cerca. Não há nenhum suporte de câmera de TV para detê-la e a bola acaba no meio das árvores. Os torcedores do York estão novamente de pé, cantando "Phil-Phil-Phil" enquanto Tarbox dá a volta na terceira, vem pela linha e dá um grande salto no ar. Ele não se limita a saltar sobre a base de chegada, ele *se afunda* nela.

A princípio parece que isso não é tudo. Hutchins acerta uma pelo meio que lhe permite ir para a primeira e consegue ir para a segunda em função de um erro. A isso se segue Estes, que acerta uma na direção da terceira e Rochefort passa mal para a segunda. Por sorte, Roger Fisher está sendo coberto por Arthur Dorr, que consegue evitar uma segunda volta completa, mas agora York tem jogadores na primeira e na segunda, com apenas um fora.

Dave chama Owen King para lançar e Mike Arnold se desloca para a primeira. Após uma bola doida que possibilita o avanço dos jogadores para a segunda e a terceira, Matt Hoyt acerta uma com força no solo na direção de Kevin Rochefort. Na partida em que Bangor West perdeu para Hampden, Casey Kinney conseguiu voltar e fazer a jogada depois de cometer um erro. Rochefort faz o mesmo hoje e com sobras. Ele vem com a bola, depois a segura por um instante, certificando-se de que Hutchins não vai disparar para a base de chegada. Então ele a passa para o outro lado do losango, para Mike, pegando Matt Hoyt, que corre lento, por dois passos. Considerando-se a pressão que esses meninos vêm sofrendo, é um lance de beisebol incrivelmente astucioso. Bangor West se recuperou e King trabalha com perfeição em cima de Ryan Fernald, que acertara uma bola para fora do campo permitindo três voltas completas contra Yarmouth: jogando bem nos cantos, utilizando seu lançamento

estranhamente eficaz com o braço num arco lateral, para suplementar as bolas rápidas com o arco sobre a cabeça. Fernald mal consegue ir para a primeira e a primeira metade do tempo termina. Ao cabo de sete tempos e meio, York lidera Bangor por 8 a 7. Seis dos tiros que produziram voltas completas foram de Philip Tarbox.

Matt Francke, o lançador do York, está tão cansado quanto Fisher estava quando Dave finalmente resolveu substituí-lo por Mike Arnold. A diferença então foi que Dave *tinha* um Mike Arnold e, atrás de Mike, um Owen King. O treinador do York não tem ninguém. Ele usou Ryan Fernald contra Yarmouth, o que o impedia de lançar hoje, e agora é Francke até o fim.

Ele começa bastante bem na segunda metade do oitavo, eliminando King. Arthur Dorr vem a seguir, um por quatro nesse dia (um duplo ante Tarbox). Francke, visivelmente fazendo grande esforço agora, mas também visivelmente decidido a acabar essa partida, vai fundo em cima de Arthur, e então manda uma completamente fora. Arthur corre para a primeira.

Mike Arnold vem a seguir. Não tinha sido o seu dia no montículo, mas dessa vez se sai bem na posição de rebatedor, com uma bola curta. A intenção não é o sacrifício, mas tenta um tiro para avanços de bases e quase o consegue. Mas a bola não chega a morrer naquele pedaço encharcado entre a base de chegada e o montículo do lançador. Francke a agarra, olha na direção da segunda e depois resolve ir sobre a primeira. Agora há dois garotos fora e um na segunda. Bangor West está a uma rodada do final.

Joe Wilcox, o recebedor, vem a seguir. Com a contagem em 2 a 1, ele acerta uma que bate na linha de cal da primeira base. Matt Hoyt a pega, mas um segundo atrasado — ele carrega a bola menos de 15 centímetros para fora e o árbitro da primeira base está bem ali para marcar.

Hoyt, que estava pronto para correr para o montículo e abraçar Matt Francke, tem que devolver a bola em vez disso.

Agora a contagem para Joey é 2 a 2. Francke desce do montículo, olha bem para cima, para o céu e se concentra. Depois, sobe de volta e manda uma alta e fora da zona de rebatida. Joey vai nela de qualquer modo, sem nem olhar, girando o bastão em defesa própria. O bastão dá na bola —

pura sorte — e vai para fora. Francke faz a encenação de concentração mais uma vez, depois atira — para fora, por pouco. Terceira bola.

Agora vem o que pode ser o lançamento da partida. Parece ser uma bola boa, dentro, um tiro para terminar o jogo, mas o árbitro diz que foi bola quatro. Joe Wilcox corre para a primeira base com uma leve expressão de espanto no rosto. Só mais tarde, olhando a repetição em câmera lenta da gravação do jogo feita pela TV que se pode ver como a decisão do árbitro foi correta e como foi boa. Joe Wilcox, tão ansioso que fica rodando o bastão nas mãos como se fosse um taco de golfe até o instante do lançamento, ergue-se na ponta dos pés quando a bola vem e essa é a razão por que ela lhe parece estar na altura certa quando passa sobre a base. O árbitro, que não se move um milímetro, desconta todos os tiques nervosos de Joe e toma uma decisão de liga profissional. As regras dizem que não se pode encolher a zona de rebatida se agachando; do mesmo modo, não se pode ampliar essa zona se esticando. Se Joe não tivesse se esticado, o lançamento de Francke estaria na altura da garganta, em vez de na altura certa. Por isso, em vez de ser o terceiro garoto eliminado e terminar a partida, Joe passa a ser mais um jogador numa base.

Uma das câmeras de TV estava focalizando Matt Francke quando ele fez o lançamento e captou uma imagem notável. A repetição da gravação mostra Francke se animando quando a bola vai para baixo apenas um instante atrasada para ir fora. Sua mão de lançamento se ergue num punho fechado de celebração de vitória. Nesse momento, começa a se mover para a direita, em direção à trincheira do York e o árbitro fica na sua frente. Quando ele reaparece na tela um segundo depois, sua expressão se transformou em infelicidade e incredulidade. Ele não discute a decisão — esses meninos aprendem a não fazer isso nas suas temporadas regulares e nunca, nunca, *nunca* fazê-lo num contexto de campeonato —, mas, enquanto se prepara para trabalhar em cima do próximo rebatedor, Francke parece estar chorando.

Bangor West ainda está vivo e, quando Nick Trzaskos se aproxima da posição de rebatedor, o time se põe de pé e começa a gritar. É evidente que Nick está esperando que seja uma sopa — e é. Com cinco lançamentos, Francke concede a caminhada. É a 11ª caminhada concedida hoje pelos lançamentos do York. Nick corre até a primeira, lotando as bases, e Ryan

Iarrobino entra para rebater. Uma vez atrás da outra, em situações como essa, tem sido Ryan Iarrobino. E agora é Ryan uma vez mais. Os torcedores do Bangor West estão de pé, gritando. Os jogadores do Bangor West se amontoam na trincheira, os dedos enfiados na cerca de arame, olhando com ansiedade.

— Não posso acreditar nisso — diz um dos comentaristas da TV. — Não posso acreditar no desenrolar dessa partida.

Seu companheiro se junta a ele.

— Bem, vou lhe dizer uma coisa. Seja como for, é assim que esses dois times gostariam que a partida terminasse.

Enquanto ele fala, a câmera oferece seu próprio terrível contraponto ao comentário focalizando o rosto abatido de Matt Francke. A imagem sugere que isso era o que o canhoto do York *menos* queria. E não tem razão? Iarrobino dobrou duas vezes, caminhou duas vezes e foi atingido por um lançamento. York não conseguiu eliminá-lo nem uma só vez. Francke atira alto e para fora, depois baixo. São seus lançamentos 135 e 136. O menino está exausto. Chuck Bittner, o gerente do York, convoca-o para uma rápida consulta. Iarrobino espera que ela termine, depois volta para o quadrado do rebatedor.

Matt Francke se concentra, a cabeça para trás, os olhos fechados. Parece um filhote de passarinho esperando para ser alimentado. Depois gira o braço e atira seu último lançamento da temporada da Liga Juvenil do Maine.

Iarrobino não ficou olhando para a cena da concentração. Está com a cabeça abaixada. Está só olhando para ver como Francke vai vir e seus olhos não se afastam da bola nem por um segundo. É uma bola rápida, baixa e desviando-se na direção do canto exterior da base. Ryan Iarrobino se inclina um pouco. A ponta do bastão descreve um arco fechado. Ele pega em cheio, realmente acerta, e a bola levanta voo à direita do centro do campo, bem pro fundo, pra fora do campo. Seus braços se erguem sobre a cabeça e ele começa a ir sapateando em delírio pela linha da primeira base.

No montículo, Matt Francke, que esteve duas vezes a milímetros de ganhar essa partida, abaixa a cabeça, sem querer olhar. E enquanto Ryan dá

a volta na segunda e começa a voltar no rumo da base de chegada, Matt parece finalmente compreender o que fez e nessa altura começa a chorar.

Os torcedores ficam histéricos, os comentaristas esportivos ficam histéricos, até Dave e Neil parecem à beira da histeria quando cercam a base de chegada, deixando espaço para Ryan tocá-la. Dando a volta na terceira, passa pelo árbitro de lá, que ainda está girando um dedo professoral no ar cinzento, indicando uma volta completa.

Por trás da base de chegada, Phil Tarbox retira a máscara protetora e se afasta da comemoração. Bate com o pé uma vez, seu rosto fechado numa profunda frustração. Sai do campo da câmera e da Liga Juvenil para sempre. No ano seguinte, vai jogar beisebol na Liga Babe Ruth e provavelmente jogará bem, mas não haverá nenhuma outra partida como essa para Tarbox, ou para qualquer desses meninos. Essa ficou, como se diz, na história.

Ryan Iarrobino, rindo, chorando, segurando seu capacete na cabeça com uma das mãos e apontando com a outra direto para o céu, salta alto, aterrissa sobre a base de chegada e depois salta de novo, bem nos braços dos seus companheiros de equipe, que o carregam em triunfo. A partida acabou: Bangor West venceu, 11 a 8. São os campeões da Liga Juvenil do Maine de 1989.

Olho para a cerca do lado da primeira base e vejo uma cena notável: uma floresta de mãos acenando. Os pais dos jogadores se juntaram de encontro à cerca de arame e estão esticando as mãos por cima para tocar seus filhos. Muitos dos pais também estão chorando. Todos os meninos têm a mesma expressão de incredulidade feliz e todas essas mãos — parecem ser centenas — se agitam na sua direção, querendo tocar, querendo felicitar, querendo abraçar, querendo *sentir*.

Os meninos não tomam conhecimento. Depois haverá toques e abraços. Primeiro, porém, há coisas a fazer. Se colocam em fila e batem as palmas das mãos nas dos meninos do York, passando uns pelos outros diante da base de chegada, como manda o ritual. Agora a maioria dos meninos dos dois times está chorando, alguns tanto que mal podem andar.

Então, antes que os meninos do Bangor se dirijam para a cerca, onde todas aquelas mãos ainda estão acenando, eles cercam seus treinadores e dão socos neles e uns nos outros na alegria do triunfo. Eles persistiram para ganhar o campeonato — Ryan e Matt, Owen e Arthur, Mike e Roger

Fisher, o que encontra trevos de quatro folhas. Nesse momento, estão se cumprimentando e tudo o mais simplesmente vai ter que esperar. Depois, vão correndo para a cerca, na direção dos seus pais chorando, gritando e rindo, e o mundo começa uma vez mais a rodar no seu curso normal.

— Treinador, até quando vamos ficar jogando? — perguntou J. J. Fiddler a Neil Waterman depois de Bangor ter conquistado a divisão contra o Machias.

— J. J. — respondeu Neil —, nós vamos jogar até que alguém nos faça parar.

O time que finalmente fez o Bangor West parar foi o Westfield, de Massachusetts. Bangor West jogou contra eles no segundo turno do campeonato regional do leste da Liga Juvenil, em Bristol, Connecticut, em 15 de agosto de 1989. Matt Kinney lançou pelo Bangor West e jogou a partida da sua vida, eliminando nove, concedendo cinco caminhadas (uma proposital) e só possibilitando três tiros de volta completa. Entretanto, Bangor West só conseguiu um tiro de volta completa sobre o lançador do Westfield, Tim Laurita, e esse foi dado, como era bem de se prever, por Ryan Iarrobino. O placar final foi 2 a 1 para o Westfield. Um dos tiros de volta completa da partida se deveu a King, numa caminhada de bases lotadas. O tiro de volta completa que deu a vitória se deveu a Laurita, também numa caminhada de bases lotadas. Foi uma partida dos diabos, um jogo para os puristas, mas não pôde se comparar com aquele contra o York.

No mundo profissional, foi um ano ruim para o beisebol. Um futuro membro do Quadro da Fama foi expulso do esporte para o resto da vida; um lançador aposentado matou a mulher com um tiro e depois se suicidou; o comissário morreu de um ataque cardíaco; o primeiro jogo da série mundial a ser jogado no Candlestick Park em mais de vinte anos foi adiado quando um terremoto sacudiu o norte da Califórnia. Mas os profissionais são apenas uma parte do que o beisebol representa. Em outros lugares e em outras ligas — a Liga Juvenil, por exemplo, onde não há agentes, nem salários, nem se paga entrada —, foi um ano muito bom. O vencedor do campeonato regional do leste foi o Trumbull, de Connecticut. Em 26 de agosto de 1989, Trumbull derrotou Taiwan para vencer a série mundial da Liga Juvenil. Foi a primeira vez, desde 1983, que um time norte-americano venceu a série mundial em Williamsport e a

primeira vez em 14 anos em que o vencedor era da região onde o Bangor West joga.

Em setembro, a divisão do Maine da Federação de Beisebol dos Estados Unidos elegeu Dave Mansfield o treinador do ano.

17 Hino Nacional dos Estados Unidos da América. (N. do T.)

18 Associação *Veterans of Foreign Wars*, ou seja, Veteranos de Guerras no Exterior. (N. do T.)

19 Ao invés dos nove nos níveis superiores. (N. do T.)

Agosto no Brooklyn

(Para Jim Bishop)

No campo Ebbets crescem as pragas no gramado (lá onde Alston um dia administrou) fila atrás de fila no alambrado

enquanto o dia vai girando no seu eixo pro crepúsculo vejo-os ainda, com o verde aroma intenso da grama recém-cortada do campo interior no final sombrio do dia: apanhados pelos refletores do lado direito do campo, apenas acesos e já tomados de assalto por batalhões de mariposas esvoaçantes e outros insetos da noite; mais abaixo, velhos e taxistas de folga estão bebendo grandes canecos de Schlitz nos assentos de 75 *cents*, esse Flatbush real como as ruas de veludo do Harlem, onde músicas negras enchem as vitrolas automáticas em junho de 56.

No campo Ebbets o campo interior é lento e as filas estão vazias, vazio cada assento.

Hodges agachado na primeira, a luva estirada pra tocar o passe de Robinson, lá da terceira, os quadrados dos rebatedores flutuam no brilho fantasmal dessa noite de sexta-feira de céu pleno (Musial completou a volta logo, Flatbush perde por 2). Newcombe se arrastou pro vestiário, debaixo de uma chuva de pipoca e de manchetes de jornal. Carl Erskine entrou agora e lança forte, mas Johnny Podres e Clem Labine estão no aquecimento caso ele estoure tarde demais; ele pode demorar, você sabe, todos podem

No Campo Ebbets eles vêm e vão e jogam os tempos, lance após lance, como dedos da mão

apitam pro intervalo na penumbra do 5º alguém atirou uma cerveja em Sandy Amoros, no lado direito, ele espeta o copo vazio sem uma palavra e o entrega para um vigia do estádio que masca Mail Pouch enquanto os torcedores anônimos gritam nas saborosas vogais do Brooklyn, uma praga para os dois times. Pee Wee Reese apoia as mãos nos joelhos, à esquerda da segunda base, Campanella dá o sinal de olhos fechados eu vejo tudo igual sinto o cheiro de salsichas cozinhando e da terra às oito da noite posso enxergar as deliciosas

sombras da noite elas nadam com os anjos acima do disco do estádio enquanto Erskine gira e volteia e lança baixo e para dentro:

Notas

Pouco depois de ter publicado *Tripulação de esqueletos*, meu livro de contos anterior, falei com uma leitora que me disse como tinha gostado dele. Comentou que conseguira distribuir as histórias: uma por noite, durante cerca de três semanas. “Mas saltei as notas do final”, disse ela, olhando bem para mim ao falar isso (acho que ela pensava que eu poderia saltar sobre ela na minha raiva diante de tão terrível afronta). “Sou uma dessas pessoas que não quer saber como é que o mágico faz os seus truques.”

Limitei-me a assentir com a cabeça e lhe disse que tinha todo o direito de assim fazer, não querendo me envolver numa discussão longa e complicada sobre o assunto, quando tinha coisas por fazer. Mas nesta manhã não tenho nada para fazer e quero deixar duas coisas bem claras, como nosso velho amigo de San Clemente costumava dizer. Em primeiro lugar, não me importo se você vai ler ou não as notas que se seguem. O livro é seu e, por mim, você pode usá-lo como chapéu quando for ao jóquei. Em segundo lugar, não sou mágico e aqui não há truques.

Isso não quer dizer que não exista magia no escrever. Acontece que acredito que há e que ela se entremeia com a ficção de uma forma especialmente luxuriante. O paradoxo é o seguinte: os mágicos não têm nada a ver com magia, como a maioria deles prontamente reconhecerá. Suas inegáveis maravilhas — pombas de dentro de lenços, moedas de jarras vazias, lenços de seda de mãos vazias — são conseguidas com treinamento cansativo e ilusões, e bem-ensaiados passes de mão. Seu discurso de “antigos segredos do Oriente” e “a tradição perdida da Atlântida” é pura conversa fiada. Desconfio que, de forma geral, os mágicos de teatro se identificariam perfeitamente na velha piada do sujeito do interior que pergunta a um *beatnik* como chegar ao Carnegie Hall e ele responde: “Treinando, cara, treinando.”

Isso também se aplica aos escritores. Depois de vinte anos escrevendo ficção comercial e de ser qualificado pelos críticos mais intelectuais como um picareta (a definição intelectual de um picareta parece ser “um artista cujo trabalho é apreciado por um número excessivo de pessoas”), tenho prazer em afirmar que na prática da arte, o processo muitas vezes

cansativo de escrever, reescrever e depois escrever de novo é necessário para se produzir uma boa obra, e que o trabalho árduo é a única forma aceitável para aqueles de nós que têm algum talento, porém pouca ou nenhuma genialidade.

Mesmo assim, *há* magia nessa tarefa e ela surge com mais frequência naquele instante em que uma história pipoca na cabeça de um escritor, geralmente como um fragmento, mas às vezes como uma coisa completa (e quando isso lhe acontece, é como se ele tivesse sido atingido por um míssil tático nuclear). O escritor pode, mais tarde, relatar onde estava quando isso aconteceu e quais foram os elementos que se combinaram para lhe dar a ideia, mas *a ideia em si* é uma coisa nova, uma soma maior do que as partes, algo que é criado do nada. Parafraseando Marianne Moore, é um sapo de verdade num jardim imaginário. De modo que você não precisa ficar com medo de ler as notas que seguem porque elas poderiam estragar a magia lhe mostrando como os truques funcionam. Na verdadeira magia, não há truques. Quando se trata de magia verdadeira, só existe a história.

Entretanto, *é* possível estragar uma história que ainda não foi lida e por isso, se você é uma dessas pessoas (uma dessas pessoas *horrorosas*) que sentem uma necessidade irresistível de ler primeiro as últimas coisas de um livro, como uma criança temperamental que está decidida a comer seu pudim de chocolate antes das almôndegas, vou convidá-lo a imediatamente dar o fora daqui, sob pena de sofrer a pior de todas as maldições: o desencanto. Para os demais, aqui vai uma excursão vertiginosa pelo modo como alguns dos contos de *Pesadelos e paisagens noturnas20* aconteceram.

O Cadillac de Dolan — Acho que a linha de raciocínio que levou a este conto é bastante óbvia. Estava indo calmamente por um desses trechos em obras aparentemente intermináveis, em que você aspira um bocado de poeira, piche e fumaça e fica parado olhando para o rabo da mesma caminhonete e o mesmo adesivo FREIO PARA PROTEGER OS ANIMAIS Durante o que parece uns nove anos... só que o carro na minha frente naquele dia era um grande Cadillac verde, modelo Sedan DeVille. Lembro-me que, quando passávamos lentamente por uma escavação onde estavam sendo colocados enormes tubos, pensei: *Até um carro do tamanho de um Cadillac caberia aí dentro*. Um instante depois, tive a ideia de "O Cadillac

de Dolan" firmemente instalada na cabeça, inteiramente desenvolvida, e nenhum dos elementos da narrativa foi mudado numa só letra sequer.

Isso não quer dizer que o conto tenha sido um parto fácil, de jeito nenhum. Nunca me senti tão intimidado — na verdade, quase esmagado — por detalhes técnicos. Agora vou lhe dar o que o *Reader's Digest* gosta de chamar de "Uma olhada pessoal": embora goste de me considerar uma versão literária de James Brown (que se diz "o homem que mais trabalha no *Show Business*"), sou um camarada extremamente preguiçoso no que se refere a pesquisas e detalhes técnicos. Repetidas vezes fui alvo de observações por parte de leitores e críticos (da forma mais precisa e humilhante por Avram Davidson, que escreve para o *Chicago Tribune* e para a revista *Fantasy and Science Fiction*) por causa das minhas falhas nessas áreas. Quando estava escrevendo "O Cadillac de Dolan", percebi que, dessa vez, não podia simplesmente ir embromando, porque toda a fundamentação do conto dependia de diversos detalhes científicos, fórmulas matemáticas e os postulados da física.

Se tivesse descoberto essa verdade indigesta mais cedo — isto é, antes de já ter investido aproximadamente umas 15 mil palavras na história de Dolan, Elizabeth e o marido *à la* Poe de Elizabeth —, teria sem dúvida relegado "O Cadillac de Dolan" ao Departamento das Histórias Inacabadas. Mas *não* descobri mais cedo, *não* queria parar e assim fiz a única coisa que me ocorreu: chamei meu irmão mais velho e pedi socorro.

Dave King é o que nós da Nova Inglaterra chamamos de "uma coisa séria", um menino-prodígio com um Q.I. confirmado acima de 150 (você encontrará traços de Dave no irmão gênio de Bow-Wow Fornoy em "O fim da confusão toda"), que passou pela escola como se estivesse num foguete, terminou o 2º grau aos 18 anos e foi logo trabalhar como professor de matemática do 2º grau na Brunswick High School. Muitos dos seus estudantes de álgebra em recuperação eram mais velhos do que ele. Dave foi o mais moço a ser eleito para um conselho urbano no estado do Maine e foi administrador urbano por volta dos 25 anos. Ele é um autêntico polímata, um homem que sabe alguma coisa sobre praticamente tudo.

Expus meus problemas ao meu irmão por telefone. Uma semana depois, recebi dele um envelope pardo e abri-o com o coração na boca. Tinha certeza de que ele me havia mandado a informação de que

precisava, mas também tinha certeza de que não ia me servir para nada: a caligrafia do meu irmão é absolutamente impossível.

Para minha alegria, encontrei uma fita de vídeo. Quando a passei, vi Dave sentado a uma mesa coberta de terra. Usando vários carrinhos da Matchbox, explicou tudo que eu precisava saber, inclusive aquela coisa maravilhosamente sinistra sobre o arco de descida. Dave também me disse que meu protagonista teria que usar equipamento de construção de estradas para enterrar o Cadillac de Dolan (na primeira versão ele fazia isso à mão), e explicou-me exatamente como fazer uma ligação direta nas máquinas grandes que nosso Departamento de Estradas de Rodagem costuma deixar paradas nos diversos trechos de consertos nas rodovias. Essa informação era extremamente boa... um pouco boa demais, na verdade. Modifiquei-a apenas o suficiente para que, se alguém tentar fazer segundo a receita do conto, nada aconteça.

Um último ponto sobre esse conto: quando ele acabou, detestei-o. Senti absoluto *asco* dele. Nunca foi publicado numa revista e simplesmente foi parar numa das caixas de papelão de Velhas Coisas Ruins que guardo no corredor atrás do meu escritório. Alguns anos depois, Herb Yellin, que publica algumas deliciosas edições limitadas na sua função de chefe da Lord John Press, escreveu-me e perguntou se poderia fazer uma edição limitada de um dos meus contos, de preferência um ainda inédito. Como amo seus livros, que são pequenos, lindamente acabados e muitas vezes extremamente excêntricos, fui até o que considero o Corredor do Juízo Final e vasculhei minhas caixas para ver se havia alguma coisa aproveitável.

Deparei-me com “O Cadillac de Dolan” e, mais uma vez, o tempo tinha feito o seu trabalho — ele estava bem melhor do que eu lembrava, e quando o mandei para Herb, ele concordou com entusiasmo. Fiz algumas revisões adicionais e foi publicado numa pequena edição da Lord John Press de uns 500 exemplares. Tornei a revisá-lo para seu aparecimento aqui e mudei minha opinião a seu respeito o bastante para colocá-lo no começo. No mínimo, é uma espécie de conto clássico de horror, com seu narrador louco e sua narrativa de um sepultamento prematuro no deserto. Mas este conto em particular não me pertence mais: ele pertence a Dave King e Herb Yellin. Obrigado, meus chapas.

Que sofram as criancinhas — Este conto pertence ao mesmo período da maioria dos contos de *Sombras da noite* e foi originariamente publicado na *Cavalier*, como o foi a maioria dos contos daquela coletânea de 1978. Foi deixado de fora porque meu editor, Bill Thompson, achou que o livro estava ficando "pesado" — essa é a maneira pela qual os editores às vezes dizem aos autores que precisam cortar um pouco antes que o preço do livro se perca na estratosfera. Propus cortar um conto chamado "Gray Matter" ("Massa cinzenta") de *Sombras da noite*. Bill preferiu cortar "Que sofram as criancinhas". Cedi à sua preferência e reli o conto cuidadosamente antes de resolver incluí-lo aqui. Gosto muito dele. Para mim, parece um pouco com o Bradbury do final dos anos 1940 e início dos 1950, o Bradbury diabólico que se deliciava com bebês assassinos, coveiros renegados e histórias de que só um Guardião da Cripta poderia gostar. Dito de outra maneira, "Que sofram as criancinhas" é uma horripilante piada de humor negro, sem nenhum tipo de mérito social que a possa redimir. Gosto disso num conto.

O Piloto da Noite — Às vezes, um personagem coadjuvante num romance retém a atenção do autor e se recusa a ir embora, insistindo em que tem mais a dizer e a fazer. Richard Dees, o protagonista de "O piloto da noite", é um personagem assim. Ele primeiro apareceu em *Zona morta* (1979), onde oferece a Johnny Smith, o malfadado herói da história, um emprego como vidente na porcaria do seu jornal, o tabloide de supermercados *Inside View*. Johnny o joga do alpendre da casa do pai e isso devia ter sido o seu fim. No entanto, aqui está ele de novo.

Como a maioria dos meus contos, "O piloto da noite" começou como apenas uma brincadeira — um vampiro com uma carteira de piloto particular, que coisa tão divertidamente moderna —, mas foi crescendo junto com Dees. Raramente *entendo* meus personagens, do mesmo modo que não entendo as vidas e os corações das pessoas de verdade que encontro todos os dias, mas vejo que às vezes é possível *plotá-las*, como um cartógrafo plota seus mapas. Enquanto trabalhava em "O piloto da noite", comecei a vislumbrar um homem com uma alienação profunda, um homem que, de algum modo, parecia resumir algumas das coisas mais terríveis e confusas da nossa sociedade supostamente aberta na última quadra do século. Dees é o descrente por excelência e sua confrontação com o Piloto da Noite no final do conto recorda aquela frase de George

Seferis que usei em *A hora do vampiro* — aquela que fala que a coluna da verdade tem um buraco. Nesse final do século XX, isso parece muito verdadeiro, e "O piloto da noite" é essencialmente sobre a descoberta desse buraco por um homem.

Popsy — Será que o avô desse garotinho é a mesma criatura que exige que Richard Dees abra sua câmera e vele seu filme na conclusão de "O piloto da noite"? Sabe, eu até acho que é.

A gente se acostuma — Uma versão deste conto foi originariamente publicada numa revista literária da Universidade do Maine, chamada *Marshroots*, lá pelo começo dos anos 1970, mas a versão deste livro é quase inteiramente diferente. À medida que lia o conto original, comecei a perceber que esses velhos eram na realidade os sobreviventes da derrocada descrita em *Trocas macabras*. Esse romance é uma comédia de humor negro sobre a ambição e a obsessão. Este conto é uma história mais séria sobre segredos e enfermidade. Parece ser um final adequado do romance... e foi ótimo rever alguns dos meus velhos amigos de Castle Rock uma última vez.

Dedicatória — Durante anos, desde que encontrei pela primeira vez um famoso escritor já falecido, cujo nome não mencionarei aqui, e fiquei horrorizado com ele, tenho sido atormentado pela pergunta por que alguns indivíduos imensamente talentosos se revelam absolutamente execráveis em pessoa — machistas que ficam agarrando as mulheres, racistas, elitistas presunçosos ou que gostam de pregar peças cruéis nos outros. Não estou querendo dizer que a *maioria* das pessoas talentosas ou famosas é assim, mas conheci um número suficiente que é — inclusive aquele inegavelmente grande escritor —, para me perguntar por que será. Este conto foi escrito como uma tentativa de dar a essa indagação uma resposta que me fosse satisfatória. A tentativa não deu resultado, mas pelo menos fui capaz de expressar meu próprio desconforto e, neste caso, isso me pareceu suficiente.

Não é um conto politicamente muito correto e acho que uma porção de leitores — os que querem ser amedrontados pelos mesmos velhos bichos-papões e demônios de parques de diversão confortáveis — vai ficar indignada com ele. Espero que sim. Já faz algum tempo que faço este trabalho, mas gosto de pensar que ainda não estou pronto para a velha cadeira de balanço. Na sua maioria, os contos de *Pesadelos e paisagens*

noturnas são do tipo que os críticos classificam (e depois com demasiada frequência descartam, infelizmente) como contos de horror, e o conto de horror deve ser uma espécie de cachorro mal-humorado de pátio de ferro-velho que morde se você chegar muito perto. Este morde, acho eu. Vou pedir desculpas por isso? Você acha que devo? Não é isso — o risco de ser mordido — uma das razões pelas quais você pegou este livro, pra início de conversa? Acho que sim. E se você começar a pensar em mim como seu velho e bondoso tio Stevie, uma espécie de Rod Serling do final do século, tentarei ainda mais dar-lhe uma mordida. Em outras palavras, quero que você sinta um pouco de medo cada vez que entrar na minha sala de visita. Quero que você se sinta inseguro sobre até aonde você irá ou sobre o que eu vou fazer a seguir.

Agora que já disse tudo isso, deixe-me apenas acrescentar que se realmente achasse que "Dedicatória" precisava ser justificado, em primeiro lugar nunca o teria oferecido para ser publicado. Um conto que não pode servir como seu próprio advogado de defesa não *merece* ser publicado. Quem ganha essa batalha é Martha Rosewall, a humilde arrumadeira, não Peter Jefferies, o escritor super importante, e isso deve bastar para mostrar ao leitor tudo que precisa saber sobre quais são minhas preferências.

Ah, uma outra coisa. Parece-me agora que esse conto, que foi originariamente publicado em 1985, foi um ensaio para um romance intitulado *Dolores Clairborne* (1992).

O dedo semovente — Meu tipo favorito de conto sempre foi aquele em que as coisas acontecem apenas porque acontecem. Em romances e filmes (exceto nos filmes em que os atores principais são sujeitos como Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger), deve-se explicar *por que* as coisas acontecem. Deixe-me dizer-lhes uma coisa, amigos e vizinhos: *odeio* explicar por que as coisas acontecem, e minhas tentativas nesse sentido (tais como o LSD manipulado e as decorrentes mudanças de DNA que criam os talentos pirotécnicos de Charlie McGee em *A incendiária*) não foram muito boas. Mas a vida real muito raramente tem o que os produtores de cinema estão neste ano chamando de "linha de narrativa motivada" — já notaram isso? Não sei se é o seu caso, mas a mim ninguém jamais deu um manual de instruções. Estou apenas me virando da

melhor maneira que posso, sabendo que nunca vou escapar vivo, mas tentando nesse meio-tempo não fazer uma lambança grande demais.

Nos contos, às vezes ainda se permite que o autor diga "Isso aconteceu. Não me pergunte o por quê". A história do pobre Howard Mitla é esse tipo de conto e me parece que seus esforços para lidar com o dedo que emerge do ralo do seu banheiro durante um programa de perguntas e respostas formam uma metáfora perfeita de como nós lidamos com as surpresas desagradáveis que a vida nos reserva a todos: os tumores, os acidentes, a horripilante coincidência ocasional. É privilégio exclusivo da história de fantasia ser capaz de responder à pergunta "Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?", retrucando "Bom... não pergunte". Numa história de fantasia, essa pergunta soturna na verdade parece nos satisfazer. No fim das contas, esse pode ser o principal trunfo moral do gênero: na melhor das hipóteses, ela pode abrir uma janela (ou uma cortina de confessionário) sobre os aspectos existenciais de nossas vidas mortais. Não é o moto-perpétuo... mas também não é ruim.

Sabe, eles têm uma banda dos diabos — Há pelo menos dois contos neste livro sobre o que sua principal personagem feminina considera "a cidadezinha peculiar". Este é um, "Estação chuvosa" é o outro. Haverá leitores que acharão que visitei "a cidadezinha peculiar" com demasiada frequência e alguns podem notar semelhanças entre estas duas peças e um conto anterior meu, "Children of the Corn" ("Crianças do milho"). *Há* semelhanças, porém será que isso quer dizer que "Orquestra" e "Estação" são descuidos de autoplágio? É uma indagação delicada e que cada leitor deve responder por conta própria, mas minha resposta é não (*é claro*, que outra coisa vou dizer?).

Há uma grande diferença, me parece, entre trabalhar com formas tradicionais e autoplágio. Considere o blues, por exemplo. Na realidade, só há duas progressões de cordas clássicas de violão para o blues, e essas duas progressões são essencialmente a mesma. Agora, responda-me o seguinte: só porque John Lee Hooker toca praticamente tudo que compôs na chave de E ou na chave de A, quer isso dizer que ele está em piloto automático, fazendo a mesma coisa sem parar? Muitos dos fãs de John Lee Hooker (para não mencionar os fãs de Bo Diddley, Muddy Waters, Furry Lewis e todos os outros grandes) diriam que não. Não é a chave na qual

você *toca*, diriam esses aficionados do blues, é a alma com que você *canta*.

Aqui é a mesma coisa. Há certos arquétipos que se destacam com a autoridade de platôs no deserto. O conto da casa mal-assombrada; o conto da volta da tumba; o conto da cidadezinha peculiar. Na verdade, não é sobre do que se trata, se você entende isso. Esta é, de forma geral, a literatura das terminações nervosas e dos receptores musculares e, como tal, é sobre o que você *sente*. O que senti aqui — o ímpeto pela história — foi como é de fato assustador que tantos roqueiros tenham morrido jovens ou em circunstâncias horríveis. É o pesadelo de um perito em cálculo estatístico. Muitos fãs mais jovens veem esse elevado índice de mortalidade como romântico, mas quando você seguiu o *boogie* dos The Platters até Ice T, como eu, você começa a ver um lado mais sombrio, um lado de uma serpente gigante se arrastando. Foi isso que tentei expressar aqui, embora ache que o conto realmente só começa a se mexer, fazer sulcos, esgueirar-se e se arrastar nas últimas seis ou oito páginas.

Parto em casa — Este provavelmente é o único conto no livro que foi escrito por encomenda. John Skipp e Craig Spector (*The Light at the End*, *The Bridge*, além de diversos outros bons livros de horror sanguinolentos) aventaram a ideia de uma antologia de contos explorando como seriam as coisas se os zumbis de George Romero da sua trilogia dos *mortos* (*A noite dos mortos-vivos, Zombie — O despertar dos mortos, O dia dos mortos*) tomassem conta do mundo. A ideia incendiou minha imaginação como se fosse um foguete e o resultado foi este conto, que se desenrola ao largo da costa do Maine.

Meu cavalinho bonito — No início dos anos 1980, Richard Bachman[21] estava pelejando para escrever um romance intitulado (muito naturalmente, imagino) *Meu cavalinho bonito*. O livro era sobre um assassino autônomo chamado Clive Banning, que é contratado para reunir um grupo de psicopatas que pensam, como ele, em matar uns quantos poderosos figurões do crime num casamento. Banning e sua turma são bem-sucedidos, transformando o casamento num banho de sangue, e então são traídos por seus empregadores, que começam a eliminá-los um por um. O livro pretendia contar a história dos esforços de Banning para escapar do cataclisma que havia induzido.

O livro foi um trabalho difícil, nascido num período infeliz da minha vida, quando uma porção de coisas, que estavam dando bastante certo para mim até então, de repente desmoronaram com um barulho ensurdecedor. Richard Bachman morreu nesse período, deixando dois fragmentos: um livro quase completo chamado *Machine's Way*, sob seu pseudônimo George Stark, e seis capítulos do *Meu cavalinho bonito*. Como testamenteiro literário de Richard, completei *Machine's Way* e, com o título de *A metade negra*, publiquei-o sob meu nome (embora tenha consignado a parte de Bachman). Joguei fora *Meu cavalinho bonito*... com exceção de uma breve retrospectiva em que Banning, enquanto está esperando para começar seu ataque na festa do casamento, relembra como seu avô lhe havia ensinado sobre a natureza plástica do tempo. Encontrar essa retrospectiva — maravilhosamente completa, quase um conto tal como estava — foi como encontrar uma rosa crescendo num depósito de lixo. Colhi-a e o fiz com grande sentimento de gratidão. Acabou sendo uma das poucas coisas boas que escrevi durante um ano extremamente ruim.

"Meu cavalinho bonito" teve primeiro uma edição cara demais (e, na minha modesta opinião, elaborada demais) produzida pelo Whitney Museum. Mais tarde, teve uma edição ligeiramente mais acessível (mas ainda cara demais e elaborada demais, na minha modesta opinião) por Alfred A. Knopf. E aqui tenho a satisfação de vê-lo, burilado e ligeiramente mais esclarecido, como provavelmente devia ter estado no início — apenas mais um conto, um pouco melhor do que alguns, não tão bom quanto outros.

Desculpe, número certo — Lembra-se de como eu comecei, cerca de bilhões de páginas atrás, falando sobre o *Acredite se quiser?* Bem, "Desculpe, número certo" quase cabe nele. A ideia me veio sob a forma de uma "tele-peçazinha" uma noite, voltando para casa depois de comprar um par de sapatos. Acho que me veio como algo "visual" porque a transmissão pela televisão de um filme desempenha um papel central. Escrevi-a, quase como está apresentada aqui, em duas sessões. Meu agente para a costa Oeste — o que faz negócios para o cinema — recebeu-a no fim da semana. No início da semana seguinte, Steve Spielberg leu-a com vistas a *Além da imaginação*, uma série de tevê que ele estava então produzindo (mas que ainda não tinha começado a ir ao ar).

Spielberg refutou-a — eles estavam procurando *Além da imaginação* que fossem um pouco mais divertidas, disse ele —, e então levei-a para meu antigo colaborador e bom amigo, Richard Rubinstein, que nessa época tinha uma série, chamada *Tales from the Darkside*, sendo exibida em cadeia. Não vou dizer que Richard assoa o nariz diante de um final feliz — ele gosta de um viveram-felizes-para-sempre tanto quanto qualquer pessoa, acho eu — mas ele nunca se esquivou de uma história triste. Afinal de contas, foi ele quem fez *O cemitério maldito* (acho que *O cemitério maldito* e *Thelma e Louise* são os únicos filmes importantes de Hollywood que terminam com a morte de um ou mais de um personagem desde o final dos anos 1970).

Richard comprou "Desculpe" no mesmo dia em que a leu e colocou-a em produção uma ou duas semanas depois. Um mês depois, foi televisionada... como uma *première* de temporada, se bem me lembro. Ainda é uma das mais rápidas conversões de na-cabeça para na-tela que jamais vi. Esta versão, aliás, é o meu primeiro texto, que é um pouco mais comprido e um pouco mais elaborado do que o texto rodado finalmente, que, por motivos orçamentários, especificava apenas dois *sets*. Está incluída aqui como um exemplo de outro tipo de contar histórias... diferente, mas tão válido quanto qualquer outro.

As Pessoas das Dez Horas — Durante o verão de 1992, estava caminhando pelo centro de Boston, procurando um endereço que não conseguia encontrar. Acabei encontrando o lugar que estava buscando, mas, antes dele, encontrei esta história. Minha busca de endereço se deu por volta das dez da manhã e, enquanto caminhava, comecei a notar grupos de pessoas congregadas na frente de cada arranha-céu elegante, grupos que não faziam sentido do ponto de vista sociológico. Havia carpinteiros junto de homens de negócios, porteiros batendo papo com mulheres com penteados elegantes e com trajes de quem exerce poder, mensageiros matando tempo com secretárias executivas.

Depois de ficar tentando por cerca de meia hora decifrar o que eram esses grupos — *granfaloons* que Kurt Vonnegut nunca imaginara —, acabei me dando conta: para uma certa classe de habitantes das cidades norte-americanas, o hábito passou de intervalo do café para intervalo do cigarro. Os edifícios elegantes agora são todos zonas onde é proibido fumar, enquanto o povo americano efetua calmamente uma das inversões

mais impressionantes do século XX. Estão nos livrando de nosso velho mau hábito, estamos fazendo isso quase sem alarde, e o resultado são alguns muito esquisitos bolsões de comportamento sociológico. Aqueles que se recusam a abandonar o velho mau hábito — as Pessoas das Dez Horas do título — constituem um desses bolsões. O conto não visa a mais do que um simples divertimento, mas tenho esperança de que diga alguma coisa interessante sobre uma onda de mudança que, pelo menos temporariamente, recriou alguns aspectos das instalações separadas-mas-iguais dos anos 1940 e 50 (nos Estados Unidos).

A casa da Maple Street — Lembra-se de Richard Rubinstein, meu amigo produtor? Ele foi o sujeito que me mandou meu primeiro exemplar de *The Mysteries of Harris Burdick*, de Chris van Allsburg. Richard acrescentou um bilhete na sua caligrafia pontiaguda: "Você vai gostar disso", era tudo que dizia e tudo que de fato *precisava* dizer. Gostei *mesmo*.

O livro pretende passar por ser uma série de desenhos, títulos e legendas do epônimo senhor Burdick — as histórias em si não estão à vista. Cada combinação de ilustração, título e legenda serve como uma espécie de mancha de Rorschach, talvez oferecendo mais um índice remissivo da mente do leitor/observador do que das intenções do senhor Van Allsburg. Uma das minhas favoritas mostra um homem com uma cadeira na mão — obviamente ele está pronto para usá-la como um tacape se for preciso — olhando para uma protuberância estranha e de algum modo *orgânica* sob o tapete da sala de visita. A legenda diz: "Passaram-se duas semanas e tornou a acontecer."

Dados os meus sentimentos quanto à motivação, minha atração por esse tipo de coisa deve ser evidente. *O que* aconteceu de novo depois de duas semanas? Acho que não tem importância. Nos nossos piores pesadelos, só há pronomes para as coisas que nos perseguem de volta para o despertar, suando e tremendo de horror e de alívio.

Minha mulher, Tabitha, também se encantou com *The Mysteries of Harris Burdick*, e foi ela quem sugeriu que cada membro de nossa família escrevesse um conto baseado em uma das ilustrações. Ela escreveu um e o mesmo fez nosso filho mais moço Owen (então com 12 anos). Tabby escolheu a primeira ilustração do livro, Owen escolheu uma no meio e eu escolhi a última. Incluí o objeto de minha tentativa aqui, com a gentil

permissão de Chris van Allsburg. Nada mais há que acrescentar, salvo que li uma versão ligeiramente expurgada do conto para alunos de terceira e quarta séries nos últimos três ou quatro anos, e eles pareceram gostar muito. Tenho a impressão de que gostam mesmo é da ideia de mandar o Padrasto Malvado lá para o Grande Além. *Eu* certamente gostei muito disso. O conto nunca foi publicado antes, principalmente por causa de seus antecedentes enrolados, e estou feliz por oferecê-lo aqui. Gostaria apenas de também poder oferecer os contos de minha mulher e de meu filho.

A quinta quarta parte — Bachman de novo. Ou, talvez, George Stark.

O último caso de Umney — Um pastiche, obviamente, e por esse motivo posto junto com o "O caso do doutor", embora este seja um pouco mais ambicioso. Sou apaixonado por Raymond Chandler e Ross Macdonald desde quando os descobri na faculdade (embora ache tanto instrutivo como um pouco assustador observar que, enquanto Chandler continua a ser lido e debatido, os livros de Macdonald com o personagem Lew Archer, altamente elogiados, hoje em dia são peças pouco conhecidas fora de um círculo pequeno de fãs do livro *noir*). Além disso, acho que foi a *linguagem* desses livros que despertou tanto minha imaginação. Ela me abriu uma maneira inteiramente nova de ver, que atraiu fortemente o coração e a mente do rapaz solitário que eu era então.

Era também um estilo mortalmente fácil de copiar, como meia centena de escritores descobriu nos últimos vinte ou trinta anos. Por muito tempo me mantive ao largo daquele sotaque chandleriano, porque não tinha lugar nenhum onde pudesse empregá-lo... não tinha nada para dizer no tom de Philip Marlowe que fosse *meu*.

Até que um dia eu tive. "Escreva sobre o que você conhece", dizem os Velhos Sujeitos Sábios a nós, pobres restos de cometas de Sterne, Dickens, Defoe e Melville. Para mim, isso significa ensinar, escrever e tocar violão... embora não necessariamente nessa ordem. No que se refere à minha própria carreira-dentro-de-uma-carreira de escrever sobre a arte de escrever, lembro-me de uma frase que ouvi Chet Atkins soltar uma noite no *Austin City Limits*. Depois de um ou dois minutos de tentar em vão afinar o violão, olhou para o público e disse: "Levei cerca de 25 anos para descobrir que não era bom nessa parte e a essa altura estava rico demais para desistir."

O mesmo aconteceu comigo. Pareço fadado a continuar voltando para aquela cidadezinha peculiar — quer você a chame de Céu do Rock-and-roll, Oregon; Gatlin, Nebraska; ou Willow, Maine — e também pareço fadado a ficar voltando para o que faço. A pergunta que me atormenta, me persegue e nunca se vai completamente é a seguinte: Quem sou eu quando escrevo? Quem é *você*, aliás? Exatamente o que está acontecendo aqui, e por que, e isto faz alguma diferença?

Portanto, com essas perguntas em mente, botei meu chapéu de feltro estilo Sam Spade, acendi um Lucky (hoje em dia, falando metaforicamente) e comecei a escrever. "O último caso de Umney" foi o resultado e, de todos os contos neste livro, é o de que eu mais gosto. Esta é sua primeira publicação.

Abaixe a cabeça — Quando comecei a escrever por dinheiro, escrevi sobre esportes (durante algum tempo eu era toda a seção de esportes do semanário *Lisbon Enterprise*), mas isso não facilitou em nada este texto. Minha proximidade do time oficial do Bangor West quando ele montou sua campanha improvável em busca do campeonato estadual foi pura sorte ou puro destino, dependendo de qual seja sua posição quanto à possível existência de uma força superior. Tendo para a tese de uma força superior mas, seja lá como for, estava lá apenas porque meu filho estava no time. Não obstante, percebi rapidamente — acho que mais depressa do que Dave Mansfield, Ron St. Pierre ou Neil Waterman — que alguma coisa bastante extraordinária estava acontecendo ou tentando acontecer. Não tinha nenhum desejo em especial de escrever sobre isso, mas algo ficava me repetindo que eu *tinha* que escrever a esse respeito.

Meu método de trabalho quando sinto que estou fora do meu terreno é brutalmente simples: baixo a cabeça e corro o mais depressa que puder, por quanto tempo puder. Foi isso que fiz aqui, juntando documentação como um rato doido e simplesmente tentando me manter junto com o time. Durante cerca de um mês, foi como viver dentro de um desses romances banais sobre esportes com que muitos de nós passaram o tempo nas tardes mais chatas em nossas salas de estudo: *Go Up for Glory*, *Power Forward* e os brilhantes destaques ocasionais como *The Kid from Tomkinsville*, de John R. Tunis.

Difícil ou não, "Abaixe a cabeça" foi uma oportunidade única na vida e, antes que tivesse terminado, Chip McGrath, do *The New Yorker*, tinha

conseguido extrair de mim o que de melhor escrevi de não ficção em toda minha vida. Sou-lhe grato por isso, mas sou muito mais grato a Owen e seus companheiros de equipe, que primeiro fizeram a história acontecer e depois me deram permissão para publicar a minha versão.

Agosto no Brooklyn — É claro que ele faz par com "Abaixe a cabeça", mas há uma razão melhor para incluí-lo aqui, o que é quase o fim deste livro comprido: ele escapou da gaiola triste da reputação duvidosa de seu criador e viveu sua própria vida plácida bem distante dele. Foi reproduzido várias vezes em diversas antologias de curiosidades sobre o beisebol e parece ter sido selecionado, em cada ocasião, por editores que não parecem ter a menor ideia de quem eu sou ou do que eu faço. E gosto muito que seja assim.

Muito bem. Meta-o na prateleira e cuide de si até que nos encontremos de novo. Leia alguns bons livros e, se um dos seus irmãos ou irmãs cair e você vir isso acontecer, ajude para que se levantem. Afinal de contas, da próxima vez pode ser *você* quem vai precisar de uma mãozinha... ou, aliás, de um pouco de ajuda para tirar a peste daquele dedo do ralo.

Bangor, Maine
16 de setembro de 1992

20 Os nove primeiros contos a seguir fazem parte do primeiro volume. (N. do E.)

21 Pseudônimo usado por Stephen King para publicar algumas obras a partir de 1977. (N. do E.)

O mendigo e o diamante

NOTA DO AUTOR: Este pequeno conto — na sua forma original, uma parábola hindu — me foi contado pela primeira vez pelo senhor Surendra Patel, de Scardale, estado de Nova York. Fiz uma adaptação livre e peço desculpas àqueles que o conhecem na sua versão verdadeira, em que o senhor Shiva e sua esposa, Parvati, são os personagens principais.

Um dia o arcanjo Uriel veio perante Deus com a fisionomia abatida.

— O que o está perturbando? — perguntou Deus.

— Vi algo muito triste — respondeu Uriel, e depois apontou por entre os pés. — Lá embaixo.

— Na Terra? — perguntou Deus com um sorriso. — Oh! Lá não falta tristeza! Bem, vamos ver.

Inclinaram-se juntos. Bem lá embaixo, viram uma criatura maltrapilha se arrastando lentamente por uma estrada nos arredores de Chandrapur. Era muito magra, essa criatura, e seus braços e pernas estavam cobertos de feridas. Os cães frequentemente corriam atrás dela, latindo, mas a criatura nunca se virava para bater neles com seu cajado, nem mesmo quando eles lhe mordiam os calcanhares. Simplesmente continuava se arrastando, apoiando-se mais na sua perna direita para caminhar. Em determinado ponto, umas quantas crianças bonitas e bem-alimentadas, com rostos sorridentes e maliciosos, saíram de uma casa grande e atiraram pedras no homem maltrapilho quando ele lhes estendeu sua cuia de mendigar.

— Vá embora, sua coisa horrível! — gritou uma delas. — Vá embora pro campo e morra!

Ouvindo isso, o arcanjo Uriel rompeu em lágrimas.

— Vamos, vamos — disse Deus, dando-lhe uns tapinhas no ombro. — Pensei que você fosse mais durão.

— É, sou sim — disse Uriel, enxugando os olhos. — É que aquele sujeito lá embaixo parece acumular tudo que deu errado com todos os filhos e filhas da Terra.

— É claro que sim — redarguiu Deus. — Ele é Ramu, e essa é sua tarefa. Quando ele morrer, outro será encarregado dela. É uma tarefa honrosa.

— Talvez — disse Uriel, com um tremor e cobrindo os olhos —, mas não suporto ficar olhando para ele. Seu padecer enche meu coração de trevas.

— As trevas não são permitidas aqui — falou Deus —, e, portanto, preciso tomar providências para mudar o que as trouxe para você. Olhe aqui, meu bom arcanjo.

Uriel olhou e viu que Deus estava segurando um diamante do tamanho de um ovo de pavão.

— Um diamante deste tamanho e qualidade alimentará Ramu para o resto da sua vida e servirá de sustento para seus descendentes até a sétima geração — observou Deus. — Na verdade, é o melhor que há na Terra. Agora... vamos ver... — Inclinou-se para a frente, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, segurou o diamante entre duas nuvens delicadas e deixou-o cair. Ele e Uriel acompanharam cuidadosamente sua queda, observando quando ele bateu no meio da estrada por onde caminhava Ramu.

O diamante era tão grande e pesado que não podia haver dúvida de que Ramu teria escutado quando ele bateu no chão se fosse mais jovem, mas sua audição tinha piorado muitíssimo nos últimos anos, junto com seus pulmões, costas e rins. Só sua visão continuava tão precisa como quando tinha 21 anos.

Enquanto se esforçava para subir um aclive da estrada, sem se dar conta do enorme diamante que estava brilhando e faiscando do outro lado, sob a atordoante luz do sol, Ramu deu um suspiro profundo... depois parou, curvado sobre seu cajado, quando o suspiro se transformou num acesso de tosse. Ficou agarrado no bastão com ambas as mãos, tentando superar o acesso, e bem quando estava diminuindo, o cajado — velho e ressecado e quase tão gasto quanto o próprio Ramu — partiu-se com um estalido seco, lançando Ramu na poeira.

Ali ficou ele, olhando para cima, para o céu, e se perguntando por que Deus era tão cruel. “Sobrevivi a todos aqueles a quem amava”, pensou ele, “mas não àqueles a quem odeio. Fiquei tão velho e feio que os cães latem para mim e as crianças atiram pedras em mim. Não tive mais do que

migalhas para comer nesses últimos três meses e nenhuma refeição decente com família e amigos há dez anos ou mais. Fico vagando pela face da Terra, sem uma casa que possa chamar de lar. Hoje à noite vou dormir debaixo de uma árvore ou de uma sebe, sem um teto para me proteger da chuva. Estou coberto de feridas, minhas costas doem e quando verto água vejo sangue onde não devia haver sangue. Meu coração está tão vazio como uma cuia de mendigar".

Ramu pôs-se de pé lentamente, sem perceber que menos de 20 metros e uma saliência de terra seca escondia do seu olhar ainda vívido o maior diamante do mundo, e ergueu os olhos para o céu azul enevoado. "Deus, eu não tenho sorte", disse ele. "Não O odeio, mas receio que o Senhor não seja meu amigo, nem amigo de nenhum homem."

Tendo dito isso, sentiu-se um pouco melhor e retomou sua caminhada arrastada, fazendo uma pausa apenas para pegar a parte mais comprida do cajado partido. Enquanto caminhava, começou a se repreender por ter pena de si mesmo e por sua oração ingrata.

"Porque tenho algumas coisas pelas quais devo ser agradecido", refletiu. "Por exemplo, o dia está extraordinariamente bonito, e embora em muitas coisas esteja falhando, minha visão continua aguçada. Como seria terrível se eu fosse cego!"

Para provar isso a si mesmo, Ramu apertou os olhos até fechá-los e foi arrastando os pés, com o cajado partido estendido à sua frente, como um cego usa sua bengala. A escuridão era terrível, sufocante e desorientadora. Logo ele não tinha a menor ideia se estava se deslocando na direção que queria ou se estava se desviando para um lado da estrada ou para o outro, e poderia dentro em pouco ir rolando para a valeta. A ideia do que poderia acontecer com seus ossos velhos e quebradiços numa queda assim o assustou, mas ele manteve os olhos firmemente fechados e continuou a ir em frente.

"Isso é bem a coisa para curá-lo da sua ingratidão, meu velho!", disse para si mesmo. "Você vai passar o resto do dia se lembrando de que pode ser um mendigo, mas pelo menos não é um mendigo *cego*, e você ficará feliz!"

Ramu não caiu na valeta em nenhum dos lados, mas de fato começou a se desviar para o lado direito da estrada quando chegou ao topo e começou a descer pelo lado oposto. E foi assim que passou andando pelo enorme

diamante que estava brilhando na poeira. Seu pé deixou de tocá-lo por menos de cinco centímetros.

Uns 30 metros mais adiante, Ramu abriu os olhos. A luz brilhante do sol os inundou e pareceu inundar sua mente também. Olhou com alegria para o céu azul poeirento, os campos amarelos poeirentos, o leito batido e prateado da estrada pela qual estava caminhando. Observou a passagem de um pássaro de uma árvore para a seguinte com uma risada e, embora não tivesse se virado para trás em nenhum momento para ver o enorme diamante que estava caído ali perto, esqueceu-se de suas feridas e de suas costas doridas.

"Graças a Deus pela visão!", gritou. "Graças a Deus por isso, pelo menos! Talvez eu veja alguma coisa de valor na estrada — uma velha garrafa que valha dinheiro no bazar ou mesmo uma moeda —, mas, mesmo que não veja, eu verei o suficiente. Graças a Deus pela visão! Graças a Deus por Deus!"

E, bastante satisfeito, ele recomeçou a caminhada, deixando o diamante para trás. Deus então estendeu a mão para baixo e apanhou-o, recolocando-o debaixo da montanha na África de onde Ele o tinha retirado. Quase como se tivesse esquecido (se é possível dizer-se que Deus pudesse se esquecer), Ele arrancou um galho de pau-ferro da floresta africana e deixou-o cair na Estrada de Chandrapur, tal como tinha deixado cair o diamante.

— A diferença — disse Deus para Uriel — é que nosso amigo Ramu vai encontrar esse galho e ele lhe servirá de cajado para o resto dos seus dias.

Uriel olhou perplexo para Deus (pelo menos tão de perto quanto qualquer pessoa — mesmo um arcanjo — pode olhar para aquele rosto flamejante).

— Senhor, estava me dando uma lição?

— Não sei — respondeu Deus num tom suave. — Estava?